



3 1761 07828034 4



Digitized by the Internet Archive  
in 2010 with funding from  
University of Toronto









94

72-F

E

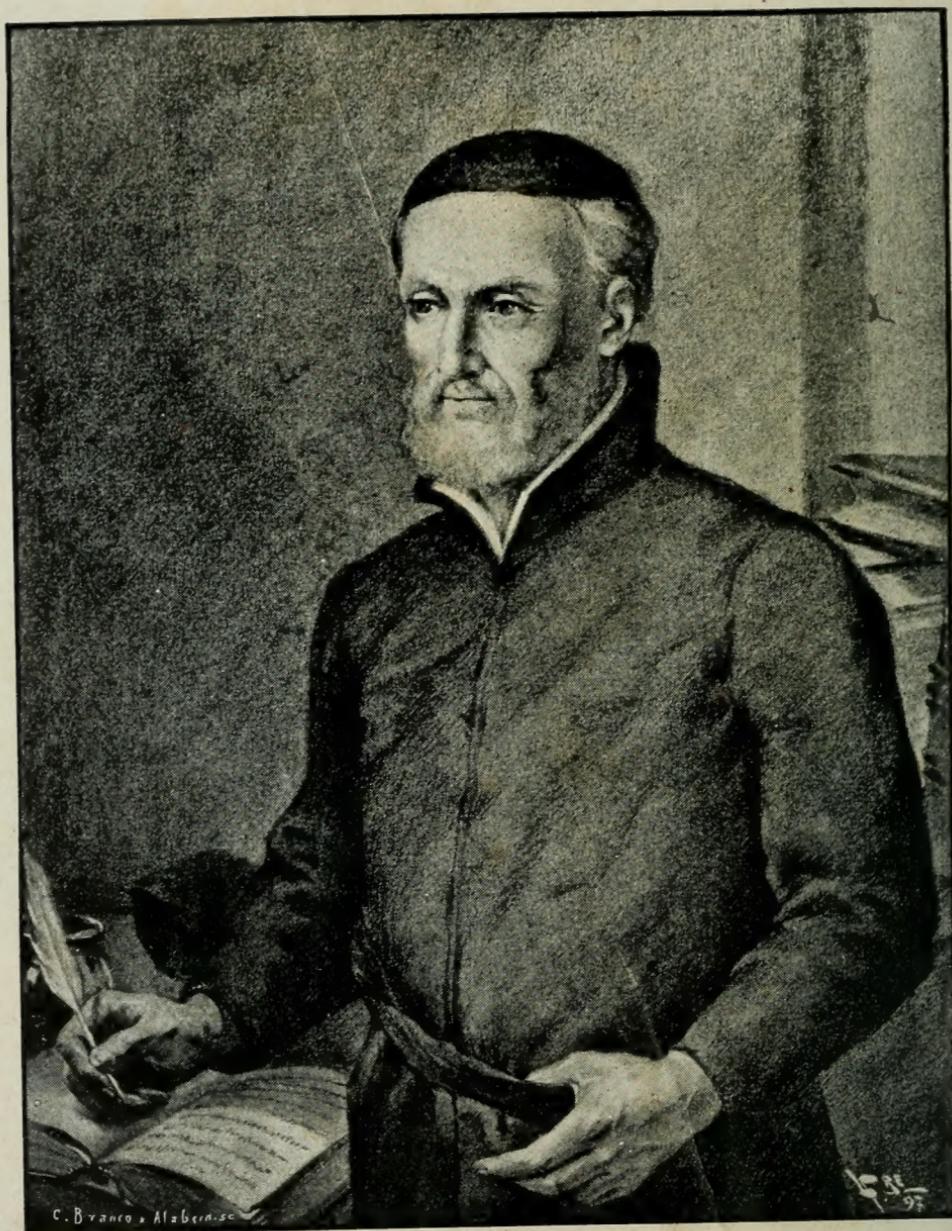
TRECHOS SELECTOS

DO

**PADRE ANTONIO VIEIRA**







C. Branco & Albergaria

1897

Padre António Vieira

526

1697-1897

TRECHOS SELECTOS  
DO  
PADRE ANTONIO VIEIRA

Publicação commemorativa do bi-centenario da sua morte



ENVIADA  
escriptos de Vieira  
odos  
LISBOA  
TYPOGRAPHIA MINERVA CENTRAL  
14 Largo do Pelourinho 17  
1897

BX  
890  
V46



*— José Viana —  
1722*

## ADVERTENCIA PREVIA



ccorreu em 18 de julho o bi-centenario da morte de Vieira.

Não podia passar despercebida essa data, bem azada para o pagamento da dvida nacional que se achava em aberto para com a memoria do grande jesuita.

A mais valiosa homenagem a prestar-lhe seria a publicação das suas obras completas, mal conhecidas, n'uma edição critica digna de tão gigantesco vulto litterario.

A' mingua de um emprehendimento de tal magnitude, que demandaria tempo, trabalho aturado e competencia especial dos que n'elle collaborassem e que á Academia incumbe portanto, julgou a con. missão promotora da celebração do centenario dever envidar dos os esforços para a divulgação do escol dos escriptos de Vieira n'um volume de facil leitura, ao alcance de todos, acompanhado da indispensavel noticia biographica.

A generosidade do clero portuguez proporcionou-lhe os meios necessarios que não encontrará, nem na iniciativa d'editores, que conhecem a indifferença criminosa do paiz pelos seus clas-

sicos, nem no auxilio das instancias officiaes, promptas a fazer gemer os prelos com a impressão de massudos relatorios.

E' preciso que se saiba que a Direccão geral d'instrucção publica fez o que poude para inutilisar a boa vontade do governo e impedir a concessão de qualquer subsidio official á publicação dos *Trechos Selectos* de Vieira.

A compilação d'esses trechos, limitada a um modesto volume, era embaraçosa pela extraordinaria riqueza da materia que offerecem os 25 volumes das obras de Vieira.

Teve a commissão em vista tornar conhecida a extraordinaria individualidade do grande escriptor sob todos os aspectos, dando a preferencia aos trechos que pela lição moral e pelos primores de linguagem mais podem interessar o leitor hodierno.

Impunham-se-lhe pois naturalmente tres grandes divisões para o livro: *excerpts dos sermões, cartas e excerptos das memorias politicas*.

A primeira parte exigia pela sua extensão um agrupamento de materias, que introduzisse n'ella uma certa ordem sem pretenções a classificação rigorosa, tão difficult como dispensavel. Foi pois dividida em quatro secções. Cada trecho é acompanhado da indicação do escripto de que provém e de uma breve noticia quando assim o demande a sua intelligencia.

Tomou-se para base a edição moderna, embora imperfeita, por não caber no tempo uma conferencia rigorosa com a primitiva, publicada em grande parte sob as vistas de Vieira. Uma obra de vulgarisação devia naturalmente referir-se á edição mais conhecida e mais espalhada.

Sempre que foi possivel, indicou-se a data de cada escripto, não se adoptando para o seu agrupamento a ordem chronologica por não serem conhecidas muitas d'essas datas e não ser facil determinal-as com a necessaria promptidão.

O tomo da obra não permittia reproduzir na integra os sermões mais notaveis. Procurou-se, ainda assim, dar largos extractos de quatro ou cinco, que melhor correspondiam ao titulo da secção em que figuram. Claro está que não se teve, ao escolhel-los, a louca pretenção de fazer d'essa escolha titulo de primazia. Classifique cada qual, se ousa, os discursos de Vieira por ordem de perfeição. Limitamo-nos a reputar optimos os que reproduzimos quasi na integra, sem negar igual qualificativo a tantos que omittimos.

O retrato a que se deu a preferencia é o fac-simile de um quadro do seculo passado, que se encontra na Imprensa Nacional e que parece offerecer mais serias garantias de authenticidade.

Não tendo sido possivel obter directamente uma boa photo-

graphia, serviu de base ao trabalho de photogravura uma copia devida ao primoroso lapis de Luciano Freire, o qual soube conciliar a escrupulosa fidelidade na reprodução das feições de Vieira com a correção de numerosos defeitos que deslustram o resto do quadro.

O autographo reproduzido é o final de uma interessante carta inedita, dirigida, ao que parece, a Duarte Ribeiro de Macedo, a qual se encontra na Biblioteca Nacional.

24-9-97.

A COMMISSÃO

Sendos dito ditois tudo o que soy, agora diria de  
m<sup>o</sup> Correio da sua mercadoria cuja se espe-  
rado em prisão, que en estaria aqu<sup>o</sup> preso na  
Inquisição. Digo nois outa versão, ainda pior  
que entrou a prisão de Roma com 40 mil crusados  
dos cristãos novos nas suas p<sup>as</sup> onde nos com-  
praram liberdade. Enviou dinheiro nas suas de-  
sigos que pagaram a libertade. Isto é o que  
se dir em prisão. O que passa em Roma, que  
é Pointe de Socorro, wona todas minhas nego-  
cias, com obstinacia exasperado. De fera  
metem nomeado seu Pregador, Eu fui com  
o envergo de falar na sua capela todas as pregações  
dminadas qual seja o maior bishuado, se an-  
der falar com Itália, se aner de satisfaçao almo-  
tal nis, que aqui se legitima sem contrariação  
mais ardente e sublime Vtrinque Socorro. Es-  
tou a adorar naquele lugar tudo o maior con-  
sor de Roma, Eu achome wonas suas armas  
com o nostro gresso grande. D<sup>o</sup> me ainde mols  
en demais: Batalha <sup>de</sup> wona dorijo e anemos  
mister. Roma 20<sup>o</sup> de Dez<sup>o</sup> de 1573

Galazaria de S. J. Anno 1573

**Prevendo dificuldades, para alguns, na leitura do fac-símile do autographo de Vieira, reproduzem-se impressos os seus dizeres.**

*Tenho dito de nós tudo o que sey, agora direy de my. Escrevém-me nesta mesma posta aver-se espalhado em Lisboa, que eu estava prezo na Inquisição. E segundo outra versão, ainda peior q̄ eu tinha fugido de Roma com 40 mil cruzados dos Christãos novos. Não dizem p.<sup>a</sup> onde mas com tanta liberdade e tanto dinheiro não devem de suppor que p.<sup>a</sup> me passar a Cartuxa. Isto he o que se diz em Lisboa. O que se passa em Roma he, que a Rainha da Suecia, contra todas minhas repugnacias, e com obediencia expressa do P. Geral me tem nomeado seu Pregador. Eu fico com o encargo de fazer na sua capella todas as pregações duvidando qual seja a mayor difficuldade, se aver de fallar em Italiano, se aver de satisfazer a hum tal juizo que aqui se reputa sem controversia pelo mais ardente e sublime Utrius que sexus. Costuma achar-se naquelle lugar tudo o mayor e melhor de Roma. E eu achome com os meus annos e com o nosso pouco gosto. D's me ajude nisto e no demais: e a V. S.<sup>a</sup> guarde como desejo e ave-mos mister.*

*Roma 26 de Dez.<sup>o</sup> de 673.*

*Capelão e criado de V. S.<sup>a</sup>*

**ANTONIO VIEYRA**



# NOTICIA BIOGRAPHICA



erca de 50 annos depois da morte de Vieira viu a luz publica a narração da sua vida, emprehendida pelo seu consocio padre André de Barros, obra classica e fonte preciosa para o estudo de tão eminente personalidade, se bem que eivada dos defeitos do tempo e vasada mais nos moldes do panegyrico, hyperbolico por vezes, que nos da historia imparcial e minuciosa orientada por uma critica lucida e desapaixonada.

Contrastando com a emphase laudatoria de Barros, depara-se-nos no mesmo seculo a *Dedução chronologica*, esse vasto repositorio de calumnias encommendado contra os jesuitas pelo odio de Pombal, segundo o testemunho insuspeito de Herculano, e em cujas paginas é negado a Vieira talento e patriotismo. A compilação dos seus escriptos destinados a evidenciar a sua *terribilidade e puerilidade*, segundo o estylo apopletico do grande Marquez, é dado o titulo cavilloso de *Machinações do Padre Antonio Vieira*.

Ao seculo do regalismo pombalino e da philosophia erronea e superficial da *Encyclopedie* sucede o seculo actual, que entre os seus titulos de benemerencia conta a renovação dos estudos historicos. Soou para a memoria de Vieira a hora da justiça.

D. Francisco Alexandre Lobo, o eminent e escriptor, emprehendeu o estudo da sua vida e das suas obras, revelando n'elle

## VIII

a imparcialidade e a perspicacia da sua critica, quasi sempre justa quando logra emancipar-se das influencias da epocha. Ha lacunas no trabalho do illustre prelado e alguns dos seus juizos não são perfilhados pela critica de hoje, que acha excessiva e injusta a sua severidade para com o talento oratorio de Vieira, visto apontar como defeito o que por vezes mais admiramos: a pujança de vida, o arrojo das imagens, o desassombro da linguagem, a vivacidade da critica. Esses ligeiros senões não obstante a que o *Discurso* de D. Francisco Alexandre Lobo seja com justica considerado o melhor estudo biographico de Vieira devido a pena portugueza.

No meado do seculo, João Francisco Lisboa, distinto escritor brazileiro, aventurou-se a narrar circumstanciadamente a vida de Vieira. Critico perspicaz, conhecedor dos escriptos do seu biographado, Lisboa é todavia em extremo parcial. A animadversão contra a Companhia de Jesus falseia-lhe por vezes o juizo. E' probo, mas a paixão cega-o não raro, levando-o a deprimir, sempre que pôde, o caracter de Vieira, a procurar para os factos a explicação mais desfavoravel, trocando a historia pelo libello. Valioso subsidio para a biographia do grande jesuita, não pôde todavia o livro de Lisboa ser considerado a expressão rigorosa da verdade historica.

Passando em silencio algumas curtas noticias biographicas mais recentes, merece especial menção uma optima Vida de Vieira que a moderna litteratura franceza nos offerece e que é devida à pena de bom aparo do padre Carel. *Vieira, sa vie et ses œuvres* é uma these baseada nos escriptos de Barros, do bispo de Vizeu e de Lisboa, bem como nas obras do Padre Vieira. Em termos de calorosa e justa admiração é esboçado o perfil do genial orador, posto a par de Bossuet e acima de Bourdaloue e de Fléchier. E' o mais que de um francez se pôde esperar. Excellente livro, em summa, estudo verdadeiramente moderno, que não enferma da classica frieza do *Discurso* do bispo de Vizeu, nem das prevenções hostis de Lisboa.

A presente noticia não aspira ás honras de uma biographia completa de Vieira, nem reveste o caracter de um estudo critico destinado a fixar definitivamente os traços mais salientes d'aquelle pujante individualidade. Seria para tanto necessário esboçar um vasto quadro da historia portugueza no seculo XVII.

A uma rapida resenha chronologica, que facilite a intelligença dos escriptos do grande prosador, terá de se reduzir, quasi, este mais que modesto trabalho pautado pelo minguado espaço que n'este livro lhe pode caber.

Nasceu Antonio Vieira na freguezia da Sé de Lisboa, aos 6 de fevereiro de 1608. Foram seus paes Bernardo Vieira Ravasco, natural de Moura, escrivão das devassas, e D. Maria de Azevedo, natural de Lisboa. Aos 15 do mesmo mez era baptisado na pia em que o grande thaumathurgo recebeu a agna lustral.<sup>1</sup>

Por fins de 1615 passaram seus paes ao Brazil, onde foram fixar residencia na Bahia. Foi com elles e não tardou a encetar os seus estudos litterarios no collegio da Companhia de Jesus.

Uma extraordinaria transformação, que alguns biographos capitulam de milagre obtido por intercessão da Santa Virgem, se operou n'elle ao entrar na adolescencia, revelando-se subitamente aquella singular agudeza d'engenho, clareza d'intendimento e facilidade de memoria, que até então não dera mostras de possuir.

Aos 5 de maio de 1623 acolhia-se Vieira ao noviciado da Companhia, obedecendo á vocação despertada pouco tempo antes no seu coração generoso e crente por uma predica que ouvira. Tão firme era a sua resolução que não lograram demovê-lo d'ella as diligencias dos paes, os quaes, por fim, condescenderam com a sua vontade.

Dois annos depois encetava o estudo das humanidades com tal exito que aos 17 annos era encarregado pelos superiores de escrever em latim as cartas annuaes da provincia e aos 18 lecionava rhetorica no collegio de Olinda, abalançando-se a escrever commentarios, não só das tragedios de Seneca e das *Metamorphoses* de Ovidio, como ainda, antes dos 20 annos, dos livros historicos da Biblia e do *Cantico dos Canticos*.

Ao sahir do noviciado fizera voto de se consagrar á evangelisação do gentio, que ainda começou a doutrinar. Não lho consentiram os superiores, que souberam reconhecer a alta valia do seu engenho e o mandaram proseguir os estudos. Quando cursava philosophia, escreveu Vieira um compendio para seu uso. Na theologia foi dispensado de tomar postillas de outrem, não tardando os mestres em declarar que não tinham que lhe ensinar.

Em 14 de dezembro de 1635 foi promovido ao sacerdocio, passando a lecionar theologia no collegio da Bahia, tarefa que

---

<sup>1</sup> Este ponto foi esclarecido pelas investigações do Instituto historico brasileiro, ficando irrefragavelmente provado que Vieira era natural de Lisboa.

alljava ao exercicio da pregação em que já se estreara antes.<sup>1</sup>

O genio oratorio de Vieira revelou desde logo a sua larga envergadura. Conhecimento profundo da lingua que não tinha para elle segredos, extraordinaria erudição que encontrava sempre um texto sagrado ou profano para citar, agudeza d'engenho, por vezes subtil em demasia, vocação politica e ardor patriotico: taes são as qualidades que revelam, entre outros, o sermão da Santa Cruz, pregado em 1638, o do dia de Reis de 1641 e, acima de todos, essa assombrosa oração pelo bom successo das armas de Portugal contra as da Hollanda, que Raynal considera o discurso mais extraordinario pronunciado na tribuna sagrada.<sup>2</sup>

Fora no entanto restaurada a independencia portugueza pela audacia patriotica dos conspiradores de 1640. Apenas a noticia chegou ao Brazil, proclamou este seu legitimo rei D. João IV, e o vice-rei D. Jorge de Mascarenhas encarregou seu filho D. Fernando de Mascarenhas de vir apresentar ao soberano o preito de obediencia d'aquelle estado, dando-lhe por compaheiros o Padre Antonio Vieira e o Padre Simão de Vasconcelos, ao qual se deve a *Chronica da Companhia*.

Sahiram da Bahia os portadores de tão grata noticia em 27 de fevereiro de 1641. Acossado o navio pelas tempestades, só em 28 de abril logrou aportar a Peniche.

Sucedera pouco tempo antes que a infidelidade de outros filhos do marquez de Montalvão os levou a passarem-se á Hespanha, concitando contra o seu nome o odio popular, de que iam sendo victimas D. Fernando de Mascarenhas e os seus compaheiros. O povo de Peniche alvorotou-se contra elles e tel-os-ia matado, se não fôra o conde de Atouguia governador da praça.

Dois dias depois partia Vieira para Lisboa, não tardando o rei a recebel-o.<sup>3</sup>

## II

D. João IV possuia, entre outras qualidades, a de saber conhecer os homens e utilisar-lhe os talentos. Arrojada empreza, que mais pareceu um acto de loucura, fôra a proclamação da

<sup>1</sup> No 11.<sup>º</sup> volume da edição moderna das suas obras encontra-se um sermão pregado em 1633 e no 9.<sup>º</sup> volume outro de 1634.

<sup>2</sup> Vide pag. 191.

<sup>3</sup> O apaixonado biographo Lisboa tira argumento das seguintes palavras de Vieira: «parti para Lisboa aos 30 de 641; cheguei a Lisboa e vi o rei» para concluir que tudo isto se passou no mesmo dia, graças á ambição de Vieira. Esqueceu-se o irudito escriptor de que medeiam perto de 80 kilometros entre Peniche e Lisboa.

independencia por um punhado de valentes. Passado o entusiasmo do primeiro momento, surgiam de todos os lados as dificuldades. A Hespanha ameaçava Portugal com o seu enorme poderio; eram de receiar traições e desanimos; escasseavam os recursos; fervilhavam já as ambições.

Precisava D. João IV de uma palavra eloquente e prestigiosa que levantasse o espirito publico e de um engenho subtil capaz de acudir com o conselho ás difficuldades politicas. Uma e outra coisa encontrou no Padre Antonio Vieira.

No dia 1 de janeiro de 1642 sobe elle ao pulpito da capella real e desde logo alenta a esperança com os vaticinios da Escriptura, em que encontra annunciada a nossa liberdade. Mezes depois prega o sermão de Santo Antonio perante as côrtes,<sup>1</sup> provando com cerrada argumentação o dever que a todos incumbia de contribuir para as despezas da guerra e expondo a mais equitativa e luminosa doutrina sobre impostos.

A penetração do seu genio não escapou a necessidade de restaurar a navegação e o commercio, affrontados pela pirataria hollandeza e estorvado este no seu desenvolvimento pelos vexames e extorsões a que a Inquisição submettia os christãos novos.

N'uma bem deduzida memoria, em diversos pareceres e até em sermões, expoz Vieira com insistencia a D. João IV o seu plano, que se resumia nos seguintes alvitres: isentar do confisco os bens moveis dos commerciantes; crear um banco á semelhança do de Amsterdam e duas companhias commerciaes destinadas a Oriental ao commercio da India e a Occidental ao do Brazil; determinar que da linha para o sul só navegassem navios de mais de 400 toneladas convenientemente artilhados, guardando-se as caravelas para a navegação de S. Thomé, de Cabo Verde, da Madeira, dos Açores, do Maranhão, da costa de Africa e para a pesca do bacalhau; franquear o commercio aos estrangeiros de nações neutraes ou amigas; nobilitar a profissão commercial, ficando nobres todos os mercadores de grosso e de pequeno tracto; abolir as distincções entre christãos novos e christãos velhos por serem contrarias á doutrina do Evangelho e á paz e prosperidade do reino; moderar e reformar os estylos da Inquisição.

E' particularmente na proposta de 3 de julho de 1643 que Vieira nos revela a larguezas das suas vistos.<sup>2</sup>

Com taes providencias esperava Vieira restaurar o comba-

<sup>1</sup> Vide pag. 229. — <sup>2</sup> Vide pag. 406 e 409.

lido organismo economico do reino e angariar recursos para a guerra. Ao mesmo tempo a sua recta consciencia, toda desprendimento, revoltava-se contra as miserias moraes que se estadiavam nas culminações sociaes. Contra elles trovejava no pulpito o seu verbo eloquente, sarjando os vicios com a sua critica implacavel, fustigando a cubica, a improbidade, a ambição, a injustiça, a ridicula prosapia.

Os seus trabalhos apostolicos não o estorvavam de elaborar um admiravel parecer sobre o plano a seguir na guerra com Castella,<sup>1</sup> digno de ser firmado pelo mais abalisado general; preconisa-se n'elle a guerra defensiva, á qual devemos as victorias de Elvas, Ameixial, Castello Rodrigo e Montes Claros.

D. João IV não tardou em conceder a Vieira as honras de pregador regio, distincão que provocou, até no seio da propria Companhia, invejas e despeitos agravados pelo projecto, que lhe atribuiam, de promover a criação de uma nova província do Alemtejo. A pouca edade de Vieira, para mais vindo da provincia do Brazil, as audacias da sua linguagem, tudo contribuia para provocar emulações dos consocios, que foram até ao extremo de diligenciar a sua sahida da Companhia, á qual se oppoz D. João IV. Chegou este a offerecer-lhe uma mitra, que Vieira recusou em termos reveladores do seu desprendimento e do affecto que consagrava ao instituto em que professara. «*Que não tinha sua magestade tantas mitras em toda a sua monarchia pelos quaes elle houresse de trocar a pobre roupetra da companhia de Jesus; e que se chegasse a ser tão grande a sua desgraça que a companhia o despedisse, da parte de fóra de suas portas se não apartaria jámais, perseverando em pedir ser outra vez admittido n'ella, senão para religioso, ao menos para servo dos que o eram. Que se nem para servo o quizessem admitir, ali estaria sem mais alimento que o seu pranto, até acabar a vida junto d'aquellas amadas portas, dentro das quaes lhe tinha ficado a alma toda.*» Esta nobre resposta não é um artificio rhetorico da subserviencia que procura acalmar resentimentos. A sequencia da vida de Vieira e a altiva isenção com que elle arrostou mais violentas perseguições abonam a sinceridade das suas palavras.

Mal convalescido ainda de uma grave doença que o prostrara durante mais de quatro mezes em 1645, continuava Vieira a ser o dedicado conselheiro e cooperador de D. João IV. Não tardou o seu talento em ser amadurecido pelas viagens e pelo tracto com os estadistas dos paizes estrangeiros.

<sup>1</sup> Vide pag. 321.

Nos principios de fevereiro de 1646 foi Vieira mandado a França e Hollanda para sondar o estado das melindrosas negociações pendentes e ajuizar da forma por que eram conduzidas pelos respectivos embaixadores.

<sup>1</sup> Tratava-se a esse tempo de celebrar uma liga offensiva e defensiva com a França, pela qual se compromettesse este paiz a não fazer pazes com a Hespanha sem que n'ellas fosse incluido Portugal.

A Richelieu, decidido a conceder apoio energico á nossa causa, sucede o cardeal Mazarino, habil politico, perfido e ambicioso porém, pouco propenso a generosidades que não favorecessem os seus planos egoistas. A sua correspondencia prova que n'essa epocha elle desejava patrocinar as nossas pretenções.

Estava reunido o congresso de Munster e, a despeito das diligencias dos representantes da França e da Suecia, não tinham n'elle ingresso os nossos delegados em virtude da violenta oposição da Hespanha.

Por outro lado a Hollanda, que celebrara commosco treguas de dez annos pelo tratado de 12 de junho de 1641, procedia com a maxima deslealdade, tendo-se apoderado de Sergipe, do Maranhão, de Angola e de S. Thomé. Não tardou o Maranhão em revoltar-se, seguindo-se-lhe Pernambuco em 1645.

Era impossivel sustentarmos ao mesmo tempo guerra com a Hespanha e com a Hollanda, tanto mais que as forças dos revoltosos inspiravam minguada confiança, como se deprehende de uma carta de Vieira ao marquez de Niza escripta de Paris. Procurava-se pois o meio d'evitar um rompimento com a Hollanda.<sup>2</sup>

Tal parece ter sido o objectivo da primeira missão diplomatica de Vieira, a cuja influencia se podem talvez attribuir a recomendação de Mazarino a Brasset, representante da França em Haya, que ponderasse aos Estados a conveniencia de se unir a Hollanda com Portugal contra o inimigo commun.

<sup>1</sup> Barros diz que Vieira chegou a Rochella em 8 de março de 1646 «d'onde partiu veloz para a famosa Paris». Na edição moderna das cartas figura porém uma, datada de Paris de 4 de fevereiro e dirigida ao marquez de Niza. Outra carta de 25 de fevereiro, que parece escripta logo depois da chegada a Paris começa assim: «Escrevo a V. Senhoria de Paris aonde cheguei 20 dias depois de haver partido de Lisboa.» Seria pois esta a primeira e a data d'aquelle será porventura 4 de março, podendo-se pois afirmar que Vieira partiu de Lisboa no principio de fevereiro.

<sup>2</sup> «Sabia eu quanto sua magestade está empenhado na brevidade e bom sucesso d'este negocio por se ver desembaraçado do cuidado de Hollanda e se aplicar com todas as forças do reino á guerra de Castella, inimigo mais perigoso e mais vizinho.»

A aceitarmos as datas indicadas por Barros, cuja chronologia nem sempre é exacta, encontramos já Vieira no principio de abril a caminho de Haya, aonde chegou em 18 d'esse mez, achando-se de volta a Portugal em agosto, depois de ter podido avaliar o poderio naval da Hollanda, a doblez da sua politica, a falta de firmeza no auxilio da França, tudo o que mostra va a necessidade da paz com aquelle paiz.

As habeis negociações do nosso embaixador em Haya, Francisco de Sousa Coutinho, fertil em expedientes, não lograram obstar á partida de uma esquadra levando 4:000 homens em soccorro de Pernambuco. Houve pois quem opinasse pela compra d'esta colonia aos hollandezes, alvitre que foi aprovado por homens como Vieira, o marquez de Montalvão e Mathias de Albuquerque, heroico vencedor de Montijo.

D. João IV encarregou Vieira de redigir, sobre o modo de pôr em pratica esse alvitre, um parecer, que se encontra no 1.<sup>a</sup> volume das *Obras varias* e que é datado de 14 de março de 1647. N'elle se desce a todos os pormenores da execução com profundo conhecimento da situação economica e financeira do paiz.

Foram baldadas as diligencias para obter a acquiescencia da Hollanda, que estava ao tempo negociando secretamente a paz com a Hespanha em troca da permissão de se apoderar de todas as colonias portuguezas.

Restava, como ultimo recurso, estreitar a alliança com o governo francez, ao qual tinhamos mandado em 1646 uma esquadra para auxiliar a expedição á ilha d'Elba.

Nos principios de 1647 regressou ao seu posto o marquez de Niza, nosso embaixador em Paris, levando a missão de negociar o casamento do principe D. Theodosio com M<sup>lle</sup> de Montpensier, filha de Gastão d'Orleans e de fomentar a revolta de Napoles, poderosa diversão para obrigar a Hespanha a dividir as suas forças.

Por esse tempo Mazarino assegurava a D. João IV que «o mais importante para bem da christandade e vantagem da França era vel-o firme na posse dos seus estados e que o seu principal intento era firmar a corôa de Portugal na pessoa dos descendentes de S. Magestade.»

Dirigindo-se a Lanier, seu representante em Lisboa, lamentava que D. João IV não imprimisse mais actividade á sua acção militar, pretendendo assim que nos lançassemos nas aventuras de uma guerra offensiva, que de modo algum nos convinha.

Das negociações entaboladas dá testemunho a seguinte carta de Mazarino ao duque de Longueville em 4 de outubro de 1647: «O rei de Portugal, depois de ter considerado bem o estado dos

negocios, estava disposto a renunciar á corôa e a retirar-se para a Terceira, offerecendo entregar o seu reino á pessoa que a Rainha (de França) quizesse e responsabilisando-se a fazel-o jurar rei e obedecer por todos os povos do reino de Portugal. Mostrava sómente desejar que fosse um principe que podesse contar com um poderoso auxilio da França e que tivesse meio de contrahir aliança com o seu filho primogenito, assegurando-lhe a successão do reino e propõe o Sr. duque de Orleans e Mlle (a duqueza de Montpensier) ou o Sr. Principe (de Condé) ou a vós e vossa filha (Maria d'Orleans. filha do duque de Longueville.) Ahi está o que sabemos por alto. Vem a caminho um padre jesuita expressamente para esta negociação.»

Effectivamente sahira de Lisboa o Padre Antonio Vieira, em 12 de agosto,<sup>1</sup> embarcando para Londres, aonde chegou em 22 de setembro de 1647 depois de ter padecido uma formidavel tempestade, como refere na carta escripta em 26 ao marquez de Niza. Curta foi a demora de Vieira em Paris, pois que Barros conta que só nos fins de novembro chegou áquella cidade e já em 17 de dezembro se achava em Haya, como o prova a carta de 23, escripta d'ali ao marquez.<sup>2</sup>

Qual era o objecto da sua missão? Não se sabe ao certo. O proprio Vieira guarda reserva na sua carta ao conde da Eri-  
ceira.<sup>3</sup>

Houve divergencias entre elle e o marquez de Niza, ferido talvez no seu amor proprio, mas nem a correspondencia de Vieira, nem as referencias de Barros, nem as allegações de um manuscrito encontrado no cartorio da casa de Niza subministraram elementos para uma apreciação exacta a quem não procurar nos archivos novos documentos.<sup>4</sup>

Em todo o caso uma importante carta de Mazarino a Lanier, datada de 7 de abril de 1648, esclarece algum tanto o as-  
sumpto.

Reputam-se n'ella inexequiveis as propostas de abdicação.

<sup>1</sup> Consta esta data da correspondencia de Lanier.

<sup>2</sup> No 1.<sup>º</sup> vol. das *Cartas* encontra-se uma dirigida de Paris a um ministro e datada de 25 de outubro; conta n'ella Vieira que chegou a Paris ao cabo de 59 dias, em 10 de outubro portanto. N'outra carta de 30 de setembro diz: «*medindo as jornadas espero estar em Paris dia de S. Francisco*» (4 de outubro). A indicação de Barros é pois errada, como tantas outras. Uma carta de Calais ao marquez de Niza, que aparece impressa com a data de 4 de dezembro, deve ser de 4 de outubro.

<sup>3</sup> Vide pag. 392.

<sup>4</sup> Vide pag. 3-5.

«Se o rei de Portugal, depois de 8 annos, tendo o amor dos povos como natural do paiz e seu rei legitimo, temia não poder sustentar-se contra as forças de Hespanha depois de feita entre as corôas uma paz em que não fosse comprehendido, embora a França tivesse reservado a faculdade de o auxiliar e o fizesse poderosamente, por maioria de rasão outro príncipe que não tivesse no paiz as mesmas vantagens, nem o amor dos povos, nem o conhecimento dos seus costumes e do estado do reino, nem mais segurança que o rei de Portugal de obter d'esta corôa soccorros proporcionados ás necessidades, não quereria metter-se em negocio de tanto peso que fosse incerto, nem correr o risco da mais desgraçada condição do mundo, que é a de ter perdido uma corôa.»

Acrescenta que, ainda quando se achasse um príncipe que quizesse, não sabia se acharia o rei de Portugal nas mesmas disposições depois das revoluções de Napoles.

«Pareceu-me achal-os muito frios, quando toquei aos ministros de Portugal na negociação do Padre Vieira, e conhecer pelos seus discursos que, se apertasse com elles sobre o que me pediam com tanta instancia alguns mezes antes, não se ocupariam d'esse negocio sem novas ordens. Protesto-vos que fiquei encantado de os ver n'estas disposições e desejo de todo o meu coração que o Rei seu senhor as tenha equaes.»

Na mesma carta Mazarino insiste no negocio da liga offensiva e defensiva, e declara que não houve meio em Munster de obter da Hespanha que consentisse sequer que o nome de Portugal fosse ahi pronunciado, quanto mais a sua inclusão num tratado de paz. Refere as negociações havidas com o marquez de Niza, queixando-se de não serem por este acceptas as exorbitantes exigencias da França, contra as quaes tambem se pronunciara Vieira na sua correspondencia de Haya com o marquez, que parecia querer ir mais longe do que elle no caminho das concessões.

A angustiosa situação de Portugal, á mercê dos acontecimentos, explica as vicissitudes da sua política externa, a variedade dos expedientes adoptados como taboas de salvação a que o naufrago deita a mão em ultimo recurso, sem que tenhamos direito a deprimir o patriotismo e a perspicacia de D. João IV e dos seus cooperadores.

A sua abdicação, para ceder o logar a um regente francez cuja filha casasse com D. Theodosio, afigurava-se-lhe o unico meio de obter auxilio na lucta com a Hespanha.

A revolução de Napoles, que rebentara em 1 de julho de 1647 (não tardando porém a ser debellada), reanimou a esperança por momentos.

Vejamos agora o estado das relações de Portugal com a Hollanda e o papel desempenhado pelo Padre Vieira.<sup>1</sup>

Em 1647 tinham os Estados aprestado uma forte esquadra para socorrer Pernambuco e ameaçar a Bahia. Francisco Coutinho, depois de ter esgotado todos os expedientes dilatórios, aventurou-se a usar da firma em branco de D. João IV para ajustar a cedencia de Pernambuco aos hollandezes. Consegiu o seu fim, pois que a esquadra não partiu. Participou desde logo a D. João IV o que fizera, mandando-lhe dizer «que lhe cortasse o pescoco».

A carta de Coutinho chegou a Lisboa em 12 de novembro de 1647, ao tempo em que o Padre Vieira ia a caminho de Paris<sup>2</sup> sendo pois estranho a este negocio.

O rei e o seu conselho foram de parecer que se devia ratificar a convenção, visto ser impossivel a guerra com a Hollanda e resolveram dar como penhor o castello de S. João da Foz em vez da cidadella da Bahia oferecida por Coutinho.

Achava-se então Vieira em França. Chegado a Haya em 17 de dezembro, tratou de auxiliar o embaixador nas diligencias para obter condições mais suaves. Fez pôr de parte a clausula vexatoria da entrega de uma fortaleza para garantia; exigiu que aos colonos de Pernambuco fosse permitido retirarem-se com todos os seus bens para a Bahia ou para o Maranhão, e propôz que fosse estipulada uma forma mais suave para o pagamento da indemnisação.

Desenvolvia ao mesmo tempo uma actividade extraordinaria na compra de navios, munições e petrechos de guerra.

As cartas escriptas de Haya ao marquez de Niza revelam em cada linha as angustias do seu coração patriótico, as apreensões causadas pelas notícias do Brazil e pela consciencia do poderio hollandez.

Insta, supplica que lhe dêem meios para a compra de navios.

«Mau é que escapasse Segismundo (o general que commanda-

<sup>1</sup> Conviria recordar os serviços prestados por Vieira angariando recursos para a compra de navios em fins de 1646, quando em Lisboa constou a tomada de Dunkerke pelos franceses. Julgamos preferivel remeter os leitores para a interessante narrativa do proprio Vieira na carta ao conde da Ericeira (vide pag. 3 6.)

<sup>2</sup> Na carta ao Conde da Ericeira (vide pag. 361) diz Vieira que estava em Paço d'Arcos a bordo da nau que o levava para Inglaterra, no que ha decerto lapso de memoria, bem natural depois de 40 annos decorridos. Segundo a correspondencia de Lanier, Vieira partiu de Lisboa em 12 de agosto. Na collecção das cartas ao marquez de Niza figura uma, datada de Londres em 26 de setembro, na qual Vieira refere que durara 39 dias a viagem de Lisboa a Douvres.

## XVIII

va em Pernambuco as tropas hollandezas) com o poder inteiro, porque, junto ao que de cá irá chegando, será no mar muito superior ao nosso. Navios e mais navios é o que havemos mister.»

Graças ás suas diligencias foram compradas tres fragatas e, entre os petrechos de guerra, a artilheria que tanto contribuiu para nos dar a victoria na batalha das linhas de Elvas.

Quando recebeu a noticia de ter sido preso pela Inquisição Duarte Silva, o rico negociante ao qual recorrera um anno antes para obter o emprestimo de 300:000 cruzados destinados á compra de navios, Vieira não occultou ao marquez de Niza a sua indignação por esta violencia. «*Louvado seja Deus, que só para taes valentias temos resolução.*»

Proseguiam entretanto as negociações diplomaticas no congresso de Munster, no qual deliberara D. João IV fazer-se representar por D. Luiz de Portugal, neto do prior do Crato, levando por companheiro o Padre Vieira. Não chegou esta resolução a ser posta em practica, porque o congresso dissolveu-se. Celebrhou-se o tratado de Westphalia, fazendo a Hollanda paz com a Hespanha. A situação de Portugal tornava-se pois cada vez mais critica.

Vieira, que recusara a embaixada de Haya para a qual chegara a ser nomeado, regressou a Lisboa no verão de 1648,<sup>1</sup> sob a impressão dos perigos que o paiz corria tendo de lutar com a Hespanha e a Hollanda, agora reconciliadas, e sem confiança no auxilio da França.

Em quanto estes factos se passavam na Europa, os heroicos revoltosos de Pernambuco capitaneados por João Fernandes Vieira, André Vidal de Negreiros, Henrique Dias, o valente negro e D. Antonio Camarão, o indio intrepido, alcançaram a victoria de Guararapes em 19 de abril de 1648. A noticia d'este sucesso reanimou o espirito publico, levando-o a protestar contra a projectada entrega de Pernambuco. Em outubro de 1648 ouviu D. João IV novamente os seus conselheiros acerca d'este negocio, pronunciando-se muitos d'elles contra a entrega. O rei encarregou então o Padre Vieira de escrever uma memoria, conhecida na historia pelo *Papel forte*, rebatendo os argumentos que aquelles adduziam.

Este notavel parecer baseia-se na segninte proposição: se a Hespanha unida a Portugal não poude impedir que a Hollanda

<sup>1</sup> Barros escreve que elle regressara ao reino em 1649. Não podemos aceitar como b a esta indicação, pois que em 28 de agosto de 1648 pregava Vieira em Lisboa na festa de Santo Agostinho, (Sermões, 5.º vol. pag. 141) e em outubro d'esse anno escrevia o *Papel forte*.

se apoderasse das suas colonias, como pode Portugal resistir só-sinho áquelleas dois paizes? Perca-se pois Pernambuco para salvar o resto. A cerrada argumentação empregada, embora fraqueje n'um ou n'outro ponto, é a expressão da prudencia e do bom senso. Só um milagre podia salvar Pernambuco e com milagres em guisa de recursos normaes não deve contar a prudencia humana. A guerra com a Hollanda era uma calamidade que importava evitar a todo o custo.

D. João IV não ousou arrostar com o desfavor da opinião publica. Continuou Sousa Coutinho a usar de expedientes para evitar a ruptura com a Holanda (que esperava obter o tratado proposto) e a partida de novos reforços para Pernambuco. O extraordinario valor dos insurrectos alcançou em 19 de fevereiro de 1649 segunda victoria nos Guararapes, apezar da desegualdade do numero.

Entretanto vingava parte do plano de Vieira a despeito da acerrima oposição da Inquisição. Conseguira esta obter um breve pontifício annullando o alvará pelo qual D. João IV contratou com a gente de nação (como então se designavam os christãos novos) a constituição de uma companhia do commercio, isentando os seus bens do confisco, segundo o alvitre proposto por Vieira. Redigiu este uma extensa e erudita memoria, em que demonstrou que o papa fôra mal informado e que se não devia admittir o breve por ser obrepticio e subrepticio.

Em 6 de fevereiro de 1649 constituia-se finalmente a companhia occidental, cujas frotas começaram a sulcar os mares do Brazil.

A causa da insurreição de Pernambuco conservou-se indecisa até 1651. Em outubro d'esse anno a republica da Inglaterra promulgou o celebre *acto de navegação*, verdadeira declaração de guerra à Hollanda. O anno seguinte foi fatal aos hollandezes, derrotados em batalhas navaes por Blake, apezar do valor dos Tromp e dos Ruyter.

A impossibilidade de receber reforços em que se via a guardação de Pernambuco animou os insurrectos, que resolveram em 25 de dezembro de 1653 tentar um esforço decisivo *com o apoio da frota da companhia, cuja existencia se devia ao esforço tenaz e patriótico de Vieira*.

Foi assim que conseguiram levar os hollandezes a capitular em 26 de janeiro de 1654 e a abandonar o Recife e Parahyba. Deu-se pois o milagre em que as esperanças venceram o discurso, segundo a phrase empregada por Vieira na *Historia do futuro*.

Tal é a historia imparcial dos acontecimentos de Pernambuco, tomados por Lisboa para thema de accusações tão violentas

como injustas contra a acção politica de Vieira. Sem lhe contestar o patriotismo, amesquinha a sua perspicacia e attribue a vaidade e argucia o que era a voz da prudencia. Não podíamos deixar de tratar com alguma individuação este ponto controverso da sua biographia.

A' companhia occidental devemos a restauração de Pernambuco e, se o plano de Vieira tivesse sido realizado na integra, a constituição da companhia oriental evitaria talvez a perda de Ceylão, das Molucas, de Malaca e a grossa indemnisação que Portugal teve de pagar á Hollanda pelo tratado de 1662.

Tanto na Hollanda, como em Lisboa, sabia Vieira alliar os trabalhos da politica ás occupações do seu ministerio. Alcançou lá brilhantes triumphos dialecticos em controversias religiosas com sabios protestantes e judeus. No regresso a Portugal serviu de enfermeiro durante a viagem a um pobre grumete com a maior caridade. Em Lisboa continuou a pregar, datando de 1649 os seus bellos sermões sobre os escrupulosos e sobre o amor dos inimigos e a delicada elegia da juventude na oração funebre de D. Maria de Athouguia.<sup>1</sup>

A situação de Portugal era então extremamente critica. Basta, para a avaliar, a leitura das representações das cōrtes de 1646 e 1652. Em 1649 via-se D. João IV obrigado a mandar recrutar soldados estrangeiros. A paz de Westphalia deixara a Hespanha desembaraçada de inimigos poderosos. Em 1648 rebentavam em França as discordias civis da *Fronda*, diminuindo assim as poucas probabilidades de recebermos d'ali auxilio efficaz. A revolta de Napoles tinha-se malogrado com a morte de Masiñiello e com a prisão do duque de Guise.

Pensou D. João IV n'uma combinação matrimonial que punha termo á guerra e assegurava a hegemonia de Portugal sobre a peninsula.

Encarregou pois o Padre Vieira de ir a Roma preparar o terreno para o casamento da infanta d'Hespanha, D. Maria Threza, filha unica de Philippe IV, com o principe D. Theodosio, sob a condição de succeder este nas duas corôas se o rei de Hespanha não tivesse filho varão, e de ficarem os dois reinos independentes, mas aliados, no caso contrario. Lisboa seria a capital da peninsula; D. João IV abdicaria a favor de seu filho e iria governar o Brazil.

Em quanto Vieira dispozesse o embaixador hespanhol junto da Santa Sé para acceptar este plano, devia fomentar nova revolta em Napoles.

<sup>1</sup> Vide pag. 60 e 1.

Em 10 de janeiro de 1650 partiu Vieira, encarregado de tão espinhosa missão, que o orgulho e a desconfiança da Hespanha fez malograr, sendo ameaçado com a morte se não se retirasse de Roma.<sup>1</sup>

E' facil hoje acusar D. João IV e Vieira de falta de patriotismo, esquecendo a situação quasi desesperada em que o paiz se encontrava. Não fosse a Hespanha governada pela impericia de Olivares, que a independencia portugueza não teria vingado.

Falhara a alliança franceza Restava tentar a paz com a Hespanha nas condições em que ella era possivel. Pois não fôra o empenho constante da dynastia de Aviz realisar esse sonho da hegemonia portugueza por meio de um casamento? As generosas illusões que dominavam o espirito de Vieira, levando-o a acreditar a prophecia de um quinto imperio christão e portuguez com o Brazil por séde, contribuiram decerto para o fazer abraçar mais facilmente o plano de D. João IV.

A clausula da escolha de Lisboa para capital parecia-lhe sufficiente segurança para Portugal.

Mais tarde, em 1675, radicada a nossa independencia, Vieira aquilatava com animo sereno um alvitre analogo e dissuadia o regente D. Pedro de negociar o casamento de sua filha com um principe hespanhol, allegando que poderia a côrte tornar para Madrid e «nós n'este caso com a nossa princeza e corôa tornariamos a comprar o antigo captiveiro.»

Entre 1650 e 1675 obteve Portugal a alliança ingleza; a morte de Mazarino em 1661 contribuiu para que a politica franceza obedecesse a orientação mais favoravel para nós; de 1659 a 1663 alcançaram as nossas tropas as victorias das linhas d'Elvas, do Ameixial, de Castello Rodrigo, de Montes Claros; em 1668 celebrava-se finalmente a paz. Era em 1675 Vieira mais patriota que em 1650? Não, mas as circumstancias tinham mudado.

Quantas vezes esteve quasi perdida a causa portugueza! Assim, em 7 de novembro de 1659 celebrou a França o tratado dos Pyreneus com a Hespanha, abandonando indignamente Portugal aos seus recursos e juntando á traição o escarneo, pois que no art. LX se estipulava que, em attenção á poderosa intercessão da França, se concedia aos portuguezes que voltassem á situação em que se achavam antes de 1640. A restauração monarchica em Inglaterra fez raiar uma esperança para Portugal, que,

<sup>1</sup> Lisboa, injusto como quasi sempre, diz que só pelo livro de Barros foram conhecidas tão tenebrosas negociações, quando Vieira as tinha relatado n'uma sermão pregado na Bahia em 1655.

abandonado pela França, se voltou para aquelle paiz, comprando o seu apoio com o casamento da infanta D. Catharina, a qual levou em dote Tanger e Bombaim. Foi essa alliance lembrada por Antonio de Sousa Macedo e patrocinada por Luiz XIV, o que não impediu que se attribuisse tal idéa, aliás louvavel, a Vieira, ao tempo no Maranhão.

A acção vigorosa de D. João da Austria tornou mais uma vez extremamente critica a situação de Portugal: basta lembrar que em 1663 tomou este general a cidade d'Evora e chegou com o seu exercito a Alcacer do Sal, a dois passos de Lisboa. Que admira pois que em epochas tão angustiosas se lançasse mão de todos os alvitres que podiam trazer a paz?

Assim se explica que em 1651 fosse Vieira encarregado de ir a Madrid negociar a paz com a Hespanha, missão que a doença o não deixou desempenhar.

## III

Acompanhámos Vieira no periodo mais activo da sua carreira politica, decorrido de 1642 a 1652, que o insuspeito Lisboa aprecia nos seguintes termos:

*«Questões de economia politica, impostos, emprestimos, instituição de companhias de commercio, marinha de guerra, cessões de territorios, tratados de alliance, casamentos reaes, reforma de ordens regulares, e ainda a da propria companhia e da Inquisição, tolerancia religiosa, tudo lhe passa pelas mãos, nada escapa á sua indefessa actividade e á admiravel fecundidade do seu espirito n'este periodo brilhante da sua carreira.»*

O patriotismo e o dedicado affecto a D. João IV foram o seu movel constante. Com justiça escreveu pois o mesmo biographo:

*«O patriotismo portuguez, paixão dominante que sempre ocupou o seu coração, o enchia e abrasava então mais do que nunca.»*

O desinteresse, habitual em Vieira, caracterisa o seu proceder n'uma epocha em que bem podia aproveitar o valimento real para obter benesses e favores para a sua familia ou para a Companhia de Jesus a que pertencia.

Das grossas quantias que D. João IV lhe confiava para o desempenho das suas missões diplomaticas, Vieira gastava parcialmente comigo o indispensavel e restituia o resto, recusando-se a aceitar recompensa dos seus serviços. Conta Barros que em Paris, pretendendo o marquez de Niza entregar a Vieira

vinte mil cruzados que D. João IV lhe mandava dar para livros, elle «*nem para um diurno ou breviario aceitou.*»

Por mais de uma vez mostrou, com desabrimento proprio da sua vivacidade, aos que pretendiam peitá-lo, que não era accessível á cubica quem desde a adolescencia fizera voto de pobreza.

A um que lhe mandou uma bolsa com seis mil dobrões, como agradecimento das suas diligencias a bem de um negocio importante, recambiou Vieira indignado o presente, dizendo ao portador «*que agradecia o offerecimento com o deixar ir pela escada e não pela janella, como aquelle atrevimento merecia.*»

Por volta do anno de 1651 renasceu em Vieira o desejo de se consagrar ás missões.

Era o tedio que o levava a affastar-se da corte, onde fervilhavam as intrigas e as ambições tantas vezes por elle flagelladas com o latego da sua critica implacavel? Eram as instigacões dos seus consocios da provincia de Portugal, que, obedecendo á emulação manifestada annos antes, desejavam affastal-o para longe? Reviviam com ardor no seu coração as generosas aspirações da mocidade, levando-o a trocar a corte pelo sertão, as lides do politico pelos trabalhos apostolicos do missionario?

Era provavelmente tudo isso ao mesmo tempo.

Disputavam por outro lado o passo á sua nobre resolução o apego á politica, sua primacial vocação, a consciencia do seu alto valor e o desejo de consagrar os seus talentos ao serviço publico, o affecto á familia real que tanta consideração lhe dispensava?

Que o diga quem souber lér como em livro aberto no coração humano, tão contraditorio nos desejos como hesitante entre impulsos encontrados.

A correspondencia de Vieira deixa-nos entrever as luctas interiores que precederam e acompanharam a sua ida para o Maranhão.

Consagrara-se elle á pregação nos annos de 1651 e 1652. Entre os sermões então pregados é notavel pela uncção verdadeiramente christã o da quinta dominga de quaresma na Sé de Lisboa. Chegara mesmo a ir dar uma missão a Torres Vedras.

Formado o plano de se retirar para as missões do Maranhão e obtidos de D. João IV os recursos e poderes necessarios para lhes assegurar acção efficaz, começou em 22 de setembro de 1652 a partir a frota. Segundo Vieira refere em carta dirigida ao padre provincial do Brasil e escripta de Lisboa em 14 de novembro, o rei não o queria deixar partir, tanto assim que, tendo-lhe constado que Vieira embarcara clandestinamente,

mandou sustar a sahida do navio perto de S. Julião da Barra e intimar o fugitivo a que viesse logo á sua presença.<sup>1</sup>

D. João IV accedeu ás instancias de Vieira, dando emfim a licença sollicitada e acompanhando-a de taes mostras de estima que lhe abalaram o animo.<sup>2</sup>

N'uma provisão datada de 21 de outubro, cujos termos confirmam a narrativa de Vieira, ordenou o soberano que todas as auctoridades prestassem a este «*toda a ajuda e favor*» que necessarios fossem.

Não se conformando porém com a perda de tão dedicado e habil cooperador, procurou dissuadil-o do seu intento. Vieira não poude resistir a taes sollicitações e accedeu á combinação de uma partida simulada, como se deprehende da narração de Barros, e de uma carta ao principe D. Theodosio escripta de Cabo Verde em 25 de dezembro.<sup>3</sup>

Chegado o dia da partida, esperava elle a contra-ordem do rei e sollicitou-a até, sem a receber a tempo.<sup>4</sup>

Partiu pois contrariado no dia 22 de novembro.<sup>5</sup> As tempestades que acossaram a fragil caravela que o conduzia não o fizeram soffrer mais que os embates de tão encontrados sentimentos no seu nobre coração de amigo e de missionario. Cen-

<sup>1</sup> «Emfim, cheguei ao paço, onde sua magestade e alteza me receberam com graças, zombando da minha fugida e festejando muito a preza, mas ajudou-me Deus a que lhes soubesse declarar o meu sentimento e as justas razões delle que, affirmo a vossa reverendíssima, foi o maior que tive em minha vida, com me ter visto nella tantas vezes com a morte tragada.» (*Carta ao provincial*.)

<sup>2</sup> «Se algum sacrificio fiz a nosso Senhor n'esta jornada, foi em aceitar a licença a el-rei quando ma concedeu, porque o fez sua magestade com demonstrações mais que de pae.» (*Ibid.*)

<sup>3</sup> «Vossa alteza vir muito bem a promptidão e vontade com que me rendi á de sua magestade, o dia que em presença de sua alteza me fez mercê significar, queria que agora ficasse: mas como então se aventou que procedesse eu em suposição de que havia de vir, enquanto sua magestade de publico me não mandava revogar a licença para satisfação dos padres, fil-o eu assim, procedendo em tudo como quem se embarcava.»

<sup>4</sup> «Não tive outro remedio mais que fazer o aviso que fiz a vossa alteza, o qual enviei pelo primeiro portador que pude haver ao bispo do Japão, assim por não ser hora de outra pessoa falar com vossa alteza, como porque todo o outro recado que fosse direito ao paço seria muito suspeitoso n'aquelle occasião, em que todos os incredulos andavam espreitando minhas acções e especrando o successo.» (*Ibid.*)

<sup>5</sup> «Não sei, senhor, que diga n'este caso, senão, ou que Deus não quiz que eu tivesse merecimento n'esta missão, ou que se conheça que toda ella é obra sua; porque a primeira vez vinha eu contra vontade de sua magestade, mas vinha por minha vontade, e agora parti contra a de sua magestade e contra a minha, por mero caso ou violencia; e se n'ella houve alguma vontade, foi só a de Deus, a qual verdadeiramente tenho conhecido em muitas occasiões com tanta evidencia, como se o mesmo Senhor m'a revelára.» (*Ibid.*)

sure-o embora a paixão odienta em nome de um falso estoicismo. Aos nossos olhos estas luctas e hesitações tornam mais humano e attrahente o grandioso vulto de Vieira.

Aos 20 de dezembro aportava á cidade da Praia, de Cabo Verde, onde prégou no dia seguinte, demorando-se ali até ao dia 27. Foram esses dias consagrados a trabalhos apostólicos, com tal fructo que os habitantes da cidade a muito custo deixaram partir os missionários, depois de Vieira prometter que sollicitaria os soccorros espirituais que tanto desejavam, promessa que no proprio dia 25 cumpriu em carta ao confessor do principe.

Em 16 de janeiro de 1653 chegou finalmente a caravela ao porto de S. Luiz do Maranhão.

Havia dez annos que aquella colonia sacudira o jugo dos hollandezes por diligencias do jesuita Lopo do Couto. Imperava entre os colonos a devassidão, a ignorancia e a crueldade. Os indigenas eram escravizados e barbaramente explorados. Uns e outros viviam como pagãos.

São dignas de ler-se as paginas em que Barros traça com vivas cores o triste quadro de dissolução de costumes do Maranhão.<sup>1</sup>

Não tardou Vieira em fazer promulgar o decreto real, que dava por livres todos os escravos d'aquelle estado. Amotinou-se o povo, intimando as auctoridades a que obrigassem os jesuitas a retirar a proclamação. Como elles se recusassem, com Vieira, a transigir com a sua consciencia e com a humanidade devida aos indios, foi cercada a sua residencia, tendo o governador que acudir com tropa para dispersar os amotinados.

No dia seguinte expoz Vieira com toda a moderação e prudencia os seus intentos. Acalmou-se a tempestade, mas não cessou a animosidade dos colonos contra os que vinham em socorro dos desgraçados indios. A cada momento o odio explodia; a calumnia era a sua arma favorita.

Depois de uma conferencia com algumas pessoas mais graduadas, subiu Vieira ao pulpito no primeiro domingo de quaresma de 1653 e, n'um admiravel sermão, expoz com o maior desassombro de linguagem a sã doutrina acerca do valor de uma alma e da iniquidade da escravidão, exhortando os ouvintes, com extremos de ardente caridade, a que mudassem de vida.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Na carta de 25 de janeiro de 1653 ao principe revela Vieira, já conformado com a sua nova situação, a magua que lhe causa a lamentavel situação moral e religiosa do Maranhão. (*Cartas*, 1.<sup>o</sup> vol. 1854.)

<sup>2</sup> Vide *Sermões*, 11.<sup>o</sup> vol. pag. 161 179.

Admiravel espectaculo o do genio oratorio, que assombrara os auditórios mais cultos, defrontando-se agora com a cubica de grosseiros colonos e subjugando-a, como Orpheu, que ao som da lyra amansava as feras!

Foi profunda a impressão causada pelas palavras de Vieira. Nomearam-se dois procuradores para examinar os captiveiros dos indios e decidir os que tinham direito á liberdade. Começaram os missionarios a sua obra d'evangelisação, para o que compoz Vieira um cathecismo, pelo qual ensinava, ora os indios, ora os portuguezes. Em frequentes instruções desbravava aquelles rudes espiritos. <sup>1</sup> Visitava as cadeias. Indagava das misérias occultas para as soccorrer. Promoveu a criação de um hospital para o qual cedeu a propria cama. Privava-se por vezes do necessário para acudir aos pobres.

Em quanto assim acordava as consciencias entorpecidas dos habitantes de S. Luiz, destacava o Padre Thomé Ribeiro para uma missão entre os Topinambares, e os Padres Francisco Veloso e José Soares (que foi até á morte o seu fiel companheiro, como o Jáu de Camões) para os Gayayares.

Da piedade humilde que exornava o seu coração dá testemunho a carta ao padre Francisco de Moraes.<sup>2</sup>

Pretendeu Vieira subir o rio Tapicurú em demanda dos indios chamados *Barbados*, mas o capitão mór faltou-lhe com os indios, que desviara para a sua lavoura. Malogrado esse intento passou-se ao Pará e deliberou ir com tres padres, evangelisar os Poquiz no rio dos Tocantins. Deu-lhe o capitão mór uma escolta, cujo cabo levava, porém, instruções secretas em contrario aos poderes e intenções de Vieira, das quaes resultava transformar a missão em caçada d'escravos.

Este novo desengano mostrou-lhe que nada podia fazer com tais auctoridades e que era necessário que d'ellas estivessem isentas as missões para darem fructo.

Accordaram os padres na necessidade da vinda de Vieira a Portugal para pôr o rei ao facto do lamentavel estado da colónia e sollicitar as providencias extraordinarias, sem as quaes se não podia effectuar a evangelisação e a libertação dos indios.<sup>3</sup>

Antes de partir, era preciso, porém, exprobar aos degenerados christãos a sua dureza e crueldade. No admiravel sermão

<sup>1</sup> Dá testemunho do valor d'essas instruções o sermão sobre a mentira. Vide pag. 40 e pag. 125.)

<sup>2</sup> Vide pag. 328.

<sup>3</sup> Em interessantes cartas a el-rei, de 20 de maio de 1653, e 4 de abril de 1654, descrevera Vieira a situação deplorável dos indios. Noutra carta de 6 de abril, expôz os alvitres que deviam ser adoptados para a remediar.

de Santo Antonio, prégado aos peixes,<sup>1</sup> encontramos retratados em allegorias engenhosas os vicios dos habitantes do Maranhão e do Pará. E' esta oração que D. Francisco Alexandre Lobo, escrevendo n'um tempo em que até o buxo dos jardins era tosquiado segundo linhas geometricas, taxa d'exotica, de ridicula, de absurda e extravagante!

## IV

Em 16 de junho partiu Vieira para o reino.

Pelas alturas dos Açores foi o navio assaltado por tão furiosa tempestade, que esteve prestes a sossobrar. «*Anjos da guarda do Maranhão, bradou Vieira, lembrae-vos que vae este navio buscar o remedio d'ellas. Fazei agora o que podeis e deveis, não a nós que o não merecemos, mas áquellas tão desamparadas almas que tendes a vosso cargo; olhae que se perdem tambem comnosco.*» Grito de alma nobilissimo!

Acudiu aos naufragantes um pirata hollandez que os despojou de tudo, até do vestuario e lançou na ilha Graciosa as quarenta e uma pessoas que vinham na embarcação. Vieira recorreu ao credito do seu nome para obter recursos para todos os seus companheiros, socorrendo-os com alimento e vestuario. Passaram á Terceira e d'ali a S. Miguel, onde o incansavel apostolo prégou o conhecido sermão de Santa Thereza, no qual narrou o perigo a que acabava d'escapar.<sup>2</sup>

Partiu em 24 de outubro para Lisboa, onde chegou depois de ter experimentado os furores de nova tempestade.

Achava-se D. João IV gravemente enfermo. No anno anterior (em 15 de maio de 1653) falecera o principe D. Theodosio. Restabelecido o monarcha, narrou-lhe Vieira as iniquidades que no Maranhão se praticavam e os remedios que podiam pôr-lhes cobro.

Enquanto aguardava o resultado das suas diligencias, não ficava ocioso.

O seu genio oratorio desferia rasgados vôos n'uma serie de sermões admiraveis da quaresma de 1655. Tinha Vieira 47 annos. Cheio de vigor, em toda a pujanca do seu talento, com uma liberdade de critica que ninguem seria capaz de attingir actualmente no pulpito, pronunciou, na capella real e n'outras

<sup>1</sup> Vide pag. 3.

<sup>2</sup> *Sermões*, 7.º vol. 1853.

## XXVIII

egrejas, os celebres sermões da Sexagesima,<sup>1</sup> do Bom Ladrão<sup>2</sup>, da primeira dominga de quaresma, em que formulou a genial descrição da alma<sup>3</sup> e reduziu os bens do mundo ao seu justo valor.<sup>4</sup>

No sermão da 3.<sup>a</sup> dominga de quaresma ocupou-se das confissões dos ministros fazendo por elles o exame de consciência. Quantas faces faria empallidecer essa audaciosa oração!<sup>5</sup>

No da 5.<sup>a</sup> dominga formulou e desenvolveu um acto de fé contra os christãos, flagellando desapiedadamente o pharisaísmo do seu tempo, que é o de todos os tempos, e descrevendo a fé morta dos portuguezes d'então. Se Vieira resuscitasse<sup>6</sup>...

N'estas orações, como em quasi todas as de Vieira, revela-se o seu amor dos pobres e dos pequenos e a indignação com que os via opprimir e explorar.

A este tempo chegaram a Lisboa procuradores do Pará e de S. Luiz, encarregados de contrapôr as allegações dos colonos ás queixas de Vieira. Obteve este que o negocio fosse submetido á apreciação de uma junta presidida pelo duque de Aveiro e encarregada de estabelecer as regras que deviam ser seguidas nas relações com os indios.

Vieira, que encontrava nos religiosos de outras ordens inimigos da sua acção missionaria, quando mais não fosse pela rivalidade com a Companhia, obteve que fôssem chamados os provinciaes das que tinham conventos no Brazil e que se constituisse, sob o patrocínio de S. Francisco Xavier, a *Junta das missões*.

D. João IV ordenou que as aldeias dos indios ficassem submettidas tão sómente á auctoridade dos jesuitas e que Vieira, seu superior, determinasse a epoca e a forma por que haviam de ser feitas as entradas ao sertão, para se não converterem, como de antes, em verdadeiras caçadas d'escravos.

Declarava este a escravidão injusta em these e proclamava a igualdade dos homens perante Deus.<sup>7</sup>

Na impossibilidade de applicar rigorosamente a sã doutrina, julgava porém que, se nas entradas ao sertão fossem encontrados alguns indios de corda (destinados aos banquetes horrorosos dos anthropophagos) ou captivos em virtude de guerra justa, poderiam ser escravos, uma vez reconhecida por juizes competentes a existencia d'essas condições especiaes.

Na carta dirigida a D. João IV em 6 de abril de 1654<sup>8</sup> tra-

<sup>1</sup> Vide pag. 89. — <sup>2</sup> Vide pag. 260. — <sup>3</sup> Vide pag. 33. — <sup>4</sup> Vide pag. 132. —

<sup>5</sup> Vide pag. 253, 256, 258.

<sup>6</sup> Vide pag. 35, 18, 120. — <sup>7</sup> Vide pag. 122, 177, 179, 186.

<sup>8</sup> Vide *Cartas*, edição de 1854, 1.<sup>o</sup> vol. pag. 51.

çara Vieira as regras a que entendia dever ser subordinado o regimen legal dos indios para os pôr ao abrigo da cruel ambição dos colonos, sem comtudo privar estes dos necessarios recursos, nem deixar de attender ás exigencias da transição do indio selvagem e indolente para a vida civilisada.

Aos que reputarem acanhadas as providencias propostas lembramos a cubica feroz dos colonos patrocinada pelos proprios governadores, que enriqueciam á custa do suor e do sanguine dos indios, e a impossibilidade de fazer vingar com taes elementos providencias radicaes. A prova das difficultades que encontrava a missão de Vieira, mesmo reduzida a proporções inferiores ás que o seu coração apostolico desejava, está no malogro final dos seus esforços.

Commeteu porém Vieira um erro. Ou o movesse a emulação, frequente entre as diferentes ordens religiosas, mais ou menos rivaes, ou (como é mais provavel) o conhecimento da inferioridade moral dos representantes de algumas d'ellas no Maranhão,<sup>1</sup> propoz na referida carta que a uma só congregação fossem confiadas as missões e o governo dos indios, dando a entender claramente que á Companhia de Jesus se devia dar a preferencia.

Isentava-a igualmente da auctoridade dos governadores e capitães-móres, salvo no caso de guerra. Auctoridades e frades de outras ordens viriam pois a unir-se na guerra a um regimen que os proclamava (com verdade) incapazes de respeitar as leis da humanidade e da justiça.

Sancionou o rei as regras propostas por Vieira e aceitas pela junta das missões.

Quando elle se dispunha a voltar para o Brazil, mostrou D. João IV o desejo de o conservar junto de si para aproveitar a sua alta capacidade.

Muitos dos seus consocios eram de parecer que se devia acatar a vontade do rei, que mandara consultar a junta dos reitores de collegios e professores mais antigos, então reunida, sobre a partida de Vieira.

Soube-o este; pediu licença para ir á presença da congregação advogar a sua causa. Refere Barros as phrases inflammadas com que elle pediu por mercê que o deixassem voltar para os seus trabalhos apostolicos. Não são decerto da lavra do bio-

<sup>1</sup> Vide o trecho *Os inimigos de Vieira* pag. 444.

grapho, pois teem o cunho inimitavel da eloquencia nervosa e da argumentação irresponsável do grande orador.<sup>1</sup>

Decidiu a maioria conforme Vieira desejava. Nem só os que admiravam os seus talentos desejavam retê-lo em Portugal; conspiravam no mesmo intento a cubica e a intriga dos que temiam a sua presença nas missões e tinham intelligencias na corte, chegando a escrever ao provincial do Brazil que retirasse a Vieira a licença para as missões. Vencidos porém todos os obstáculos, partiu finalmente em 16 de abril de 1653, chegando a S. Luiz após 31 dias de feliz viagem.

## V

Achava-se agora confiado o governo da província ao heroe de Pernambuco, André Vidal de Negreiros, no qual Vieira encontrou um leal cooperador.

Publicado o novo regimento, foram os 13 padres e os 7 irmãos sob as suas ordens divididos pelas aldeias dos indios e encarregados de varias missões ao sertão, a primeira das quais teve por objecto os indios Topinambares, Catengos e Guarajús. Não teve o feliz exito d'esta a missão aos ferozes e aguerridos Nheengaibas, habitantes da grande ilha de Joannes na barra do Amazonas.

Intentaram os colonos uma expedição ás serras de Pacajás, imaginando que encontrariam n'ellas ricas minas de oiro. Sol-

<sup>1</sup> «Que dirão os que eu alentei e levei ao Maranhão, vendo que os metti no trabalho e que me recolho ao descanso? Que dirão aquelles a quem fiz trocar a patria pelas brenhas, se eu os deixo nas brenhas e fico na patria? Que dirão os indios, que me têm por seu escudo, a quem disse que vinha buscar o seu re-medio, sabendo que me fico na corte e lhes falta á palavra dada de que muito cedo estaria com elles?

«Oh como me terão por falso e portálo enganador como os outros portugueses, que tantas vezes lhes faltaram á justiça, á piedade, á razão! Oh como se carpirão desconsolados e se terão por homens no extremo infelizes! Oh como talvez os já convertidos (como gente tão inconstante) largarão a fé e se voltarão para os ventos havendo por todas aquellas immensas nações a fama ou a infamia de que até os padres são traidores, quando o maior de todos contra o prometido os desampara!

«Não falo nas muitas almas que este indigno instrumento pôde converter á fé. Peza isto ou não peza? Não falo no exemplo que d'este meu desengano de deixar tudo por salvar almas, poderão tomar os que se estão criando nos noviciados e crescendo nos collegios. Tem ou não tem vigor esta reflexão? Não falo do que motejará do meu retiro a gente do Maranhão e Pará, nem no que os mal affeitos da corte hão de morder. E' bem que leve a companhia entre muitas outras estas affrontas?» (Barros-Vida).

dados e mineiros voltaram no fim de alguns mezes, após trabalhos e sofrimentos inuteis, dizimados e desiludidos. Para os consolar pregou Vieira em Belem do Pará (Paschoela de 1656) um bello sermão sobre os fructos das minas, em que os primores de linguagem e a sã doutrina se ostentam á porfia.<sup>1</sup>

Eram os esforços de Vieira maravilhosamente secundados pelo zelo de missionarios como João do Sotto-Maior, que morreu victima da sua dedicação, Manuel de Sousa e José Soares.

Nos principios de 1656 resolveu Vieira intentar uma missão á serra Ibiapaba, cujos habitantes eram uns pagãos e outros christãos que tinham estado em relações com os hollandezes.

Em quanto ia por mar uma expedição de 40 soldados e 2 missionarios para construir uma fortaleza na foz do rio Camuci, partiu Vieira com outro padre no intuito de o deixar na nova missão e seguir á Bahia em demanda de mais pessoal.

Encontrou no caminho um emissario, que sahira mezes antes com uma carta para os indios de Ibiapaba e que trazia a sua resposta favoravel ao estabelecimento da missão. Voltou pois Vieira ao Maranhão e mandou por terra dois missionarios, cujos trabalhos são por elle detidamente narrados n'uma interessante memoria.<sup>1</sup>

Em quanto continuava a fundar novas missões, ordenaram-lhe os superiores que «alimpasse os seus papeis em ordem á impressão, para com os rendimentos d'elles sustentar a missão.»

Apreciando esta nova ocupação, escrevia Vieira: «Quando estava em Lisboa, em França, na Hollanda, com as commodidades das impressões, das livrarias e de quem me escrevesse e ajudasse, nunca ninguem poude acabar comigo que me applicasse a imprimir; e mais offerecendo-me el-rei os gastos, rogando-me que o fizesse; e que agora no Maranhão, d'onde falta tudo isto e na idade em que estou me occupe em emendar borrões e fazer taboadas? Veja V. R. quanto pôde a obediencia: e pôde tanto que não só o faço, mas chega a me parecer bem que mo mandem fazer. Não ha maior comedia que a minha vida; e quando quero, ou chorar, ou rir, ou admirar-me, ou dar graças a Deus, ou zombar do mundo, não tenho mais que olhar para mim.»

Em 1657 chegou ao Maranhão a noticia da morte de D. João IV, no qual Vieira perdia um amigo e protector. Do sentimento com que elle recebeu esta nova dá testemunho a oração funebre que pronunciou.

Em 1658 foi nomeado visitador e superior d'aquella imensa região N'este anno e no seguinte foram por elle orde-

<sup>1</sup> Vide pag. 275.

nadas varias missões. Viera tomar conta do governo D. Pedro de Mello, que trouxe a noticia da guerra com os hollandezes, os quaes mantinham com os Nhengaibas intelligencias e relações que podiam vir a pôr em perigo a colonia.

Foi o assumpto estudado em conselho, resolvendo-se empregar a guerra com aquelles povos. Pediu Vieira que o deixassem primeiro tentar o emprego de meios pacificos.

Uma grave doença, a que por pouco não succumbiu, demorou a execução do seu plano até agosto de 1659. A interessante narrativa d'esta missão possuindo-la feita pelo proprio Vieira.<sup>1</sup> Apenas pacificou os Nheengaibas, evitando a sua alliança com os inglezes, voltou ao Maranhão e, depois de visitar de novo aquelles povos, partiu em 3 de março de 1660 para a missão de Ibiapaba, onde chegou depois de 21 dias de viagem, descalço, com os pés em sangue, tendo soffrido custosos trabalhos e privações.

Depois de reorganisar a missão voltou por mar para o Maranhão, onde já se encontrava em 29 de junho, indo em seguida visitar as missões do Pará.

A animadversão dos colonos contra Vieira e seus companheiros crescia á medida que estes empenhavam novos esforços em prol dos indios.<sup>2</sup>

Em maio de 1661 explodiu enfim. Os moradores de S. Luiz investiram armados ao collegio da Companhia e levaram os padres presos para uma casa de onde os passaram para bordo de uma embarcação.

Vieira andava pelo interior, quando lhe chegou a noticia d'estes acontecimentos. Poz-se logo a caminho do Pará a fim d'evitar equaes excessos.

Apenas chegado, dirigiu uma representação á camara,<sup>3</sup> ponderando os benefícios que se tinham tirado das missões e a necessidade d'evitar que em Belem se repetissem as tristes scenas de S. Luiz do Maranhão. A resposta não se fez esperar. Sob exterioridades respeitosas entremostrava-se a profunda irritação dos colonos contra os missionarios, cuja auctoridade era um obstaculo aos desmandos da sua cobiça e crueldade.

<sup>1</sup> Vide pag. 42? <sup>2</sup> Vide pag. 330.

<sup>3</sup> Eis os termos em que Barros dá noticia das causas de tal animosidade: «Não parava isto na pessoa dos indios, levando-os como escravos para suas lavouras e serviço, sem paga, sem doutrina, sem sacramentos; mas passando a insolencia a outros excessos com que os affrontavam e a Deus, offendendo com publico escandalo suas mulheres e filhas; e porque os padres da Companhia se oppunham a tantas injustiças e devassidão, padeceram aqui » que vamos a referir e depois na corte as injurias e falsos testemunhos que n'ella divulgou escandalosamente o procurador que veiu por parte d'aquelle rebelde povo.»

<sup>3</sup> Vide *Obras varias* 2.<sup>o</sup> vol.

Na replica que Vieira oppoz ás allegações do procurador do Pará encontramos admiravelmente caracterisado o movel a que obedeciam os seus inimigos.<sup>1</sup>

Foram baldados esforços e representações. Apenas se divulgou a noticia dos successos do Maranhão, amotinou-se tambem o povo no Pará, cercando a casa dos jesuitas.

Vieira e os seus companheiros foram presos e levados entre insultos para diversos edificios e para bordo d'embarcações, sendo aquelle encerrado n'um ermitorio e ahi tratado com a maior vileza, pois até nem consentiam que lhe levassem alimento, e teria morrido de fome, se não fosse a dedicacão de uma pobre india, que a occultas lhe fazia chegar ás mãos alguns mantimentos.

Os habitantes da cidade resolveram entretanto desterrar os padres, mandando porém primeiro Vieira ao Maranhão a entender-se com as auctoridades de lá.

Passaram-no preso para uma caravela, de bordo da qual elle enviou ao senado um memorial, datado de 18 de agosto, em que demonstrava com o maior desassombro a impiedade de tal

<sup>1</sup> «No estado do Maranhão, senhor, não ha outro oiro, nem outra prata mais que o sangue e o suor dos indios; o sangue se vende nos que captivam e o suor se converte no tabaco, no assucar e nas drogas que com os ditos indios se lavram e fabricam. Com este sangue e com este suor se remedia a necessidade dos moradores e com este sangue e com este suor se enche e se enriquece a cubiça insaciavel dos que lá vão governar. Ordenou sua magestade que d'este sangue dêssse aquelle estado sómente o licto que são o resgate dos escravos justos e que d'este suor se lhe desse tambem o licto, que é o servio dos indios christãos das aldeias, por um estipendio, com obrigaçao de se virem sómente seis m̄es cada anno.

«Mas como o dito sangue e suor licto não se emprega todo na necessidade dos moradores, nem basta todo, nem bastaria ainda que fosse muito mais, para a cubiça dos que só isto vão buscar debaixo do titulo de ministros de sua magestade, d'aqui se segue que a execuçao das leis, regimēt de sua magestade que os ditos missionarios defendem, lhes parece a todos oppressão e jugo insupportavel. E ccm a dita justiça e leis e os ditos miseraveis indios, assim das aldeias com o serião, não teem outros defensores mais que unicamente os ditos missionarios da companhia, por isso os interessados se resolveram a uma accão tão tem̄aria e sacrilega como lançarem fóra os ditos padres, só a fim (como diz o mesmo procurador) de se reduzirem ao primeiro estado que d'antes tinham; o qual era uma absoluta liberdade ou tyraunia de consciencia com que nos sertões captivavam a todos os gentios sem diferença; e nas aldeias a uns captivavam senhoreando-se d'elles, de suas mulheres e filhos; e de outros se serviam por força com medos, ameaças e castigos, contra quem os miseraveis não podiam ter resistencia.

«... De maneira, senhor, que todo o ponto d'esta controversia consiste em uma coisa, que actualmente não ha e só houve antigamente; e querem os interessados que a torne a haver, que é o interesse injusto e tyrannico que do suor dos indios se tirava. Assim que toda a queixa contra os missionarios da Companhia não é pelo que elles fazem, senão pelo que defendem; nem é pelo que elles tomem ou tenham, senão pelo que os outros querem tomar e ter, contra as leis de vossa magestade, por summa iniquidade e injustiça. --(Barros-Vida)

## XXXIV

procedimento.<sup>1</sup> E', no dizer de Carel, o eloquente protesto do direito contra a violencia. Mais tarde dirigiu uma petição ao governador D. Pedro de Mello, queixando-se da sua reclusão n'um velho barco sardinheiro incapaz de fazer viagem e pedindo que fosse transferido para bordo da nau em que estavam embarcados os outros missionarios.

Consummou-se a iniqua expulsão e nos fins do anno de 1661 desembarcou Vieira em Lisboa com os missionarios, seus companheiros de trabalhos, aos quaes se vieram juntar mais tarde 17, expulsos no anno de 1662.

## VI

Eram outros os tempos. Embora a rainha regente professasse grande estima e admiração pelos talentos e serviços de Vieira, a corte achava-se já dividida em facções. De um lado estavam os partidarios do desgraçado D. Affonso VI, lisonjeando os seus grosseiros instintos, explorando a sua debilidade d'espirito e incitando-o a tomar as redeas do governo, e do outro os da regente e do infante D. Pedro. As queixas e reclamações de Vieira foram pois recebidas com indifferença.

Chegou porém o dia de Reis de 1662. Vieira, chamado a pregar na capella real o sermão da Epiphania, pintou com tão vivas cores o vergonhoso quadro da expulsão dos missionarios, com tão assombrosa eloquencia appellou para os sentimentos de religião e humanidade dos seus ouvintes, rebatendo ao mesmo tempo as accusações feitas aos jesuitas,<sup>2</sup> que a rainha resolveu proceder energicamente nomeando novo governador para o Maranhão e daria as ordens necessarias para que os culpados fossem castigados, se Vieira não interpozesse a sua intercessão generosa.

Não corresponderam os factos ás intenções da regente. Assim foi destruida e inutilisada a obra missionaria dos jesuitas, que abrangia 38 aldeias christãs com 40:000 indios e mais 24 com 20:000 habitantes que estavam sendo cathechisados.

Não tardou Vieira em achar-se envolvido nas luctas politicas, sendo encarregado pela rainha de redigir um papel que havia de ser lido a D. Affonso VI na occasião em que lhe fossem entregues as redeas do governo e que elle assignou sem

<sup>1</sup> Vide pag. 398.—<sup>2</sup> Vide pag. 279.

necessidade, mostrando mais uma vez a que extremos chegava o seu desassombro que frizava a temeridade.<sup>1</sup>

As consequencias não se fizeram esperar. O novo governo desterrou-o para o Porto, na mesma occasião em que mandava sahir da corte o duque de Cadaval, os condes de Soure e de Pombeiro, o monteiro-mór e Pedro Vieira da Silva.

Aos avisos, que recebera, de que se planeava mandal-o para o Brazil, para o Maranhão ou para Angola, referia-se Vieira em carta de 20 de janeiro de 1663 ao duque de Cadaval, acrescentando:

*«Mas de qualquer modo que haja, ou não haja sido, eu estou pela sentença e irei para onde me mandarem, seja Africa ou America, que em toda a parte ha terra para o corpo e Deos para a alma e lá nos acharemos todos diante d'aquelle tribunal, onde se testemunha a verdade, sentenceia a justiça e nunca é condemnada a innocencia.»*

Algumas palavras inconsideradas no desafogo de uma conversação<sup>2</sup> ou a leitura de cartas contendo allusões á politica do dia<sup>3</sup> originaram, ao que parece, denuncia de algum dos consocios de Vieira e a transferencia d'este para Coimbra em janeiro de 1663, provavelmente no intuito de o fazer ahi processar pela Inquisição.

O periodo de que nos vamos ocupar,—em que Vieira tanto soffreu physica e moralmente, torturado por doença pertinaz que o clima de Coimbra exacerbava e amargurado pelo estigma que á sua fé impunha aquelle tribunal—é assinalado pela actividade da sua correspondencia e pelas singulares preoccupações do seu espirito.

Possuimos numerosas cartas escriptas nos annos de 1663 a 1665 ao marquez de Gouveia, que se retirara desgostoso da corte, e mais ainda a D. Rodrigo de Menezes, filho do conde de Cantanhede e irmão do marquez de Marialva. Ocupava este fidalgo altos cargos na corte e era muito affecto ao principe D. Pedro, cujo advento ao throno desejava.

Era este designado na correspondencia pelos symbolos de *Santelmo* e *Corpo Santo*. O objecto principal das cartas que Vieira dirigia a D. Rodrigo eram porém as esperanças que o

<sup>1</sup> Vide pag. 449.

<sup>2</sup> Vide o trecho *Os inimigos de Vieira*, pag. 444.

<sup>3</sup> Na carta de 17 de dezembro de 1663 a D. Rodrigo de Menezes, datada de Coimbra, lê se: «Supponho não haverá de presente o perigo que experimentei com a ultima de vossa senhoria que recebi no Porto, que como alheia de todo o mysterio não duvidei mostrar a algum amigo, o qual na interpretação d'ella devia de não guardar a sinceridade que este honrado nome significa.»

animavam e o dirigiam na redacção de uma grande obra em que trabalhava e que devia de ser a *Historia do futuro*, escripta evidentemente n'essa época, tendo o estranho sub-titulo—*livro ante-primeiro, prolegomeno a toda a historia do futuro*.

N'esse livro extraordinario, em que Vieira nos mostra de quanto seria capaz como historiador e do qual incluimos curiosos extractos na *Selecta*,<sup>1</sup> revela-se-nos a um tempo a larguezza genial das suas vistas, a nobreza do seu patriotismo, a elegancia e correcção do estylo despido dos europeis do gongorismo e, por outro lado, a subtileza de um espirito empenhado em encontrar nas escripturas, que possuia a fundo, o anuncio das grandezas reservadas a Portugal.

As suas considerações acerca do progresso do saber e da superioridade dos tempos modernos sobre os antigos são dignas de um Pascal e impõem-se á attenção dos exegetas.

Depois de narrar os successos maravilhosos da restauração procurando n'elles a realisação de varias prophecias, mostra com subtil hermeneutica que muitas phrases dos prophetas biblicos se devem applicar aos paizes longinquos descobertos pelos portuguezes<sup>2</sup> e assim pretende exemplificar a influencia que na interpretação dos textos exercem os progressos da cosmographia.

Era provavelmente este livro destinado a servir d'introducção á *Clavis prophetarum*, obra ainda hoje inedita, em que Vieira tanto trabalhou no ultimo quartel da sua vida, que tinha em singular apreço e cuja apparição os seus contemporaneos esperavam com respeitosa impaciencia.<sup>3</sup>

Na *Clavis prophetarum*, a que o seu biographo Barros faz larga e hyperbolica referencia, mostrava Vieira, ao que parece, quando e como se devia realizar o reinado perfeito de Christo sobre a terra, o qual seria o quinto imperio.

Era extraordinario o conhecimento que tinha das Escripturas, a cujo estudo se consagrava desde a adolescencia. A' erudição alliava um espirito arguto e subtil, que excogitava nos textos as mais inesperadas e, por vezes, impropias significações, adequando-os aos assumptos que menos correlação parecia terem com elles.

<sup>1</sup> Vide pag. 377. 453.

<sup>2</sup> Vide o trecho *Descripção do Maranhão*, pag.

<sup>3</sup> Em janeiro de 136 o geral da Companhia escreveu ao Padre Vieira a instancias da rainha de Portugal D. Maria Sophia, recommendando-lhe que concluisse e imprimisse a *Clavis prophetarum* empregando em o coadjuvar os religiosos que julgasse necessarios, devendo o provincial cumpir estas instruções se elle fosse chamado a melhor vida.

Dotado de razão clara e de vasta intelligencia, era ao mesmo tempo propenso á credulidade, descortinando nos pheno-menos astronomicos signaes reveladores do futuro e levando a crença em prophecias e vaticinios além dos limites do rasoavel.

Os grandes espiritos, até no erro a que a humana enfermidade os faz pagar tributo são grandes.

Vieira, sinceramente christão e amante da justiça, não podia crér que a religião de Christo tivesse dado todos os fructos de benção de que é susceptivel. Suppunha pois que o mundo presenciaria ainda a florescencia do culto divino, da justiça, da paz e de todas as virtudes christãs.<sup>1</sup>

O ardor do seu patriotismo e a grandeza que para o Brazil antevia faziam-no suppor que a Portugal estava renovada a missão historica de dilatar a fé e o imperio e alargar os domínios da civilisação christã.<sup>2</sup>

Os grandiosos destinos do seu paiz, julgava achal-os vaticinados nos livros biblicos e nos escriptos de modernos videntes, como S. Frei Gil, S. Bernardo, o Bandarra e outros.

Não nos julgamos com direito a sorrir compassivamente da credulidade de Vieira, que na apparição de um cometa encontrava no fim da sua vida thema para um opusculo: *Voz de Deus ao mundo e á Bahia* e na sua correspondencia de Coimbra e de Roma acceptava sem criterio a noticia de certos factos maravilhosos.

Vieira era do seu tempo, embora a penetração da sua vasta intelligencia lhe permittisse transcender não raro os horisontes dos contemporaneos.

Tambem os vindouros acharão muito que refugar e escarnecer na bagagem intellectual dos nossos dias.

Quando Vieira andava no Maranhão entregue aos seus trabalhos apostolicos, enviara ao bispo do Japão, confessor da rainha, uma memoria composta á beira do Amazonas e datada de 29 de abril de 1639, com o titulo de *Esperanças de Portugal, quinto imperio do mundo, primeira e segunda vida de D. João IV escripta por Gonsalianes Bandarra.*

<sup>1</sup> Entre as declarações de Vieira, referidas na sentença da Inquisição, lê-se a seguinte: «Que crê e tem para si que não ha de haver mudança alguma no estado da egreja, ácerca de ser governada sempre pelo summo pontifice, vigario de Christo; mas que conforme o que tem lido nas escripturas e doutores lhe parece ba de vir tempo em que a mesma egreja floresça muito mais em virtude, e tenha um estado muito mais excellente na perfeição, do que de presente tem, dando-lhe seus prelados e pastores muito mais reformados e santos, como havia na primitiva egreja, com cujo exemplo toda ella se reforma.»

<sup>2</sup> Vide o trecho intitulado *O quinto imperio* pag. 453.

## XXXVIII

Neste escripto singular, testemunho das aberrações de um grande espirito, destinado a consolar a viuvez da rainha, provava-se com as trovas do Bandarra que D. João IV fundaria o quinto imperio e que, tendo já falecido, havia de ressuscitar, visto ser o objecto de prophecias verdadeiras.

Os inimigos de Vieira denunciaram esse escripto á Inquisição e, com o fim de ser por ella processado, mandaram vir para Coimbra o seu auctor.

As extravagancias doutrinaes d'esse opusculo (que não vira a luz da publicidade) e de alguns sermões pregados muitos annos atraz foram a base do processo, cujo verdadeiro movel foi talvez a animosidade dos que então governavam o paiz e os velhos rancores da Inquisição contra o defensor dos christãos novos. Entre o terrivel tribunal e os jesuitas eram frequentes os conflictos. Assim em 1644 a Inquisição d'Evora processou o Padre Francisco Pinheiro, o que deu logar a pedirem os jesuitas a suppressão do tribunal em Evora, a reforma dos estylos da Inquisição em todo o reino e a isenção dos membros da Companhia da sua jurisdicção. O conselho da Inquisição queixou-se a D. João IV, o qual em cartas régias reprehendeu os jesuitas pelas sollicitações feitas junto da Curia romana contra aquele tribunal.

As luctas provocadas pela criação das companhias commerciaes deram ensejo a que Vieira criticasse os estylos da Inquisição e propozesse a sua reforma, levando de vencida os inquisidores na isenção do confisco concedida aos bens moveis dos commerciantes. Na propria sentença encontramos os vestigios d'esses rancores.<sup>1</sup>

A tempestade que se avisinhava não logrou intimidar Vieira, como o prova a audacia da sua linguagem, frisando a teme-

---

<sup>1</sup> «E sendo o reo ao mesmo tempo novamente denunciado no santo officio de haver dito em presença de algumas pessoas outras mais proposições se achou dissera as seguintes dignas de graves censuras:

«Que convinha ao bem d'este reino declararem-se nas inquisições d'elle os nomes dos denunciantes e testemuuhas, ou, como vulgarmente se diz, darem-se abertas e publicadas aos christãos novos, prezos pelo crime de judaismo; e que ácerca d'isso fizera varios papeis que déra a sua magestade, procurando persuadir-lhe ser o que mais convinha

«Que para a conservação d'este reino, era necessario admittirem n'elle judeus publicos, por serem os que conservam o commercio de que procediam as forças do mesmo reino; e que em quanto n'este, em tempo de certo rei, se permettiram os taes judeus, fóra elle muito mais opulento em riquezas e em pode

ridade no celebre sermão de Santa Catharina, pregado em 1663 perante a Universidade.<sup>1</sup>

Em 1663 foi pois denunciado o papel *Esperanças do mundo*. Em fins d'esse anno foi apresentado o libello pelo promotor do tribunal e Vieira havido como reu, sendo intimado a explicar as proposições incriminadas. Vieira não se deu por vencido e sem declinar a competencia do tribunal requereu que lhe comunicassem as proposições accusadas para poder allegar a sua defesa. As delongas, talvez propositadas na espectativa de mudanças no governo do paiz, fizeram demorar a apresentação da defesa. A' medida que o processo proseguia, Vieira, manifestava com desassombro crescente as suas opiniões, que julgava dignas de serem examinadas por um concilio; queixava-se de lhe coartarem os meios de se defender, arvorando-se por vezes de reu em accusador.

Ao mesmo tempo mantinha activa e despreoccupada correspondencia com D. Rodrigo de Menezes, referindo as suas molestias, apreciando os acontecimentos do dia e as vicissitudes da guerra. Repartia o tempo entre Coimbra e a quinta de Villa Franca nos arredores da cidade, onde procurava allivio para os seus padecimentos.

Em outubro de 1665 foi mandado recolher aos carcereis da Inquisição, nos quaes se entregou á composição da *Defesa do Quinto Imperio*.<sup>2</sup> As qualidades e defeitos de Vieira manifestam-se n'esse trabalho, notavel pelo cerrado da argumentação, que entra não raro pelos dominios da argucia e da subtileza. Revela-se n'elle o seu desprendimento aliado ao elevado conceito que fazia do seu merito, que não ignorava e de que por vezes se jactava nos seus escriptos.

Prolongava-se a lucta, em que os accusadores não levavam a melhor.

---

como agora são a republica de Hollanda, e outras, onde os proprios judeus se passaram, depois de serem expulsos de Portugal.

«Que não ha duvida que os iuquisidores faziam no santo officio os christãos judeus.» (Sentença do Santo officio *Obras ineditas*, 1.<sup>o</sup> vol. 1856).

Na carta escripta de Roma em 21 de dezenbro de 1669 á rainha da Inglaterra attribuiu Vieira o processo inquisitorial ás suas diligencias para a criação da companhia de commercio. «A companhia do commercio do Brazil que restaurou Pernambuco e Angola e deu cabedal ao reino para se defender, por ser invento e arbitrio meu, me tem trazido á presente fortuna, quando se pudera prometter uma muito avantajada e honrada a quem tivesse feito ao seu rei e á sua patria um tal serviço sobre tantos outros em que tantas vezes e com tão uteis effeitos arrisquei sem nenhum interesse a vida.»

<sup>1</sup> Vide *As lições dos cathedralicos* pag. 302.

<sup>2</sup> Vide pag. 384 e 444.

Tinha porém a Inquisição extrahido das *Esperanças do mundo* nove proposições que foram taxadas de «contrarias ao commun sentido catholico, fatuas, temerarias e escandulosas, offensivas dos ouvidos de pios e fieis catholicos, erroneas e injuriosas aos Santos Padres e escriptura sagrada, tendo sabor d'heresia».

Foram por ella submettidas ao exame de Roma, que confirmou as censuras pronunciadas.

Vieira, que sabia conciliar a liberdade d'espirito com o respeito filial da auctoridade legitima, submetteu-se docilmente ao juizo pontificio, como testemunha a sentença,<sup>1</sup> que foi proferida em 23 de dezembro de 1667.

A severidade das penas comminadas contrasta escandalosamente com o valor moral do reu, com a leveza da culpa e com a sua submissão final.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> «E usando o reu de melhor conselho com mostras e signaes de arrependimento, disse que como verdadeiro catholico e religioso se sujeitava com toda a lisura e sinceridade á dita resolução e censuras de sua santidade e seus ministros de Roma, aceitando, reverenciando, e reconhecendo por verdadeira doutrina a que la meza do santo officio se lhe havia dado nos exames e admoestações que no decurso de sua causa se lhe tinham feito, e que desde logo se desdzia e retractava de todas as sobreocitas proposições conteudas assim no dito papel do Quinto Imperio, e respostas que deu ácerca deile, como nos cahernos que tinha deixado na meza e nos sobreditos sermões que havia pregado; e não só desistia de as querer defender, explicar, e declarar o sentido dellas, como até então ia fazendo, senão que pedia e requeria, que, conforme a desistencia e retractação, fosse sua causa julgada nos termos em que estava, com a commiseração e piedade que esperava d' misericordia d'este santo tribunal.» — (Sentença do Santo Officio, *Obras ineditas*, 1.º vol. 1866).

<sup>2</sup> «O que tudo visto, com o mais que dos autos consta, e como o reo se desdisse e retractou de tudo o que contém as ditas suas proposições, que até então havia procurado defender, sem embargo das multiplicadas instancias que em contrario se lhe fizeram no decurso do seu processo, sujeitando-se ao que estava determinado por sua santidade e d'antes censurado pelos ministros do santo officio, como filho obediente da santa e greja catholica romana:

«Mandam que o reo o padre Antonio Vieira oíça a sua sentença na salle do santo officio, na forma costumada perante os inquisidores e mais ministros, officiaes e algumas pessoas religiosas, e outros ecclesiasticos do corpo da universidade, e seja privado para sempre de voz activa e passiva, e de poder pregar, e recluso no collegio ou c sa de sua religião, que o santo officio lhe assignar, d'onde sem ordem sua não sairá; e que por termo por elle assignado se obrigue a não tractar mais das proposições de que foi arguido no decurso de sua causa, nem de palavras nem de escripto, sob pena de ser rigorosamente castigado; e que depois de assim publicada a sentença, o seja outra vez no seu collegio desta cidadae por um dos notarios do santo officio em presença de toda a communidade; e que da maior condenação, que por suas culpas merecia, o revelam, havendo respeito á sobreocita desistencia e retractação, e a varios protestos que tinha feito de estar pela censura e determinação do santo officio, depois que nesse vissem a explicação e intelligencia que ia dando a todas as suas proposições, de que se lhe tinha feito cargo, e ao muito tempo da sua reclusão, e a outras considerações que no caso se tiveram; e pague as custas.» — (*Ibid.*)

O insuspeito bispo de Vizeu insurge-se contra a injusta severidade com que foi tratado Vieira sem consideração pelo seu glorioso passado e pela sua longa folha de serviços à Egreja e ao Estado.

*«Em summa que tudo bem considerado e contrapesado, as proposições notadas de Vieira mais me parecem paradoxos do que erros; mas extravagancias dignas de riso, que affirmativas perigosas merecedoras de uma seria e formal condemnação... Que se podia reservar para um heretico? para um corruptor da moral no sagrado do confissionario? para um traidor dos segredos da penitencia com desacato do ministerio, com ruina das consciencias, com escandalo dos fieis e talvez perigosas perturbações da ordem civil!»*

Em quanto corria o processo approximava-se na corte o desenlace da lucta entre os dois partidos que disputavam o poder, alcançando victoria a facção do infante D. Pedro.

Em 5 de outubro de 1667 entrava este triunphante no paço e em 23 de novembro assumia a regencia.

A Inquisição portugueza, instrumento servil do poder real, cortejou desde logo o sol nascente, a cujo influxo se deve attribuir a benevolencia havida para com Vieira depois de tão dura sentença.

Fôra esta lida ao reu perante todos os seus consocios. Poucos dias depois recebia elle a visita dos inquisidores, cujas attenções teem facil explicação no favor que Vieira encontrava em D. Pedro. <sup>1</sup>

Se este não esbulhasse da corôa o pobre D. Affonso VI, não mais se teria feito ouvir em publico a voz eloquente do grande pregador tratado como um perigoso malfeitor intellectual.

Vieira foi em extremo sensivel á injuria. <sup>2</sup> As feridas feitas

<sup>1</sup> «Por um escripto que aqui me chegou do secretario d'estado, soube da ordem que sua alteza que Deus guarde mandou, e entendi quanto o cuidado de vossa excellencia se adiantou para que esta demonstração de favor ou piedade se não dilatasse. Os senhores de ca (que me tem visitado por vezes) tiveram a mesma noticia, posto que ainda não o despacho. Outras coisas entendí d'elles que poderiam ser de algum allivio se as soubera o mundo.» (*Carta de 9 de Janeiro de 1668 ao duque de Caçaval*)

<sup>2</sup> «Os homens escreverão a sentença, o ceo a dictou e eu a aceitei com a paciencia e conformidade que se deve ás suas ordens. Sobre tanto desengano da vida estava e estou resoluto ao tratar como elle me tem tratado, e não apparer mais onde me veja.» — «Bem mal cuidou Antonio Vieira que a esta hora não estivesse muito longe de Portugal sendo para isso tão grandes as causas, cuja dor tanto cresce mais, quanto mais se vão esfriando as feridas. Mas os extremos do affecto e obrigação que devi n'este trabalho a vossa excellencia me prenderam de sorte que por não incorrer nota de ingrato quero antes viver affrontado na patria, entre os odios dos naturaes, que ir buscar em outros melhores partes do mundo a hora que sei me fazem por lá os estranhos. Vossa

ao seu amor proprio nunca deixaram de sangrar, apezar de lhe ser promettido no sim de pouco tempo o regresso a Lisboa.<sup>1</sup> Ao cabo de seis mezes Vieira era restituído ao pulpito, tendo sido impedido pela doença de pregar no dia dos annos da rainha em 21 de junho de 1668.

Segundo a judiciosa observação de D. Francisco Alexandre Lobo, a inconsequencia da Inquisição, permittindo que se imprimissem os sermões notados de mal soantes, sem os mandar corrigir, pouco tempo depois da sentença n'elles baseada, mostra bem que o seu principal movel no processo de Vieira foi o rancor e a subserviencia politica.

## VIII

Voltara o illustre orador ao theatro dos seus triumphos. Encontrou no principe regente deferencia e estima, não porem apreço dos seus talentos politicos igual ao que D. João IV lhe manifestara sempre.

Vieira era sensivel em demasia aos agravos. Tinha a consciencia do seu merecimento e não podia resignar-se ao affastamento da politica, sua principal vocação. Attraham-no os negocios publicos, não por vaidade ou por ambição, que ninguem houve mais desinteressado, mas pelo desejo de servir o paiz e de ver apreciado o seu talento.

A offensa que fôra feita á pureza da sua fé amargurava-lhe a existencia. Diligenciou pois ir a Roma para obter do Pontifice a revisão da sentença. Os seus superiores juigaram dever proporcionar-lhe n'essa viagem o remedio para o desgosto que o minava. Assim o refere Barros.<sup>2</sup>

Tratava então a Companhia de promover a canonisação de quarenta jesuitas portuguezes apresados no alto mar e marty-

---

excellencia me perdôe tanta ignorancia que, se em outro tempo houve em mim algum juizo, n'esta occasião se perdeu todo; e se o não perdi é porque o não tinha. Os golpes que chegam á alma, como ella é immortal, fazem o effeito nas potencias; e das minhas só me ficou a memoria para nunca se perder do que a vossa excellencia devo.» (*Cartas de 3, 8 e 16 de janeiro de 1668 ao duque de Cadaval*)

<sup>1</sup> «O passar de Coimbra para a Cotovia e da profissão para o noviciado não sei se é ir adiante se voltar atras.» (*Carta de 16 de janeiro de 1668 ao duque de Cadaval*)

<sup>2</sup> «Como sucede nas enfermidades do corpo ser proficuo o mudar de ares assim se julgou então conveniente que deixasse os da patria o padre Antonio Vieira e passasse a Roma. (*Barros—Vida*.)

risados pelos calvinistas em 15 de julho de 1570. Foi Vieira encarregado d'essa missão, sahindo de Lisboa em 15 de agosto de 1669.

Nos mezes que precederam a partida prégoou por diferentes vezes, sendo especialmente celebrado o panegyrico de Santo Ignacio de Loyola, pronunciado poucos dias antes de embarcar, que attrahiu á egreja extraordinaria concorrecia. Mencionaremos ainda, entre outros sermões da quaresma de 1669, um acerca dos pretendentes, prégado na capella real,<sup>1</sup> notavel pela excellente doutrina destinada «a consolar os mal despachados» e outro sobre a cegueira do entendimento.<sup>2</sup>

Entregou o regente a Vieira uma carta para João de Roxas de Azevedo, nosso residente em Roma, recommendando lhe tão sómente que o ajudasse nos negocios da sua religião de que ia encarregado «de maneira que se veja na confiança com que o tratar e communicar *qual é a estimacão que elle principe fez de sua pessoa.*»

A pretenção de passar por Inglaterra para sollicitar o patrocínio da rainha D. Catharina, que sempre se lhe mostrara affecta, não obteve deferimento do regente, exacerbando-se assim o ressentimento de Vieira que desejava obter mais decidido apoio. A omissão de qualquer referencia na carta á sua pretenção e tão injustificada recusa eram provavelmente devidas a não querer D. Pedro malquistar-se com os inquisidores.<sup>3</sup>

### VIII

Depois de longa viagem, em que os temporaes o fizeram arribar a Alicante e Marselha, chegou Vieira em 21 de novembro a Roma, tendo-se encontrado na segunda d'aquellas cidades com o principe herdeiro da Toscana, com o qual mais tarde tratou

<sup>1</sup> Vide pag. 150 e 216.

<sup>2</sup> Vide pag. 148 e 159.

<sup>3</sup> «A quem me queixarei do principe D. Pedro meu senhor, senão a vossa magestade? Por sua causa, depois do primeiro desterro, padeci as indignidades que me não atrevo a referir: e quando para o reparo d'ellas esperava o escudo de sua real protecção, nem una folha de papel para o seu embaixador pude conseguir, em que lhe encommendasse me assistisse n'esta curia.»

«... Quiz fazer a minha viagem a Roma por Inglaterra, para antes de morrer ter a consolação de ver a rainha da Gran-Bretanha minha senhora, (como ainda espero) e communicar a vossa magestade, de palavra, muitos particulares que se não podem fiar de papel; e só porque os N. N. N. não imaginassesem que sua alteza por este rodeio consentia no fim da jornada, me não concedeu que passasse uma vez por amor de mim aquelle mesmo canal de Inglaterra, em que sete vezes me vi perdido pela conservação da sua corôa.»  
(Carta de 21 de dezembro de 1669 a rainha d'Inglaterra.)

da alliança matrimonial entre as côrtes de Florença e Lisboa já insinuada por Vieira nas conversações de Marselha. Foi recebido com grandes demonstrações de consideração pelos seus consocios, sendo o proprio geral Oliva o primeiro a significar-lhe o apreço em que era tido.

Apenas chegado a Roma, tratou de se desempenhar da missão, que lhe confiara o duque de Cadaval, de lhe procurar casamento em Itália. E' sobremodo interessante a carta em que elle dá conta ao duque das suas diligencias, provando ao mesmo tempo com a sua sollicitude quanto sabia ser grato.

A correspondencia activa que manteve com D. Rodrigo de Menezes, Duarte Ribeiro de Macedo e o marquez de Gouveia durante a sua estada em Roma tem principalmente por assumpto os acontecimentos politicos da Europa e os negocios de que Vieira tratava, ministrando ao mesmo tempo curiosas informações sobre o viver de Roma.

Não podia conformar-se com o ostracismo a que era votado por D. Pedro. Recordava-se com amargura das importantes missões que D. João IV lhe confiara e que tanto contrastavam com o desfavor do filho.<sup>1</sup> Manifestava a cada passo profunda magua pela ingratidão de Portugal.<sup>2</sup>

Ao mesmo tempo a sua veia caustica não poupava os epi-

<sup>1</sup> «Se eu vira que em Portugal servia a sua alteza, tambem soubera ajuntar o seu serviço com o de Deus, como em outro tempo fiz, e não era necessário outro motivo para eu me não apartar de seus reaes pés; mas como experimentei que não era util para nada, e que este sagrado me não valia contra a perseguição de meus emulos, pareceu-me melhor tirar-me de seus olhos, e vêr se podia escapar de suas linguas, de que ainda me não vejo livre; mas estas setas de mais longe, ou não chegam, ou ferem menos; com que tenho a satisfação que n'este valle de miserias pôde lograr quem o conheceu tarde. Com isto tenho dito o que basta, para que a vossa senhoria lhe conste do estado de minha vida. e da disposição de meu auimo, que sempre foi, é, e será o mesmo, posto que mais desengajado, e tambem magoado; procurando porém de alcançar aquella sensibilidade, que só com a consideração, e com o tempo se pode mudar.» (*Carta de 11 de maio de 1571 a D. Rodrigo de Menezes*)

<sup>2</sup> «A peior circunstancia que isto tem, é o meu coração e desvelarem-me estas considerações em Roma, e na minha cella, quando tinha tantas rasões de o amor de Portugal se me converter em odio, e as memorias em detestações. Mas quando me haviam de doer as minhas bofetadas, dôo-me só das suas.» (*Carta de 21 de novembro de 1671 a D. Rodrigo.*) — «Lembra-me um dito de el-rei D. João ao capellão mór Manuel da Cunha, mas não quero fazer memoria dos mortos, por que me não causem as saudades que me não merecem os vivos.» (*Cartas 21 de fevereiro de 1671 ao marquez de Gouveia*) — «Se o principe que Deus guarde, lomara o conselho de algum vassalo que muito o ama, estivera o reino em estado e opulencia e poder, que o temeram os inimigos e o respeitaram os amigos; mas cuidamos que Portugal depois da paz se collocou no céu empvreo e que os motivos que perturbam o mundo já o não podem inquietar.» (*Carta de 10 de novembro de 1671 a D. R. de Macedo*)

grammas aos desconcertos que então se praticavam e ás luctas de ambições de que Roma era theatro.<sup>1</sup>

Embora mais espectador que actor, Vieira vae commentando com lucida critica e acrisolado patriotismo os successos do tempo e expondo a sua auctorizada opinião acerca dos negócios que a Portugal interessavam. Era um d'elles a nomeação de bispos, contrariada pelas intrigas da Hespanha e dos inimigos do nosso padroado no Oriente. Vieira allude á venalidade de certos cardeaes, que de Portugal recebiam rendas para patrocinar as suas pretensões e advogavam as dos contrarios, e n'uma carta de 3 de janeiro de 1673 para Duarte Ribeiro de Macedo defende com energia os direitos historicos de Portugal violados já então pela *Propaganda*.<sup>2</sup>

Os seus vastos planos de engrandecimento commercial do paiz, cuja realisacão dependia da reforma dos estylos da Inquisição, continuavam a constituir objecto das suas preocupações, tanto mais que o empenho de obter a revisão do processo

1 «Fez o vice-rei de Napoles, embaixador de obediencia, as suas entradas com grande ostentação; eu as vi, porque passaram pela nossa porta, sendo tão pouco curioso que morrem papas e se coroam, e nada vejo. Mais go-to de vêr em Roma as ruinas e desenganos do que foi, que a vaidade e variedade do que é, e com isto me parece o mundo muito estreito, e a minha cella muito larga; só me falta poder discorrer com vossa excellencia sobre isto uma tarde, ainda que não fôra á vista das moletas do Tejo, nem das hortas de Santo Antão. Hoje começam as mascaras do carnaval, em que eu digo as tiram, porque verdadeiramente mostram que não são por dentro o que parecem por fôra.» *Carta de 31 de janeiro de 1671 ao marquês de Gouveia*) — «Sua Santidade celebrou ante-hontem o dia de sua coroação, que cá se chamam os dias das mentiras, porque todos lhe significam que veja muitos similhantes, e é o menos que se deseja; mas a disposição em que se acha promete que lhes não dará este gosto em muitos annos.» (*Carta de 12 de maio de 1671 ao mesmo*) — «Vão continuando as soberbissimas exequias do cardeal Antonio, e de presente se fica fabricando nesta nossa egreja uma machina que custa da nossa moeda o melhor de doze mil cruzados, com que os herdeiros puderam casar muitas orphãs e dar maior gosto á alma do defuncto. Acaba a vida e não acaba a vaidade!» (*Carta de 27 de novembro de 1671 ao mesmo*)

2 «O padre Simão Teixeira, procurador da nossa assistencia, que vossa senhoria deve conhecer da universidade de Evora, fez sobre esta materia um tratado largo e muito douto e erudito, de que nmando a vossa senhoria a summa. D'elle consta o nosso direito, e como nenhum outro principe o pôde ter, nem pretender, antes *eo ipso* incorre em excommunicação reservada ao papa, que é um particular motivo com que o padre confessor pôde efficazmente insistir no seu bom animo, e o deve fazer para descargo da consciencia d'el-rei e seus ministros.

A este direito se ajunta a posse de mais de 200 annos, continuando sempre os reis de Portugal na assistencia das mesmas conquistas com infinitas despezas, de que os mesmos pontifices fazem menção nas suas bullas, com que a doação d'aquellas terras e mares, e o direito de levantar egrejas, e nomear bispos nas conquistadas e por conquistar passou a contracto oneroso etc.

Os governadores seculares e eclesiasticos da India resistiram sempre aos bispos mandados pela propaganda, e de facto tornaram a embarcar e mandar

de Coimbra avivava-lhe a memoria das verdadeiras causas da perseguição que sofrera.<sup>1</sup>

A esse tempo procuravam a França e a Inglaterra adquirir poder e influencia na India. Vieira via o perigo e lembrava de novo o alvitre que havia perto de trinta annos propozera.<sup>2</sup>

para Europa alguns d'elles, um dos quaes se acha hoje em Roma, e João Nunes da Cunha, sendo vice-rei, pouco antes de morrer escreveu uma carta ao cardeal Ursini, em que lhe dizia (palavras formaes) que se à India fossem bispos não nomeados por el-rei de Portugal, os havia mandar enforcar na praça de Gôa, ainda que fosse com o risco de a congregação da propaganda os declarar por martyres, e que soubesse sua eminencia e a congregação, que não haviam escapar em nenhuma parte, porque elle tinha soldados e armadas. Atéqui aquele nosso amigo, que deixou em Portugal poucos herdeiros da sua resolução e espiritos.

A congregação insiste; em Portugal não se toma este negocio tão resolutamente como devia, e o residente procede mais lentamente do que a nós nos parece convilha. Intende-se que toda esta dureza da congregação é animada das instancias de França, e frsqueza das nossas, e tudo se reduz áquelle principio de poder, ou não poder, que nós não queremos remediar.

O meio que isto tem é não ter meio. Portugal não ha de ceder do seu direito, e a egreja e christandade não se pôde conservar com estas divisões. O que convem é que o nosso principe nomeie todos os bispos, que a congregação não mande outros, e que faça retirar aos que tem mandado; e que se o papa julgar são necessarios outros, Portugal os nomeie, e vão por via de Portugal, e que no reino, em Roma, em França e em toda a parte insistamos todos n'isto, sem fazer pé atraz, nem abrir porta ao contrario, sob pena de sermos arruindados por esta brecha, que por tantas vias se está batendo.

<sup>1</sup> «Não quero que sejamos ricos, quero sómente que conheçamos a nossa fraqueza e o nosso evidente perigo, e que tratemos de prevenir o precisamente necessário para conservar a liberdade, o reino e as conquistas; e suposto que estamos conhecendo e padecendo, com tantos desreditos, a impossibilidade dos quatro palmos de terra que Deus nos deu na Europa, porque nos não havemos de valer da nossa situação, dos nossos portos, dos nossos mares e dos nossos commercios, em que Deus nos melhorou e avantajou ás nações do mundo? Todas nos invejam esta felicidade, e deixam as suas patrias para a vir buscar e lograr entre nós; e só nós nos não sabemos aproveitar d'ella, e enriquecemos as terras estrahuas com os instrumentos nascidos e creados na nossa, que a poderam fazer a mais florente e poderosa de todas.» (*Carta de 31 de dezembro de 1772 a D. Rodrigo de Menezes*) — Vide a nota 1, pag. 38 e 39.

<sup>2</sup> «Os apparatus de Fraça merecedores são do cuidado de toda Europa, posto que dos Piryneos para lá, parece não são eridos, segundo as desattenções de todas aquellas gentes. E que máu seria, senhor, que agora tivessemos na India com que nos aproveitar de tão boa occasião, e da disposição dos reis gentios? Não faltou quem o dissesse ha mais de dois annos, nem falta quem o lembre em todos os correios: e se desculpam com a falta de cabedal, quando tratam de lançar fóra o que só teem, e não querem admittir o que se lhe pudéra ajuntar: que opportuna fóra agora uma poderosa companhia oriental, pela qual tenho gritado e padecido tanto! Não pode haver maior cegueira, que não querer ser rico e poderoso com o cabedal alhéo.» (*Carta de 24 de novembro de 1671 a D. R. de Macedo*) — «Eu ha mais de tres annos aconselhei fizessemos uma companhia oriental, e que para isso se desse tal liberdade aos christãos novos de dentro e fóra do reino, que tivessem lá seguras snas fazendas e pessoas, apontando taes meios e condições com que a fé ficasse muito melhorada, os peccados diminuidos, a honra recuperada, e a fazenda e poder immensamente crescido. Mas não parece isto bem áquelle com quem eu não trocarei a minha christandade, nem os que sentem isto mesmo, o seu juiso.» (*Carta de 29 de fevereiro de 1672 ao mesmo*.)

Eram porém baldadas as suas advertencias, cujo desprezo provocava amargas ironias.<sup>1</sup>

Em maio de 1671 fora praticado em Odivellas um sacrilego desacato que provocou grande indignação em todo o paiz, sendo atribuido, com ou sem razão aos christãos novos, cuja expulsão foi resolvida. E' digna de ler-se a carta confidencial em que Vieira expõe a sua opinião sobre tão violenta medida.

Vamos por isso reproduzir a parte mais importante:

«Manda-me vossa senhoria diga o que sinto ácerca do caso de Odivellas, e remedio de similhantes escandalos. Confesso a vossa senhoria que no mesmo dia em que chegou a nova, com a sagrada hostia nas mãos, me senti inspirado a dizer o que se me offerecia: mas considerando que as rasões que eu dissesse, bastava serem minhas para que não se aceitassem, me pareceu melhor deixal-as á ventura de que occorressem a outros sem este perigo, posto que segundo a copia do decreto que cá chegou, vejo que ou não occorreram, ou não foram recebidas, com que me cresce novo motivo de desconfiar dellas. Comtudo, porque vossa senhoria me manda, e fallo com vossa senhoria, farei conta que não passam de mim; e assim direi brevissimamente o que diante de Deus julgo por mais conveniente a seu serviço e de sua alteza, que é o mesmo.

«Os damnos, senhor, que experimentou atégora Portugal com os christãos novos, se reduzem principalmente a cinco. Primeiro, a contagião do sangue pela mistura com os christãos velhos. Segundo, os sacrilegios occultos que são infinitos e sabidos. Terceiro, a infamia da nação pela lingoa que fallam em todo o mundo. Quarto, a perda das conquistas, com a extensão da heregia, e impedimento da propagação da fé, pelo que ajudam as armas, e poder dos hereges. Quinto, a diversão e extinção do commercio, cujas utilidades logram os estrangeiros, assim pelos mercadores que teem em Portugal, como pelos cabedaes dos portuguezes, que por medo da confiscação, trazem seguros em todas as partes de Europa, etc. Se os meios que se propuseram e se teem decretado, foram sufficientes para acudir a estes inconvenientes, não havia mais que desejar. E' porém, certo, que, excepto o primeiro damno dos casamentos, que em

<sup>1</sup> «Nem temos conhecimento nem sentimento. Contentamo-nos com que o duque de Bragança seja rei de Portugal, e não nos doe que o rei de Portugal não seja o que era.» (*Carta de 16 de agosto de 1672 a I. R. de Macedo.*) — «E nós cuidamos que com ter duas gondolas em que passear a Salvaterra, somos reis d'aquem e d'álém mar. A nossa pobreza de espirito nos poderá segurar o reino do céu; mas não sei se o da terra.» (*Carta de 7 de fevereiro de 1673 ao mesmo*)

parte se remedea, todos os outros não só ficam em pé; mas com muito mais damnosas e evidentes consequencias, assim para a mesma fé, como para o estado. Se é este o commum sentir de Roma e de toda a Europa, informe-se sua alteza de seus ministros. Eu só posso testimunhar desta casa, que, como já disse a vossa senhoria, é uma abreviatura do mundo. Ao padre assistente e mais portuguezes que aqui nos achamos, parece que a dita resolução se não devia tomar, e muito menos executar-se, pelos manifestos inconvenientes della, a que não chamam menos que perdição do reino e das conquistas. O mesmo sentem os padres italianos, francezes e allemaes, não com pouca admiração do decreto, ainda que com grande reverencia do zelo de sua alteza. Só os castelhanos por dentro estimam muito esta expulsão, não só pelo que experimentam na sua dos granadinos, mas porque consideram a diferença, e consequencias que se lhe podem seguir, tirados de Portugal e passados á Castella os que com os seus cabedaes sustentaram a guerra, etc. A materia não era para tanta brevidade; mas fallo com vossa senhoria ficando certo, que quando vossa senhoria reprove este pensamento, não deixará vossa senhoria de conhecer que tenho visto muito mundo, e ouvido aos maiores homens delie, estudo alguma coisa, e sacrificado a vida á propagação da fé, e padecido muito por ella, e que só tenho no coração a gloria de Deus, o serviço e honra do meu principe e a conservação e augmento da sua monarchia, sem nenhum outro interesse humano. Olhemos solidamente, e não por apprehensões do vulgo, para o que verdadeiramente é fé e religião, e servir a Deus e augmentar sua honra e evitar peccados e salvar almas: e se o principe, que Deus guarde, quizer tudo isto, e ser juntamente o mais poderoso monarca do mundo, use da occasião que tem entre mãos, e sem mais despeza que o seu beneplacito o poderá conseguir. *Soli, soli, outra vez* »

N'outras cartas desfecha elle pungentes ironias sobre os zelos inquisitoriaes.<sup>1</sup>

Os christãos novos recorreram á protecção de Roma, o que deu logar a prolongadas negociações em que Vieira interveio por mais de uma vez.

<sup>1</sup> «Oh se vossa senhoria ouvira rir aos mais santos e mais doutos homens do mundo, das implicações, a que nós chamamos zelo da fé, perdendo milhares de leguas d'ella, quando cuidamos que queremos conservar polegadas, no que tambem nos enganamos, com a cegueira que todo o mundo vê e abomina, e só nós não vemos, porque nos fecham os olhos etc. Acabo com o que disse aqui um grande theólogo: Fazem isto os portuguezes, e o peior é que se não bão de confessar d'isso. Só digo que esta será a ultima palavra que direi n'estas matérias, e que só me obrigará a fallar n'ellas o escrupulo de a não manifestar,

Tinha D. Pedro resolvido acceder ás instâncias l'aquelles concedendo-lhes o recurso ao pontífice sobre a adopção dos estylos da Inquisição de Roma em substituição dos que vigoravam em Portugal e sobre o perdão geral.

Os tumultos que rebentaram em Lisboa em 1673 e os manejos dos inquisidores fizeram-no mudar de parecer.

A noticia d'estas occorrencias entristecia a Vieira.<sup>1</sup>

O procedimento do regente era vivamente criticado em Roma.<sup>2</sup> Vieira temia, com razão, que as cōrtes prestes a reunir-se dessem o seu apoio á Inquisição.<sup>3</sup>

Com efeito n'uma carta dos inquisidores ao regente datada de 2 de maio de 1674 lê-se: «A universidade de Coimbra, o tribunal do Santo Officio, os bispos d'este reino e muitos letrados particulares tem offerecido a vossa alteza papeis tão doutos sobre esta materia que tudo o que de novo se disser será repetir.» As cōrtes representaram igualmente contra o perdão geral dos christãos novos e a reforma da Inquisição.

Existem varios escriptos de Vieira em que elle patenteia os abusos da Inquisição portugueza.<sup>4</sup> Não podemos fixar a verdadeira data de cada um d'elles, nem affiançar que todos sejam authenticos. Assim, encontra-se no 1.º volume das *Obras varias* uma extensa memoria, intitulada *Noticias reconditas do modo*

---

sendo vossa senhoria um ministro tão interior de sua alteza, e mandando-me que o diga. E se vossa senhoria ainda me não consegue, saiba que diz estes disparates a vossa senhoria quem tem estudo quarenta e cinco annos pelos theologos, e estima mais não commetter um peccado venial, que todas as corôas e tiaras do mundo.» (*Carta de 21 de novembro de 1671 a D. Rodrigo de Menezes*) — Sabemos chorar e não sabemos pôr remedio. Enlutamo-nos por um desacato publico e não olhamos para os occultos que mandamos fazer por obrigação a quem não tem vontade d'isso.» (*Carta a D. R. de Macedo*)

«Dizem que era vindo a Lisboa o bispo de Leiria em socorro da inquisição, onde no tempo da sua secretaria lhe fizeram um filho deputado, e não digo mais a vossa senhoria, porque até agora não sei mais. Queira Deus trazernos melhores novas do que tudo isto prognostica, e dar-nos melhor opinião do que a noticia d'estas coisas nos grangêa em Roma.» (*Carta de 29 de agosto de 1673 a D. R. de Macedo*)

«Aqui se diz publicamente que em Portugal é melhor ser inquisidor que rei.» (*Carta de 26 de setembro de 1673 a D. R. de Macedo*)

«Sai tambem com certeza authenticá que os inquisidores pediram e desejaram muito as cōrtes, para no congresso dos bispos, que todos foram ministros daquelle tribunal, ajudados dos procuradores das suas dioceses, e das dependencias que teem, não poucas no braço da nobreza, com todo o corpo do reino, darem um grande abalo no negocio que aqui se tem principiado, e pôr-lhe perpetuo silencio, como pedem a sua alteza com repetidos memoriaes, com que não mostram grande confiança da sua justiça; mas não será a primeira vez em que possa mais a força que o direito. O remedio que isto podia ter, aqui se conhece e se procura, e se se conseguir e chegar a tempo não deixará de ser de algum efeito.» (*Carta de 21 de novembro de 1673 a D. R. de Macedo*.)

<sup>1</sup> Vide pag. 40, 406, 409, 416.

*de proceder a Inquisição com os seus presos*, dizendo-se que foi uma informação pedida por Clemente X a Vieira, da qual resultou estar a Inquisição suspensa por sete annos desde 1674 a 1681.

Embora esta memoria traduza as opiniões do grande jesuita e pareça pelo estylo obra sua, suppõe-se ser apocrypha e attribue-se a David Neto, medico portuguez que em 1701 presidiu a synagoga dos judeus portuguezes em Londres e que teve talvez conhecimento da informação apresentada ao papa.<sup>1</sup>

A verdade é que só de 1678 a 1681 esteve suspensa a Inquisição por Innocencio XI, depois de porfiada lucta, por breve de 24 de dezembro d'aquelle anno, que tornava essa suspensão effectiva se no prazo de 10 dias o Santo Officio não remettesse para Roma processos de christãos novos que a Santa Sé queria mandar revér.<sup>2</sup>

E' possivel e natural que para isso contribuissem as diligencias e informações de Vieira durante a sua estada em Roma, onde era muito considerado, graças á fama que adquiriu como orador.

Prégou elle por varias vezes na egreja de Santo Antonio dos portuguezes, sendo um dos mais notaveis o sermão de cinzas de 1672.<sup>3</sup> A fama da sua eloquencia levou os romanos a desejarem ouvil-o prégar em italiano.

Debalde allegava o nosso Vieira o apoucado conhecimento de lingua estranha e a aspereza da pronuncia; teve de ceder á instancias honrosas e ás ordens do seu geral.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> «Segundo refere Innocencio, dão-se como obra de auctor desconhecido as *Noticias reconditas* n'uma copia de 1748, que comprehende duas partes, uma em portuguez e outra em hespanhol; a primeira foi impressa em 1821 e attribuida a Vieira.

<sup>2</sup> «O que não sómente se não tem satisfeito, mas antes, buscando varios pretextos, experimentamos que os ministros d'esta inquisição cada vez mais se obstinam e nos contradizem.» — «Querendo nós com remedios oportunos refreiar uma tal contumacia, a qual se conclue ser encaminhada não menos ao desprezo nosso e da Sé Apostolica que á subtracção da justiça que Deus constituiu na sua Santa Egreja, etc.» (*Breves de 24 de dezembro de 1678.*)

<sup>3</sup> «Vide pag. 66 e 68.

<sup>4</sup> «Se vossa excellencia ouvir dizer que o padre Vieira prégou em Roma em lingua italiana, não condemne vossa excellencia a temeridade, porque elle a teve por tal; resistiu sempre, não só aos empenhos de grandes senhores d'esta corte, mas ao desejo e instancias do seu geral, o qual, por ultima resolução, lhe poz obediencia que prégasse, respondendo a todas as suas objecções: que lhe mandava que se deshonrasse a si, o deshonrasse a elle, e deshonrasse a companhia; e assim o fiz.» (*Carta de 24 de setembro de 1672 ao marquez de Gouveia.*)

De tal modo se sahiu da empreza que foi convidado a pregar perante o collegio dos cardeaes.<sup>1</sup>

Com a mesma liberdade de critica com que verberara os vicios de outros auditórios, censurou Vieira a ambição ecclesiastica e as tentações do poder em varios dos seus sermões.<sup>2</sup> Residia então em Roma a rainha Christina da Suecia, que se convertera ao catholicismo e abdicara a corôa.

Era dotada de vivo engenho e possuia não vulgar ilustração, como se deprehende do trecho inedito de Vieira que reproduzimos no autographo.

Manifestou desejos de ouvir o orador, cujos talentos Roma inteira celebrava e pretendeu nomeal-o seu prégador. Accedeu Vieira ao convite, mas recusou a nomeação por ser prégador do rei de Portugal.

Os discursos conhecidos pela denominação generica das *Cinco pedras da funda de David* e o das *Cadeias de S. Pedro* foram proferidos na presença da rainha.

Muito celebrado foi no tempo um torneio philosophico no palacio d'esta sobre o thema: «*qual dos dois philosophos tinha mais razão, se Heraclito que de tudo chorara, se Democrito que de tudo ria.*» Foi Vieira o advogado das lagrimas e desempenhou a missão com a sua habitual subtileza, sacrificando mais uma vez nos altares do cultismo.

O clima de Roma não lhe era propicio. Foram frequentes e graves as doenças que o acommetteram, obrigando-o a pedir melhoras por mais de uma vez aos ares de Albano, até que, resistindo a todas as instancias, voltou para Portugal,<sup>3</sup> não sem ter primeiro obtido de Clemente X um honroso breve que o isentava da jurisdicção inquisitorial e o punha ao abrigo das perseguições do Santo Officio.<sup>4</sup>

<sup>1</sup> «E sem embargo dos defeitos de pronuncia de que n'elle me desculpo, foi tão bem recebido dos cardeaes e grandes d'esta corte, que o mesmo padre geral me tem avisado para pregar em dois congressos em que assiste junto todo o sagrado collegio a instancias das mesmas eminencias. E' o unico prégador que tem o papa e o maior das Italias, e quer elle e muitos que eu lhe succeda no officio.» (*Carta de 22 de outubro de 1672 a D. Rodrigo de Menezes.*)

<sup>2</sup> Vide pag. 41 e 137.

<sup>3</sup> Vide pag. 397.

<sup>4</sup> «O seguinte trecho de uma carta escripta de Albano em 22 de fevereiro de 1675 a D. R. de Macedo revela as justificadas apreensões de Vieira e o motivo por que solleitava o breve:

«Procurei infallivelmente encaminhar a viagem por Paris, e com o amor e conselho de vossa senhoria consultar a minha vida e logar d'ella, que é materia muito duvidosa, e cheia de grandissimos riscos, grangeados todos pelo

Sahiu Vieira de Roma em 22 de maio de 1675, fazendo caminho por Florença a fim de tratar do casamento do filho do grão-duque, seu amigo, com a filha de D. Pedro.

O clima de Portugal não era mais favorável à sua saúde que o de Roma, pelo que lhe aconselharam os médicos o trocasse pelo do Brasil.

Permaneceu todavia em Lisboa alguns anos, tendo sido nomeado consultor da congregação.

Em 1678 renovou a rainha da Suecia instâncias para o nomear seu pregador e fazê-lo voltar a Roma. Desculpou-se Vieira com a idade e os achaques, louvando-se na decisão do geral<sup>1</sup> e recomendando as devidas atenções para com D. Pedro.

Consultava-o este de tempos a tempos; encarregou-o até, pouco depois do regresso de Roma, de dar parecer sobre o casamento da princesa, mas não tinha por Vieira a estima e consideração a que lhe davam justiça e os serviços.

Acanhado d'espírito, pouco ilustrado, enfeudado à Inquisição, o príncipe não podia sympathisar com um homem de tão diferente pensar e de tão larga esfera, sabendo alliar o respeito à franqueza corajosa e a fé à tolerâcia. Com que tédio presenciaria Vieira as scenas a que dava lugar a questão dos cristãos novos: a rebeldia da Inquisição às ordens de Roma, as ameaças de um scisma,<sup>2</sup> as intrigas a que elle próprio não escapava,<sup>3</sup> a triste situação do paiz!

serviço de quem, devendo-os agradecer, me não quer livrar nem segurar d'elles podendo tão facilmente. Antes de partir, quando assim se resolva, verei se posso levar uma imunidade pontifícia, que absolutamente não parece seria difficultosa; mas vossa senhoria conhece bem a razão de estado da minha religião, posto que os que a governam n'este mesmo ponto me tenham feito grandes promessas, que ao perto não são tão faceis de cumprir.»

<sup>1</sup> «D'esta sorte fico esperando o parecer de vossa paternidade, posto que moribundo nas mãos de Deus, incerto sómente se a sepultura que será assignada em Roma ou no Brasil, não deixando porém de considerar que nem uma viagem nem outra poderei fazer sem dar parte ao príncipe, como seu pregador e subdito da casa e capella real.» (*Carta de 30 de janeiro de 1679 ao geral Paulo Oliva.*)

<sup>2</sup> «Propõem que se levantarão o reino e que se arrisca o pontífice a lhe perderem a obediência em Portugal se no santo ofício e seus estylos houver alguma mudança: estes são os termos da nossa justiça e este o zelo da nossa fé.» (*Carta de 1 de julho de 1676 a D. R. de Mahedo*)

<sup>3</sup> «Fallo poucas vezes a sua alteza, porque ainda que me dá grata audiencia e digo alguma parte do que me convinha, vou experimentando que tudo é sem fructo; e assim por esta razão, que por si só bastava, como pelo pouco gosto com que ali sou visto dos que assistem mais de perto, estou-me na minha cella mas nem aqui me deixam.» (*Carta de 3 de fevereiro de 1676 ao mesmo.*) — «O nuncio me mandou hontem visitar pelo seu auditor (porque nem eu o vejo nem elle a mim para evitar falsos testemunhos.)» (*Carta de 30 de maio de 1679 a D. R. de Macedo.*)

Tomava-lhe então o tempo a publicação dos sermões, cujo primeiro volume apareceu em 1679, depois de certas dificuldades, em obter approvação.<sup>1</sup>

A interessante correspondencia mantida com D. R. de Mace-  
do mostra como elle seguia attento os acontecimentos, dando lar-  
gos n'ella, ora à sua veia caustica, ora ao seu patriotico des-  
animo. A questão do Sant. Officio, que se achava então no pe-  
riodo agudo, interessava-o sobremaneira.

Finalmente partiu para o Brazil em 27 de janeiro de 1681,  
desgostoso da forma por que D. Pedro o tratara, até mesmo na  
despedida.<sup>2</sup> Não foi de tão pouca monta o aggravo que o caute-  
loso Barros não alludisse a elle com sentimento.

## X

Após 40 annos de ausencia regressou Vieira á Bahia e foi  
fixar a sua residencia n'uma casa de campo da Companhia, cha-  
mada a quinta do *Tanque*, onde repartia o tempo entre a oração,  
o estudo e a publicação dos sermões. Para quebrar o silen-  
cio foi necessário que os superiores interpozessem a sua aucto-  
ridade.

Servia-lhe de secretario o padre João Soares, seu insepara-  
vel companheiro no Maranhão, em Portugal, em Roma, e agora  
no Brazil até ao fim da sua vida, compartilhando todos os tra-  
balhos de Vieira com inalteravel dedicação. Por vezes dizia-lhe este  
no Maranhão, quando iam para ceiar: «*padre José, façamos esta  
façanha por Christo: mandemos a nossa ceia a um pobre*», ao  
que elle annuia, animado pelo mesmo sentimento de caridade.

A sua admiração e affecto por Vieira não conheciam limites,  
despresando as enfermidades proprias para que não lhe faltas-  
sem cuidados.

São frequentes na correspondencia de Vieira as referencias  
ao seu fiel companheiro, que nos ultimos tempos lia e escrevia  
por elle, suprindo a sua falta de vista e saude.

<sup>1</sup> «E como o principal motivo do retiro foi a satisfação que fui obrigado a  
dar a sua alteza da calunia que a vossa senhoria é presente, tendo-me orde-  
nado o mesmo senhor lhe dê o primeiro livro que pretendo estampar para que  
com a sua real auctoridade se vençam as difficuldades da approvação.» (*Carta  
de 9 de fevereiro de 1677 a D. R. de Maceio.*)

<sup>2</sup> «Sua alteza, que Deus guarde, foi servido de as confirmar (*as causas da  
partida para o Brazil*) com a grata crença que logo me deu, a que se seguiram  
outras demonstrações que não podia esperar quem tanto tinha servido e pade-  
cido.» (*Carta da Bahia, de 23 de maio de 1682, ao duque de Cadaval.*)

Dois annos apenas lhe sobreviveu conservando inalteravel a dör pela perda de aquelle a quem consagrara tão desvelada amisade, digna de elogiosa menção.

Pouco tempo depois da chegada á Bahia recebeu Vieira a noticia da brutal affronta que na ausencia lhe fizeram os seus inimigos, chegando ao extremo de o queimarem em effigie em Coimbra e, para mais, na universidade.

As repetidas instancias do embaixador portuguez em Roma tinham arrancado a Innocencio XI, em 1681, a revogação do breve que suspendera a Inquisição e a restituição do Santo Officio «com grande utilidade e alegria do reino», no dizer do indigesto historiador da casa real, D. Antonio Caetano de Sousa.

Os inimigos de Vieira, que nada podiam contra a sua pessoa em vista do breve que o subtrahia aos rancores inquisitoriaes, aproveitaram provavelmente o ensejo de o enxoalhar, incitando contra o seu nome a populaça de Coimbra e promovendo a queima da sua effigie no pateo da Universidade, em cuja capella prégara 22 annos antes o celebre sermão de Santa Catharina! Era justo que, no momento em que á Santa Sé se arrancava a restauração do barbaro tribunal—instrumento servil da realeza, quando á não dominava—alheado das regras de moderação e equidade da Inquisição romana, era justo que as chaminas lambessem a effigie do grande apostolo da caridade christã, do defensor intemerato dos christãos novos.

Quanto foi sensivel a tal injuria o coração de Vieira, mostra-o a sua carta de 23 de maio de 1682 ao marquez de Gouveia.<sup>1</sup>

Um anno depois as honras que lhe concedia a universidade

---

<sup>1</sup> «Outras novas chegaram cá (para que dê conta de mim a vossa excellencia como d'antes) as quaes se me quizeram encubrir ao principio, mas deram tamanho echo, que foi força chegarem-me aos ouvidos. Não merecia Antonio Vieira aos portuguezes, depois de ter padecido tanto por amor da sua patria, e arriscado tantas vezes a vida por ella, que lhe anticipassem as cinzas, e lhe fizessem tão houradas exequias. Fez-me porém Deus tanta mercê, que nem com os primeiros movimentos senti um tão exorbitante agravo, o qual se me não havia de fazer se os executores ou motores não estivessem persuadidos que antes lisougeavam, que offendiam a quem não fez a demonstração que devera. Quizeram muitos que a fizesse eu, e que no primeiro navio mandasse impedir a impressão do livro que lá tinha chegado, e que não escrevesse mais na lingua de uma nação que assim me tractava, antes o fizesse na castelhana, italiana ou estrangeira, em cuja piedade tinha mais seguro o credito, que na furia dos meus naturaes. Eu comtudo tive por mais conforme à vida, ou morte, que professo, não alterar nada do exercicio em que me tomou este caso; e assim continuarei em quanto me não constar que vossa excellencia approva o contrario.»

do Mexico, dedicando-lhe umas theses, avivaram a memoria do aleivoso auto de fé que tanto o maguara.<sup>1</sup>

Na carta em que faz o paralelo da homenagem com o insulto, allude aos desgostos que lhe amarguravam o ultimo quartel de tão longa vida, durante a qual foi, como quasi todos os homens de talento e de virtude, alvo das injurias e aleives das almas de ruim condição.

A inveja, o odio, a calunia, seguiram-no sempre como ao triumphador romano o escravo encarregado de o insultar. O oiro d'aquelle nobilissimo coração foi bem depurado no cadiño do sofrimento.

Sucedeu em 1682 a Roque da Costa Barreto no governo da Bahia Antonio de Souza de Menezes.

Era secretario d'estado Bernardo Vieira Ravasco, irmão de Vieira, homem de espirito culto e caracter justamente considerado.

As arbitrariedades do governador oppoz aquelle o regimento real por que tinha de se conformar, tornando-se assim alvo da sua animosidade. Foi suspenso do exercicio do emprego, e contra o filho e um sobrinho deu-se ordem de prisão.

Por esse tempo foi morto n'uma rixa um parcial do governador. Aproveitou este o ensejo para se vingar do secretario, não só mandando-o prender incomunicavel, como suposto cumplice do assassino, mas até affirmando que o crime fôra planeado com assistencia e conselho de Vieira e seu irmão no collegio dos jesuitas, onde nenhum dos dois tinha estado.

Apenas constou tão caluniosa imputação, deixou Vieira, a instancias dos seus consocios, o retiro da quinta do *Tanque*, e veiu á presença do governador para desaffrontar a sua dignidade em termos respeitosos, com os quaes contrastou a replica violenta e grosseira do seu accusador, que acabou por expulsal-o brutalmente, prohibindo-lhe que voltasse ao palacio.

Gonçalo Ravasco de Albuquerque, sobrinho de Vieira, veiu

<sup>1</sup> «Na universidade de Mexico me dedicaram umas conclusões de toda a theologia, que eu remetto e dedico a vossa excellencia: e posto que da empreza da phenix, das palmas, e das trombetas, nenhum caso faço, porque tudo é vento e fumo, não posso deixar de me magoar muito, que no mesmo tempo em uma universidade de portuguezes se affronte a minha estatua, e em outra universidade de castelhanos se estampe a minha imagem. Por certo que nem a uns nem a outros merecia eu similhantes correspondencias. Mas assim havia de ser, para que quanto em uma parte se faltou á justiça, tanto se excedesse na outra. E para que não pareça que são isto influencias da America, quando na que é sujeita a Castella me honram d'este modo, ua que é sujeita a Portugal me fazem as affrontas, de que vossa excellencia será informado por outras vias.» (Carta de 24 de junho de 1783 ao marquez de Gouveia.)

a Lisboa pedir justiça para seu pae e tio injustamente perseguidos e infamados. Em carta de 23 de junho de 1683 recomienda-o Vieira á protecção do duque de Cadaval,<sup>1</sup> e em 4 de julho seguinte refere o ocorrido ao marquez mordomo-mor.<sup>2</sup>

Antecipou-se Antonio de Sousa em dar ao rei informações que o possesem de sobreaviso contra as queixas que lhe seriam submettidas, logrando o seu intento, pois que D. Pedro recebeu desabridamente Gonçalo Vieira, dizendo-lhe «que estava muito mal com seu tio o padre Antonio Vieira, porque descompozera o governador.»

Corria entretanto na Bahia a devassa sobre a morte do alcaide-mór, apurando-se a innocencia de Bernardo Vieira, que foi posto em liberdade.

Como se não bastassem os desgostos, veiu tambem a doença torturar Vieira.<sup>3</sup> Alquebrado pelos soffrimento physicos e moraes, tal impressão lhe causou a noticia do mau conceito que d'elle mostrara formar D. Pedro II, que adoeceu de novo, como elle mesmo conta em carta de 5 de agosto de 1686 ao marquez mordomo-mór.<sup>4</sup>

E' verdadeiramente digna de lastima a severidade com que o bispo de Vizeu e J. F. Lisboa apreciam a nimia sensibilidade de Vieira ao regio desfavor.

Que admira que um velho de 76 annos, mal convalescido de doença grave, crivado de desgostos e accusado de fautor e inspirador de assassinos, não recebesse com estoica frieza um aggravo de quem só lhé devia estima, e respeito? Elle mesmo confessa a sua fraqueza.

«Tendo sempre animo para supportar outros grandes golpes,

«Gonçalo Ravaresco de Albuquerque, meu sobrinho e portador d'esta, informará a vossa excellencia das violencias e oppressões geraes que no presente governo se padecem.»

<sup>2</sup> «Manuel de Barros da França, um dos principaes fidalgos d'esta cidade e vereador d'ella, preso, degradado e inhabilitado pelo governador, se vae queixar em nome da mesma cidade e buscar o remedio d'estas e outras violencias. Tambem vae com elle Gonçalo Ravaresco de Albuquerque, filho do secretario d'estado, o qual deixa seu pae Bernardo Vieira na enxovia e ao padre Antonio Vieira seu tio, criminado de mandar matar um homem; que a tauto chega o odio, e a paixão do dito governador.»

<sup>3</sup> «Foi Deus servido que n'aquelleas dias por uma canellada casual me sobreviesse um tal accidente, que depois de ficar muitas horas sem juizo nem uso dos sentidos, se declarou finalmente em uma heresipela com ardentissima febre que aiuda não estou inteiramente convalescido.» (Carta de 24 de julho de 1683 a Diogo Marchão Themudo.)

<sup>4</sup> «Bastou só ler a primeira nova e que sua magestade estava mal comigo, para no mesmo dia me sobrevir um grande accidente, que logo se declarou em sezoes malignas com perpetuos delirios, em que totalmente perdia o juizo, e estive em grande perigo de perder a vida.»

*não posso deixar de confessar a V. M. que só n'isto fraqueou a minha constancia.*

Leiam-se as cartas por elle dirigidas em 22 de julho de 1694 ao conego Francisco Barreto<sup>1</sup> e a Antonio Paes de Sande<sup>2</sup> e ter-se-á idéa exacta de quanto Vieira soffria. Ao mesmo tempo revela-se a grandeza das suas virtudes christãs e a nobreza da sua alma, humilde sem deixar de zelar a sua dignidade.

Por este tempo chegava á Bahia o marquez das Minas, D. Antonio Telles de Menezes, a fér de substituir o governador. Ia com elle, para averiguar do assassinato, um syndicante, cuja rectidão não offerecia, ao que parece, garantias, tanto assim que na devassa ultimada em 1685 deu por culpados a Vieira e seu irmão, sendo sequestrados os bens d'este e mandado castigar aquelle pelos superiores.<sup>3</sup>

O marquez das Minas trouxera comsigo a nova da morte da rainha e, querendo fazer-lhe solemnies exequias, pediu a Vieira que prégasse a oração funebre. Animou-se este a subir ao pulpite em 11 de setembro de 1684, depois de allegar a idade, os achaques e a falta de dentes. Na semana em que se desempenhou do encargo tinha sido sangrado cinco vezes.

Soou finalmente a hora da justiça em 1687. Foi unanime-

<sup>1</sup> «Comtudo me consolou um paragapho ou regra que me leu o padre Balthasar Duarte, na qual vossa mercê para encarecer a grandeza de meus trabalhos, me media com elles; sendo assim, que não é necessario ser grande, para ser capaz de grandes penas, pois todas as do inferno cabem em um ponto. Em-fim, saiba vossa mercê que além das que por lá padeço em estatua, cá estive gravemente molestado de umas sezões maligas, com perpetuos delirios em que Deus me fez mercê de dar tão advertida paciencia, que nunca se me ouviu a menor queixa contra os que tantas causas me tem dado de endoidecer de todo. Costumava eu dizer, que a todos os que diziam mal de mim, lhes devia agradecimento, porque sempre diziam menos do que verdadeiramente é; mas agora já conheço que dizem muito mais, e muito peior, porque nunca cheguei a ser tão mau, que houvesse de aconselhar mortes de homens; e só quem dá credito a similhantes absurdos é peior que eu. A todos tenho perdoado muito de coração, e em todas as minhas orações e sacrificios peço a Deus lhes dê a luz necessaria, para que façam aquellas restituções, sem as quaes se não podem salvar.»

<sup>2</sup> «Grande miseria é que não bastem os serviços, o amor, e a verdade, para conservar a graça dos principes, e que baste a calunia para se perder; chegando sua magesia a dizer declaradamente a meu sobrinho, que estava muito mal com seu tio. Mas tambem isto é effeito da Providencia Divina, para que eu, e outros fracos como eu nos desenganemos a só pôr em sua fidelidade e misericordia toda a nossa confiança.»

<sup>3</sup> «Eu mandado castigar por meus superiores que como testemunhas de minha innocencia e da dos meus parentes não lhes permitti a consciencia serem executores do que não permite a justiça, e só Deus que é superior a todos os da terra, me conserva ainda vivo e tão amante do meu rei que por elle lhe offreço todas as minhas orações e sacrificios.» (Carta de 20 de julho de 1685 ao duque de Cadaval.)

mente reconhecida a innocencia de Bernardo Vieira, que foi reintegrado no cargo, e por maioria de razão a de seu irmão.

Os desgostos e doenças não fizeram abandonar a este o trabalho da publicação dos sermões, do qual dão fé as cartas d'essa epocha.

Com as tribulações que narrámos coincidiu a noticia da nova expulsão dos jesuitas do Maranhão, que desgostou profundamente Vieira, sem fallar na peste que em 1686 grassou na Bahia, victimando um grande numero de pessoas.

Como em 1661, a causa da expulsão foi a defeza dos indios. Fôra promulgada uma lei de 1 de abril de 1680, mais severa ainda que os preceitos estabelecidos por D. João IV e que em caso algum permittia que se captivassem indios. Os habitantes do Maranhão, já desgostosos por ter sido mudada a capital para o Pará e por outros motivos, revolucionaram-se e prenderam o capitão-mór e os jesuitas, expulsando-os da capitania.

Vieira refere em varias cartas esta expulsão, mostrando quanto lhe era sensivel<sup>1</sup> e affirmando que é necessário respeitar e defender a liberdade dos indios.<sup>2</sup>

O novo geral da Companhia resolveu confiar a Vieira a direcção da província do Brazil, nomeando-o em 17 de janeiro de 1688 visitador d'ella, cargo que elle assumiu em maio d'esse anno.<sup>3</sup>

Nos fins de 1688 prêgou na cathedral da Bahia em accão de graças do nascimento do principe D. João, prophetisando-lhe auspiciosos destinos com argumentos subtils pedidos á Escritura. Seduzia-o ainda a chimera do quinto imperio.

A morte do principe veiu mostrar-lhe quanto era fallivel o seu dom prophetico. Vieira escreveu então um extenso discurso que offereceu secretamente á rainha para a consolar. E' um acervo de eruditas subtilezas tendentes a mostrar que o falecido principe, embora fosse receber a verdadeira corôa no céu, teria em seu irmão representante para presidir ao famoso imperio, cuja existencia se deduzia de um sem numero de textos.

<sup>1</sup> «De novo nos tornaram a lançar do Maranhão aquelles bons christãos, que, se foram castigados da primeira vez e desterrados os principaes moradores e alguns frades que os fomentam, não se atreveriam a esta reincidencia.» (Carta de 22 de julho de 1684 a Antonio Paes de Sande.)

<sup>2</sup> Vide a carta de 5 de agosto de 1684 ao marquez inordomo-mór. (Cartas 2º vol.)

<sup>3</sup> «Eu ha mais de tres mezes que deixei o meu retiro e sendo no collegio obrigado da obediencia com que o nosso padre geral quiz que a direcção do governo d'esta província corresse por minha conta, a titulo de visitador, com a condição porém de não sair da Bahia, havendo consideração aos meus annos.» (Carta de 17 de agosto de 1688 a D. M. Themudo.)

Seja-nos licito duvidar do poder consolador d'essa dissertação, a não ser que a credulidade da rainha fosse maior que a dôr da mãe.

O que é em todo o caso admiravel é a viveza e a erudição conservadas áquelle ponto por um espirito de 80 annos.

Durante o triennio do seu governo mereceram especial atenção a Vieira as missões. Tractou de reorganisar as do Maranhão e Pará, correspondendo-se para esse fim com D. Pedro II. Procurou ao mesmo tempo reformar os estudos e o regimen dos collegios e noviciados, evidenciando em tudo a sua alta capacidade e zelo alliados á prudencia, graças á qual soube evitar um conflito grave com o bispo de Pernambuco.

Na collecção dos sermões figuram algumas praticas feitas aos noviços e escolasticos, em que se revela o zelo apostolico de Vieira.

As responsabilidades do governo não lhe fizeram dar inteiramente de mão ao trabalho da publicação dos sermões.

Em maio de 1591 poude finalmente resignar o cargo de visitador, pesado de mais para a sua edade e precaria saude.

N'uma carta de 24 de junho d'esse anno, dirigida a Francisco de Brito, encontramos uma referencia ao plano que houve de passar a família real ao Brazil, se o aperto das circumstâncias assim o exigisse. Basta relembrar a angustiosa historia d'aquelles 28 annos das guerras da restauração, para compreender a legitimidade do alvitre.<sup>1</sup>

Livre das prisões do governo, voltou Vieira para o seu retiro do *Tanque*. Acidentes e graves doenças debilitaram-lhe os sentidos, não porem o entendimento.

Por momentos resolveu pôr ponto na correspondencia, despedindo-se da nobreza de Portugal por uma carta circular.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> «Lembro-me agora de quando a rainha mãe por conselho dos condes de Cantanhede e Soure enviou a vossa senhoria não só a governar Pernambuco, mas para prevenir a seus filhos uma retirada segura, no caso em que algum successo adverso, que então muito se temia, necessitasse d'este ultimo remedio. E tambem vossa senhoria estará lembrado de que sua magestade me mandou passar do Maranhão, onde então estava, para assistir a vossa senhoria, e se seguir o roteiro que el-rei, que Deus tem, tiuha prevenido, como tão prudente, para o caso de similhante tempestade, e se achou depois de sua morte em uma gaveta secreta rubricado de sua real mão com tres cruzes. Hoje, a Deus graças, não temos que temer ao reino, mas pôde o mesmo reino temer que lhe falte a melhor joia que tem fóra das correntes do Tejo. Para anacoreta de um deserto me tenho alargado muito fóra da minha profissão; mas quem ha de tapar a boca ao amor da patria, e mais fallando com vossa senhoria?

<sup>2</sup> Vide pag. 368.

Quebrou todavia o proposito, pois que a serie das cartas vae até ás vesperas da sua morte, revelando sempre a mesma lucidez d'espirito, facilidade d'expressão e sollicitude patriotica.

Ainda não estava cheia a medida dos soffrimentos com que aquella bella alma devia cortar os ultimos liames que a prendiam á terra.

Em maio de 1694 reuniu-se na Bahia a congregação provincial da Companhia para eleger um procurador que a representasse em Roma. O padre Vieira, desejoso de que a escolha recahisse em pessoa digna da missão pelos seus talentos, «declarou (o que se não prohibe) em conferencia de outros padres quem julgava ser o mais apto. Concordou com elle o padre Ignacio Faya e, como se os dois induzissem a outros ou procurassem votos para determinado sujeito, levantou-se a tempestade.» Assim refere o caso o padre André de Barros.

Os superiores declararam os dois reus *de crimine ambitus*, privando-os de voz activa e passiva. Vieira alliador de votos aos 87 annos!

Appellou este de tão intempestiva severidade e zelo, que bem se pôde taxar de pharisaico, para o geral da Companhia, pedindo-lhe que mandasse examinar o processo da causa.

Foram os autos a Roma, e com tão solemne lentidão correram os tramites, que a sentença de rehabilitação, proclamando a innocencia dos reus, chegou á Bahia já depois de Vieira ter falecido. Como tardia reparação, foi mandada uma circular á provincia de Portugal e ordenada a sua leitura no collegio maximo em Coimbra.

Não parece que esta mesquinha offensa desse grande abalo a Vieira, a julgar pela caustica referencia que a ella faz em carta de 22 de julho de 1695 a Sebastião de Mattos e Souza.<sup>1</sup>

N'outra carta de 21 do mesmo mez e anno, para o padre Manuel Luiz, lente no collegio de Santo Antão,<sup>2</sup> refere-se elle a um parecer sobre a administração dos indios enviado pelos jesuitas da provincia do Brazil para Lisboa. E' um documento digno do Vieira de 40 annos atraç pelo vigor da argumentação e pela mordacidade da critica. A defesa da liberdade dos indios é sempre a sua preoccupação dominante, a causa santa pela qual desce á estacada e pela qual soffre.

<sup>1</sup> «Recebi a carta de vossa mercê com singular gosto e applauso porque só vossa mercê soube conjugar a voz activa e passiva (de que outros me deram o pezame) como eu fiz pelo verbo *Rideo*.»

<sup>2</sup> Vide *Cartas*, 2.º vol.

Contrapõe sem prosapia a sua experencia á ignorancia dos signatarios da resolução; «nenhum de todos elles tratou em toda a sua vida com indios; nem lhe sabe a lingua.»

N'uma carta de 24 de julho de 1694 ao duque de Cadaval encontram-se tambem algumas phrases que explicam a má vontade dos superiores da provincia para com Vieira, resultando provavelmente da discordancia d'opiniões na questão dos indios.<sup>1</sup>

Succediam-se as doenças com frequente gravidade, complicadas por duas quedas desastrosas nas escadas da quinta nos annos de 94 e 95.

O espirito de Vieira conservava todavia perenne juventude como atestam as suas cartas, cujo estylo não accusa depressão de faculdades.<sup>2</sup> Ainda em 1695 escreveu um extenso opusculo *Voz de Deus a Portugal e á Bahia, juizo do cometa que nella foi visto em 27 de outubro de 1695 e continua até hoje 9 de novembro do mesmo anno.*

Divide-se este curioso escripto em quatro partes, na primeira das quaes, *Voz de Deus*, procura Vieira demonstrar que os cometas são signaes extraordinarios com que Deus annuncia nos modernos tempos os seus designios, como d'antes pelos prophetas. Na segunda, *Voz de Deus ao mundo*, vem a demonstração a posteriori confirmar com extraordinaria erudição a these posta na parte anterior. Na terceira, *Voz de Deus a Portugal*, procuram-se os exemplos dos prenuncios de infaustos successos por cometas na historia de Portugal. Na quarta e ultima parte, *Voz de Deus á Bahia*, formulam-se os avisos dados

<sup>1</sup> «Sobre a administração dos indios concedida aos paulistas, foi servido sua magestade que eu tambem désse o meu voto, em que me não conformei com os demais, por vêr que todo o util se concedia aos admuistadores, e todo o oneroso carregava sobre os miseraveis indios, a quem em todas as voltas ou mudanças sempre a roda da fortuna leva debaixo.

... «De outro captiveiro domestico, com que os portuguezes n'esta provincia estamos dominados de estrangeiros, sem nos valerem decretos reaes, tambem espero que o poder e auxilio de vossa excellencia nos ajude efficazmente a reimir; e todo o bom, e todo o melhor deveremos a vossa excellencia.»

<sup>2</sup> «Sirva de testemunho o seguinte trecho de uma carta a Sebastião de Mattos e Souza, datada de 27 de junho de 1696.

«Passando pois á segunda parte, n'ella leio um grande catalogo das molestias com que a piedade de vossa mercé me considera, as primeiras são doenças, quedas, aleijões e annos. Atéqui tendo tanto que padecer, não tenho que replicar. Seguem-se desgostos, negocios, consultas, visitas, contendas, e de toda essa tropa pode vossa mercé alliviar a compaixão, que tem de mim, por que pela bondade de Deus, nem tenho desgostos, nem negocios, nem consultas, e muito menos contendas; porque este deserto, onde ainda vivo, está muito acima do monte Olympo, onde não chegam estas tempestades.»

á cidade pelo cometa e propõe-se a lição moral que d'elles se deduz.<sup>1</sup>

Não se veja na credulidade symptom a de decadencia, porque esse tributo ao atrazo scientifico da epocha foi pago por Vieira em todos os periodos da sua vida. Abre o opusculo com a critica da astrologia judiciaria, já severamente julgada na *Historia do futuro*,<sup>2</sup> mostrando de quanto seria capaz aquella robusta intelligencia, se lhe fora dado quebrar os liames de uma erudição falseada pela sciencia tão atrazada do seu tempo.

No anno de 1696 o precario estado da sua saude obrigou-o a trocar o amado retiro da quinta do Tanque pelo collegio da cidade,<sup>3</sup> onde veiu ainda conhecer mais uma vez que as paixões pequeninas nem a velhice respeitam, quando o merito faz sombra à mediocridade. De que natureza fossem os dissabores soffridos não nol-o diz Barros, que allude a elles em estilo enredado,<sup>4</sup> mas ben se pôde julgar que seriam a continuação e as consequencias do vexame que lhe fôra inflingido dois annos antes.

A má vontade dos superiores e de alguns consocios, invejo-

<sup>1</sup> «Acabem-se os odios, reconciliem-se as inimizades, perdoem-se as injuriias, componham-se as demandas, restitua-se a fazenda mal adquirida, e a fama. Paguem os poderosos o suor que estão devendo aos pequenos; cessem as oppressões dos pobres, que clamam ao céu, e cesse o luxo e vaidade que se sustenta do seu sangue. Dêem-se as esmolas, que muito aplacam a Deus, e não só aos que as pedem pelas portas, senão tambem, e muito mais, aos que a portas fechadas padecem necessidades. Guarde-se a immunidade das pessoas, logares, e bens ecclesiasticos, que são proprios de Deus, que os dá, e os tira, e castiga como sacrilegos os que se atrevem a tocar n'elles. Emfim, Bahia, que se veja em ti tal reforma de justiça, tal melhora de costumes, e tal emenda nas vidas, que assim como hoje te quadra o nome de *civitas vanitatis*, assim mereças o de *civitas justi*.»

<sup>2</sup> Vide pag. 457.

<sup>3</sup> «Emfim me resolvo a deixar este deserto, e ir para o collegio, ou para sarrar como homem, com os remedios da medicina, ou para morrer como religioso entre as orações e braços dos meus padres e irmãos. Adeus, Tanq. e. não vou buscar saude nem vida, senão um genero de morte mais socegada e quieto, que é o memorial mais frequente que de muitos annos a esta parte trago diante de Deus: não sei o que será; mas no que fôr. peço a vossa reverencia, se conforme com a vontade divina, tão indiferentemente, como se a vida ou morte fôra de ambos. Vale. Quinta 3 de julho de 1696 annos, ás onze da manhã.» (*Carta ao padre Balthasar Duarte*.)

<sup>4</sup> «Ainda n'este ultimo periodo da vida teve que padecer de zelo alheio este varão forte, permittindo (como deixámos referido) a Providencia divina que além das enfermidades do corpo tivesse outras mais sensiveis e bastantes a derrubar qualquer constancia que não fosse a sua. Mas o padre Antonio Vieira era cedro de tanta proceridade, que em nenhuma das grandes arvores da America havia ramos que lhe pudesse fazer sombra, nem escurecer-lhe a fama entre os heroes, ainda o verdadeiro Alexandre.» *Barros—Vida*.

sos da grandeza do seu talento e do lustre do seu nome ou magados pela causticidade da sua critica, punha naturalmente estorvos ao andamento do processo de revisão da sentença que o privara da voz activa e passiva, pois só assim se explica a demora de tres annos na resolução de negocio tão simples.

Aos desgostos juntaram-se dolorosas doenças, cujas crises se ameudavam, fazendo-lhe perder a vista e o ouvido.<sup>1</sup> Tudo soffria com inalteravel resignação, como conta Barros. «Muitas «vezes se lhe ouviu dizer com humildade profunda que já Deus «justamente o tinha privado das duas coisas em que tinha ali- «vio n'este mundo: uma era o *livrinho*, pois já não podia lér, «perdida a vista dos olhos: outra o *cantinho*, pois pelo achaque «que padecia não podia retirar-se a gosar por muito espaço da «presença do Senhor sacramentado, a quem na capellinha que «dissemos em profunda meditação adorava.»

Ainda assim não abandonara o trabalho, dictando aos seus secretarios, como o provam, entre outros escriptos, as cartas.<sup>2</sup>

Veiu finalmente a ultima crise da doença em que tinha de succumbir. Vieira, conhecedor do seu estado e já viaticado, pediu a uncção. Estava cheia a medida de soffrimentos com que aquella alma d'eleição tinha de comprar a gloria celestial que tão eloquentemente encarecerá nas suas predicas.<sup>3</sup>

A' uma hora da manhã de 18 de julho de 1697 adormeceu no seio do Senhor aquelle grande servidor de Deus e da patria.

A magestade do seu vulto moral arranca a Barros accentos de verdadeira eloquencia liberta das peias do *culteranismo*. Seja-me licito trasladar para aqui essa bella pagina e prestar assim a Vieira homenagem condigna.

«Sóbe, oh alma grande á patria dos grandes; pois eras na re-  
gião dos mortaes mais peregrina que natural. Sóbe, oh sublime  
intelligencia, ao alcacer da sabedoria toda. Sóbe oh alma de fogo  
e chega veloz a mais alta esphera, que não tens logar digno entre  
os sublunares. Sóbe, oh phenix dos engenhos, e deixadas as cin-  
zas, voa para aonde vivem os immortaes. Sóbe oh aguia real, a  
fartar-te de entender, de investigar e de beber incessantes res-  
plandores e sol. Sóbe, oh coração forte, invicto e maior que o  
mundo; porque já tua grandeza não cabia nelle. Vae-te, oh ani-

<sup>1</sup> «No anno passado em espaço de oito dias perdi totalmente a vista e acabei de perder o ouvir.» (*Carta de 6 de julho de 1697 ao duque de Cadaval*)

<sup>2</sup> Vide pag. 371.

<sup>3</sup> Vide pag. 48 e 50.

*mo intrepido e por palmas e louros sóbe a consagraro trophéos lá  
nesse monte e templo maior da eternidade. Parte feliz, oh espirito  
apostolico, a ler nos livros divinos a larga historia de tens velo-  
ses passos por areáes ardentes; de tuas fomes e sedes por brenhas  
desertas; de teus largos suores por montanhas duras; de teu des-  
canso sobre a terra fria; de tuas fadigas entre barbaros feros; de  
teus trabalhos entre christãos ingratos. Vai-te mil vezes ditoso;  
que em quanto houver homens te acclamará a fama; em quanto  
houver engenhos te cederão os maiores; em quanto houver pulpiti-  
tos se suspirará tua voz; em quanto houver mundo se ouvirá teu  
nome; em quanto houver Deus durará tua gloria.*

*No mesmo ponto e hora da noite em que espirou, acendeu o  
céo uma nova estrella ou facho Inminoso, que foi visto sobre o  
collegio e notado dos de fóra: brado portentoso e pregão divino  
dos merecimentos do immortal Vieira, (como o fez na morte do  
anjo das escolas santo Thomaz) se é que não foi a sua mesma  
alma, que dando maior luz ao despedir-se, mostrava ser do nu-  
mero daquellas, que por terem illustrado a muitas hão de luzir  
em perpetuas eternidades.»*

## XI

Ahi fica esboçada toscamente, mas com escrupulosa impar-  
cialidade, a vida de Vieira. Poderia ainda estudar n'elle, como  
synthese final, a intelligencia e o caracter; a vida e as obras;  
o religioso, o missionario, o politico, o moralista, o orador, o  
classico.

Nem me é licito porém avolumar esta modesta noticia bio-  
graphica, nem me sinto com forças para tal empreza.

Limitar-me-ei pois a bosquejar a medo o perfil do grande  
jesuita.

A uma intelligencia superior alliou Vieira erudição vastis-  
sima ao serviço de extraordinaria memoria, prompta e feliz. Sa-  
bia tudo quanto no seu tempo se podia saber e de tudo tirava  
partido com singular penetração e viveza d'espirito, que não  
raro descambava em argucia e subtileza. Era um temivel dia-  
lectic. As premissas podiam ser subtilmente postas e parado-  
xaes; a conclusão era sempre irrecusavel. A razão era a sua  
faculdade dominante.

Accusam-no de frieza e insensibilidade; notam nos seus dis-  
cursos a ausencia do calor communicativo do sentimento. As-  
sim é quasi sempre. Vieira poucas vezes falla ao coração; mas a  
paixão fremente vibra não raro na sua linguagem, quando o es-

pectaculo da injustiça, da improbidade, da hypocrisia, do egoismo lhe faz estuar d'indignação a alma generosa e recta.

O caracter de Vieira era superior ainda ao seu talento. Em tão longa e laboriosa vida não se nos depara uma vileza, um sentimento baixo, uma acção vergonhosa. Abraçou por vocação a vida religiosa e, sem abdicar a legitima liberdade d'espirito que se manifesta nas incriveis audacias da sua critica, nem amesquinhar a pujança da sua individualidade, soube ser sempre obediente, desprendido da riqueza, irreprehensivel nos costumes, sinceramente crente, fervoroso na piedade, procurando na oração a luz e a força para a intelligencia e para a vontade, soffrendo com resignação. Experimentou muitas contradições, teve muitos inimigos; nunca se mostrou vingativo, nem rancoroso, embora sentisse como ninguem os aggravos que lhe eram feitos.

Caridade, pobreza voluntaria, castidade e obediencia foram os pontos cardeaes da sua vida moral, consagrada ao trabalho. Humilde, era-o tanto quanto lh'o permittia a consciencia do seu merecimento.

Não foi um contemplativo, nem um profissional das letras, e sim homem de acção. Os seus discursos e os seus escritos teem quasi todos um cunho pratico; são o meio de remover obstaculos, de aplanar diffculdades, de conquistar adhesões, de conciliar vontades, de levar a cabo uma empreza.

Por isso são populares e chãos na linguagem; a mesma idéa é n'elles successivamente reproduzida sob as formas mais apropriadas a graval-a no espirito dos ouvintes; resentem-se do intimo convivio com o livro por excellencia, a Biblia; attingem, não raro, a sublimidade sob uma forma singela e avessa a ouro-peis academicos.

Em politica poude errar, mas nunca prevaricou. Nem a ambição, nem o odio o moveram jamais. Amava o seu paiz e o seu rei. Para ambos phantasiava gloriosos destinos: ao serviço de ambos, que muito lhe deveram, poz as suas poderosas faculdades. Advogou idéas generosas, por cuja realisação tanto sofreu, antecipando-se mais de um seculo em rasgados planos ao seu inimigo posthumo, o marquez de Pombal. A diferença está em que um sofreu e o outro fez sofrer. Mas o despota sanguinario é acclamado e o jesuita impolluto atirado ás gemonias. Tal é a justiça da opinião hodierna.

Entre as caracteristicas do genio de Vieira avulta a sua qualidade de moralista. Que profundo conhecimento do coração humano! Que fina psychologia das paixões e dos vicios! Que firmeza de traço e que viveza de colorido nos quadros de costumes! A sua caustica ironia empunha o latego de uma critica

desapiedada e audaciosa, e fustiga de preferencia com elle os grandes, os nobres, os ricos, os prelados, os proprios papas e os reis. Ao realismo da analyse, avessa a convencionalismos respeitosos, anda aliada uma moral severa sem capitnlações reprehensiveis, nem subtis casuisticas. O amor dos pequenos e dos pobres, o desprezo de vãs distincções, o horror á improbidade e á injustiça revelam-se em cada pagina dos seus escritos, em cada apostrophe indignada dos seus sermões. Se vivera hoje, a democracia christã teria n'elle o mais eloquente dos apostolos.

Classico por excellencia, prosador sem rival e mestre impecável da lingua portugueza, que tem nas suas obras o mais opulento dos thesouros: eis não o mais bello, mas o menos contestado florão da corôa de Vieira.

Vieira e Camões: n'estes dois nomes se consubstancia o lustre e honra da nossa lingua. Que tentador parallello o do poeta inegualavel com o principe dos prosadores, ambos amantes da patria que serviram nobremente, um com a espada, o outro com o verbo inflammado do missionario e do moralista!

Soou não ha muito para o epico immortal a hora da justiça. A dívida nacional para com a sua memoria foi tardivamente paga no bronze de uma estatua.

Oxalá que este livro, homenagem piedosa de um grupo de homens de boa vontade, amantes do seu paiz e alheios a paixões mesquinhas, contribua para revelar Vieira aos que o não conhecem e por isso o não admiram quanto merece.

Em 1908 ocorre o terceiro centenario do seu nascimento. Optimo ensejo para lhe erigir uma estatua em toda a magestade do seu vulto, estendendo uma das mãos em largo gesto oratorio e pousando carinhosamente a outra sobre a cabeça de um indio de pulsos arroxeados pelas algemas, acolhendo-se á sua protecção.

A verdade já não encontrará porventura os espiritos entenebrecidos por calumnias e prejuizos. Comprehenderão todos a esse tempo que Vieira foi um dos mais illustres e benemeritos filhos da nossa bôa terra portugueza.

JOSÉ FERNANDO DE SOUSA.

*Pareceu conveniente inserir aqui, por se achar já impresso o corpo do livro, uma interessante carta, em que Vieira expõe detidamente o seu plano de organização das missões. E' o documento em que mais individualmente se encontram resumidas as suas opiniões sobre um assumpto que tanto o preoccupou até ao fim da vida. A esta carta se faz referencia a pag. XXVI da noticia biographica.*

SENHOR :

*E sabe Deus que com muito zelo de seu serviço, desejo que se guarde justiça a essa pobre gente, para o que vos encommendo muito me advirtaes de tudo o que vos parecer necessario, porque fazeis nisso muito serviço a Deus e a mim. Estas palavras, senhor, são de vossa magestade, na carta que foi servido mandar-me escrever, e muito dignas de vossa magestade; e porque as injustiças que se fazem a esta pobre e miserabilissima gente, não cabem em nenhum papel, direi sómente neste o modo com que se poderão remediar, depois de o ter considerado e encommendado a Deus, e o ter conferido com algumas pessoas das mais antigas, experimentadas e bem intencionadas deste Estado, posto que são nelle poucos os que podem dar juizo nesta materia, que sejam livres de suspeita e dignos de fé, porque todos são interessados nos indios, e vivem e se remediam das mesmas injustiças que vossa magestade deseja remediar.*

*O remedio, pois, senhor, consiste em que se mude e melhore a fórmula por que atégora foram governados os indios, o que se poderá fazer, mandando vossa magestade guardar os capitulos seguintes:*

*I. Que os governadores e capitães móres não tenham jurisdição alguma sobre os ditos indios naturaes da terra, assim christãos como gentios, e nem para os mandar, nem para os repartir, nem para outra alguma coisa, salvo na actual occasião*

## LXVIII

de guerra, a que serão obrigados a acudir, elles e as pessoas que os tiverem a seu cargo, como fazem em toda a parte; e para serviço dos governadores se lhes nomeará um numero de indios conveniente, attendendo á qualidade e auctoridade do cargo, e á quantidade que houver dos ditos indios.

II. Que os ditos indios tenham um procurador geral em cada capitania, o qual procurador assim mesmo seja independente dos governadores e capitães móres em todas as coisas pertencentes aos mesmos indios, e este procurador seja uma das pessoas mais principaes e auctorisadas, e conhecida por de melhores procedimentos, ao qual elegerá o povo no principio de cada anno, podendo confirmar ao mesmo, ou eleger outro, em caso que não dê boa satisfação do seu officio, o qual officio exercitárá com a jurisdicção, e nos casos que ao diante se apontam.

III. Que os ditos indios estejam totalmente sujeitos, e sejam governados por pessoas religiosas, na fórmula que se costuma em todo o Estado do Brazil, porquanto depois de se intentarem todos os meios, tem mostrado a experientia que, segundo o natural e a capacidade dos indios, só por este modo podem ser bem governados, e conservarem-se em suas aldéas.

IV. Que no principio de cada anno se faça lista de todos os indios de serviço que houver nas aldéas de cada capitania, e juntamente de todos os moradores della, e que conforme o numero dos ditos indios e dos ditos moradores, se faça repartição dos indios que houverem de servir aquelle anno a cada um, havendo respeito á pobreza ou cabedal dos ditos moradores, de maneira que a dita repartição se faça com toda a igualdade, sendo em primeiro lugar providos os pobres, para que não perçam, e as sobreditas listas e repartição a faça o prelado dos religiosos que administrar os ditos indios, e o procurador geral de cada capitania, conforme suas consciencias, sem na dita repartição se poder metter governador, nem camara, nem outra alguma pessoa, de qualquer qualidade que seja; e em qualquer duvida que houver por parte dos indios ou moradores ácerca da repartição, recorrerão ao dito prelado e procurador, e estarão pelo que elles resolverem, sem appellação, nem agravo, nem fórmula alguma de juizo.

V. Que, porquanto as aldéas estão notavelmente diminuidas, os indios se unam do modo que parecer mais conveniente, e em que os mesmos indios se conformarem, e se reduzam a menor numero de aldéas, para que sejam e possam ser melhor doutrinados, e que as ditas aldéas assim unidas se ponham nos sitios e logares que forem mais accommodados, assim para o serviço da republica, como para a conservação des mesmos indios.

VI. Que para que os indios tenham tempo de acudir ás suas

lavouras e familias, e possam ir ás jornadas dos sertões, que se hão de fazer para descer outros, e os converter á nossa santa fé, nenhum indio possa trabalhar fóra da sua aldéa cada anno mais que quatro mezes, os quaes quatro mezes não serão juntos por uma vez, senão repartidos em duas, para que desta maneira se evitem os deserviços de Deus que se seguem de estarem muito tempo ausentes de suas casas.

VII. Que para que os indios sejam pagos de seu trabalho, nenhum indio irá servir a morador algum, nem ainda nas obras publicas do serviço de sua magestade, sem se lhe depositar primeiro o seu pagamento, o qual porém se lhe não entregará senão trazendo escripto de que tem trabalhado o tempo por que se concertaram; e para o dito deposito dos pagamentos, haverá uma arca com duas chaves em cada aldéa, uma que terá o religioso que administrar, e outra o principal da mesma aldéa.

VIII. Que todas as semanas ou em todos os quinze dias, conforme o numero das aldéas, haverá uma feira dos indios, á qual cada aldéa por seu turno trará a vender todos os fructos das suas lavouras, e o mais que tiverem, o que servirá assim de que as povoações dos portuguezes tenham abundancia de mantimentos, como de que os indios levem dellas as coisas necessarias a seu uso, e se animem com este commercio a trabalhar; e para que não se lhes possa fazer algum engano nos preços das coisas que lhes forem dadas por commutação das suas, presidirá nesta feira o procurador dos indios, ou a pessoa a quem elle o commetter, eleita por elle e pelo prelado dos religiosos que na capitania tiverem a seu cargo os indios.

IX. Que as entradas que se fizerem ao sertão, as façam sómente pessoas ecclesiasticas, como vossa magestade tem ordenado aos capitães móres, sob pena de caso maior em seus regimentos, e que os religiosos que fizerem as ditas entradas, sejam os mesmos que administrem os indios em suas aldéas. Porque sendo da mesma sujeição e doutrina, melhor os obedecerão e respeitarão, e irão com elles mais seguros de alguma rebellião ou traição.

X. Que pela causa sobredita, e por evitar bandos entre os indios, que naturalmente são varios e inconstantes, e desejosos de novidades, e para que a doutrina que aprenderem seja a mesma entre todos sem diversidades de pareceres, de que se podem seguir graves inconvenientes, ainda que neste Estado ha diferentes Religiões, o cargo dos indios se encommende a uma só, aquella que vossa magestade julgar que o fará com maior inteireza, desinteresse e zelo, assim do serviço de Deus, e salvação das almas, como do bem publico.

XI. Que nenhuns indios se desçam do sertão, sem primeiro

se lhe fazerem suas roças e aldéas, onde possam viver, e que não sejam obrigados a entrar na pauta dos indios do serviço, na forma acima dita, senão depois de estarem mui descançados do trabalho do caminho, e doutrinados e domesticados, e capazes de serem applicados ao dito serviço dos moradores, que sempre se deve fazer sem nenhuma violencia, nem oppressão dos indios.

XII. Que se nas entradas que se fizerem ao sertão, forem achados alguns indios de corda, ou que de alguma outra maneira sejam julgados por justamente captivos, estes taes se poderão resgatar, com condição que os religiosos, com assistencia do cabo que fôr, julguem primeiro os ditos captiveiros por justos e licitos, examinando-os por si mesmos; e para este fim irão sempre ás ditas jornadas religiosos que sejam juntamente bons linguas e bons theologos, e quando menos, que um seja bom theólogo, outro bom lingua.

XIII. Que em caso que os ditos resgates se façam nas entradas do sertão, a repartição delles se faça *pro rata* por todos os moradores do Estado, conforme o numero dos indios que se resgatarem, começando sempre pelos mais pobres, para que tenham quem os ajude; e os repartidores serão os mesmos procurador geral e prelado da religião, que, como fica dito, hão de repartir os indios forros para o serviço.

XIV. Que, porquanto as jornadas ao sertão que se fazem, são ordinariamente perigosas, por razão dos barbaros, para segurar os religiosos e os indios que forem nas ditas jornadas, haja companhia de soldados brancos, a qual, ou inteira ou dividida, lhe dé escolta, conforme a necessidade o pedir; e que a dita companhia se chame da propagação da fé, e para ella será escolhido capitão e soldados de maior christandade e capacidade para o sertão, aos quaes vossa magestade honre com algum privilegio particular; e que o dito capitão e soldados não seja companhia creada de novo, senão uma das mesmas que ha, formada de ramo dellas, e que só esteja sujeita aos governadores, e capitães mōres em occasião de guerra actual, ou delicto que commettesse, e no mais estará á disposição do prelado maior da religião que tiver a seu cargo as missões do sertão, que tambem será missionario geral de todo o Estado: e conforme o que o dito missionario geral dispuser, o dito capitão ouvirá ou mandará os soldados que forem necessarios para cada uma das missões com seus cabos, e os ditos cabos sómente terão jurisdição na disposição da guerra, em caso que se haja de fazer, a qual sempre será defensiva, e de nenhuma maneira se intrometterão a praticar aos indios, nem por si, nem por outrem, sob pena de caso maior, como vossa magestade tem ordenado.

XV. Que as peças que se levarem ao sertão para os ditos resgates irão entregues ao dito cabo que fôr nas ditas entradas, ou a alguma das ditas pessoas brancas que forem na mesma tropa, de quem o povo mais as confiar, o qual dará conta do dito cabedal á camara, ou a quem lhe fizer a dita entrega.

XVI. Que os indios que se descerem, se porão nos logares que forem mais acommodados e necessarios á conservação e augmento do Estado; mas isto não fazendo força ou violencia alguma aos mesmos indios, senão por vontade; e se na descida dos ditos indios se fizerem algumas despezas, serão á custa das capitaniaes em que os ditos indios se puzerem.

XVII. Que para que nas aldéas haja muita gente de serviço, e os indios se conservem em maior simplicidade e sujeição, se não multipliquem nas aldéas officiaes de guerra, e sómente haja, como no estado do Brazil, os principaes e meirinhos, e um capitão da guerra, e quando muito, um sargento-mór por estar introduzido. Mas porque seria grande desconsolação dos indios que ao presente teem os ditos cargos, se lhes fossem tirados, se conservarão nelles até que se extinguam, e não se meterão outros em seu lugar.

XVIII. Que a eleição dos ditos officiaes se não faça pelos governadores, nem por provisões suas, senão pelos principaes das mesmas aldéas, com parecer dos religiosos que as tiverem a seu cargo, sem provisão alguma, mais que uma simples nomeação, como se faz no Brazil, para que os pobres indios não sejam enganados com similhantes papeis, como atégora foram, nem se lhes paguem com elles seus trabalhos: e sómente quando faltasse successor ao principal de toda a aldéa, ou nação, e se houvesse de fazer eleição em outro, no tal caso proporão os ditos prelados e procurador geral dos indios a pessoa que entre elles tiver mais merecimento, e lhes fôr mais bem aceita, e o governador ou capitão-mór em nome de vossa magestade lhe passará provisão.

XIX. Que para que os religiosos que agora e pelo tempo em diante tiverem o cargo dos ditos indios, não tenham occasião de os occupar em interesses particulares seus, não possam os ditos religiosos ter fazenda, nem laboura de tabacos, canaveaes, nem engenhos, nos quaes trabalhem indios, nem livres, nem escravos. E os indios que lhes forem necessarios para o serviço dos seus conventos, se lhes repartirão na fórmula sobredita, assim a elles, como aos religiosos das outras religiões, conforme a necessidade dos ditos conventos, e quantidade que houver de indios.

Estes são, senhor, os meios pelos quaes sendo governados os indios, cessarão de uma vez os inconvenientes gravíssimos

que com razão dão tanto cuidado a vossa magestade; e para prova do zelo e desinteresse com que vão apontados, não quero mais justificação que a dos mesmos capitulos. Muitas coisas das que nelles se propõem, estão já qualificadas, ou com o uso do Estado do Brazil, recebido depois de larga experienca, ou com provisões e regimentos de vossa magestade, nos quaes vossa magestade tem mandado o mesmo que aqui se aponta. Atendeu-se neste papel não só ao remedio das injustiças a que vossa magestade quer acudir, mas tambem ao serviço, conservação e augmento do Estado, que todo consiste em ter indios que o sirvam, os quaes atégora o não serviam, ainda que os tivesse. O ponto da repartição dos ditos indios, que é o principal, parece que se não pôde fazer com mais justificação, e pôe-se juntamente nas mãos de um secular eleito pelo povo, e de um religioso prelado, para que o religioso seja olheiro do secular, e o secular do religioso, e em um esteja seguro o zelo e em outro a conveniencia. Não é este o estylo que se usa no Brazil, porque lá todo o governo dos indios depende absolutamente dos religiosos, sem se fazer lista de indios, nem repartição, nem haver procurador adjuncto, nem outra alguma fórmula, mais que a verdade e estylo dos mesmos religiosos, que a experienca tem mostrado que basta; mas aqui não se trata só do justo, senão tambem do justificado. Por este modo, senhor, e só por elle, poderão os indios ja christãos conservar-se em suas aldéas, e serem doutrinados nellas: haverá quem leve os missionarios aos sertões a trazer muitos outros á fé, e obediencia de vossa magestade; terão remedio os pobres que hoje perecem; cessarão as injurias e injustiças dos que governam; e finalmente ficarão desencarregadas as consciencias de quantos nellas teem parte, que são quasi todos.

Este é, senhor, o meu parecer, e o de todos os missionarios que nestas partes andamos, e temos experimentado e padecido os inconvenientes que do contrario se seguem: e tudo o que aqui se aponta e refere ser conforme ao que entendemos em nossas consciencias, o certifco de todos, e de mim o juro *in verbo sacerdotis*.

Só parece que faltava dizer aqui, que religiosos, ou que Religião ha de ser a que tenha a seu cargo os indios na fórmula sobredita; mas neste particular não tenho eu, nem posso ter voto, porque sou padre da companhia. Só digo que é necessário que seja uma Religião de mui qualificada e segura virtude, de grande desinteresse, de grande zelo da salvação das almas, e letras mui bem fundadas, com que saiba o que obra e o que ensina; porque os casos que cá ocorrem são grandes, e muitos delles novos, e não tratados nos livros. Em-

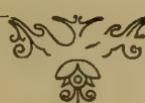
sim, senhor, a Religião seja aquella que vossa magestade julgar por mais idonea para tão importante empreza, e seja qualquer que fôr. Cá tive noticia que vossa magestade encarregará a conversão de Cabo Verde e Costa de Guiné aos padres capuchinhos de Italia, e me pareceu eleição do céu, e mui digna de vossa magestade, pelo grande conceito que tenho do espirito e zelo daquelles religiosos. E lembrado estará o secretario Pedro Vieira, que lhe fallei eu mesmo nelles para este sim da conversão das almas, e lhes disse que tomára que no nosso reino se trocara esta Religião por alguma outra, supposto não ser elle capaz de se multiplicarem.

Mas qualquer que seja a religião a que vossa magestade encommendar a conversão deste Estado, se ella e os indios não estiverem independentes dos que governarem, vossa magestade pôde estar mui certo que nunca a conversão irá por diante, nem nella se farão os empregos que a grandeza da conquista promette, porque estas terras não são como as da India ou Japão, onde os religiosos vão de cidade em cidade, mas tudo são brenhas sem caminho, cheias de mil perigos, e rios de difficultosissima navegação, pelos quaes os missionarios não hão de ir nadando, senão em canoas, e essas muitas e bem armadas, por causa dos barbaros; e estas canoas, e os mantimentos para elles, e os remeiroes, e os guias, e os principaes defensores tudo são indios, e tudo é dos indios; e se os indios andarem divertidos nos interesses dos governadores, e não dependerem sómente dos religiosos, nem elles os terão para as ditas missões, nem estarão doutrinados como convém para elles, nem lhes obedecerão, nem lhes serão fieis, nem se fará nada. Pelo contrario, só dizer-se aos indios do sertão que não hão de ser sujeitos aos governadores bastará para que todos se desçam com grande facilidade, e se venham fazer christãos, porque só a fama e o medo do trabalho e oppressão, em que os trazem os que governam, é o que os detem nos seus matos, como cada dia nol-o mandam dizer, e é coisa tão notoria, como digna de se lhe pôr remedio. Maranhão, 6 de abril de 1654.

O governo concedeu um subsídio de réis 250\$000 a esta publicação, associando-se assim à homenagem prestada a Vieira.

## I PARTE

# EXCERPTOS DOS SERMÕES





# DEFINIÇÕES E ALLEGORIAS

---

## Sermão de Santo António pregado aos peixes

Prégado em S. Luiz do Maranhão em 1654.

O Padre Vieira, esgotados todos os meios suasorios para levar os colonos e auctoridades do Maranhão a tratar com benevolencia os indios, favorecendo as missões e acabando com os captiveiros injustos, reconheceu a inutilidade dos seus esforços e deliberou vir a Portugal solicitar de D. João IV as providencias necessarias para assegurar efficacia á sua obra evangelisadora. Não quiz partir, porém, sem exporbrar aos habitantes de S. Luiz a sua injustiça,残酷 e cubiça, servindo-se para isso de transparentes allegorias em que a energia das censuras se allia a um espirito gracioso e mordaz.

*Sermões, 1.º vol. 1854.*

Vós, diz Christo Senhor nosso, fallando com os pré-gadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efecto do sal é impedir a corrupção, mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nella que teem officio de sal, qual será, ou qual pôde ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, e os pré-gadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhes dão, a não querem receber. Ou é porque o sal não salga, e

os prégadores dizem uma coisa e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que elles fazem, que fazer o que dizem. Ou é porque o sal não salga, e os prégadores se pregam a si, e não a Christo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, em vez de servir a Christo, servem a seus appetites. Não é tudo isto verdade? Ainda mal.

Supposto, pois, que, ou o sal não salgue, ou a terra se não deixe salgar, que se ha de fazer a este sal, e que se ha de fazer a esta terra? O que se ha de fazer ao sal que não salga, Christo o disse logo: *Quod si sal evanuerit, in quo salietur? Ad nihilum valet ultra, nisi ut mittatur foras et conculcetur ab hominibus.* (Math. V—43) Se o sal perder a substancia e a virtude, e o prégador faltar á doutrina e ao exemplo, o que se lhe ha de fazer, é lançal-o fóra como inutil, para que seja pisado de todos. Quem se atrevéra a dizer tal coisa, se o mesmo Christo a não pronunciara? Assim como não ha quem seja mais digno de reverencia e de ser posto sobre a cabeça, que o prégador que ensina e faz o que deve; assim é merecedor de todo o desprezo e de ser mettido debaixo dos pés, o que com a palavra ou com a vida prega o contrario.

Isto é o que se deve fazer ao sal que não salga. E á terra que se não deixa salgar, que se lhe ha de fazer? Este ponto não resolveu Christo Senhor nosso no Evangelho; mas temos sobre elle a resolução do nosso grande portuguez santo Antonio, que hoje celebramos, e a mais galharda e gloriosa resolução que nenhum santo tomou. Prégava santo Antonio em Italia, na cidade de Arimino, contra os herejes, que nella eram muitos; e como erros de entendimento são difficultos de arrancar, não só não fazia fructo o santo, mas chegou o povo a se levantar contra elle, e faltou pouco para que lhe não tirassem a vida. Que faria



neste caso o animo generoso do grande Antonio? Sacudiria o pó dos sapatos, como Christo aconselha em outro lugar? Mas Antonio, com os pés descalços, não podia fazer esta protestação; e uns pés a que se não pegou nada da terra não tinham que sacudir. Que faria logo? Retirar-se-hia? Calar-se-hia? Dissimularia? Daria tempo ao tempo? Isso ensinaria por ventura a prudencia ou a cobardia humana, mas o zelo da gloria divina, que ardia naquelle peito, não se rendeu a similhantes partidos. Pois que fez? Mudou sómente o pulpito e o auditorio, mas não desistiu da doutrina. Deixa as praças, vae-se ás praias; deixa a terra, vae-se ao mar, e começa a dizer a altas vozes: «Já que me não querem ouvir os homens, ouçam-me os peixes». Oh maravilhas do Altissimo! Oh poderes do que creou o mar e a terra! Começam a ferver as ondas, começam a concorrer os peixes, os grandes, os maiores, os pequenos, e postos todos por sua ordem com as cabeças de fóra da agua, Antonio prégava, e elles ouviam.

Se a Egreja quer que préguemos de Santo Antonio sobre o Evangelho, dê-nos outro. *Vos estis sal terræ*: E' muito bom texto para os outros santos doutores; mas para santo Antonio vem-lhe muito curto. Os outros santos doutores da Egreja foram sal da terra, santo Antonio foi sal da terra e foi sal do mar. Este é o assumpto que eu tinha para tomar hoje. Mas ha muitos dias que tenho mettido no pensamento que nas festas dos santos é melhor prégar como elles, que prégar delles. Quanto mais que o são da minha doutrina, qualquer que elle seja, tem tido nesta terra uma fortuna tão parecida á de Santo Antonio em Arimino, que é força segui-la em tudo. Muitas vezes vos tenho pregado nesta egreja, e noutras, de manhã e de tarde, de dia e de noite, sempre com doutrina muito clara, muito solida, muito verdadeira, e a que mais necessaria e importante é a esta terra, para emenda e refor-

ma dos vicios que a corrompem. O fructo que tenho colhido desta doutrina, e se a terra tem tomado o sal, ou se tem tomado delle, vós o sabeis, e eu por vós o sinto.

Isto supposto, quero hoje, á imitação de santo Antonio, voltar-me da terra ao mar; e já que os homens se não aproveitam, prégar aos peixes. O mar está tão perto que bem me ouvirão. Os demais podem deixar o sermão, pois não é para elles. Maria quer dizer: *Domina maris*: Senhora do mar; e posto que o assunto seja tão desusado, espero que me não falte com a costumada graça. *Ave Maria.*

## II

Em fim, que havemos de prégar hoje aos peixes? Nunca peior auditorio. Ao menos teem os peixes duas boas qualidades de ouvintes: ouvem e não fallam. Uma só coisa pudera desconsolar ao prégador, que é serem gente os peixes, que se não ha de converter. Mas esta dôr é tão ordinaria, que já pelo costume quasi se não sente. Por esta causa não fallarei hoje em céu nem inferno: e assim será menos triste este sermão, do que os meus parecem aos homens, pelos encaminhar sempre á lembrança destes dois fins.

*Vos estis sal terræ.* Haveis de saber, irmãos peixes, que o sal, filho do mar como vós, tem duas propriedades, as quaes em vós mesmos se experimentam: conservar o são, e preserval-o para que se não corrompa. Estas mesmas propriedades tinham as prégações do vosso prégador santo Antonio, como tambem as devem ter as de todos os prégadores. Uma é louvar o bem, outra reprehender o mal: louvar o bem, para o conservar, e reprehender o mal para preservar delle. Nem cuideis que isto pertence só aos homens, porque tambem nos peixes tem seu logar. Assim o diz o grande doutor da egreja S. Bazilio: *Non*

*carpere solum, reprehendere que possumus pisces, sed sunt in illis et quæ prosequenda sunt imitatione.* Não só ha que notar, diz o santo, e que reprehender nos peixes, senão tambem que imitar e louvar. Quando Christo comparou a sua egreja á rête de pescar: *sagenæ misæ in mare* (Math. XIII — 47), diz que os pescadores recolheram os peixes bons e lançaram fóra os maus: *Collegerunt bonos in vasa, malos autem foras miserunt* (Ibid. XIII — 48). E onde ha bons e maus, ha que louvar e que reprehender. Supposto isto, para que procedamos com clareza, dividirei, peixes, o vosso sermão em dois pontos: no primeiro louvar-vos-hei as vossas virtudes, no segundo reprehender-vos-hei os vossos vicios. E desta maneira satisfaremos ás obrigações do sal, que melhor vos está ouvil-as vivos, que experimental-as depois de mortos.

Começando, pois, pelos vossos louvores, irmãos peixes, bem vos pudera eu dizer que, entre todas as criaturas viventes e sensitivas, vós fostes as primeiras que Deus creou. A vós creou primeiro que as aves do ar, a vós primeiro que aos animaes da terra, e a vós primeiro que ao mesmo homem. Ao homem deu Deus a monarchia e dominio de todos os animaes dos tres elementos, e nas provisões em que o honrou com estes poderes, os primeiros nomeados foram os peixes: *Ut præsit piscibus maris, et volatilibus cæli, et bestiis universæque terræ* (Genes. I — 26). Entre todos os animaes do mundo, os peixes são os mais, e os peixes os maiores. Que comparação teem em numero as especies das aves e as dos animaes terrestres com as dos peixes? Que comparação na grandeza, o elefante com a baleia? Por isso Moysés, chronista da criação, calando os nomes de todos os animaes, só a ella nomeou pelo seu: *Creavit Deus cete grandia* (Ibid. I — 21). E os tres musicos da fornalha de Babylonia a cantaram tambem como singular entre todos: *Benedicite, cete et omnia*

*quæ moventur in aquis, Domino* (Dan. III — 79). Estes e outros louvores, estas e outras excellencias de vossa geração e grandeza vos pudera dizer, ó peixes; mas isto é lá para os homens, que se deixam levar destas vaidades, e é tambem para os logares em que tem logar a adulação, e não para o pulpito.

Vindo pois, irmãos, ás vossas virtudes, que são as que só pódem dar o verdadeiro louvor, a primeira que se me offerece aos olhos hoje é aquella obediencia com que, chamados, acudistes todos pela honra de vosso Creador e Senhor, e aquella ordem, quietação e attenção com que ouvistes a palavra de Deus da boca de seu servo Antonio. Oh grande louvor verdadeiramente para os peixes, e grande affronta e confusão para os homens! Os homens perseguinto a Antonio, querendo-o lançar da terra, e ainda do mundo, se pudessem, porque lhes reprehendia seus vicios, porque lhes não queria falar á vontade, e condescender com seus erros, e no mesmo tempo os peixes em innumerable concurso acudindo á sua voz, attentos e suspensos ás suas palavras, escutando com silencio e com signaes de admiração e assenso (como se tiveram entendimento) o que não entendiam. Quem olhasse neste passo para o mar e para a terra, e visse na terra os homens tão furiosos e obstinados, e no mar os peixes tão quietos e tão devotos, que havia de dizer? Poderia cuidar que os peixes irracionaes se tinham convertido em homens, e os homens não em peixes, mas em feras. Aos homens deu Deus uso de razão, e não aos peixes; mas neste caso os homens tinham a razão sem o uso, e os peixes o uso sem a razão. Muito louvor mereceis, peixes, por este respeito e devoção que tivestes aos prégadores da palavra de Deus, e tanto mais quanto não foi só esta a vez em que assim o fizestes. Ia Jonas, prégador do mesmo Deus, embarcado em um navio, quando se levantou aquella grande

tempestade; e como o trataram os homens, como o trataram os peixes? Os homens lançaram-no ao mar a ser comido dos peixes, e o peixe que o comeu levou-o ás praias de Ninive, para que lá prégassem e salvasse aquelles homens. E' possivel que os peixes ajudam á salvação dos homens, e os homens lançam ao mar os ministros da salvação? Vêde, peixes, e não vos venha vangloria, quanto melhores sois que os homens. Os homens tiveram entranhas para deitar Jonas ao mar, e o peixe recolheu nas entranhas a Jonas, para o levar vivo á terra.

Mas porque nestas duas acções teve maior parte a omnipotencia que a natureza (como tambem em todas as milagrosas, que obram os homens), passo ás virtudes naturaes e proprias vossas. Falando dos peixes, Aristoteles diz que só elles entre todos os animaes se não domam nem domesticam. Dos animaes terrestres o cão é tão domestico, o cavallo tão sujeito, o boi tão serviçal, o bugio tão amigo, ou tão lisonjeiro, e até os leões e os tigres com arte e beneficios se amansam. Dos animaes do ar, afóra aquellas aves que se criam e vivem comnosco, o pagagaio nos fala, o rouxinol nos canta, o açor nos ajuda e nos recreia; e até as grandes aves de rapina, encolhendo as unhas, reconhecem a mão de quem recebem o sustento. Os peixes, pelo contrario, lá se vivem nos seus mares e rios, lá se mergulham nos seus pégos, lá se escondem nas suas grutas, e não ha nenhum tão grande, que se fie do homem, nem tão pequeno que não fuja delle. Os auctores commummente condemnam esta condição dos peixes, e a deitam á pouca docilidade ou demasiada bruteza; mas eu sou de mui diferente opinião. Não condemno, antes louvo muito aos peixes este seu retiro, e me parece que, se não fôra natureza, era grande prudencia. Peixes! Quanto mais longe dos homens tanto melhor: trato e familiaridade com elles, Deus vos

livre! Se os animaes da terra e do ar querem ser seus familiares, façam-no muito embora, que com suas pensões o fazem. Cante-lhe aos homens o rouxinol, mas na sua gaiola; diga-lhe ditos o papagaio, mas na sua cadeia; vá com elles á caça o aço, mas nas suas piozes; faça-lhe bufonerias o bugio, mas no seu cepo; contente-se o cão de lhe roer um osso, mas levado onde não quer pela trela; preze-se o boi de lhe chamarem formoso ou fidalgo, mas com o jugo sobre a cerviz, puxando pelo arado e pelo carro; glorie-se o cavallo de mastigar freios dourados, mas debaixo da vara e da espora; e se os tigres e os leões lhe comem a ração da carne, que não caçaram no bosque, sejam presos e encerrados com grades de ferro. E entretanto vós, peixes, longe dos homens, e fóra dessas cortezanias, vivereis só com vosco, sim, mas como peixe na agua. De casa e das portas a dentro tendes o exemplo de toda esta verdade, o qual vos quero lembrar, porque ha philosophos que dizem que não tendes memoria.

No tempo de Noé sucedeu o diluvio, que cobriu e alagou o mundo; e de todos os animaes quaes livraram melhor? Dos leões escaparam dois, leão e leôa, e assim dos outros animaes da terra; das aguias escaparam duas, femea e macho, e assim das outras aves. E dos peixes? Todos escaparam, antes não só escaparam todos, mas ficaram muito mais largos que d'antes, porque a terra e o mar tudo era mar. Pois se morreram naquelle universal castigo todos os animaes da terra e todas as aves, porque não morreram tambem os peixes? Sabeis porquê? Diz santo Ambrosio, porque os outros animaes, como mais domesticos ou mais vivinhos, tinham mais communicação com os homens, os peixes viviam longe e retirados delles. Facilmente pudera Deus fazer que as aguas fossem venenosas e matassem todos os peixes, assim como afogaram todos os outros animaes. Bem os experimentaes na força d'a-

quellas hervas com que, infeccionados os poços e lagos, a mesma agua vos mata; mas como o diluvio era um castigo universal que Deus dava aos homens por seus peccados, e ao mundo pelos peccados dos homens, foi altissima providencia da divina justiça que nelle houvesse esta diversidade ou distincção, para que o mesmo mundo visse que da companhia dos homens lhe viera todo o mal; e que por isso os animaes que viviam mais perto delles foram tambem castigados, e os que andavam longe ficaram livres. Vede, peixes, quão grande bem é estar longe dos homens. Perguntado um grande philosopho qual era a melhor terra do mundo, respondeu que a mais deserta, porque tinha os homens mais longe. Se isto vos prégou tambem santo Antonio, e foi este um dos beneficios de que vos exhortou a dar graças ao Creador, bem vos pudera allegar consigo, que quanto mais buscava a Deus, tanto mais fugia dos homens. Para fugir dos homens deixou a casa de seus paes e se recolheu ou acolheu a uma religião, onde professasse perpetua clausura. E porque nem aqui o deixavam os que elle tinha deixado, primeiro deixou Lisboa, depois Coimbra, e finalmente Portugal. Para fugir e se esconder dos homens, mudou o habito, mudou o nome, e até a si mesmo se mudou, occultando sua grande sabedoria debaixo da opinião de idiota, com que não fosse conhecido nem buscado, antes deixado de todos, como lhe succederam com seus proprios irmãos no capitulo geral de Assis. Dalli se retirou a fazer vida solitaria em um ermo, do qual nunca sahira se Deus como por força o não manifestara, e por fim acabou a vida em outro deserto, tanto mais unido com Deus, quanto mais apartado dos homens.

## III

Este é, peixes em commum, o natural que em todos vós louvo, e a felicidade de que vos dou o parabem, não sem inveja. Descendo ao particular, infinita materia fôra se houvera de discorrer pelas virtudes de que o auctor da natureza a dotou e fez admiravel em cada um de vós. De alguns sómente farei menção. E o que tem o primeiro logar entre todos, como tão celebrado na escriptura, é aquelle santo peixe de Tobias, a quem o texto sagrado não dá outro nome que de grande, como verdadeiramente o foi nas virtudes inteiros, em que só consiste a verdadeira grandeza. Ia Tobias caminhando com o anjo S. Raphael, que o acompanhava, e descendo a lavar os pés do pó do caminho nas margens de um rio, eis que o investe um grande peixe com a bocca aberta, em acção de que o queria tragar. Gritou Tobias assombrado, mas o anjo lhe disse que pegasse no peixe pela barbatana e o arrastasse para terra; que o abrisse e lhe tirasse as entranhas e as guardasse, porque lhe haviam de servir muito. Fel-o assim Tobias, e perguntando que virtude tinham as entranhas daquelle peixe que lhe mandara guardar, respondeu o anjo que o fel era bom para sarar da cegueira, e o coração para lançar fôra os demonios: *Cordis ejus particulam, si super carbones ponas, fumus ejus extricat omne genus Dæmoniorum: et fel valet ad ungendos oculos in quibus fuerit albugo, et sanabuntur* (Tob. VI — 8). Assim o disse o anjo, e assim o mostrou logo a experientia, porque, sendo o pae de Tobias cego, applicando-lhe o filho aos olhos um pequeno do fel, cobrou inteiramente a vista; e tendo um demonio chamado Asmodeo morto sete maridos a Sara, casou com ella o mesmo Tobias; e queimando na casa parte do coração, fugiu dalli o demonio e nunca mais tornou. De sorte que o fel daquelle peixe tirou a ceguei-

ra a Tobias o velho, e lançou os demonios de casa a Tobias o moço. Um peixe de tão bom coração e de tão proveitoso fel, quem o não louvará muito? Certo que, se a este peixe o vestiram de burel e o ataram com uma corda, parecia um retrato marítimo de santo Antonio. Abria santo Antonio a boca contra os herejes, e enviava-se a elles levado do fervor e zelo da fé e gloria divina. E elles que faziam? Gritavam como Tobias, e assombravam-se com aquelle homem, e cuidavam que os queria comer. Ah homens, se houvesse um anjo que vos revelasse qual é o coração desse homem, e esse fel que tanto vos amarga, quão proveitoso e quão necessario vos é! Se vós lhe abrisseis esse peito e lhe visseis as entranhas, como é certo que havieis de achar e conhecer claramente nellas que só duas coisas pretende de vós e comvosco: uma é allumiar e curar vossas cegueiras, e outra lançar-vos os demonios fóra de casa. Pois a quem vos quer tirar as cegueiras, a quem vos quer livrar dos demonios perseguis vós? Só uma diferença havia entre santo Antonio e aquelle peixe: que o peixe abriu a bocca contra quem se lavava, e santo Antonio abria a sua contra os que se não queriam lavar. Ah moradores do Maranhão, quanto eu vos pudera agora dizer deste caso! Abri, abri estas entranhas; vede, vede este coração. Mas ah sim, que me não lembra! Eu não vos prego a vós, prego aos peixes.

Passando dos da Escriptura aos da historia natural, quem haverá que não louve e admire muito a virtude tão celebrada da remora? No dia de um santo menor, os peixes menores devem preferir aos outros. Quem haverá, digo, que não admire a virtude daquelle peixesinho, tão pequeno no corpo e tão grande na força e no poder, que, não sendo maior de um palmo, se se pega ao leme de uma nau da India, apezar das velas, e dos ventos, e de seu proprio peso e grande-

za, a prende e amarra mais que as mesmas ancoras, sem se poder mover, nem ir por diante? Oh se houvera uma remora na terra, que tivesse tanta força como a do mar, que menos perigos haveria na vida e que menos naufragios no mundo! Se alguma remora houve na terra, foi a lingua de santo Antonio, na qual, como na remora, se verifica o verso de sâo Gregorio Nazianzeno: *Lingua quidem parva est, sed viribus omnia vincit.* O apostolo Santiago, naquelle sua eloquentissima Epistola, compara a lingua ao leme da náu, e ao freio do cavallo. Uma e outra comparação juntas declararam maravilhosamente a virtude da remora, a qual, pegada ao leme da náu, é freio da náu e leme do leme. E tal foi a virtude e força da lingua de santo Antonio. O leme da natureza humana é o alvedrio, o piloto é a razão: mas quão poucas vezes obedecem á razão os impetos precipitados do alvedrio? Neste leme, porém, tão desobediente e rebelde, mostrou a lingua de Antonio quanta força tinha, como remora, para dominar e parar a furia das paixões humanas. Quantos, correndo fortuna na náu Soberba, com as velas inchadas do vento, e da mesma soberba (que também é vento), se iam desfazer nos baixos, que já rebentavam por prôa, se a lingua de Antonio, como remora, não tivesse nião no leme, até que as velas se amainassem, como mandava a razão, e cessasse a tempestade de fôra e a de dentro? Quantos embarcados na náu Vingança, com a artilheria abocada e os botafogos acce-sos, corriam infunados a dar-se batalha, onde se queimariam ou deitariam a pique, se a remora da lingua de Antonio lhe não detivesse a furia, até que, composta a ira, e odio, com bandeiras de paz se salvassem amigavelmente? Quantos navegando na náu Cubica, sobrecarregada até ás gaveas e aberta com o peso por todas as costuras, incapaz de fugir, nem se defender, dariam nas mãos dos cossarios com perda do que leva-

vam e do que iam buscar, se a lingua de Antonio os não fizesse parar, como remora, até que alliviados da carga injusta, escapassem do perigo e tomassem porto? Quantos na náu Sensualidade, que sempre navega com cerração, sem sol de dia, nem estrellas de noite, enganados do canto das sereias, e deixando-se levar da corrente, se iriam perder cégamente, ou em Scylla, ou em Carybdes, onde não apparecesse navio nem navegante, se a remora da lingua de Antonio os não contivesse até que esclarecesse a luz, e se poszessem em via. Esta é a lingua, peixes, do vosso grande pregador, que tambem foi remora vossa em quanto o ouvistes; e porque agora está muda (posto que ainda se conserva inteira), se vêem e choram na terra tantos naufragios.

Mas para que da admiração de uma tão grande virtude vossa passemos ao louvor, ou inveja de ontra não menor, admiravel é igualmente a qualidade daquelle outro peixesinho a que os latinos chamaram torpedo. Ambos estes peixes conhecemos cá mais de fama que de vista; mas isto teem as virtudes grandes: que quanto são maiores, mais se escondem. Está o pescador com a cana na mão, o anzol no fundo e a boia sobre a agua, e em lhe picando na isca a torpedo, começalhe a tremer o braço. Pôde haver maior, mais breve e mais admiravel effeito? De maneira que num momento passa a virtude do peixesinho, da bocca ao anzol, do anzol à linha, da linha à cana, e da cana ao braço do pescador. Com muita razão disse que este vosso louvor o havia de referir com inveja. Quem dera aos pescadores do nosso elemento, ou quem lhes puzera esta qualidade tremente em tudo o que pescam na terra! Muito pescam, mas não me espanto do muito; o que me espanta é que pesquem tanto e que tremam tão pouco. Tanto pescar e tão pouco tremer! Pudera-se fazer problema: onde ha mais pescadores e mais modos

e traças de pescar, se no mar ou na terra? E é certo que na terra. Não quero discorrer por elles, ainda que fôra grande consolação para os peixes; baste fazer a comparação com a cana, pois é o instrumento do nosso caso. No mar pescam as canas, na terra pescam as varas (e tanta sorte de varas), pescam as ginetas, pescam as bengalas, pescam os bastões e até os sceptros pescam, e pescam mais que todos, porque pescam cidades e reinos inteiros. Pois é possível que, pescando os homens coisas de tanto peso, lhes não trema a mão e o braço? Se eu pregara aos homens e tivera a lingua de santo Antonio, eu os fizera tremer. Vinte e dois pescadores destes se acharam acaso a um sermão de santo Antonio, e as palavras do santo os fizeram tremer a todos, de sorte que todos tremendo se lançaram a seus pés, todos tremendo confessaram seus furtos, todos tremendo restituiram o que podiam (que isto é o que faz tremer mais neste peccado que nos outros) todos enfim mudaram de vida e de officio, e se emendaram.

.....

Deitou-vos Deus a benção, que crescesseis e multiplicasseis; e para que o Senhor vos confirme essa benção, lembrae-vos de não faltar aos pobres com o seu remedio. Entendei que no sustento dos pobres tendes seguros os vossos augmentos. Tomae o exemplo nas irmãs sardinhas. Porque cuidaes que as multiplica o creador em numero tão innumeravel? Porque são sustento de pobres. Os solhos e os salmões são muito contados, porque servem á mesa dos reis e dos poderosos; mas o peixe que sustenta a fome dos pobres de Christo, o mesmo Christo o multiplica e aumenta. Aquelles dois peixes companheiros dos cinco pães do deserto multiplicaram tanto, que deram de comer a cinco mil homens. Pois se peixes mortos,

que sustentam a pobres, multiplicam tanto, quanto mais e melhor o farão os vivos ! Crescei, peixes, crescei e multiplicae, e Deus vos confirme a sua benção.

## IV

Antes porém que vos vades, assim como ouvistes os vossos louvores, ouvi tambem agora as vossas reprehensões. Servir-vos-hão de confusão, já que não seja de emenda. A primeira coisa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escandalo é este, mas a circumstancia o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, se não que os grandes comem os pequenos. Se fôra pelo contrario era menos mal. Se os pequenos comeram os grandes, bastaria um grande para muitos pequenos ; mas como os grandes comem os pequenos, não bastam cem pequenos, nem mil, para um só grande. Olhae como estranha isto santo Agostinho : *Homines pravis, perversisque cupiditatibus facti sunt veluti pisces invicem se devorantes.* Os homens com suas más e perversas cobiças, veem a ser como os peixes que se comem uns aos outros. Tão alheia coisa é, não só da razão, mas da mesma natureza, que sendo todos criados no mesmo elemento, todos cidadãos da mesma patria, e todos finalmente irmãos, vivaes de vos comer. Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escandalo, mostrou-lh'o nos peixes ; e eu que prego aos peixes, para que vejaes quão feio e abominavel é, quero que o vejaes nos homens. Olhae, peixes, lá do mar para a terra. Não, não : não é isso o que vos digo. Vós viraes os olhos para os matos e para o sertão ? Para cá, para cá ; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidaes que só os tapuyas se comem uns aos outros, muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vê-

des vós todo aquelle bolir, vêdes todo aquelle andar, vêdes aquelle concorrer ás praças e cruzar as ruas: vêdes aquelle subir e descer as calçadas, vêdes aquelle entrar e sair sem quietação nem socego? Pois tudo aquillo é andarem buscando os homens como hão de comer, e como se hão de comer.

Morreu algum delles, vereis logo tantos sobre o miseravel a despedaçal-o e comel-o. Comem-no os herdeiros, comem-no os testamenteiros, comein-no os legatarios, comem-no os acredores: comem-no os officiaes dos orphãos, e os dos defuntos e ausentes: come-o o medico, que o curou ou ajudou a morrer, come-o o sangrador que lhe tirou o sangue, come-o a mesma mulher, que de má vontade lhe dá para mortalha o lençol mais velho da casa, come-o o que lhe abre a cova, o que lhe tange os sinos, e os que cantando o levam a enterrar: enfim, ainda o pobre defunto o não comeu a terra, e já o tem comido toda a terra. Já se os homens se comêram sómente depois de mortos, parece que era menos horror e menos materia de sentimento. Mas para que conheçaes a que chega a vossa crueldade, considerae, peixes, que também os homens se comem vivos assim como vós. Vivo estava Job, quando dizia: *Quare persequimini me. et carnis meis saturamini?* (Job. XIX — 22) Porque me perseguiis tão deshumanamente, vós, que me estaes comendo vivo e fartando-vos da minha carne? Quereis ver um Job destes? Vêde um homem desses que andam perseguidos de pleitos ou accusados de crimes, e olhae quantos o estão comendo. Come-o o meirinho, come-o o carcereiro, come-o o escrivão, come-o o solicitador, come-o o advogado, come-o o inquiridor, come-o a testemunha, come-o o julgador, e ainda não está setenciado, já está comido. São peiores os homens que os corvos. O triste que foi à forca, não o comem os corvos senão depois de executado e morto;

e o que anda em juizo, ainda não está executado nem sentenciado, e já está comido.

E para que vejaes como estes comidos na terra são os pequenos, e pelos mesmos modos com que vós vos comeis no mar; ouvi a Deus queixando-se deste peccado: *Nonne cognoscent omnes, qui operantur iniqitatem, qui devorant plebem meam, ut cibum panis?* (Psal. XIII—4) Cuidaes, diz Deus, que não ha de vir tempo em que conheçam e paguem o seu merecido aquelles que commettem a maldade? E que maldade é esta, á qual Deus singularmente chama a maldade, como se não houvera outra no mundo? E quem são aquelles que a commettem? A maldade é comerem-se os homens uns aos outros, e os que a commettem são os maiores que comem os pequenos: *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis.* Nestas palavras, pelo que vos toca, importa, peixes, que advirtaes muito outras tantas coisas, quantas são as mesmas palavras. Diz Deus, que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe: *Plebem meam*, porque a plebe e os plebeos, que são os mais pequenos, os que menos podem, e os que menos avultam na republica, estes são os comidos. E não só diz, que os comem de qualquer modo, senão que os engolem e os devoram: *Qui devorant.* Porque os grandes que tem o mando das cidades e das provincias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, ou poucos a poucos, senão que devorem e engolem os povos inteiros: *Qui devorant plebem meam.* E de que modo os devoram e comem? *Ut cibum panis:* não comem os outros comeres, senão como pão. A diferença que ha entre o pão e os outros comeres, é que para a carne, ha dias de carne, e para o peixe, dias de peixe, e para as fructas, differentes mezes do anno; porém o pão é comer de todos os dias, que sempre e continuadamente se come: e isto é o que padecem os peque-

nos. São o pão quotidiano dos grandes: e assim como o pão se come com tudo, assim com tudo, e em tudo são comidos os miseraveis pequenos, não tendo, nem fazendo officio em que os não carreguem, em que os não multem, em que os não defraudem, em que os não comam, traguem e devorem: *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis.* Parece-vos bem isto, peixes? Representa-se-me que com o movimento das cabeças estaes todos dizendo que não, e com olhades uns para os outros, vos estaes admirando e pasmando de que entre os homens haja tal injustiça e maldade! Pois isto mesmo é o que vós fazeis. Os maiores comeis os pequenos: e os muito grandes não só os comem um por um, senão os cardumes inteiros, e isto continuadamente sem diferença de tempos, não só de dia, senão tambem de noite, ás claras e ás escuras, como tambem fazem os homens.

Se cuidaes por ventura, que estas injustiças entre vós se toleram e passam sem castigo, enganaes-vos. Assim como Deus as castiga nos homens, assim tambem por seu modo as castiga em vós. Os mais velhos, que me ouvis e estaes presentes, bem vistes neste Estado, e quando menos ouvirieis murmurar aos passageiros nas canoas, e muito mais lamentar aos miseraveis remeirois dellas que os maiores que cá foram mandados, em vez de governar e augmentar o mesmo Estado o destruiram; porque toda a fome que de lá traziam, a fartavam em comer e devorar os pequenos. Assim foi: mas se entre vós se acham acaso alguns dos que, seguindo a esteira dos navios, vão com elles a Portugal e tornam para os mares patrios; bem ouviram estes lá no Tejo, que esses mesmos maiores, que cá comiam os pequenos, quando lá chegam acham outros maiores que os comam tambem a elles. Este é o estylo da divina justiça tão antigo e manifesto, que até os gentios o conhecerao e celebraram.

*Vos quibus rector maris, atque terrae  
Jus dedit magnum necis, atque vitae;  
Ponite inflatos, tumidosque vultus;  
Quidquid a vobis minor extimescit,  
Maior hoc vobis Dominus minatur.*

Notae, peixes, aquella definição de Deus: *Rector maris atque terrae*. Governador do mar e da terra: para que não duvideis que o mesmo estylo, que Deus guarda com os homens na terra, observa tambem com vosco no mar. Necessario é logo que olheis por vós e que não façaes pouco caso da doutrina que vos deu o grande doutor da egreja santo Ambrosio, quando fallando com vosco, disse: *Cave ne dum alium insequeris, incidas invalidiorem*. Guarde-se o peixe que persegue o mais fraco para o comer, não se ache na boca do mais forte, que o engula a elle. Nós o vemos aqui cada dia. Vae o xareo correndo atraç do bagre, como o cão apôs a lebre, e não vê o cego que lhe vem nas costas o tubarão com quatro ordens de dentes, que o ha de engulir de um bocado. É o que com maior elegancia vos disse tambem santo Agostinho: *Prædo minoris fit præda maioris*. Mas não bastam, peixes, estes exemplos para que acabe de se persuadir a vossa gula, que a mesma crueldade que usaes com os pequenos, tem já apparelhado o castigo na voracidade dos grandes?

Já que assim o experimentaes com tanto damno vosso, importa que d'aqui por deante sejaes mais republicos, e zelosos do bem commun, e que este prevaleça contra o appetite particular de cada um, para que não succeda, que assim como hoje vemos a muitos de vós tão diminuidos, vos venhaes a consumir de todo. Não vos bastam tantos inimigos de fóra, e tantos perseguidores tão astutos e pertinazes, quantos são os pescadores, que nem de dia nem de noite deixam de vos pôr em cerco e fazer guerra por tantos modos?

Não vêdes que contra vós se emmalham e entralham as redes; contra vós se tecem as nassas, contra vós se torcem as linhas, contra vós se dobram e farpam os anzoes, contra vós as fispas e os arpões? Não vêdes que contra vós até as canas são lanças e as cortiças armas offensivas? Não vos basta pois, que tenhaes tantos e tão armados inimigos de fóra, senão que tambem vós de vossas portas a dentro o haveis de ser mais crueis, perseguindo-vos com uma guerra mais que civil, e comendo-vos uns aos outros? Cesse, cesse já, irmãos peixes, e tenha fim algum dia esta tão perniciosa discordia: e pois vos chamei e sois irmãos, lembrae-vos das obrigações deste nome. Não estaveis vós muito quietos, muito pacificos e muito amigos todos, grandes e pequenos, quando vos prégava santo Antonio? Pois continuae assim e sereis felizes.

Dir-me-heis (como tambem dizem os homens) que não tendes outro modo de vos sustentar. E de que se sustentam entre vós muitos, que não comem os outros? O mar é muito largo, muito fertil, muito abundante, e só com o que bota ás praias pôde sustentar grande parte dos que vivem dentro nelle. Comerem-se uns animaes aos outros é voracidade e sevicia, e não estatuto da natureza. Os da terra e do ar, que hoje se comem, no principio do mundo não se comiam, sendo assim conveniente e necessario para que as especies de todos se multiplicassem. O mesmo foi (ainda mais claramente) depois do diluvio, porque tendo escapado sómente dois de cada especie, mal se podiam conservar, se se comessem. E finalmente no tempo do mesmo diluvio, em que todos viveram juntos dentro na arca, o lobo estava vendo o cordeiro, o gavião a perdiz, o leão o gammo, e cada um aquelles em que se costuma cevar; e se acaso lá tiveram essa tentação todos lhe resistiram e se acommodaram com a ração do paiol commun, que Noé lhes repartia. Pois se os



animaes dos outros elementos mais calidos foram capazes desta temperanca, porque o não serão os da agua? Emfim se elles em tantas occasiões pelo desejo natural da propria conservaçao e augmento, fizeram da necessidade virtude, fazei-o vós tambem: ou fazei a virtude sem necessidade e será maior virtude.

Outra coisa muito geral, que não tanto me desedifica, quanto me lastima em muitos de vós, é aquella tão notavel ignorancia e cegueira que em todas as viagens experimentam os que navegam para estas partes. Toma um homem do mar um anzol, ata-lhe um pedaço de panno cortado e aberto em duas ou tres pontas, lança-o por um cabo delgado até tocar na agua, e em o vendo o peixe, arremette cego a elle e fica preso, e boqueando até que assim suspenso no ar, ou lançado no convés, acaba de morrer. Pôde haver maior ignorancia e mais rematada cegueira que esta? Enganados por um retalho de panno perder a vida? Dir-me-heis que o mesmo fazem os homens. Não vol-o nego. Dá um exercito batalha contra outro exercito, mettem-se os homens pelas pontas dos piques, dos chuços e das espadas, e porque? Porque houve quem os engodou, e lhes fez isca com dois retalhos de panno. A vaidade entre os vicios é o pescador mais astuto, e que mais facilmente engana os homens. E que faz a vaidade? Põe por isca nas pontas desses piques, desses chuços, e dessas espadas dois retalhos de panno, ou branco, que se chama habit de Malta, ou verde, que se chama de Aviz; ou vermelho, que se chama de Christo e de Santiago; e os homens por chegarem a passar esse retalho de panno ao peito, não reparam em tragá e engulir o ferro. E depois disso que succede? O mesmo que a vós. O que engoliu o ferro, ou alli, ou n'outra occasião ficou morto: e os mesmos retalhos de panno tornaram outra vez ao anzol para pescar outros. Por este

exemplo vos concedo, peixes, que os homens fazem o mesmo que vós, posto que me parece, que não foi este o fundamento da vossa resposta ou escusa, porque cá no Maranhão ainda que se derrame tanto sangue, não ha exercitos, nem esta ambição de habitos.

Mas nem por isso vos negarei, que também cá se deixam pescar os homens pelo mesmo engano, menos honrada e mais ignorantemente. Quem pesca as vidas a todos os homens do Maranhão, e com que? Um homem do mar com uns retalhos de panno. Vem um mestre de navio de Portugal com quatro varreduras das lojas, com quatro pannos e quatro sedas, que já se lhes passou a era e não tem gasto: e que faz? Isca com aquelles trapos aos moradores da nossa terra: dá-lhes uma sacadella e dá-lhes outra, com que cada vez lhes sóbe mais o preço; e os bonitos, ou os que o querem parecer, todos esfaimados aos trapos, e alli ficam engasgados e prezos, com dívidas de um anno para outro anno, e de uma safra para outra, e lá vae a vida. Isto não é encarecimento. Todos a trabalhar toda a vida, ou na roça, ou na cana, ou no engenho ou no tabacal: e este trabalho de toda a vida, quem o leva? Não o levam os coches, nem as liteiras, nem os cavallos, nem os escudeiros, nem os pagens, nem os lacaios, nem as tapeçarias, nem as pinturas, nem as bajellas, nem as joias; pois em que se vae e despende toda a vida? No triste farrapo com que sahem á rua, e para isso se matam todo o anno.

Não é isto, meus peixes, grande loucura dos homens com que vos escusaeis? Claro está que sim: nem vós o podeis negar. Pois se é grande loucura esperdiçar a vida por dois retalhos de panno, quem tem obrigação de se vestir, vós a quem Deus vestiu do pé até á cabeça, ou de pelles de tão vistas e apropriadas cores, ou de escamas prateadas e doiradas, vestidos que nunca se rompem, nem gastam com o tempo

nem se variam, ou podem variar com as modas; não é maior ignorancia e maior cegueira, deixardes-vos enganar, ou deixardes-vos tomar pelo beiço com duas tirinhas de panno? Vede o vosso santo Antonio, que pouco o poude enganar o mundo com essas vaidades. Sendo moço e nobre, deixou as galas de que aquella edade tanto se prezava, trocou as por uma loba de sarja e uma corrèa de conejo regrante; e depois que se viu assim vestido, parecendo-lhe que ainda era muito custosa aquella mortalha, trocou a sarja pelo burel e a corrèa pela corda. Com aquella corda e com aquelle panno, pescou elle muitos, e só estes se não enganaram e foram sisudos.

## V

Descendo ao particular, direi agora, peixes, o que tenho contra alguns de vós. E começando aqui pela nossa costa, no mesmo dia em que cheguei a ella, ouvindo os roncadores e vendo o seu tamanho, tanto me moveram o riso como a ira. E' possivel que sendo vós uns peixinhos tão pequenos, haveis de ser as roncas do mar? Se com uma linha de cozer e um alfinete torcido, vos pôde pescar um aleijado, porque haveis de roncar tanto? Mas por isso mesmo roncaes: Dizei-me: o espadarte porque não ronca? Porque, ordinariamente, quem tem muita espada, tem pouca lingua. Isto não é regra geral; mas é regra geral, que Deus não quer roncadores, e que tem particular cuidado de abater e humilhar aos que muito roncam. S. Pedro, a quem muito bem conhecerais vossos antepassados, tinha tão boa espada, que elle só avançou contra um exercito inteiro de soldados romanos; e se Christo lh'a não mandara metter na bainha, eu vos prometto que havia cortar mais orelhas que a de Malco. Comtudo, que lhe succedeu naquelle mesma noite? Tinha roncado e barbateado Pedro, que se todos fraqueassem,

só elle havia de ser constante até morrer, se fosse necessario: e foi tanto pelo contrario, que só elle fraqueou mais que todos, e bastou a voz de uma mulherzinha para o fazer tremer e negar. Antes disso já tinha fraqueado na mesma hora em que prometteu tanto de si. Disse-lhe Christo no horto, que vigiasse, e vindo d'ahi a pouco a vêr se o fazia, achou-o dormindo com tal descuido, que não só o accordou do sonno, senão tambem do que tinha blazonado: *Sic non potuisti una hora vigilare mecum?* (Marc. XIV—37) Vós, Pedro, sois o valente que haveis de morrer por mim, e não podestes uma hora vigiar commigo? Pouco ha tanto roncar, e agora tanto dormir? Mas assim sucedeu. O muito roncar antes da occasião, é signal de dormir nella. Pois que vos parece, irmãos roncadores? Se isto sucedeu ao maior pescador, que pôde acontecer ao menor peixe? Medi-vos, e logo vereis quão pouco fundamento tendes de blazonar, nem roncar.

Se as baléas roncaram, tinha mais desculpa a sua arrogancia na sua grandeza. Mas ainda nas mesmas baléas não seria essa arrogancia segura. O que é a baléa entre os peixes, era o gigante Golias entre os homens. Se o rio Jordão, e o mar de Tiberiades tem communicação com o Oceano, como devem ter, pois delle manam todos; bem deveis de saber, que este gigante era a ronca dos filistheos. Quarenta dias continuos esteve armado no campo, desafiando a todos os arraiaes de Israel, sem haver quem se lhe atrevesse: e no cabo que fim teve toda aquella arrogancia? Bastou um pastorzinho com um cajado e uma funda, para dar com elle em terra. Os arrogantes, e soberbos tomam-se com Deus; e quem se toma com Deus, sempre fica debaixo. Assim que, amigos roncadores, o verdadeiro conselho é calar, e imitar a santo Antonio. Duas coisas ha nos homens, que os costumam fazer roncadores, porque ambas incham: o saber, e o poder.

Caifaz roncava de saber: *Vos nescitis quidquam.* (Joann. XI—49) Pilatos roncava de poder: *Nescis quia potestatem habeo?* (Joann. XIX—10) E ambos contra Christo. Mas o fiel servo de Christo, Antonio, tendo tanto saber, como já vos disse, e tanto poder, como vós mesmos experimentastes, ninguem houve jámais que o ouvisse fallar em saber, ou poder, quanto mais blazonar disso. E porque tanto calou, por isso deu tamanho brado.

Nesta viagem, de que fiz menção, e em todas as que passei a linha equinocial, vi debaixo della o que muitas vezes tinha visto e notado nos homens, e me admirou que se houvesse estendido esta ronha, e pegado tambem aos peixes. Pegadores se chamam estes de que agora fallo, e com grande propriedade, porque sendo pequenos, não só se chegam a outros maiores; mas de tal sorte se lhes pegam aos costados, que jámais os desaferram. De alguns animaes de menos força e industria se conta, que vão seguindo de longe aos leões na caça, para se sustentarem do que a elles sobeja. O mesmo fazem estes pegadores, tão seguros ao perto, como aquelles ao longe; porque o peixe grande não pôde dobrar a cabeça, nem voltar a boca sobre o que traz ás costas, e assim lhes sustenta o peso, e mais a fome. Este modo de vida, mais astuto que generoso, se acaso se passou, e pegou de um elemento a outro, sem duvida, que o aprenderam os peixes do alto depois que os nossos portuguezes o navegaram; porque não parte vice-rei, ou governador para as conquistas, que não vá rodeado de pegadores, os quaes se arrimam a elles, para que cá lhes matem a fome de que lá não tinham remedio. Os menos ignorantes desenganados da experencia, despegam-se, e buscam a vida por outra via; mas os que se deixam estar pegados á mercê e fortuna dos maiores, veem-lhes a succeder no fim o que aos pegadores do mar.

Rodêa a náu o tubarão nas calmarias da linha com

os seus pegadores ás costas, tão serzidos com a pelle, que mais parecem remendos, ou manchas naturaes, que os hospedes, ou companheiros. Lançam-lhe um anzol de cadea com a ração de quatro soldados, arremessa-se furiosamente á preza, engole tudo de um bocado, e fica preso. Corre meia campanha a alal-o acima, bate fortemente o convés com os ultimos arrancos; em fim, moire o tubarão, e morrem com elle os pegadores.

.....

Considerae, pegadores vivos, como morreram os outros que se pegaram áquelle peixe grande, e porquè. O tubarão morreu porque comeu, e elles morreram pelo que não comeram. Pôde haver maior ignorancia, que morrer pela fome e boca alhêa? Que morra o tubarão porque comeu, matou o a sua gula; mas que morra o pegador pelo que não comeu, é a maior desgraça que se pôde imaginar! Não cuidei que tambem nos peixes havia peccado original! Nós os homens, fomos tão desgraçados, que outrem comeu e nós o pagamos. Toda a nossa morte teve principio na gulodice de Adão e Eva; e que hajamos de morrer pelo que outrem comeu, grande desgraça! Mas nós lavam-nos desta desgraça com uma pouca de agua, e vós não vos podeis lavar da vossa ignorancia com quanta agua tem o mar.

Com os voadores tenho tambem uma palavra, e não é pequena a queixa. Dizei-me, voadores, não vos fez Deus para peixes? Pois porque vos metteis a ser aves? O mar fel-o Deus para vós, e o ar para ellas. Contentae-vos com o mar e com nadar, e não queiraes voar, pois sois peixes. Se acaso vos não conhecereis, olhae para as vossas espinhas e para as vossas escamas, e conhecereis que não sois ave, senão peixe, e ainda entre os peixes não dos melhores. Dir-me-heis,

voador, que vos deu Deus maiores barbatanas que aos outros de vosso tamanho. Pois porque tivestes maiores barbatanas, por isso haveis de fazer das barbatanas azas? Mas ainda mal porque tantas vezes vos desengana o vosso castigo. Quizestes ser melhor que os outros peixes, e por isso sois mais mofino que todos. Aos outros peixes do alto, mata-os o anzol ou a fisga, a vós sem fisga nem anzol, mata-vos a vossa presumpção e o vosso capricho. Vae o navio navegando e o marinheiro dormindo, e o voador toca na vela ou na corda, e cae palpitando. Aos outros peixes mata-os a fome e engana-os a isca, ao voador mata-o a vaidade de voar, e a sua isca é o vento. Quanto melhor lhe fôra mergulhar por baixo da quilha e viver, que voar por cima das antenas e cair morto. Grande ambição é, que sendo o mar tão immenso, lhe não basta a um peixe tão pequeno todo o mar, e queira outro elemento mais largo. Mas vede, peixes, o castigo da ambição. O voador fel-o Deus peixe, e elle quiz ser ave, e permitte o mesmo Deus, que tenha os perigos de ave e mais os de peixe. Todas as vellas para elle são redes, como peixe, e todas as cordas, laços como ave. Vê, voador, como correu pela posta o teu castigo. Pouco ha nadavas vivo no mar com as barbatanas, e agora jazes em um convés amortalhado nas azas. Não contente com ser peixe, quizeste ser ave, e já não és ave nem peixe; nem voar poderás já, nem nadar. A natureza deu-te a agua, tu não quizeste senão o ar, e eu já te vejo posto ao fogo. Peixes, contente-se cada um com o seu elemento. Se o voador não quizera passar do segundo ao terceiro, não viera a parar no quarto. Bem seguro estava elle do fogo, quando nadava na agua, mas porque quiz ser borboleta das ondas, vieram-se-lhe a queimar as azas.

A' vista deste exemplo, peixes, tomæ todos na memoria esta sentença: Quem quer mais do que lhe

convém, perde o que quer, e o que tem. Quem pôde nadar, e quer voar, tempo virá em que não vôle, nem nade.

.....

O polvo com aquelle seu capello na cabeça, parece um monge; com aquelles seus raios estendidos, parece uma estrella; com aquelle não ter osso nem espinha, parece a mesma brandura, a mesma mansidão. E debaixo desta apparencia tão modesta, ou desta hypocrisia tão santa, testemunham contestemente os dois grandes doutores da egreja latina e grega, que o dito polvo é o maior traidor do mar. Consiste esta traição do polvo primeiramente em se vestir, ou pintar das mesmas côres de todas aquellas côres, a que está pegado. As côres, que no camaleão são gala, no polvo são malicia: as figuras, que em Protheu são fabula, no polvo são verdade e artificio. Se está nos limos, faz-se verde; se está na areia, faz-se branco; se está no lodo, faz-se pardo; e se está em alguma pedra, como mais ordinariamente costuma estar, faz-se da côr da mesma pedra. E daqui que succede? Succede que o outro peixe, inocente da traição, vae passando desacautelado, e o salteador, que está de emboscada dentro do seu proprio engano, lança-lhe os braços de repente, e fal-o prisioneiro. Fizera mais Judas? Não fizera mais; porque nem fez tanto. Judas abraçou a Christo, mas outros o prenderam: o polvo é o que abraça, e mais o que prende. Judas com os braços fez o signal, e o polvo dos proprios braços faz as cordas. Judas é verdade, que foi traidor, mas com lanternas diante: traçou a traição ás escuras, mas executou-a muito ás claras. O polvo escurecendo-se a si, tira a vista aos outros, e a primeira traição, e roubo, que faz, é á luz, para que não distinga as côres. Vê, peixe

aleivoso e vil, qual é a tua maldade, pois Judas em tua comparação já é menos traidor.

Oh que excesso tão affrontoso, e tão indigno de um elemento tão puro, tão claro, e tão cristalino como o da agua, espelho natural não só da terra, senão mesmo do céu. Lá disse o propheta por encarecimento, que nas nuvens do ar até a agua é escura : *Tenebrosa aqua in nubibus aeris.* (Psal. XVII — 12) E disse no meadamente nas nuvens do ar, para attribuir a escridade ao outro elemento, e não à agua; a qual em seu proprio elemento sempre é clara, diafana e transparente, em que nada se pôde occultar, encobrir, nem dissimular. E que neste mesmo elemento se crie, se conserve, e se exercite com tanto damno do bem publico um monstro tão dissimulado, tão fingido, tão astuto, tão enganoso, e tão conhecidamente traidor ! Vejo, peixes, que pelo conhecimento que tendes das terras em que batem os vossos mares, me estaes respondendo, e convindo, que tambem nellas ha falsidades, enganos, fingimentos, embustes, ciladas, e muito maiores e mais perniciosas traições. E sobre o mesmo sujeito, que defendeis, tambem podereis applicar aos similhantes outra propriedade muito propria ; mas pois vós a calaes, eu tambem a calo. Com grande confusão, porém, vos confesso tudo, e muito mais do que dizeis, pois o não posso negar. Mas ponde os olhos em Antonio vosso prégador, e vereis nelle o mais puro exemplar da candura, da sinceridade, e da verdade, onde nunca houve dolo, fingimento, ou engano. E sabei tambem, que para haver tudo isto em cada um de nós, bastava antigamente ser portuguez, não era necessario ser santo.

Em tudo o que vos excedo, peixes, vos reconheço muitas vantagens. A vossa bruteza é melhor que a

minha razão, e o vosso instincto melhor que o meu al-  
vedrio. Eu fallo, mas vós não offendéis a Deus com as  
palavras: eu lembro-me, mas vós não offendéis a Deus  
com a memoria: eu discorro, mas vós não offendéis a  
Deus com o entendimento: eu quero, mas vós não  
offendeis a Deus com a vontade. Vós fostes creados  
por Deus, para servir ao homem, e conseguis o fim  
para que fostes creados: a mim creou-me para o ser-  
vir a elle, e eu não comsigo o fim para que me creou,  
Vós não haveis de vêr a Deus, e pudéreis aparecer  
diante delle muito confiadamente, porque o não offendestes:  
eu espero que o hei de vêr; mas com que rosto  
hei de apparecer deante de seu divino acatamento, se  
não cesso de o offender? Ah que quasi estou por di-  
zer, que me fôra melhor ser como vós, pois de um  
homem que tinha as minhas mesmas obrigações, disse  
a summa verdade, que melhor lhe fôra não nascer ho-  
mem: *Si natus non fuisset homo ille.* E pois os que  
nascemos homens, respondemos tão mal ás obrigações  
de nosso nascimento, contentae-vos, peixes, e dae  
muitas graças a Deus pelo vosso.

*Benedicite, cete, et omnia quæ moventur in aquis,*  
*Domino.* Louvae, peixes, a Deus, os grandes e os pe-  
quenos, e repartidos em dois coros tão innumeraveis,  
louvae-o todos uniformemente: louvae a Deus, por-  
que vos creou em tanto numero: louvae a Deus, que  
vos distingui em tantas especies: louvae a Deus, que  
vos vestiu de tanta variedade e formosura: louvae a  
Deus, que vos habilitou de todos os instrumentos ne-  
cessarios para a vida: louvae a Deus, que vos deu um  
elemento tão largo e tão puro: louvae a Deus, que  
vindo a este mundo, viveu entre vós, e chamou para  
si aquelles que comvosco, e de vós viviam: louvae a  
Deus, que vos sustenta: louvae a Deus, que vos con-  
serva: louvae a Deus, que vos multiplica: louvae a  
Deus, emfim, servindo, e sustentando ao homem, que

é o fim para que vos creou; e assim como no principio vos deu sua benção, vol-a dê tambem agora. Amen. Como não sois capazes de gloria, nem graça, não acaba o vosso sermão em graça e gloria.

---

◎ que é uma alma

Do sermão da primeira dominga de quaresma, pregado na capella real em 1655

*Sermões, 5.º vol. 1856.*

Quereis vér o que é uma alma? Olhae (diz S. Agostinho) para um corpo sem alma. Se aquelle corpo era de um sabio, onde estão as sciencias? Foram-se com a alma, porque eram suas. A rhetorica, a poesia, a philosophia, as mathematicas, a theologia, a jurisprudencia, aquellas razões tão fortes, aquelles discursos tão deduzidos, aquellas sentenças tão vivas, aquelles pensamentos tão sublimes, aquelles escriptos humanos e divinos que admiramos, e excedem a admiração: tudo isto era a alma. Se o corpo é de um artifice, quem fazia viver as taboas e os marmores? Quem amolecia o ferro, quem derretia os bronzes, quem dava nova forma e novo ser á mesma natureza? Quem ensinou naquelle corpo regras ao fogo, fecundidade á terra, caminhos ao mar, obediencia aos ventos, e a unir as distancias do universo, e meter todo o mundo venal em uma praça? A alma. Se o corpo morto é de um soldado, a ordem dos exercitos, a disposição dos arraiaes, a fabrica dos muros, os engenhos e machinas bellicas, o valor, a bizarria, a audacia, a constancia, a honra, a victoria, o levar na lâmina de uma espada a vida propria, e a morte alheia:

quem fazia tudo isto? A alma. Se o corpo é de um principe, a magestade, o dominio, a soberania, a moderação no prospero, a serenidade no adverso, a vigilancia, a prudencia, a justica, todas as outras virtudes politicas com que o mundo se governa; de quem eram governadas, e de quem eram? Da alma. Se o corpo é de um santo; a humildade, a paciencia, a temperanca, a caridade, o zelo, a contemplação altissima dos coisas divinas; os extazis, os raptos, subido o mesmo pezo do corpo, e suspendido no ar: que maravilha! Mas isto é alma. Finalmente, os mesmos vicios nossos nos dizem o que ella é. Uma cobiça que nunca se farta; uma soberba que sempre sobe; uma ambição que sempre aspira; um desejo que nunca aquieita; uma capacidade que todo o mundo a não enche, como a de Alexandre; uma altiveza como a de Adão, que não se contenta menos que com ser Deus; tudo isto que vemos com nossos olhos, é aquelle espirito sublime, ardente, grande, immenso—a alma. Até a mesma formosura, que parece dote proprio do corpo, e tanto arrebata e captiva os sentides humanos, aquella graça, aquella proporção, aquella suavidade de côr, aquelle ar, aquelle brio, aquella vida; que é tudo, senão alma? E senão, vêde o corpo sem ella, insta Agostinho: *Non facit corpus unde ametur, nisi animus?* Aquillo que amaveis e admiraveis, não era o corpo, era a alma: *Recessit quod non videtur, remansit quod cum dolore videatur*: apartou-se o que se não via, ficou o que se não pôde vér. A alma levou tudo o que havia de belleza, como de sciencia, de arte, de valor, de magestade, de virtude; porque tudo, ainda que a alma se não via, era a alma.



## Fé morta

**Sermão da quinta dominga de quaresma pregado em Lisboa na capella real em 1655 sobre o thema: Qual de vós me arguirá de peccado? Vieira declara no exordio que o seu sermão é um acto de fé contra os christãos.**

*Sermões, 8.º vol. 1856.*

Com as mãos abertas offende a Christo o filho prodigo; com as mãos fechadas o rico avarento: com as mãos abertas o que esperdiça; com as mãos fechadas o que enthesoura: com as mãos abertas o que dá o que não devera, com as mãos fechadas o que não paga o que deve: com as mãos abertas o que recebe a peita; com as mãos fechadas o que nega a esmola: com as mãos abertas o que rouba o alheio; e com as mãos fechadas o que não restitue o roubado. Olhe agora cada um para as suas mãos, e verá qual é a sua fé. Eu tñparei os ouvidos ao que se diz, e só direi o que se vê com os olhos e se aponta com o dedo. Como estamos na corte, onde das casas dos pequenos não se faz caso, nem teem nome de casas; busquemos esta fé em alguma casa grande e dos grandes. Deus me guie.

O escudo desta portada em um quartel tem as quinas, em outro as lizes, em outro aguias, leões e castellos; sem duvida este deve ser o palacio em que mora a fé christã, catholica e christianissima. Entremos e vamos examinando o que virmos, parte por parte. Primeiro que tudo vejo cavallos, liteiras e coches: vejo criados de diversos calibres, uns com librê, outros sem ella: vejo galas, vejo joias, vejo baixelas: as paredes vejo as cubertas de ricos tapizes: das janellas vejo ao perto jardins, e ao longe quintas: em sim, vejo todo o palacio, e tambem o oratorio; mas não vejo a fé. E porque não apparece a fé nesta casa?

Eu o direi ao dono della. Se os vossos cavallos comem á custa do lavrador, e os freios que mastigam, as ferraduras que pizam, e as rodas e o coche que arrastam são dos pobres officiaes, que andam arrastados sem poder cobrar um real; como se ha de vér a fé na vossa cavalheriça? Se o que vestem os lacaios e os pagens, e os soccorros do outro exercito domestico masculino e feminino depende das mezadas do mercador que vos assiste, e no principio do anno lhe pagaes com esperanças e no fim com desesperações, o risco de quebrar; como se ha de vér a fé na vossa familia? Se as galas, as joias, e as baixelas, ou no reino, ou fóra delle foram acquiridas com tanta injustiça e crueldade, que o oiro e a prata derretidos, e as sedas se se espremeram, haviam de verter sangue; como se ha de vér a fé nessa falsa riqueza? Se as vossas paredes estão vestidas de preciosas tapeçarias, e os miseraveis a quem despistes para as vestir a elles, estam nus e morrendo de frio; como se ha de vér a fé, nem pintada nas vossas paredes? Se a primavera está rindo nos jardins e nas quintas, e as fontes estão nos olhos da triste viuva e orphãos, a quem nem por obrigação, nem por esmola satisfazeis, ou agradeceis o que seus paes vos serviram; como se ha de vér a fé nessas flores e alamedas? Se as pedras da mesma casa em que viveis, desd'os telhados até os alicerces estão chovendo o suor dos jornaleiros, a quem não fazieis feria, e, se queriam ir buscar a vida a outra parte, os prendieis e obrigaveis por força: como se ha de vér a fé, nem sombra della na vossa casa?

Mas passemos do pulpito ao confessionario. Se o confessor, quando com toda esta carga vos pondes a seus pés, puxa pelo *quare* do nosso texto, e vos pergunta a razão porque não restituís devendo tanto; a resposta e a theologia que trazeis muito estudada, é

que sem embargo das dividas, deveis sustentar a vossa casa com a decencia que pede o vosso estado, e que as rendas não dão para tanto. Bem. E os paes de quem herdastes esse mesmo estado, e eram tão honrados como vós, não sustentavam a honra e a decencia delle com menos pompa, com menos criados, com menos librés, com menos galas, com menos regalos? Mais. E o que gastaes por outra via, não com a decencia, senão com as indecencias da casa, e da pessoa? *Quare?* Que respondeis a isto? A maior galanteria é, que ao outro dia depois da confissão e desta escusa, houve o mesmo confessor sem sigillo, que aquella noite perdestes dois mil cruzados, e que pela manhã os mandastes em dobrões a quem os ganhou. porque é contra a pontualidade da fidalguia não pagar logo o dinheiro do jogo. Assim jogaes com os homens e assim com Deus: e esta é a vossa fé.

Dir-me-ha, porém, em contrario a nossa côrte, que se em algumas casas particulares está a fé tão morta, e tão corrupta, que nas casas de Deus está mais viva e mais inteira que em nenhuma parte do mundo. Assim se vê e demonstra em todos os templos de Lisboa, a qual muito á boca cheia pôde dizer ao mesmo mundo: *Ego ostendam tibi ex operibus fidem meam.* Eu tenho visto a maior parte da christandade da Europa, e em nenhuma, entrando tambem nesta conta a mesma Roma, está o culto divino exterior tão subido de ponto, e cada dia mais. Seria lastima grande ver aqui desfazer e arruinar nos mesmos templos as fabricas antigas de tanta formosura e preço, se depois se não vissem as mesmas ruinas gloriosamente resuscitadas com tanto maiores riquezas da materia, e tanto maiores primores da arte. Em nenhuma parte do mundo é tanta a cobiça de acquirir, como em Lisboa a ambição de gastar por Deus. Que egreja ha nesta multidão, de tantas, em um dia de festa, que se não pareça com a

que viu descer do céu S. João: *Tanquam sponsam ornatam viro suo?* (Apoc. XXI — 2) O oiro e os brocados, de que se vestem as paredes, são objecto vulgar da vista: a harmonia dos coros, suspensão e elevação dos ouvidos: o amber e almiscar, e as outras especies aromaticas que vaporam nas caçoilas, até pelas ruas rescedem muito ao longe, e convocam pelo olfacto o concurso. E' isto terra, ou céu? céu é, mas com muita mistura de terra. Porque no meio desse culto celestial, exterior e sensivel, o desfazem e contradizem tambem sensivelmente, não só as muitas offensas que fóra dos templos se commettem, mas as publicas irreverencias com que dentro nelles se perde o respeito á fé, e ao mesmo Deus. Queres que te diga, Lisboa minha, sem lisonja, uma verdade muito sincera, e que te descubra um engano, de que tua piedade muito se gloria? Esta tua fé tão liberal, tão rica, tão enfeitada e tão cheirosa, não é fé viva: pois que é? É fé morta, mas embalsamada.



### Differentes especies de fidalguia

Do sermão da terceira dominga do advento pregado em Lisboa sobre o thema: *Vós quem sois?*

*Sermões, 5.º vol. 1855.*

Muito tempo ha que tenho dois escandalos contra a nossa grammatica portugueza nos vocabulos do nobiliario. A fidalguia chámam lhe qualidade, e chamam-lhe sangue. A qualidade é um dos dez predicamentos a que reduziram todas as coisas os philosophos. O sangue é um dos quatro humores de que se compõe o temperamento do corpo humano. Digo, pois, que a

chamada fidalguia não é sómente qualidade, nem sómente sangue; mas é de todos os dez predicamentos, e de todos os quatro humores. Ha fidalguia, que é sangue, e por isso ha tantos sanguinolentos: ha fidalguia, que é melancolia, e por isso ha tantos descontentes: ha fidalguia, que é colera, e por isso ha tantos mal soffridos e insoffríveis: e ha fidalguia que é fleima, e por isso ha tantos que prestam para tão pouco. De maneira, que os que adoecem de fidalguia, não só lhes pecca a enfermidade no sangue, senão em todos os quatro humores. O mesmo passa nos dez predicamentos. Ha fidalguia, que é substancia, porque alguns não teem mais substancia que a sua fidalguia: ha fidalguia, que é quantidade; são fidalgos porque teem muito de seu: ha fidalguia que é qualidade, porque muitos não se pôde negar são muito qualificados: ha fidalguia, que é relação; são fidalgos por certos respeitos: ha fidalguia, que é paixão; são apaixonados de fidalguia: ha fidalguia que é *ubi*; são fidalgos, porque occupam grandes logares: ha fidalguia, que é sitio, e desta casta é a dos titulos, que estão assentados, e os outros em pé: ha fidalguia, que é habito; são fidalgos, porque andam mais bem vestidos: ha fidalguia, que é duração: fidalgos por antiguidade. E qual destas é a verdadeira fidalguia? Nenhuma. A verdadeira fidalguia é acção. Ao predicamento da acção é que pertence a verdadeira fidalguia. Disse o grande fundador de Lisboa: *Nam genus, et proavos, et quae non fecimus ipsi, vix ea nostra voco*<sup>1</sup>. As acções generosas, e não os paes illustres, são os que fazem fidalgos. Cada um é suas acções, e não é mais, nem menos, como o Baptista: *Ego vox clamantis in deserto.*

<sup>1</sup> Ulysses apud Ovidiu[m]-Metam.

## A divisão do demônio pelo mundo

D'um sermão de quaresma prégado em S. Luiz do Maranhão em 1654, sobre a mentira. E' notável pela sádoutrina e pelo desassombro da crítica.

*Sermões, 7.º vol. 1855.*

Cuidavam e diziam os sabios antigos, que em diferentes ilhas do mundo reinavam diferentes deidades: que em Creta reinava Jupiter, que em Delos reinava Apollo, que em Samo reinava Juno, que em Chypre reinava Venus, e assim de outras. Se o imperio da mentira não fôra tão universal no mundo, podera-se suspeitar que nesta nossa ilha tinha a sua corte a mentira. Todas as terras, assim como teem particulares estrellas, que naturalmente predominam sobre elas, assim padecem tambem diferentes vicios, a que geralmente são sujeitas. Fingiram a este proposito os allemaes uma galante fabula. Dizem que quando o diabo caiu do céu, que no ar se fez em pedaços, e que estes pedaços se espalharam em diversas provincias da Europa, onde ficaram os vicios que nellas reinam. Dizem que a cabeça do diabo caiu em Hespanha, e que por isso somos fumosos, altivos, e com arrogancia graves. Dizem que o peito caiu em Italia, e que d'aqui lhes veio serem fabricadores de machinas, não se darem a intender, e trazerem o coração sempre coberto. Dizem que o ventre caiu em Allemanha, e que esta é a causa de serem inclinados á gula, e gastarem mais que os outros com a meza e com a taça. Dizem que os pés cairam em França, o que d'aqui nasce serem pouco socegados, apressados no andar, e amigos de bailes. Dizem que os braços com as mãos e unhas crescidas, um caiu em Hollanda, outro em Argel e que d'ahi lhes veio (ou nos veio) o serem corsarios. Esta é a substancia do apolo, nem mal

formado, nem mal repartido; porque ainda que a applicaçāo dos vicios totalmente não seja verdadeira, tem comtudo a similhança de verdade, que basta para dar sal á satyra. E supposto que á Hespanha lhe coube a cabeça, cuido eu que a parte della que nos toca ao nosso Portugal, é a lingua: ao menos assim o intendem as nações estrangeiras, que de mais perto nos tractam. Os vicios da lingua são tantos, que fez Dre-xelio um abecedario inteiro, e muito copioso delles. E se as letras deste abecedario se repartissem pelos estados de Portugal; que letra tocaria ao nosso Maranhāo? Não ha duvida, que o M. *M* Maranhāo *M* murmurar, *M* motejar, *M* maldizer, *M* malsinar, *M* mexericar, e, sobre tudo, *M* mentir: mentir com as palavras, mentir com as obras, mentir com os pensamentos, que de todos e por todos os modos aqui se mente.



### ◎ demonio pescando ecclesiasticos

D'um sermão de quaresma prégado em Roma na egreja de Santo Antonio dos portuguezes sobre a ambição dos ecclesiasticos.

*Sermões, 8.º vol. 1856.*

Subir ás dignidades pôde ser bom, e pôde ser mau: mas o que sempre é mau, e nunca pôde ser bom, senão pessimo, é fazer de uma dignidade degrau para a outra, e querer sempre subir sem jámais parar. Não se sobe hoje ás dignidades, sobe-se por ellas. Haviam de ser fim, e são meio: haviam de ser termo, e são degrau. E tal modo ou tal furia de ambição não é humana, é diabolica, é Luciferina. Por isso dizia o mesmo David, temendo-se de cair ou subir a similhante

tentação: *Non veniat mihi pes superbiæ*: (Psal. XXXV — 12) Ah, Senhor, dae-me vossa graça, e tende-me de vossa mão, para que não entre em mim o pé da soberba. Eu cuidava que o perigo da soberba estava na phantasia da cabeça, e não está senão no ardimento dos pés. São uns pés que não podem aquietar em nenhum logar por alto que seja: sempre estão em movimento, e sempre para cima: sempre em movimento, porque não sabem parar; e sempre para cima, porque não sabem descer, senão sempre subir: *Ascendit semper*. E notae que não diz David os pés da soberba, senão o pé: *Non veniat mihi pes superbiæ*: porque a soberba e ambição de subir nunca está mais que sobre um pé. Tem um pé no logar que possue, e o outro já vae pelo ar para o logar que pretende. Isto é subir sempre. Quem sobe, quando firma o pé n'um degrau, já levanta o outro para o pôr ao que se segue: e assim sobe, e vae subindo sempre (por mais alto que seja o logar a que tem subido) quem fôr tocado desta tentação.

*Ferculum fecit sibi rex Salomon: reclinatorium aureum, ascensum purpureum*: (Cant. III — 9 e 10) Fez Salomão um leito para si, cujo reclinatorio era de oiro, e a subida de purpura. Com licença da sabedoria de Salomão, eu não fizera o leito por esta traça: fizera o reclinatorio de purpura, e a subida de oiro. Para reclinar e descançar a cabeça, o oiro ainda que seja muito lustroso, é muito duro, e muito frio. Para os degraus era muito decente e muito auctorizado o oiro, porque não ha modo de subir mais magestoso, que mettendo o oiro debaixo dos pés, e pizando-o. Pelo contrario a purpura era muito accommodada para o reclinatorio, porque é branda, e conserva o calor. Mas a purpura para os degraus: *Ascensum purpureum?* Sim: porque fazia Salomão o seu leito, não como era bem que fosse, senão como via que havia de ser. Via

que das purpuras se haviam de fazer os degráus para o reclinatorio; porque é tal a tentação de subir, que nem nas purpuras se pára, nem nas purpuras se desceança: *Ascensum purpureum: ascendit semper.*

Estou vendo porém que me dizem os meus portuguezes: ainda que temos o exemplo de S. Damaso, e de João vigesimo segundo, os nossos pensamentos não sobem ao pinaculo, nem a tão alta suposição. Com uma egreja das que vagam na nossa terra nos contentamos, isso é o que só pretendemos na cidade santa. Mas tambem ahi pôde entrar com igual perigo a tentação do demonio. Eu não sou muito curial destas tentações, e assim fallarei por boca de quem tinha grande experienzia, e grande pratica dellas. O cardenal Bellarmino, passando por um lago destes arredores, viu um moço que estava pescando rãs, e a isca com que lhes armava, era a pelle de outra rã já morta. Lançava o anzol com aquella pelle da morta, e assim pescava as vivas. Eis aqui, diz Bellarmino, como pesca o diabo aos ecclesiasticos. Morreu o conejo, o prior, o abbade: e que faz o diabo? Toma a pelle do defuncto, que é a murça, ou a sobrepeliz e estola, mete-a no seu anzol, que é a tentação, e vem-se de Portugal a pescar a Roma. Quem cuidasse tal coisa! Que o diabo se venha fazer pescador na barca de S. Pedro! E que fazem as rãs, que estão esperando no lago, e atroando os ouvidos de todos? Tanto chega a nova, tanto que vêem a pelle da morta, todas a ella com tanta boca aberta: e se alguma se adianta ás demais, todas a abocanhal-a, e a mordel-a. Eu não o vi, mas assim o oíço. Nisto são peiores as rãs que os peixes. Os peixes mordem, e callam: as rãs atroam, e não ha quem se oiça, nem se valha com ellas. Que cada um pretenda para si, humano é; mas é grande deshumanidade que homens da mesma patria, da mesma nação, e do mesmo sangue,

se mordam, se maltratem, e se affrontem por se introduzir a si, e afastar os outros!

---

### ◎ amor menino

**Do sermão do Mandato** prégado em Lisboa no hospital real em 1643, sobre os remedios do amor e o amor sem remedio.

*Sermões, 7.º vol. 1855.*

Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atreve-se o tempo a columnas de marmore, quanto mais a corações de cêra! São as affeições como as vidas, que não ha mais certo sinal de haverem de durar pouco, que terem durado muito. São como as linhas, que partem do centro para a circumferencia, que quanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não ha amor tão robusto que chegue a ser velho. De todos os instrumentos com que o armou a natureza, o desarma o tempo. Afrouxa-lhe o arco, com que já não tira; embota-lhe as settas, com que já não fere; abre-lhe os olhos, com que vê o que não via; e faz-lhe crescer as azas, com que vôa e foge. A razão natural de toda este diferença é porque o tempo tira a novidade ás coisas, desco-bre-lhe os defeitos, enfastia-lhe o gosto, e basta que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o uso, quanto mais o amor! O mesmo amar é causa de não amar, e o ter amado muito, de amar menos.



## ◎ coração e a fôrma do fundidor

V. a nota do trecho *A divisão do demonio pelo mundo*

*Sermões, 7.º vol. 1855.*

Quer um fundidor formar uma imagem. Supponhamos que é de S. Bartholomeu com o seu diabo aos pés. Que faz para isto? Faz duas fôrmas de barro, uma do santo e outra do diabo, e deixa aberto um ouvido em cada uma. Depois disto derrete o seu metal em um forno, e tanto que está derretido e preparado, abre a boca ao forno, corre o metal, entra por seus canaes no ouvido de cada fôrma, e em uma sâe uma imagem de S. Bartholomeu muito formosa; n'outra uma figura do diabo, tão feia como elle. Pois valha-me Deus, que diferença é esta? O metal era o mesmo, a boca por onde saiu a mesma; e entrando por um ouvido faz um santo, entrando por outro ouvido, faz um diabo? Sim, que não está a coisa nos ouvidos, senão nas fôrmas, que estão lá dentro. Onde estava a fôrma do diabo, saiu um diabo; onde estava a fôrma do santo, saiu um santo. Senhores meus, todos os nossos ouvidos vão a dar lá dentro em uma fôrma, que é o coração. Se o coração é fôrma do santo, tudo o que entra pelo ouvido é santo: se é fôrma do diabo, tudo o que entra pelo ouvido é diabolico.

---

## À aranha nos palacios dos reis

D'um sermão de quaresma prégado na capella real em 1651, sobre o thema do amor dos inimigos.

*Sermões, 7.º vol., 1855.*

A aranha, diz Salomão, não tem pés, e sustentando-se sobre as mãos, mora nos palacios dos reis. Bom

fôra que moraram nos palacios dos reis, e tiveram nelles grande logar os que só teem mãos. Mas a aranha não tem pés, e tem pequena cabeça, e sabe muito bem o seu conto. Sobe-se mão ante mão a um canto dessas abobadas doiradas, e a primeira coisa que faz, é desentranhar-se toda em finezas. Com estes fios tão finos, que ao principio mal se divisam, lança suas linhas, arima seus teares, e toda a fabrica se vem a rematar em uma rede para pescar e comer. Taes são (diz o rei que mais soube) as aranhas de palacio. Quem vir ao principio as finezas com que todos se desfazem e desentranham em zelo do serviço do principe, parece que o amor do mesmo principe é o que unicamente os trouxe alli; mas depois que armaram os teares como tecedeiras, e as redes como pescadores, logo se descobre que toda a têa por mais fina que parecesse, era urdida, e endereçada a pescar, e não a pescar moscas. E senão veja-se o que todos pescam. As melhores commendas, os titulos, as presidencias, os senhorios, e talvez, diz o mesmo Salomão, que sendo a malha tão miuda, pescam o mesmo dono da casa: *Homo qui blandis fictisque sermonibus loquitur amico suo, rete expandit gressibus ejus.* (Prov. XXIX — 5) As palavras brandas do adulador, são redes que elle arma para tomar nellas ao mesmo adulado. E este é o artificio sem arte dos aduladores reaes. Servem lisonjeiramente aos principes, para os ganhar, ou lhes ganhar a graça, e para se servirem da mesma graça, para os fins que só pretendem de seus proprios interesses. E como por declaração do mesmo Legislador do nosso texto ninguem pôde servir a dois senhores sem amar a um, e ser inimigo do outro, provado fica sem replica, e concluido, que quantos forem em palacio os amigos de seus interesses, tantos são os inimigos dos reis.

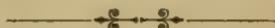
## Os aduladores e o eco

V. a nota do trecho *A aranha nos palacios dos reis*

*Sermões, 7.º vol. 1855.*

Uns auctores compararam estes aduladores ao camaleão, que não tendo cor certa nem propria, se reveste e pinta de todas as côres, quaesquer que sejam as do objecto visinho. Outros os compararam á sombra, que não tem outra acção, figura, ou movimento, que a do corpo interposto á luz, do qual nunca se aparta, e sempre e para qualquer parte o segue. Outros os compararam ao espelho, retrato natural e reciproco de quem nelle se vê; porque se lhe pondes os olhos, olha para vós; se ride, ri; se choraes, chora; lagrimas porém sem dor, e rizo sem alegria: que não fôra o espelho adulador, se assim não fôra. Mas como o camaleão, a sombra e o espelho, tudo são assistentes mudos: a comparação de Santo Agostinho é a mais propria e similar de todas; porque os comparou ao *ecco*: *Iucundum est, ac volupe cum clamantibus nobis resonant sylvae, et acceptas voces numerosiori repercussu reddunt: Talis echo adulator.* O *ecco* sempre repete o que diz a voz, nem sabe dizer outra coisa; e onde as concavidades são muitas, é scena verdadeiramente aprazivel vér como os eccos se vão respondendo successivamente uns aos outros, e todos sem discrepancia dizendo o mesmo. O que disse a primeira voz, é o que todos uniformemente repetem. E isso que fez a natureza nos bosques, faz a adulação nos palacios, diz Agostinho. Diz o rei que quer fazer uma guerra: e ainda que a empreza seja pouco provavel, e o successo de perigosas consequencias; que respondem os eccos? Guerra, guerra, guerra. Diz que quer fazer uma paz; e ainda que a occasião seja intempestiva, e os pactos

e condições pouco decorosas; que respondem os eccos? Paz, paz, paz. Diz que quer enriquecer o erario, e para isso multiplicar tributos, e ainda que os fios ou pre-texto tenham mais de vaidade que de utilidade; que respondem os eccos? Tributos, tributos, tributos.



## A cidade da gloria

D'um sermão de quaresma pregado na capella real em  
1651 sobre as excellencias da gloria celestial

*Sermões. 7.º vol. 1855.*

Lugo a cidade da gloria não é como a descreve S. João; porque o mesmo S. Paulo diz que o que Deus lá nos tem apparelhado, não só não o viram jámais olhos, mas que nem o pôde conceber o pensamento, nem entrar na imaginação humana: *Oculus non vidit; nec in cor hominis ascendit.* (1. Cor. II) Pois se isto é assim com verdade infallivel e irrefragavel; como nos pinta o evangelista S. João, e nos descreve a cidade do céu feita toda de oiro e pedras preciosas?

Explicarei este deseňho do discípulo amado de Christo, com o que aconteceu a um discípulo de Zeuzis, famosissimo pintor da antiguidade. Disse lhe o mestre, que por obra de examinação lhe pintasse uma imagem da deusa Venus com todos os primores da formosura, a que podesse chegar a sua arte. Fê-lo assim o discípulo, e com estudo e applicação de muitos dias e desvelo de muitas noites presentou o quadro ao mestre. Via-se nelle a deusa toda ornada e enriquecida de joias, que mais pareciam roubadas à natureza, que imitadas da arte: nos dedos aneis de diamantes, nos braços braceletes de rubis, na garganta

afogador de grandes perolas, no toucado grinalda de esmeraldas, nas orelhas chuveiros de aljofar, no peito um camafeu em figura de cupido, cercado de uma rosa de jacintos, com os ais da mesma flor por raios, as alpargatas semeadas de todo o genero de pedraria, as roupas recamadas de oiro e tomadas ariosamente em um cintilho de safiras. Esta era a fórmula do quadro, e nelle todo o engenho e arte do discípulo. Estava esperando a approvação do mestre. Mas que vos parece que lhe diria Zeuzis? *Fecisti divitem, quia non potuisti facere pulchram:* Fizeste-a rica, porque a não podeste fazer formosa. O mesmo digo eu ao oiro, ás perolas, e ás pedras preciosas com que S. João nos descreve a cidade da gloria. Evangelista sagrado, riquissima está a cidade que nos pintastes; mas fizestes-a tão rica, porque a não podestes fazer formosa. A formosura que espera vêr a nossa fé no céu, não é como esta, em que só se pôde enlevar a cubica da terra. Bem o advertistes vós, aguia divina, quando tomastes por salva, que a cidade que descrevieis, era descida do céu á terra: *Civitatem Jerusalem descendentem de cœlo.* (Ibid. XXI—2) O oiro, os diamantes, as perolas, tudo é terra e da terra. E como pôde o lustroso e precioso da terra informar-nos com verdade da belleza sobrenatural e formosura inestimável da gloria? E verdade que S. João na idéa que formou, imaginou quanto se podia imaginar, e na descripção que fez, disse quanto se podia dizer; mas como as coisas da gloria são tão diversas de tudo o que se vê, e tão levantadas sobre tudo o que se imagina, por mais e mais que se diga dellas, sempre se diz menos. E como o dizer menos, na philosophia de Aristoteles e na theologia de Santo Thomaz, é uma das especies da mentira, ninguem se deve admirar, que no sentido em que fallo, pareça que o maior dos evangelistas incorresse na sua visão aquella gloriosa censura que David, tambem arreba-

tado no seu extasi, deu a todos os que fallam na gloria: *Ego dixi in excessu meo: omnis homo mendax.*



## ◎ céu

### V. a nota do trecho *A cidade da gloria*

*Sermões, 7.º vol. 1855.*

Quasi lhes aconteceu aos prophetas com o céu lá de cima, que não vemos, o mesmo que aos mathematicos e astrologos com este céu cá de baixo, onde chega a nossa vista. Viram os mathematicos esse labyrintho de luzes, de que está semeada sem ordem toda a esphera celeste, tão diversas na grandeza, como varias no movimento, e infinitas no numero; e para assentar alguma coisa certa em uma confusão tão immensa, que fizeram? Repartiram o mesmo céu, e fingiram em todo elle grande multidão de figuras, umas naturaes, outras fabulosas. Aqui puzeram um toiro, alli um leão, acolá uma serpente: aqui um cervo, alli um cisne, acolá uma aguia: em uma parte a Hercules, em outra a Orion, em outras a Medusa, a Berenice, a Andromeda: o cavallo Pegaso voando com azas, o rio Eridano volteando a corrente, a nau Argos navegando: um golfinho, um carangueijo, uma balança, um carro: o escorpião, o centauro, a hydra, o capricornio, e outras chimeras como estas, tão feias nos aspectos, como nos nomes. Pois no céu ha estes animaes estas fabulas, estes monstros? Não; que tudo são estrellas resplandecentes e formosas. Mas foi necessario aos mathematicos fingir no céu estas mentiras, e pôr lá estas fabulas, para por meio dellas se intenderem entre si,

e ensinarem de algum modo ao mundo a verdade do que passa no céu.

Perdoae-me a comparação, prophetas sagrados, e agradecei á reverencia dos vossos oraculos, não usar eu do nome e da licença que já me deu um de vós, e o mais allumiado de todos. No céu não ha segadores, nem messes, nem soldados, nem despojos: no céu não ha convites, nem bodas, nem inundação de torrentes: no céu não ha Jerusalens, nem tabernaculos, nem paraisos terreaes, nem terras de promissão; que tudo isso é terra, e coisas da terra. Mas vós, como mathematicos do céu empyreo, puzestes lá todas essas figuras com tão pouca similhança e proporção, como com necessaria impropriedade, para por meio dellas ensinar a nossa rudeza, e pela consideração dos gostos grosseiros que percebemos, nos levantar a fé e o pensamento á conjectura dos que não alcançamos. Nem podia haver outro argumento ou experiençia que melhor nos demonstrasse o eminentissimo conceito que devemos fazer das coisas da gloria, pois os vossos mesmos intendimentos, ainda sobrenaturalmente elevados, não teem conceitos, nem palavras bastantes, com que nos declarar suas grandezas.



## O estatuario

Do sermão do Espírito Santo pregado em S. Luiz do Maranhão na occasião em que ia partir uma grande missão para o rio Amazonas, aproveitado por Vieira para incitar os ecclesiasticos e os seculares a doutrinarem os indios. Neste admiravel sermão revela-se a ardente caridade de Vieira e o seu zelo apostolico.

*Sermões, 5.º vol. 1855.*

Desceu hoje o Espírito Santo em linguas, para formar aos apostolos mestres e pregadores: mas mestre e pregadores de quem? O mesmo Christo que os mandou pregar, disse: *Euntes in mundum universum prædicate evangelium omni creaturæ:* (Marc. XVI — 15) Ide por todo o mundo, e pregae a toda a creatura. A toda a creatura, Senhor? (É reparo de S. Gregorio Papa.) Bem sei eu que são criaturas os homens; mas os brutos animaes, as arvores e as pedras, tambem são criaturas? Pois se os apostolos hão de pregar a todas as criaturas, hão de pregar tambem aos brutos? Hão de pregar tambem aos troncos? Hão de pregar tambem ás pedras? Tambem, diz Christo: *Omni creaturæ;* não porque houvessem os apostolos de pregar ás pedras, e aos troncos, e aos brutos; mas porque haviam de pregar a todas as nações e linguas barbaras e incultas do mundo, entre as quaes haviam de achar homens tão irracionaes como brutos, e tão insensiveis como os troncos, e tão duros e estupidos como as pedras. E para um apostolo se pôr a ensinar e abrandar uma pedra, para se pôr a ensinar e molhar um tronco, para se pôr a ensinar e metter em juizo um bruto, vede se é necessario muito amor de Deus.

.....

As ovelhas que S. Pedro havia de apascentar, eram as nações de todo o mundo, as quaes Christo queria trazer e ajuntar de todo elle, e fazer de todas um só rebanho, que é a Egreja, debaixo de um só pastor, que é S. Pedro: *Et alias oves habeo, quæ non sunt ex hoc ovili, et illas oportet me adducere, et vocem meam audient, et fiet unum ovile, et unus pastor.* (Joan. X—46) De maneira que o rebanho que Christo encommendou a S. Pedro, não era rebanho feito, senão que se havia de fazer; e as ovelhas não eram ovelhas mansas, senão que se haviam de amansar: eram lobos, eram ursos, eram tigres, eram leões, eram serpentes, eram dragões, eram aspides, eram basiliscos, que por meio da prégação se haviam de converter em ovelhas. Eram nações barbaras e incultas; eram nações feras e indomitas; eram nações crueis e carniceiras; eram nações sem humanidade, sem razão, e muitas d'ellas sem lei, que por meio da fé e do baptismo se haviam de fazer christãs: e para apascentar e amansar similar gado; para doutrinar e cultivar similhantes gentes, é necessario muito cabedal de amor de Deus: é necessario amar a Deus: *Diligis me;* e mais amar a Deus: *Diligis me;* e mais amar a Deus: *Diligis me;* e não só amar a Deus uma, duas e tres vezes, senão amal-o mais que todos: *Diligis me plus his?*

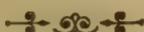
Quando as ovelhas que Christo encommendava a S. Pedro foram mansas e domesticas, ainda era necessario muito amor para supportar o trabalho de as guardar. Exemplo seja Jacob, pastor de Labão e amante de Rachel, de quem diz a escriptura que soffria tão levemente o que soffria, porque amava tão grandemente como amava: *Præ amoris magnitudine.* (Genes. XXIX—20) E se para guardar ovelhas mansas, é necessario amor e muito amor; que será para ir tirar das brenhas ovelhas feras, para as amansar e affeçoar aos novos pastos, para as acostumar á voz

do pastor e á obediencia do cajado, e sobretudo para desprezar os perigos de se confiar de suas garras e dentes, em quanto são ainda feras, e não ovelhas? Se é necessario amor para ser pastor de ovelhas, que comem no prado, e bebem no rio; que amor será necessario para ser pastor de ovelhas que talvez comem os pastores e lhe bebem o sangue? Por isso Christo examina tres vezes de amor a S. Pedro; por isso o Espírito Santo, Deus de amor, vem hoje a formar estes pastores e estes mestres; e por isso o Mestre Divino passa hoje os seus discípulos da escola da sabedoria para a escola do amor: *Ille vos docebit.*

.....

E ninguem se escuse (como escusam alguns) com a rudeza da gente, e com dizer, como acima dizíamos, que são pedras, que são troncos, que são brutos animaes; porque ainda que verdadeiramente alguns o sejam, ou o pareçam, a industria e a graça tudo vence; e de brutos, e de troncos, e de pedras os fará homens. Dizei-me: qual é mais poderosa, a graça, ou a natureza? A graça, ou a arte? Pois o que faz a arte e a natureza, porque havemos de desconfiar que o faça a graça de Deus acompanhada' da vossa industria? Concedo-vos que esse indio barbaro e rude seja uma pedra: vêde o que faz em uma pedra a arte. Arranca o estatuario uma pedra dessas montanhas, tosca, bruta, dura, informe, e depois que desbastou o mais grosso, toma o maço e o cinzel na mão, e começa a formar um homem, primeiro membro a membro, e depois feição por feição, até a mais miuda: ondêa-lhe os cabellos, aliza-lhe a testa, rasga-lhe os olhos, asila-lhe o nariz, abre-lhe a boca, avulta lhe as faces, tornêa-lhe o pescoço, estende-lhe os braços, espalma-lhe as mãos, divide-lhe os dedos, lança-lhe os vestidos: aqui desprega, alli arruga, acolá recama: e fica um homem

perfeito, e talvez um santo, que se pôde pôr no altar. O mesmo será cá, se a vossa industria não faltar á graça divina. E' uma pedra, como dizeis, esse indio rude? Pois trabalhae e continuae com elle (que nada se faz sem trabalho e perseverança), applicae o cinzel um dia e outro dia, dae uma martellada e outra martellada, e vós vereis como dessa pedra tosca e informe fazeis não só um homem, senão um christão, e pôde ser que um santo.



## A tristeza

Do sermão da quarta dominga depois da Paschoa pré-gado em S. Luiz do Maranhão sobre a arte de não estar triste.

*Sermões, 5.º vol. 1855.*

Para uns homens parece que vem a morte a pé, para outros a cavallo; para uns andando, para outros correndo, porque uns morrem devagar, outros depressa; mas a Parca que sempre antes de tempo corta os fios á vida, é a tristeza. Vereis a um destes, quando ainda se conta no numero dos vivos, descórado, pallido, macilento, mirrado, as faces sumidas, os olhos encovados, as sobrancelhas caidas, a cabeça derribada para a terra, e a estatura toda do corpo encurvada, acanhada, diminuida. E se elle se deixasse vêr dentro da casa ou sepultura, onde vive como encantado, vêl-o-hieis fugindo da gente e escondendo-se á luz, fechando as portas aos amigos e as janellas ao sol, com tedio e fastio universal a tudo o que visto, ouvido, ou imaginado pôde dar gosto. E estes efeitos tão deshumanos, cujos são e de que procedem? Sem duvida da melancolia venenosa e occulta, que a passos apressados leva o triste á morte: *A tristitia festinat mors.*

Para prova desta funesta verdade, bastava um só, e sobejavam os dois textos referidos do Espírito Santo; mas sobre elles acrescentou a mesma sabedoria o terceiro, tão admirável e encarecido, que, se não fôra da boca divina, pudera parecer incrível: *Omnis plaga tristitia cordis est.* (Eccl. XXV — 17) A tristeza do coração não é uma só chaga, ou só ferida, senão todas. Sendo chaga e ferida do coração, bastaria ser uma só para ser mortal; mas como no coração depositou a natureza todo o tesouro da vida, assim no mesmo coração descarregou a tristeza toda a aljava das suas setas. D'alli saem todos os espíritos vitaes, que se repartem pelos membros do corpo, e d'alli, se o coração é triste, todos os venenos mortaes que os lastimam e ferem. Ferem a cabeça, e perturbando o cérebro lhe confundem o juizo; ferem os ouvidos, e lhe fazem dissonante a harmonia das vozes; ferem o gosto, e lhe tornam amargosa a docura dos sabores; ferem os olhos, e lhe escurecem a vista; ferem a língua, e lhe emmudecem a fala; ferem os braços, e os quebrantam; ferem as mãos e os pés, e os entorpecem; e ferindo um por um todos os membros do corpo, nenhum ha que não adoeça daquelle mal que maior molestia lhe pôde causar, e maior pena. Considerae-me um cadáver vivo, morto, e insensível, para o gosto; vivo e sensitivo para a dor; ferido e lastimado, chagado e lastimoso; cercado por todas as partes de penas, de molestias, de aflições, de angustias; imaginando todo o mal e não admittindo pensamento de bem; aborrecido de tudo, e muito mais de si mesmo; sem alívio, sem consolação, sem remedio, e sem esperança de o ter, nem animo ainda para o desejar; isto é um triste de coração. Os outros venenos em chegando ao coração matam; mas este, como nasce, e se cria no mesmo coração, vae mais de vagar em matar, mas não pôde tardar muito.

## ◎ papel

D'um sermão de quaresma pregado na capella real em 1662 sobre o seguinte thema: *A melhor e a peior coisa que ha no mundo é um conselho.*

*Sermões, 5.º vol. 1855.*

E' possivel que não ha de haver justiça, nem inocencia, nem premio, que escape do castigo do papel? Chamei lhe castigo, por lhe não chamar roubo. Mas que papel ha que não seja ladrão marcado? Tirou-me o escrupulo de o cuidar assim, uma só historia de papel ou de papeis que se acha no Evangelho. Conta S. Lucas que certo senhor rico, tendo entregue a sua fazenda a um mórdomo, por alguns rumores que lhe chegaram, de que não era limpo de mãos, lhe tirou de repente o officio. Ouvindo o creado que lhe tiravam o officio, toma muito depressa os papeis, vae-se ter com os que deviam ao amo: e que fez com elles? Ao que devia cem cantaros de azeite, fazia-lhe escrever oitenta: *Scribe octoginta.* Ao que devia cem fangas de pão, dizia-lhe que escrevesse cinqoenta: *Scribe quinquaginta.* (Luc. XVI—6 e 7) Pois esta é a fé dos papeis tão acreditada? Para isto servem os papeis? Para isto servem: para de cem cantaros fazer oitenta cantaros: para de cem fangas fazer cinqoenta fangas. Vede se merecia o criado as marcas do papel? Mas se não houvera papeis, não tiveram taes occasões os criados. Terrivel flagello do mundo foi sempre o papel; mas hoje mais cruel que nunca. A origem e o nome do papel foi tomado das cascas das arvores, que em latim se chamam *Papyrus*, porque aquellas cascas foram o primeiro papel em que os homens escreviam ao principio: depois deram em curtir as pelles, e se facilitou mais a escriptura com o uso dos pergaminhos: ultimamente se inventou a praga do pa-

pel, de que hoje uzamos. De maneira que, se bem advertimos, foi o papel desde seus principios materia de escrever e invenção de esfollar. Com o primeiro papel esfollavam-se as arvores: com o segundo esfollavam-se os animaes: com o de hoje esfollam-se os homens. Oh quanto papel se pudéra encadernar com as pelles que o mesmo papel tem despido! Mas em nenhuma parte tanto como em Portugal, porque em nenhuma se gasta tanto papel, ou se gasta tanto em papeis. Estes soccorros que damos a Veneza, não seria melhor dal-os antes em dinheiro contra o turco em Candia, que dal-os por papel contra nós? O mais bem achado tributo que inventou a necessidade ou a cubiça, é para mim o do papel sellado. Mas faltou-lhe uma condição: o sello não o haviam de pagar as partes, senão os ministros. Se os ministros pagaram o sello, eu vos prometto que havia de correr menos o papel, e que haviam de voar mais os negocios. Mas ainda voariam mais, se não houvesse pennas nem papel.



## Barca e monarchia

D'um sermão de quaresma prégado na capella real em 1651 sobre os reparos que devem fazer os pretendentes a logares.

*Sermões, 4.º vol. 1855.*

Que é uma barca, senão uma republica pequena? E que é uma monarchia senão uma barca grande? Nas experiencias de uma se aprende a pratica da outra. Saber deitar ao leme a um e a outro bordo, e cerral-o de pancada, quando convém: saber vogar, quando se ha de ir adiante; e seiar, quando se ha de dar volta,

e suspender ou fincar o remo, quando se ha de ter firme: saber esperar as marés e conhecer as conjuncções, e observar o cariz do céu: saber temperar as velas conforme os ventos, largar a escota, ou carregar a bolina, ferrar o pano na tempestade, e na bonança içar até os topes. Tão politica como isto é a arte do pescador na mareação, e mais ainda nas industrias da pesca. Saber tecer a malha, e segurar o nó: saber pezar o chumbo e a cortiça: saber cercar o mar para prover e sustentar a terra: saber estorvar o anzol, para que o peixe o não corte, e encobril-o para que o não veja: saber largar a sedela, ou tel-a em tezo: saber aproveitar a isca, e esperdiçar o engodo. Só um defeito reconheço no pescador para os logares do lado, que é o exercicio de puxar para si.

---

### A fealdade do peccado

Do sermão da publicação do jubileu pregado em S. Luiz do Maranhão em 1654, sobre o thema da cura do leproso. Nesta allegoria leva o padre Vieira a fidelidade da descripção até aos extremos do mais repellente realismo.

*Sermões, 3.º vol. 1854.*

Oh se Deus nos descobrira e mostrara neste auditório a fealdade de um peccado, ainda dos menos feios! Sabeis vós, e vós (falho particularmente com o genero feminino) sabeis porque não tendes ao peccado o horror e aborrecimento que o menor delles merece? E' porque não conhecéis a sua fealdade. Representala como verdadeiramente é, não é possivel, mas para que vejaes ao menos quanto maior é que a da lepra:

Considerae-me uma cara (que não mereça nome de rosto, nem ainda de monstro) desformissimamente macilenta, secca e escaveirada: a côr verde-negra e fu-

nesta: as queixadas sumidas: a testa enrugada: os olhos sem pestanas nem sobrancelhas, e em logar das meninas com duas grossas belidas: calva, ramelosa, desnarigada: a boca torta, os beiços azues, os dentes enfrestados, amarellos e podres: a garganta carcomida de alporcas: em logar de barba um lobinho que lhe chega até os peitos, e no meio delle um caucro fervendo em bichos, manando podridão e materia, não só asqueroso e medonho á vista, mas horrendo, pestilente, e insupportavel ao cheiro. Cuidaes que tenho dito alguma coisa? Do que verdadeiramente é, nem sombras: mas isto basta para se conhecer que nenhum rosto ha coberto de lepra, cuja fealdade não seja muito menos fêa que a do peccado.



## A formosura no túmulo

Da oração funebre de D. Maria d'Athouguia prégada em Xabregas em 1649

*Sermões, 3.º vol. 1854.*

Oh que admiraveis transformações de formosura faz invisivelmente a morte debaixo da terra! Os chemicos não acharam até agora a pedra philosophal, porque não fizeram ensaio nas pedras de uma sepultura. Fallando Deus a Abrahão na gloriosa descendencia de seus filhos, umas vezes comparou-os a pó, e outras a estrellas, para ensinar (diz Philo) que o caminho de se fazerem estrellas era desfazerem-se em pó. Que cuidaes que é uma sepultura, senão uma officina de estrellas? Ainda a mesma natureza produz maiores quilates de formosura em baixo que em cima da terra. As flores, formosura breve, criam-se na superficie; as pedras preciosas, formosura permanente, no centro.

Julgue agora a enganada gentileza se foi injuriosa a Rachel a sepultura, ou se soube escolher Maria a melhor parte. Enterrou-se flor, para se congelar diamante, desfez-se em cinzas, para se formar em estrelas.



## Desigualdades da morte

V. a nota do trecho *A formosura no tumulo*

*Sermões, 3.º vol. 1854.*

Tem-se acreditado a morte com o vulgo de muito igual, pelo despeito com que piza igualmente os palácios dos reis, e as cabanas dos pastores: *Æquo pulsat pede pauperum tabernas Regumque turre*s. Que os palácios dos reis, por mais cercados que estejam de guardas, não possam resistir ás execuções da morte, bem o experimentou esta vida. Justo era que aquellas portas, que tão cerradas costumam estar ás verdades, lhe deixasse ao menos a natureza aberto este postigo aos desenganos. Mas nesta mesma igualdade commette grandes desigualdades a morte. E' igual, porque não faz excepção de pessoas; é desigual, porque não faz diferença de idades, nem de merecimentos. Matar a todos sem perdoar a ninguem, igualdade é; mas tirar a vida a uns tão tarde, e a outros tão cedo: deixar os que são embaraço do mundo, e levar os que eram o ornato delle, que desigualdade maior? Todos se queixam da pressa com que corre a vida; eu não me queixo senão da desigualdade com que caminha a morte. Notae.

Appareceu uma vez a morte ao propheta Habacuc, e viu que ia andando no triumpho de Christo: *Ante faciem ejus ibit mors.* (Habac. III—5) Appareceu outra

vez a morte a S. João no Apocalipse, e viu que vinha pizando sobre um cavallo: *Et ecce equus, et qui sedebat super eum, nomen illi mors.* (Apoc. VI — 8) Appareceu terceira vez a morte ao propheta Zacharias, e viu uma foice com azas: *Vidi, et ecce falx volans.* (Zach. V — 1) De maneira que temos a morte a pé, morte a cavallo, e morte com azas. A vida sempre caminha ao mesmo passo, porque segue o curso do tempo; a morte nenhuma ordem guarda no caminhar, nem ainda no ser. Um as vezes é uma anatomia de ossos que anda; outras um cavalleiro que corre; outras uma foice que vôa. Para estes vem andando, para aquelles correndo, para os outros voando. Se a morte ou para todos andára, ou para todos correrá, ou para todos voára, era igual a morte. Mas andar para uns, para outros correr, e para mim voar? Oh morte, quem te cortára as azas! Mas bem é que bata as azas, para que nós abatamos as rodas. Pinta-se a morte com uma foice segadora na mão direita e um relogio com azas na mão esquerda. Se alguma hora foi assim a morte, troque se daqui por diante a pintura, que já não é assim: *Ecce falx volans.* Tirou a morte as azas do relogio da mão esquerda, e passou-as á foice da mão direita; porque é mais apressada a foice da morte em cortar, que o relogio da vida em correr. Ainda quando a morte não vôa, corre mais que a vida. Aquelle cavallo em que S. João viu a morte, diz o texto na versão de Tertulliano, que era verde: *Et equus viridis.* Quem viu jámais cavallo verde? Mas era o cavallo da morte. Veste-se este animal indomito da côr dos annos que corta, arreia-se das esperanças que piza, pinta-se das primaveras que atropela. Todos os annos estão sujeitos á morte, mas nenhum mais que os que pareciam mais seguros, os verdes.

Mostrou Deus uma visão ao propheta Amos (que era homem do campo) e perguntou-lhe que via: *Quid*

*vides tu, Amos? (Amos VIII—2)* Respondeu o propheta: Senhor, *Uncinum pomorum*: o que vejo é uma vara comprida e farpada com que os rusticos alcançamos a fructa, e a colhemos das arvores. Pois essa vara que vês, diz Deus, é a morte. Todo este mappa do mundo é um pomar: as arvores, umas altas, outras baixas, são as diversas gerações e familias: os fructos, uns mais maduros, outros menos, são os homens: a vara que alcança ainda os ramos mais levantados, é a morte; colhe uns e deixa outros. Ah Senhor! que essa é a morte como havia de ser, e não como é. Quem entra a colher em um pomar passa pelos pomos verdes e colhe os maduros; mas a morte não faz assim: vemos que deixa os maduros, e colhe os verdes. E já se colhera só os fructos verdes, colhera fructos; mas a queixa minha é, que deixa de colher os fructos, e colhe as flores: *Flores apparuerunt in terra nostra, tempus putationis advenit.* (Cant. II—12) Appareceram as flores na nossa terra, não lhes aguardou mais tempo a morte: apareceram, desapareceram. A'lera, flores, que a primavera da vida é o outono da morte. A foice segadora que traz na mão, instrumento, é do agosto, e não do abril; mas arma-se assim com ardilosa impropriedade a morte, ameaça ás espigas, para que se desacutem as flores. Ha tal crueldade! Ha tal engano! Não me queixo do golpe, senão do tempo: *Flores apparuerunt, tempus putationis!* Que haja tempo de florecer e tempo de cortar, é natureza; mas que o tempo de florecer, e o de cortar seja o mesmo! Que a idade mais florida seja a mais mortal! Que a vida mais digna de viver seja a mais sujeita á morte! E que haja imperio superior que domine este tyranno! Que haja providencia no mundo que o governe! *Domine, non est tibi curæ?*

## A casa da sabedoria

Do conhecido sermão de Santa Catharina pregado á Universidade de Coimbra em 1663 e destinado a exaltar o valor da verdadeira sabedoria.

*Sermões, 2.º vol. 1854.*

A casa que edificou para si a Sabedoria: *Sapientia aedificavit sibi domum*, (Prov. IX—1) era aquella parte mais interior e mais sagrada do tempo de Salomão, chamada por outro nome *Sancta Sanctorum*. Levantavam-se no meio d'ella dois grandes cherubins, cujo nome quer dizer sabios, e são entre todos os coros dos anjos os mais eminentes na sabedoria. Com as azas cobriam estes cherubins a arca do testamento, e com as mãos sustentavam o propiciatorio, que eram o thesouro e o assento da sabedoria divina. A arca era o thesouro da sabedoria divina em letras, porque nella estavam encerradas as taboas da lei, primeiro escriptas e depois ditadas por Deus; e o propiciatorio era o assento da mesma sabedoria em voz, porque nelle era consultado Deus, e respondia vocalmente, que por isso se chamava oraculo. As paredes de toda a casa em roda estavam ornadas com sete palmas, cujos troncos formavam outras tantas columnas; e os ramos de umas para as outras faziam naturalmente seis arcos, debaixo dos quaes se viam em pé seis estatuas tambem de cherubins. Esta era a fórmula e o ornato da casa da Sabedoria, edificada por Salomão, porém traçada por Deus; e não se viam em toda ella mais que cherubins e palmas, em que a mesma Sabedoria, como vencedora de tudo, ostentava seus tropheos e triumphos.

Mas se Deus naquelle tempo se chamava *Dominus exercituum*, e se presava de mandar sobre os exercitos e batalhas, e dar ou tirar victorias; parece que as estatuas collocadas debaixo de arcos triumphaes de pal-

mas não haviam de ser de cherubins sabios, senão de capitães famosos. Não pareceria bem debaixo do primeiro arco a estatua de Abraham com a espada sacrificadora de seu proprio filho, vencendo a quatro reis só com os guardas das suas ovelhas? Não diria bem debaixo do segundo arco a estatua de Moysés com o bastão da vara prodigiosa, afogando no mar Vermelho a Pharão, e triumphando de todo Egypto? Não sairia bem debaixo do terceiro arco a estatua de Josué com o sol parado, desfazendo o poder e geração dos gabaonitas sem deixar homem a vida? Não avultaria bem debaixo do quarto arco a estatua de Gedeão com a tocha na mão esquerda, e a trombeta na direita, mettendo em confusão e ruina os exercitos innumeraveis de Madian e Amalech? Não campearia bem debaixo do quinto arco a estatua de Samsão com o leão aos pés, e a queixada do jumento na mão matando a milhares dos philisteus? Finalmente, não fecharia esta famosa fileira a estatua de David com a funda e a pedra derribando o gigante, e cortando-lhe a cabeça com a sua propria espada? Pois se estas seis estatuas famosas ornariam pomposamente a sala do Senhor dos exercitos; porque razão os arcos triumphaes das palmas cobrem antes estatuas de cherubins sabios, que de capitães valorosos? Porque é certo na estimação de Deus (ainda que alguns homens cuidem o contrario) que as victorias da sabedoria são muito mais gloriosas que as das armas, quanto vai das mãos á cabeça. Por isso quiz o mesmo Deus que lhe edificasse a casa não o pae senão o filho; não David, o valente, senão Salomão, o sabio.



## Pé levantado e pé caído

Do sermão de cinzas pregado em Roma em 1670 sobre  
o tema: *sois pó e em pó vos haveis de converter*

*Sermões, 2.º vol. 1854.*

A' vista desta distincção tão verdadeira, e deste desengano tão certo, que posso eu dizer ao nosso pó, senão o que lhe diz a egreja: *Memento homo*. Dois mementos hei de fazer hoje ao pó: um memento ao pó levantado, outro memento ao pó caído: um memento ao pó que somos, outro memento ao pó que havemos de ser: um memento ao pó que me ouve, outro memento ao pó que me não pôde ouvir. O primeiro será o memento dos vivos, o segundo o dos mortos.

Aos vivos que direi eu? Digo que se lembre o pó levantado que ha de ser pó caido. Levante-se o pó com o vento da vida, e muito mais com o vento da fortuna; mas lembre-se o pó, que o vento da fortuna não pôde durar mais que o vento da vida, e que pôde durar muito menos, porque é mais inconstante. O vento da vida por mais que cresça, nunca pôde chegar a ser bonança; o vento da fortuna se cresce, pôde chegar a ser tempestade, e tão grande tempestade, que se afogue nella o mesmo vento da vida. Pó levantado, lembra-te outra vez, que has de ser pó caido, e que tudo ha de cair, e ser pó contigo. Estatua de Nabuco: oiro, prata, bronze, ferro, lustre, riqueza, fama, poder; lembra-te que tudo ha de cair de um golpe, e que então se verá o que agora não queremos ver, que tudo é pó, e pó de terra. Eu não me admiro, senhores, que aquella estatua em um momento se convertesse toda em pó; era imagem de homem, isso bastava. O que me admira, e admirou sempre, é que se convertesse, como diz o texto, em pó de terra: *In favillam æstivæ areæ*. (Daniel II--35) A cabeça da estatua não era de

oiro? Pois porque se não converte o oiro em pó de oiro? O peito e os braços não eram de prata? Porque se não converte a prata em pó de prata? O ventre não era de bronze, e o demais de ferro? Porque se não converte o bronze em pó de bronze, e o ferro em pó de ferro? Mas o oiro, a prata, o bronze, o ferro, tudo em pó de terra? Sim. Tudo em pó de terra. Cuida o illustre desvanecido que é de oiro, e todo esse resplendor em caindo, ha de ser pó, e pó terra. Cuida o rico inchado que é de prata, e toda essa riqueza em caindo, ha de ser pó, e pó de terra. Cuida o robusto que é de bronze, cuida o valente que é de ferro, um confiado, outro arrogante; e toda essa fortaleza, e toda essa valentia em caindo, ha de ser pó, e pó de terra: *in favillam æstivæ areæ.*

Senhor pó: *Nimium ne crede colori.* A pedra que desfez em pó a estatua, é a pedra daquella sepultura. Aquella pedra é como a pedra do pintor, que moe todas cores, e todas as desfaz em pó. O negro da sotana, o branco da cota, o pavouaço do mantellete, o vermelho da purpura, tudo alli se desfaz em pó. Adão quer dizer: *ruber*,<sup>1</sup> o vermelho: por jue o pó do campo Damasceno, de que Adão foi formado, era vermelho: e parece que escolheu Deus o pó daquella côr tão prezada para nella e com ella desenganar a todas as côres. Desengane-se a escarlata mais fina, mais alta e mais coroada, e desenganem-se dahi abaixo todas as cores, que todas se hão de moer naquella pedra, e desfazer em pó, e o que é mais, todas em pó da mesma côr. Na estatua o oiro era amarello, a prata branca, o bronze verde, o ferro negro; mas tanto que a tocou a pedra, tudo ficou da mesma côr, tudo da côr da terra: *In favillam æstivæ areæ.* O pó levantado, como

<sup>1</sup> Hieronymus hic in quæst. Hebraic. Lyran. Hugo Abul. etc.

vão, quiz fazer distincções de pó a pó: e porque não pôde distinguir a substancia, poz a diferença nas côres. Porém a morte como vingadora de todos os agravos da natureza, a todas essas côres faz da mesma côr, para que não distinga a vaidade, e a fortuna os que fez iguaes a rasão. Ouvi a S. Agostinho: *Respice sepulchra, et vide, quis Dominus, quis servus, quis pauper, quis dives? Discerne, si potes, regem à vincito, fortem à debili, pulchrum à deformi.*<sup>1</sup> Abri aquellas sepulturas, (diz Agostinho) e vede qual é alli o senhor, e qual o servo: qual é alli o pobre, e qual o rico? *Discerne, si potes:* distingue-me alli, se podeis, o valente do fraco, o formoso do feio, o rei coroado de ciro, do escravo de Argel carregado de ferro? Distingui-los? conheceil-os? Não por certo. O grande e o pequeno, o rico e o pobre, o sabio e o ignorante, o senhor e o escravo, o principe e o cavador, o allemão e o ethiope, todos alli são da mesma côr.

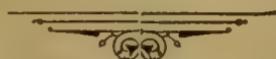
Passa S. Agostinho da sua Africa á nossa Roma, e pergunta assim: *Ubi sunt quos ambiebant civium potentatus? Ubi insuperabiles imperatores? Ubi exercituum duces? Ubi satrapæ et tyranni?* (Aug. ibid.) Onde estão os consules romanos? Onde estão aquelles imperadores e capitães famosos que desde o capitoilio mandavam o mundo? Que se fez dos Cesares e dos Pompeos, dos Marios e dos Syllas? dos Scipiões e dos Emilios? Os Angustos, os Claudioes, os Tiberios, os Vespasianos, os Titos, os Trajanos, que é delles? *Nunc omnia pulvis:* tudo pó: *Nunc omnia favillæ:* tudo cinza: *Nunc in paucis versibus eorum memoria est:* não resta de todos elles outra memoria mais que os poucos versos das suas sepulturas. Meu Agostinho, tambem esses versos que se liam então, já os não ha: apagaram-se as letras,

---

<sup>1</sup> Augustinus in sentent. sent. ultima.

comeu o tempo as pedras: tambem as pedras morrem:  
*Mors etiam saxis, nominibusque venit.* Oh que memento  
este para Roma!

Já não digo como atégora: lembra-te, homem, que  
és pó levantado, e has de ser pó caido: o que digo é:  
lembra-te Roma, que és pó levantado, e que és pó  
caido juntamente. Olha, Roma, d'aqui para baixo, e  
ver-te-has caida e sepultada debaixo de ti: olha, Roma,  
de lá para cima e ver-te-has levantada, e pendente em  
cima de ti. Roma sobre Roma, e Roma debaixo de  
Roma. Nas margens do Tibre a Roma que se vê para  
cima, vê-se tambem para baixo: mas aquillo são som-  
bras: aqui a Roma que se vê em cima, vê-se tambem  
em baixo, e não é engano da vista, senão verdade: a  
cidade sobre as ruinas, o corpo sobre o cadaver, a  
Roma viva sobre a morta. Que coisa é Roma senão  
um sepulchro de si mesma? Em baixo as cinzas, em  
cima a estatua: em baixo os ossos, em cima o vulto.  
Este vulto, esta magestade, esta grandeza é a imagem  
e só a imagem do que esti debaixo da terra. Ordenou  
a Providencia Divina que Roma fosse tantas vezes  
destruida, e depois edificada sobre suas ruinas, para  
que a cabeça do mundo tivesse uma caveira em que  
se vêr. Um homem pôde-se vêr na caveira de outro  
homem: a cabeça do mundo não se podia vêr senão  
na sua propria caveira. Que é Roma levantada? A ca-  
beça do mundo. Que é Roma caida? A caveira do  
mundo. Que são esses pedaços de Thermas e Colisseos,  
senão os ossos rotos e troncados desta grande caveira?  
E que são essas columnas, essas agulhas desenterra-  
das, senão os dentes mais duros desencaixados della?  
Oh que sizuda seria a cabeça do mundo se se visse  
bem na sua caveira!



## A luz e o sol

Do sermão do nascimento da Virgem Maria prégado em  
S. Luiz do Maranhão em 1657

*Sermões, 2.º vol. 1854.*

E' a luz mais benigna que o sol, porque o sol alumia, mas abraza; a luz alumia e não offende. Que reis vêr a diferença da luz ao sol? Olhae para o mesmo sol, e para a mesma luz de quem elle nasce, a aurora. A aurora é o riso do céu, a alegria dos campos, a respiração das flores, a harmonia das aves, a vida e alento do mundo. Começa a sair e a crescer o sol, eis o gesto agradavel do mundo, e a composição da mesma natureza toda mudada. O céu acende-se: os campos seccam-se: as flores murcham-se: as aves emudecem: os animaes buscam as covas: os homens as sombras. E se Deus não cortara a carreira ao sol, com a interposição da noite, fervera e abrazara-se a terra, arderam as plantas, seccaram-se os rios, sumiram-se as fontes, e foram verdadeiros e não fabulosos, os incendios de Phaetonte. A rasão natural desta diferença é porque o sol (como dizem os philosophos) ou verdadeiramente é fogo, ou de natureza mui similar ao fogo, elemento terrivel, bravo, indomito, abrazador, executivo, e consumidor de tudo. Pelo contrario a luz em sua pureza, é uma qualidade branda, suave, amiga, emfim, creada para companheira e instrumento da vista, sem offensa dos olhos, que são em toda a organisação do corpo humano a parte mais humana, mais delicada, e mais mimosa.



## O não

Do sermão da quaresma prégado na capella real em 1670 sobre o seguinte thema: se é conveniente e decente a um rei dizer não aos pretendentes e qual o modo com que o deve dizer, no caso que convenha.

*Sermões, 2.º vol. 1854.*

Terrível palavra é um *Non*. Não tem direito nem avesso: por qualquer lado que o tomeis, sempre soa e diz o mesmo. Lede-o do principio para o fim, ou do fim para o principio, sempre é *non*. Quando a vara de Moysés se converteu naquelle serpente tão feroz, que fugia della porque o não mordesse; disse lhe Deus que a tomasse ao revez, e logo perdeu a figura, a ferocidade e a peçonha. O *non* não é assim: por qualquer parte que o tomeis, sempre é serpente, sempre morde, sempre fere, sempre leva o veneno comsigo. Mata a esperança, que é o ultimo remedio que deixou a natureza a todos os males. Não ha correctivo que o modere, nem arte que o abrande, nem lisonja que o adoce. Por mais que confeiteis um *não*, sempre amarga; por mais que o enfeiteis sempre é feio; por mais que o doureis sempre é ferro. Em nenhuma solfa o podeis pôr que não seja mal soante, aspero e duro. Quereis saber qual é a dureza de um *não*? A mais dura coisa que tem a vida é chegar a pedir e depois de chegar a pedir ouvir um *não*: vede o que será? A lingua hebraica, que é a que fallou Adão, e a que mais naturalmente significa e declara a essencia das coisas, chama ao negar o que se pede, envergonhar a face. Assim disse Bersabé a Salomão: *Petitionem unam precor a te, ne confundas faciem meam*: (3. Reg. II—16) trago-vos, Senhor, uma petição, não me envergonheis a face. E porque se chama envergonhar a face negar o que se pede? Porque dizer *não* a quem pede, é dar-

lhe uma bofetada com a lingua. Tão dura, tão aspera, tão injuriosa palavra é um *não*. Para a necessidade dura, para a honra affrontosa, e para o merecimento insoffrivel.



### ◎ ferro e o iman

De um sermão de quaresma pregado no convento de Odívellas em 1644 sobre o amor dos inimigos

*Sermões, 6.º vol. 1855.*

Que dureza mais dura que a do ferro? E comtudo esta materia domadora de todas as coisas, tambem se deixa penetrar e padecer de amor. E' o ferro amado da pedra iman, (a quem os franceses discretamente chamam pedra amante) e é tão milagrosa, ou tão amorosa entre ambos a força desta natural sympathia, que a pedra como amante, sempre está attrahindo, e o ferro como amado sempre correspondendo. Ella o chama, elle se move; ella o guia, elle a segue; ella o eleva, elle se suspeude; ella o ata, elle se deixa prender; se ella pára, elle pára; se sobe, sobe; se desce, desce; se anda á roda, rodéa; sempre juntos, sempre conformes, sempre unidos; e tão pegados entre si, como se um e outro foram de cera. E se isto obra no ferro uma qualidade occulta, que seria no coração ainda que fosse de ferro um amor declarado? Um ferro amado de uma pedra, não pôde deixar de pagar amor com amor: e poderá um coração humano amado não amar? Todos estaes dizendo que não: e parece que dizeis bem.





## Divertimentos dos navegantes

Do quinto sermão ácerca de S. Francisco Xavier, tendo  
o jogo por thema

*Sermões, 13.º vol. 1857.*

O senhor rei D. Manuel, o conquistador, que acrescentou aos seus titulos o da navegação, e a intendeu melhor que todos, e lhe fez os mais sabios e prudentes regimentos, tambem quiz que se divertissem dos fastios do mar os seus navegantes, e mandou que todas as naus fossem providas para isso, de què? De violas, adufes e pandeiros, mas não de baralhos de cartas: tanjam, cantem, bailem, festejem-se os ventos galernos com folias e danças; e se tambem querem jogar, sejam os jogos que pertencem á segurança das mesmas naus, e sua defensa, e não se exercitam, nem se aprendem. Aprendam a jogar as armas maritimas de todo genero: a espada, a machadinha, o chuço, a pistela, o bacamarte, a alcanzia. Aprendam a jogar a artilheria, e a bornear a peça, e carregal-a. E se neste jogo tão proprio do valor e da honra querem ganhar, e não perder, aprendam quando se ha de pelejar a ganhar o bailevento, e quando o vento é contrario, a não perder o ló, nem a derrota. E façam grande caso de qualquer tento, que neste jogo são necessarios muitos. Tento nas nuvens, tento na agulha, tento na bitacola, tento no leme, tento na bomba, tento no paiol da polvora, tento no fogão, e tento no fumo, que se bebe, pois uma faísca que cæe em materia tão disposta, talvez não basta toda a agua do mar para apagal-a.

Estes jogos, e estes desenfados sim; e o das cartas troque-se pelo da carta. Que coisa mais curiosa, util, necessaria, e deleitosa, que intender a carta de marear, e saber um homem no mar por onde vae, e não tão cego e ignorante, como qualqner pau do mes-

mo navio? Na carta de marear se vêem em um abrir de olhos todos os mares e terras do mundo, e suas distancias: o numero dos graus e suas medidas, segundo diferentes rumos: a arrumação das costas, assim do continente, como das ilhas: os cabos, as enseadas, os portos, os surgidouros, os baixios, as vi-gias, os parceis, as correntes: os ventos e suas opposições, meias partidas, e quartas: e até se vêem os fundos se são de pedra, se de lodo, se de arêa, ou burgalhau; e finalmente, as alturas, e onde estou, e o que tenho andado, que até na terra allivia muito os caminhantes. Botem-se logo ao mar as cartas causas de mais perdições que as mesmas tempestades, nas quaes como os ventos furiosos não admittem partido, não resta mais que puxar pela carta. Arrenegue pois todo o navegante do jogo, se não se quer perder: que até a nau que joga não é segura.

---

### Os triumphos dos romanos

**Do sermão da primeira dominga do advento prégado em Lisboa, sobre o thema: Passará o céu e a terra, mas o que dizem as minhas palavras não passará.**

**Nesta admiravel oração Vieira mostra como tudo passa para a vida e nada passa para a morte.**

*Sermões, 1.º vol. 1854.*

A maior ostentação de grandeza e magestade que se viu neste mundo, e uma das tres que S. Agostinho desejara vér, foi a pompa e magnificencia dos triumphos romanos. Entravam por uma das portas da cidade, naquelle tempo vastissima, encaminhados longamente ao capitolio: precediam os soldados vencedores com acclamações: seguiam-se representadas ao natural as cidades vencidas, as montanhas inacessiveis escaladas,

os rios, caudalosos vadeados com pontes: as fortalezas, e armas dos inimigos, e as machinas com que foram expugnadas: em grande numero de carros os despojos e riquezas, e tudo o raro e admiravel das regiões novamente sujeitas: depois de tudo isto a multidão dos captivos, e talvez os mesmos reis maniatados; e por fim em carroça de oiro e pedraria, tirada por elefantes, tigres ou leões domados, o famoso triumphador: ouvindo a espaços aquelle glorioso, e temoroso pregão: *Memento te esse mortalem.* Em quanto esta grande procissão (que assim lhe chama Seneca) caminhava, estavam as ruas, as praças, as janellas, e os palanques, que para este fim se faziam, cobertos de infinita gente, todos a vêr. E se Diogenes então perguntasse quaes eram os que passavam: se os do triumpho, se os que o estavam vendo, não ha duvida que parecia a pergunta digna de riso. Mas o certo é que tanto os da procissão, e do triumpho, como os que das janellas e palanques, os estavam vendo, uns e outros igualmente passavam, porque a vida e o tempo nunca pára: e, ou indo, ou estando; ou caminhando, ou parados, todos sempre com igual velocidade passamos.

## Uma briga

**Do sermão das quarenta horas** prégado em Lisboa  
em 1642

*Sermões, 8.º vol. 1856.*

Vistes o que cada dia acontece nos povos e cidades principalmente grandes, levantar-se entre homens sediciosos uma briga, ou arruido subito, que na campanha se pudéra chamar batalha? Todos puxam pelas armas, e são armas tudo o que de mais perto se oferece ás mãos: chovem os golpes, voam as pedras: uns ferem, outros cahem; todos correm e acodem sem

saber a quem, ou contra quem, nem a causa; uns incitados do odio e da ira; outros sem ira, nem odio; tudo é grita, tudo desordem, tudo confusão. No meio, porém, deste tumulto popular, se apparece uma personagem de grande auctoridade e respeito, no mesmo ponto abatem todos as armas, embainham as espadas, aparta-se sem outra violencia a briga, e não ha quem se mova. Tal aconteceu naquelle tempestade do mar (diz o poeta) tanto que appareceu o deus Neptuno; e muito melhor direi eu: tal é o que se viu nas nossas tempestades da terra tão furiosas, tanto que appareceu no meio dellas o Deus verdadeiro. Que era Lisboa, que era o mundo nestes dias, senão um mar tempestuoso e uma tormenta desfeita? Soltava-se a gula, desenfreava-se a ira, libertava-se a injustiça, desbaratava-se o siso. E com estes quatro ventos tão soltos e furiosos, que ondas se não levantavam entre os homens de affrontas, e injurias mal soffridas?

---

### A madrugada

D'um sermão de Resurreição sobre o tema: *quem mais ama mais madruga*

*Sermões, 10.º vol. 1856.*

Torpe coisa é, e verdadeiramente vergonhosa para um christão, se o primeio raio do sol o achar na cama e não prostrado aos pés de Christo seu Creador e Redemptor. As primeiras creaturas, que com suas vozes nos injuriam e envergonham, entre aquellas que o mesmo Senhor creou, mas não remiu, são as aves. Que avesinha ha, ou tão pintada como o pintasilgo, ou tão mal vestida como o rouxinol, que não rompa o silencio da noite, com dar ou cantar as graças a seu

Creador, festejando a boa vinda da primeira luz, ou  
chamando por ella? As flores que anoiteceram secas e  
murchas, porque carecem de vozes, posto que lhe  
não falte melodia para louvar a quem as fez tão for-  
mosas, ao descante mudo dos cravos e das violas,  
como são as Magdalenas do prado, tambem declararam  
os seus affectos com lagrimas. As nuvens bordadas de  
encarnado e oiro, os mares com as ondas crespas em  
azul e prata, as arvores com as folhas voltadas ao ceu  
e com a variedade do seu verde natural entao mais  
vivo, as fontes com os passos de garganta mais cheios,  
e a cadencia mais sonora, as ovelhinhos saindo do  
aprisco, e os outros gados mansos à liberdade do  
campo, os lobos e as feras sylvestres recolhendo-se  
aos bosques, e as serpentes mettendo-se nas suas co-  
vas, todos, ou temendo a luz, ou alegrando-se com  
sua vista, como á primeira obra de Deus, lhe tribu-  
tam naquelle hora os primeiros applausos. E que  
maior confusão e affronta do homem, creatura racio-  
nal, que quando todas as outras, ou brutas, ou insen-  
siveis, roconhecem do modo que podem a bondade e  
providencia daquelle supremo Senhor, que lhes deu o  
ser, antecipando ao sol para lhe offerecer as premicias  
do dia; elle sem memoria, sem intendimento, sem von-  
tade, e sem sentidos naquelle voluntaria sepultura do  
sonmo e do descuido, só confesse dormindo e ron-  
cando, que é o mais ingrato?

Desperta, ó homem indigno, aos brados de todas  
as criaturas; abre os olhos, e vê a que madrugas, e  
a que não madrugas. Deixadas as madrugadas meca-  
nicas, como as do official vigilante, que madruga para  
bater e malhar o ferro, obrigando tambem a madru-  
gar o ar e o fogo: os que professam a vida e acções  
mais nobres, para que madrugam? Madruga o mathe-  
matico, para observar as estrellas, antes que lh'as es-  
conde o sol: madruga o soldado, para vigiar o seu

quarto, ou na muralha, ou na campanha, ou no bordo da nau: madruga o estudante sobre o livro, que tantas madrugadas custou ao seu Auctor, quantas são as letras, muitas vezes riscadas, de que está composto: madruga o requerente, madruga o caminhante, madruga cercado de galgos o caçador, e sobre todos com mais estrondosas madrugadas os principes, devendo madrugar, não para montear desertos e matar feras; mas, como fazia el-rei David, para alimpar os povoados de vicios, e matar os que os commettem: *In matutino interficiebam omnes peccatores terræ.* (Psal. C—8) E que appetite menos digno de tão alto e soberano nome, que despertarem ao som de trombetas, e muitas horas antes do sol, para correr uma lebre, ou dar uma lançada no javali amalhado, aquelles que sem este despertador depois da quarta parte do dia, tendo tanto que ver e prover, ainda não teem abertos os olhos? O' que differentemente haviam de madrugar para agradecer a Deus este mesmo descânço, se advertiram e disseram com o pastor agradecido: *Deus nobis hæc otia fecit!*

E se estas madrugadas por outra parte licitas e honestas, o descuido de se empregarem na adoração do Senhor, *Qui fabricatus est auroram et solem.* (Ibid. LXXIII—16) bastára para as fazer ociosas, e menos christãs; que censura merecem aquellas que, em logar de se dedicarem e consagrarem ao verdadeiro Deus, se sacrificam aos idólos? Fundido por Arão o ídolo de ouro, e signalado para a celebriidade e dedicação da infame imagem o dia seguinte, *Cras solemnitas Domini est,* (Exod. XXXII—5 e 6) o que fizeram todos, foi levantarem-se muito de manhã a oferecer-lhe sacrifícios: *Surgentesque mane obtulerunt holocausta;* e aos sacrifícios se seguiram banquetes, brindes, e jogos: *Sedit populus manducare et bibere, et surrexerunt ludere.* Foi boa madrugada esta? E

quantas são debaixo do falso nome de christandade as que se parecem com ella? Os nossos idолос são as nossas paixões, e os nossos appetites: e raro é o christão de sonno e juiso tão repousado que o deixe dormir, e não desvele a sua idolatria. Quanto corta pelo sonno o adulterio? Quanto corta pelo sonno o vingativo? Quanto corta pelo sonno o ladrão? Quanto corta pelo sonno o taful? Quanto corta pelo sonno o invejoso, o ambicioso, e, mais vigilante que todos, o avarento e cobiçoso? Os judeus adoram o bezerro de oiro, os christãos adoram o oiro, ainda que não peze tanto como o bezerro. Do oiro tomou nome a aurora, e esta é a despertadora que os não deixa dormir, e faz vigiar, machinando subtilezas, traças, enganos, traições e sacrificando ao torpe, vergonhoso e brutal idolo do interesse, o descânço, a razão, a vida, a honra, a consciencia, a alma. Quão justamente arguiu Christo o sonno e negligencia dos que não puderam vigiar uma hora com elle, á vista do contrario exemplo e vigilancia infame de Judas! *Vel Judam non videtis quomodo non dormit, sed festinat tradere me judæis?* Basta que a cobiça de Judas para me vender e me entregar não dorme, e o meu amor e a vossa obrigação não pôde acabar com vosco a que corteis pelo sonno, e vigeis uma hora commigo?



### Os hypocritas

Do sermão de Santa Iria prégado em Santarem

*Sermões, 9.º vol. 1856.*

Não se pôde negar que a conservação da virtude tem o seu trabalho; mas não é necessario ser bom, para sofrer o trabalhoso della, por conseguir o hon-

roso. Não hei de provar este ponto com auctoridades de santos, mas com o exemplo dos homens mais máus, mais vis e mais mofinos do mundo. A gente peior, e mais mofina do mundo, são os hypocritas, e tambem as hypocritas: porque? Porque padecem o trabalhoso da virtude, e perdem o meritorio. Mas nisso mesmo nos provam e nos ensinam quão poderoso é mais que tudo na natureza humana, ainda depravada, o amor da opinião e da honra. Nos seus jejuns, nas suas penitencias e nas suas largas orações ou superstiçãoes, são martyres do diabo, e comtudo se dão por bem pagos de supportar todo o trabalhoso da virtude, só por conseguir o honroso della.



## A guerra

**Do sermão historico e panegyrico nos annos da rainha  
D. Maria Francisca Izabel de Saboya, pregado em  
Lisboa em 1668.**

*Sermões, 8.º vol. 1856.*

É a guerra aquelle monstro que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas, e quanto mais come e consome, tanto menos se farta. É a guerra aquella tempestade terrestre, que leva os campos, as casas, as villas, os castellos, as cidades, e talvez em um momento sorve os reinos e monarchias inteiras. É a guerra aquella calamidade composta de todas as calamidades, em que não ha mal algum que, ou se não padeça, ou se não tema; nem bem que seja proprio e seguro. O pae não tem seguro o filho, o rico não tem segura a fazenda, o pobre não tem seguro o seu suor, o nobre não tem segura a honra, o ecclesiastico não tem segura a immunidade, o religioso não tem segura

a sua cella; e até Deus nos templos e nos sacrarios não está seguro.

---

## A medicina

D'um panegyrico de S. Lucas pregado em Lisboa, muito curioso por dar idéa perfeita das douctrinas medicas então em voga.

*Sermões, 10.º vol. 1856.*

*Altissimus de terra creavit medicinam:* Deus creou da terra a medicina: mas de que terra, ou em que terra? Assim como a primeira arvore da vida foi creada no meio do paraíso: *Lignum vitæ in medio paradiſi;* (Gen. II — 9) assim a terra de que Deus, e onde Deus creou a segunda, foi o meio da redondeza da mesma terra. A prova e a razão é porque em todas as quatro partes do mundo creou Deus para serviço e uso da medicina varios antidotos, ou instrumentos medicinaes, conforme as qualidades e enfermidades das mesmas terras. Os romanos nas suas conquistas queixavam-se de que entre as novas riquezas que de lá traziam, vinham tambem os contagios de novos generos de doenças, com que parece que os conquistados se vingavam dos seus mortos, matando tambem dentro em Roma os seus mesmos conquistadores. Nem é alheio deste pensamento, o com que, sendo el-rei D. Manuel o fundador ou amplificador dos hospitaes de Lisboa, se dizia delle, que justamente fabricava os hospitaes, quem com suas conquistas acrecentaria os enfermos. Mas nesta mesma experiença se vê e reconhece mais claramente o altissimo conselho da providencia divina, pois são muitos mais os novos e exquisitos remedios, que das mesmas conquistas se descobriram, ainda contra as antigas enfermidades, do que requerem as novas.

Plantada pois no meio das quatro partes do mundo a segunda arvore da vida, ella com as suas raizes penetra até o centro da terra, d'onde com maior utilidade que a cubiça, desenterra todo o genero dos mineraes de tanto mais poderosas virtudes, quanto mais simples. De lá cava não só o oiro e a prata morta e viva, senão tambem o ferro para os casos extremos: de lá tira as esmeraldas, os rubis, os jacintos, e todas as outras pedras preciosas, de que a branda medicina se serve, e se coroa, tão differentes na efficacia, como nas côres, e tanto de maior valor quando liquidas as bebe a saude, que quando solidas se engastam nas joias. Regam estas raizes os rios e fontes, umas quentes, outras frias, todas saudaveis. E as mesmas aguas do mar, posto que salgadas, as não fertilisam, nem enriquecem menos, fecundas e abundantes dos remedios, que, ou nadam nos ossos e entranhas dos peixes, ou moram e se encerram nas conchas dos que não podem nadar.

Dos lodos mais profundos recebe o tributo das perolas e aljofares: das áreas limosas o mysterioso coral, que primeiro é vime verde e brando, e logo pedra vermelha e dura: e até da furia das tempestades, ou da fome das baléas, os sobejos odoriferos do ambar, que estas arrancam, e aquellas lançam ás praias. Das raizes assim regadas, cresce e se engrossa o tronco de toda a famosa arvore, formado de todos os lenhos medicinaes que criam os visinhos e remotos climas; dos quaes, ou abertos os póros com o calor do sol, se destillam em suores, ou feridos mais interiormente nas veias, correm como sangue os balsamos e as myrrhas: e estas pelo parentesco que teem de humores, ou restringindo, ou relaxando (como no instrumento as cordas) os reduzem facilmente á natural harmonia.

## O estatuaric

V. a nota do trecho *A accumulação d'empregos*  
(*Conselhos políticos*)

*Sermões 2.º vol. 1854.*

*Quid?* Que? Depois de o ministro examinar, que ministro ou que ministros é; segue-se ver o que faz. Um dia do juiso inteiro era necessário para este exame. *Quid?* Que sentenças? Que despachos? Que votos? Que consultas? Que eleições? Mas paremos nesta última palavra, que é a de maiores escrupulos, e a que involve commumente todo o *Quid*.

Não me atrevo a fallar nesta materia, senão por uma parabola, e ainda essa não ha de ser minha, senão do propheta Isaias. Foi um homem ao mato, diz Isaias (ou fosse escultor de officio, ou imaginario de devoção) Levava o seu machado, ou a sua acha ás costas; e o seu intento era ir buscar um madeiro para fazer um idolo. Olhou para os cedros, para as faias, para os pinhos, para os ciprestes; cortou donde lhe pareceu um tronco, e trouxe-o para casa. Partido o tronco em duas partes, ou em dois cepos, a um destes cepos meteu-lhe o machado e a cunha, fendeu-o em achas, fez fogo com ellas, e aquentou-se, e cozinhou o que havia de comer. O outro cepo poz-lhe a regra, lançou-lhe as linhas, desbastou o, e tomando já o maço e o escopro, já a goiva e o buril, foi-o afeiçoando em fórmā humana. Alizou-lhe uma testa, rasgou-lhe uns olhos, afilou-lhe um nariz, abriu-lhe uma boca, ondeou-lhe uns cabellos ao rosto, foi-lhe seguindo os hombros, os braços, as mãos, o peito, e o resto do corpo até os pés. E feito em tudo uma figura de homem, pô-lo sobre o altar e adorou-o. Pasma Isaias da cegueira deste escultor; e eu tambem me admiro dos que fazem o que elle fez. Um cepo, conhecido por

cepo, feito homem, e posto em lugar onde ha de ser adorado! *Medietatem ejus combussi igni, et de reliquo ejus idolum faciam?* (Isai. XLIV — 19) Duas ametades do mesmo tronco, uma ao fogo, outra ao altar! Se são dois cepos, porque os não haveis de tratar ambos como cepos? Mas que um cepo haja de ter a fortuna de cepo, e vá em achas ao fogo; e que o outro cepo, tão madeiro, tão tronco, tão informe, e tão cepo como o outro, o haveis de fazer á força homem, e lhe haveis de dar auctoridade, respeito, adoraçāo, divindade? Dir-me-heis que este segundo cepo, que está muito feito, e que tem partes. Sim, tem; mas as que vós fizestes nelle. Tem boca, porque vós lhe fizestes boca; tem olhos, porque vós lhe fizestes olhos; tem mãos e pés, porque vós lhe fizestes pés e mãos. E senão dizei-lhe que ande com esses pés, ou que obre com essas mãos, ou que falle com essa boca, ou que veja com esses olhos. Pois se tão cepo é agora como era d'antes; porque não vae tambem este para o fogo? Ou porque não vem tambem o outro para o altar? Ha quem leve á confissāo estas desigualdades? Ha quem se confesse dos que fez, e dos que desfez? A um queimastes, a outro fizestes; e de ambos deveis restituçāo igualmente. Ao que queimastes deveis restituçāo do mal que lhe fizestes; ao que fizestes deveis restituçāo dos males que elle fizer. Fizestes-lhe olhos, não sendo capaz de vêr; restituireis os danmos das suas cegueiras. Fizestes-lhe boca, não sendo capaz de fallar; restituireis os danmos de suas palavras. Fizestes-lhe mãos, não sendo capaz de obrar; restituireis os danmos das suas omissões. Fizestes-lhe cabeça, não sendo capaz de juiso; restituireis os danmos de seus desgovernos. Eis aqui o encargo de ter feituras. Então prezae-vos de poder fazer e desfazer homens? Quanto melhor fôra fazer consciencia dos que fizestes, e dos que desfizestes! Deus tem duas acções que re-

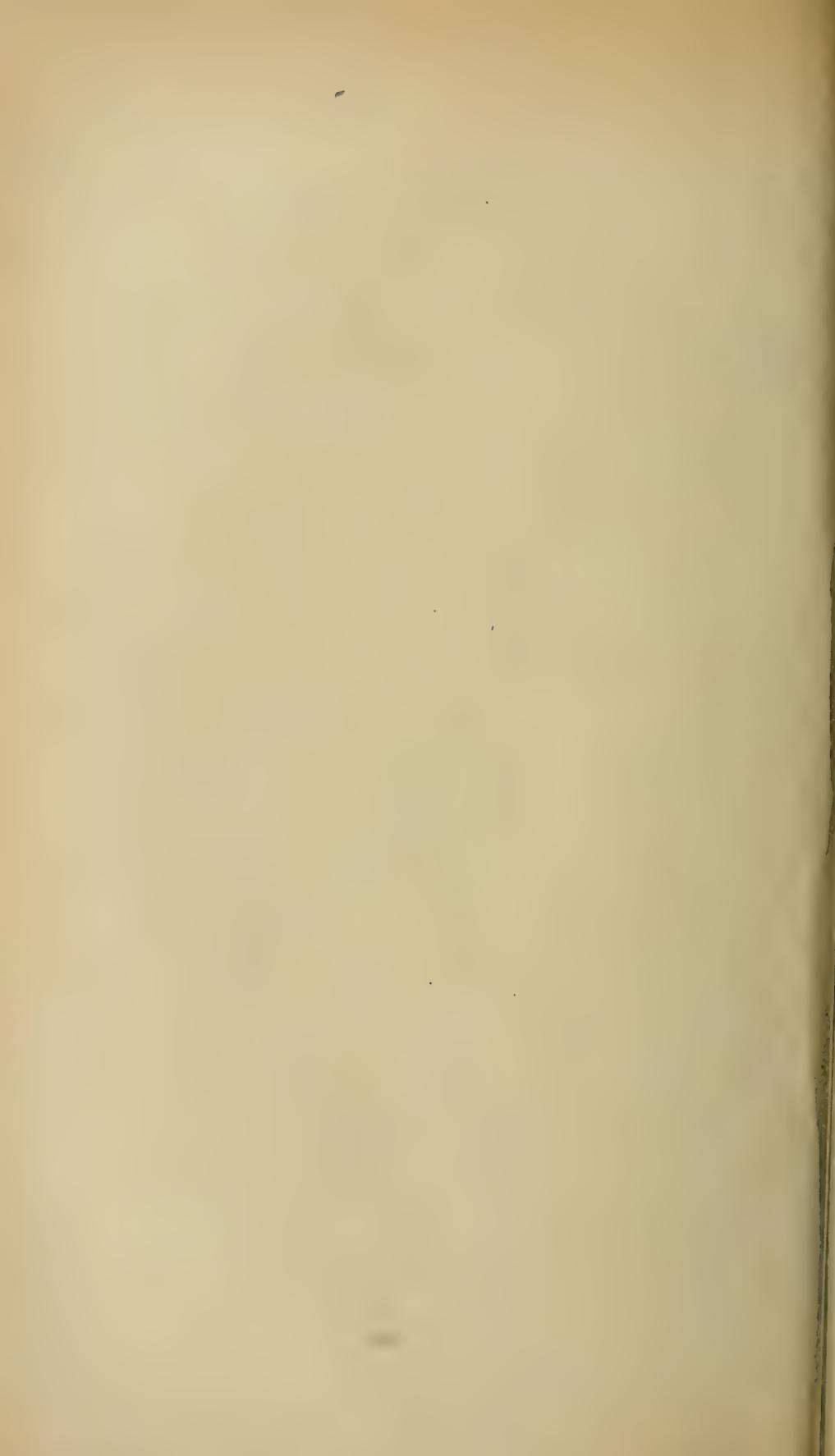
servou só para si: crear e predestinar. A acção de crear já os poderosos a tem tomado a Deus, fazendo criaturas de nada: a de predestinar tambem lh'a vejo tomada neste caso. Um para o fogo, e outro para o altar. Basta que tambem haveis de ter precitos, e predestinados! Se fostes precito, (não sei de quem) fostes mofino, haveis de arder; se fostes seu predestinado, fostes ditoso, haveis de reinar.

E haverá algum destes omnipotentes que se tenha accusado alguma hora deste peccado de predestinação? Accusado não, escusado sim. E por galante modo. Saiu fulano com tal despacho; saiu fulano com tal mercè. E o que fez a mercè, e o que fez o despacho, e o que fez o fulano, é o mesmo que isto diz. Se vós o fizestes, para que dizeis que saiu? O nosso Arão ao pé da letra. Que fez Arão, e que disse no caso do outro ídolo? O que Arão fez foi que fundiu e forjou, e formou o bezerro: *Formavit fecitque vitulum conflati-lem.* (Exod. XXXII — 4) E o que o mesmo Arão disse foi que o bezerro saira: *Egressusque est hic vitulus.* Saíu. Pois se vós o fizestes, e se vós o fundistes, e se vós o forjastes, e vós o limastes; se é certo que vós pedistes o oiro das arrecadas, ou arrecadastes o oiro que não pedistes; porque dizeis que saiu? *Egressus est?* Porque assim dizem os que fazem bezerros. São tais as vossas feituras, que vos affrontaes de dizer que vós as fizestes. Mas já que as negaes aos olhos dos homens, porque as não confessareis aos pés de Deus? Pois crède-me que o bezerro de oiro tem muito mais que confessar que oiro e bezerro. E que tem mais que confessar? Os danos particulares e publicos que d'alli se seguiram. Seguiu-se deste peccado quebrar Moysés as taboas da lei escripta pela mão de Deus: *Projecit de manu tabulas et confregit eas.* (Ibid. — 19) Seguiu-se ficar o povo pobre e despojado das suas joias, que eram o preço de quatrocentos annos de

serviço seu e de seus antepassados no Egypto: *Spoliaverat enim eum Aaron, et nudum constituerat.* (Ibid.—25) Seguiu-se morrerem naquelle dia á espada a mãos de Moysés e dos levitas, vinte e tres mil homens: *Cecideruntque in die illa quasi viginti tria millia hominum.* (Abul. et Cornel. hic.) Seguiu-se deixar Deus o povo, e não o querer acompanhar, nem assistir com sua presença, como até alli fizera: *Non ascendam tecum, quia populus duræ cervicis es.* (Exod. XXXIII — 3) Seguiu-se querer Deus acabar para sempre o mesmo povo, como sem duvida fizera se as orações de Moysés não aplacaram sua justa ira: *Dimitte me, ut irascatur furor meus, et deleam eos.* (Ibid. XXXII — 10) Seguiu-se, finalmente, e seguiram-se todos os outros castigos que Deus então lhes ameaçou, e reservou para seu tempo, de que em muitas centenas de annos, e de horrendas calamidades, se não viram livres os hebreus: *Ego autem in die ultionis visitabo et hoc peccatum eorum.* (Ibid.—34) Que vos parecem as consequencias daquelle peccado? Cuidaes que não ha mais que fazer um bezerro? Cuidaes que não ha mais que enthronizar um bruto; ou seja cepo de páu, ou cepo de oiro? As mesmas consequencias se seguem dos indignos que que vós fazeis e pondes nos logares supremos. E senão olhae para ellas. As leis divinas e humanas quebradas; os povos despojados e empobrecidos; as mortes de homens a milhares, uns na guerra por falta de governo, outros na paz por falta de justiça, outros nos hospitaes por falta de cuidado; sobre tudo a ira de Deus provocada; a assistencia de sua protecção desmerecida; as provincias, o reino, e a mesma nação inteira arriscada a uma extrema ruina, que se não fôra pelas orações de alguns justos, já estivera acabada; mas não estão ainda acabados os castigos. E sobre quem carrega o peso de todas estas consequencias? Sobre aquelles que fazem e que sustentam os

auctores e causadores dellas: *Ego feci, ego feram.* (Isai. XLVI — 4) Vós o fizestes, vós o pagareis. E que com esta carga ás costas andem tão leves, como andam! Que lhes não pese este peso na consciencia! Que os não morda este escrupulo na alma! Que os não inquiete, que os não assombre, que os não traga fóra de si esta conta que hão de dar a Deus! E que sejam christãos! E que se confessem! Mas não condenno nem louvo; admiro-me com as turbas: *Et admiratæ sunt turbæ.*





# Reflexões religiosas, philosophicas e moraes

---

## Sermão da sexagesima

Prégado na capella real em 1655. E' um dos mais notáveis sermões de Vieira, em que elle traça magistralmente as regras a que deve ser subordinada a oratoria sagrada e ao mesmo tempo as exemplifica, emancipando-se do jugo dos defeitos da sua epocha, por elle admiravelmente criticados.

*Sermões, vol. 1.º 1854.*

### I

E se quizesse Deus que este tão illustre e tão numeroso auditorio saisse hoje tão desenganado da pregação, como vem enganado com o prégador! Ouçamos o evangelho, e ouçamol-o todo, que todo é do caso que me levou e trouxe de tão longe.

*Ecce exiit qui seminat, seminare.* (Math. XIII—3) Diz Christo, que saiu o prégador evangelico a semear a palavra divina. Bem parece este texto dos livros de Deus. Não só faz menção do semear, mas faz tambem caso de sair: *Exiit*, porque no dia da messe hão nos de medir a semeadura, e hão nos de contar os passos. O mundo, aos que lavraes com elle, nem vos satisfaz o que dispendeis, nem vos paga o que andaes. Deus

não é assim. Para quem lavra com Deus até o sair é semear, porque tambem das passadas colhe. Entre os semeadores do evangelho ha uns que saem a semear, ha outros que semeam sem sair. Os que saem a semear, são os que vão pregar á India, á China, ao Japão: os que semeam sem sair, são os que se contentam com pregar na patria. Todos terão sua razão, mas tudo tem sua conta. Aos que tem a seara em casa, pagar lhes-hão a semeadura: aos que vão buscar a seara tão longe, hão lhes de medir a semeadura, e hão lhes de contar os passos. Ah dia do juizo! Ah pregadores! Os de cá, achar-vos-heis com mais paço: os de lá, com mais passos: *Exiit seminare.*

.....

Oh que grandes esperanças me dá esta sementeira! Oh que que grande exemplo me dá este semeador! Dá-me grandes esperanças a sementeira, porque ainda que se perderam os primeiros trabalhos, lograrse-hão os ultimos. Dá-me grande exemplo o semeador, porque depois de perder a primeira, a segunda e a terceira parte do trigo, aproveitou a quarta e ultima, e colheu della muito fructo. Já que se perderam as tres partes da vida, já que uma parte da edade a levaram os espinhos, já que outra parte a levaram as pedras, já que outra parte a levaram os caminhos, e tantos caminhos, esta quarta e ultima parte, este ultimo quartel da vida, porque se perderá tambem? Porque não dará fructo? Porque não terão tambem os annos o que tem o anno? O anno tem tempo para as flores, e tempo para os fructos. Porque não terá tambem o seu outono a vida? As flores, umas cáem, outras secam, outras murcham, outras leva o vento; aquellas poucas que se pegam ao tronco e se convertem em fructo, só essas são as venturoosas, só essas são as discretas, só essas são as que duram, só essas são as

que aproveitam, só essas são as que sustentam o mundo. Será bem que o mundo morra á fome? Será bem que os ultimos dias se passem em flores? Não será bem, nem Deus quer que seja, nem ha de ser. Eis aqui porque eu dizia ao principio, que vindes enganados com o pregador. Mas para que possaes ir desenganados com o sermão. tratarei nelle uma matéria de grande pezo e importancia. Servirá como de prologo aos sermões que vos hei de pregar, e aos mais que ouvirdes esta quaresma.

## II

*Semen est Verbum Dei.*

O trigo que semeou o pregador evangelico, diz Christo que é a palavra de Deus. Os espinhos, as pedras, o caminho, e a terra boa, em que o trigo caiu, são os diversos corações dos homens. Os espinhos são os corações embaracados com cuidados, com riquezas, com delicias; e nestes afoga-se a palavra de Deus. As pedras são os corações duros e obstinados; e nestes seca-se a palavra de Deus, e se nasce, não cria raizes. Os caminhos são os corações inquietos e perturbados com a passagem e tropel das coisas do mundo, umas que vão, outras que veem, outras que atravessam, e todas passam; e nestes é pisada a palavra de Deus, porque ou a desattendem, ou a desprezam. Finalmente a terra boa são os corações bons, ou os homens de bom coração; e nestes prende e fructifica a palavra divina, com tanta fecundidade e abundancia, que se colhe cento por um: *Et fructum fecit centuplum.*

Este grande fructificar da palavra de Deus, é o em que reparo hoje; e é uma duvida ou admiração que me traz suspenso e confuso depois que subo ao pulpite. Se a palavra de Deus é tão efficaz e tão pode-

rosa, como vemos tão pouco fructo da palavra de Deus? Diz Christo que a palavra de Deus fructifica cento por um, e já eu me contentára com que fructificasse um por cento. Se com cada cem sermões se convertera e emendára um homem, já o mundo fôra santo.

.....

Os peiores ouvintes que ha na egreja de Deus são as pedras e os espinhos. E porque? Os espinhos por agudos, as pedras por duras. Ouvintes de intendimentos agudos, e ouvintes de vontades endurecidas, são os peiores que ha. Os ouvintes de intendimentos agudos são más ouvintes, porque veem só a ouvir subtilezas, a esperar galanterias, a avaliar pensamentos, e ás vezes tambem a picar a quem os não pica. *Aliud cecidit inter spinas.* O trigo não picou os espinhos, antes os espinhos o picaram a elle: e o mesmo succede cá. Cuidaes que o sermão vos picou a vós, e não é assim; vós sois o que picaes o sermão. Por isto são maus ouvintes os de intendimentos agudos. Mas os de vontades endurecidas ainda são peiores, porque um intendimento agudo pôde-se ferir pelos mesmos fios, e vencer-se uma agudeza com outra maior; mas contra vontades endurecidas nenhuma coisa aproveita a agudeza, antes damna mais, porque quanto as setas são mais agudas, tanto mais facilmente se despontam na pedra. Oh! Deus nos livre de vontades endurecidas, que ainda são peiores que as pedras. A vara de Moysés abrandou as pedras, e não poude abrandar uma vontade endurecida: *Percutiens virga bis silicem, et egressæ sunt aquæ largissimæ.* (Num. XX — 11) *Induratum est cor Pharaonis.* (Exod. VII — 13) E com os ouvintes de intendimentos agudos, e os ouvintes de vontades endurecidas serem os mais rebeldes, é tanta a força da divina palavra, que apesar da agu-

deza nasce nos espinhos, e apesar da dureza nasce nas pedras. Puderamos arguir ao lavrador do evangelho, de não cortar os espinhos, e de não arrancar as pedras antes de semear, mas de industria deixou no campo as pedras e os espinhos, para que se visse a força do que semeava. E' tanta a força da divina palavra, que sem cortar nem despontar espinhos, nasce entre espinhos. E' tanta a força da divina palavra, que sem arrancar nem abrandar pedras, nasce nas pedras. Corações embaraçados como espinhos, corações secos e duros como pedras, ouvi a palavra de Deus e tende confiança; tomare exemplo nessas mesmas pedras, e nesses espinhos. Esses espinhos e essas pedras agora resistem ao semeador do céu; mas virá tempo em que essas mesmas pedras o acclamem, e esses mesmos espinhos o coroem. <sup>1</sup> Quando o semeador do céu deixou o campo, saindo deste mundo, as pedras se quebraram para lhe fazerem acclamações, e os espinhos se teceram para lhe fazerem corôa. E se a palavra de Deus até dos espinhos e das pedras triumpha; se a palavra de Deus até nas pedras, até nos espinhos nasce; não triumphar dos alvedrios hoje a palavra de Deus, nem nascer nos corações, não é por culpa, nem por indisposição dos ouvintes.

Suppostas estas duas demonstrações; supposto que o fructo e efeitos da palavra de Deus não ficam, nem por parte de Deus, nem por parte dos ouvintes, segue-se por consequencia clara, que ficam por parte do prégador. E assim é. Sabeis, christãos, porque não faz fructo a palavra de Deus? Por culpa dos prégadores. Sabeis, prégadores, porque não faz fructo a palavra de Deus? Por culpa nossa.

---

<sup>1</sup> Et petræ scissæ sunt. (*Math. XXVII*—51) Coronam de spinis posuerunt super caput ejus. (*Ibid.* — 29).

## IV

Mas como em um prégador ha tantas qualidades, e em uma pregação tantas leis, e os prégadores podem ser culpados em todas, em qual consistirá esta culpa? No prégador podem-se considerar cinco circumstancias: a pessoa, a sciencia, a materia, o estylo, a voz. A pessoa que é, a sciencia que tem, a materia que trata, o estylo que segue, a voz com que falla. Todas estas circumstancias temos no evangelho. Vamos-as examinando uma por uma, e buscando esta causa.

Será por ventura o não fazer fructo hoje a palavra de Deus, pela circumstancia da pessoa? Será porque antigamente os prégadores eram santos, eram varões apostolicos e exemplares, e hoje os prégadores são eu e outros como eu? Boa razão é esta. A definição do prégador é a vida e o exemplo. Por isso Christo no evangelho não o comparou ao semeador, senão ao que semea. Reparae. Não diz Christo: Saiu a semear o semeador, senão, saiu a semear o que semea: *Ecce exiit, qui seminat, seminare.* Entre o semeador e o que semea ha muita diferença: Uma coisa é o soldado, e outra coisa o que peleja; uma coisa é o governador, e outra o que governa. Da mesma maneira, uma coisa é o semeador, e outra o que semea; uma coisa é o prégador, e outra o que prega. O semeador e o prégador é nome; o que semea e o que prega é acção; e as acções são as que dão o ser ao prégador. Ter nome de prégador, ou ser prégador de nome, não importa nada; as acções, a vida, o exemplo, as obras, são as que convertem o mundo. O melhor conceito que o prégador leva ao pulpito, qual cuidaes que é? E' o conceito que de sua vida teem os ouvintes. Antigamente convertia-se o mundo, hoje porque se não converte ninguem? Porque hoje prégam-se palavras e

pensamentos, antigamente prégavam-se palavras e obras. Palavras sem obras, são tiro sem bala; atroam mas não ferem.

---

Viram os ouvintes em nós o que nos ouvem a nós, e o abalo e os efeitos do sermão seriam muito outros.

Vae um prégador prégando a paixão, chega ao pretorio de Pilatos, conta como a Christo o fizeram rei de zombaria, diz que tomaram uma purpura e lh'a puzeram aos hombros, ouve aquillo o auditorio muito attento. Diz que teceram uma corôa de espinhos e que lh'a pregaram na cabeça, ouvem todos com a mesma attenção. Diz mais que lhe ataram as mãos e lhes metteram · nellas uma cana por sceptro, continua o mesmo silencio e a mesma suspensão nos ouvintes. Corre-se neste passo uma cortina, apparece a imagem do *Ecce Homo*, eis todos prostrados por terra, eis todos a bater nos peitos, eis as lagrimas, eis os gritos, eis os alaridos, eis as bofetadas. Que é isto? Que apareceu de novo nesta egreja? Tudo o que descobriu aquella cortina, tinha já dito o prégador. Já tinha dito daquella purpura, já tinha dito daquella corôa e daquelles espinhos, já tinha dito daquelle sceptro e daquella cana. Pois se isto então não fez abalo nenhum, como faz agora tar.to? Porque então era *Ecce Homo* ouvido, e agora é *Ecce Homo* visto; a relação do prégador entrava pelos ouvidos, a representação daquella figura entra pelos olhos. Sabem, padres prégadores, porque fazem pouco abalo os nossos sermões? Porque não prégamos aos olhos, prégamos só aos ouvidos. Porque convertia o Baptista tantos pecadores? Porque assim como as suas palavras prégavam aos ouvidos, o seu exemplo prégava aos olhos. As palavras do Baptista prégavam penitencia: *Agite penitentiam*: (Math. III—2) Homens, fazei penitencia:

e o exemplo clamava: *Ecce Homo*: eis aqui está o homem, que é o retrato da penitencia e da aspereza. As palavras do Baptista prégavam jejum e reprehendiam os regalos e demasias da guia; e o exemplo clamava: *Ecce Homo*: eis aqui está o homem que se sustenta de gafanhotos e mel silvestre. As palavras do Baptista prégavam composição e modestia e condenavam a soberba e a vaidade das galas; e o exemplo clamava: *Ecce Homo*: eis aqui está o homem vestido de pelles de camello, com as cordas e cilicio á raiz da carne. As palavras do Baptista prégavam despegos e retiros do mundo, e fugir das occasões e dos homens; e o exemplo clamava: *Ecce Homo*: eis aqui o homem que deixou as cidades e as cidades, e vive num deserto e numa cova. Se os ouvintes ouvem uma coisa e vêem outra, como se hão de converter? <sup>1</sup> Jacob punha as varas manchadas diante das ovelhas quando concebiam, e d'aqui procedia que os cordeiros nasciam manchados. Se quando os ouvintes percebem os nossos conceitos, tem diante dos olhos as nossas manchas, como hão de conceber virtudes? Se a minha vida é apologia contra a minha doutrina, se as minhas palavras vão já refutadas nas minhas obras, se uma coisa é o semeador, e outra o que seméa, como se ha de fazer fructo?

Muito boa e muito forte razão era esta de não fazer fructo a palavra de Deus; mas tem contra si o exemplo e experientia de Jonas. (*Jonas* 1, 2, 3 e 4) Jonas fugitivo de Deus, desobediente, contumaz, e, ainda depois de engolido e vomitado, iracundo, impaciente, pouco caritativo, pouco misericordioso, e mais zeloso e amigo da propria estimação que da honra de Deus e salvação das almas, desejoso de vêr subvertida

<sup>1</sup> Factumque est ut oves intuerentur virgas et parerent maculosa. (*Genes. XXX — 39.*)

a Ninive, e de a vèr subverter com seus olhos, havendo nella tantos mil innocentes, comtudo este mesmo homem com um sermão converteu o maior rei, a maior côrte, e o maior reino do mundo, e não de homens fieis, senão de gentios idolatras. Outra é logo a causa que buscamos. Qual será ?

## V

Será por ventura o estylo que hoje se usa nos pulpitos? Um estylo tão empeçado, um estylo tão difficultoso, um estylo tão affectado, um estylo tão encontrado a toda a arte e a toda a natureza? Boa razão é tambem esta. O estylo ha de ser muito facil e muito natural. Por isso Christo comparou o prégar ao semear: *Exiit, qui seminat, seminare.* Compara Christo o prégar ao semear, porque o semear é uma arte que tem mais de natureza que de arte. Nas outras artes tudo é arte; na musica tudo se faz por compasso, na architectura tudo se faz por regra, na arithmeticá tudo se faz por conta, na geometria tudo se faz por medida. O semear não é assim. E' uma arte sem arte; cáia onde cair. Vede como semeava o nosso lavrador do evangelho. Caia o trigo nos espinhos e nascia: *Aliud cecidit inter spinas, et simul exortæ spinae.* Caia o trigo nas pedras e nascia: *Aliud cecidit super petram, et ortum.* Caia o trigo na terra boa e nascia: *Aliud cecidit in terram bonam, et natum.* Ia o trigo caindo e nascendo.

Assim ha de ser o prégar. Hão de cair as coisas e hão de nascer; tão naturaes que vão caindo, tão proprias que venham nascendo. Que diferente é o estylo violento e tyrannico que hoje se usa! Vêr vir os tristes passos da escriptura, como quem vem ao martyrio; uns veem acarretados, outros veem arrastados, outros veem estirados, outros veem torcidos, outros

veem despedaçados, só atados não vêem ! Ha tal tyrania ! Então no meio disto, que bem levantado está aquillo ! Não está a coisa no levantar, está no cair : *Cecidit*. Notae uma allegoria propria da nossa lingua. O trigo do semeador, ainda que caiu quatro vezes, só de tres nasceu; para o sermão vir nascendo, ha de ter tres modos de cair : ha de cair com quéda, ha de cair com cadencia, ha de cair com caso. A quéda é para as coisas, a cadencia para as palavras, o caso para a disposição. A quéda é para as coisas, porque hão de vir bem trazidas e em seu logar; hão de ter quéda : a cadencia é para as palavras, porque não hão de ser escabrosas, nem dissonantes, hão de ter cadencia : o caso é para a disposição, porque ha de ser tão natural e tão desaffectada que pareça caso e não estudo : *Cecidit, cecidit, cecidit*.

Já que fallo contra os estylos modernos, quero alargar por mim o estylo do mais antigo prégador que houve no mundo. E qual foi elle ? O mais antigo prégador que houve no mundo foi o céu. *Cœli enarrant gloriam Dei, et opera manuum ejus annuntiat firmamentum*, diz David. (Psal. XVIII — 1) Supposto que o céu é prégador, deve de ter sermões e deve de ter palavras. Sim tem, diz o mesmo David, tem palavras e tem sermões, e mais muito bem ouvidos. *Non sunt loquellæ, nec sermones, quorum non audiantur voces eorum*. (Ibid. — 4) E quaes são estes sermões e estas palavras do céu ? As palavras são as estrellas, os sermões são a composição, a ordem, a harmonia e o curso dellas. Vêde como diz o estylo de prégar do céu, com o estylo que Christo ensinou na terra ! Um e outro é semear; a terra semeada de trigo, o céu semeado de estrellas. O prégar ha de ser como quem semea, e não como quem ladrilha, ou azuleja. Ordenado, mas como as estrellas : *Stellæ manentes in ordine suo*. (Judic. V — 20) Todas as estrellas estão por sua ordem;

mas é ordem que faz influencia, não é ordem que faça lavor. Não fez Deus o céu em xadrez de estrellas, como os pregadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se de uma parte está branco, da outra ha de estar negro; se de uma parte está dia, da outra ha de estar noite; se de uma parte dizem luz, da outra hão de dizer sombra; se de uma parte dizem desceu, da outra hão de dizer subiu. Basta que não havemos de vêr num sermão duas palavras em paz? Todas hão de estar sempre em fronteira com o seu contrario? Aprendamos do céu o estylo da disposição, e tambem o das palavras. Como hão de ser as palavras? Como as estrellas. As estrellas são muito distintas e muito claras. Assim ha de ser o estylo da pregação, muito distinto e muito claro. E nem por isso temaes que pareça o estylo baixo; as estrellas são muito distintas, e muito claras e altissimas. O estylo pôde ser muito claro e muito alto; tão claro que o entendam os que não sabem, e tão alto que tenham muito que entender nelle os que sabem. O rustico acha documentos nas estrellas para sua laboura, e o mareante para a sua navegação, e o mathematico para as suas observações e para os seus juisos. De maneira que o rustico e o mareante, que não sabem lér nem escrever, entendem as estrellas, e o mathematico que tem lido quantos escreveram não alcança a entender quanto nellas ha. Tal pôde ser o sermão, estrellas, que todos as vêem, e muito poucos as medem.

Sim, Padre; porém esse estylo de pregar não é pregar culto. Mas fosse! Este desventurado estylo que hoje se usa, os que o querem honrar chamam-lhe culto, os que o condemnam chamam-lhe escuro, mas ainda lhe fazem muita honra. O estylo culto não é escuro, é negro, e negro boçal e muito cerrado. E' possivel que somos portuguezes, e havemos de ouvir um pregador em portuguez, e não havemos de intender o que

diz? Assim como ha Lexicon para o grego, e Calepino para o latim, assim é necessario haver um vocabulario do pulpito. Eu ao menos o tomára para os nomes proprios, porque os cultos teem desbaptizados os santos, e cada auctor que allegam é um enigma. Assim o disse o Sceptro Penitente, assim o disse o Evangelista Apelles, assim o disse a Aguia de Africa, o Favo de Cláraval, a Purpura de Belem, a Boca de Oiro. Ha tal modo de allegar! O Sceptro Penitente dizem que é David, como se todos os sceptros não foram penitencia; o Evangelista Apelles, que é S. Lucas; o Favo de Cláraval, S. Bernardo; a Aguia de Africa, Santo Agostinho; a Purpura de Belem, S. Jeronymo; a Boca de Oiro, S. Chrysostomo. E quem quitaria ao outro, cuidar que a Purpura de Belem é Herodes, que a Aguia de Africa é Scipião, e que a Boca de Oiro é Midas? Se houvesse um advogado que allegasse assim a Bartholo e Baldo, havieis de fiar delle o vosso pleito? Se houvesse um homem que assim fallasse na conversação, não o havieis de ter por nescio? Pois o que na conversação seria necedade, como ha de ser discrição no pulpito?

Boa me parecia tambem esta razão; mas como os cultos pelo polido e estudado se defendem com o grande Nazianzeno, com Ambrozio, com Chrysologo, com Leão; e pelo escuro e duro, com Clemente Alexandrino, com Tertulliano, com Bazilio de Seleucia, com Zeno Veronense e outros, não podemos negar a reverencia a tamanhos auctores, posto que desejaramos nos que se prezam de beber destes rios, a sua profundidade. Qual será logo a causa de nossa queixa?

## VI

Será pela materia ou materias que tomam os pregadores? Usa-se hoje o modo que chamam de apostillar o evangelho, em que tomam muitas materias, levantam muitos assumptos, e quem levanta muita caça e não segue nenhuma, não é muito que se recolha com as mãos vazias. Boa razão é tambem esta. O sermão ha de ter um só assumpto e uma só materia. Por isso Christo disse, que o lavrador do evangelho não semeára muitos generos de sementes, senão uma só: *Exiit, qui seminat, seminare semen.* Semeou uma semente só, e não muitas, porque o sermão ha de ter uma só materia, e não muitas materias. Se o lavrador semeára primeiro trigo, e sobre o trigo semeára centeio, e sobre o centeio semeára milho grosso e miudo. e sobre o milho semeára cevada, que havia de nascer? Uma mata brava, uma confusão verde. Eis aqui o que acontece aos sermões deste genero. Como semearam tanta variedade, não podem colher coisa certa. Quem semear misturas, mal pôde colher trigo. Se uma nau fizesse um bordo para o norte, outro para o sul, outro para leste, outro oeste, como poderia fazer viagem? Por isso nos pulpitos se trabalha tanto e se navega tão pouco. Um assumpto vae para um vento, outro assumpto vae para outro vento, que se ha de colher senão vento? O Baptista convertia muitos em Judéa, mas quantas materias tomava? Uma só materia: *Parate viam Domini;* (Math. III—3) a preparação para o reino de Christo. Jonas converteu os ninivitas, mas quantos assumptos tomou? Um só assumpto: *Adhuc quadraginta dies, et Ninive subvertetur;* (Jon. III—4) a subversão da cidade. De maneira que Jonas em quarenta dias pregou um só assumpto, e nós queremos pregar quarenta assumptos em uma hora? Por isso não pregamos nenhum. O sermão ha de ser de uma só cõr, ha

de ter um só objecto, um só assumpto, uma só materia.

Ha de tomar o prégador uma só materia, ha de definil-a para que se conheça, ha de dividil-a para que se distinga, ha de proval-a com a escriptura, ha de declaral-a com a razão, ha de confirmal-a com o exemplo, ha de amplifical-a com as causas, com os effeitos, com as circumstancias, com as conveniencias que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar, ha de responder ás duvidas, ha de satisfazer ás difficuldades, ha de impugnar e refutar com toda a força de eloquencia os argumentos contrarios, e depois disto ha de colher, ha de apertar, ha de concluir, ha de persuadir, ha de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto, é fallar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma materia, e continuar e acabar nella. Quereis vér tudo isto com os olhos? Ora vede. Uma arvore tem raizes, tem troncos, tem ramos, tem folhas, tem varas, tem flores, tem fructos. Assim ha de ser o sermão: ha de ter raizes fortes e solidas, porque ha de ser fundado no evangelho; ha de ter um tronco, porque ha de ter um só assumpto e tratar uma só materia. Deste tronco hão de nascer diversos ramos, que são diversos discursos, mas nascidos da mesma materia, e continuados nella. Estes ramos não hão de ser secos, senão cobertos de folhas, porque os discursos hão de ser vestidos e ornados de palavras. Ha de ter esta arvore varas, que são a reprehensão dos vicios; ha de ter flores, que são as sentenças, e por remate de tudo ha de ter fructos, que é o fructo e o fim a que se ha de ordenar o sermão. De maneira que ha de haver fructos, ha de haver flores, ha de haver varas, ha de haver folhas, ha de haver ramos, mas tudo nascido e fundado em um só tronco, que é

uma só materia. Se tudo são troncos, não é sermão é madeira. Se tudo são ramos, não é sermão são maravilhas. Se tudo são folhas, não é sermão são versas. Se tudo são varas, não é sermão é feixe. Se tudo são flores, não é sermão é ramalhete. Serem tudo fructos, não pôde ser; porque não ha fructos sem arvore. Assim que nesta arvore, a que podemos chamar arvore da vida, ha de haver o proveitoso do fructo, o formoso das flores, o rigoroso das varas, o vestido das folhas, o estendido dos ramos, mas tudo isto nascido e formado de um só tronco, e esse não levantado no ar, senão fundado nas raizes do evangelho: *Seminare semen.* Eis aqui como hão de ser os sermões, eis aqui como não são. E assim não é muito que se não faça fructo com elles.

.....

Miseraveis de nós, e miseraveis dos nossos tempos, pois nelles se veio a cumprir a prophecia de S. Paulo: *Erit tempus, cum sanam doctrinam non sustinebunt.* (2. Tim. IV—8) Virá tempo, diz S. Paulo, em que os homens não sofrerão a doutrina sã: *Sed ad sua desideria coacervabunt tibi magistros prurientes auribus;* mas para seu appetite terão grande numero de pregadores feitos a montão, e sem escolha, os quaes não façam mais que adular-lhes as orelhas: *A veritate quidem auditum avertent, ad fabulas autem convertentur:* Fecharão os ouvidos á verdade, e abril-os-hão ás fabulas. Fabula tem duas significações: quer dizer fingimento, e quer dizer comedia; e tudo são muitas pregações deste tempo. São fingimento, porque são subtilezas e pensamentos aereos sem fundamento de verdade; são comedia, porque os ouvintes veem á pregação como á comedia; e ha pregadores que veem ao pulpito como comediantes. Uma das felicidades que se contava entre as do tempo presente, era acabarem-se

as comedias em Portugal; mas não foi assim. Não se acabaram, mudaram-se; passaram-se do theatro ao pulpito. Não cuideis que encareço em chamar comedia a muitas pregações das que hoje se usam. Tomára ter aqui as comedias de Plauto, de Terencio, de Seneca, e verieis se não achaveis nellas muitos desenganos da vida e vaidade do mundo, muitos pontos de doutrina moral, muito mais verdadeiros e muito mais solidos do que hoje se ouvem nos pulpitos. Grande miseria por certo, que se achem maiores documentos para a vida nos versos de um poeta profano e gentio, que nas pregações de um orador christão, e muitas vezes, sobre christão, religioso!

Pouco disse S. Paulo em lhes chamar comedia, porque muitos sermões ha, que não são comedia, são farça. Sóbe talvez ao pulpito um prégador dos que professam ser mortos ao mundo, vestido ou amortalhado em um habito de penitencia (que todos, mais ou menos asperos, são de penitencia; e todos, desde o dia que os professamos, mortalhas): a vista é de horror, o nome de reverencia, a materia de compuncção, a dignidade de oraculo, o logar e a expectação de silencio; e quando este se rompeu, que é o que se ouve? Se neste auditorio estivesse um estrangeiro que nos não conhecesse, e visse entrar este homem a fallar em publico naquelles trajos, e em tal logar, cuidaria que havia de ouvir uma trombeta do céu; que cada palavra sua havia de ser um raio para os corações, que havia de pregar com o zelo e com o fervor de um Elias, que com a voz, com o gesto, e com as acções havia de fazer pó e em cinza os vicios. Isto havia de cuidar o estrangeiro. E nós, que é o que vemos? Vemos sair da boca daquelle homem, assim naquelles trajos, uma voz muito affectada e muito polida, e logo começar com muito desgarro, a quê? A motivar desvelos, a acreditar empenhos, a requintar finezas, a li-

sonjear precipicios, a brilhar auroras, a derreter crys-  
taes, a desmaiar jasmins, a toucar primaveras, e outras  
mil indignidades destas. Não é isto farça a mais digna  
de riso, se não fôra tanto para chorar? Na comedia o  
rei veste como rei e falla como rei, o lacaio veste co-  
mo lacaio e falla como lacaio, o rustico veste como  
rustico e falla como rustico; mas um prégador, vestir  
como religioso e fallar como... não o quero dizer  
por reverencia do logar. Já que o pulpito é theatro, e  
o sermão comedia, sequer, não faremos bem a figura?  
Não dirão as palavras com o vestido e com o officio?  
Assim prégava S. Paulo, assim prégavam aquelles pa-  
triarchas que se vestiram e nos vestiram destes habi-  
tos? Não louvamos e não admiramos o seu prégar?  
Não nos prezamos de seus filhos? Pois porque os não  
imitamos? Porque não prégamos como elles prégavam?  
Neste mesmo pulpito prégou S. Francisco Xavier,  
nesto mesmo pulpito prégou S. Francisco de  
Borja, e eu que tenho o mesmo habito, porque não  
prégarei a sua doutrina, já que me falta o seu espirito?

---

*Per infamiam, et bonam famam, (2. Corint. XIV—27)* diz S. Paulo. O prégador ha de saber prégar com fama e sem fama. Mais diz o apostolo. Ha de prégar com fama e com infamia. Prégar o prégador para ser afamado, isso é mundo; mas infamado, e prégar o que convém, ainda que seja com descredito de sua fama, isso é ser prégador de Jesus Christo.

Pois o gostarem ou não gostarem os ouvintes! Oh que advertencia tão digna! Que medico ha que repare no gosto do enfermo, quando trata de lhe dar saude? Sarem, e não gostem: salvem-se, e amargue-lhes, que para isso somos medicos das almas. Quaes vos parece que são as pedras sobre que caiu parte do trigo do evangelho? Explicando Christo a parabola, diz que as

pedras são aquelles que ouvem a prégação com gosto: *Hi sunt, qui cum gaudio suscipiunt verbum.* Pois será bem que os ouvintes gostem, e que no cabo fiquem pedras? Não gostem, e abrandem-se; não gostem, e quebrem-se; não gostem, e fructifiquem. Este é o modo com que fructificou o trigo que caiu na boa terra: *Et fructum afferunt in patientia*, conclue Christo. De maneira que o fructificar não se ajunta com o gostar, senão com o padecer; fructifiquemos nós, e tenham elles paciencia. A prégação que fructifica, a prégação que aproveita, não é aquella que dá gosto ao ouvinte, é aquella que lhe dá pena. Quando o ouvinte a cada palavra do prégador trempe; quando cada palavra do prégador é um torcedor para o coração do ouvinte; quando o ouvinte vae do sermão para casa confuso e attonito, sem saber parte de si, então é a prégação qual convém, então se pôde esperar que faça fructo: *Et fructum afferunt in patientia.*

Emfim, para que os prégadores saibam como hão de pregar, e os ouvintes, a quem hão de ouvir, acabo com um exemplo do nosso reino, e quasi dos nossos tempos. Prégavam em Coimbra dois famosos prégadores, ambos bem conhecidos por seus escriptos: não os nomeio, porque os hei de desigualar. Altercou-se entre alguns doutores da universidade, qual dos dois fosse maior prégador; e como não ha juiso sem inclinação, uns diziam este; outros, aquelle. Mas um lente, que entre os mais tinha maior authoridade, concluiu desta maneira: entre dois sujeitos tão grandes não me atrevo a interpor juiso; só direi uma diferença, que sempre experimento. Quando oiço um, saio do sermão muito contente do prégador; quando oiço outro, saio muito descontente de mim. Com isto tenho acabado. Algum dia vos enganastes tanto commigo, que saieis do sermão muito contentes do prégador; agora quizera eu desenganar-vos tanto, que saireis muito descontente.

tes de vós. Semeadores do evangelho, eis aqui o que devemos pertender nos nossos sermões: não que os homens sáiam contentes de nós, senão que sáiam muito descontentes de si; não que lhes pareçam bem os nossos conceitos, mas que lhes pareçam mal os seus costumes, as suas vidas, os seus passatempos, as suas ambições, e emfim, todos os seus peccados. Com tanto que se descontentem de si, descontentem-se embora de nós. *Si hominibus placerem, Christi servus non essem,* (Galat. I — 10) dizia o maior de todos os pregaadores, S. Paulo. Se eu contentára aos homens, não seria servo de Deus. Oh contentemos a Deus, e acabemos de não fazer caso dos homens! Advirtamos que nesta mesma egreja ha tribunas mais altas que as que vemos: *Spectaculum facti sumus Deo, angelis et hominibus.* (1. Corint. IV — 9) Acima das tribunas dos reis estão as tribunas dos anjos, está a tribuna e o tribunal de Deus, que nos ouve, e nos ha de julgar. Que conta ha de dar a Deus um prégador no dia do juizo? O ouvinte dirá: não m'o disseram; mas o prégador? *Væ mihi, quia tacui.* (Isai. VI — 5) Ai de mim que não disse o que convinha! Não seja mais assim por amor de Deus e de nós. Estamos ás portas da quaresma, que é o tempo em que principalmente se semea a palavra de Deus na egreja, e em que ella se arma contra os vicios. Préguemos e armemo-nos todos contra os peccados, contra as soberbas, contra os odios, contra as ambições, contra as invejas, contra as cobiças, contra as sensualidades. Veja o céu que ainda tem na terra quem se põe da sua parte. Saiba o inferno que ainda ha na terra quem lhe faça guerra com a palavra de Deus; e saiba a mesma terra que ainda está em estado de reverdecer e dar muito fructo: *Et fecit fructum centuplum.*

## A valentia e o nascimento

Do sermão da Santa Cruz, pregado na Bahia em 1638 na presença da tripulação da armada real e com a assistencia de muitos representantes da nobreza.

*Sermões, 10.º vol. 1856.*

A espada que faz a guerra e dá as victorias, não é fabricada do oiro, senão do ferro; não do metal mais resplandecente e illustre, senão do mais duro e forte. Para ser tão valoroso como Alexandre, não é necessário ser filho de Filipe de Macedonia. O testamento, ou morgado de Marte não exclue a rudeza dos nomes, nem a vulgaridade dos appellidos. Basta ser Gonçalo e ser Fernandes, para ser grão-capitão. Honrada coisa é que a valentia venha por herança e por continuaçao de muitas idades, mas talvez pôde vir de tão longe, que chegue já mui cançada. Quantos do arado subiram ao triumpho e do triumpho tornaram outra vez laureados ao arado? As lentilhas deram a Roma os Lentulos e as favas os Fabios. O campo para elles era campanha, e a agricultura, diz Plinio, arte e exercicio militar; porque na ordem com que dispunham as plantas, aprendiam a ordenar e governar os exercitos: *Sive illi eadem cura semina tractabant, qua bella: eademque diligentia arva disponebant, qua castra.* (Plinius VIII — 3) Pastor tinha sido o terror dos mesmos romanos, o nosso portuguez Viriato, e tanto que troucou o cajado com o bastão, dos seus soldados soube fazer leões, e dos inimigos ovelhas. Assim que, não são totalmente necessarios os altos nascimentos para ter valorosos procedimentos.

Mas o que só quero dizer é, que na nobreza está o valor mais certo e mais seguro. O que não é nobre,

póde ser valoroso, o nobre tem obrigação de o ser: e vae muito do que posso por liberdade, ao que devo por natureza. As aguias não geram pombas: e se alguma vez a natureza produzisse um tal monstro, a pomba se animaria a ser aguia, por não degenerar dos que a geraram. Não ha espora para a ousadia, nem freio para o temor, como a memoria do proprio nascimento, se é de generosas raizes.

---

### Os escrupulosos

De um notavel sermão da vigesima segunda dominga do Pentecostes pregado na Sé de Lisboa em 1649 sobre os escrupulos. Pelo seguinte trecho do exordio vê-se que a corte se achava presente: «Eu tambem prégo diante de cordas, e cordas que não só teem obrigação de viver sem escrupulo, mas de os intimar e tirar aos que não teem medo de viver com elles».

*Sermões. 7.º vol. 1855.*

Pagaes o dizimo da hortelã, e não tendes fé: pagaes o dizimo do endro, e não tendes justiça; pagaes o dizimo dos cominhos, e não tendes misericordia. Homens sem misericordia, homens sem justiça, homens sem fé; e no cabo muito escrupulosos em coisas tão miudas, tão baixas e tão vis, que se envergonha a lingua de as pronunciar. Mas assim como a soberana rhetorica da eloquencia de Christo se abateu a nomear a materia dos escrupulos, assim levantando a voz, lhe descobriu e declarou a brados as injustiças e impiedades enormissimas, com que, sem nenhum escrupulo, sacrilegos profanavam as leis divinas, e crueis tyrrannisavam as humanas: *Quia comeditis domos viduarum*, diz o Senhor por S. Matheus; e por S. Marcos, e

S. Lucas: <sup>1</sup> *Qui devoratis.* Com a falsa daquellas ervas e daquelles adubos, comiam e tragavam as casas das viuvas e dos orphãos. Comer, é levar pouco a pouco, e a bocados: devorar, é tragar e engolir de uma vez. E uma e outra coisa faziam devotissimamente estes escrupulosos. E digo devotissimamente, porque accrescenta o texto que, quando faziam isto, faziam juntamente umas orações mui compridas: *Longas orationes orantes.* (Math. XXIII — 14)

Aqui entra em seu proprio logar o famoso epiphonema, com que em duas palavras elegantissimamente contrapostas, comprehendeu e definiu a sabedoria divina toda esta materia: *Excolantes culicem, camelum autem glutientes:* (Ibid. — 24) Engasgavam (diz o Senhor) com um mosquito, e engoliam um camello. Ainda engoliam mais os nossos escrupulosos, a quem com razão podemos chamar cominheiros. Engasgavam com um cominho, e engoliam não só uma, senão muitas casas inteiras: *Qui devorant domos viduarum.* O' Jerusalém! O' Lisboa! Quantas casas se vêem hoje em pé nessas grandes ruas e praças, devoradas e engolidas sem nenhum escrupulo! Esta engoliu o amigo infiel, que ficou por tutor do orphão: aquella engoliu o parente esquecido do sangue, que ficou por testamenteiro: a outra engoliu o acreedor fingido, por dividas falsas: a outra, e muitas outras, engoliram os trapaceiros por demandas injustas. E por estes, e por tantos outros modos, tantas casas engolidas, tantas viuvas desamparadas, tantos orphãos desherdados, tantas pobrezas, tantas miserias, tantas lagrimas sem compaixão, sem piedade, sem remedio? E tambem sem nenhum escrupulo? Isso não: com escrupulo, e com muitos escrupulos: com escrupulo da hortelã, com escrupulo do endro, e com escrupulo dos cominhos!

<sup>1</sup> Math. XXIII — 14; Marc. XII — 40; Luc. XX.

Parecem-me estas gargantas ou gorgomilos, com o que se diz das baléas. A baléa com aquella sua grande boca, pesca de um lanço, ou de um bocado, um cardume de sardinhas: e dizem os anatomistas daquelle monstro, que tem o gorgomilo tão estreito, que não pôde ir engolindo senão uma e uma. Mas eu leio, não nas fabulas, senão na sagrada escriptura, que quando a baléa no meio da tempestade chegou a bordo do navio que ia para Jope, ou o seu gorgomilo fosse tão estreito, ou não, ella engoliu o propheta Jonas vestido e calçado. (Jon. — 1) Se foi por milagre naquelle mar, eu não o nego; mas só posso affirmar, que vi similhantes milagres em outra terra. Como estive em tantas, bem posso referir o exemplo, sem que se intenda quem foi o milagroso. Era um julgador de muito escrupulosa consciencia, o qual não só partiu deste porto com o mesmo escrupulo muito recommendedo, mas chegou tambem com elle a um dos portos das nossas conquistas. E noto, que não só partiu, mas chegou com o mesmo escrupulo; porque os escrupulos nesta navegação costumam ser como os assucares rosados, que refervem na linha. Chegado pois o julgador, como lhe mandassem um cacho de uvas de moscatel de Jesus, por ser fructa do reino, elle mettido nas conchas do seu escrupulo com o mesmo nome de Jesus na boca se benzeu da tentação, e tornou a mandar as uvas para d'onde tinham vindo. Espalhou-se pela terra a repulsa, e todos deram graças a Deus de a ter provido de um juiz tão desinteressado e tão intiero. Mas esta intiereza, e este desinteresse, e este escrupulo tão isento, quanto durou? Não era passado ametade do tempo da alçada, quando soube todo o mundo que o meu juiz, que tinha engasgado com o cacho de uvas, engoliu duas barcas, que lá teem outro nome, uma confeitada de fechos de assucar e outra perfumada de rolos de tabaco.

## Difficuldade de amar os inimigos

D'um sermão de quaresma prégado na capella real em  
1649 sobre a difficultade de amar os inimigos

*Sermões, 8.º vol. 1856.*

E' possivel (diz a razão revestida em cada um de nós, ou cada um de nós nella), é possivel que haja eu de amar a quem me aborrece; desejar bem a quem me faz todo o mal que pôde; honrar a quem me calumnia; interceder por quem me persegue; e não me desaffrontar de quem me affronta? E que tudo isto ha de caber em um coração de barro? Abalam-se e rebentam os montes; sae de si o mar; enfurecem-se os ventos; fulminam as nuvens; escurece-se e descompõe-se o céu; nem cabe em si mesmo o mundo com quatro vapores insensiveis que se levantam da terra: e que em um vaso tão estreito e tão sensitivo como o coração humano, hajam de caber juntas e estar em paz todas estas contrariedades? Alma, corpo, que dizeis a este preceito? Ajunte-se a republica interior e exterior do homem, chame a côrtes ou a conselho todas suas potencias, todos seus sentidos, e sejam ouvidos nesta causa todos, pois toca a todos. Que é o que dizem? Todos repugnam, todos reclamam, todos se alteram, todos se unem e conjuram em odio e ruina do inimigo. A memoria, sem jámais se esquecer, representa o agravo; o entendimento pondera a offensa; a phantasia afêa a injuria; a vontade implora e impera a vingança. Salta o coração, bate o peito, mudam-se as côres, chaméam os olhos, desfazem-se os dentes, escuma a boca, morde-se a lingua, arde a colera, ferve o sangue, fuméam os espiritos; os pés, as mãos, os braços, tudo é ira, tudo fogo, tudo veneno.

Accende e provoca esta batalha a trombeta da fama dizendo e bradando que é honra; põe-se da parte do

odio e da vingança o mundo todo, que assim o manda, que assim o julga, que assim o applaude, que assim o tem estabelecido por lei. Sobretudo, o tribunal supremo da razão assim o prova; porque amigo de amigos e inimigo de inimigos, é voz que sôa justiça, merecimento, proporção, igualdade. Finalmente, o mesmo Deus condena a meu inimigo, porque é meu inimigo: pois se Deus o condena e aborrece, porque o hei de amar eu? Deus que isto manda, não é o Author da natureza? E que faz a mesma natureza toda movida e governada pelo mesmo Deus? Vingam-se por instincto natural as feras na terra; vingam-se as aves no ar; vingam-se os peixes no mar; vinga-se a mansidão dos animaes domesticos; vinga-se e cabe ira em uma formiga; e basta que a natureza viva naquelles atomos, para que nelles offendida se dôa, nelles aggravada morda, nelles tome satisfação da sua injuria. E se a natureza, onde é incapaz de razão, não é capaz de soffrer semrazões; que o homem, creatura racional, a mais nobre, a mais viva, e a mais sensitiva de todas, com a balança da mesma razão no juiso, não haja de pesar aggravos, antes contra a força e violencia do mesmo peso haja de pagar odios com amor: *Diligite inimicos vestros?*! Não é homem quem aqui não pasma, ou não diga, olhando para si: Não posso.

.....

A esta primeira difficultade do preceito segue-se a segunda do motivo: *Ego autem dico vobis*. Os antigos disseram: Sê amigo de teus amigos e inimigo de teus inimigos; porém eu (diz Christo) digo o contrario. E em dizer Christo o contrario absoluta e nuamente, sem dar a razão do seu dito, aqui está a difficultade. Se o divino Mestre refuta e condena uma opinião tão antiga e recebida, porque não dá a razão?

Se o faz como legislador, os legisladores põem a lei e dão a razão da lei, principalmente quando revogam uma e promulgam e introduzem outra. Pois se a lei de amar os proprios inimigos era tão nova, e se reputava por tão repugnante e difficultosa a sua observancia; porque não declara Christo a razão, ou razões da justiça, da conveniencia, da importancia, da necessidade, e não dá outro motivo do que diz, senão: eu o digo: *Ego autem dico vobis?*

Infinitas são as razões e motivos que o Senhor pudéra dar para persuadir o que mandava. Ama a teu inimigo (pudéra dizer) para que elle tambem te ame; porque não ha modo, nem meio, nem diligencia, nem feitiço mais efficaz para ser amado, que amar. Ama a teu inimigo; porque, amando a elle, me amas a mim; e se elle te não merece que o ames, mereço-te eu que me ames neille. Ama a teu inimigo; porque se elle te offendere com o seu odio, mais te offendes tu com o teu: o teu te mette no inferno e o seu não. Ama a teu inimigo; porque amigos já os não ha e se não amares os inimigos, estará ociosa a tua vontade, que é a mais nobre potencia e privarás o teu coração do exercicio mais natural, mais doce e mais suave, que é o amor. Ama a teu inimigo; porque o não ajudes contra ti, e tenhas dois inimigos, um que te queira mal, e outro que te faça o maior de todos. Ama a teu inimigo; porque se elle o faz com razão, deves emendar-te; e se contra razão, emandal-o. Ama a teu inimigo; porque se o seu odio vil é filho da inveja, mostre o teu amor generoso, que por isso não é digno de vingança, senão de compaixão.

Ama a teu inimigo; porque ou elle é executor da divina justiça para castigar a tua soberba, ou ministro da sua providencia, para exercitar a tua paciencia e coroar a tua constancia. Ama a teu inimigo; porque Deus perdoa a quem perdoa, e mais nos perdoa elle

na menor offensa, do que nós ao odio de todo o mundo nos maiores aggravos. Ama a teu inimigo; porque as settas do seu odio, se as recebes com outro odio, são de ferro, e se lhe respondes com amor, são de oiro. Ama a teu inimigo; porque melhor é a paz, que a guerra; e nesta guerra a victoria é fraqueza, e o ficar vencido, triumpho. Ama a teu inimigo; porque elle em te querer mal imita o demonio; e tu em lhe querer bem pareces-te com Deus. Ama a teu inimigo; porque esse mesmo inimigo, se bem o consideras, é mais verdadeiro amigo teu, que os teus amigos: elle estranha e condena os teus defeitos, e elles os adulam, e lisongêam. Ama a teu inimigo; porque se o não queres amar porque é inimigo, devel-o amar porque é homem. Ama a teu inimigo; porque se elle te parece mal, amando-o tu, não serás como elle. Ama a teu inimigo; porque as maiores inimizades cura-as o tempo, e melhor é que seja o medico a razão, que o esquecimento. Ama a teu inimigo; porque os mais empenhados inimigos dão-se as mãos, se o manda o rei; e o que se faz sem descredito, porque o manda o rei, porque se não fará, porque o manda Deus? Finalmente, sem subir tão alto, ama a teu inimigo; porque ou elle é mais poderoso que tu, ou menos: se é menos poderoso, perdoa-lhe a elle; se é mais poderoso, perdoa-te a ti.

Esta ultima razão é de um philosopho gentio, Seneca, e de outro tambem philosopho e gentio, e não menos discreto que elle, antes muito mais e mais sólido. O grande Plutarco escreveu um famoso e doutissimo tratado dos bens e utilidades que o homem pôde tirar do odio de seus inimigos. Se das feras e serpentes tiraram tantas utilidades os homens, porque as não tirará a mansidão de uns da fereza dos outros? Hercules da pelle do leão fez a sua maior gala: Salomão dos dentes do elephante fez o seu throno: a medicina

da cabeça da vibora fez a melhor triaga; e não ha veneno tão mortal, que, calcinado e temperado como convem, não se converta em antidoto. Pois se a divindade e humanidade de Christo tinha tantos motivos, ou conformes á natureza, ou superiores a ella, com que nos persuadir o amor dos inimigos; porque, deixados todos, só disse: *Ego autem dico vobis?* Porque elle é o mais forte, o mais poderoso e o mais efficaz motivo de todos: Ajuntem-se todos os philosophos de Athenas, todos os oradores de Roma, e, o que é mais, todos os prophetas de Jerusalem; façam discursos, inventem razões, excogitem argumentos, formem syllogismos, demonstrações e evidencias para persuadir um homem a que ame seus inimigos: todos estes motivos comparados com um *ego dico vobis* de Christo, não pesam um atomo.

---

### Humildade dos mortos

D'um sermão de cinzas que por doença do Padre Antonio Vieira não chegou a ser prégado na capella real

*Sermões, 9.º vol. 1856.*

O morto quando o levam á sepultura, pelas mesmas ruas por onde passeava arrogante, tão contente, vae envolto em uma mortalha velha e rota, como se fôra vestido de purpura ou brocado. Chegado á sepultura, tão satisfeito está com sete pés de terra, como com os mausoléus de Caria, ou as pyramides do Egypto. E se até essa pouca terra que o cobre lhe faltasse, diria, se podesse fallar, que a quem não cobre a terra, cobre o céu: *Cælo tegitur qui non habet urnam.* Pois se então tão pouca diferença has de fazer da riqueza ou pobrezas das roupas; porque agora te desvanecem tanto, e gastas o que não tens na vaidade das galas?

Pois se então has de caber em cova tão estreita, porque agora te não mettes entre quatro paredes, e procuras a larguezza da morada tanto maior que a do morador, e invejas a ostentação e magnificencia dos palacios? Ainda resta por te dizer o que mais me escandalisa. Se quando estás debaixo da terra todos passam por cima de ti, e te pizam, e te não alteras por te vêr debaixo dos pés de todos, agora que és o mesmo, e não outro, só porque estás com os pés sobre menos terra da que então has de ocupar, porque te ensoberbeces, porque te iras, porque te inchas e enches de colera, de raiva, de furor, e a qualquer sombra ou suspeita de menos veneração ou respeito, o queres vingar, não menos que com o sangue e a morte? Mas é porque a mesma morte te não amansa e emenda. Ouve, em quanto não perdes o sentido de ouvir, um notavel dito de David: *Quoniam supervenit mansuetudo et corripiemur.* (Psal. LXXXIX—10) A palavra *corripiemur* quer dizer, morreremos, e quer dizer, seremos emendados. Porque a morte é uma correção geral, que emenda em nós todos os vicios: e de que modo? Por meio da mansidão, porque a todos amansa: *Quoniam supervenit mansuetudo.* Morreu o leão, morreu o tigre, morreu o basilisco: e onde está a braveza do leão, onde está a fereza do tigre, onde está o veneno do basilisco? Já o leão não é bravo, já o tigre não é fero, já o basilisco não é venenoso, já todos esses brutos e monstros indomitos estão mansos, porque os amansou a morte: *Quoniam supervenit mansuetudo.* E se assim emenda, e tanta mudança faz a morte nas feras, porque a não fará nos homens?

## Cegueira do entendimento

D'um sermão de quaresma prégado na capella real em  
1855 sobre a conformidade entre a fé e as obras

*Sermões, 8.º vol. 1856.*

Passemos agora de Jerusalem á christandade. Por ventura é melhor o nosso uso da razão que o seu *quare*? E' melhor a nossa fé que o seu *non creditis*? Não crer é ter o entendimento cego e obstinado: crer uma coisa, e obrar outra, é totalmente não ter entendimento: se não temos entendimento, não somos homens; se não temos fé, não somos christãos. Que somos logo? Terrivel consequencia uma e outra! Se não somos homens, quando muito somos animaes; se não somos christãos e catholicos, quando menos somos hereges. Não me atrevera a dizer tanto, se não tivera experimentado ambas estas consequencias, e visto ambas com os olhos. Nesta ultima viagem (seja-me licita a narração do caso, que por raro e proprio do intento é bem notavel); nesta ultima viagem minha, que foi das Ilhas a Lisboa, em que aquella travessa no inverno é uma das mais trabalhosas, o navio era de hereges, e hereges o piloto e marinheiros: os passageiros eramos, alguns religiosos de diferentes religiões, e grande quantidade daquelles musicos insulanos, que com os nossos rouxinos e pintasilgos veem cá a fazer o coro de quatro vozes, canarios, e melros. As tempestades foram mais que ordinarias, mas os effeitos que nellas notei, verdadeiramente admiraveis. Os religiosos todos estavamos ocupados em orações e ladanhas, em fazer votos ao céu e exorcismos ás ondas, e lançar reliquias ao mar, e sobretudo em actos de contricção, confessando-nos como para morrer uma e muitas vezes. Os marinheiros, como hereges, com as machadinhas ao pé dos mastros, comiam e bebiam alegremente

mais que nunca, e zombavam das nossas que elles chachamavam ceremonias. Os passarinhos no mesmo tempo com o sonido que o vento fazia nas enxarcias, como se aquellas cordas foram de instrumentos musicos, desfaziam-se em cantar. Oh valha-me Deus! Se o trabalho e o temor não levasse toda a attenção, quem se não admiraria neste passo de effeitos tão varios, e tão encontrados, sendo a causa a mesma? Todos no mesmo navio, todos na mesma tempestade, todos no mesmo perigo, e uns a cantar, outros a zombar, outros a orar e chorar? Sim. Os passarinhos cantavam, porque não tinham entendimento: os hereges zombavam, porque não tinham fé: e nós que tínhamos fé e entendimento bradavamos ao céu, batiamos nos peitos, choravamos nossos peccados.

Isto é o que eu vi e passei, e isto mesmo o que nós não vemos, estando no mesmo e em peior e mais perigoso estado. A travessa é da terra para o céu, e da vida mortal para a eternidade: o mar é este mundo: os navegantes somos todos: o navio o corpo de cada um, tão fraco e de tão pouca resistencia por todos os costados: e a tempestade e as ondas muito maiores: *Ascendunt usque ad cœlos descendunt usque ad abyssos*: (Psal. CVI—26) são tão grandes, ou tão immensas as ondas, diz David, que umas sobem até o céu, e outras descem aos abyssos. Isto que nos poetas é hyperbole, no propheta é verdade pura e certa sem encarecimento. Se quando a onda vos affoga estaes em graça, põe-vos no céu: *Ascendunt usque ad cœlos*: se quando vos sossobra e tolhe a respiraçao, estaes em peccado, mette-vos no inferno: *Descendunt usque ad abyssos*. E que no meio de um perigo mais que horrivel e tremendo, em que o menos que se perde é a vida, uns não temam e cantem, outros zombem e não façam caso, e sejam tão poucos os que se compunjam e tractem da salvaçao? Sim, outra vez; porque

os menos são os que teem entendimento e fé: os de-  
mais nem teem fé, nem entendimento. Ora já que to-  
dos imos embarcados no mesmo navio, pergunte-se  
cada um a si mesmo, a qual destas partes pertence.  
Sou dos que cantam? Sou dos que zombam, ou sou  
dos que choram? Sou dos christãos e catholicos, ou  
sou dos hereges? Sou dos homens com uso de razão  
ou dos irrationaes? Que as avesinhas não reconheçam  
o perigo da vida, não alcança mais o seu instincto: que  
os hereges não temam a estreiteza da conta, esta é  
a cegueira da sua infidelidade: mas que um homem  
christão no meio destes dois perigos, com a morte e  
a conta diante dos olhos, neste mesmo tempo esteja  
cantando ao som dos ventos, e zombando ao balanço  
das ondas! Christão, aonde está a tua fé? Homem  
aonde está o teu entendimento? Se tens uso de razão,  
dá cá a razão: *Quare, quare?*



### Fé sem obras

V. a nota do trecho *Cegueira do entendimento*

*Sermões, 8.º vol. 1856.*

Sou tão amigo e reverenciador da razão, que até  
as sombras della oíço de boa vontade. Podem instar  
os christãos que não guardam a lei de Christo, e ar-  
gumentar por si nesta fórmula. E' verdade que os infieis  
de todo o genero, e ainda os mesmos atheus parece  
que procedem mais coherentemente e mais conforme  
à razão, porque elles concordam a sua fé com a sua  
vida, e nós não concordamos a nossa vida com a nossa  
fé. Mas nesta mesma diferença ha outra muito maior  
e melhor, que faz pela nossa parte. E qual é? E' que  
nelles a fé é má, e a vida também má; porém em nós,

ainda que a vida seja má, a fé é boa. Logo ao menos em metade dos procedimentos são melhores os nossos que os seus? Assim parece, mas não é assim. Porque? Porque aonde a vida é má, não pode a fé ser boa. Texto expresso de S. João: *Qui dicit se nosse Deum, et mandata ejus non custodit, mendax est, et in hoc veritas non est.* (4 Joan. II—4) Quem diz que conhece a Deus, e não guarda seus mandamentos, mente. E porque mente, se o que crê é verdade? Admiravel e subtilissimamente se explicou o mesmo S. João: *Mendax est, et in hoc veritas non est:* Mente e a verdade não está nelle. No tal caso a verdade está nos mysterios que crê, mas não está no que crê os mysterios. Notae. Uma coisa é a verdade em si, a qual propriamente se chama fé; outra é a verdade da fé em nós, a qual propriamente se chama crença. A fé em si sempre é verdadeira, a crença em nós pode ser verdadeira, e pode ser falsa: se concorda com a vida, é verdadeira, porque obramos conforme cremos; se não concorda com a vida, é falsa e mentirosa, porque cremos uma coisa e obramos outra. Por isso o que não guarda os mandamentos, ainda que crê e confesse tudo o que ensina a fé, mente, e não está nelle a verdade: *Qui mandata ejus non custodit, mendax est, et in hoc veritas non est.* Se o christão e catholico cuida que a sua fé é melhor que a dos infieis, sómente porque crê o que ensina o credo, engana-se, e mente-se a si mesmo: não basta só crer no credo, é necessario crer nos mandamentos.



# Os homens só se distinguem pela virtude

D'um sermão de quaresma sobre o juizo final

*Sermões, 10.º vol. 1856.*

*Separabit eos ad invicem.* Os bons para uma parte, e os máus para a outra. O' que acertada distincção esta! A fortuna neste mundo fez infinitas separações e distincções entre os homens: de reis, de imperadores, de duques, de marquezes, de condes, de nobres, de plebeos, de escravos; e sendo tão miuda esta distincção, não é acertada. Os homens só os distingue a virtude, e não ha mais que dois generos de gente neste mundo: bons e máus. Só o que está dentro de nós, nos pôde distinguir intrinseca e verdadeiramente, e este é o vicio, ou a virtude; tudo o mais são coisas que ficam de fóra; pôdem mudar as apparencias, mas não distinguir as pessoas.

*Separabit eos.* Muitas coisas neste mundo distinguem aos homens: distingue-os a vaidade entre nobres e plebeos; distingue-os a cobiça entre ricos e pobres; distingue-os a politica entre principes e vassallos; distingue-os a tyrannia entre livres e servos; distingue-os a religião entre ecclesiasticos e seculares; distingue-os a sciencia entre doutos e idiotas; mas só a justiça de Deus no dia do juizo acertará a os distinguir bem, porque os dividirá em bons e máus. Nenhuma coisa tanto desejam os homens como distinguir-se e extremar-se dos outros: o melhor e mais facil modo para um homem se distinguir é o fazer-se bom. Distinguir-se pela nobreza do sangue, aos que a não tiveram de nascimento, custa-lhes tanto, que chegam muitas vezes a negar os paes; os que se querem distinguir pela sabedoria, vêde quanto lhes custa de estudo; os que pela riqueza, quanto de perigos e trabalhos; só o

distinguir-se pela bondade é facil, proveitoso e breve; breve, porque se pôde acquirir em um instante; facil, porque basta um acto de contrição; proveitoso, porque só esta distincção serve nesta vida, e mais na outra: as outras distincções, quando muito, distinguir-vos-hão nesta vida: a da virtude e bondade é a que só com tanta gloria vos ha de distinguir dos maus no dia do juizo: *Et separabit eos ad invicem: malos de medio justorum.*

*Separabit.* Esta separação que Deus então ha de fazer, porque a não faz hoje? Não fôra coisa muito para ver no mundo, que houvera cidade só de bons, e cidade só de maus, assim como Santo Agostinho pintou Jerusalem cidade de bons, e Babylonia cidade de maus? Não seria grande coisa, que viveram os homens agora separados, e que houvera Babylonias e Jerusalens, ainda que as Jerusalens fossem poucas, e de poucos moradores, e as Babylonias muitas, e innumerablemente frequentadas? Neste pensamento deram os fundadores das religiões, que quizeram fazer povoações e comunidades todas de homens bons; mas nem elles o puderam conseguir; porque se no apostolado houve um Judas, nenhuma comunidade é tão santa, nem tão perfeita, em que não haja algum inimigo da santidade e perfeição. As causas de Deus o ordenar assim, que vivam os bons misturados com os maus, podem ser muitas. Primeira, para que se conservasse o mundo; porque os bons que vivem entre os maus, são os que sustentam as cidades: *Qui portant orbem, etc.* Segunda, porque de outra maneira não se poderia conservar, nem governar o mundo; porque se os maus fossem conhecidos por maus, quem se havia de fiar delles? Mas permite Deus que a mal-dade e a malicia ande encoberta, para que debaixo desta dissimulação se conserve o trato humano.

## Prégar cantando

D'um sermão de Santo Antonio prégado no Maranhão

*Sermões, 10.º vol. 1856.*

Isto de prégar cantando, é um vicio e abuso, que se tem introduzido nos pulpitos, frouxo, fraco, frio e quasi morto; sem força, sem efficacia, sem energia, sem alma; contra toda a rhetorica, contra toda a razão, contra toda a arte, contra toda a natureza, e contra a mesma graça. O prégar não é outra coisa que fallar mais alto. Prégar cantando é muito bom para adormentar os ouvidos e conciliar somno, por onde ainda os que mais cabecéam, dormem ao tom do sermão. As vozes do prégador hão de ser como as caixas e trombetas da guerra, que espertam, animam e tocam á arma, como eram as de Santo Antonio; por isso todos o ouviram como uma attenção tão vigilante e tão viva, que nem pestanejar podiam, quanto mais dormir.



## Equaldade perante o medico

V. a nota do trecho *A medicina. — Definições e allegorias*

*Sermões, 10.º vol. 1856.*

O medico não cura a purpura, nem a corôa, senão o homem despido e o corpo, que em todos é do mesmo barro: e aonde o medico quiz fazer distincção de barro a barro, alli se perdeu. Passando acaso Alexandre Magno por junto a um cemiterio, viu nelle a Diogenes: e como lhe perguntasse que fazia naquelle logar, respondeu o philosopho: Ando aqui buscando os

ossos de Philippe de Macedonia, mas não os posso distinguir: *Ossa Philippi patris quondam tui quero; sed inter plebeorum non discerno.*<sup>1</sup> Assim respondeu a liberdade do famosissimo cynico á arrogancia daquelle soberbissimo monstro, como lhe chama Seneca; e o ensinou a que se não estimasse mais que os outros homens, pois os ossos do pae que lhe dera o ser e o sangue, se não distinguiam dos outros. Mas como os palacios dos reis, aonde os medicos não são chamados senão por necessidade, assim como teem as portas sempre abertas á adulação e lisonja, assim elles por si mesmas se fecham á verdade; muito valor ha mister a do medico que houver de curar a um rei, como a um homem.

---

+ + +

Os falsos testemunhos levantam-se por si  
mesmos

V. a nota do trecho *Divisão do demonio pelo mundo — Definições e allegorias*

*Sermões. 7.º vol. 1855.*

No Maranhão é verdade que ha muitas mentiras, mas mentirosos, isso não: muito falso testimunho, sim; mas quem levante falso testimunho, por nenhum caso. Pois como pôde isto ser? Como pôde ser que haja falsos testimunhos, sem haver quem os levante? Eu vol-o direi. Nas outras terras os homens levantam os falsos testimunhos: nesta terra os falsos testimunhos levantam-se a si mesmos. Se vos parece difficultosa a proposição, vamos á prova. Confessa-se um homem e chegando ao quinto mandamento, diz: Padre,

---

<sup>1</sup> Maximil. Sand. in Dedic. lib. de Morte.

accuso-me, que eu desejei a morte a um homem, e o busquei para o matar, e propuz de lhe fazer todo o mal que pudesse. E porque? Porque me tirou a minha honra com um falso testimonho, de que eu estava tão inocente como S. Francisco. Irmão, perdoae lhe, para que Deus vos perdôe. Passamos a diante, chegámos ao oitavo mandamento: levantastes algum falso testimonho? Não, Padre, peccado é de que nunca me acusei, seja Deus louvado. Vem uma mulher, chega ao quinto: Digo a Deus minha culpa, que eu ha tantos mezes que tenho odio a uma mulher, e roguei-lhe muitas pragas; que a falla e a confissão lhe faltasse na hora da morte, e que nem nesta vida, nem na outra lhe perdoava; que seus filhos visse ella mortos diante de si a estocadas frias. Porque? Porque me levantou um aleive a mim e a uma filha minha, com que nos infamou em toda esta terra, e não me atrevo a lhe perdoar. Ora, senhora, estamos em quaresma, alguma coisa havemos de fazer por amor de um Deus que padeceu tantas affrontas, e se poz em uma cruz por amor de nós. Em fim, compungiu-se, prometteu de perdoar. Chega o confessor ao oitavo mandamento: E vossa mercê levantou algum falso testimonho? Senhor padre, melhor estréa me dê Deus: muito grande peccadora sou; mas nunca Deus permitta que eu diga das pessoas o que nellas não ha: se oiço alguma coisa ajudo tambem; mas levantar falso testimonho, nunca em vida minha o fiz. Isto que aqui vos puz em dois, acontece infinitas vezes: de maneira que no quinto todos se queixam que lhe levantam falsos testimonhos: no oitavo ninguem se accusa de levantar falso testimonho. Logo, bem dizia eu que nesta terra os falsos testimonhos se levantam a si mesmos. Em summa, que temos aqui os peccados, mas não temos os peccadores: temos os falsos testimonhos, mas não temos as falsas testimonhas. Isto é o que só posso cuidar. Mas

se acaso é o contrario, miseraveis daquelles que assim vivem! Grande miseria é, que os falsos testimunhos se levantem; mas maior miseria é, que, depois de levantados, se faça delles tão pouco caso e tão pouco escrupulo. Ou deixaes de confessar o falso testimunho, conhecendo que o levantastes, ou não o conhecendo: se o deixastes de confessar, conhecendo-o, mentis a Deus: se o deixaes de confessar pelo não conhecer, mentis-vos a vós. E uma e outra cegueira, é bem merecido castigo: que minta a Deus e que se minta a si mesmo, quem mentiu tão gravemente contra seu proximo, e que de um ou de outro modo se vá ao inferno!



### Exhortação sobre a mentira

V. a nota do trecho *Divisão do demonio pelo mundo — Definições e allegorias*

*Sermões, 7.º vol. 1855.*

Senhores meus, se algum sermão não tinha necessidade de exhortação, era este. Só vos digo como a homens e como a christãos, que não só por consciencia, mas por conveniencia, se deve aborrecer a mentira e amar a verdade. Por conveniencia, porque viveis em uma terra muito pequena. Em toda a parte fazem muito mal as mentiras; mas nas terras grandes teem saca e teem muito por onde se espalhar; nas terras pequenas, todas alli ficam. Em Lisboa muita mentira se diz; mas repartem-se as mentiras por todo o reino e por todo o mundo. Chegou navio de Levante, falla-se nas guerras do turco, nas do veneziano, nas do tartaro, nas do polaco; falla-se no papa, nos cardeaes, nos outros principes e potentados de Italia: dizem-se

muitas mentiras, mas repartem-se; umas cãem em Constantinopla, outras em Veneza, outras em Roma, outras na Toscana, Saboya, etc. Vem navio do Norte, falla-se em el-rei de França, no imperador, no sueco, no parlamento de Inglaterra, nos estados de Hollanda e Flandres: dizem-se muitas mentiras, mas repartem-se por Paris, por Londres, por Vienna de Austria, por Amsterdão, por Stockolmo, etc. Partem tambem os nossos correios todos os sabbados, e levam grande copia das mentiras por todo o reino; e o mesmo é das frotas do Brazil e da India; porém as mentiras do Maranhão não teem, nem outra parte donde vir, nem outra parte para onde ir: aqui nascem e aqui ficam: e quando as mentiras todas ficam na terra, e todas vos cãem em casa, ainda por conveniencia e razão de estado as haveis de lançar fóra. E senão, fazei-me por curiosidade duas contas, as quaes eu agora não posso fazer. Uma é, quantas mentiras se dirão cada dia no Maranhão? A outra, quantas casas ha nesta cidade: e logo reparti as mentiras, e vereis quantas cabem a cada casa? E que será em uma semana, que será em um mez, que será em um anno?

Pois se tudo isto vos fica em casa, e é força que assim seja, não é muito pouca razão de estado, e muito grande sem razão, que vos andeis levantando falsos testimunhos, que vos andeis infamando e affrontando uns aos outros? Não fôra muito melhor serdes todos muito amigos, muito conformes, amardes-vos todos, honrardes-vos todos, auctorisardes-vos todos, e poupardes todos desgostos? Ha outros peccados que parece que os pôde desculpar o gosto ou o interesse; mas o mentir e o levantar falso testimunho? Que dão a um homem por mentir? Que gosto se pôde ter em levantar um falso testimunho? Se é por me vingar de meu inimigo, muito maior mal me faço a mim, que a elle; porque a elle, quando muito, tiro-lhe a honra, a

mim condenmo-me a alma. Ora, christãos, por reverencia daquelle Senhor (que sendo Deus se preza de se chamar verdade) que façamos hoje uma muito firme e muito verdadeira resolução de não haver paixão nenhuma, nem respeito, nem interesse, que vos faça torcer, nem faltar um ponto á verdade: quanto ao passado, que examinemos muito devagar, e muito escrupulosamente se temos faltado á verdade em alguma coisa, principalmente em materia da honra dos nossos proximos. Olhae, senhores, que este, este é o peccado que mais facilmente se commette, e com mais dificuldade se restitue. Olhae, christãos, que as balanças em que se pezam as consciencias na outra vida, são muito delicadas, e que será grande desgraça ir ao inferno para sempre por um falso testimunho. O remedio está em uma consciencia muito bem examinada, em uma confissão muito bem feita, e em uma satisfação muito verdadeira, advertindo-vos e protestando-vos da parte de Deus, que sem estas tres condições nem nesta vida podeis alcançar a graça, nem na outra merecer a gloria.

---

### ◎ nascimento

**D'um sermão da Natividade da Virgem pregado no convento de Odivellas**

*Sermões, 7.º vol. 1855.*

Os homens (deve de ser porque são mortaes) o que costumam festejar com maiores demonstrações de gosto, parabens e applausos, assim publica como privadamente, são os nascimentos. Mas isto de nascer, pelo que tem de si, nem merece alegria, nem tristeza; antes, se bem se considera, mais digno é de tristeza, que de alegria. Não debalde, com ser o risivel a pri-

meira propriedade de nossa natureza, a mesma natureza nos ensina a nascer chorando. Com lagrimas choraram muitas nações os nascimentos que nós solemnizamos com festas, e não sei se nos deveram tornar o nome de barbaros, que lhes damos. Queixamo nos da vida, e festejamos os nascimentos, como se o nascer não fôra principio da mesma vida, que nos traz queixosos. O nascimento é o principio da vida, como a morte o fim: e uma carreira que tem o fim tão duvidoso; uma navegação que tem o porto tão pouco seguro, como pôde ter o principio alegre? Nascemos sem saber para que nascemos, e bastava só esta ignorancia para fazer a vida pesada, quando não tivera tantos encargos sabidos. Os ditosos e os desgraçados todos nasceram, e como são mais os que accusam a fortuna, que os que lhe dão graças, maior materia dão os nascimentos ao temor que á esperança. A esperança promette bens, o temor ameaça males, e entre promessas e ameaças tanto vem a se padecer o que se espera, como o que se teme. A quem começa a vida, tudo fica futuro, e no futuro nenhuma distincção ha de males a bens, todos são males, porque todos se padecem. Os males padecem-se, porque se temem; os bens padecem-se, porque se esperam: e para affligr o mal, basta ser possivel; para molestar o bem, basta ser duvidoso. Se alguma coisa nos podera segurar os sobresaltos desta contingencia, parece que era o tempo, o logar e as pessoas de que nascemos; mas por mais que destas circumstancias conjecture a vã sabedoria felicidades, o certo é que nem o tempo as influe, nem a patria as produz, nem dos mesmos paes se herdam. Do mesmo pae nasceu Isaac e Ismael, e um foi o morgado da fé, outro da heresia. Na mesma hora nasceu Jacob e Esaú, e um foi amado de Deus, outro aborrecido. Na mesma terra nasceu Caim e Abel, e um foi o primeiro tyranuo, outro o primeiro martyr. Assim

que avaliar o nascimento pelos paes, é vaidade; medil-o pelo tempo, é superstição; estimal-o pela patria, é ignorancia; e só julgado pelo fim, é prudencia.

---

## Meios de guardar

D'um sermão de quaresma pregado em Lisboa, sobre a diferença entre os falsos bens e os verdadeiros

*Sermões, 7.º vol., 1855.*

Que direi dos meios e dos remedios, das industrias, das artes e instrumentos que os homens teem inventado, para que cada um podesse possuir e lograr o seu segura e quietamente, mas sem proveito? Para guardar a casa inventaram as portas e as fechaduras; mas pela mesma abertura por onde entra a chave, deixa tambem aberta a entrada para a gazua. Para signalar os limites de cada um, inventaram os marcos e para guardar a vinha e o pomar, inventaram os valados, as silvas, as sebes, e as paredes de pedra ligada, ou solta; mas tudo isto se rompe e se escalla. Para guardar as cidades inventaram os muros, os fossoes, as torres, os baluartes, as fortalezas, os presídios, a artilheria, a polvora; mas não ha cidade tão forte, que por bateria, ou por assalto, ou minada por debaixo da terra, ou pelo ar, se não expugne e renda. Para guardar os reinos e os imperios inventaram as armadas por mar e os exercitos por terra, tantos mil soldados a pé, tantos mil a cavallo, com tanta ordem e disciplina, com tanta variedade de armas, com tantos artificios e machinas bellicas; mas nenhum destes apparatus tão estrondosos e formidaveis tem bastado, nem para que os assyrios guardassem o seu imperio dos persas, nem os persas o seu dos gregos, nem os

gregos o seu dos romanos, nem os romanos, finalmente, o seu daquelles a quem o tinham tomado, tornando a ser vencidos dos mesmos que tinham vencido e dominado. Mais inventaram e fizeram os homens a este mesmo fim de conservar cada um o seu. Inventaram e firmaram leis, levantaram tribunaes, constituiram magistrados, deram varas ás chamadas justiças, com tanta multidão de ministros maiores e menores e foi com efeito tão contrario, que em vez de desterrarem os ladrões, os metteram das portas a dentro, e em vez de os extinguirem, os multiplicaram: e os que furtavam com medo e com rebuço, furtam debaixo de provisões e com immunidade. O solicitador com a diligencia, o escrivão com a penna, a testimunha com o juramento, o advogado com a allegação, o julgador com a sentença e até o beliguim com a chuça, todos foram ordenados para conservarem a cada um no seu e todos por diferentes modos vivem do vosso.

---

## Vaidade das riquezas

D'um sermão de quaresma prégado na capella real em 1655, sobre o modo de fazer das tentações remedios

*Sermões, 5.º vol. 1855.*

O que mais peza e o que mais luz no mundo, são as riquezas. E que coisa são as riquezas senão um trabalho para antes, um cuidado para logo e um sentimento para depois? As riquezas, diz S. Bernardo, adquirem-se com trabalho, conservam-se com cuidado e perdem-se com dôr. Que coisa é o oiro e a prata, senão uma terra de melhor côr? E que coisa são as perolas e os diamantes, senão uns vidros mais duros? Que coisa são as galas, senão um engano de muitas

côres? Cabellos de Absalão, que pareciam madeixas e eram laços. Que coisa é a formosura, senão uma caveira com um volante por cima? Tirou a morte aquelle véo e fugis hoje do que hontem adoraveis. Que coisa são os gostos, senão as vesperas dos pezares? Quem mais as canta, esse as vem a chorar mais. Que coisa são as delicias, senão o mel da lança de Jonathas? Juntamente vae á boca o favo e o ferro. Que coisa são todos os passatempos da mocidade, senão arrependimentos depositados para a velhice? E o melhor bem que podem ter, é chegarem a ser arrependimentos. Que coisa são as honras e as dignidades, senão fumo? Fumo que sempre cega e muitas vezes faz chorar. Que coisa é a privança, senão um vapor de pouca dura? Um raio do sol o levanta e outro raio o desfaz. Que coisa são as provisões e os despachos grandes, senão umas cartas de Urias? Todas parecem carta de favor; e quantas foram sentença de morte! Que coisa é a fama, senão uma inveja comprada? Uma funda de David que derriba o gigante com a pedra e ao mesmo David com o estalo. Que coisa é toda a prosperidade humana, senão um vento que corre todos os rumos? Se diminue, não é bonança; se cresce, é tempestade. Finalmente, que coisa é a mesma vida, senão uma alampada accesa, vidro e fogo? Vidro, que com um assopro se faz; fogo, que com um assopro se apaga. Estas são as glorias do vosso mundo e dos vossos reinos: *Omnia regna mundi, et gloriam eorum.* E por estas glorias falsas, vãs e momentaneas, damos aquella alma immortal que Deus creou para a gloria verdadeira e eterna.

Certo que andou o demonio muito nescio em mostrar o mundo e suas glorias a quem queria tentar com ellas. Havia de encobrir a mercadoria, se queria que lh'a comprassem. O mundo promettido, forte tentação parece; mas visto, não é tentação. Quereis que vos não

tente o mundo, ou que vos não vença, se vos tentar? Olhae bem para elle. Mordiam as serpentes no deserto venenosamente aos filhos de Israel: e que fez Moysés? Mandou levantar em logar alto uma daquellas serpentes feita de bronze: olhavam para ella os mordidos e saravam. Todos nesta vida andaes mordidos: uns mordidos do valimento, outros mordidos da ambição, outros mordidos da honra, outros mordidos da inveja, outros mordidos do interesse, outros mordidos da affeição; em fim todos mordidos. Pois que remedio para sarar destas mordeduras do mundo? Pôr o mesmo mundo diante dos olhos e olhar bem para elle. Quem haverá que olhe para o mundo com os olhos bem abertos, que veja como todo é nada, como todo é mentira, como todo é inconstancia, como hoje não são os que hontem foram, como amanhã não hão de ser os que hoje são, como tudo acabou e tudo acaba, como todos havemos de acabar e todos imos acabando; em fim, que veja ao mundo bem como é em si, que se não desengane com elle e se não desengane delle? A serpente de Moysés era de bronze; o mundo tambem é serpente, mas de barro, mas de vidro, mas de fumo, que ainda são melhores metaes para o desengano.

---

### Invocação do nome de Maria

Do sermão do Santissimo nome de Maria prégado na occasião em que a Santa Sé instituiu a festa universal do nome de Maria.

*Sermões, 11.º vol. 1856.*

Só vos digo que invoqueis o nome de Maria quando tiverdes necessidade delle: quando vos sobrevier algum desgosto, alguma pena, alguma tristeza:

quando vos molestarem os achaques do corpo, ou vos não molestarem os da alma: quando vos faltar o necessário para a vida, ou despejardes o superfluo para a vaidade: quando os paes, os filhos, os irmãos, os parentes se esquecerem das obrigações do sangue: quando vol-o desejarem beber a vingança, o odio, a emulação, a inveja: quando os inimigos vos perseguirem e os amigos desampararem, e d'onde semeastes beneficios, colherdes ingratidões e agravos: quando os maiores vos faltarem com a justica, os menores com o respeito, e todos com a proximidade: quando vos inchar o mundo, vos lisongear a carne, e vos tentar o demonio, que será sempre e em tudo: quando vos virdes em alguma duvida, ou perplexidade, em que vos não saibaes resolver, nem tomar conselho: quando vos não desenganar a morte alheia, e vos enganar a propria, sem vos lembrar a conta de quanto e como tendes vivido, e ainda esperaes viver: quando amanhecer o dia, sem saberdes se haveis de anoitecer, e quando vos recolherdes á noite, sem saber se haveis de chegar a manhã: finalmente, em todos os trabalhos, em todas as afflições, em todos os perigos, em todos os temores, e em todos os desejos e pretenções, porque nenhum de nós conhece o que lhe convém: em todos os successos prosperos ou adversos, e muito mais nos prosperos, que são os mais falsos e inconstantes: e em todos os casos e accidentes subitos da vida, da honra, da fazenda e principalmente nos da consciencia, que em todos anda arriscada, e com ella a salvação. E como em todas estas coisas, e cada uma dellas necessitamos de luz, alento e remedio mais que humano; se em todas e cada uma recorremos á protecção e amparo da Mãe das misericordias, não ha duvida que, obrigados da mesma necessidade, não haverá dia, nem hora, nem momento, que não invoquemos o nome de Maria.

## Utilidade da dôr

Do segundo dos discursos appellidados *Cinco pedras de David* e proferidos em Roma, em italiano, perante a Rainha da Suecia.

*Sermões, 12.º vol. 1856.*

Nem a natureza, nem Deus fizeram neste mundo coisa alguma ociosa, inutil, e sem fim; e qual é o fim para que Deus fez a dôr, que parece tão contraria e tão inimiga da mesma natureza? Pelos effeitos se vê: nenhum mal se remedea com a dôr senão o peccado; nenhum bem se restaura pela dôr senão a graça; logo só para remedio deste mal e só para restauração deste bem foi feita a dôr. Oh dôr! remedio unico do summo mal! Oh dôr! preço unico do summo bem! E que maior dôr, que ver os abusos em que te desperdiçam os homens sem utilidade, nem proveito! Este se doe da sua pobreza, e nem por isso deixa de ser pobre; aquelle se doe da sua enfermidade, e nem por isso se vê são: outro, e tantos outros, se doem da má correspondencia dos poderosos, e nem por isso os fazem mais justos, ou menos ingratos. Doe-se o amor e o odio, doe-se o desejo e o temor, doe-se a esperança e a desesperação, doe-se a miseria e a fome; e o fastio e a abundancia tambem se doem; doe-se a soberba, doe-se a cubiça, doe-se sobre todas, a inveja; e não pelos males proprios, senão pelos bens alheios; porque o outro cresce, porque sobe, porque pôde, porque manda. e ainda porque vive e porque tarda em lhe vir a morte, genero de dôr que não alcançou a imaginar o pensamento de Chrysostomo, prêgando não em Roma, mas em Constantinopla: *Ut non in morte, aut in re tali doleamus.* Estas são as dôres do mundo, e não sei se tambem as da cabeça do mundo, menos miseravel por aquillo de que se doe, que por aquillo de que não se doe. Que miseria mais miseravel que

ver tantas almas que teem perdido a graça de Deus, doer-se, e doer-se de outra coisa que não são os seus peccados? Senhores meus: desengano; livrar-se, ou escapar-se da dôr nesta vida, é impossivel; não ha fortuna tão alta, ou estado tão feliz, nem a purpura, nem a corôa, nem a tiara, que, dentro ou fóra, não pague tributo á dôr: que melhor conselho logo, que reduzir todas as dôres a uma só dôr, e tantas dôres inuteis e vãs, e de maior tormento, a uma só dôr, que nesta e na outra vida me livra de todas? Levae este ultimo documento, e sejam epilogo de todo o meu discurso estas duas palavras: Conhecer que a dôr é o unico remedio do bem perdido; e que o maior bem perdido é a dôr que se perde.



## Santidade e corôa

De um panegyrico da rainha Santa Isabel pregado em Roma na egreja dos portuguezes em 1674

*Sei mōes, 1.º vol. 1854.*

O maior cabedal que pôde dar o mundo é uma corôa. Mas ainda que as corôas são as que dão as leis, não são mercadoria de lei. Ao menos eu não havia de assegurar esta mercadoria, de fogo, mar e cosario; porque as mesmas corôas muitas vezes ellas são o roubo, ellas o incendio, ellas o naufragio. Para conquistar reinos da terra, o melhor cabedal é uma corôa; mas para negociar o reino do céu, é genero que quasi não tem valor. Ponde uma corôa na cabeça de Cyro, conquistará os reinos de Balthasar: ponde uma corôa na cabeça de Alexandre, conquistará os reinos de Dario: ponde uma corôa não na cabeça, senão no pensamento de Cesar, e opprimirá a liberdade

da patria, e da mais florescente republica fará o mais soberbo e violento imperio. Mas para negociar o reino do céu, nem a Balthasar, nem a Dario, nem a Alexandre, nem a Cesar, nem ao mesmo Cyro, a quem Deus chamava o seu rei e o seu ungido: *Christo meo Cyro*, (Isai. XLV — 1) valeram nada as corôas.

Ora eu andei buscando no nosso evangelho alguma corôa, e ainda que Christo nunca multiplicou tantas similhanças e tantos modos de acquirir o reino do céu em diversos estados e officios, o de rei não se acha alli. Achareis um lavrador, um mercante, um pescador, um letrado; mas rei não. E porque? Não são personagens os reis que pudessem entrar tambem em uma parabola e auctorizar muito a scena com a pompa e magestade da purpura? Claro está que sim. E assim o fez Christo muitas vezes. Mas vêde o que dizem as parabolas dos reis: *Regi, qui fecit nuptias filio suo*: (Math. XXII — 2) *Intravit rex, ut videret discubentes*, (Ibid. — 11) *quis rex iturus committere bellum adversus alium regem*, (Luc. XIV — 31) *abiit in regionem longinquam accipere sibi regnum*. (Ibid. XIX — 12) Reis que fazem bodas, que fazem banquetes, que fazem guerras, que mandam exercitos, que conquistam reinos da terra, isso achareis no evangelho; mas reis que se empreguem em acquirir o reino do céu, parece que não é ocupação de personagens tão grandes. Ao menos Christo disse que o reino do céu era dos pequenos: *Sinite parvulos ad me venire, talium est enim regnum cœlorum*. (Marc. X — 14) Taes são o lavrador no campo, o mercador na praça, o pescador no mar, o letrado na banca e sobre o livro. Mas nas côrtes, nos palacios, nos thronos e debaixo dos doceis que achareis? Bodas, banquetes, festas, comedias; e por cobiça, ou ambição, exercitos, guerras, conquistas. Eis aqui porque as corôas não são boa mercadoria, ao menos muito arriscada para negociar o reino

do céu. Reis e bellicosos, reis e politicos, reis e deliciosos, quantos quizerdes; mas reis e santos, muito poucos. Vêde-o nas letras divinas, onde só se pôde vêr com certeza. De tantos reis quantos houve no povo de Deus, só tres achareis santos: David, Ezechias, Jozias. Houve naquelle tempo grande quantidade de santos, grande successão de reis; mas reis e santos, santidade e corôa? tres.

---

### Inconvenientes da ostentação

Do sermão da terceira dominga depois da Epiphania pregado na Sé de Lisboa, sobre o modo de ajustar o querer com o poder.

*Sermões, 4.º vol. 1855.*

No Testamento Novo o filho Prodigio, porque no gastar e alardear quiz o que não podia, nem pedia o estado de filho, veio a pedir por misericordia a fortuna de criado: *Fac me sicut unum de mercenariis tuis.* (Luc. XV—19) Quantos vieram a servir, porque quizeram ser mais servidos, ou servidos de mais do que podiam manter? Se apenas podeis sustentar um cavalo com uma muchila, porque haveis de ter uma carroça com oito lacaios? Um é affeiçoadó á caça, e quando os cães andam luzidios e anafados, ver-lhe-heis os criados pallidos e mortos á fome. O outro é prezado ou picado de pinturas, e quando elle, com falso testimonho ridiculo, chama aos seus quadros originaes de Ticiano, os pagens e os lacaios são verdadeiramente copias de Lazaro. Que direi do que para sair um dia aos toiros, e ostentar cincoenta lacaios vestidos de téla, empenhou o morgado e as commendas por muitos annos? As sortes seriam quaes quiz a ventura; mas a peior e mais certa, foi a da pobre casa. Elle poderia ter um

dia de paschoa, mas ella ha de jejuar dez annos de quaresma. Eis aqui o que vem a não poder os que querem mais do que podem. Com essa mal considerada vaidade, que é o acquiristes, ou o que perdestes? Perdestes a felicidade de não pedir, perdestes a liberdade de não dever, perdestes o descânço de não pagar; e o que acquiristes com o que tinheis, e com o que não tinheis, foram as invejas dos amigos, as murmurações dos sizudos, as perseguições dos acrédores, e desgraça e mau conceito dos mesmos principes a quem quizestes lisongear e servir; porque como vos ha de fiar a sua fazenda, quem assim vê que esperdiças a vossa?



## A moderação no querer

V. a nota do trecho *Inconvenientes da ostentação*

*Sermões, 4.º vol. 1855.*

Olhem os homens para as outras criaturas sem uso de razão, e não queiram ser ingratos e soberbos contra Deus, quando todas ellas, grandes e pequenas, o louvam e lhe dão graças pelo que delle receberam. Se o rato não quer ser leão, nem o pardal quer ser aguia, nem a formiga quer ser elefante, nem a rã quer ser baléa, porque se não contentará o homem com a medida do que Deus lhe quiz dar? E que seria, se nem os leões, nem as aguias, nem os elefantes, nem as baléas, se contentassem com a sua grandeza, e uns se quizessem comer aos outros, para poder mais e ser maiores? Isto é o que querem e fazem continuamente os homens, e por isso os altos cãem, os grandes rebentam, e todos se perdem. Os instrumentos que creou a natureza, ou fabricou a arte para serviço do homem

todos teem certos termos de proporção, dentro dos quaes se pôdem conservar, e fóra dos quaes não podem. Com a carga demasiada cae o jumento, rebenta o canhão, e vae-se o navio a pique. Por isso se vêem tantas quedas, tantos desastres e tantos naufragios no mundo. Se a carga fôr proporcionada ao calibre da peça, ao bojo do navio, e á força ou fraqueza do animal, no mar far-se-ha viagem, na terra far-se-ha caminho, e na terra e no mar tudo andará concertado. Mas tudo se desconcerta e se perde, porque em tudo quer a ambição humana exceder a esphera e proporção do poder.

Vejo que me estão dizendo os presados de grande coraçāo, que este discurso quebra os espiritos e aco-  
vara os animos para que não emprehendam, nem fa-  
çam coisas grandes. Antes ás avessas. Emprehendei e  
fazei coisas, e as maiores e mais admiraveis; mas  
dentro da esphera e proporção do vosso poder, por-  
que fóra della não fareis nada.

---

## A constânciā dos martyres

Sermão de todos os santos prēgado em Lisboa em 1643  
sobre o thema da grandeza da santidade e da faci-  
lidade de a conquistar pela pureza de coraçāo.

*Sermões, 3.º vol. 1854.*

E que direi eu de vós, ó fortissimo e luzidissimo exercito dos martyres, tão infinito no numero, como nos exquisitos generos de martyrios? Se entro no amphitheatro de Roma, vejo-vos lançados ás feras, ou lançados aos Neros, aos Decios, aos Dioclecianos, aos Trajanos, mais feros que as mesmas feras. A muitos de vós reverenciaram os leões, os ursos, os tigres: mas a nenhum perdoou a vida a impiedade mais que

brutal dos tyrannos, sempre mais obstinados e furiosos. As pedras de Estevão, as setas de Sebastião, as grelhas de Lourenço e Vicente, já eram tormentos vulgares. Que machinas e invenções de atormentar não excogitou a sevicia, raivosa de se vér vencida, para combater e tentar vossa fortaleza? A uns martyres penduravam pelos cabellos, ou por um pé, ou por ambos, ou pelos dedos pollegares, e assim no ar, e despidos, com azorragues de nervos, rematados em pelotas de chumbo, ou abrolhos de aço, os batiam e martellavam com tal força e continuação, os crueis e robustos algozes, que ao principio açoitavam corpos, depois feriam as mesmas chagas, ou uma só chaga, até que não tinham já que açoitar nem ferir. A outros estirados e desconjuntados no eculeo, ou estendidos na catasta, aravam ou cardavam os membros com pentes e garfos de ferro, a que propriamente chamavam escorpiões, ou metidos debaixo de grandes pedras de moinho, lhe espremiam como em lagar o sangue e lhe moiam e imprensavam os ossos, até ficarem uma pasta confusa, sem figura, nem similitude, do que d'antes eram. A outros cobriam todos de pez, rezina e enxofre, e ateando-lhes o fogo, os faziam arder em pé como tochas, ou luminarias, nas festas dos idólos, esforçando-os para este suppicio com lhes dar a beber chumbo derretido. A outros nos mais rigorosos frios do inverno metiam em tanques enregelados com banhos de agoa quente á vista e liberdade de se passarem a elles, para que enfraquecesse o remedio os que não vencia o tormento. A outros coziam em coiros juntamente com serpentes e cães damnados, e assim os lançavam ao mar, para que naquelle estreita, medonha e asquerosa prizão, primeiro acabassem mordidos e atassalhados dos dentes venenosos, do que afogados nas ondas. A outros escallavam vivos pelos peitos e lhes arrancavam o coração e entradas pal-

pitantes, ou lhes atavam as mãos e os pés a quatro ramos grossos de arvores dobrados á força e soltos ao mesmo tempo, com que subita e violentissimamente os espedaçavam em quartos. A outros assentavam em cadeiras de ferro afogueado, a outros faziam andar descalços sobre lamiñas ardentes, a outros metiam em caldeiras de azeite e alcatrão fervendo, a outros em bois de metal abrasado, a outros em fornalhas de chamas vivas. E tudo isto soffriam e supportavam aquelles valorosos cavalleiros de Christo, não só com paciencia e constancia, mas com jubilo e alegria. Porque? Só por ser, e segurar o ser santos, como exclama a egreja: *Omnes sancti quanta passi sunt tormenta, ut securi pervenirent ad palmam martyrii.*

---

*A* santidade está na pureza do coração

V. a nota do trecho *A constancia dos martyres*

*Sermões, 3.º vol. 1854.*

Pois que é necessario para ser santo? Uma só coisa, e muito facil, e que está na mão de todos, que é a boa consciencia, ou limpeza de coração, como diz o nosso thema: *Beati mundo corde.* Olhae como Deus quiz facilitar o céu, e o ser santos, que poz a bem-aventurança e a santidade em uma coisa, que ninguem ha que não tenha, e a mais livre e mais nossa, que é o coração. Assim como o coração é a fonte da vida, assim é tambem a fonte da santidade: e assim como basta o coração para viver, ainda que faltem outros membros e sentidos, assim, e muito mais basta a pureza de coração para ser santo, ainda que tudo o mais falte. Se o ser santo dependera dos olhos, não fôra santo Tobias, que era cego: se dependera dos pés,

não fôra santo Jacob, que era manco: se dependera de algum outro membro do corpo, não fôra santo Job, que estava tolhido de todos, e só lhe ficou a lingua: e ainda que não tivera lingua, tambem fôra santo, porque Santa Christina, sendo-lhe a lingua cortada, louvava a Deus com o coração; e com o coração sem lingua, eram taes as suas vozes, que as ouviam, não só os anjos no céu, senão tambem os circumstantes na terra. De sorte que para um homem ser santo, não é necessario coisa alguma fôra do homem, nem ainda é necessario todo o homem: basta-lhe uma só parte, e essa a primeira que vive, e a ultima que morre, para que lhe não possa faltar em toda a vida, que é o coração.

Tende o coração puro, e, ou vos faltem, ou sobejem todas as outras coisas, nem a falta vos será impedimento, nem a abundancia estorvo para ser santo. (Prov. XXX—8) Salomão pedia a Deus que o não fizesse rico nem pobre; mas que lhe dêsse o necessário para passar a vida, receiando-se que não poderia ser santo em qualquer daquelles extremos; mas eu vos asseguro que, ou sejaes rico, ou pobre, ou pobrissimo, de qualquer modo podeis ser santo. Se fordes rico, e poderdes dar esmola, dae-a, e sereis santo, como foi S. João Esmoler: se fordes pobre, e tiverdes necessidade de pedir esmola, pedi-a, e sereis santo, como foi Santo Aleixo: e se fordes tão desamparado, que não tenhaes quem vos dê esmola, tende paciencia, e sereis santo, como foi S. Lazaro.



## As lagrimas e os peccados

Do sermão das lagrimas de S. Pedro prégado na Sé de Lisboa em 1669

*Sermões, 2.º vol. 1854.*

Tem Deus posto as nossas lagrimas nos seus livros da rasão: tem Deus posto as nossas lagrimas nos seus livros de Deve e Ha de Haver. Estes são os livros dos quaes diz S. João que se hão de abrir no dia do juiso. *Et libri aperti sunt:* (Apoc. XX—12) e assim o resolvem todos os theologos. Um é o livro do Deve, outro do Ha de Haver; um o livro das dividas, outro o livro das satisfações: no das dividas, estão os peccados: no das satisfações estão as lgrimas: *In libro rationum tuarum.* Faça agora cada um as suas contas, pois ha de dar conta a Deus por estes livros. Somme cada um quantos peccados tem no livro das dividas, e somme quantas lagrimas tem no livro das satisfações. Haverá quando menos para cada peccado uma lagrima? Oh tristes dos nossos olhos! Oh miseraveis das nossas almas! S. Pedro no livro do Deve tem tres negações, e no livro do Ha de Haver tem infinitas lagrimas. Quantos christãos haverá que no livro do Deve tenham infinitos peccados, e no livro do Ha de Haver não tenham tres lagrimas choradas de coração! Pois como havemos de aparecer diante do tribunal de Deus? Como lhe havemos de dar boa conta? E se estamos tão alcançados nas contas, como não nos resolvemos a chorar nossos peccados desde logo, pois o não fizemos atégora? S. Pedro não chegou a estar duas horas no seu peccado, e chorou toda a vida até á morte: e nós que toda a vida temos gastado em peccados, e muitos estamos no cabo da vida, e todos não sabemos quanto nos ha de durar a vida, quando fazemos conta de chorar? S. Pedro sabia de certo que

Deus lhe tinha perdoado, e comtudo não cessava de chorar continuamente. Sabemos de certo que Deus nos tem perdoado? Sabemos de certo que temos offendido a Deus, e muitos sabem também de certo que estão actualmente em peccado mortal; e com toda esta evidencia, nem uns, nem outros choram.

Dizei-me pelas chagas de Christo: Fazeis conta de vos salvar, como S. Pedro? Sim. Peccastes como S. Pedro? Muito mais. Chorastes como S. Pedro? Não. Pois se peccastes como Pedro, e não choraes como Pedro, como fazeis conta de vos salvar como Pedro? Tem Deus para vós outra lei? Tem Deus para vós outra justiça? Tem Deus para vós outra misericordia? Christo perdoou a Pedro, porque chorou; e se Pedro não chorara, não lhe havia Christo de perdoar, como não perdoou a Judas. Pois se Christo não perdôa a Pedro sem chorar, como nos ha de perdoar a nós, se não choramos? Somos mais discipulos de Christo que Pedro? Somos mais favorecidos de Christo que Pedro? Somos mais mimosos de Christo que Pedro? Somos mais de casa e do seio de Christo? Somos mais amigos, e mais amados, e mais prezados de Christo que Pedro? Pois que confiança cega e diabolica é esta nossa?



## A reparação das desegualdades presentes

Do magnifico sermão do advento pregado na capella real em 1650, tão conhecido pelo seu exordio abrupo: *Abrazado finalmente o mundo... e que tem por thema A resurreição final.*

*Sermões, 2.º vol. 1854.*

Bem pudera Deus fazer que nascessem os homens todos iguaes, mas ordenou sua providencia que houvesse no mundo esta mui soffrida desigualdade, para que a mesma dôr do primeiro nascimento

nos excitasse á melhoria do segundo. Homens humildes e despresados do povo, boa nova. Se a natureza, ou a fortuna foi escassa com vosco no nascimento, sabei que ainda haveis de nascer outra vez, e tão honradamente como quizerdes: então emendarais a natureza, então vos vingareis da fortuna.

Que maior vingança da fortuna que as mudanças tão notaveis que se verão naquelle dia! Virão naquelle dia as almas do grande e do pequeno buscar seus corpos á sepultura, e talvez á mesma egreja: e que succederá pela maior parte? O pequeno achará seus ossos em um adro sem pedra nem letreiro, e resuscitará tão illustre como as estrellas. O grande, pelo contrario, achará seu corpo embalsamado em caixas de porfido, aos hombros de leões, ou elephantes de marmore, com soberbos e magnificos epitaphios, e resuscitar mais vil que a mesma vileza. Oh que metamorphose tão triste, mas verdadeira! Vede se ha de dar Deus boa satisfação aos homens da desigualdade com que hoje nascem. O ser bem nascido, que é uma vaidade que se acaba com a vida, é verdade que o não pôz Deus na nossa mão; mas o ser bem resuscitado, que é aquella nobreza que ha de durar por toda eternidade, essa deixou Deus no alvedrio de um. No nascimento somos filhos de nossos paes, na resurreição seremos filhos de nossas obras. E que seja mal resuscitado por culpa sua quem foi bem nascido sem merecimento seu! Lastima grande. Resuscitar bem sobre haver nascido mal, é emendar a fortuna; resuscitar mal sobre haver nascido bem, é peior que degenerar da natureza. Que resuscite bem David sobre nascer de Jessé, grande gloria do filho de um pastor: mas que resuscite mal Absalão sobre nascer de David, grande affronta do filho de um rei! Se os homens se presam tanto de ser bem nascidos, como fazem tão pouco caso de ser bem resuscitados? Nenhuma coisa

trazem na boca os grandes mais ordinariamente que as obrigações com que nasceram. E aposto eu que mui poucos sabem quaes são estas obrigações? Nascer bem é obrigação de resuscitar melhor. Estas são as obrigações com que nascestes.



### ⑥ amor e o odio

*Do sermão de quaresma pregado na Misericordia de Lisboa em 1669 sobre o tema da cura do cego de nascença contrastando com a cegueira espiritual dos que a observaram.*

*Sermões, 3.º vol. 1854.*

As paixões do coração humano, como as divide e numera Aristoteles, são onze; mas todas ellas se reduzem a duas capitae: amor e odio. E estes dois affectos cegos são os dois polos em que se revolve o mundo, por isso tão mal governado. Elles são os que pezam os merecimentos, elles os que qualificam as acções, elles os que avaliam as prendas, elles os que repartem as fortunas. Elles são os que enfeitam ou descompõem, elles os que fazem, ou anniquilam, elles os que pintam ou despintam os objectos, dando e tirando a seu arbitrio a côr, a figura, a medida e ainda o mesmo ser e substancia, sem outra distincção ou juiso, que aborrecer ou amar. Se os olhos vêem com amor, o corvo é branco; se com odio, o cysne é negro; se com amor, o demonio é formoso; se com odio, o anjo é feio; se com amor, o pygmeu é gigante; se com odio, o gigante é pygmeu; se com amor, o que não é tem ser; se com odio, o que tem ser, e é bem que seja, não é, nem será jámais. Por isso se vêem com perpetuo clamor da justiça os indignos levantados, e as dignidades abatidas; os talentos ociosos, e as incapacidades com mando; a ignorancia graduada e a sci-

cia sem honra; a fraqueza com o bastão, e o valor posto a um canto; o vicio sobre os altares e a virtude sem culto; os milagres accusados e os milagrosos réos. Pôde haver maior violencia da razão? Pôde haver maior escandalo da natureza? Pôde haver maior perdição da republica? Pois tudo isto é o que faz e desfaz a paixão dos olhos humanos, cegos quando se fecham e cegos quando se abrem; cegos quando amam, e cegos quando aborrecem; cegos quando approvam e cegos quando condemnam: cegos quando não vêem e quando vêem muito mais cegos: *Ut videntes cæci fiant.*



### Vantagens dos logares baixos

Do sermão da decima sexta dominga depois do Pentecostes, destinado a mostrar que devem os homens contentar-se com as posições humildes.

*Sermões, 1.º vol. 1854.*

Erradamente se chiamam baixos aquelles em que naufragam os navegantes. Não são baixos, senão os logares mais altos do mar, que em penhascos ou aréas se levantam no meio delle. Por isso nelles naufraga o mesmo mar, e se quebram e espedaçam as ondas. Ditosas as que sem querer sair nem subir, se deixam estar no seu fundo, que essas só se conservam em paz, e gosam de inteira quietação; e se lá chegam os eccos das que perigam e quebram, ellas descançam e dormem ao som das outras. Desta mesma quietação segura e firme, nos dá outro documento a terra naquelles grandes corpos a que concedeu a vida e negou os sentidos. Todas as arvores teem uma parte firme e outra movediça. A firme, que são as raizes, está no baixo; e a movediça, que são os ramos, no alto. Só alli tem jurisdicção e imperio, ou a lisonja das virações, ou o

açoite dos ventos. Todas na cabeça leves e inquietas, e só no pé seguras e firmes. No alto quebram-se os ramos, voam as folhas, cãem as flores, e perdem-se antes de amadurecer os fructos; e só no baixo sustentam as raizes o tronco, e nelle as esperanças de recuperar em melhor anno todo o perdido. Oh mal ensinado juizo humano, que nem as plantas insensiveis, nem os elementos sem vida, bastam a te fezer sisudo! Aprende ao menos das creaturas sensitivas, e sejam as menores as que te ensinem.

O pardal e a rola (diz David) souberam buscar e achar o logar mais conveniente á sua conservação: *Etenim passer invenit sibi domum, et turtur nidum sibi, ubi ponat pullos suos.* (Psal. LXXXIII—4) E a que fim traz David este exemplo, e o põe em dois animalinhos de tão pouco vulto? Para que se envergonhem os homens, com todo o seu uso da razão, de não sabrem escolher o logar que mais lhes convém. E são tão esquecidos e descuidados todos em fazer esta escolha, que se algum houve que a fizesse, foi por especial auxilio da graça divina.



## Ambição dos que esquecem o que eram

Do sermão de quaresma pregado na capella real em 1669 e destinado a consolar os pretendentes mal despedidos.

*Sermões, 1.º vol. 1854*

Adão antes de Deus o formar não era nada, formado era uma estatua de barro lançada naquelle chão; bafejou-o Deus, poz-se Adão em pés, começou a ser homem; e foi com tão extraordinaria fortuna, que tinha (diz o texto) elle só tres presidencias: a presidencia da terra sobre todos os animaes, a presidencia do

ar sobre todas as aves, a presidencia do mar sobre todos os peixes. Estava bem despachado Adão? Parece que não podia ser mais nem melhor. Comtudo, nem elle, nem sua mulher ficaram contentes, ainda pertendiam. E quê? Não mais que ser como Deus: *Eritis sicut Dii.* (Genes. III—5) Ha tal ambição de subir? Ha tal destino de crescer? Ante hontem nada, hontem barro, hoje homem, ámanhã Deus? Não se lembrará Adão do que era hontem, e muito mais do que era antehontem? Quem hontem era barro, não se contentará com hoje ser homem, e o primeiro homem? Quem antehontem era nada, não se contentará com ser hoje tudo, e mandar tudo? Não: porque já então era Adão como hoje são muitos de seus filhos, que saem como elle ao barro, e ao nada de que foram creados. Mal creados, e maus criados. Por isso descontentes e ingratos, quando deveram estar mui contentes e mui agradecidos. E a razão desta sem razão é porque dos sentidos perderam a vista, e das potencias a memoria; nem olham para o que são, nem se lembram do que foram.

Mas do que ereis e do que sois, passemos ao que tinheis e ao que tendes. Enthronisado José no governo e imperio do Egypto, soube el-rei Pharaó que tinha pae e irmãos na terra de Canaan, e mandou-os logo chamar, para que viessem ser companheiros da fortuna de seu irmão. O recado foi notavel, e dizia assim: *Properate, nec dimittatis quidquam de supellectili vestra, quia omnes opes Ægypti vestræ erunt.* (Genes. XLV — 20) Vinde logo e não deixeis coisa alguma das vossas alfaias; porque todas as riquezas do Egypto hão de ser vossas. Este porquê, não entendo. Antes porque todas as riquezas do Egypto haviam de ser suas, não era necessario que trouxessem coisa alguma, do que tinham em Canaan. Pois porque lhes manda Pharaó que tragam todas as suas alfaias? Por isso mesmo: para que, cotejando as alfaias da fortuna

presente com as da fortuna passada, conhecessem melhor a mercê que o rei lhes fizera. Eram os irmãos de José uns pobres lavradores e pastores; saiam de cabanas e telhados de colmo, para virem morar em palacios doirados debaixo das pyramides e obeliscos do Egypto. Pois tragam as suas pelles, as suas mantas, os seus pellotes de panno da serra; tragam as suas samarras, as suas alparcas, as suas gualteiras; tragam as suas escudellas de pau, e os seus tarros de cortiça, para que quando se virem com as paredes ricamente entapisadas, a prata rodar pelas mezas, a seda e oiro das galas, as perolas e os diamantes das joias, os criados, os cavallos, as carroças, conheçam quanto vae de tempo a tempo, e de fortuna a fortuna, e dêem muitas graças a Pharaó. Quer cada um conhecer, e vêr, e apalpar a muita mercê que o rei lhe tem feito? Coteje as suas alfaias; as de casa e as da rua; as suas, e as dos seus. A comparação deste muito com aquelle pouco, oh quanto serviria para o agradecimento e para a modestia, e ainda para fazer lastro á mesma fortuna!

---

◆◆◆

### Pão para a bêcca

Do sermão de quaresma prégado em S. Luiz do Maranhão em 1657 e destinado a mostrar como se hão de alcançar e accrescentar os bens temporaes.

Sermões, 1.º vol. 1854.

A maior pensão com que Deus creou o homem, é o comer. Lançae os olhos por todo o mundo, e vereis que todo elle se vem a resolver em buscar o pão para a boca. Que faz o lavrador na terra, cortando-a com o arado, cavando, regando, mondando, semeando? Busca pão. Que faz o soldado na campanha, carregado de

ferro, vigiando, pelejando, derramando o sangue? Busca pão. Que faz o navegante no mar, içando, amainando, sondando, luctando com as ondas e com os ventos? Busca pão. O mercador nas casas de contratação, passando letras, ajustando contas, formando companhias? O estudante nas universidades, tomando postillas, revolvendo livros, queimando as pestanas? O requerente nos tribunaes pedindo, allegando, replicando, dando, promettendo, annullando? Busca pão. Em buscar pão se resolve tudo, e tudo se applica a o buscar. Os pobres dão pelo pão o trabalho; os ricos dão pelo pão a fazenda; os de espiritos generosos dão pelo pão a vida; os de espiritos baixos dão pelo pão a honra; os de nenhum espirito dão pelo pão a alma, e nenhum homem ha que não dê pelo pão e ao pão todo o seu cuidado. Parece-vos que tenho dito muito? pois ainda não está discorrido tudo.

Tirae o pensamento dos homens e lançae-o por todas as outras coisas do mundo, achareis que todas ellas estão servindo a este fim, ou pensão do sustento humano. A este fim nascem as hervas, a este fim crescem as plantas, a este fim florescem as arvores, a este fim produzem e amadurecem os fructos, a este fim trabalham os animaes domesticos em casa, a este fim pascem os mansos no campo a este fim se criam os silvestres nas brenhas, a este fim os do mar e os dos rios nadam em suas aguas, em fim, tudo o que nasce e vive neste mundo, a este fim vive e nasce. Que digo eu; o que vive e o que nasce? Os elementos não são viventes e a este mesmo fim cançamos e fazemos trabalhar aos proprios elementos. O fogo nas forjas e nas fornalhas, a agua nas levadas e nas azenhas, o ar nas velas e nos moinhos, a terra nas vinhas e nas searas, e até o sol, e a lua, e as estrellas, não deixamos estar ociosas desta pensão, porque o que todos aquelles orbes celestes fazem, andando em perpetua roda e vol-

tando sem nunca descansar, é produzir e temperar com suas influencias o que ha de comer o homem. Ha mais para onde subir? Ainda ha mais. Subi do céu acima até o mesmo Deus e achareis que elle é o que mais ocupado está que todos em nosso sustento, porque todas as outras coisas, cada uma trabalha em si; e Deus, ainda que sem trabalho, obra em todas.

---

### Tendencia das coisas para o nada

V. a nota do trecho *Os triumphos dos romanos*—Definições e allegorias.

*Sermões, 1.º vol. 1854.*

Todas as coisas se revolvem naturalmente, e vão buscar com todo o peso e impeto da natureza o principio donde nasceram. O homem porque foi formado da terra, ainda que seja com dispendio da propria vida e summa repugnancia da vontade, sempre vae buscar a terra e só descansa na sepultura. Os rios esquecidos da doçura de suas aguas, posto que as do mar sejam amargas, como todos nasceram do mar, todos vão buscar o mesmo mar, e só nelle se desafogam, e param como em seu centro. Assim todas as coisas deste mundo, por grandes e estaveis que pareçam, tirou-as Deus com o mesmo mundo do não ser ao ser; e como Deus as creou de nada, todas correm precipitadamente e sem que ninguem as possa ter mão, ao mesmo nada de que foram creadas. Vistes o torrente formado da tempestade subita, como se despenha impetuoso e com ruido; e tanto que cessou a chuva, tambem elle se secou, e sumiu subitamente, e tornou a ser o nada que d'antes era? Pois assim é tudo, e somos todos, diz David: *Ad nihilum devenient tanquam aqua decurrentis.* (Psal. LVII—8) Sonhastes no ultimo

quarto da noite, quando as representações da fantasia são menos confusas, que possuieis grandes riquezas, que gosaveis grandes delicias e que estaveis levantado a grandes dignidades; e quando depois acordastes, vistes com os olhos abertos que tudo era nada? Pois assim passam a ser em um abrir de olhos todas as apparencias deste mundo, diz o mesmo propheta: *Velut somnium surgentium, Domine, imaginem ipsorum ad nihilum rediges.* (Psal. LXXII—20) De sorte que estas são as duas razões porque todas as coisas passam. Passam, porque voam com o tempo, e passam, porque vão caminhando para o nada donde sairam. Por isso, como diz o Espírito Santo, quando umas passaram, ou teem passado, é necessário que venham outras para tambem passar: *Generatio præterit, et generatio advenit: terra autem in æternum stat.*



### ◎ remedio para a tristeza

V. a nota do trecho *A tristeza — Definições e allegorias*

*Sermões, 5.º vol. 1855.*

As almas tristes, umas perturba a sua tristeza por dentro: *Quare tristis es anima mea, et quare conturbas me?* Outras afflige a mesma tristeza por fóra: *Quare tristis incedo, dum affigit me inimicus?* E toda a causa do que padecem, é porque são mudas e cégas. Uma alma muda não se pergunta a si mesma para onde vae: *Quo vadis?* E cega não olha para o Norte, sempre seguro e firme, que desde o céu lhe guia os passos na terra. Eis aqui porque ha tantas almas desconsoladas e tristes: eis aqui porque andam tantos corações rebentando de melancolia: *Tristitia implevit cor vestrum.* Intendam essas almas que são al-

mas e que o fim para que foram creadas e para onde caminham, é o céu; e logo as não poderá entristecer qualquer fortuna da terra, por mais adversa e temerosa que seja, e mais triste que pareça. A maior e mais penetrante tristeza que padeceu alguma alma já-mais, foi a de Christo Redemptor nosso no horto, tão penetrante, e tão terrivel, que lhe fez suar sangue, e bastaria a lhe tirar a vida: *Tristis est anima mea usque ad mortem.* (Matt. XXVI—38) O remedio milagroso que teve esta tristeza, foi mandar Deus do céu um anjo, que viesse consolar e confortar a seu Filho, que para nosso exemplo permitti que os affectos naturaes obrassem ou executassem em sua humanidade santissima tudo o que podem nas outras. Desceu o anjo, prostrou-se de joelhos ante o acataimento do seu quanto mais angustiado mais veneravel monarcha, resuscitou-lhe o animo, confortou-lhe o desmaio, desterrou-lhe do coração a tristeza: mas com que razões, ou motivos? Estava o Senhor inclinado sobre a terra: *Procidit in faciem;* (Ibid.—39) rogou-lhe humildemente quizesse levantar os olhos ao céu e detel-os um pouco na mesma vista. Sobre aquelle pavimento de estrellas, ó Principe do firmamento (disse então o anjo), se levanta o immenso palacio de vosso Pae: no logar mais eminente delle vos está apparelhado o throno em que haveis de estar assentado á sua dextra: dos tormentos que agora vos causam tanto horror, a cada momento de pena succederá uma eternidade de glorias: a cruz será o famoso tropheu com que no dia do juiso saireis triumphante a julgar o mundo: dos espinhos da cabeça se vos tecerá a nova corôa imperial de Redemptor dos homens e monarcha universal de homens e anjos: os dois cravos que vos abrirem as mãos, serão duas trombetas de bronze immortal, que publiquem, sem já-mais cessar, as vossas façanhas: dos que vos rasgarão os pés se formarão as cadéas que renderão e tra-

rão a elles a adoração de todas as gentes: na grande brecha com que o golpe da lança vos penetrará o peito, se desaffogará o immenso amor de vosso coração. Mais ia a dizer o anjo, quando o Senhor já em pé, não só com passos animosos, mas com semblante alegre e forte, ia a receber o encontro das cohortes armadas de seus inimigos.



## Títulos para entrar no céu

V. a nota do trecho *A tristeza—Definições e allegorias*

*Sermões, 5.º vol. 1855.*

Lá no céu não se pergunta se veem dos godos, como em Hespanha; ou dos Borbões, como em França; ou dos austriacos, como em Allemanha; mas se veem ou não veem da grande tribulação. Se não veem da grande tribulação, ainda que sejam reis ou imperadores, não lhes abre S. Pedro as portas do céu; mas se veem da grande tribulação, ainda que sejam víis, ainda que sejam escravos, ainda que sejam os mais pobres e miseraveis do mundo, ainda que se lhes não saiba o appellido, nem o nome, todos teem as portas e entradas do céu francas e abertas, porque assim o diz a lei universal, que a todos comprehende e a ninguem exceptua: *Per multas tribulationes oportet nos intrare in regnum Dei.*



## Mercadorias que teem valor no céu

V. a nota do trecho *A tristeza. Definições e allegorias*

*Sermões, 4.º vol. 1855.*

A primeira regra, ou A B C da mercancia, é passar as coisas da terra onde as ha e valem pouco, para onde as não ha e valem muito. Se vissemos que um mercante de Lisboa, embarcando-se a commerciar nas nossas conquistas, para Angola carregasse de marfim, para a India de canella e para o Brazil de assucar, não o teríamos por louco e lhe perguntaríamos: *Quo vadis?* Homem nescio, tu sabes para onde vás, ou o que levas? Pois esta mesma ignorancia e loucura é a de todos ou quasi todos os que se chamam christãos neste mundo. Se lhes perguntarmos para onde vão, dizem que para o céu. E se olharmos para os seus cuidados, e para os seus empregos, e para as suas carregações, competindo todos em quem mais ha de carregar e sobrecarregar, acharemos que todo o seu cabedal empenham naquellas mercadorias que nenhum preço, nem valor teem no céu. Cá custam muito e lá não valem nada. O oiro e a prata não teem lá valor; porque lá é a patria das riquezas: os gostos e os passatempos lá não teem valor; porque lá é a patria das delicias: as telas e os brocados lá não teem valor; porque lá todos vestem de gloria: os regalos e sabores exquisitos lá não teem valor; porque lá os perpetuos banquetes são a vista de Deus. Que coisas são logo aquellas que no céu teem grande valor e grande preço? São aquellas que lá não ha. Os trabalhos, as pobrezas, as fomes, as sêdes, as perseguições, os odios, as injurias, as affrontas, as calumnias, os falsos testimonhos; e todas as outras misérias ou violencias que neste mundo se padecem, estas

são as que no céu só teem valia; porque no céu todos são impassíveis. Cá é a terra do trabalho e da paciencia; lá é o porto do descânço e a patria da impassibilidade. Olhae, olhae bem para o interior desse céu e vêde o que lá só apparece e resplandece levado cá da terra. A cruz de Pedro e André: as grelhas de Lourenço: as settas de Sebastião: as pedras de Estevão: as navalhas de Catharina: as fogueiras de Tecla: as torquezes de Apollonia: os olhos nas mãos de Luzia. E como estas são as mercadorias que só teem valor e preço no céu, vêde se os que mais carregados e sobrecarregados se vêm destas felicissimas drogas, tanto mais preciosas, quanto mais pezadas, vêde se teem razão de se entristecer, ou de se alegrar, e de saltar da terra ao mesmo céu de prazer: *Gaudete et exultate, quoniam merces vestra et merces vestræ copiosa sunt in cælo.*

---

## Cegueira universal

V. a nota do trecho *O amor e o odio*

*Sermões, 3.º vol. 1854.*

Oh quem me dera ter agora neste auditorio a todo o mundo! Quem me dera que me ouvira agora Hespanha, que me ouvira França, que me ouvira Allemanha, que me ouvira a mesma Roma! Príncipes, reis, imperadores, monarcas do mundo: vêdes a ruina dos vossos reinos, vêdes as afflicções e misérias de vossos vassallos, vêdes as violencias, vêdes as oppressões, vêdes os tributos, vêdes as pobrezas, vêdes as fomes, vêdes as guerras, vêdes as mortes, vêdes os captiveiros, vêdes a assolação de tudo? Ou o vêdes ou o não vêdes. Se o vêdes, como o não remediaes? E se o não

remediaes, como o vêdes? Estaes cegos. Principes, ecclesiasticos, grandes, maiores, supremos, e vós, ó prelados, que estaes em seu lugar: vêdes as calamidades universaes e particulares da egreja, vêdes os destroços da fé, vêdes o descahimento da religião, vêdes o desprezo das leis divinas, vêdes a irreverencia dos logares sagrados, vêdes o abuso dos costumes, vêdes os peccados publicos, vêdes os escandalos, vêdes as simonias, vêdes os sacrilegios, vêdes a falta da doutrina sã, vêdes a condenaçāo e perda de tantas almas, dentro e fóra da christandade? Ou o vêdes ou o não vêdes. Se o vêdes, como o não remediaes, e se o não remediaes, como o vêdes? Estaes cegos. Ministros da republica, da justiça, da guerra, do estado, do mar, da terra: vêdes as obrigações que se descarregam sobre o vosso cuidado, vêdes o pezo que carrega sobre as vossas consciencias, vêdes as desattenções do governo, vêdes as injustiças, vêdes os roubos, vêdes os descaminhos, vêdes os enredos, vêdes as dilacções, vêdes os subornos, vêdes os respeitos, vêdes as potencias dos grandes e as vexações dos pequenos, vêdes as lagrimas dos pobres, os clamores e gemidos de todos? Ou o vêdes ou o não vêdes. Se o vêdes, como o não remediaes? E se não o remediaes, como o vêdes? Estaes cegos. Paes de familias, que tendes casa, mulher, filhos, criados: vêdes o desconcerto e descaminho de vossas familias, vêdes a vaidade da mulher, vêdes o pouco recolhimento das filhas, vêdes a liberdade e más companhias dos filhos, vêdes a soltura e descomedimento dos criados, vêdes como vivem, vêdes o que fazem, e o que se atrevem a fazer, fiados muitas vezes na vossa dissimulação, no vosso consentimento, e na sombra do vosso poder? Ou o vêdes ou o não vêdes. Se o vêdes, como o não remediaes? E se o não remediaes, como o vêdes? Estaes cegos. Finalmente, homem Christão, de qualquer estado e de

qualquer condição que sejas: vês a fé e o caracter que recebeste no baptismo, vês a obrigação da lei que professas, vês o estado em que vives ha tantos annos, vês os encargos de tua consciencia, vês as restituições que deves, vês a occasião de que te não apartas, vês o perigo de tua alma e de tua salvação, vês que estás actualmente em peccado mortal, vês que se te toma a morte nesse estado, que te condenas sem remedio, vês que se te condenas, has de arder no inferno em quanto Deus fôr Deus, e que has de carecer do mesmo Deus por toda a eternidade? Ou vêmos tudo isto, christãos, ou não o vêmos. Se o não vêmos, como somos tão cegos? E se o vêmos, como o não remediamos? Fazemos conta de o remediar alguma hora, ou não? Ninguem haverá tão impio, tão barbaro, tão blasphemó, que diga que não. Pois se o havemos de remediar algum hora, quando ha de ser esta hora? Na hora da morte? Na ultima velhice? Essa é a conta que lhes fizeram todos os que estão no inferno, e lá estão e estarão para sempre. E será bem que façamos nós tambem a mesma conta, e que nos vamos apoz elles? Não, não, não queiramos tanto mal á nossa alma. Pois se algum dia ha de ser, se algum dia havemos de abrir os olhos, se algum dia nos havemos de resolver, porque não será neste dia?



Contas que a Deus hão de dar os  
desfavorecidos da sorte

V. nota do trecho *Tendencia das coisas para o nada*  
*Sermões, 1.º vol. 1854.*

Não só é dote da natureza a formosura, senão tambem a fealdade: não só as grandes forças, senão a fraqueza: não só o agudo entendimento, senão o rude: não só a perfeita vista, senão a cegueira: não só a saude, senão a enfermidade: não só a larga vida, senão a breve. Do mesmo modo nos bens que chamam da fortuna, não só é bem o illustre nascimento, senão o humilde: não só as dignidades altas, senão o logar e officio abatido: não só as riquezas, senão a pobreza: não só o descanso, senão os trabalhos: não só os successos prosperos, senão os adversos: não só os mandos, senão o ser mandado; nem só as victorias e triumphos, senão o ser vencido. Finalmente, nas graças, ou dons da graça, não só é graça o dom das linguas, mas o não saber fallar, ou ser mudo: não só o das letras e sciencias, senão o da ignorancia: não só o do conselho e discrição, senão o de não ter nem poder dar voto: não só o da ostentação e boato dos milagres, senão o de não ser em coisa alguma maravilhoso, senão totalmente desconhecido e desprezado.

A rasão desta verdade interior e providencia verdadeiramente divina, é porque todas estas coisas, posto que entre si contrarias, podem ser meios que igualmente nos levem á salvação e promovam á virtude, principalmente sendo distribuidos e dispensados por Deus, e applicados conforme o genio de cada um, que por isso diz o texto que foram dados os talentos: *Unicuique secundum propriam virtutem.* (Math. XXV—15) Assim que, tanto se podia aproveitar Rachel da sua formosura, como Lia da sua deformidade: tanto

Achitofel do seu entendimento, como Nabal da sua ru-deza: tanto Mathusalem dos seus novecentos annos, como o moço de Naim dos seus vinte: tanto Cresso dos seus thesouros, como Iro da sua pobreza: tanto Julio Cesar da sua fortuna, como Pompeu da sua des-graça: tanto Alexandre Magno das suas victorias, como Dario e Poro de elle os ter vencido: tanto Arão da sol-tura e eloquencia da sua lingua, como Moysés do im-pedimento da sua: tanto o subtilissimo Escoto da sua sciencia, como frei Junipero da sua simplicidade: tanto S. Pedro dos seus milagres, como o Baptista de nunca fazer milagre. D'aqui se segue, que tanta conta ha de pedir Deus ao rico da sua riqueza, como ao pobre da sua pobreza: tanta ao são da sua saude, como ao doente da sua enfermidade: tanta ao honrado da sua estima-ção, como ao affrontado da sua injuria: e tanta a to-dos do que deu a uns, como do que negou a outros; porque se o rico pôde grangear com o seu talento por meio da esmola, o pobre tambem pôde com o seu por meio da paciencia. E assim dos demais. Antes é certo que entre as coisas que se chamam prosperas, ou adversas, mais efficazes são para o merecimento as que mortificam a natureza, que as que lisongêam o appetite; e mais seguras para a salvação as que pezam e carregam para a humildade, que as que elevam e desvanecem para a soberba. Só souberam manejar uns e outros meios e aproveitar-se com igualdade de am-bos os talentos um S. Paulo, que dizia: *Scio et abundare, et scio esurire.* (Philip. IV—12) E um Job, que na mesma volta da sua primeira para a segunda for-tuna, disse: *Si bona suscepimus de manu Dei, mala quare non suscipiamus?* (Job. II. — 10) Mas estes ho-mens quadrados nascem poucas vezes no mundo. Os dados tão firmes se assentam com poucos pontos, co-mo com muitos; e tão direitos estão com as sortes, como com os azares.

## Contas dadas por um prelado no Tribunal Divino

V. a nota do trecho *Tendencia das coisas para o nada*

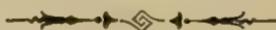
*Sermões, 1.º vol. 1854.*

Entre agora o prelado a dar conta e a ouvir em estatua o processo que depois da resurreição lhe será notificado em carne. Oh que espectaculo será apparecer descoroado da mitra, e despido dos paramentos pontificaes diante da magestade de Christo Jesus, aquelle a quem o mesmo Senhor auctorisou com o nome e poderes de seu vigario, e cuja humana e divina Pessoa representou nesta vida! *O pastor et idolum!* (Zach. XI—17) lhe dirá Christo: Tu que foste pastor no nome, e como idolo te contentaste com a adoração exterior que não merecias, dá conta. Não t' a peço das miserias occultas, senão das publicas e escandalosas de tuas mal guardadas e despresadas ovelhas. Eram miseraveis no temporal, e não trataste de remediar suas pobrezas, e eram muito mais miseraveis no espiritual, e não cuidaste de curar nem de preservar seus peccados. Se as rendas, que com tanta cubica recolhias, e com tanta avareza guardavas, eram o meu patrimonio, que eu acquiri, não menos que com o meu sangue, porque o não distribuiste aos meus verdadeiros acredores, que são os pobres? Porque o despendeste em carroças, criados e cavallos regalados, estando elles morrendo de fome; e em vestir as tuas paredes de oiro e seda, andando elles despidos e tremendo de frio? Se o zelo de teus ministros visitava as vidas dos pequeninos, tratando mais de se aproveitar das condenações, que de lhes emendar as consciencias; os peccados monstruosos dos grandes, que tão soberba e escandalosamente viviam na face do

mundo, como os deixaste triumphar com perpetua im-  
munidade, como se foram superiores ás leis da minha  
egreja?

Confesso, Senhor, responderá o prelado, que em  
uma e outra coisa faltei, mas não sem causa. O que  
despendi com minha casa e pessoa, foi para satisfazer  
aos olhos do vulgo, que só se leva destes exteriores,  
e para conservar a auctoridade do officio, e veneração  
da dignidade. E se contra os peccados dos grandes  
me não atrevi, foi porque os seus poderes são inexpu-  
gnaveis; e julguei por menos inconveniente não entrar  
com elles em batalha, que com affronta e desprezo  
das mesmas leis da egreja, ficar no fim da peleja ven-  
cido: e finalmente, Senhor, em uma e outra omissão  
seguí o exemplo universal, e o que usam neste officio  
os que com mais poderosas armas, e com maiores ju-  
risdicções que a minha, costumam em toda a parte  
fazer o mesmo. Ó ignorante, ó covarde, replicará  
Christo. Tão ignorante e covarde, como se não tiveras  
lido as escripturas, nem os canones e exemplos da  
mesma egreja. Por ventura Pedro e Paulo, e os ou-  
tros apostolos, que me imitaram a mim, e os seus  
verdadeiros successores, que os imitaram a elles, con-  
ciliavam a auctoridade das pessoas e do officio, ainda  
entre gentios, com os apparatus exteriores? Não sabes  
que esse mesmo povo, com cujos olhos te escusas, se  
por dares tudo aos pobres, te vissem desacompanha-  
do, só, e a pé pelas ruas, e ainda com os pés descalços,  
então se joelhariam todos diante de ti, e te adorariam?  
E quanto á covardia de te não atreveres com os gran-  
des, tendo a teu lado a espada de Pedro; contra quem  
se atrevia David, que foi o exemplar dos meus pastores?  
Entre as feras tomava-se com os leões, e entre os  
homens com os gigantes. Que fera mais fera que a  
imperatriz Eudoxia, e vê como a não temeu Chrysos-  
tomo; e que leão mais coroado que o imperador Theo-

dosio, e vê como o humilhou, e poz a seus pés Ambrosio. Finalmente, se não seguiste o valor destes, senão o que o que chamas costume dos outros, agora verás em ti e nelles, que se elles o costumam fazer assim, eu tambem costumo mandar ao inferno os que assim o fazem.



### Os papas e os bispos no juizo final

V. a nota do trecho *A reparação das desigualdades presentes*

*Sermões, 2.º vol. 1854.*

Sairão pois os anjos; vêde que suspensão e que tremor será o dos corações dos homens naquella hora. Sairão os anjos e irão primeiramente ao logar dos papas: *Et separabunt* (faz horror só imaginar, que em uma dignidade tão divina e em homens eleitos pelo Espírito Santo ha de haver tambem que separar.) *Et separabunt malos de medio justorum.* E separarão os pontífices máus d'entre os pontífices bons. Eu bem creio que serão muito raros os que se hão de condenar, mas haver de dar conta a Deus de todas as almas do mundo, é um peso tão immenso que não será maravilha que, sendo homens, levasse alguns ao profundo. Todos nesta vida se chamaram padres santos; mas o dia do juizo mostrará que a santidade não consiste no nome senão nas obras. Nesta vida beatíssimos, na outra malaventurados: Oh que grande miseria!

Sairão após estes outros anjos e irão ao logar dos bispos e arcebispos: *Et separabunt malos de medio justorum.* Lá vae aquelle porque não deu esmolas: aquelle porque enriqueceu os parentes com o patrimônio de Christo: aquelle porque, tendo uma esposa, procurou

outra melhor dotada: aquelle porque faltou com o pasto da doutrina a suas ovelhas: aquelle porque proveu as egrejas nos que não tinham mais merecimento que o de serem seus criados: aquelle porque na sua diocese morreram tantas almas sem sacramentos: aquelle por não residir: aquelle por simonias: aquelle por irregularidades: aquelle por falta do exemplo da vida e tambem algum por falta da sciencia necessaria, empregando o tempo e o estudo em divertimentos, ou da corte e não de prelado, ou do campo e não de pastor. Valha-me Deus, que confusão tão grande! Mas que alegres e que satisfeitos estarão neste passo, um São Bernardino de Sena, um São Boaventura, um São Domingos, um São Bernardo, e muitos outros varões santos e sizudos, que quando lhes offereceram as mitras, não quizeram subir á alteza da dignidade, porque reconheceram a do precipicio. Pelo contrario, que taes levarão os corações aquelles miseraveis condenados? Quantas vezes dirão dentro em si mesmos e a vozes: Maldito seja o dia em que nos elegeram, e maldito quem nos elegeu: maldito seja o dia em que nos confirmaram, e maldito quem nos confirmou. Se um homem mal pôde dar conta de sua alma, como a dará hão de tantas? Se este peso deu em terra com os maiores atlantes da egreja, quem não temerá e fugirá delle?



## Incoherencia do viver dos homens

V. nota do trecho *Pó levantado e pó caido* — Definições e allegorias.

*Sermões, 2.º vol. 1854.*

Quando considero na vida que se usa, acho que nem vivemos como mortaes, nem vivemos como immortaes. Não vivemos como mortaes, porque tratamos das coisas desta vida como se esta vida fôra eterna. Não vivemos como immortaes, porque nos esquecemos tanto da vida eterna, como se não houvera tal vida. Se esta vida fôra immortal, e nós immortaes, que havíamos de fazer, senão o que fazemos? Estae comigo. Se Deus, assim como fez um Adão, fizera dois, e o segundo fôra mais sizudo que o nosso, nós havíamos de ser mortaes, como somos, e os filhos do outro Adão haviam de ser immortaes. E estes homens immortaes que haviam de fazer neste mundo? Isto mesmo que nós fazemos. Depois que não coubessem no paraíso, e se fossem multiplicando, haviam-se de estender pela terra; haviam de conduzir de todas as partes do mundo, todo o bom, precioso e deleitoso que Deus para elles tinha criado; haviam de ordenar cidades e palacios, quintas, jardins, fontes, delicias, banquetes, representações, musicas, festas, e tudo aquillo que pudesse formar uma vida alegre e deleitosa. Não é isto o que nós fazemos? E muito mais do que elles haviam de fazer; porque o haviam de fazer com justiça, com rasão, com modestia, com temperança; sem luxo, sem soberba, sem ambição, sem inveja; e com concordia, com caridade, com humanidade. Mas como se ririam então e como pasmariam de nós aquelles homens immortaes! Como se ririam das nossas loucuras, como pasmariam da nossa cegueira, vendo-nos tão ocupados, tão sollicitos, tão desvelados

pela nossa vidazinha de dois dias, e tão esquecidos e descuidados da morte, como se foramos tão immortaes como elles! Elles sem dôr, nem enfermidade; nós enfermos e gemendo; elles vivendo sempre; nós merrando; elles não sabendo o nome á sepultura; nós enterrando uns a outros; elles gosando o mundo em paz; e nós fazendo demandas e guerras pelo que não havemos de gosar. Homemzinhos miseraveis, (haviam de dizer) homemzinhos miseraveis, loucos, insensatos, não vêdes que sois mortaes? Não vêdes que haveis de acabar ámanhã? Não vêdes que vos hão de meter debaixo de uma sepultura, e que de tudo quanto andaes afanando e adquirindo, não haveis de lograr mais que sete pés de terra! Que doidice e que cegueira é logo a vossa? Não sendo como nós, quereis viver como nós?

Assim é: *Morimur ut mortales: vivimus ut immortales;*<sup>1</sup> morremos como mortaes que somos, e vivemos como se foramos immortaes. Assim o dizia Seneca gentio á Roma gentia. Vós a isto dizeis que Seneca era um estoico. E não é mais ser christão que ser estoico? Seneca não conhecia a immortalidade da alma; o mais a que chegou foi a duvidal-a, e comtudo intendia isto.

---

### Cresça cada um dentro da sua especie

D'um sermão do advento prégado sobre o thema: *do jui-  
zo que cada um fórmā de si.*

*Sermões, 5.º vol. 1855.*

Contente-se cada um de crescer dentro de sua especie; contente-se cada um de crescer dentro da esphera do talento que Deus lhe deu e logo conhecerão

---

<sup>1</sup> Seneca de consolat. ad Mar. ep. 57 et ep. 117.

todos, que tem benção cada um no seu elemento. No ar contente-se a andorinha com ser andorinha: e que maior benção que poder morar nos palacios dos reis? No mar contente-se a remora com ser remora: e que maior fortuna que, sendo tamanina, poder ter mão em uma nau da India? Na terra contente-se a formiga com ser formiga: e que maior felicidade que ter o celleiro provido para o verão e para o inverno? Mas por todos os elementos se adoece de melancolia; porque nenhum se contenta com o crescer dentro da sua especie: a andorinha quer subir a águia: a remora quer crescer a baléa: a formiga quer inchar a elefante. Porque as formigas se fazem elefantes, não basta toda a terra para um formigueiro. Nas plantas temos iguaes exemplos deste engano e desta verdade. A arvore mais anã é maior que a erva gigante: e comtudo de quantas coisas aquenta o sol, nenhuma lhe é mais agradecida que esta erva. Desde que o sol nasce, até que se põe, vae sempre a erva gigante acompanhando-o desde a terra, seguindo-o com tanta inclinação e adorando-o com tanta reverencia, como vêmos. Pois, ervasinha do campo, que agradecimentos ao sol são estes? Não vêdes tantas arvores e tantas plantas que recebem do sol tanto mais que vós? Pois porque lhe haveis vós de ser a mais agradecida de todas? Porque me meço dentro da minha esphera; conheço que sou erva e acho que ninguem deve mais ao sol que eu, porque me fez gigante das ervas. Se cada um se medira com os compassos da sua esphera, oh quantos se haviam de achar gigantes! Porque vos haveis de descontentar da vossa benção, porque haveis de ser ingrato ao sol, se vos fez gigante das ervas? Não digo bem: se das ervas vos fez gigante? Oh quantos gigantes ha desagradecidos! Muito é de notar a tristeza de um cypreste em tanta altura! Se o cypreste lá de cima olhára para o vulgo das plantas e ainda para a no-

breza das arvores que lhe ficam abaixo, elle vivera não só contente, senão ainda soberbo. Mas o cypreste lá do alto descobre os cedros do monte Libano e como vê que a natureza os fez torres, vive elle descontente de ser pyramide. Como cada um se não mete e se não mede dentro da sua esphera, ainda que seja cypreste, que tantas vezes vê seus troncos sobre os altares, não pôde viver contente. Não digo que não trate cada um de crescer, mas conheça cada um o que é: *Tu quis es?* E depois cresça conforme a sua especie: *Secundum speciem suam.*



### ◎ juizo dos homens

**D'um sermão do advento, tendo por thema: que o juizo dos homens é mais temeroso que o de Deus.**

*Sermões, 3.º vol. 1854.*

Vêde que grande é a fidalguia do juizo de Deus. Appareceis diante do tribunal divino, accusam-vos os homens, accusam-vos os anjos, accusam-vos os demônios, accusam-vos vossas proprias obras, accusam-vos o céu, a terra, o mundo todo, se a vossa consciencia vos não accusa, estaes-vos rindo de todos. No juizo dos homens não é assim. Tereis a consciencia mais inocente que a de Abel, mais pura que a de José, mais justificada que a de S. João Baptista: mas se tiverdes contra vós um Caim invejoso, um Putifar mal informado, ou um Herodes injusto, ha de prevalecer a inveja contra a innocencia, a calumnia contra a verdade, a tyrannia contra a justiça, e por mais que vos esteja saltando e bradando dentro no peito a consciencia, não vos hão de valer seus clamores. Vêde que comparação tem este rigor com o do juizo de Deus.

Acho eu muita graça aos prégadores, que para nos representarem a terribilidade do juiso divino, trazem aquella auctoridade ou oraculo de Deus a Samuel: *Homo videt ea quæ parent, Dominus autem intuetur cor:* (1. Reg. XVI — 7) os homens vêem só os extei-riores, porém Deus penetra os corações: antes por isso mesmo é muito mais para temer o juiso dos homens: se os homens conhecerao os corações, se aos homens se lhes pudera dar com o coração na cara, então não havia que temer seus juízos. Que maior des-canço e que maior segurança, que trazer um homem sempre comsigo no seu coração a sua defeza? Accusaes-me, condemnaes-me, infamaes-me; quereis mil testimonhas, pois eil-as aqui, e mostrar-lhes o coração: *Bona conscientia mille testes.* Sabeis vós para quem não era boa invenção a de os homens verem os corações? Para os traidores, para os hypocritas, para os lisongeiros, para os mentirosos e para outra gente desta ralé; mas para os zelosos, para os verdadeiros, para os honrados, para os homens de bem, ó que grande costume, ó que grande felicidade fôra! Mas como a consciencia no juiso humano não val testimunha, quem leva a calumnia nas obras, que importa que tenha as defezas no coração?



### Exame de consciencia

D'um sermão do advento, ácerca dos diversos juízos a que estamos sujeitos.

*Sermões, 6.º vol. 1855.*

Christãos, (e não digo senhores, porque quizera que vos prezasseis mais de christãos) ponha-se cada um diante das imagens de seus peccados: *Peccatorum imagines contemplando:* cuide e considere nellas um

pouco, e verá como as idéas antigas que tinha na phantasia se lhe vão despintando, e como muda e emenda o juizo errado que de si mesmo fazia. Todos vos prezaes de honrados, todos vos prezaes de valerosos, todos vos prezaes de intendidos, todos vos prezaes de sizudos: quereis emendar esses epithetos? Virar os olhos para dentro aos peccados. Eu sou o que me tenho por honrado; e commetti tantas vezes uma vileza tão grande, como ser ingrato e infiel a meu Senhor e a meu Deus, que me creou e me remiu com seu sangue! Não sou honrado, sou vil. Eu sou o que me tenho por valoroso; e commetti tantas vezes uma fraqueza tão baixa, como deixar-me vencer de qualquer tentação, e virar as costas a Christo, sem resistir por seu amor, nem a um pensamento! Não sou valoroso, sou covarde. Eu sou o que me préso de intendido; e commetti tantas vezes uma ignorancia tão feia, como antepôr a creatura ao Creador, a summa miseria ao summo e infinito bem! Não sou intendido, sou nescio. Eu sou o que me préso de sisudo; e commetti tantas vezes uma loucura tão rematada, como arriscar por um appetite leve, por um instante de gosto, uma eternidade de gloria ou de inferno! Não sou sisudo, sou louco. Desta maneira emenda o juizo da penitencia os erros e as cegueiras do nosso. Em logar de sisudo, põe louco; em logar de discreto, nescio; em logar de valoroso, covarde; em logar de honrado, vil: e aquillo era o que cuidavamos, isto o que somos. Ninguem nos diz melhor o que somos que os nossos peccados.

## Oração vocal e oração mental

Do terceiro sermão do Rosario. O padre Vieira prégou todos os dias durante um mez na Bahia a proposito d'aquellea devoçāo, sendo a collecção d'essas praticas conhecida pela denominação de *Rosa Mystica*.

*Sermões, 14.º vol. 1857.*

Quanta é a diferença que tem (posto que estejam tão juntos) na rosa, o cheiro e a virtude: na arvore, a folha e o fructo: no mar, a concha e a perola: no céu, a aurora e o dia: no homem, o corpo e a alma: e para que o digamos por seus proprios termos, quanta é a vantagem que faz o intendimento á voz, tanta é a que tem (posto que irmãs entre si) a oração mental sobre a vocal. A vocal é o exterior da oração, a mental o interior: a vocal é a parte sensivel, a mental a que não se sente: a vocal é um corpo formado no ar, a mental o espirito que a informa e lhe dá vida. A vocal recita preces, a mental contempla misterios: a vocal falla, a mental medita: a vocal lê, a mental imprime: a vocal pede, a mental convence. A vocal pôde ser forçada, a mental sempre é voluntaria: a vocal pôde não sair do coração, a mental entra nelle e o penetra, e se é duro, o abranda. A vocal exercita a memoria, a mental discorre com o intendimento e move a vontade: a vocal caminha pela estrada aberta, a mental cava no campo, e não só cultiva a terra, mas descobre thesouros.



# © Padre nosso e a Ave Maria

Do 22.<sup>o</sup> sermão do Rosario

*Sermões, 15.<sup>o</sup> vol. 1858.*

Vós, que não entendéis o breviario por ser em outra lingua, rezai o rosario na vossa, e vede se ha palavra nas suas orações, que da lingua ao coração não excite ardentissimos affectos?

Se digo—padre-nosso, esta palavra me excita a amar um Deus, que me criou e de nada me deu o ser que tenho, e a não degenerar de filho de tão soberano pae. Se digo—que estás no céu, esta palavra me lembra que o céu e não a terra, é a minha patria e que viva na passagem deste mundo como quem ha de viver lá eternamente. Se digo—santificado seja o teu nome, esta palavra me ensina a veneração com que devo tomar na bocca o nome de Deus, e a verdade com que, sendo necessário, hei de jurar por elle. Se digo—venha a nós o teu reino, esta palavra verdadeiramente saudosa me amoesta do fim para que fui criado e que, se agora sirvo neste captiveiro entre os homens, é para depois reinar entre os anjos. Se digo—seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu, esta palavra conforma a minha vontade com a divina, para que, querendo o que elle quer, tudo o que se faz, ou sucede, seja tambem o que eu quero. Se digo—o pão nosso de cada dia nos dá hoje, nesta palavra me livro de todos os cuidados da vida e com os seguros thesouros de não desejar o superfluo, sou mais rico que todos os ambiciosos do mundo. Se digo—perdoainos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos, com este pequeno cabedal de perdoar o pouco que me devem, pago as infinitas dívidas de quanto devo a Deus, pelo que delle recebi e o tenho offendido. Se digo—não nos deixes cair em tentação, nesta palavra reconheço

para a cautella, a propria fraqueza, e me ponho na-  
quellas poderosas mãos, de quem só me pôde ter mão,  
para que não caia. Se digo finalmente—mas livrae-nos  
do mal, nesta ultima palavra confesso que muitos dos  
que tenho por bens, verdadeiramente são males, e que  
só me pôde livrar delles quem só os antevê e co-  
nhece.

As palavras da Ave-Maria, não são menos excellentes os affectos a que nos excitam. Se digo—Ave-Maria, nesta palavra saudo aquella Senhora que o é de toda a saude e sem cujo patrocinio ninguem alcançou a eterna. Se digo—cheia de graça, nesta palavra me persuado que a graça foi a sua maior felicidade e que todas as felicidades sem graça são a summa miseria. Se digo—o Senhor é contigo, esta palavra me anima a estar sempre com Deus por amor e obediencia, e jámais por nenhum caso me apartar delle. Se digo—benta és tu entre as mulheres, esta palavra me traz á memoria a maldição de Eva e a de quantos por causa de suas filhas teem sido malditos. Se digo—bento é o fructo do teu ventre, Jesus, esta palavra me avisa, que assim como aquelle fructo bemdito foi o Salvador, assim o de todas as minhas obras deve ser a salvação. Se digo—Santa Maria Mãe de Deus, esta palavra, fiado em sua benignidade, me prostra a seus soberanos pés para perpetuo escravo de tal Senhora e filho de tal mãe. Se digo—roga por nós peccadores, esta palavra me préga que o que sobre tudo devo procurar com maior ancia e com maior contrição, é o perdão dos peccados. E se finalmente digo—agora e na hora da nossa morte, esta palavra acaba de me desenganar que despreze e não faça caso de quanto acaba com a vida, e que a minha vida seja tal, como quizera ter vivido na morte e que esta pôde ser nesta mesma hora. Estes são parte dos affectos a que nos excitam as orações e palavras do rosario, por serem rezadas e

entendidas na nossa lingua vulgar: para que vejam as devotas do breviario, se são tantos e tão proveitosos, os que delle tiram em latim, como estes em portuguez.



## Fortuna dos escravos

Do 20º sermão do Rosario, prégado na presença de uma confraria de pretos.

*Sermões, 15.º vol. 1858.*

Só resta a ultima razão, ou sem razão, porque os senhores desprezam os escravos, que é a villeza e miseria da sua fortuna. Oh fortuna! E que mal considera a cegueira humana as voltas da tua roda? Virá tempo, e não tardará muito, em que esta roda dê volta, então se verá, qual é melhor fortuna, se a vil e desprezada dos escravos, ou a nobre e honrada dos senhores. Muitas vezes tendes ouvido a historia daquelle rico sem nome, e do pobre chamado Lazaro. O rico vivia em palacios doirados, e Lazaro ao sol e á chuva jazia na rua: o rico vestia purpuras e hollandas, e Lazaro, se estava coberto, era de chagas: o rico banqueteava-se esplendidamente todos os dias, e Lazaro, para matar a fome, não alcançava as migalhas que cahiam da sua meza. Pôde haver maior diferença de fortunas? Todos os que passavam e viam as delícias do rico, invejavam a sua felicidade; e todos os que não tinham asco de pôr os olhos em Lazaro, tinham compaixão da sua miseria. Senão quando chegou alli de repente a morte, deu um pontapé na roda da fortuna, e foi tal a volta em um momento, que Lazaro se achou descansando no seio de Abraham, e o rico arrendo no inferno. Clamava o triste por remedio, quando já não era tempo de remedio, e pedia uma gota

de agua a quem não tinha dado uma migalha de pão. Mas que resposta tiveram os seus clamores? Respondeu-lhe Abraham com este ultimo desengano, e tão justa como tremenda sentença: *Fili, recordare, quia recepisti bona in vita tua, et Lazarus similiter mala: nunc autem hic consolatur, tu vero cruciaris*: Lembrete, filho, do outro tempo e do outro mundo, e não estranharás que na tua fortuna, e na de Lazaro, vejas uma tão grande mudança: tu na tua vida gozaste os bens, e Lazaro padeceu os males; agora tu padeces os males, e elle logra os bens: *Fili, recordare*. Oh se os ricos e os Lazaros não esperaram pela outra vida para se lembrarem do que agora são, e do que podem ser depois!

Digam-me os ricos, quem foi este rico, e os pobres quem foi este Lazaro? O rico, foi o que são hoje os que se chamam senhores: e Lazaro foi o que são hoje os pobres escravos. Não são os senhores, os que vivem descansados em delicias, e os escravos em perpetua afflictão e trabalhos? Os senhores vestindo hollandas e rasgando sedas, e os escravos nus e despidos? Os senhores em banquetes e regalos; e os escravos morrendo á fome? Que muito logo, que, acabada a comedia desta vida, a fortuna troque as mãos, e que os que neste mundo lograram os bens, no outro padeçam os males; e os que agora padecem os males, depois tambem elles vão lograr os bens? E se alguem me disser que os escravos, que nesta vida padecem os males, tambem teem peccados, e os senhores, que logram os bens, tambem teem boas obras? Respondo que taes podem ser as obras boas de uns, e os muitos peccados dos outros, que uns e outros sejam a exceção desta regra. Mas, geralmente fallando, a sentença de Abraham é fundada no que ordinariamente succede. Dá a razão muito adequada S. Gregorio papa: *Mala Lazari purgavit ignis inopiae: bona divitis remuneravit*

*felicitas transeuntis vitae.* Lazaro tambem teria alguns peccados, como teem os escravos; mas esses purgaram-se pela sua pobreza, pela sua miseria, pelos seus trabalhos: e o rico tambem teria algumas boas obras, como hoje teem os senhores; mas essas pagou-lhas Deus com os bens que logram nesta vida. De sorte que os ricos teem nesta vida o seu paraíso, e os Lazaros e os escravos o seu purgatorio. Ensoberbeçam-se agora os senhores com a sua fortuna, e desprezem a dos seus escravos.



## A escravidão

Do 27.º sermão do Rosario, pregado diante de uma confraria d'escravos pretos.

*Sermões, 15.º vol. 1858.*

Uma das grandes cousas que se vê hoje no mundo e nós pelo costume de cada dia não admiramos, é a transmigração immensa de gentes e nações ethiopes, que da Africa continuamente estão passando a esta America. A armada de Enéas, disse o principe dos poetas, que levava Troya a Italia: *Ilium in Italianam portans*: e das naus que dos portos do Mar Atlântico estão successivamente entrando nestes nossos, com maior razão podemos dizer, que trazem a Ethiopia ao Brazil. Entra por esta barra um cardume monstruoso de baléas, salvando com tiros e fumos de agua as nossas fortalezas e cada uma pare um baleato: entra uma nau de Angola e desova no mesmo dia quinhentos, seiscentos e talvez mil escravos. Os israelitas atravessaram o Mar Vermelho e passaram da Africa á Asia, fugindo do captiveiro: estes atravessam o mar Oceano na sua maior largura e passam da mesma Africa á America para viver e morrer captivos. *Infelix genus*

*hominum* (disse bem delles Moffeo) *et ad servitutem natum*. Os outros nascem para viver, estes para servir. Nas outras terras do que aram os homens e do que fiam e tecem as mulheres, se fazem os commercios: naquelle o que geram os paes e o que criam a seus peitos as mães, é o que se vende e se compra. Oh trato deshumano, em que a mercancia são homens! Oh mercancia diabolica, em que os interesses se tiram das almas alhèas e os riscos são das proprias!

Já se depois de chegados olharmos para estes miseraveis e para os que se chamam seus senhores: o que se viu nos dois estados de Job, é o que aqui representa a fortuna, pondo juntas a felicidade e a miseria no mesmo theatro. Os senhores poucos, os escravos muitos; os senhores rompendo galas, os escravos despidos e nus; os senhores banqueteando, os escravos perecendo á fome; os senhores nadando em ouro e prata, os escravos carregados de ferros; os senhores tratando-os como brutos, os escravos adorando-os e temendo-os como Deuses; os senhores em pé apontando para o açoute, como estatuas da soberba e da tyrannia, os escravos prostrados com as mãos atadas atrás, como imagens villissimas da servidão e espectaculos da extrema miseria. Oh Deus! Quantas graças devemos á fé que nos destes, porque ella só nos captiva o entendimento, para que á vista destas desigualdades, reconheçamos comtudo vossa justiça e providencia. Estes homens não são filhos do mesmo Adão e da mesma Eva? Estas almas não foram resgatadas com o sangue do mesmo Christo? Estes corpos não nascem e morrem, como os nossos? Não respiram com o mesmo ar? Não os cobre o mesmo céo? Não os aquenta o mesmo sol? Que estrella é logo aquella que os domina, tão triste, tão inimiga, tão cruel?

.....

Sabei, pois, todos os que sois chamados escravos, que não é escravo tudo o que sois. Todo o homem é composto de corpo e alma; mas o que é e se chama escravo, não é todo o homem, senão só metade delle. Até os gentios, que tinham pouco conhecimento das almas, conheceram esta verdade e fizeram esta distinção. Homero, referido por Clemente Alexandrino, diz assim: *Altitonans Jupiter viro, quem alii servire necesse est, auferte dimidium.* Quer dizer, que aquelles homens a quem Jupiter fez escravos, os partiu pelo meio e não lhes deixou mais que uma metade que fosse sua; porque a outra metade é do senhor a quem servem. E qual é esta metade escrava e que tem senhor, ao qual é obrigada a servir? Não ha duvida que é a metade mais vil, o corpo. Excellentemente Seneca: *Errat, si quis existimat servitutem in totum hominem descendere: pars melior ejus excepta est.* Quem cuida que o que se chama escravo, é o homem todo. erra e não sabe o que diz: a melhor parte do homem, que é a alma, é isenta de todo o dominio alhéo e não pôde ser captiva. O corpo, e sómente o corpo, sim: *Corpus itaque est, quod domino fortuna tradidit. Hoc emit, hoc vendit: interior illa pars mancipio dari non potest.* Só o corpo do escravo (diz o grande philosopho) é o que deu a fortuna ao senhor: este comprou e este é o que pôde vender. E nota sapientissimamente, que o dominio que tem sobre o corpo, não lho deu a natureza senão a fortuna: *Quod domino fortuna tradidit;* porque a natureza como mãe, desde o rei ao escravo a todos fez eguaes, a todos livres. Fallando S. Paulo dos escravos e com escravos, diz que obedecam aos senhores carnaes: *Obedite dominis carnalibus* (Ephes. VI—5). E que senhores carnaes são estes? Todos os interpretes declararam que são os senhores temporaes, como os vossos, aos quaes servis por todo o tempo da vida: e chama-lhes o apostolo senhores carnaes, por-

que o escravo, como qualquer outro homem, é composto de carne e espirito, e o dominio do senhor sobre o escravo só tem jurisdicção sobre a carne, que é o corpo, e não se estende ao espirito, que é a alma.

.....

Crêde, crêde tudo o que vos tenho dito, que tudo, como já vos adverti, é de fé, e sobre esta fé levantae vossas esperanças, não só ao céo, senão ao que agora ouvireis que lá vos está aparelhado. Oh que mudança de fortuna será então a vossa e que pasmo e confusão para os que hoje teem tão pouca humanidade que a desprezam, e tão pouco entendimento que a não invejam! Dizei-me: se assim como vós nesta vida servis a vossos senhores, elles na outra vida vos houveram de servir a vós, não seria uma mudança muito notável e uma gloria para vós nunca imaginada? Pois sabei que não ha de ser assim, porque seria muito pouco. Não vos diz Deus, que quando servis a vossos senhores, não sirvaes como quem serve a homens, senão como quem serve a Deus: *Sicut Domino et non hominibus?* Pois esta grande mudança de fortuna, que digo, não ha de ser entre vós e elles, senão entre vós e Deus. Os que vos hão de servir no céo, não hão de ser vossos senhores: que muitos pôde ser que não vão lá: mas quem vos ha de servir é o mesmo Deus em Pessoa. Deus é o que vos ha de servir no céo, porque vós o servistes na terra.

.....

Tenho acabado o meu discurso, e parece-me que não faltado ao que vos prometti. E porque esta é a ultima vez que hei de fallar comvosco, quero acabar com um documento tirado das mesmas palavras, se muito necessario para vós, muito mais para vossos senhores: *Jechoniam et fratres ejus in transmigratione*

*Babylonis.* Este Jeconias e estes seus irmãos, quem foram? Todos foram reis e filhos de reis, e reis do reino de Judá, fundado pelo mesmo Deus e o mais famoso do mundo: e nada disto bastou para que não fossem levados captivos a Babylonia, e lá tractados como villissimos escravos; um carregado de cadéas, outro com grilhões nos pés, outro com os olhos arrancados, depois de vêr com elles matar em sua presença os proprios filhos. Em significação deste captiveiro andava o propheta Jeremias pelas ruas e praças de Jerusalem com uma grossa cadéa ao pescoço. E a esta acrescentou depois outras cinco, as quaes mandou aos reinos e reis confinantes, pelos seus embaixadores que residiam naquelle corte. Uma ao rei de Edom, outra ao rei de Moab, outra ao rei de Ammon, outra ao rei de Tyro, outra ao rei de Sidonia; porque todos no mesmo tempo haviam de ser captivos, como foram pelos exercitos dos chaldeus. Pois se os sceptros e corôas não livraram do captiveiro a tantos reis, e depois de adorados dos seus vassallos, se viram escravos dos estranhos; estas voltas tão notaveis da roda da fortuna vos devem consolar tambem na vossa. Se isto sucede aos leões e aos elefantes, que razão podem ter de se queixar as formigas? Se estes nascidos em palacios dourados e embalados em berços de prata, se viram captivos e carregados de ferros: vós nascidos e creados nas brenhas da Ethiopia, considerae as grandes razões que tendes para vos compôr com a vossa fortuna, tanto mais leve, e levar com bom coração os descontos della. O que haveis de fazer é consolar-vos muito com estes exemplos: sofrer com muita paciencia os trabalhos do vosso estado; dar muitas graças a Deus pela moderação do captiveiro a que vos trouxe; e sobre tudo aproveitar-vos delle para o trocar pela liberdade e felicidade da outra vida, que não passa, como esta, mas ha de durar para sempre.

Este foi o documento dos escravos. E os senhores terão tambem alguma coisa que tirar deste captiveiro de Babylonia? Parece que não. Eu (está dizendo cada um consigo), eu por graça de Deus sou branco e não preto; sou livre e não captivo; sou senhor e não escravo; antes tenho muitos. E aquelles que se viram captivos em Babylonia, eram pretos ou brancos? Eram captivos ou livres? Eram escravos ou senhores? Nem na côr, nem na liberdade, nem no senhorio, vos eram inferiores. Pois se elles se viram abatidos ao captiveiro, sendo necessario para isso descer tantos degraus, vós que com a mudança de um pé vos podeis ver no mesmo estado, porque não temeis o vosso perigo? Se sois moço, muitos annos tendes para poder experimentar esta mudança; e se velho, poucos bastam. Introduz Macrobio em um dialogo dois interlocutores, um chamado Pretextato, grande desprezador dos escravos, e outro que os defendia, chamado Evangelo. Este, pois, que só uma letra lhe faltava para Evangelho, diz assim a Pretextato: *Si cogitaveris tantumdem in utrosque licere fortunæ; tam tu illum videre liberum potes, quam ille te servum.* Se considerardes, ó Pretextato, que tanto poder tem a fortuna sobre os escravos, como sobre os livres, acharás que este que tu hoje vês escravo, ámanhã o podes ver livre: e que elle, que hoje te vê livre, ámanhã te pôde ver escravo. E senão dize-me: de que idade era Hecuba, Cresso e a mãe de Dario, e Diogenes, e Platão quando se viram captivos? *Nescis qua ætate Hecuba servire cœpit, qua Crœsus, qua Darii mater, qua Diogenes, qua Plato ipse?*

Senhores, que hoje vos chamaes assim, considerae que para passar da liberdade ao captiveiro, não é necessaria a transmigração de Babylonia e que na vossa mesma terra pôde succeder esta mudança e que nenhuma ha no mundo que mais a mereça e esteja cla-

mando por ella á divina justiça. Ouvi um pregão da mesma justiça divina por bocca do Evangelista S. João: *Si quis habet aurem, audiat* (Apocal. XIII—9): quem tem ouvidos e não é surdo aos ouvidos de Deus, oiça. E que ha de ouvir? Poucas palavras, mas tremendas: *Qui in captivitatem duxerit, in captivitatem vadet* (Ibidem—10): todo aquelle que captivar, será captivo. Olhae para os dois pólos do Brasil, o do Norté e o do Sul, e vede se houve jámais Babylonia, nem Egypto no mundo, em que tantos milhares de captiveiros se fizessem, captivando-se os que fez livres a natureza, sem mais direito que a violencia, nem mais causas que a cobiça e vendendo-se por escravos. Um só homem livre captivaram os irmãos de Joseph, quando o venderam aos ismaelitas para o Egypto: e em pena deste só captiveiro, captivou Deus no mesmo Egypto a toda a geração e descendentes dos que o captivaram, em numero de seiscentos mil e por espaço de quatrocentos annos. Mas para que ir buscar os exemplos fóra de casa e tão longe, se os temos em todas as nossas conquistas. Pelos captiveiros da Africa captivou Deus a Mina, Santo Thomé, Angola e Benguella: pelos captiveiros da Asia captivou Deus Maláca, Ceilão, Ormuz, Mascate e Cochim: pelos captiveiros da America captivou a Bahia, o Maranhão e debaixo do nome de Pernambuco quatrocentas legoas de costa por vinte e quatro annos. E porque os nossos captiveiros começaram onde começa a Africa, alli permittiu Deus a perda d'el-rei D. Sebastião, a que se seguiu o captiveiro de sessenta annos no mesmo reino.



## A igualdade humana

Do 20.º sermão do Rosario

*Sermões, 15.º vol. 1858.*

Quem negará que são os homens filhos de Adão? Quem negará que são filhos daquelle primeiro soberbo, o qual, não reconhecendo o que era e querendo ser o que não podia, por uma presunção vã se perdeu a si e a elles? Fêl-os Deus a todos de uma mesma massa, para que vivessem unidos, e elles se desunem: fêl-os iguaes, e elles se desigualam: fel-os irmãos, e elles se despresam do parentesco: e para maior exageração do esquecimento da propria natureza, baste o exemplo que temos presente. O domingo passado, falando na linguagem da terra, celebraram os brancos a sua festa do rosario, e hoje em dia e acto apartado festejam a sua os pretos, e só os pretos. Até nas coisas sagradas e que pertencem ao culto do mesmo Deus, que fez a todos iguaes, primeiro buscam os homens a distincção que a piedade.



## Predestinação dos pobres

Do 16.º sermão do Rosario

*Sermões, 15.º vol. 1858.*

A segunda questão que levantou S. Domingos, e a outra pergunta que fez aos demonios, foi esta: Quaes eram, entre todos os christãos, os que mais se condenavam? Quanto á primeira parte responderam a multidão dos demonios na voz dê um, que fallava por todos, desta maneira: dos nobres, dos poderosos, dos ricos e regalados, assim homens, como mulheres, te-

mos grande numero; porque a soberba, a ambição, a inveja, a vaidade, o luxo, os deleites da carne e os outros vicios que com estes se acompanham, em que continuam sem arrependimento, nem emenda até á morte, e os damnos que fazem com seu poder aos pequenos, que raramente ou nunca restituem, os levam quasi todos ao inferno. Porém da gente popular, humilde e dos rusticos do campo, em respeito deste grande numero, são muito poucos os que se condemnam; porque ainda que não sejam santos, a sua pobreza e o trabalho de suas mãos, com que sustentam a vida, e lhes leva todo o cuidado, os livram de muitos peccados, e dos mais graves, em que é facil a penitencia.

---

Em summa, senhores christãos, que os grandes, os nobres, os ricos, os poderosos, não entre os gentios, senão entre nós, são os que mais se condemnam. Já nos não podemos queixar, como o rico avarento, de que não viesse a este mundo um prégador do inferno, que referisse o que lá se passa, pois Deus mandou nesta occasião quinze mil prégadores do inferno, em confirmação do que prágava um prégador da terra. Oh cegueira! oh miseria! oh frieza e esquecimento da fé! De sorte que as grandezas, as nobrezas, as riquezas, que tanto procuram os que são ou desejam ser poderosos, e o fim por que desejam os mesmos poderes, estes são os meios certos por onde negoceiam e solicitam sua condemnação, os que neste mundo se teem por maiores e melhores que os demais. Os outros requerem diante delles, e elles são perpetuos requerentes do seu proprio inferno; e quanto mais bem despachados, tanto mais mofinos. Tão cegos, porém, com o fumo desta vaidade, e tão saboreados deste enganoso veneno, que não só vivem ale-

gres e contentes na sua miseria e dão graças à sua fortuna; mas desprezam e teem por vil a dos que elles com a falsa voz do mundo chamam gente de baixa condição, sendo estes, aquelles verdadeiramente bem-aventurados a quem Christo prometteu o reino do céu. Isto mesmo, que aqui pregararam os demonios, é o que pregou e ensinou Jesu-Christo. Não chamou bemaventurados os grandes, senão os pequenos: não os ricos, senão os pobres: não os que riem, senão os que choram: não os abundantes e fartos, senão os famintos: não os que passam a vida em prazeres e delícias, senão os que padecem: não os estimados e adorados, senão os desprezados e perseguidos. Que muito, logo, que dos que em tudo seguem, amam, estimam, professam e idolatram o contrario, esteja cheio o inferno, e sejam muito poucos os que se salvam? Já que não somos christãos pela fé de Christo, porque o não seremos ao menos pelos desenganos do demonio?

.....

Christo é a causa exemplar de todos os predestinados: *Quos præscivit, et predestinavit conformes fieri imaginis Filii sui.* (Rom. VIII—29) E qual foi o estado que Christo escolheu neste mundo? O de pobre, o de humilde, o da condição infima e plebêa, querendo o Filho de Deus ser reputado por filho de um official: *Fabri filius:* (Math. XIII—55) e ajudando a ganhar o pão com o trabalho de suas mãos e o suor do seu rosto. Logo o que veste a samarra no monte, o que rompe a terra com o arado no campo, o que maneja a serra, ou outro instrumento mecanico no povoado, esta gente humilde e popular, são os que Deus commummente predestinou para no céu lhe trocar a fortuna. Vêde-o nas accções, ou affectos deste mesmo evangelho. Houve quem admirou, houve quem louvou, houve quem blasphemou o milagre: mas quae-

foram uns e outros? Os que blasphemaram, foram só os grandes e poderosos, os escribas e fariseus: os que admiraram e louvaram, todos foram do povo. Os que admiraram, do povo. *Admiratæ sunt turbæ*, os que louvaram ou o que louvou, do povo: *Extollens vocem quædam mulier de turba*.

Oh quanto se enganou no que esperou, ou presun-  
iu de nós S. João Baptista! Não estranheis a pa-  
vra. Os prophetas eram prophetas e prégadores jun-  
tamente; como prophetas diziam o que havia de ser;  
como prégadores diziam o que era bom que fosse: e  
no successo d'isto se podiam enganar. Assim se enga-  
nou comnosco o Baptista. Cuidou que tanto que os  
homens vissem a Deus feito pequeno, não havia de  
haver quem quizesse ser grande, e que haviam de  
contender a quem havia de ser menor que todos, as-  
sim como hoje contendem a qual ha de ser maior:  
*Omnis vallis implebitur: et omnis mons et collis humiliabitur.* (Luc. III—5) Tanto que Deus aparecer no  
mundo, tão pequeno como um cordeiro, como eu o hei  
de mostrar com o dedo, os montes e os oiteiros se  
hão de abater e derribar por si mesmos, encher os  
valles, e não ha de haver altos e baixos na terra, tudo  
ha de ser igual. E que montes e oiteiros são estes?  
Os montes são os da primeira nobreza, e do primeiro  
poder; os oiteiros são os da segunda. E posto que na  
christandade temos exemplos de alguns, que voluntaria-  
riamente se abateram, os demais estão tão fóra disso  
e os mesmos valles tambem, que os valles aspiram a  
a ser oiteiros, os oiteiros a ser montes, os montes a  
ser Olimpos e exceder as nuvens. Mas nem por isso  
estão mais de perto do céo, senão muito mais longe.





# BRADOS PATRIOTICOS

---

Sermão pelo bem successo das armas  
portuguezas

Prégado na Bahia em 1640. É um dos mais conhecidos  
e admirados discursos patrioticos do padre Antonio  
Vieira, em que o seu genio oratorio desfere rasgados  
vôos de uma audacia sublime.

*Sermões, 1.º vol. 1854.*

Não hei de pregar hoje ao povo, não hei de fallar  
com os homens, mais alto hão de sair as minhas pa-  
lavras ou as minhas vozes: a vossa peito divino se ha-  
de dirigir todo o sermão. E' este o ultimo de quinze  
dias continuos, em que todas as egrejas desta Metro-  
pole, a esse mesmo throno de vossa patente Magesta-  
de teem representado suas deprecações; e pois o dia  
é o ultimo, justo será que nelle se acuda tambem ao  
ultimo e unico remedio. Todos estes dias se cançaram  
debalde os oradores evangelicos em pregar penitencia  
aos homens; e pois elles se não converteram, quero  
eu, Senhor, converter-vos a vós. Tão presumido venho  
de vossa misericordia, Deus meu, que ainda que nós

sómos os peccadores, vós haveis de ser o arrependido.

O que venho a pedir ou protestar, Senhor, é que nos ajudeis e nos liberteis: *Adjuva nos et redime nos.* Mui conformes são estas petições ambas ao logar e ao tempo. Em tempo que tão opprimidos e tão captivos estamos, que devemos pedir com maior necessidade senão que nos liberteis: *Redime nos?* E na casa da Senhora d'Ajuda, que devemos esperar com maior confiança, senão que nos ajudeis: *Adjuva nos?* Não hei de pedir pedindo, senão protestando e argumentando; pois esta é a licença e liberdade que tem quem não pede favor senão justiça. Se a causa fôra só nossa e eu viera a rogar só por nosso remedio, pedira favor e misericordia. Mas como a causa, Senhor, é mais vossa que nossa, e como venho a requerer por parte de vossa honra e gloria, e pelo credito de vosso nome: *Propter nomen tuum,* razão é que peça só razão, justo é que peça só justiça. Sobre este presupposto vos hei de arguir, vos hei de argumentar; e confio tanto da vossa razão e da vossa benignidade, que tambem vos hei de convencer. Se chegar a me queixar de vós, e a accusar as dilações de vossa justiça, ou as desattenções de vossa misericordia: *Quare obdormis: quare oblivisceris,* não será esta vez a primeira em que sofreastes similhantes excessos a quem advoga por vossa causa. As custas de toda a demanda tambem vós, Senhor, as haveis de pagar, porque me ha de dar a vossa mesma graça as razões com que vos hei de arguir, a efficacia com que vos hei de apertar e todas as armas com que vos hei de render. E se para isto não bastam os merecimentos da causa, suprirão os da Virgem Santissima, em cuja ajuda principalmente confio.

*Ave Maria*

## II

*Exurge, quare obdormis, Domine?* Querer argumentar com Deus e convencê-lo com razões, não só difficultoso assumpto parece, mas empreza declaradamente impossivel, sobre arrojada temeridade. *O' Homo, tu quis es, qui respondeas Deo? Numquid dicit figuratum ei, qui se finxit: Quid me fecisti sic?* (Rom. IX —20) Homem atrevido (diz S. Paulo), homem temerario, quem és tu, para que te ponhas a altercar com Deus? Por ventura o barro que está na roda e entre as mãos do official, põe-se ás razões com elle e diz-lhe porque me fazes assim? Pois se tu és barro, homem mortal, se te formaram as mãos de Deus da materia vil da terra, como dizes ao mesmo Deus: *Quare, quare*, como te atreves a argumentar com a sabedoria divina, como pedes razão á sua Providencia do que te faz, ou deixa de fazer? *Quare obdormis? Quare faciem tuam avertis?* Venera suas permissões, reverencêa e adora seus occultos juízos, encolhe os hombros com humildade a seus decretos soberanos e farás o que te ensina a fé, e o que deves á creatura. Assim o fazemos, assim o confessamos e assim o protestamos diante de Vossa Magestade infinita, immenso Deus, incomprehensivel bondade: *Justus es, Domine, et rectum judicium tuum.* (Psal. CXVIII—137) Por mais que nós não saibamos intender vossas obras, por mais que não possamos alcançar vossos conselhos, sempre sois justo, sempre sois santo, sempre sois infinita bondade; e ainda nos maiores rigores de vossa justiça, nunca chegaes com a severidade do castigo aonde nossas culpas merecem.

Se as razões e argumentos da nossa causa as houveramos de fundar em merecimentos proprios, temeridade fôra grande, antes impiedade manifesta, querer-vos arguir. Mas nós, Senhor, como protestava o

voçso Propheta Daniel: *Neque enim in justificationibus nostris prosternimus preces ante faciem tuam, sed in miserationibus tuis multis.* (Dan. IX—18) Os requerimentos e razões delles, que humildemente presentamos ante voçso divino conspecto, as appellações ou embargos que interpomos à execuçāo e continuaçāo dos castigos que padecemos, de nenhum modo os fundamos na presumpçāo de nossa justiça, mas todos na multidão de vossas misericordias: *In miserationibus tuis multis.* Argumentamos, sim, mas de vós para vós: appellamos, mas de Deus para Deus—de Deus justo, para Deus misericordioso. E como do peito, Senhor, vos hão de sair todas as settas, mal poderão offendere vossa bondade. Mas porque a dôr quando é grande sempre arrasta o affecto, e o acerto das palavras é descredito da mesma dôr, para que o justo sentimento dos males presentes não passe os limites sagrados de quem falla diante de Deus e com Deus, em tudo o que me atrever a dizer seguirei as pisadas solidas dos que em similhantes occasiões, guiados por voçso mesmo espirito, oraram e exoraram vossa piedade.

.....

Muita razão tenho eu logo, Deus meu, de esperar que haveis de sair deste sermão arrependido; pois sois o mesmo que ereis, e não menos amigo agora, que nos tempos passados, de voçso nome: *Propter nomen tuum.* Moysés disse-vos: *Ne quæso dicant:* Olhae, Senhor, que dirão. E eu digo e devo dizer: Olhae, Senhor, que já dizem. Já dizem os hereges insolentes com os successos prosperos que vós lhe daes ou permittis: já dizem que porque a sua, que elles chamam religião é a verdadeira, por isso Deus os ajuda e vencem; e porque a nossa é errada e falsa, por isso nos desfavorece e somos vencidos. Assim o dizem, assim o prégam, e ainda mal, porque não faltará quem os

creia. Pois é possivel, Senhor, que hão de ser vossas permissões argumentos contra a vossa fé? É possivel que se hão de occasionar de nossos castigos blasfemias contra vosso nome? Que diga o hereje (o que treme de o pronunciar a lingua), que diga o hereje, que Deus está hollandez? Oh não permittaes tal, Deus meu, não permittaes tal, por quem sois. Não o digo por nós, que pouco ia em que nos castigasseis: não o digo pelo Brazil, que pouco ia em que o destruisseis; por vós o digo e pela honra de vosso Santissimo Nome, que tão imprudentemente se vê blasfemado: *Propter nomen tuum*. Já que o perfido calvinista dos sucessos que só lhe merecem nossos peccados faz argumento da religião, e se jacta insolente e blasfemo de ser a sua a verdadeira, veja elle na roda dessa mesma fortuna, que o desvanece, de que parte está a verdade. Os ventos e tempestades que descompõem e derrotam as nossas armadas, derrotam e desbaratem as suas: as doenças e pestes que diminuem e enfraquecem os nossos exercitos, escalem as suas muralhas e despovoem os seus presídios: os conselhos que, quando vós quereis castigar, se corrompem, em nós sejam alumiados e nelles enfatuados e confusos. Mude a victoria as insignias, desafrontem-se as cruzes catholicas, triumphem as vossas chagas nas nossas bandeiras, e conheça humilhada e desenganada a perfidia, que só a fé romana, que professamos, é fé, e só ella a verdadeira e a vossa.

Mas ainda ha mais quem diga: *Ne quæso dicant ægyptii*: Olhae, Senhor, que vivemos entre gentios, uns que o são, outros que o foram hontem; e estes que dirão? Que dirá o tapuya barbaro sem conhecimento de Deus? Que dirá o indio inconstante, a quem falta a pia affeição da nossa fé? Que dirá o ethiope boçal, que apenas foi molhado com a agua do baptismo sem mais doutrina? Não ha duvida que todos es-

tes, como não teem capacidade para sondar o profundo de vossos juízos, beberão o erro pelos olhos. Dirão pelos efeitos que vêm, que a nossa fé é falsa, e a dos hollandezes a verdadeira, e crerão que são mais cristãos sendo como elles. A seita do hereje torpe e brutal concorda mais com a brutalidade do barbáro: a larguezza e soltura da vida, que foi a origem e o fomento da heresia, casa-se mais com os costumes depravados e corrupção do gentilismo: e que pagão haverá que se converta á fé, que lhe pregamos, ou que novo christão já convertido, que se não perverta, intendendo e persuadindo-se uns e outros, que no hereje é premiada a sua lei, e no catholico se castiga a nossa? Pois se estes são os efeitos, posto que não pertendidos, de vosso rigor e castigo, justamente começado em nós, porque razão se atéa e passa com tanto damno aos que não são cúmplices nas nossas culpas: *Cur irascitur furor tuus?* Porque continua sem estes reparos o que vós mesmo chamaste furor; e que não acabaes já de embainhar a espada de vossa ira?

Se tão gravemente offendido do povo hebreu, por um que dirão dos egípcios lhe perdoastes; o que dizem os herejes e o que dirão os gentios, não será bastante motivo para que vossa rigorosa mão suspenda o castigo, e perdão tambem os nossos peccados, pois, ainda que grandes, são menores? Os hebreus adoraram o ídolo, faltaram á fé, deixaram o culto do verdadeiro Deus, chamaram Deus e Deuses a um bezerro; e nós, por mercê de vossa bondade infinita, tão longe estamos e estivemos sempre de menor defeito, ou escrupulo nesta parte, que muitos deixaram a patria, a casa, a fazenda, e ainda a mulher e os filhos, e passam em summa miseria desterrados, só por não viver nem comunicar com homens que se separaram da vossa egreja. Pois, Senhor meu, e Deus meu, se por vosso amor e por vossa fé, ainda sem

perigo de a perder ou arriscar, fazem taes finezas os portuguezes: *Quare oblivisceris inopiæ nostræ et tribulationis nostræ;* porque vos esqueceis de tão religiosas miserias, de tão catholicas tribulações? Como é possivel que se ponha Vossa Magestade irada contra estes fidelissimos servos e favoreça a parte dos infieis, dos excommungados, dos impios?

Oh como nos podemos queixar neste passo, como se queixava o lastimado Job, quando, despojado dos sábios e caldeos, se viu como nós nos vemos, no extremo da oppressão e miseria: *Numquid bonum tibi videatur, si calumnieris me, et opprimas me opus manuum tuarum, et consilium impiorum adjuves?* (Job. X—3) Parece-vos bem, Senhor, parece-vos bem isto? Que a mim, que sou vosso servo, me opprimaes e afflijaes; e aos impios, aos inimigos vossos, os favoreçaes e ajudeis? Parece-vos bem que sejam elles os prosperados e assistidos de vossa providencia, e nós os deixados de vossa mão; nós os esquecidos de vossa memoria; nós o exemplo de vossos rigores; nós o despojo de vossa ira? Tão pouco é desterrarmo-nos por vós, e deixar tudo? Tão pouco é padecer trabalhos, pobrezas e os despresos que ellas trazem consigo, por vosso amor? Já a fé não tem merecimento? Já a piedade não tem valor? Já a perseverança não vos agrada? Pois se ha tanta diferença entre nós, ainda que máos, e aquelles perfidos, porque os ajudaes a elles e nos desfavoreceis a nós? *Numquid bonum tibi videatur: a vós, que sois a mesma bondade,* parece-vos bem isto?

### III

Considerae, Deus meu—e perdoae-me se fallo inconsideradamente—considerae a quem tiraes as terras do Brasil e a quem as daes. Tiraes estas terras aos

portuguezes, a quem no principio as déstes; e bastava dizer a quem as déstes, para perigar o credito de vosso nome, que não podem dar nome de liberal mercês com arrependimento. Para que nos disse S. Paulo que vós, Senhor, quando daes, não vos arrependeis: *Sine pœnitentia enim sunt dona Dei?* (Rom. XI — 29) Mas deixado isto á parte: tiraes estas terras áquelles mesmos portuguezes a quem escolhestes entre todas as nações do mundo para conquistadores da vossa fé, e a quem déstes por armas, como insignia e divisa singular, vossas proprias chagas. E será bem, Supremo Senhor e Governador do Universo, que ás sagradas quinas de Portugal e ás armas e chagas de Christo succedam as hereticas listas de Hollanda, rebeldes a seu rei e a Deus? Será bem que estas se vejam tremular ao vento victoriosas, e aquellas abatidas, arrastadas e ignominiosamente rendidas? *Et quid facies magno nomini tuo?* (Josué VII — 9) E que fareis (como dizia Josué) ou que será feito de vosso glorioso nome em casos de tanta affronta?

Tiraes tambem o Brasil aos portuguezes, que assim estas terras vastissimas, como as remotissimas do Oriente, as conquistaram á custa de tantas vidas e tanto sangue, mais por dilatar vosso nome e fé (que esse era o zelo daquelles christianissimos reis), que por amplificar e estender seu imperio. Assim fostes servido que entrassemos nestes novos mundos, tão honrada e tão gloriosamente, e assim permittis que saiamos agora (quem tal imaginaria de vossa bondade), com tanta affronta e ignominia! Oh como receio que não falte quem diga o que diziam os egypcios: *Callide eduxit eos, ut interficeret et deleret e terra:* (Exod. XXXII — 12) Que a larga mão com que nos déstes tantos domínios e reinos não foram mercês de vossa liberalidade, senão cautella e dissimulação de vossa ira, para aqui fóra e longe de nossa patria nos

matardes, nos destruirdes, nos acabardes de todo. Se esta havia de ser a paga e o fructo de nossos trabalhos, para que foi o trabalhar, para que foi o servir, para que foi o derramar tanto e tão illustre sangue nestas conquistas? Para que abrimos os mares nunca d'antes navegados? Para que descobrimos as regiões e os climas não conhecidos? Para que contrastamos os ventos e as tempestades com tanto arrojo, que apenas ha baixio no Oceano, que não esteja infamado com miserabilissimos naufragios de portuguezes? E depois de tantos perigos, depois de tantas desgraças, depois de tantas e tão lastimosas mortes, ou nas praias desertas sem sepultura, ou sepultados nas entrânhas dos alarves, das feras, dos peixes, que as terras que assim ganhamos, as hajamos de perder assim! Oh quanto melhor nos fôra nunca conseguir, nem intentar taes emprezas!

Mais santo que nós era Josué, menos apurada tinha a paciencia, e comtudo em occasião similhante não fallou (fallando comvosco) por differente linguagem. Depois de os filhos de Israel passarem ás terras ultramarinas do Jordão, como nós a estas, avançou parte do exercito a dar assalto á cidade de Hay, a qual nos eccos do nome já parece que trazia o prognostico do infeliz successo que os israelitas nella tiveram; porque foram rotos, e desbaratados, posto que com menos mortos e feridos do que nós por cá costumamos. E que faria Josué á vista desta desgraça? Rasga as vestiduras imperiaes, lança-se por terra, começa a clamar ao Céo: *Heu Domine Deus, quid voluisti traducere populum istum Jordanem fluvium, ut traderes nos in manus Amorrhæi?* (Josué VII—7) Deus meu, e Senhor meu, que é isto? Para que nos mandastes passar o Jordão, e nos mettestes de posse destas terras, se aqui nos haveis de entregar nas mãos dos Amorrheus e perder-nos? *Utinam mansissemus trans Jordanem!* (Ibid.) Oh nunca

nós passaramos tal rio! Assim se queixava Josué a Deus, e assim nos podemos nós queixar, e com muito maior razão que elle. Se este havia de ser o fim de nossas navegações, se estas fortunas nos esperavam nas terras conquistadas: *Utinam mansissemus trans Jordanem!* prouera a vossa Divina Magestade que nunca saíramos de Portugal, nem fiáramos nossas vidas ás ondas e aos ventos, nem conheceramos, ou puzeramos os pés em terras estranhas. Ganhal-as para as não lograr, desgraça foi e não ventura: possuirlas para as perder, castigo foi de vossa ira, Senhor, e não mercé, nem favor de vossa liberalidade. Se determinaveis dar estas mesmas terras aos piratas de Holllandia, porque lh'as não déstes em quanto eram agrestes e incultas, senão agora? Tantos serviços vos tem feito esta gente pervertida e apostata, que nos mandastes primeiro cá por seus aposentadores, para lhe lavrarmos as terras, para lhe edificarmos as cidades, e depois de cultivadas e enriquecidas lh'as entregardes? Assim se hão de lograr os herejes e inimigos da fé dos trabalhos portuguezes e dos suores catholicos? *En queis conserimus agros!* (Virgil.) Eis aqui para quem trabalhamos ha tantos annos! Mas pois vós, Senhor, o quereis e ordenaes assim, fazei o que fordes servido. Entregae aos hollandezes o Brasil, entregae-lhe as Indias, entregae-lhe as Hespanhas (que não são menos perigosas as consequencias do Brazil perdido), entregae-lhe quanto temos e possuimos (como já lhe entregastes tanta parte); ponde em suas mãos o mundo; e a nós, aos portuguezes e hespanhoes, deixae-nos, repudiae-nos, desfazei-nos, acabaе-nos. Mas só digo e lembro a Vossa Magestade, Senhor, que estes mesmos que agora desfavoreceis e lançaes de vós, pôde ser que os queiraes algum dia, e que os não tenhaes.

Não me atrevêra a fallar, se não tirara as palavras

da boca de Job, que, como tão lastimado, não é muito entre muitas vezes nesta tragedia. Queixava-se o exemplo da paciencia a Deus (que nos quer soffridos, mas não insensiveis), queixava-se do tesão de suas penas, demandando e altercando, porque se lhe não havia de remittir e afrouxar um pouco o rigor dellas: e como a todas as replicas e instancias o Senhor se mostrasse inexoravel, quando já não teve mais que dizer, concluiu assim: *Ecce nunc in pulvere dormiam, et si mane me quasieris, non subsistam.* (Job. VII—21) Já que não quereis senão continuar o rigor e chegar com elle ao cabo, seja muito embora, matae-me, consumi-me, enterrae-me: *Ecce nunc in pulvere dormiam:* mas só vos digo e vos lembro uma coisa: que se me buscardes ámanhã, que me não haveis de achar: *Et si mane me quæsieris, non subsistam.* Tereis aos sabeos, tereis aos caldeos, que sejam o roubo e o açoute de vossa casa; mas não achareis a um Job que a sirva, não achareis a um Job que a venere, não achareis a um Job, que ainda com suas chagas a não desauctorise. O mesmo digo eu, Senhor, que não é muito rompa nos mesmos affectos, quem se vê no mesmo estado. Abrasae, destrui, consumi-nos a todos; mas pôde ser que algum dia queiraes hespanhoes e portuguezes, e que os não acheis. Hollanda vos dará os apostolicos conquistadores, que levem pelo mundo os estandartes da cruz: Hollanda vos dará os prégadores evangelicos, que semêem nas terras dos barbaros a doutrina catholica e a reguem com o proprio sangue: Hollanda defenderá a verdade de vossos Sacramentos e a auctoridade da egreja romana: Hollanda edificará templos, Hollanda levantará altares, Hollanda consagrará sacerdotes e offerecerá o sacrificio de vosso Santissimo Corpo: Hollanda emfim vos servirá e venerará tão religiosamente como em Amsterdam, Meldeburg e Fli-

singa, e em todas as outras colonias daquelle frio e alagado inferno, se está fazendo todos os dias.

.....

Se acaso fôr assim (o que vós não permittaes), e está determinado em vosso secreto juiso que entrem os herejes na Bahia, o que só vos represento humildemente e muito devéras, é que antes da execução da sentença repareis bem, Senhor, no que vos pôde suceder depois, e que o consulteis com vosso coração, em quanto é tempo; porque melhor será arrepender agora, que quando o mal passado não tenha remedio. Bem estaes na intenção e allusão com que digo isto e na razão, fundada em vós mesmo, que tenho para o dizer. Tambem antes do diluvio estaveis vós mui colérico e irado contra os homens, e por mais que Noé orava em todos aquelles cem annos, nunca houve remedio para que se placasse vossa ira. Romperam-se emfim as cataratas do ceo, cresceu o mar até os cumes dos montes, alagou-se o mundo todo: já estará satisfeita vossa justiça; senão quando ao terceiro dia começaram a aboiar os corpos mortos e a surgir e apparecer em multidão infinita aquellas figuras palidas, e então se representou sobre as ondas a mais triste e funesta tragedia que nunca viram os anjos, que homens que a vissem, não os havia. Vistes vós tambem (como se o visseis de novo) aquelle lastimosissimo espectaculo, e posto que não chorastes, porque ainda não tinheis olhos capazes de lagrimas, enterneceram-se porém as entranhas de vossa Divindade, com tão intrinseca dôr: *Tactus dolore cordis intrinsecus* (Genes. VI — 6) que do modo que em vós cabe arrependimento, vos arrependerestes do que tinheis feito ao mundo, e foi tão inteira a vossa contricção, que não só tivestes pezar do passado, senão proposito firme de nunca mais o fazer: *Nequaquam ultra maledicam ter-*

*propter homines.* (Ibid. VIII — 21) Este sois, Se-  
r, este sois: e pois sois este, não vos tomeis com  
so coração. Para que é fazer agora valentias contra  
, se o seu sentimento e o vosso as ha de pagar  
sois? Já que as execuções de vossa justiça custam  
pendimentos á vossa bondade; vêde o que fazeis  
es que o façaes, não vos aconteça outra. E para  
o vejaes com côres humanas, que já vos não são  
anhas, dae-me licença que eu vos represente pri-  
ro ao vivo as lastimas e miserias deste futuro di-  
o, e se esta representação vos não enternecer, e  
rdes entranhas para o vèr sem grande dôr, execu-  
o embora.

Finjamos pois (o que até fingido e imaginado, faz  
r) finjamos que vem a Bahia e o resto do Brasil  
não dos hollandezes; que é o que ha de succeder  
tal caso? Entrarão por esta cidade com furia de  
cedores e de hereges: não perdoarão a estado, a  
o, nem a edade: com os fios dos mesmos alfanges  
dirão a todos: chorarão as mulheres, vendo que se  
guarda decóro á sua modestia: chorarão os velhos,  
do que se não guarda respeito a suas cãs: chora-  
os nobres, vendo que se não guarda cortezia á  
qualidade: chorarão os religiosos e veneraveis sa-  
dotes, vendo que até as corôas sagradas os não de-  
udem: chorarão finalmente todos, e entre todos mais  
imosamente os innocentes, porque nem a esses  
doará (como em outras ocasiões não perdoou) a  
humanidade heretica. Sei eu, Senhor, que só por  
or dos innocentes, dissetes vós alguma hora que  
era bem castigar a Ninive. Mas não sei que tem-  
, nem que desgraça é esta nossa, que até a mesma  
ocencia vos não abranda. Pois tambem a vós, Se-  
or, vos ha de alcançar parte do castigo (que é o que  
is sente a piedade christã), tambem a vós ha de  
gar.

Entrarão os herejes nesta egreja e nas outras: arrebatarão essa custodia, em que agora estaes adorados anjos: tomarão os calices e vasos sagrados, e applical-os-hão a suas nefandas embriaguezes: derribarão dos altares os vultos e estatuas dos santos, deformal-as-hão a cutiladas, e metel-as-hão no fogo: e não perdoarão as mãos furiosas e sacrilegas, nem ás imagens tremendas de Christo crucificado, nem ás da Virgem Maria. Não me admiro tanto, Senhor, de que hajaes de consentir similhantes agravos e affrontas na vossas imagens, pois já as permittistes em vosso sacratissimo corpo; mas nas da Virgem Maria, nas da vossa Santissima Mãe, não sei como isto pôde estar com a piedade e amor de Filho. No Monte Calvario esteve esta Senhora sempre ao pé da Cruz, e com serem aquelles algozes tão descortezes e crueis, nenhum se atreveu a lhe tocar nem a lhe perder o respeito. Assim foi e assim havia de ser, porque assim o tinhei vós promettido pelo Propheta: *Flagellum non appropinquarebit tabernaculo tuo.* (Psal. XC — 10) Pois, Filho da Virgem Maria, se tanto cuidado tivestes então do respeito e decôro de Vossa Mãe, como consentis agora que se lhe façam tantos desacatos? Nem me digaes Senhor, que lá era a pessoa, cá a imagem. Imagens sómente da mesma Virgem, era a arca do testamento e só porque Oza a quiz tocar, lhe tirastes a vida. Pois se então havia tanto rigor para quem offendia a imagem de Maria, porque o não ha tambem agora? Basta então qualquer dos outros desacatos ás coisas sagradas, para uma severissima demonstração vossa ainda milagrosa. Se a Jeroboão, porque levantou a mão para um propheta, se lhe secou logo o braço milagrosamente; como aos hereges, depois de se atreverem a affrontar vossos santos, lhes ficam ainda braços para outros delictos? Se a Balthasar, por beber pelos vasos do templo, em que não se consagrava vosso sangue

privastes da vida e do reino, porque vivem os hereges, que convertem vossos calices a usos profanos? já não ha tres dedos que escrevam sentença de morte contra sacrilegos?

Em fim, Senhor, despojados assim os templos, e ferribados os altares, acabar-se-hão no Brasil a christandade catholica: acabar-se-hão o culto divino: nascerá hera nas egrejas, como nos campos: não haverá juem entre nellas. Passará um dia de Natal, e não haverá memoria de vosso nascimento: passará a quaresma e a semana santa, e não se celebrarão os mysteios de vossa Paixão. Chorarão as pedras das ruas, como diz Jeremias que choravam as de Jerusalem lestruida: *Viae Sion lugent eo quod non sint qui veniant ad solemnitatem: (Thren. I -- 4)* Ver-se-hão erñas e solitarias, e que as não pisa a devoção dos fieis, como costumava em similhantes dias. Não haverá misas, nem altares, nem sacerdotes que as digam: morerão os catholicos sem confissão, nem sacramentos: pregar-se-hão heresias nestes mesmos pulpitos, e em ogar de São Jeronymo e Santo Agostinho, ouvir-se-hão e allegar-se-hão nelles os infames nomes de Calino e Luthero; beberão a falsa doutrina os innocentes que ficarem, reliquias dos portuguezes: e chegaremos a estado, que se perguntarem aos filhos e netos dos que aqui estão: Menino, de que seita sois? Um responderá, eu sou calvinista; outro, eu sou lutherano. Pois isto se ha de soffrer, Deus meu? Quando quizesses entregar vossas ovelhas a São Pedro, examinasse-l-o tres vezes se vos amava: *Diligis me, diligis me, diligis me? (S. Joan. XXI — 15)* E agora as entregaes desta maneira, não a pastores, senão aos lobos? Sois mesmo, ou sois outro? Aos hereges o vosso rebaño? Aos hereges as almas? Como tenho dito e noheeui almas, não vos quero dizer mais. Já sei, Senhor, que vos haveis de enternecer e arrepender, e que não

havéis de ter coração para vêr taes lastimas e taes estragos. E se assim é (que assim o estão promettendo vossas entranhas piedosissimas), se é que ha de haver dôr, se é que ha de haver arrependimento depois cessem as iras, cessem as execuções agora, que não é justo vos contente antes o de que vos ha de pesar em algum tempo.

.....

Já vos não allego, Senhor, com o que dirá a terra e os homens, mas com o que dirá o céo e o mesmo sol. Quando Josué mandou parar o sol, as palavras da lingua hebraica, em que lhe fallou, foram, não que parasse, senão que se callasse: *Sol tace contra Gabaon.* (Josué X — 12) Callar mandou ao sol o valente capitão, porque aquelles resplandores amortecidos com que se ia sepultar no occaso, eram umas lingoas mudas com que o mesmo sol o murmurava de demasiadamente vingativo: eram umas vozes altissimas com que desd'o céo lhe lembrava a lei de Deus, e lhe pregava que não podia continuar a vingança, pois elle se ia metter no occidente: *Sol non occidat super ira cundiam vestram.* E se Deus, como auctor da mesma lei, ordenou que o sol parasse, e aquelle dia (o maior que viu o mundo) excedesse os termos da natureza por muitas horas e fosse o maior; foi para que, concordando a justa lei com a justa vingança, nem por uma parte se deixasse de executar o rigor do castigo nem por outra se dispensasse no rigor do preceito. Castigue-se o Gabaonita, pois é justo castigá-lo; mas esteja o sol parado até que se acabe o castigo, para que a ira, posto que justa, do vencedor, não passe os limites de um dia. Pois se este é, Senhor, o termo prescripto de vossa lei; se fazeis milagres e taes milagres para que ella se conserve inteira, e se Josué mal da callar e emmudecer o sol, porque se não quei-

xe e dê vozes contra a continuação de sua ira; que quereis que diga o mesmo sol, não parado nem emmudecido? Que quereis que diga a lúa e as estrellas, já cançadas de vér nossas miserias? Que quereis que digam todos esses seus creados, não para apregoar vossas justiças, senão para cantar vossas glorias: *Cœli enarrant gloriam Dei?* (Psal. XVIII — 1.)

Finalmente, benignissimo Jesus, verdadeiro Josué e verdadeiro sol, seja o epilogo e conclusão de todas as nossas rasões o vosso mesmo nome: *Propter nomen tuum.* Se o sol estranha a Josué rigores de mais de um dia, e Josué manda callar o sol, porque lh'os não estranhe; como pôde estranhar vossa divina justiça que uzeis comnosco de misericordia, depois da execução de tantos e tão rigorosos castigos continuados, não por um dia ou muitos dias de doze horas, senão por tantos e tão compridos annos, que cedo serão doze? Se sois Jesus, que quer dizer Salvador, sède Jesus e sède Salvador nosso. Se sois sol e sol de justiça, antes que se ponha o deste dia, deponde os rigores da vossa. Deixaes já o signo rigoroso de Leão, e dæ um passo ao signo de Virgem, signo propicio e benefico. Recebei influencias humanas, de quem recebestes a humanidade. Perdoae-nos, Senhor, pelos me recimentos da Virgem Santissima. Perdoae-nos por seus rogos, ou perdoae-nos por seus imperios: que, se como creatura vos pede por nós o perdão, como Mãe vos pôde mandar, e vos manda que nos perdoeis. Perdoae-nos em fim, para que a vosso exemplo per doemos: e perdoae-nos tambem a exemplo nosso, que todos desde esta hora perdoamos a todos por vosso amor: *Dimitte nobis debita nostra, sicut et nos dimitti mus debitoribus nostris.* Amen.

## A união

Do sermão do Santissimo Sacramento prégado em Santa Engracia em 1662.

*Sermões, 7.º vol. 1855.*

As obras da natureza e as da arte todas se conservam e permanecem na união: e todas na desunião se desfazem, se destroem e se acabam. Esta maquina tão bem composta do mundo, com ser obra de braço omnipotente, que é o que a sustenta e a conserva, senão a perpetua e constante união de suas partes? Não vêmos o cuidado vigilantissimo com que a natureza anda sempre em vella sobre este ponto principal de sua conservação, violentando-se a si mesma (se é necessário) e fazendo subir os corpos pezados e descer os leves, só para impedir os damnos daquella desunião a que os philosophos chamam vacuo? Seis mil annos ha que dura o universo, sem se sentir, nem vêr nelle o menor signal de desunião, e por isso dura tanto: e quando finalmente chegar seu fim, a falta, ou a rotura desta união será o ultimo paroxismo de que ha de morrer o mundo. Esse foi o pensamento profundo do grão-príncipe da egreja, S. Pedro, o qual chamou ao fim do mundo desunião do universo; e para dizer que todas as coisas se hão de acabar, disse que todas se hão de desunir: *Cum igitur hæc omnia dissolvenda sint.* (2. Pet. III—41) Toda a vida (ainda das coisas que não teem vida) não é mais que uma união. Uma união de pedras é edificio: uma união de taboas é navio: uma união de homens é exercito. E sem esta união tudo perde o nome, e mais o ser. O edificio sem união, é ruina: o navio sem união, é naufragio: o exercito sem união, é despojo. Até o homem (cuja vida consiste na união de alma e corpo) com união é homem, sem união é cadaver. A maior obra da sabedoria e

da omnipotencia divina, que foi o composto ineffavel de Christo, consistia em duas uniões: uma união entre o corpo e a alma, e outra união entre a humanidade e o Verbo. Quando perdeu a primeira união, deixou de ser homem; se perdéra a segunda, deixara de ser Deus. O' Deus! O' homens! que só a vossa união vos ha de conservar, e só a vossa desunião vos pôde perder.

Perdeu-se a nossa estatua de Nabucho (que bem lhe podemos chamar nossa, pois nos servimos tanto della). Vejamos quem a perdeu. Estava ella em pé, robusta, ufana e soberba, promettendo-se duração eterna na riqueza, na formosura e na dureza dos metaes de que era composta; arranca-se uma pedra do monte, toca-lhe nos pés de repente, e no mesmo ponto caiu a estatua, desappareceram os metaes, e não ficaram della e delles mais que o logar e as cinzas. Notavel caso; mas mais notavel o tiro! Sei eu que a pedra de David foi direita á cabeça do gigante. Pois se a pedra do gigante tirou á cabeça, a da estatua porque tira aos pés? Não vos lembra que nos pés da estatua estava a desunião entre o barro e o ferro? Pois por isso o tiro se encaminhou aos pés, e não a outra parte, porque onde havia a desunião, alli estava certa a ruina. Nos corpos inteiros e unidos, como era o gigante, o melhor tiro é á cabeça; mas em corpos onde ha desunião, como era o da estatua, o mais seguro tiro é ao desunido, ainda que sejam os pés.

E adverti que não são necessarias muitas desuniões para uma total ruina. Unido estava o oiro, unida estava a prata, unido estava o bronze, e ainda o mesmo ferro em parte estava unido; mas bastou uma só desunião para dar com tudo em terra. Faça cada um muito escrupulo da sua desunião, porque pôde ser que della dependa ou a ruina, ou a conservação da estatua. Cuida a providencia politica que os reinos se

conservam com ferro e com bronze, e sobre tudo com oiro e com prata; e é engano. O que sustenta e conserva os reinos é a união. Muito ferro e muito bronze, muito oiro e muita prata tinha a estatua, mas porque lhe faltou a união, não lhe serviram de mais todos esses metaes bellicos e ricos, que de accrescentar maior pezo para a caída. Ainda não tenho dito a maior admiração. O oiro e a cabeça significava o imperio dos assyrios: a prata, o peito e os braços significavam o imperio dos persas: o bronze da cintura até o joelho significava o imperio dos gregos; o ferro do joelho até os pés significava o imperio dos romanos; e bastou uma só desunião para derribar e desfazer quatro imperios, dos mais valentes, dos mais poderosos, dos mais sabios e dos mais bem governados homens do mundo. Se quatro imperios com uma só desunião se arruinam e acabam; um reino, e não muito grande, dividido em muitas desuniões, que se pôde temer delle?

Ainda falta que ponderar, e é a corôa de tudo. A pedra que fez aquelle tiro fatal, com que de um golpe obrou tamanho estrago, que mão, e que impulso foi o que a tirou? O' caso estupendo e inaudito! *Abscissus est lapis sine manibus.* (Dan. II—45) Ninguem poz a mão na pedra, ella de per si se despegou, caiu, e rodou do monte, e desfez o que desfez. Aqui vereis quão facil é a ruina e quão apparelhada está onde ha desunião. Para derribar um reino e muitos reinos onde ha desunião, não são necessarias baterias, não são necessarios canhões, não são necessarios trabucos, não são necessarias ballas, nem polvora; basta uma pedra: *lapis*. Para derribar um reino e muitos reinos onde falta união, não são necessarios exercitos, não são necessarias campanhas, não são necessarias batalhas, não são necessarios cavallos, não são necessarios homens, nem um homem, nem um braço, nem uma

mão: *Sine manibus*. Nós temos muito boas mãos, e o sabem muito bem nossos competidores; mas se não tivermos união, nem elles haverão mister mãos para nós, nem a nós nos hão de valer as nossas.

Pois se na união está o remedio, e na desunião a ruina, porque nos não aconselharemos com a nossa mesma desunião, para nos unirmos? Será bem que nos demos nós as batalhas, para que nossos inimigos logrem as victorias? Não sabemos que a nossa desunião é a maior victoria que lhe podemos dar, com a nossa união a maior guerra que lhe podemos fazer? *Pax nostra bellum illi est*, disse lá o Tertuliano. Que importa que nos cancemos em fechar as cidades de muros, se a brecha está aberta nos corações? Que importa (outra vez) que fortifiquemos e muremos as cidades, se dentro dos muros e dentro da maior cidade temos a mais arriscada guerra, e o mais perigoso inimigo? Não basta que para conquistar Portugal convoque Castella todas as nações: tambem nós nos havemos de armar contra nós? Que todas as nações de Europa se alistem contra Portugal, ó que gloria! Mas que na guerra de Portugal se vejam tambem portuguezes contra portuguezes, ó que desgraça, por lhe não chamar outro nome! Que agravo, pergunto, e que offensa nos fez Portugal; ou que nos tem desmerecido a patria? Será justo que possa mais commosco o odio particular, que o amor publico? Será justo que por levantar uma casa, e abaixar outra, queiramos assolar todo o reino? Póde haver resolução mais mal intendida, que lançar a pique o navio em que vou embarcado, só porque meu inimigo se afogue? Mas vamos a esse inimigo. Já que esse inimigo e esse odio é tão irreconciliavel, porque não mataes esse inimigo? Responde a vossa bizarria que o não mataes, porque não ha causas para tanto. Agora vos convenci. Basta

que a vossa desunião não tem causas para matar um homem, e tem causas para matar um reino?

Pois estae certos que só a vossa desunião o pode matar. *Omne regnum in se ipsum divisum desolabitur:* (Luc. XI—17) Todo o reino desunido será assolado. E se alguem cuida que, sendo assolado o reino, pôde a sua casa ficar em pé, engana-se muito enganado. E senão veja o que continua Christo: *Et domus supra domum cadet.* (Ibid.) O reino dividido será assolado, e umas casas cairão sobre outras casas. Notae bem. Se umas casas hão de cair sobre as outras casas, segue-se que as mais altas hão de cair primeiro. Das casas mais humildes será a oppressão; mas das mais altas ha de ser a ruina. Pois se a ruina universal do reino, se a particular da casa de cada um não tem outro reparo, nem outra resistencia, nem outra conservação segura mais que a da nossa união, porque nos não uniremos todos? O' quem pudéra examinar este porquê! Os porquês desta desunião nenhuma coisa valem, nenhuma coisa montam, nenhuma coisa pezam, e as consequencias della montam tudo, pezam tudo, e levam tudo. Senhor, para vós só appello. Espero na efficacia daquelle divino mysterio, sacramento de amor e de união, que de tal maneira ha de assistir á força destas razões, e com tal força ha de unir a resistencia de nossas vontades, domando a rebeldia de nossos animos, quebrando a dureza de nossos affectos, e allumiando a cegueira e vaidade de nossos juízos, que hoje (neste grande dia) havemos de sair de sua presença todos unidos com Christo, e todos unidos entre nós. A'quelle Senhor havemos de dever nossa conservação, nossa defensa e nossa victoria, porque a elle havemos de dever nossa união: *In me manet, et ego in illo.*

Mas porque não pareça a algum menos confiado que prometto e fio dos poderes da união mais do que

della se deve esperar, quero conceder liberalmente tudo o que presumem contra nossa conservação assim os inimigos, como os neutraes, uns discorrendo com a vontade, outros com o intendimento. Não metto neste numero os nossos, porque desses nenhum ha que receie ou suspeite que podemos ser vencidos, ou conquistados. E verdadeiramente elles teem razão na experienzia, na qual se reforça ainda mais o meu argugumento. Se mal unidos fizemos tanto, bem unidos que faremos? Se mal unidos temos sido tão duros e tão impenetraveis, bem unidos e inteiros, quem nos romperá, ou quem nos resistirá? Mas tornemos aos que menos nos conhecem, e discorrem de fóra. Quando Portugal tão inopinadamente se restituui á sua liberdade, fizeram juiso sobre nossa conservação todos os politicos da Europa: uns a julgaram por arriscada e duvidosa: outros (e não eram poucos) por temeraria e impossivel. Assim o blazonam ainda hoje e o espalham pelo mundo nossos competidores; e segundo a fé desta voz, ou deste sonido, obram tambem ainda em nosso despeito os adoradores daquella potencia. Já os poderam ter desenganado vinte e dois annos de conservação, e vinte e dois de victorias. Se medem a monarchia de que nos separamos, como gigante, contem-lhe bem os golpes da cabeça e verão que Portugal é David. Mas quando a nossa conservação (como elles cuidam, ou dizem sem o cuidar) fóra empreza verdadeiramente impossivel, ainda digo e torno a dizer, que na nossa união estava segura, porque ella faria possivel esse impossivel, e ainda outros maiores.



## A ingratidão de Portugal

De um sermão de Santo Antonio, que por doença do padre Antonio Vieira não chegou a ser prégado em Roma em Santo Antonio dos Portuguezes.

*Sermões, 11.º vol. 1856.*

A terra mais occidental de todas é a Lusitania. E porque se chama Occidente aquella parte do mundo? Por ventura, porque vivem alli menos, ou morrem mais os homens? Não; senão porque alli vão morrer, alli acabam, alli se sepultam e se escondem todas as luzes do firmamento. Sáe no Oriente o sol com o dia coroado de raios, como rei e fonte da luz: sáe a lua e as estrellas com a noite, como tochas accesas e scintillantes contra a escuridade das trevas, sobem por sua ordem ao zenith, dão volta ao globo do mundo, resplandecendo sempre e allumiando terras e mares; mas em chegando aos horizontes da Lusitania, alli se affogam os raios, alli se sepultam os resplandores, alli desapparece e perece toda aquella pompa de luzes.

E se isto succede aos lumes celestes e immortaes, que nos lastimamos, senhores, de ler os mesmos exemplos nas nossas historias? Que foi um Affonso de Albuquerque no Oriente? Que foi um Duarte Pacheco? Que foi um D. João de Castro? Que foi um Nuno da Cunha, e tantos outros heroes famosos, senão uns astros e planetas lucidissimos, que assim como allumaram com estupendo resplendor aquelle glorioso seculo, assim escureceram todos os passados? Cada um era na gravidade do aspecto um Saturno, no valor militar um Marte, na prudencia e diligencia um Mercurio, na altiveza e magnanimidade um Jupiter, na fé e na religião, e no zelo de a propagar e estender entre aquellas vastissimas gentilidades um sol. Mas depois de voarem nas azas da fama por todo o mundo

estes astros, ou indigites da nossa nação, onde foram parar, quando chegaram a ella? Um vereis privado com infamia do governo, outro preso, e morto em um hospital, outro retirado e mudo em um deserto, e o melhor livrado de todos, o que se mandou sepultar nas ondas do Oceano, encommendando aos ventos levasssem á sua patria as ultimas vozes, com que della se despedia: *Ingrata patria, non possidebis ossa mea.*

Vede agora se tinha eu razão para dizer, que é natureza ou má condição da nossa Lusitania não poder consentir que luzam os que nascem nella. E vede tambem se podia Santo Antonio deixar de deixar a patria, sendo filho de uma terra onde se não consente o luzir, e tendo-lhe mandado Christo que luzisse: *Sic luceat lux vestra.*

---

## A gloria dos feridos

Do 3.º sermão de S. Francisco Xavier

*Sermões, 13.º vol. 1857.*

Qual de vós se não préza mais do sangue derramado na guerra, que do que traz vivo nas vêas? Até no amolgado da espada, no acutilado da rodela, e no passado da malha se estimam as feridas, ainda que secas. A maior gala do vencedor são as feridas e o sangue: nem ha modo mais airoso de sair da batalha, que victorioso e ferido. Como os successos felizes da guerra muitas vezes são liberalidades da fortuna e não merecimentos do valor, as victorias acreditam de venturoso, as feridas de valente. Quem venceu, podia não pelejar, e é a victoria alhêa: quem saiu ferido, pelejou, e fez com o sangue a victoria sua. Mas vejamos esta controversia decidida no juiso do mesmo Deus.

Muitos vencedores houve no mundo; mas vencedor que escolhesse a victoria, e o modo de vencer á sua vontade, um só houve, que foi Christo. E que victoria ou que modo de vencer escolheu Christo, senão o de ferido e com tanto sangue? Para remir e vencer o mundo, não era necessario a Christo padecer, nem derramar sangue; mas escolheu este modo de vencer, posto que tão custoso, não pela necessidade do remedio, senão pelo credito da victoria. Para ser vencedor do mundo, bastava vencel-o, mas para ser vencedor glorioso, havia de ser com sangue e com feridas. E senão vêde-o no seu triumpho.

---

### ◎ premio dos bons serviços

Do celebre sermão dos pretendentes, prégado na capella real em 1669.

*Sermões, vol. 1.º 1854.*

O premio das accções honradas, ellas o teem em si, e o levam logo comsigo; nem tarda, nem espera requerimentos, nem depende de outrem; são satisfação de si mesmas. No dia em que as fizestes, vos satisfizestes.

E se fóra de vós esperaveis outro premio, contentae-vos com o da opinião e da honra. Se vossos serviços são mal premiados, baste-vos saber que são bem conhecidos. Este premio mental assentado no juiso das gentes, ninguem vol-o pôde tirar, nem diminuir. Que importa que subaes mal consultado dos ministros se estaes bem julgado da fama? Que importa que saisseis escusado do tribunal, se o tribunal fica accusado? Passae pela chancellaria esse despacho, deixae-o por brasão a vossos descendentes e sereis duas vezes glorioso. Só vos dou licença que vos arrependaes de

ter pretendido. Pouco fez, ou baixamente avalia suas acções, quem cuida que lh'as podiam pagar os homens.

Se servistes a patria, que vos foi ingrata, vós fizestes o que devieis, ella o que costuma. Mas que paga maior para um coração honrado, que ter feito o que devia? Quando fizestes o que devieis, então vos pagastes. Ouvi ao Mestre Divino, que tudo nos ensinou. Dizia Christo a seus soldados, a quem encarregou não menos que a conquista do mundo, em que todos deram a vida: *Cum feceritis omnia, dicite: servi inutiles sumus.* (Luc. XVII.—10) Quando fizerdes tudo, dizei que sois servos inuteis. Notavel sentença! O servo inutil é aquelle que não faz nada; mas o que faz muito, e muito mais o que faz tudo, ha de cuidar, e dizer que é servo inutil? Sim. Ninguem intendeu melhor este texto, que o veneravel Beda. Não falla Christo da utilidade que recebe o senhor, senão da utilidade que não recebe o servo. O servo não recebe utilidade do seu serviço, porque é obrigado a servir: e assim ha de servir quem serve generosamente. O mesmo Christo se declarou, e deu a razão muito como sua: *Quod debuimus facere, fecimus*: O que deviamos fazer, isso fizemos. Quem fez o que devia, devia o que fez; e ninguem espera paga de pagar o que deve. Se servi, se pelejei, se trabalhei, se venci, fiz o que devia ao rei, fiz o que devia á patria, fiz o que me devia a mim mesmo: e quem se desempenhou de tamanhas dívidas não ha de esperar outra paga. Alguns ha tão desvanecidos, que cuidam que fizeram mais do que deviam. Enganam-se. Quem mais é, e mais pôde, mais deve. O sol e as estrelas servem sem cessar, e sempre com grande utilidade; mas essa toda é do universo e nada sua. Presae-vos lá de filhos do sol e tão illustres como as estrelas, e abatei-vos a mendigar outra paga!

Eu não pretendo com isto escusar os que vós ac-

cusaes. Porque vós sois benemerito, não devem elles ser injustos: antes aprender da vossa generosidade a ser generosos e liberaes. Que dão, ou que podem dar, a quem deu por elles o sangue? Mas porque ainda com o pouco que podem, faltam ao agradecimento, quero eu que vos não falte a consolação. Se vossos feitos foram romanos, consolae-vos com Catão, que não teve estatua no capitolio. Vinham os estrangeiros a Roma, viam as estatuas daquelles varões famosos e perguntavam pela de Catão. Esta pergunta era a maior estatua de todas. Aos outros poz-lhes estatua o senado; a Catão o mundo. Deixae perguntar ao mundo, e admirar-se de vos não vêr premiado. Essa pergunta e essa admiração é o maior e melhor de todos os premios. O que vos deu a virtude, não vol-o pôde tirar a inveja, o que vos deu a fama, não vol-o pôde tirar a ingratidão. Deixae-os ser ingratos, para que vós sejaes mais glorioso. Um grande merecimento sobre nma grande ingratidão fica muito mais subido. Se não houvesse ingratidões, como haveria finezas? Não deis logo queixas ao desagradecimento, dae-lhe graças.

Dir-me-heis que vêdes differentemente premiados os que fizeram menos, ou não fizeram nada. Dôr verdadeiramente grande! Já disse uma rainha de Castella (*In vita Joan.*—II) que os seus serviam como vassallos, os nossos como filhos. E não pôde deixar de ser grande escandalo do amor e grande monstruosidade da natureza, que fossem uns os filhos, e sejam outros os herdeiros. Mas essa mesma injustiça vos deve servir de consolação. Se o mundo, e o tempo fôra tão justo, que distribuira os premios pela medida do merecimento, então tinheis muita razão de queixa, porque vos faltava o testimunho da virtude, para que os mesmos premios foram instituidos. Mas quando as mercês não são prova de ser homem, senão de ter homem, e quando não significam valor, senão valia,

pouca injuria se faz a quem se não fazem. Dizia com verdadeiro juiso Marco Tullio, (Sent. Tul, laud e D. Hier.) que as mercês feitas a indignos não honram os homens, affrontam as honras. E assim é. As commendas em similhantes peitos não são cruz, são aspa; e quando se vêem tantos ensambenitados da honra, bem vos podeis honrar de não ser um delles. Sejam esses embora exemplo da fortuna, sêde-o vós da virtude. *Virtutem ex me, Fortunam ex aliis* (Virg. Æneid. —12.)

Finalmente se os homens vos são ingratos, não se jaes vós ingratos a Deus. Se os reis vos não dão o que podem, contentae-vos com que vos deu Deus, o que não podem dar os reis. Os reis podem dar titulos, rendas, estados; mas animo, valor, fortaleza, constancia, despreso da vida e as outras virtudes, de que se compõe a verdadeira honra, não podem. Se Deus vos fez estas mercês, fazei pouco caso das outras, que nenhuma vale o que custa. Sobre tudo lembre-se o capitão e soldado famoso de quantos companheiros perdeu, e morreram nas mesmas batalhas, e não se queixam. Os que morreram, fizeram a maior fineza, porque deram a vida por quem lh'a não pôde dar. E quem por mercê de Deus ficou vitorioso e vivo, como se queixará de mal despachado? Se não beijastes a mão real pelas mercês que vos não fez, beijae a mão da vossa espada, que vos fez digno delas. Olhe o rei para vós como para um perpetuo acreedor: e gloriae-vos de que se não possa negar de devedor vosso, o que é senhor de tudo. Se tivestes animo para dar o sangue e arriscar a vida, mostraes que tambem vos não falta para o soffrimento. Então batalhastes com os inimigos, agora é tempo de vos vencer a vós. Se o soldado se vê desrido, folgue de descobrir as feridas e de envergonhar com ellas a patria, por quem as recebeu. Se depois de tantas ca-

vallerias se vê a pé, tenha essa pela mais illustre carroça de seus triumphos. E se em fim se vê morrer á fome, deixe-se morrer e vingue-se. Perdel-o-ha quem o não sustenta, e perderá outros muitos com esse desengano. Não faltará quem diga por elle: *Quanti mercenarii abundant panibus, ego autem hic fame pereo!* (Luc. XV — 17) E este ingrato e escandaloso epitaphio será para sua memoria muito maior e mais honrada commenda, de quantas podem dar os que as dão em uma e muitas vidas.

---

### A causa portugueza

Do sermão pelo bom successo das nossas armas, pregado na capella real em 1643, na occasião em que D. João IV fôra para o Alemtejo animar o exercito com a sua presença.

*Sermões, 1.º vol. 1854.*

Grande causa, senhora, é a que põe hoje a vossa magestade aos pés de Christo, grande causa, portuguezes, é a que nos chama hoje a este logar; tão grande, que não pôde ser maior; tão grande, que ainda é maior do que parece. O que nesta materia vêem os olhos, é muito; o que discorre o intendimento, é tudo. É tão grande o empenho desta empreza, que não sei como declarar o que intendo delle. Deus nos dê o successo que esperamos, porque vejo nesta jornada empenhado todo o reino em corpo e em alma. Já acertei a o dizer: explicar-me-hei agora.

Primeiramente está empenhado o reino com todo o corpo; porque não só se abalou a cabeça, não só temos em campanha a el-rei, que Deus guarde, que basta para pôr o mundo em grande expectação, como a nós em grande cuidado. Mas para ser total o empenho, seguirão o exemplo e a cabeça, por união na-

tural, todos os membros da monarchia; os grandes, os titulos, a nobreza, a casa real, a corte, os requerentes, os letrados, as universidades inteiras, as pessoas particulares de todas as cidades e villas, os auxiliares das comarcas, os presidios das provincias, emfim, tudo. De maneira que havemos de considerar que temos em campanha, não um exercito de Portugal, senão Portugal em um exercito. De tal sorte é esta causa commum, que toca a todos em particular, e no mais particular de cada um. Lá vão os paes, lá os filhos, lá os maridos, lá as casas, lá os herdeiros, lá os corações, lá o remedio de todos. Os que cá ficamos, estamos fóra do exercito para o trabalho, mas marchamos com os demais para o perigo. Assim que todo o corpo do reino temos empenhado nesta empreza; e para que ao corpo lhe não faltasse o sangue, considerae as grandes despezas publicas e particulares que se teem feito, e quanta desgraça seria ficarem mal logradas.

Menos fóra estar empenhado o corpo do reino, se não levara tambem nesta occasião empenhada consigo a alma, que no juiso dos que adiantam os olhos ao futuro, importa mais que tudo. A alma dos reinos, principalmente em seus principios, é a opinião. Esta vae hoje buscar a Castella o nosso exercito. Difficulcosa empreza em que não imos só conquistar as forças de um reino, e muitos reinos, senão os juisos do mundo. Este ponto é o que nos deve pôr em maior cuidado que a mesma guerra. Quando Christo Senhor nosso prophetisou as guerras, que da sua até á nossa idade teem inquietado todos os seculos, disse que se haviam de levantar umas nações contra outras nações, e uns reinos contra outros reinos: *Surget gens contra gentem, et regnum adversus regnum:* (Luc. XXI—10) e para encarecer o perigo das mesmas guerras que annunciava, accrescenta (coisa muito digna de se notar)

que então não só havia de haver batalhas, senão também as opiniões das mesmas batalhas: *Audituri enim estis prælia, et opiniones præliorum.* (Math. XXIV—6) A mais perigosa consequencia da guerra, e a que mais se deve receiar nas batalhas é a opinião. Na perda de uma batalha arrisca-se um exercito; na perda da opinião arrisca-se um reino. Salomão, o rei mais sabio, dizia que melhor era o bom nome, que o oleo com que se ungiam os reis: *Melius est bonum nomen, quam oleum unctionis, quo ungebantur capita regum;* (Eccl. VII—2 *ex vers. Chald.*) porque a uncção pôde dar reinos, a opinião pôde tiral-os. E senão vêde a quanto mais nos empenha a reputação do reino, do que nos empenhou a restituição do rei. Para acclamar o rei, bastou a resolução de poucos homens; para reputar o reino ajuntamos exercitos de tantos mil. Para o primeiro bastaram poucos corações e poucas vozes; para o segundo são necessarios tantos braços e tantas vidas. Oh que grande peso de consequencias se abala hoje com o nosso exercito! O respeito dos inimigos, a inclinação dos neutraes, a firmeza dos aliados, tudo isto está hoje tremulando nas nossas bandeiras: *Speculum facti sumus mundo.* (1. Cor. IV—9) A batalha será nos campos de Badajoz; o successo está suspendendo os olhos e as attenções de todo o mundo. Roma, Hollanda, Castella, França, todos estão á mira com a mesma attenção, posto que com intentos diversos. Roma se ha de receber; Hollanda se ha de quebrar; Castella se ha de desistir; e até França, em cujo amor e firmeza não pôde haver duvida, está suspensa com os sobresaltos de amiga e interessada, que ainda que não façam mudança no coração, causam alteração no cuidado. A dieta de Allemanha não é a que menos observa este successo, para fundar os respeitos de suas resoluções, que por mais que o nosso direito seja tão

evidente, e a nossa causa tão justa, os reinos não os pesa a justiça na balança, mede-os na espada.

---

## Victorias de portuguezes

### V. a nota do trecho *A causa portugueza*

*Sermões, 1.º vol. 1854.*

Armaram os philistheus contra el-rei Saul tão poderoso exercito, que só os carros (em que naquelle tempo se pelejava) eram trinta mil, e a gente de pé tanta em numero, que, diz a escriptura, igualava ás aréas do mar. Que poder vos parece que seria bastante para vencer tal exercito? Accommeteu-o uma noite o principe Jonathas, acompanhado só do seu pagem da lança, e porque Deus os ajudava, bastaram só dois homens para meter em confusão e pôr em fuga a tantos mil. Chama a escriptura a isto não milagre, senão quasi milagre: *Et accidit quasi miraculum a Deo;* (1. Reg. XIV — 15) porque é Deus tão costumado a se pôr da parte dos menos, que ainda em similhantes maravilhas não excede as leis ordinarias de sua Providencia. Ainda não disse tudo. Menos é que dois homens um homem; menos é que um homem uma mulher; e um só David com uma funda venceu o exercito dos philistheus; e uma só Jael com um cravo desbaratou o poder de Jabin. E como Deus e não o numero dos soldados é o que dá as victorias, bem pôde Portugal, posto que menor, fiado no braço de Deus, sair a campo, não só com parte do poder contrario, senão com todo. Acontecer-nos-ha nos campos da Estremadura o que nos de Ourique com os mouros, e nos de Aljubarrota com os mesmos castelhanos, que vencer com numero igual nem é victoria

de Deus, nem de portuguezes: *Non enim in multitudo est virtus tua, Domine.*

---

## Valor dos soldados portuguezes

V. a nota do trecho *A causa portugueza*

*Sermões, 1.º vol. 1854.*

Primeiramente, que exercito entrou nunca em campanha com a confiança mais bem fundada no valor de seus soldados, e muito mais na qualidade delles, que o nosso? A Josué disse Moysés que escolhesse, e não que ajuntasse exercito: *Elige viros, et egressus, pugna contra Amalec.* (Exod. XVII — 9) O numero faz multidão, o valor e o exercicio faz exercito. Assim que, posto que sejam tantos mil, não havemos de estimar os nossos soldados, por quantos, senão por quaes são. São aquelles exercitados soldados, que, tendo dilatado a patria em suas conquistas, hão de mostrar agora quanto mais é pelejar nella, e por ella. São aquelles valorosos portuguezes, que nos mesmos hombros, em que tomaram o reino, ha cinco annos que sustentam as armas, tendo já tanto a guerra por exercicio, como a victoria por costume. São aquelles, (para deixar exemplos maiores) que, sitiados por um exercito, sessenta em S. Aleixo, primeiro renderam todos a vida que a praça, e acommettidos por outro exercito, oitenta em Jerumenha, defenderam a dez assaltos a praça e mais as vidas. Para que intendam os exercitos de Castella, ainda que foram de romanos, (o que nós não podemos negar nem ao seu valor, nem á sua sciencia militar, nem ao seu grande poder, nem ao nosso mesmo respeito, com que tudo isto reconhecemos) para que intendam, digo, que a menor aldeia de

Portugal quando se rende é Numancia, e quando se defende, Carthago. Ao passar do rio Pado contra Aníbal, para metter em confiança Scipião aos seus, lembrav-lhes que os soldados com que iam pelejar, eram aquelles que tantas vezes tinham vencido e de quem já tinham por premio da guerra Sículia e Sardenha: *Cum vis est vobis, milites, pugnandum, a quibus capta belli præmia Siciliam et Sardiniam habetis.* (Tit. Liv. Dec. III — l. 1.) Daqui inferiu o famoso capitão: *Erit igitur in hoc certamine vis vobis, illisque animus, qui victoribus, et victis esse solet;* e a mesma confiança pôde levar por consequencia o nosso exercito. Vão pelejar os portuguezes com aquelles que muitas vezes, em tempos passados, e algumas já nos presentes, teem vencido e de quem possuem por refens da victoria duas praças fortes, conquistadas e conservadas em suas proprias terras. Finalmente, os nossos soldados são todos portuguezes; os contrarios de nações diversas; e vae muito de pelejar com corações amorosos a resistir com braços comprados. A David disse Saul que lhe daria a desejada posse de Michol, a quem muito amava, se lhe trouxesse cem cabeças de philisteus. Entrou na batalha e como pelejava com amor, trouxe duzentas. Que portuguez haverá que não seja David, se para cada um a patria é a sua Michol? Nelles se cumprirá o que disse Platão, que, se se formasse um exercito de namorados, seria invencivel.



## Confiança em Deus

Do sermão do dia de Reis, pregado na Bahia em 1641  
em acção de graças pelas victorias alcançadas sobre os hollandezes.

*Sermões, 7.º vol. 1855.*

E se Deus segurou bem sua gloria contra nossa ingratidão no numero dos soldados, não a tem menos segura por certo na fraqueza e desigualdade das armas. Porque entrando os nossos na batalha com tão poucas armas de fogo, como sabemos; e muitos com as espadas e capas com que passeavam na praça, que intendimento ou que experiência humana havia de presumir, que poderiam sair vencedores de tanto numero de hollandezes, soldados velhos, costumados a vencer, e tão bem providos de armas? Mas como o invisivel braço de Deus governava a guerra, e nos impossiveis da nossa fraqueza queria justificar os meritos de sua gloria, antes de se cerrarem as quatro horas continuas daquella desigual batalha, estavam tão trocadas as mãos, que já os alfanges hollandezes pelejavam da nossa parte; e as clavinas que elles carregaram contra nós, nós as descarregavamos nelles venturosamente. Ora pelejae, pelejae, poucos mas valerosos portuguezes, pelejae, e vencei animosamente, que ainda Deus é por nós. Não peças socorro de armas á Bahia, não peças ao Rio de Janeiro, que um e outro ha de chegar tarde: pedi o socorro ao céo, pedi as armas a Deus, que é sua divina providencia tão cuidadosamente prevenida para com vosco, que nos mesmos armazens do Recife vos está fazendo provisão de armas; e nos mesmos navios hollandezes vol-as manda juntamente com elles, para que cheguem a tempo á milagrosa defensa. Quem dissera aos hollandezes quando estavam alimpando os alfanges, e pre-

parando as clavinas para esta facção, quem lhes dissera que preveniam os instrumentos de sua ruina; e que com aquellas clavinas haviam de ser mortos, com aquelles alfanges degollados?! Mas essas são as glorias de Deus, essas as traças de sua sabedoria, essas as valentias de sua omnipotencia, que dos mesmos inimigos se serve, e de suas mesmas armas se ajuda, para dar as victorias contra elles, a quem é servido.





# CONSELHOS POLITICOS E ECONOMICOS

---

## Sermão de Santo António pregado ás Córtes

Prégado em Lisboa em 14 de setembro de 1642, tendo-se publicado para o dia seguinte as cōrtes destinadas a votarem novos impostos para as despezas da guerra com Castella. Havia desintelligencias entre os tres estados ácerca do modo de repartir os encargos. Na sua admiravel oração o padre Vieira deduziu engenhosamente do thema *Vos estis sal terræ a mais equitativa doutrina ácerca do lançamento d'impostos*, realçada pela subtileza de uma argumentação cerrada.

*Sermões, 9.º vol. 1856.*

A' arca do testamento (que assim lhe chamou Gregorio IX), ao martello das heresias (que este nome lhe deu o mundo), ao defensor da fé, ao lume da egreja, á maravilha de Italia, á honra de Hespanha, á gloria de Portugal, ao melhor filho de Lisboa, ao cherubim mais eminente da religião serafica, celebramos festa hoje. Necessario foi que o advertissimos, pois o dia o não suppõe, antes parece que diz outra coisa. Celebramos festa hoje, como dizia, ao nosso portuguez Santo Antonio; e se havemos de reparar em circunstancias de tempo, não é a menor difficuldade da festa, o celebrar-se hoje? Em quatorze de setembro

Santo Antonio? Se já celebrámos universalmente suas sagradas memorias em treze de junho, como torna agora em quatorze de setembro? Intendo que não vem Santo Antonio hoje por hoje, senão por ámanhã. Estavam publicadas as côrtes do reino para quinze de setembro; vem Santo Antonio aos quatorze, porque vem ás côrtes. Como ha dias que o céu está pela corrôlea de Portugal, manda tambem seu procurador o céu ás côrtes do reino. Algumas sombras disto havemos de achar entre as luzes do evangelho. Com tres similitanças é comparado Santo Antonio, ou com tres nomes é chamado neste evangelho. E' chamado sal da terra: *Vos estis sal terræ*: é chamado luz do mundo: *Vos estis lux mundi*: é chamado cidade sobre o monte: *Non potest civitas abscondi supra montem posita*. Esta ultima similitança me faz difficultade.

Que Santo Antonio se chame sal da terra, sua grande sabedoria o merece: que se chame luz do mundo, os raios de sua doutrina, os resplandores de seus milagres o approuvam; mas chamar-se cidade Santo Antonio: *Non potest civitas abscondi*! Um santo chamar-se uma cidade? Sim. Em outro dia fôra mais difficultosa a resposta; mas hoje, e no nosso pensamento, é muito facil. Chama-se cidade Santo Antonio, porque os procuradores de côrtes são cidades: são cidades pela voz, são cidades pelo poder, são cidades pela representação; e assim dizemos que veem ás côrtes as cidades do reino e não veem ellas, senão seus procuradores. E como os procuradores de côrtes são cidades por esta maneira, muito a proposito vem Santo Antonio hoje representado em uma cidade, porque é cidade por representação. Mas que cidade? *Civitas supra montem posita*: cidade posta em cima, ou acima dos montes. Clara está a descripção, se a interpretamos mysticamente. Cidade acima dos montes, não ha outra senão a Jerusalem do céu, a cidade da

gloria: *Civitas, de qua dicitur, gloriosa dicta sunt de te, civitas Dei*, commenta Hugo Cardeal. E por parte desta cidade do céu temos hoje na terra a Santo Antonio.

Na egreja de Santo Antonio se costumam cá fazer as eleições dos procuradores de côrtes; e tambem no céu se fez a eleição na pessoa de Santo Antonio. E foi a eleição do céu com toda a propriedade; porque, ainda humanamente fallando e pondo Santo Antonio de parte o habito e o cordão, parece que concorrem nelle com eminencia as partes e qualidades necessarias para este officio publico. As qualidades que constituem um perfeito procurador de côrtes, são duas: ser fiel e ser estadista. E quem se podia presumir mais fiel e ainda mais estadista, que Santo Antonio? Fiel como portuguez, Santo Antonio de Lisboa; estadista como italiano, Santo Antonio de Padua. Deu-lhe a fidelidade a terra propria; a razão de estado as estranhas. Isto de razão de estado, com ser tão necessaria aos reinos, nunca se deu muito no nosso (culpa de seu demasiado valor); e os portuguezes que usam e praticam com perfeição, mais a devem á experien- cia das terras alheias, que ás influencias da propria. E como Santo Antonio andou tantas e tão políticas em sua vida, Hespanha, França, Italia, ainda nesta parte ficava mui acertada a eleição de sua pessoa, quanto mais crescendo sobre estes talentos os outros maiores de seu zelo, de sua sabedoria, de sua santidade.

Só fará escrupulo nesta materia o genio tão conhecido de Santo Antonio, segundo o qual parece que era mais conveniente sua assistencia em côrtes que se fizessem em Castella, que nestas que celebramos em Portugal. Os intentos de Castella são recuperar o perdido; os intentos de Portugal são conservar o recuperado. E como deparar coisas perdidas, é o genio e a graça particular de Santo Antonio, a Castella pa-

rece que convinha a assistencia de seu patrocinio, que a nós por agora não. Quem nos ajude a conservar o ganhado, é o que havemos mister. Ora, senhores, ainda não conhecemos bem a Santo Antonio? Santo Antonio para os estranhos é recuperador do perdido; para com os seus é conservador do que se pôde perder. Caminhava o pae de Santo Antonio a degollar (assim o dizem muitas historias, inda que alguma falle menos nobremente), e chegando já ás portas da Sé, e ás suas, eis que apareceu o santo milagrosamente, fez parar os ministros da justiça, resuscita o morto, declara-se a innocencia do condemnado e fica livre. Pergunto: Porque não esperou Santo Antonio que morresse seu pae, e depois de morto lhe restituiu a vida? Não é menos fundada a duvida que no exemplo de Christo Senhor nosso, de quem diz o texto de S. João que, avisado da enfermidade de Lazaro, de proposito se deteve e o deixou morrer, para depois o resuscitar. *Destulit sanare, ut posset resuscitare*, ponderou o Chrysologo: que lhe dilatou a saude, porque lhe quiz resuscitar a vida. Pois se é mais gloriosa acção e mais de Christo resuscitar uma vida, que impedir uma morte, porque o não fez assim Santo Antonio?

Não fôra maior milagre, não fôra mais bizarra maravilha acabar o verdugo de passar o cutello pela garganta do pae e no mesmo ponto aparecer sobre o theatro o filho, ajuntar a cabeça ao tronco, levantar-se o morto vivo, pasmarem todos, e não crêrem o que viam, ficando só da ferida um fio subtilmente vermelho, para fiador do milagre? Pois porque o não fez Santo Antonio assim? Se tinha virtude milagrosa para resuscitar; se resuscitou alli um morto; se resuscitou outros muitos em diversas occasões; porque não esperou um pouco para resuscitar tambem a seu pae? Porquê? Porque era seu pae. Aos estranhos resuscitou-os, depois de perderem a vida; a seu pae defen-

deu-lhe a vida, para que não chegasse a perdel-a; aos estranhos remedéa; mas ao seu sangue preserva. Christo Senhor nosso foi Redemptor universal do genero humano, mas com diferença grande. A todos os homens geralmente livrou-os da morte do peccado, depois de incorrerem nelle; mas a sua Mãe preservou-a, para que não incorresse: aos outros deu-lhes a mão, depois de cairem; a sua Mãe teve-a mão, para que não caisse: dos outros foi Redemptor por resgate; de sua Mãe por preservação. Assim tambem Santo Antonio. Aos estranhos resuscitou-os depois de mortos; a seu pae conservou-lhe a vida, para que não morresse; que essa diferença faz o divino portuguez dos seus aos estranhos. Para com os estranhos é recuperador das coisas perdidas; para com os seus é tambem preservador de que se não percam. Por isso com bem occasionada propriedade se compara hoje no evangelho ao sal: *Vos estis sal terræ*. O sal é remedio da corrupção, mas remedio preservativo: não remedéa o que se perdeu; mas conserva o que se pudéra perder, que é o de que temos necessidade.

Supposto isto, nenhuma parte lhe falta a Santo Antonio, antes todas estão nelle em sua perfeição, para o officio que lhe consideramos de procurador do céu nas nossas côrtes. Como tal dirá o Santo hoje seu parecer a respeito da conservação do reino.

.....

A costa de que se havia de formar Eva, tirou-a Deus a Adão dormindo, e não accordado, para mostrar quão difficultosamente se tira aos homens, e com quanta suavidade se deve tirar ainda o que é para seu proveito. Da creaçao e fabrica de Eva dependia não menos que a conservação e propagaçao do genero humano; mas repugnam tanto os homens a deixar arrancar de si aquillo que se lhes tem convertido em

carne e sangue, ainda que seja para bem de sua casa, e de seus filhos, que por isso traçou Deus tirar a costa a Adão, não accordado, senão dormindo: adormeceu-lhe os sentidos, para lhe escusar o sentimento. Com tanta suavidade como isto, se ha de tirar aos homens o que é necessario para a sua conservação. Se é necessario para a conservação da patria, tire-sé a carne, tire-se o sangue, tirem-se os ossos, que assim é razão que seja; mas tire-se com tal modo, com tal industria, com tal suavidade, que os homens não o sintam, nem quasi o vejam. Deus tirou a costa a Adão, mas elle não o viu, nem o sentiu; e se o soube, foi por revelação. Assim aconteceu aos bem governados vassallos do imperador Theodorico, dos quaes por grande gloria sua dizia elle: *Sentimus auctas illationes, vos addita tributa nescitis*: Eu sei que ha tributos, porque vejo as minhas rendas accrescentadas: vós não sabeis se os ha, porque não sentis as vossas diminuidas. Razão é que por todas as vias se accuda á conservação; mas como somos compostos de carne e sangue, obre de tal maneira o racional, que tenha sempre respeito ao sensitivo. Tão asperos podem ser os remedios, que seja menos feia a morte, que a saude. Que me importa a mim sarar do remedio, se hei de morrer do tormento?

Divina doutrina nos deixou Christo desta moderação na sujeita materia dos tributos. Mandou Christo a S. Pedro que pagasse o tributo a Cesar, e disse lhe que fosse pescar, e que na bocca do primeiro peixe acharia uma moeda de prata, com que pagasse. Duas ponderações démos a este logar o dia passado: hoje lhe daremos sete a differentes intentos. Se Deus não faz milagres sem necessidade, porque o fez Christo nessa occasião, sendo ao parecer superfluo? Podéra o Senhor dizer a Pedro que fosse pescar, e que do preço que pescasse, pagaria o tributo. Pois porque dispõe que se pague o tributo não do preço, senão

da moeda que se achar na bocca do peixe? Quiz o Senhor que pagasse S. Pedro o tributo, e mais que lhe ficasse em casa o fructo de seu trabalho, que este é o suave modo de pagar tributos. Pague Pedro o tributo sim, mas seja com tal suavidade e com tão pouco dispendio seu, que, satisfazendo ás obrigações de tributario, não perca os interesses de pescador. Coma o seu peixe como d'antes comia, e mais pague o tributo que d'antes não pagava. Por isso tira a moeda não do preço senão da bocca do peixe: *Aperto ore ejus, invenies staterem. Aperto ore:* (Math. XVII.—26.) Notae. Da bocca do peixe se tirou o dinheiro do tributo; porque é bem que para o tributo se tire da bocca. Mas esta diferença ha entre os tributos suaves e os violentos: que os suaves tiram-se da bocca do peixe; os violentos, da bocca do pescador. Hão se de tirar os tributes com tal traça, com tal industria, com tal invenção: *invenies staterem*, que pareça o dinheiro achado, e não perdido; dado por mercê da ventura, e não tirado á força da violencia. Assim o fez Deus com Adão; assim o fez Christo com S. Pedro; e para que não diga alguém que são milagres a nós impossiveis, assim o fez Theodorico com seus vassallos. A boa industria é supplemento da omnipotencia, e o que faz Deus por todo poderoso, fazem os homens por muito industrioso.

---

O maior jugo de um reino, a mais pesada carga de uma republica, são os immoderados tributos. Se queremos que sejam leves, se queremos que sejam suaves, repartam-se por todos. Não ha tributo mais pesado que o da morte, e comtudo todos o pagam, e ninguem se queixa; porque é tributo de todos. Se uns homens morreram, e outros não, quem levara em paciencia esta rigorosa pensão da mortalidade? Mas a

mesma razão que a estende, a facilita; e porque não ha privilegiados, não ha queixosos. Imitem as resoluções politicas o governo natural do Creador: *Qui sollem suum oriri facit super bonos et malos, et pluit super justos et injustos.* (Math. V—45) Se amanhece o sol, a todos aquenta: e se chove o céu, a todos molha. Se toda a luz caira a uma parte, e toda a tempestade a outra, quem o soffrera? Mas não sei que injusta condição é a deste elemento grosseiro em que vivemos, que as mesmas igualdades do céu, em chegando á terra, logo se desigualam. Chove o céu com aquella igualdade distributiva que vemos; mas em a agua chegando á terra, os montes ficam enxutos, e os valles afogando-se: os montes escoam o peso da agua de si, e toda a força da corrente desce a alagar os valles: e queira Deus que não seja theatro de recreaçao para os que estão olhando do alto, vêr nadar as cabanas dos pastores sobre os diluvios de suas ruinas. Ora guardemo-nos de algum diluvio universal, que quando Deus iguala desigualdades, até os mais altos montes ficam debaixo da agua. O que importa é que os montes se igualem com os valles, pois os montes são a quem principalmente ameaçam os raios: e reparta-se por todos o peso, para que fique leve a todos. Os mesmos animaes de carga, se lh'a deitam toda a uma parte, caem com ella; e a muitos navios metteu nas mãos dos piratas a carga, não por muita, mas por descompassada. Se se repartir o peso com igualdade de justiça, todos o levarão com igualdade de animo: *Nullus enim gravanter obtulit, quod cum æquitate persolvitur:* Porque ninguem toma pesadamente o peso que se lhe distribuiu com igualdade, disse o politico Cassiodoro.

---

A materia ou natureza do sal são tres elementos

transformados, os quae, tendo sido fogo, ar e agua, se uniram em uma diferente especie e se convertem em sal. Grande exemplo da nossa doutrina! Assim como o sal é uma junta de tres elementos: fogo, ar e agua, assim a republica é uma união de tres estados: ecclesiastico, nobreza e povo. O elemento do fogo representa o estado ecclesiastico, elemento mais levantado que todos, mais chegado ao céu e apartado da terra; elemento a quem todos os outros sustentam, isento elle de sustentar a ninguem. O elemento do ar representa o estado da nobreza, não por ser a esphera da vaidade, mas por ser o elemento da respiração; porque os fidalgos de Portugal foram o instrumento felicissimo por que respiramos, devendo este reino eternamente á resolução de sua nobreza os alentos com que vive, os espiritos com que se sustenta.

Finalmente o elemento da agua representa o estado do povo: (*Aqua sunt populi*, diz um texto do Apocalypse) (Apocal. XVII—15) e não como dizem os criticos, por ser elemento inquieto e indomito, que á variedade de qualquer vento se muda; mas por servir o mar de muitos e mui proveitosos usos á terra, conservando os commercios, enriquecendo as cidades e sendo o melhor vizinho que a natureza deu ás que amou mais. Estes são os elementos de que se compõe a republica. Da maneira, pois, que aquelles tres elementos naturaes deixam de ser o que eram, para se converterem em uma especie conservadora das coisas: *Ex eo, quod fuit, in alteram speciem commutatur*: assim estes tres elementos politicos hão de deixar de ser o que são, para se reduzirem unidos a um estado que mais convenha á conservação do reino. O estado ecclesiastico deixe de ser o que é por immunidade, e anime-se a assistir com o que não deve. O estado da nobreza deixe de ser o que é por privilegios, e alente-se a concorrer com o que não usa. O estado do

povo deixe de ser o que é por possibilidade, e esforce-se a contribuir com o que pôde: e desta maneira, deixando cada um de ser o que foi, alcançarão todos juntos a ser o que devem: sendo esta concorde união dos tres elementos efficaz conservadora do quarto: *Vos estis sal terræ.*

.....

Quando el-rei de Israel, Saul, tratava de tirar a vida a David, rei tambem de Israel, que havia naquelle tempo dois que se intitulavam reis do mesmo reino; um, rei injusto, outro santo: um, rei escolhido por Deus, outro, reprovado por elle: neste tempo (que parece neste tempo) foi ter David com o sacerdote Achimelech, ou Abiatar, e com licença sua tomou do altar os pães da proposição, e repartiu-os a seus soldados. Accção foi esta, que tem contra si um texto expresso no capitulo vinte e quatro do Levítico, desta maneira: *Eruntque (panes propositionis) Aaron et filiorum ejus, ut comedant eos in loco sancto: quia sanctum sanctorum est de sacrificiis Domini jure perpetuo:* Quer dizer que os pães da proposição seriam perpetuamente de Aram e seus descendentes, e que os comeriam os sacerdotes, e não outrem, por ser pão santo e consagrado a Deus. Esta é a verdadeira intelligencia do texto, conforme a glossa de fé no capitulo sexto de S. Lucas. Pois se os pães da proposição eram proprios dos sacerdotes, e nenhum homem secular podia comer delles licitamente, como os deu a David um sacerdote tão zeloso como Achimelech; e como os tomou para seus soldados um rei tão santo como David?

Não temos menor interprete ao logar, que o summo pontifice Christo, auctor e expositor de sua mesma lei. Approva Christo esta accão de David no capitulo segundo de S. Marcos, e diz assim: *Nunquam legistis, quid fecerit David, quando necessitatem habuit? Quo-*

*modo introivit domum Dei, et panes propositionis manducavit, quos non licebat manducare nisi sacerdotibus et dedit eis, qui cum eo erant?* (Marc. II—25 e 26) Nunca lestes o que fez David quando teve necessidade, como entrou no templo de Deus, como tomou os pães, que não era lícito comer senão aos sacerdotes e os deu a seus soldados? De maneira que a total razão por que approva Christo entrar David no templo e tomar o pão dos sacerdotes é porque o fez o rei, *quando necessitatem habuit*, quando teve necessidade; porque quando estão em necessidade os reis, é bem que os bens ecclesiasticos os socorram, e que tirem os sacerdotes o pão da boca para o sustentarem a elle, e a seus soldados. Assim declara Christo que precede o direito natural ao positivo, e que pôde ser lícito pelas circumstancias do tempo o que pelas leis e canones é prohibido.

E verdadeiramente que quando a nenhum rei deveram os ecclesiasticos esta correspondencia, os reis de Portugal a mereciam; porque se attentamente se lerem as nossas chronicas, apenas se achará templo, ou mosteiro em todo Portugal, que os reis portuguezes com seu piedoso zelo ou não fundassem totalmente, ou não dotassem de grossas rendas, ou não enriquecessem com preciosissimas dadivas. Impossivel coisa fôra deter-me em materia tão larga e inutil, e tão sabida. Concorram pois as egrejas a socorrer a seus fundadores, a sustentar a quem as enriqueceu e a offerecer parte de suas rendas ás mãos de cuja realeza receberam todas. Mais é isto justiça, que liberalidade; mais é obrigação, que benevolencia; mais é restituição, que dadiva.

Tirou el-rei Ezechias do templo, para se socorrer em uma guerra, os thesouros sagrados, e as mesmas laminas de oiro com que estavam chapeadas as portas; e justificam muito esta resolução assim o texto,

como os doutores, por tres razões: de necessidade em respeito do reino; de conveniencia em respeito do templo; de obrigação em respeito do rei.

.....

As laminas de oiro que Ezechias arrancou das portas do templo, elle mesmo as tinha dado; e era justa correspondencia, que em tal occasião as portas se despissem de suas joias, e restituisssem generosamente o seu oiro a um rei, que com tanta liberalidade as enriquecera. Os templos são armazens das necessidades; e os reis que offerecem votos, depositam socorros. Quando David se viu no deserto desarmado e perseguido, nenhum socorro achou senão a espada do gigante, que consagrara a Deus no templo; que as dadivas, que dedicaram aos templos os reis vitoriosos, bem é que as restituam os templos aos reis necessitados. Isto é o que deve fazer o estado ecclesiastico de Portugal, e em primeiro logar os primeiros delle; que por isso pagou o tributo não outro dos apostolos, senão S. Pedro.

.....

Por duas razões principalmente me parece que corre grande obrigação á nobreza de Portugal de concorrerem com muita liberalidade para os subsidios e contribuições do reino. A primeira razão é porque as commendas e rendas da corôa, os fidalgos deste reino são os que as logram e lograram sempre; e é justo que os que se sustentam dos bens da corôa, não faltiem á mesma corôa com seus proprios bens: *Quæ de manu tua accepimus, dedimus tibi.* Não ha tributo mais bem pago no mundo, que o que pagam os rios ao mar. Continuamente estão pagando este tributo, ou em desatados cristaes, ou em prata successiva (como dizem os cultos), e vemos que para não faltarem a

esta divida, se desentranham as fontes e se despenham as aguas. Pois quem deu tanta pontualidade a um elemento bruto? Porque se despendem com tanto primor umas aguas irrationaes? Porquê? Porquê é justo que tornem ao mar aguas que do mar sairam. Não é o pensamento de quem cuidaes, senão de Salomão. *Ad locum, unde exeunt, flumina revertuntur.* (Eccl. I—7) Tornam os rios perpetuamente ao mar (e em tempos tempestuosos com mais pressa e muito tributo); porque, mais ou menos grossas, do mar recebem todos suas correntes. Que injustiça fôra da natureza, e que escandalo do universo, se crescendo caudalosos os rios, e fazendo-se alguns navegaveis com a liberalidade do mar, reprezaram avarentos suas aguas, e lhe negaram o devido tributo? Tal seria, se a nobreza faltasse á corôa com o oiro que della recebe. E é muito de advertir aqui uma lição que a terra nos dá, se já não fôr reprehensão, com seu exemplo. A agua que recebe a terra é salgada; a que torna ao mar é doce. O que recebe em ondas amargas, restitue-o em doces tributos. Assim havia de ser, senhores, mas não sei se acontece pelo contrario. A todos é coisa muito doce o receber; mas tanto que se falla em dar grandes amarguras! Pois consideremos a razão, e parecer-nos-ha imitavel o exemplo. A razão por que as aguas amargas do mar se convertem em tributos doces, é porque a terra, por onde passam, recebe o sal em si. *Vos estis sal terræ:* Portuguezes, estranhe-se na terra o sal; intenda-se que o que se dá, é o sal e conservação da terra; e logo serão os tributos doces, ainda que pareçam amargas as aguas.

A segunda razão por que a nobreza de Portugal deve servir com sua fazenda a el-rei nosso senhor, que Deus guarde, mais que nenhuma outra nobreza a outro rei, é porque ella o fez. Já que a fidalguia de Portugal saiu com a gloria de levantar o rei, não deve

querer que a leve outrem de o conservar e sustentar no reino. Fazer, e não conservar, é insufficiencia de causas segundas inferiores: os efeitos das causas primeiras dependem dellas *in fieri, et conservari*. É verdade que muitas vezes tem maiores difficultades o conservar, que o fazer; mas quem se gloria da feitura, não deve recusar o peso da conservação. Peccou Adão, decretou o Eterno Padre que não havia de acceitar menor satisfação, que o sangue de seu unigenito Filho. Notificou-se este decreto ao Verbo (digamol-o assim), e que vos parece que responderia? *Ego feci, ego feram*: Eu o fiz, eu o sustentarei, diz por Isaias. A razão com que o filho de Deus se animou á conservação tão difficultosa e tão penosa de Adão, foi com se lembrar que elle o fizera: *Ego feci, ego feram*. Para se persuadir a ser Redemptor, lembrou-se que fôra Creador; e para conservar a Adão com todo o sangue, lembrou-se que o fizera com uma palavra. Nobreza de Portugal, já fizestes ao rei, conserval-o agora é o que resta, ainda que custe: *Ego feci, ego feram*. Muito foi fazer um rei com uma palavra; mas conserval-o com todo o sangue das veias, será a corôa de tão grande façanha. Sangue e vidas é o que peço; que a tão illustres e generosos animos, petição fôra injuriosa fallar em fazenda.

## VII

Resta que obrigação absoluta de pagar tributos, só o terceiro estado a tenha. E assim o diz o nosso passo, que, como atégora nos acompanhou, ainda aqui nos não falta. Da boca do peixe tirou S. Pedro a moeda para o tributo: mas perguntará algum curioso, que peixe era este, ou como se chamava? Poucos dias ha que eu me não atrevera a satisfazer á duvida; mas fui-a achar decidida em um auctor estrangeiro de nossa companhia, chamado Adamus Conthzem; pôde ser que

seja mais conhecido dos politicos, que dos escriptarios; mas em uma e outra coisa é muito douto. Diz este auctor, fallando do nosso peixe: *Piscis est, apud Plinium, qui Faber dicitur, et piscis Sancti Petri Christianis*: Que é este um peixe, a que hoje os christãos chamam peixe de S. Pedro; e Plinio na sua Historia Natural lhe chama *Faber*. Notavel coisa! *Faber* quer dizer o official. De sorte que ainda no mar, quando se ha de pagar um tributo, não o pagam os outros peixes, senão o peixe official. Não pagou o tributo um peixe fidalgo, senão um peixe mecanico. Não o pagou um peixe que se chamasse rei, ou delfim, ou outro nome menor de nobreza, senão um peixe que se chamava official: *Faber*. Sobre os officiaes, sobre os que menos podem, cãem de ordinario os tributos; não sei se por lei, se por infelicidade; e melhor é não saber porquê.

Seguia-se agora, segundo a ordem que levamos, exhortar o povo aos tributos; mas não commetterei eu tão grande crime. Pedir perdão aos que chamei povo, isso sim. Em Lisboa não ha povo. Em Lisboa não ha mais que dois estados — ecclesiastico e nobreza. — Vassallós que com tanta liberalidade dispendem o que teem, e ainda o que não teem, por seu rei, não são povo. Vae louvando o Esposo divino as perfeições da egreja em figura da Esposa, e admirando o ar, garbo e bizarria com que punha os pés no chão, chama-lhe filha de principe: *Quam pulchri sunt gressus tui in calceamentis, filia principis!* (Cant. VII—4) Não ha duvida que no corpo politico de qualquer monarchia, os pés, como parte inferior, significam o povo. Pois se o Esposo louva o povo da monarchia da egreja, com que pensamento, ou com que energia lhe chama neste louvor filha de principe: *Filia principis?* A versão hebréa o declarou ajustadamente: *Filia principis, id est, filia populi sponte offerentis*. Onde a vulgata diz, filha

de principe, tem a raiz hebréa, filha do povo, que offerece voluntaria e liberalmente. E povo que offerece com vontade e liberalidade, não é povo, é principe: *Filia populi sponte offerentis: filia principis.* Bem dizia eu logo, que em Lisboa não ha tres estados, senão dois—ecclesiastico e nobreza.—E se quizermos dizer que ha tres, não são ecclesiastico, nobreza e povo, senão, ecclesiastico, nobreza e principes. E a principes quem os ha de exhortar em materia de liberalidade?

Só digo por conclusão, e em nome da patria o encareço muito a todos, que ninguem repare em dar com generoso animo tudo o que se pedir (que não será mais do necessário), ainda que para isso se desfaça a fazenda, a casa, o estado, e as mesmas pessoas; porque se pelo outro caminho deixarem de ser o que são, por este tornarão a ser o que eram: *Vos estis sal terræ.* A agua deixando de ser agua, faz-se sal, e o sal desfazendo-se do que é, torna a ser agua. Neste circulo perfeito consiste a nossa conservação e restauração. Deixem todos de ser o que eram, para se fazerem o que devem; desfaçam-se todos como devem, tornarão a ser o que eram. Este é em summa o espirito das nossas quatro palavras: *Vos, estis, sal, terra.*

## IX

Temos acabado o sermão. E Santo Antonio? Parece que nos esquecemos delle; mas nunca fallámos de outra coisa. Tudo o que dissemos neste discurso foram louvores de Santo Antonio, posto que desconhecidos, por irem com o nome mudado. Chamámos-lhe propriedade do sal, e eram virtudes do santo. E senão, arribemos brevemente sobre ellas, e vamol-as discorrendo. Se a primeira propriedade do sal é preservar da corrupção, que espirito apostolico houve que

mais trabalhasse por conservar incorrupta a fé catholica com a verdade de sua doutrina, com a pureza de seus escriptos, com a efficacia de seus exemplos e com a maravilha perpetua de sens prodigiosos milagres? Se a segunda propriedade do sal é, sobre preservativo, não ser desabrido, que santo mais affavel, que santo mais benigno, que santo mais familiar, que santo, enfim, que tenha uns braços tão amorosos, que por se ver nelles, Deus desceu do céu á terra, não para luctar como Jacob, mas para se regalar docemente? Se a terceira propriedade do sal apostolico era não ser de uma, senão de toda a terra, quem no mundo mais sal da terra, que Santo Antonio? De Lisboa deixando a patria, para Coimbra; de Portugal, com desejo de martyrio, para Marrocos; da arribação de Marrocos para Hespanha, de Hespanha para Italia, de Italia para França, de França para Veneza, de Veneza outra vez a França, outra a Italia, com repetidas jornadas; com os pés andou a Europa, e com os desejos a Africa, e se não levou os raios de sua doutrina a mais partes do mundo, foi porque ainda as não tinham descoberto os portuguezes.

Se a quarta propriedade do sal foi ser sujeito das transformações dos elementos, em que santo se viram tantas metamorphoses, como em Santo Antonio, transformando-se do que era, para ser o que mais convinha? De Fernando se mudou em Antonio, de secular em ecclesiastico, de clérigo em religioso, e ainda de um habito em outro habito, para maior gloria de Deus tudo, sendo o primeiro em quem foi credito a mudança, e a inconstancia virtude. Finalmente, se a ultima propriedade do sal é conseguir o seu fim desfazendo-se; quem mais bizarra e animosamente, que Santo Antonio, se tyrannisou a si mesmo, desfazendo-se com penitencias, com jejuns, com asperezas, com estudos, com caminhos, com trabalhos padecidos constante e

fervorosamente por Deus; até que em trinta e seis annos de idade (sendo robusto por natureza) deixou de ser temporalmente ao corpo, para ser por toda a eternidade á alma, aonde vive, e viverá sem fim?

---

## As nomeações e os merecimentos

V. a nota do trecho *O não* — Definições e allegorias

*Sermões, 2.º vol. 1854.*

Em toda a terra é lei natural, confirmada com as civis, que os que forem mais eminentes em cada genero, subam aos maiores logares, e tenham os primeiros premios. Mas tira-se por excepção a nossa terra, na qual para alcançar estes premios, e para subir a estes logares, não basta a eminencia dos talentos, nem dos merecimentos, se falta certo grão de qualidade, bastando só essa qualidade sem outro merecimento, nem talento, para pretender e alcançar ou alcançar sem pretender os mesmos logares. E se os estrangeiros se admiram e pasmam de ver que os homens que elles e o mundo venera, não ocupem aquelles postos; responde-se a este *não* com outro *não*: *Non est in loco nostro consuetudinis.* Se um dos nossos pretendentes do evangelho (e seja S. Thiago, que veio a Portugal) viera hoje, e em logar da cadeira que pediu, pretendera a de qualquer bispado do reino, haviam-lhe de responder, que no reino *não*, porque era filho de um pescador; que o maior favor que se lhe podia fazer, era dar-lhe um bispado ultramarino; e logo lhe nomeariam satyricamente o de Meliapor, por ser na costa da pescaria. Se Josué, conquistador de trinta e tres reinos, e de quem se presou o sol ser soldado, quizesse ser capitão general,

tambem lhe haviam de oppor, que tinha sido criado de Moysés; e Joseph, o qual teve maior industria que todos os homens, para acquirir fazenda a seu rei, e maior fidelidade para a conservar, se quizesse ser vedor da fazenda, vêde se lh' o consentiriam as ovelhas que tinha guardado seu pae? Não fallo em Bartolo, se lhe viesse ao pensamento a regencia da justiça, ou a Navarro a da consciencia, porque o segundo, tendo ensinado em Portugal com assombro de todas as universidades o que aprendeu na de Coimbra, foi a tomar por si o *não*, e ir morrer em terras estranhas, porque se lhe não dissesse na nossa: *Non est in loco nostro consuetudinis*. A censura deste, que se chama costume, é que não é costume, senão abuso contrario á natureza, á razão, á virtude, e prejudicial á republica; e que os principes, que se escusam com este modo de *não*, elle não só os não escusa, mas accusa e condemna mais, fazendo-os odiosos aos vassallos, ao mundo, e ao mesmo Deus, o qual por isso fez a todos os homens filhos do mesmo pae e da mesma mãe.

---

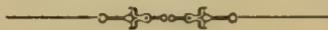
### Nobreza da verdade

V. a nota do trecho *O não* — Definições e allegorias

*Sermões, 2.º vol. 1854.*

Tão vil é na mentira o *sim*, como honrado na verdade o *não*. A verdade (que por isso se pinta despidida) não sabe encobrir, nem fingir, nem enfeitar, nem corar, e muito menos enganar: e a primeira virtude do throno, ou seja da justiça ou da graça, é a verdade. Todo o artificio é coisa mechanica e não nobre, quanto mais real. O sol abranda a cêra e endurece o barro, porque obra conforme a disposição dos sujei-

tos; mas em todos e com todos descobertamente; por isso o calor é inseparável da luz. Importa distinguir o bastão do sceptro. Os estratagemas não são para o despacho; sejam embora para a campanha, mas não para a corte; para os inimigos e não para os vassalos. Saibam os pretendentes se podem esperar ou não para que no fim não desesperem. Quem diz que é arte de não desgostar, não diz nem cuida bem. Melhor é dar um desgosto que muitos. Queixem-se de que os não satisfizeram; mas não possam dizer justamente que os enganaram. Se é dura palavra um *não*, mais duras são as boas palavras que suspendem e encobrem o mesmo *não*, até que o descobre o efeito. Quem fez o *não* tão breve, não quiz que se dilatasse.



### ◎ rigoroso cumprimento das leis

V. a nota do trecho *O não* — Definições e allegorias

*Sermões, 2.º vol. 1854.*

O privilegio chama-se em direito *vulnus legis*, ferida da lei: e o poder e espada do legislador não ha de ser para ferir as leis, senão para ferir, matar e queimar a quem intentar quebral-as, que por isso a espada do cherubim era espada, e de fogo. Bem podéra Deus cortar ou secar a arvore da vida, com que se escusavam todos aquelles apparatus de horror; quiz porém que a arvore ficasse em pé, e a lei se guardasse com tudo inviolavelmente, para que entendessem os legisladores, que ainda que elles possam dispensar nas leis, e o modo da dispensação seja facil, nem por isso o hão de permittir. Mas, Senhor, a arvore da vida está carregada de fructos, uns nascem, outros caem, e todos se perdem, podendo-se aproveitar com

tanta utilidade. Oh malditas utilidades! Este é o engano que perde aos principes. Dispensam-se as leis por utilidades (que ordinariamente são dos particulares e não suas) e abre-se a porta á ruina universal, que só se pôde evitar com a observancia inviolavel das leis. Percam-se os fructos da arvore da vida, que são a mais preciosa coisa que Deus creou: percam-se as mesmas vidas, e não se recupere a immortalidade: morra e sepulte-se o mundo todo; mas a lei não se quebre, nem se dispense.

E que se seguiu deste rigor indispensavel da lei? Seguiu-se aquelle desengano universal que prêgou David: *Quis est homo, qui vivet, et non videbit mortem?* (Psal. LXXXVIII — 49) Que homem ha que viva e não haja de morrer? E desenganados uma vez os homens de que a lei era inviolavel, sendo a morte a coisa mais aborrecida, e a vida a mais amada, ninguem houve jámais que se atrevesse, nem lhe viesse ao pensamento intentar ser dispensado para não morrer. Guardem-se as leis tão severa e inviolavelmente, que se desenganem todos que se não hão de dispensar, e com o não que ellas dizem se livrarão os principes de o dizer. Mas porque alguns principes são de tão bom coração, ou de tão pouco, que nem á mãe dos Zebedeus, nem a seus filhos se atrevem a dizer: *Nescitis quid petatis?* (Math. XX — 22) elles tomam confiança para pedir, as petições saem despachadas, e o não das leis cárne sobre ellas, e não sobre o que prohibem. Tanto que o prohibido se dispensa, logo a lei não é lei, não só porque o que se concede a um não se pôde negar aos outros, senão tambem, e muito mais, porque o que se concede a um, que o pede, tambem se ha de conceder aos outros, ainda que o não peçam.

## Contas dadas por um rei no tribunal divino

V. a nota do trecho *Tendencia das coisas para o nada* — Reflexões.

*Sermões, 1.º vol. 1854.*

O rei é a cabeça dos vassallos; e quem ha de dar conta dos membros, senão a cabeça? O rei é a alma do reino; e quem ha de dar conta do corpo, senão a alma? Pedirá, pois, conta Deus a qualquer rei, não digo dos peccados seus, e da pessoa, senão dos alheios e do officio. E que responderá já não rei, mas réo? Parece que poderá dizer: Eu, Senhor, bem conhacia que era obrigado a evitar os peccados dos meus vassallos, quanto me fosse possivel, mas a minha corte era grande, o meu reino dilatado, a minha monarchia estendida pela Africa, pela Asia e pela America; e como eu não podia estar em tantas partes, e tão distantes, na corte tinha provido os tribunaes de presidentes e conselheiros, no reino de ministros de justiça e letras, nas conquistas de vice-reis e governadores, instruidos de regimentos muito justos e approvados. E isto é tudo o que fiz e pude fazer. Tambem poderá metter nesta conta o seu proprio palacio, e aquelles de que se servia mais familiar e interiormente. Mas sobre todos cae a replica. E esses que elegestes, (dirá Deus) porque os elegestes? Não foram alguns por affeição, e outros por intercessão, e outros por adulação, e outros por ruim e apaixonada informação? E os que ficaram de fóra com mais conhecido merecimento, porque os excluistestes? Mas dado que todos fossem eleitos com os olhos em mim, e justamente, depois que na administração de seus officios conhecestes que não procediam como eram obrigados, porque os não removestes logo, porque os dissimulastes e conservastes, e, o que peior é, porque os despachastes

de novo, e com mais auctorisados postos? Se o que assolou uma provincia o deixastes continuar na mesma assolação, e depois o promovestes a outro governo maior, como não fostes cumplice das suas injustiças, e das culpas que elle em vez de remediar accrescentou com as suas, e com o exemplo dellas? Se as suas tyrannias vos foram manifestas, como as deixastes sem castigo, e os danos dos offendidos sem restituicão? Quantas lagrimas de orphãos, quantos gemidos de viuvas, quantos clamores de pobres chegavam ao céu no vosso reinado, quando para suprir superfluidades vãs e doações inofficiosas, vossos ministros, (por isso premiados e louvados) com impiedade mais que deshumana, não os despojavam, mas despiam? Isto é o que poderá replicar Deus, emmudecendo e não tendo que responder o triste rei. E qual será a sua sentença? No dia do juiso se ouvirá. O certo é que David, rei santo antes de peccador, e depois de peccador exemplo de penitencia, o de que pedia perdão a Deus, era dos peccados occultos e dos alheios: *Ab occultis meis munda me, et ab alienis parce servo tuo.* (Psal. XVIII — 13) Mas os peccados occultos naquelle dia serão manifestos, e dos alheios, por ter sido rei, se lhe pedirá tão estreita conta como dos proprios.



## Difficuldade de governar os homens

Do sermão de S. Roque, prégado na capella real em 1652, sobre o thema: *A homens, nem servir nem mandar: A Deus, e só a Deus, servir.*

*Sermões, 3.º vol. 1854.*

Os philosophos antigos chamaram ao homem mundo pequeno; porém S. Gregorio Nazianzeno, melhor philosopho que todos elles, e por excellencia o theólogo, disse que o mundo comparado com o homem é o pequeno, e o homem em comparação do mundo, o mundo grande: *Mundum in parvo magnum.* Não é o homem um mundo pequeno, que está dentro do mundo grande, mas é um mundo, e são muitos mundos grandes, que estão dentro do pequeno. Baste por prova o coração humano, que, sendo uma pequena parte do homem, excede na capacidade a toda a grandeza e redondeza do mundo. Pois se nenhum homem pôde ser capaz de governar toda esta machina do mundo, que difficuldade será haver de governar tantos homens, cada um maior que o mesmo mundo, e mais difficultoso de temperar que todo elle? A demonstração é manifesta. Porque nesta machina do mundo, entrando tambem nella o céu, as estrellas teem seu curso ordenado, que não pervertem jámais: o sol tem seus limites e tropicos, fóra dos quaes não passa: o mar, com ser um monstro indomito, em chegando ás aréas pára: as arvores, onde as põem não se mudam: os peixes contentam-se com o mar, as aves com o ar, os outros animaes com a terra. Pelo contrario o homem, monstro, ou chimera de todos os elementos, em nenhum logar pára, com nenhuma fortuna se contenta, nenhuma ambição nem appetite o farta: tudo perturba tudo perverte, tudo excede, tudo confunde, e como é maior que o mundo, não cabe nelle. Grande exemplo te-

mos no mesmo mundo, não cheio como hoje está, mas vazio e despovoado com os filhos de Adão e Noé. A Adão deu-lhe Deus o imperio sobre todo o mundo, sobre os peixes, sobre as aves, sobre os animaes da terra, e não poude governar em paz dois homens, e esses irmãos, sem que um matasse ao outro. Noé governou todos os animaes e conservou-os pacificamente dentro em uma arca, e fóra della não poude governar tres homens, sem que um o não descompuzesse e affrontasse, sendo todos tres seus filhos. Vede se é mais pezada servidão e mais difficultosa a de governar e mandar homens que a de servir? Quem serve, como não pôde servir mais que a um, sujeita-se a uma só vontade: mas quem manda, como ha de governar a todos, ha de sujeitar a si as vontades de todos, e essas não de filhos, em que é natural a obediencia e o amor, nem de irmãos entre si, em que as qualidades são iguaes e as naturezas similhantes, mas de tantas e tão diversas condições e inclinações, como são nelles os rostos e os intentos.

---

### A accumulaçāo d'empregos

Do sermão de quaresma prégado na capella real em 1655, em que Vieira analysa as confissões dos governantes, apontando os defeitos d'ellas. É particularmente digno de ser lido na integra pela excellencia da doutrina moral e pelo desassombro da linguagem.

*Sermões, 2.º vol. 1854.*

*Quis?* Quem sou eu? Isto se deve perguntar a si mesmo um ministro, ou seja Arão secular, ou seja Arão ecclesiastico. Eu sou um desembargador da casa da supplicação, dos aggravos, do paço. Sou um procurador da corôa. Sou um chanceller-mór. Sou um

regedor da justiça. Sou um conselheiro d'estado, de guerra, do ultramar, dos tres estados. Sou um vedor da fazenda. Sou um presidente da camara, do paço, da meza da consciencia. Sou um secretario d'estado, das mercês, do expediente. Sou um inquisidor. Sou um deputado. Sou um bispo. Sou um governador de um bispado, etc. Bem está, já temos o officio: mas o meu escrupulo, ou a minha admiração, não está no officio, senão no *um*. Tendes um só desses officios ou tendes muitos? Ha sujeitos na nossa corte que teem logar em tres e quatro, que teem seis, que teem oito, que teem dez officios. Este ministro universal, não pergunto como vive, nem quando vive. Não pergunto como acode a suas obrigações, nem quando acode a ellas. Só pergunto como se confessa? Quando Deus deu fórmula ao governo do mundo, poz no céu aquelles dois grandes planetas, o sol e a lua, e deu a cada um delles uma presidencia: ao sol a presidencia do dia: *Luminare majus, ut præasset diei;* (Gen. I — 16) e á lua a presidencia da noite: *Luminare minus, ut præasset nocti.* E porque fez Deus esta repartição? Por ventura porque se não queixasse a lua e as estrellas? Não, porque com o sol ninguem tinha competencia, nem podia ter justa queixa. Pois se o sol tão conhecidamente excedia a tudo quanto havia no céo; porque não proveu Deus nelle ambas as presidencias? Porque lhe não deu ambos os officios? Porque ninguem pôde fazer bem dois officios, ainda que seja o mesmo sol. O mesmo sol quando allumia um hemispherio, deixa o outro ás escuras. E que haja de haver homem com dez hemispherios! E que cuide, ou se cuide, que em todos pôde allumiar! Não vos admiro a capacidade do talento, a da consciencia sim.

Dir-me-heis (como doutos que deveis ser) que no mesmo tempo em que Deus deu uma só presidencia e um só hemispherio ao sol, deu tres presidencias e

tres hemispherios a Adão. Uma presidencia no mar, para que governasse os peixes; outra presidencia no ar, para que governasse as aves; outra presidencia na terra, para que governasse os outros animaes: *Et præsit piscibus maris, et volatilibus cœli, et bestiis universæque terræ.* (Gen. — I — 26) E o mesmo é governar a animaes que governar a homens? E o mesmo é o estado da innocencia (em que então estava Adão) e o estado da natureza corrupta e corruptissima em que estamos hoje? Mas quando tudo fôra igual, o exemplo nem faz por vós, nem contra mim. Por vós não; porque naquelle tempo não havia mais que um homem no mundo, e era força que elle tivesse muitos officios. Contra mim não, antes muito por mim; porque Adão com esses officios, bem se vê a boa conta que delles deu. (Ibid. III — 23) Não eram passadas vinte e quatro horas em que Adão servia os tres officios, quando já tinha perdidos os officios, e perdido o mundo, e perdido a si, e perdidos a nós. <sup>1</sup> Se isto aconteceu a um homem que saía flammante das mãos de Deus com justiça original e com sciencia infusa; que será aos que não são tão justos, nem tão scientes e aos que teem outros originaes e outras infusões? Não era christão Platão, e mandava na sua republica que nenhum official podesse aprender duas artes. E a rasão que dava era, porque nenhum homem pôde fazer bem dois officios. Se a capacidade humana é tão limitada que para fazer este barrete são necessarios oito homens de artes e officios differentes; um que crie a lã, outro que a tosque, outro que a carde, outro que a fie, outro que a teça, outro que a tinja, outro que a toze, e outro que a corte e a coza: se nas

---

<sup>1</sup> Irenæus, Cyrillus, Epiphanius, Efrem et communiter patres.

cidades bem ordenadas, o official que molda o oiro, não pôde lavrar a prata; se o que lavra a prata, não pôde bater o ferro; se o que bate o ferro, não pôde fundir o cobre; se o que funde o cobre, não pôde moldar o chumbo, nem tornear o estanho; no governo dos homens, que são metaes com uso de razão, no governo dos homens, que é a arte das artes, como se hão de ajuntar em um só homem, ou se hão de confundir nelle tantos officios? Se um mestre com carta de examinação dá má conta de um officio mecanico, um homem (que muitas vezes não chegou a ser obreiro) como ha de dar boa conta de tantos officios politicos? E que não faça disto consciencia este homem! Que se confesse pela quaresma, e que continue a servir os mesmos officios, ou a servir-se delles depois da paschoa! Isto me admira!



### Onde?

V. a nota do trecho *A accumulaçō d'empregos*

*Sermões, 2.º vol. 1854.*

*Ubi? Onde?* Esta circunstancia, *onde*, tem muito que reparar em toda a parte; mas no reino de Portugal muito mais, porque ainda que os seus *Ubis*, ou os seus *ondes*, dentro em si podem comprehender-se facilmente, os que tem fóra de si, são os mais diversos, os mais distantes e os mais dilatados de todas as monarchias do mundo. Tantos reinos, tantas nações, tantas provincias, tantas cidades, tantas fortalezas, tantas egrejas cathedraes, tantas particulares na Africa, na Asia, na America, onde põe Portugal vice-reis, onde põe governadores, onde põe generaes, onde põe capitães, onde põe justiças, onde põe bispos e arcebispos,

onde põe todos os outros ministros da fé, da doutrina, das almas. E quanto juiso, quanta verdade, quanta intiereza, quanta consciencia é necessaria para considerar e distribuir bem estes *ondes*, e para vér onde se põe cada um? Se pondes o cubiçoso onde ha occasião de roubar, e o fraco onde ha occasião de defender, e o infiel onde ha occasião de renegar, e o pobre onde ha occasião de desempobrecer; que ha de ser das conquistas, e dos que com tanto e tão honrado sangue as ganharam? Oh que os sujeitos, que se põem nestes logares são pessoas de grande qualidade e de grande auctoridade: fidalgos, senhores, titulos! Por isso mais. Os mesmos eccos de uns nomes tão grandes em Portugal, parece que estão dizendo onde se hão de pôr. Um conde? Onde? Onde obre proezas dignas de seus antepassados; onde despenda liberalmente o seu com os soldados e benemeritos, onde peleje, onde defenda, onde vença, onde conquiste, onde faça justiça, onde adiante a fé e a christandade, onde se honre a si, e á patria, e ao principe que fez eleição de sua pessoa; e não onde se aproveite e nos arruine; onde se enriqueça a si, e deixe pobre o estado; onde perca as victorias e venha carregado dos despojos. Esta ha de ser o *onde*: *Ubi*.

E quanto este *onde* fôr mais longe, tanto hão de ser sujeitos de maior confiança e de maiores virtudes. Quem ha de governar e mandar tres e quatro mil leguas longe do rei, onde em tres annos não pôde haver recurso de seus procedimentos, nem ainda noticias? Que verdade, que justiça, que fé, que zelo deve ser o seu?



## As cidades á porta dos ministros

V. a nota do trecho *A accumulação d'empregos*

*Sermões, 2.º vol. 1854.*

Antigamente na republica hebréa (e em muitas outras) os tribunaes e os ministros estavam ás portas das cidades. Isso quer dizer nos Proverbios: *Nobilis in portis vir ejus, quando sederit cum senatoribus terræ.* (Prov. XXXI—23) Para qualificar a nobreza do marido da mulher forte, diz que tinha assento nas portas com os senadores e conselheiros da terra. A isto alludiu tambem Christo, quando disse da egreja que fundava em S. Pedro: *Portæ inferi non prævalebunt adversus eam:* (Math. XVI—18) Que as portas do inferno não prevaleceriam contra ella; intendendo por portas do inferno os conselhos do inferno, porque os conselhos, os ministros, os tribunaes, tudo costumava estar ás portas das cidades. Mas que rasão tiveram aquelles legisladores para situarem este logar aos tribunaes, e para pôrem ás portas das cidades os seus ministros? Varias rasões apontam os historiadores e politicos; mas a principal em que todos conveem, era a brevidade do despacho. Vinha o lavrador, vinha o soldado, vinha o estrangeiro com a sua demanda, com a sua pretenção, com o seu requerimento; e sem entrar na cidade, voltava respondido no mesmo dia para sua casa. De sorte que estavam tão promptos aquelles ministros, que nem ainda dentro na cidade estavam, para que os requerentes não tivessem o trabalho, nem a despeza, nem a dilação de entrarem dentro. Não saíbam os requerentes a diferença daquella era á nossa, para que se não lastimem mais. Antigamente estavam os ministros ás portas das cidades; agora estão as cidades ás portas dos ministros. Tanto coche, tanta li-

teira, tanto cavallo, (que os de a pé não fazem conto, nem delles se faz conta) as portas, os pateos, as ruas rebentando de gente, e o ministro encantado, sem se saber se está em casa, ou se o ha no mundo, sendo necessaria muita valia, só para alcançar de um criado a revelação deste mysterio. Uns batem, outros não se atrevem a bater; todos a esperar, e todos a desesperar. Sáe finalmente o ministro quatro horas depois do sol, apparece e desapparece de corrida; olham os requerentes para o céo, e uns para os outros; aparta-se desconsolada a cidade, que esperava junta. E quando haverá outro *quando*? E que vivam e obrem com esta inhumanidade homens que se confessam, quando procediam com tanta razão homens sem fé nem sacramentos! Aquelles ministros, ainda quando despachavam mal os seus requerentes, faziam-lhes tres mercês. Poupavam-lhes o tempo, poupavam-lhes o dinheiro, poupavam-lhes as passadas. Os nossos ministros, ainda quando vos despacham bem, fazem-vos os mesmos tres damnos. O do dinheiro, porque o gastaes; o do tempo, porque o perdeis; o das passadas, porque as multiplicaes. E estas passadas, e este tempo, e este dinheiro, quem o ha de restituir? Quem ha de restituir o dinheiro a quem gasta o dinheiro que não tem? Quem ha de restituir as passadas a quem dá as passadas que não pôde? Quem ha de restituir o tempo a quem perde o tempo que havia mister? Oh tempo tão precioso e tão perdido! Dilata o julgador oito mezes a demanda que se pudera concluir em oito dias; dilata o ministro oito annos o requerimento que se devêra acabar em oito horas. E o sangue do soldado, as lagrimas do orphão, a pobreza da viuva, a afflictão, a confusão, a desesperação de tantos miseraveis? Christo disse que o que se faz a estes, se faz a elle. E em ninguem melhor que nelle se podem vêr os effeitos terribles de uma dilação.

## Sermão do bom ladrão

Prégado na misericordia de Lisboa em 1655. É um dos mais notaveis sermões politicos do padre Vieira, que começou por declarar que na capella real deveria ser pregado.

*Sermões, 1.º vol. 1854.*

.....  
Nem os reis podem ir ao paraíso sem levar consigo os ladrões, nem os ladrões podem ir ao inferno sem levar consigo os reis. Isto é o que hei de pregar.  
*Ave Maria.*

### II

Levarem os reis consigo ao paraíso ladrões, não só não é companhia indecente, mas acção tão gloriosa e verdadeiramente real, que com ella corou e provou o mesmo Christo a verdade do seu reinado, tanto que admittiu na cruz o título de rei. Mas o que vemos praticar em todos os reinos do mundo, é tanto pelo contrario, que em vez de os reis levarem consigo os ladrões ao paraíso, os ladrões são os que levam consigo os reis ao inferno. E se isto é assim, como logo mostrarei com evidencia, ninguem me pôde estranhar a clareza, ou publicidade com que fallo e fallarei em matéria que envolve tão soberanos respeitos; antes admirar o silencio e condemnar a desattenção com que os pregadores dissimulam uma tão necessaria doutrina, sendo a que devêra ser mais ouvida e declamada nos pulpitos. Seja, pois, novo hoje o assumpto, que devêra ser mui antigo e mui frequente, o qual eu prosseguirei tanto com maior esperança de produzir algum fructo, quanto vejo ennobrecido o auditorio presente com a auctoridade de tantos ministros de todos os maiores tribunaes, sobre cujo conselho e consciencia se costumam descarregar as dos reis.

## III

E para que um discurso tão importante e tão grave vá assentado sobre fundamentos solidos e irrefragáveis, supponho primeiramente, que sem restituição do alheio não pôde haver salvação.

## IV

Supposta esta primeira verdade, certa e infallivel, a segunda coisa que supponho com a mesma certeza, é que a restituição do alheio sob pena da salvação, não só obriga aos subditos e particulares, senão também aos sceptros e ás corôas. Cuidam, ou devem cuidar alguns principes, que assim como são superiores a todos, assim são senhores de tudo, e é engano. A lei da restituição é lei natural e lei divina. Em quanto lei natural, obriga aos reis, porque a natureza fez iguaes a todos; e em quanto lei divina, também os obriga, porque Deus, que os fez maiores que os outros, é maior que elles. Esta verdade só tem contra si a pratica e o uso. Mas por parte deste mesmo uso argumenta assim santo Thomaz, o qual é hoje o meu doutor, e nestas materias o de maior auctoridade: *Terrarum principes multa a suis subditis violenter extorquent: quod videtur ad rationem rapinæ pertinere: grave autem videtur dicere quod in hoc peccent: quia sic sere omnes principes damnarentur. Ergo rapina in aliquo casu est licita.* (Divus Thom.) Quer dizer: a rapina, ou roubo, é tomar o alheio violentamente contra vontade de seu dono: os principes tomam muitas coisas a seus vassallos violentamente, e contra sua vontade; logo parece que o roubo é licito em alguns casos; porque se dissermos, que os principes peccam nisto, todos elles, ou quasi todos se condemnariam:

*Fere omnes principes damnarentur.* Oh que terrivel e temerosa consequencia, e quão digna de que a considerem profundamente os principes, e os que teem parte em suas resoluções e conselhos! Responde ao seu arguimento o mesmo doutor angelico; e posto que não costumo molestar os ouvintes com latins largos, hei de referir as suas proprias palavras: *Dicendum, quod si principes a subditis exigunt quod eis secundum justitiam debetur propter bonum commune conservandum, etiam si violentia adhibeatur, non est rapina. Si vero aliquid principes indebite extorqueant, rapina est, sicut et latrocinium. Unde ad restitutionem tenentur, sicut et latrones. Et tanto gravius peccant quam latrones, quanto periculosius et communius contra publicam justitiam agunt, cujus custodes sunt positi.* Respondo (diz S. Thomaz) que se os principes tiram dos subditos o que segundo justiça lhes é devido para conservação do bem commun, ainda que o executeem com violencia, não é rapina, ou roubo. Porém se os principes tomarem por violencia o que se lhes não deve, é rapina e latrocinio. D'onde se segue, que estão obrigados á restituição como os ladrões; e que peccam tanto mais gravemente que os mesmos ladrões, quanto é mais perigoso e mais commun o damno com que offendem a justiça publica, de que elles estão postos por defensores.

Até aqui ácerca dos principes o principe dos theologos. E porque a palavra rapina e latrocinio applicada a sujeitos da suprema esphera, é tão alheia das lisonjas que estão costumados a ouvir, que parece conter alguma dissonancia, escusa tacitamente o seu modo de fallar, e prova a sua doutrina o santo doutor com dois textos alheios, um divino, do propheta Ezequiel, e outro pouco menos que divino, de santo Agostinho. O texto de Ezequiel é parte do relatorio das culpas por que Deus castigou tão severamente os dois

reinos de Israel e Judá, um com o captiveiro dos assyrios, e outro com o dos babylonios; e a causa que dá e muito pondera, é que os seus principes, em vez de guardarem os povos como pastores, os roubavam como lobos: *Principes ejus in medio illius, quasi lupi rapientes prædam.* (Ezech. XXII—27) Só dois reis elegera Deus por si mesmo, que foram Saul e David; e a ambos os tirou de pastores, para que pela experientia dos rebanhos que guardavam, soubessem como haviam de tratar os vassallos; mas seus successores, por ambição e cubica, degeneraram tanto deste amor e deste cuidado, que em vez de os guardar e apascentar como ovelhas, os roubavam e comiam como lobos: *Quasi lupi rapientes prædam.*

O texto de santo Agostinho falla geralmente de todos os reinos em que são ordinarias similhantes opressões e injustiças, e diz: que entre os taes reinos e as covas dos ladrões (a que o santo chama latrocínios) só ha uma diferença. E qual é? Que os reinos são latrocínios ou ladroeiras grandes, e os latrocínios ou ladroeiras, são reinos pequenos: *Sublata justitia, quid sunt regna, nisi magna latrocinia? Quia et latrocinia quid sunt, nisi parva regna?* E' o que disse o outro pirata a Alexandre Magno. Navegava Alexandre em uma poderosa armada pelo mar Erithrêo a conquistar a India; e como fosse trazido á sua presença um pirata que por alli andava roubando os pescadores, reprehendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau officio; porém elle, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim: Basta, senhor, que eu porque roubô em uma barca sou ladrão, e vós porque roubâes em uma armada, sois imperador? Assim é. O roubar pouco é a culpa, o roubar muito é grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandre. Mas Seneca, que sabia bem distinguir as calidades e interpretar as significações, a uns e

outros, definiu com o mesmo nome: *Eodem loco pone latronem, et piratam, quo regem animum latronis et piratæ habentem.* Se o rei de Macedonia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos teem o mesmo logar e merecem o mesmo nome.

Quando li isto em Seneca, não me admirei tanto de que um philosopho estoico se atrevesse a escrever uma tal sentença em Roma, reinando nella Nero; o que mais me admirou e quasi envergonhou, foi que os nossos oradores evangelicos, em tempo de principes catholicos e timoratos, ou para a emenda, ou para a cautella, não prêguem a mesma doutrina. Saibam estes eloquentes mudos, que mais offendem os reis com o que callam, que com o que disserem: porque a confiança com que isto se diz é signal que lhes não toca e que se não podem offendere: e a cautella com que se calla, é argumento de que se offendereão, porque lhes pôde tocar. Mas passemos brevemente á terceira e ultima suposição, que todas tres são necessarias para chegarmos ao ponto.

## V

Supponho, finalmente, que os ladrões de que fallo, não são aquelles miseraveis a quem a pobreza e vileza de sua fortuna condemnou a este genero de vida, porque a mesma sua miseria ou escusa ou allivia o seu peccado, como diz Salomão: *Non grandis est culpa, cum quis furatus fuerit: furatur enim ut esurientem impleat animam.* (Prov. VI — 30) O ladrão que furtá para comer, não vae nem leva ao inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são outros ladrões de maior calibre e de mais alta esphera, os quaes debaixo do mesmo nome e do mesmo predicamento distingue muito bem S. Basilio Magno: *Non est intelligentium fures esse solum bursarum incisores, vel latroci-*

*nantes in balneis; sed et qui duces legionum statuti, vel qui commisso sibi regimine civitatum, aut gentium, hoc quidem furtim tollunt, hoc vero vi, et publice exigunt.* Não são só ladrões, diz o santo, os que cortam bolsas, ou espreitam os que se vão banhar, para lhe colher a roupa; os ladrões que mais propria e dignamente merecem este título, são aquelles a quem os reis encomendam os exercitos e legiões, ou o governo das provincias, ou a administração das cidades, os quaes já com manha, já com força, roubam e despojam os povos. Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos: os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor, nem perigo: os outros, se furtam são enforcados, estes furtam e enforcam. Diogenes, que tudo via com mais aguda vista que os outros homens, viu que uma grande tropa de varas e ministros de justiça levavam a enforcar uns ladrões, e começou a bradar: lá vão os ladrões grandes a enforcar os pequenos. Ditosa Grecia, que tinha tal prégador! E mais ditosas as outras nações, se nellas não padecéra a justiça as mesmas affrontas. Quantas vezes se viu em Roma ir a enforcar um ladrão por ter furtado um carneiro, e no mesmo dia ser levado em triumpho um consul, ou dictador por ter roubado uma provincia. E quantos ladrões teriam enforcado estes mesmos ladrões triumphantes? De um chamado Seronato disse com discreta contraposição Sidonio Apollinar: *Non cessat simul furtar, vel punire vel facere.* Seronato está sempre ocupado em duas coisas: em castigar furtos, e em os fazer. Isto não era zelo de justiça, senão inveja. Queria tirar os ladrões do mundo, para roubar elle só.

## VI

Declarado assim por palavras não minhas, senão de muito bons auctores, quão honrados e auctorizados sejam os ladrões de que fallo, estes são os que disse, e digo que levam comsigo os reis ao inferno. Que elles fossem lá sós, e o diabo os levasse a elles, seja muito na má hora, pois assim o querem; mas que hajam de levar comsigo os reis, é uma dôr que se não pôde soffrer, e por isso nem callar. Mas se os reis tão fôra estão de tomar o alheio, que antes elles são os roubados, e os mais roubados de todos, como levam ao inferno comsigo estes máus ladrões a estes bons reis? Não por um só, senão por muitos modos, os quaes parecem insensiveis e occultos, e são muito claros e manifestos. O primeiro, porque os reis lhes dão os officios e poderes com que roubam: o segundo, porque os reis os conservam nelles: o terceiro, porque os reis os adiantam e promovem a outros maiores: e finalmente porque, sendo os reis obrigados sob pena da salvação a restituir todos estes damnos, nem na vida, nem na morte os restituem.

.....

Querem saber os reis, se os que provêem nos officios são ladrões ou não? Observem a regra de Christo: *Qui non intrat per ostium, fur est, et latro.* (Joan. X—1) A porta por onde legitimamente se entra ao officio, é só o merecimento; e todo o que não entra pela porta, não só diz Christo que é ladrão, senão ladrão e ladrão: *Fur est, et latro.* E porque é duas vezes ladrão? Uma vez porque furtá o officio, e outra vez pelo que ha de furtar com elle. O que entra pela porta, poderá vir a ser ladrão, mas os que não entram por ella já o são. Uns entram pelo parentesco, outros pela amisade, outros pela valia, outros pelo suborno,

e todos pela negociação. E quem negocia não ha mister outra prova; já se sabe que não vae a perder. Agora será ladrão occulto, mas depois ladrão descoberto, que essa é, como diz S. Jeronymo, a diferença de *fur a latro*.

Coisa é certo maravilhosa vêr a alguns tão introduzidos e tão entrados, não entrando pela porta, nem podendo entrar por ella. Se entraram pelas janellas, como aquelles ladrões de que faz menção Joel: *Per fenestras intrabunt quasi fures*, (Joel. II—9) grande desgraça é, que sendo as janellas feitas para entrar a luz e o ar, entrem por ellas as trevas e os desares. Se entraram minando a casa do pae de familias, como o ladrão da parabola de Christo: *Si sciret pater familias, qua hora fur veniret, non sineret perfodi domum suam*, (Luc. XII — 39) ainda seria maior desgraça, que o somno ou letargo do dono da casa fosse tão pesado que, minando-se-lhe as paredes, não o espertassem os golpes. Mas o que excede toda a admiração é que haja quem, achando a porta fechada, emprehenda entrar por cima dos telhados, e o consiga; e mais sem ter pés nem mãos, quanto mais azas. Estava Christo Senhor nosso curando milagrosamente os enfermos dentro em uma casa, e era tanto o concurso, que não podendo os que levavam um paralytico entrar pela porta, subiram-se com elle ao telhado, e por cima do telhado o introduziram. Ainda é mais admiravel a consideração do sujeito, que o modo, e o logar da introducção. Um homem que entrasse por cima dos telhados, quem não havia de julgar que era caido do céu: *Tertius e caelo cecidit cato?* E o tal homem era um paralytico, que não tinha pés, nem mãos, nem sentido, nem movimento; mas teve com que pagar a quatro homens, que o tomaram ás costas, e o subiram tão alto. E como os que trazem ás costas similhantes sujeitos estão tão pagos delles, que muito é que digam e

informem (posto que sejam tão incapazes) que lhe sobejam merecimentos por cima dos telhados? Como não podem allegar façanhas de quem não tem mãos, dizem virtudes e bondades. Dizem que com os seus procedimentos captiva a todos; e como os não havia de captivar se os comprou? Dizem que fazendo sua obrigação, todos lhe ficam devendo dinheiro; e como lho não hão de dever, se lho tomaram? Deixo os que sobrem aos postos pelos cabellos, e não com as forças de Sansão, senão com os favores de Dalila. Deixo os que com voz conhecida de Jacob levam a benção de Esaú, e não com as luvas calçadas, senão dadas ou prometidas. Deixo os que sendo mais leprosos que Naaman Syro, se alimparam da lepra, e não com as aguas do Jordão, senão com as do Rio da Prata. É isto, e o mais que se podia dizer, entrar pela porta? Claro está que não. Pois se nada disto se faz: *sicut fur in nocte*, (Thessal. V—5) senão na face do sol, e na luz do meio dia, como se pôde escusar quem ao menos firma os provimentos de que não conhecia serem ladrões os que por estes meios foram providos? Finalmente, ou os conhecia, ou não: se os não conhecia, como os provou sem os conhecer? E se os conhecia, como os provou conhecendo-os? mas vamos aos providos com expresso conhecimento de suas calidades.

### VIII

Dom Fulano (diz a piedade bem intencionada) é um fidalgo pobre, dê-se-lhe um governo. E quantas impiedades, ou advertidas ou não, se conteem nesta piedade? Se é pobre, dêem-lhe uma esmola honestada com o nome de tença, e tenha com que viver. Mas porque é pobre, um governo, para que vá desempobrecer á custa dos que governar; e para que vá fazer muitos pobres á conta de tornar muito rico!? Isto

quer quem o elege por este motivo. Vamos aos do premio, e tambem aos do castigo. Certo capitão mais antigo tem muitos annos de serviço; dêem-lhe uma fortaleza nas conquistas. Mas se esses annos de serviço assentam sobre um sujeito, que os primeiros despojos que tomava na guerra eram a farda e a ração dos seus proprios soldados, despidos e mortos de fome; que ha de fazer em Sofala ou em Mascate? Tal graduado em leis leu com grande aplauso no paço; porém em duas judicaturas e uma correição, não deu boa conta de si; pois vá degradado para a India com uma bêca. E se na Beira e no Alemtejo, onde não ha diamantes, nem rubis, se lhe pegavam as mãos a este doutor, que será na relação de Goa?

.....

Antigamente os que assistiam ao lado dos principes chamavam-se laterones. E depois, corrompendo-se este vocabulo, como affirma Marco Varro, chamaram-se latrones. E que seria se assim como se corrompeu o vocabulo, se corrompessem tambem os que o mesmo vocabulo significa? Mas eu nem digo, nem cuido tal coisa. O que só digo e sei, por ser theologia certa, é que em qualquer parte do mundo se pôde verificar o que Isaias diz dos principes de Jerusalem: *Principes tui socii furum*: os teus principes são companheiros dos ladrões. E porquè? São companheiros dos ladrões, porque os dissimulam; são companheiros dos ladrões, porque os consentem; são companheiros dos ladrões, porque lhes dão os postos e os poderes; são companheiros dos ladrões, porque talvez os defendem; e são finalmente seus companheiros, porque os acompanham e hão de acompanhar ao inferno, onde os mesmos ladrões os levam comsigo.

.....

O bom ladrão pediu a Christo, como a rei, que se lembrasse delle no seu reino; e o mau ladrão, que lhe pediu? *Si tu es Christus, salvum fac temetipsum, et nos.* (Luc. XXIII—39) Se sois o rei prometido, como crê meu companheiro, salvaes-vos a vós e a nós. Isto pediu o mau ladrão a Christo, e o mesmo devem pedir todos os ladrões a seu rei, posto que sejam tão máus como o mau ladrão. Nem vossa magestade, senhor, se pôde salvar, nem nós nos podemos salvar sem restituir: nós não temos animo, nem valor para fazer a restituição, como nenhum a faz, nem na vida nem na morte: mande-a pois fazer executivamente vossa magestade, e por este modo, posto que para nós seja violento, salvar se-ha vossa magestade a si e mais a nós: *Salvum fac temetipsum et nos.* Creio que nenhuma consciencia haverá christã, que não approve este meio. E para que não fique em generalidade, que é o mesmo que no ar, desçamos á pratica delle, e vejamos como se ha de fazer. Queira Deus que se faça!

O que costumam furtar nestes officios e governos os ladrões, de que fallamos, ou é a fazenda real, ou a dos particulares; e uma e outra teem obrigação de restituir depois de roubada, não só os ladrões que a roubaram, senão tambem os reis: ou seja porque dissimularam e consentiram os furtos, quando se faziam, ou sómente (que isso basta) por serem sabedores delles depois de feitos. E aqui se deve advertir uma tal diferença (em que se não repara) entre a fazenda dos reis, e a dos particulares. Os particulares, se lhes roubam a sua fazenda, não só não são obrigados á restituição, antes terão nisso grande merecimento se o levarem com paciencia, e podem perdoar o furto a quem os roubou. Os reis são de muito peior condição nesta parte, porque depois de roubados teem elles obrigação de restituir a propria fazenda roubada, nem a podem dimittir ou perdoar aos que a roubaram. A razão da

difference é porque a fazenda do particular é sua, a do rei não é sua, senão da republica. E assim como o depositario, ou tutor não pôde deixar alienar a fazenda que lhe está encommendada, e teria obrigação de a restituir, assim tem a mesma obrigação o rei, que é tutor, e como depositario dos bens e erario da republica, a qual seria obrigado a gravar com novos tributos, se deixasse alienar ou perder as suas rendas ordinarias.

O modo pois com que as restituições da fazenda real se podem fazer facilmente, ensinou aos reis um monge, o qual, assim como soube furtar, soube tambem restituir. Refere o caso Mayolo, Crantzio, e outros. Chamava-se o monge frei Theodorico; e porque era homem de grande intelligencia e industria, commetteu-lhe o imperador Carlos IV algumas negociações de importancia, em que elle se aproveitou de maneira que competia em riqueza com os grandes senhores. Advertido o imperador, mandou-o chamar á sua presença, e disse-lhe que se aparelhasse para dar contas. Que faria o pobre, ou rico monge? Respondeu sem se assustar, que já estava aparelhado, que naquelle mesmo ponto as daria, e disse assim: Eu, Cesar, entrei no serviço de vossa magestade com este habito e dez ou doze tostões na bolsa, da esmola das minhas missas; deixe-me vossa magestade o meu habito e os meus tostões, e tudo o mais que possuo mande-o vossa magestade receber, que é seu, e tenho dado contas. Com tanta facilidade como isto fez a sua restituição o monge; e elle ficou guardando os seus votos, e o imperador a sua fazenda. Reis e principes mal servidos, se quereis salvar a alma e recuperar a fazenda, introduzi sem excepção de pessoa as restituições de frei Theodorico. Saiba-se com que entrou cada um, o de-mais torne para donde saiu, e salvem-se todos.

## XIII

A restituïção que igualmente se deve fazer aos particulares, parece que não pode ser tão prompta, nem tão exacta, porque se tomou a fazenda a muitos, e a provincias inteiras. Mas como estes pescadores do alto usaram de redes varredouras, use se tambem com elles das mesmas. Se trazem muito, como ordinariamente trazem, já se sabe que foi acquirido contra a lei de Deus, ou contra as leis e regimentos reaes, e por qualquer destas cabeças, ou por ambas, injustamente. Assim se tiram da India quinhentos mil cruzados, de Angola duzentos, do Brazil trezentos, e até do pobre Maranhão, mais do que vale todo elle. E que se ha de fazer desta fazenda? Aplical-a o rei á sua alma e ás dos que a roubaram, para que uma e outras se salvem. Dos governadores que mandava a diversas provincias o imperador Maximino, se dizia com galante e bem apropriada similhança, que eram esponjas. A traça ou astucia, com que usava destes instrumentos, era toda encaminhada a fartar a sède da sua cubiça. Porque elles, como esponjas, chupavam das provincias que governavam tudo quanto podiam; e o imperador, quando tornavam, espremia as esponjas, e tomava para o fisco real quanto tinham roubado, com que elle ficava rico e elles castigados. Uma coisa fazia mal este imperador, outra bem, e faltava-lhe a melhor. Em mandar governadores ás provincias, homens que fossem esponjas, fazia mal: em espremer as esponjas quando tornavam, e lhe confiscar o que traziam, fazia bem e justamente; mas faltava-lhe a melhor, como injusto e tyranno que era, porque tudo o que espremia das esponjas, não o havia de tomar para si, senão restituï-lo ás mesmas provincias donde se tinha roubado. Isto é o que são obrigados a fazer em consciencia os reis que se desejam salvar, e não

cuidar que satisfazem ao zelo e obrigação da justiça com mandar prender em um castello o que roubou a cidade, a província, o estado. Que importa que, por alguns dias, ou mezes, se lhe dé esta sombra de castigo, se passados elles se vae lograr do que trouxe roubado, e os que padeceram os danos não são restituídos?

Ha nesta, que parece justiça, um engano gravíssimo, com que nem o castigado, nem o que castiga, se livram da condenação eterna: e para que se entenda ou queira entender este engano, é necessário que se declare. Quem tomou o alheio fica sujeito a duas satisfações: á pena da lei, e á restituição do que tomou. Na pena pôde dispensar o rei como legislador; na restituição não pôde, porque é indispensável. E obra-se tanto pelo contrario, ainda quando se faz, ou se cuida que se faz justiça, que só se executa a pena, ou alguma parte da pena, e a restituição não lembra, nem se faz della caso.

Resumindo pois o que tenho dito, nem os reis, nem os ladrões, nem os roubados, se podem molestar da doutrina que preguei, porque a todos está bem. Está bem aos roubados, porque ficarão restituídos do que tinham perdido; está bem aos reis, porque sem perda, antes com aumento da sua fazenda, desencarregaráo suas almas. E finalmente, os mesmos ladrões, que parecem os mais prejudicados, são os que mais interessam. Ou roubaram com tenção de restituir, ou não: se com tenção de restituir, isso é o que eu lhes digo, e que o façam a tempo. Se o fizeram sem essa tenção, fizeram logo conta de ir ao inferno, e não podem estar tão cegos, que não tenham por melhor ir ao paraíso. Só lhes pôde fazer medo haverem de ser despojados do que despojaram aos

outros; mas assim como estes tiveram paciencia por força, tenham-na elles com merecimento. Se os esmoleres compram o céu com o proprio, porque se não contentarão os ladrões de o comprar com o alheio? A fazenda alheia e a propria toda se alija ao mar sem dôr, no tempo da tempestade. E quem ha que salvando-se do naufragio a nado e despido, não mande pintar a sua boa fortuna, e a dedique aos altares com acção de graças? Toda a sua fazenda dará o homem de boa vontade, por salvar a vida, diz o Espírito Santo; e quanto de melhor vontade deve dar a fazenda que não é sua, por salvar, não a vida temporal, senão a eterna? O que está sentenciado á morte e á fogueira, não se teria por muito venturoso, se lhe acceitassem por partido a confiscação só dos bens? Considere-se cada um na hora da morte, e com o fogo do inferno á vista, e verá se é bom partido o que lhe persuado. Se as vossas mãos e os vossos pés são causa de vossa condenação, cortae-os; e se os vossos olhos, arrancae-os, diz Christo, porque melhor vos está ir ao paraíso manco, aleijado e cego, que com todos os membros inteiros ao inferno. É isto verdade, ou não? Acabemos de ter fé, acabemos de crer que ha inferno, acabemos de entender que sem restituir ninguem se pôde salvar. Vede, vede ainda humanamente o que perdeis, e porquê? Nesta restituição ou forçosa, ou forçada, que não quereis fazer, que é o que daes, e o que deixaes? O que daes, é o que não tinheis; o que deixaes, é o que não podeis levar comvosco, e por isso vos perdeis. Nú entrei neste mundo, e nú hei de sair delle, dizia Job; e assim sairam o bom e o mau ladrão. Pois se assim ha de ser, queiraes ou não queiraes, despido por despido, não é melhor ir com o bom ladrão ao paraíso, que com o mau ao inferno?

Rei dos reis, Senhor dos senhores, que morrestes entre ladrões para pagar o furto do primeiro ladrão

—e o primeiro a quem prometteste o paraíso, foi outro ladrão—para que os ladrões e os reis se salvem, ensinareis com vosso exemplo, e inspirareis com vossa graça a todos os reis, que não elegendo, nem dissimulando, nem consentindo, nem aumentando ladrões, de tal maneira impidan os furtos futuros, e façam restituir os passados, que em lugar de os ladrões os levarem consigo, como levam, ao inferno, levem elles consigo os ladrões ao paraíso, como vós fizestes hoje: *Hodie mecum eris in paradyso.*



### Os fructos das minas

D'um sermão da primeira oitava da Paschoa pregado em Belem do Grão-Pará em 1656. Tinha sido enviada uma comissão á serra dos Pacujás, á procura de minas de ouro. Foram infructiferas as pesquisas feitas. Vieira tratou de consolar os colonos mostrando-lhes os inconvenientes que resultariam da descoberta das minas.

*Sermões, 5.º vol. 1855.*

Eu nunca fui ao Potosi, nem vi minas; porém nos livros que descrevem o que nelas passa, não só causa espanto, mas horror, lêr a fabrica e as machinas, os artifícios e a força, o trabalho e os perigos com que as montanhas se cavam, as betas se seguem, e, perdidas, se tornam a buscar: os encontros de pedernas impenetráveis, ou de águas subterrâneas, que rebentam das penhas, as quaes, ou se hão de esgotar com bombas, ou abrir-lhes novo caminho, furando por outra parte os mesmos montes: o estrondo dos maços, das cunhas, das alavancas, e dos outros instrumentos de ferro, alguns dos quaes tem cento e cinqüenta libras de pezo, com que se batem, cortam e arrancam as pedras, ou se precipitam com maior perigo do alto:

e tudo isto naquellas profundissimas concavidades, ou infernos, onde nunca entrou o raio do sol, allumiados malignamente aquelles infelizes Ciclopes só com a luz escassa e contrafeita de alguns fogos artificiaes, cujo halito, fumo e vapor ardente lhes toma a respiração, e muitas vezes os afoga.

Faz aqui padecer a cubica muito mais do que prophetiza Isaías que fará em algum tempo a penitencia: *Introibunt in speluncas petrarum et in voragini terræ: projiciet homo idola argenti sui, et simulacra auri sui, quæ fecerat sibi, ut adoraret, talpas, et vespertiliones:* (Isai. II — 19 e 20) Metter-se hão os homens pelas covas e pelas concavidades mais profundas da terra, não para buscar oiro ou prata, mas abominando e lançando de si os idolos, que do oiro e da prata tinham feito, toupeiras e morcegos. Vede agora estas mesmas figuras como as ajunta e introduz todas a cubica neste escuro e horrendo theatro da paciencia sem virtude. Alli os penitentes arrependidos entram pelas grutas e concavidades da terra; aqui os cubicosos e enganados tambem se mettem, não pelas covas que a terra tem aberto, senão pelas que elles cavam e rompem á viva força, muito mais penetrantes e profundas: alli desprezam-se os idolos de oiro e prata, conhecida sua mentira e vaidade; aqui estima-se e adora-se tanto a mesma vaidade, que por novos e occultos caminhos de tantos estadios se vae buscar e desenterrar o oiro e prata, para se fundirem e lavrarem idolos: alli as figuras dos idolos são toupeiras e morcegos: *Talpas et vespertiliones;* e aqui os homens, desfigurados como toupeiras, vivem debaixo da terra, sem ter olhos para vêr a luz, e como morcegos fogem do sol e do dia, e se vão mais sepultar que viver naquelle escura e perpetua noite. Ainda teem outra propriedade: porque uns, como toupeiras, com os pés e mãos na terra a andam cavando, revolvendo e mondando continuamente

e outros, como morcegos suspensos no ar, estão picando as pedras e sangrando as suas veias com o corpo, e com a vida pendente de uma corda. Houve jámais algum anacoreta dos que habitavam as covas, que fizesse tal penitencia?

---

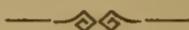
Aqui vereis qual é o fructo das minas, e o que fazem esses rios de oiro e prata, trazidos de tão longe. Com as suas enchentes inundam a terra, opprimem os povos, arruinam as casas, destroem os reinos.

As causas naturaes destes effeitos tão lamentaveis, não são ordinariamente outras, senão as mesmas que precederam no reinado de Salomão. E quaes foram estas? O luxo, a vaidade, a ostentação, a delicia, os palacios, as casas de prazer, as fabricas e machinas exquisitas, e outras coisas tão notaveis como superfluas, que chamavam á corte de Jerusalem os olhos do mundo, e vistas, desmaiavam a admiração, como aconteceu á rainha Sabá. As baixellas todas eram de oiro, (porque da prata não se fazia caso) as mezas e todas as outras altayas, tambem de oiro, e, o que se não podéra crér, se o não referira a historia sagrada, até as lanças e escudos, em grande numero, de oiro. Nestes monstros da vaidade (que sempre é maior que o poder) se consumiam aquelles immensos thesouros, e onde não chegavam os milhões das frotas, suppriam os tributos dos vassallos. Quando as frotas haviam de partir, uns concorriam com o prestimo de suas artes para os aprestos, outros com as contribuições das suas herdades para os bastimentos, outros com o dinheiro amoedado para os soldos, outros com as proprias pessoas, embarcando-se forçados a uma tão dilatada, tão nova e tão perigosa navegação. E quando as mesmas frotas voltavam carregadas de oiro e prata, nada disto era para allivio ou remedio dos povos, senão para

mais se encherem e incharem os que tinham mando sobre elles, e para se excogitarem novas artes de espediçar, e novas invenções de destruir. E se isto succedia no reinado e governo de Salomão, vêde se se pôde esperar ou temer outro tanto, quando não forem Salomões os que tenham o governo!

Dos futuros condicionaes e contingentes, ninguem é sabedor senão Deus e os seus prophetas. E assim não quero que me creaes a mim, senão a Isaias: *Repleta est terra argento, et auro et non est finis thesaurorum ejus:* (Isaias II — 7) Vejo a terra (diz Isaias) toda cheia de oiro e prata; e são tantos e tão grandes os seus thesouros, que não teem fim. Oh ditosa e bem afortunada terra, em que não haverá já pobreza nem miseria, pois estando toda cheia, a todos abrangeá a riqueza, e não haverá quem não tenha com que remediar a sua necessidade! Assim parece verdadeiramente. Mas vejamos se vê mais alguma coisa o propheta, e se é isto mesmo que nós inferimos. Vae por diante Isaias, e ás palavras que tinha dito accrescenta as seguintes: *Et repleta est terra ejus equis, et innumerabiles quadrigae ejus: et repleta est terra ejus idolis: opus manuum suarum adoraverunt.* (Ibid. — 8) Depois de vêr a terra cheia de oiro e prata, o que mais vi, diz o propheta, foi que a mesma terra estava cheia de cavallos, e que as suas carroças eram innumeraveis, e que os homens adoravam as obras de suas mãos, e faziam dellas idolos. Eis aqui os augmentos que havia de ter o reino com os haveres que lhe promettiam as vossas minas. Encher-se-hia a terra de oiro e prata; mas esse oiro e prata, posto que naturalmente desce para baixo, havia de subir para cima. Não havia de chegar aos pequenos e pobres, mas todo se havia de abarcar e consumir nas mãos dos grandes e poderosos; porque, como bem disse o outro, as magnetes atrahem o ferro, e os magnates o oiro: e as

obras pias em que esses thesouros se haviam de dispender, eram, mais cavallos, e mais carroças, e mais galas, e mais palacios e obras magnificas e ostentosas: e tambem haviam de ter parte nelles os idolos baptizados, que lá se adoram, e que tantas vidas e fazendas teem destruido. E se estes eram os proveitos com que se havia de adiantar o reino no descobrimento das vossas minas, á custa da vossa fazenda, do vosso trabalho, da vossa oppressão e do vosso captiveiro; vede se foi grande favor e providencia do céu, que se não descobrissem, e se tanto no particular, como no geral, ia desencaminhada e errada a vossa esperança: *Nos autem sperabamus.*



### Violencias feitas aos missionarios

Do admiravel sermão da Epiphania pregado na capella real em 1662, sobre o thema: *Da conversão dos gentios figurada pelos reis magos.* O padre Antonio Vieira chegara havia pouco do Maranhão, de cujas missões fôra expulso como todos os missionarios da companhia de Jesus, por se opporem á exploração e aos captiveiros injustos dos indios, e aproveitou o ensejo para verberar com extraordinaria vehemencia as iniquidades praticadas pelos colonos do Maranhão e do Pará.

*Sermões, 2.º vol. 1854.*

Quem havia de crer que em uma colonia chamada de portuguezes se visse a egreja sem obediencia, as censuras sem temor, o sacerdocio sem respeito, e as pessoas e logares sagrados sem immunidade? Quem havia de crer que houvessem de arrancar violentamente de seus claustros aos religiosos, e leval-los presos entre beleguins e espadas nuas pelas ruas publicas, e tel-os aferrolhados, e com guardas, até os des-

terrarem? Quem havia de crer que com a mesma violencia e affronta lançassem de suas christandades aos prégadores do evangelho, com escandalo nunca imaginado dos antigos christãos, sem pejo dos novamente convertidos, e á vista dos gentios attonitos e pasmados? Quem havia de crer que até aos mesmos parochos não perdoassem, e que chegassem a os despojar de suas egrejas, com interdicto total do culto divino e uso de seus ministerios: as egrejas ermas, os baptisterios fechados, os sacrarios sem Sacramento; enfim, o mesmo Christo privado de seus altares, e Deus de seus sacrificios? Isto é o que lá se viu então: e que será hoje o que se vê, e o que se não vê? Não fallo dos auctores e executores destes sacrilegios, tantas vezes e por tantos titulos excommungados; porque lá lhes ficam papas que os absolvam. Mas que será dos pobres e miseraveis indios, que são a preza e os despojos de toda esta guerra? Que será dos christãos? Que será dos cathecumenos? Que será dos gentios? Que será dos paes, das mulheres, dos filhos e de todo o sexo e idade? Os vivos e sãos sem doutrina, os enfermos sem sacramentos, os mortos sem suffragios nem sepultura, e tanto genero de almas em extrema necessidade sem nenhum remedio?! Os pastores, parte presos e desterrados, parte mettidos pelas brenhas; os rebanhos despedaçados; as ovelhas ou ronbadas ou perdidas; os lobos famintos, fartos agora de sangue, sem resistencia; a liberdade por mil modos trocada em servidão e captiveiro; e só a cubica, a tyrannia, a sensualidade e o inferno, contentes. E que a tudo isto se atrevessem e atrevam homens com nome de portuguezes, e em tempo de rei portuguez?!

Grandes desconcertos se lèem no mesmo capitulo do nosso evangelho; mas de todos acho eu a escusa nas primeiras palavras delle: *In diebus Herodis regis.* Se succederam similhantes escandalos nos dias d'el-

rei Herodes, o tempo os desculpava ou culpava menos; mas nos dias daquelle monarca, que com o nome e com a corôa herdou o zelo, a fé, a religião, a piedade do grande Affonso I?! Oh que paralelo tão indigno do nome portuguez se pudera formar na comparação de tempo a tempo! Naquelle tempo andavam os portuguezes sempre com as armas ás costas contra os inimigos da fé, hoje tomam as armas contra os prégadores da fé: então conquistavam e escalavam cidades para Deus, hoje conquistam e escalam as casas de Deus: então lançavam os caíques fóra das mesquitas, hoje lançam os sacerdotes fóra das egrejas: então consagravam os logares profanos em casas de oração, hoje fazem das casas de oração logares profanos: então finalmente eram defensores e prégadores do nome christão, hoje são perseguidores e destruidores, e opprobrio e infamia do mesmo nome.

E para que até a corte e assento dos reis que lhe succederam não ficasse fóra deste paralelo; então saiam pela barra de Lisboa as nossas náus carregadas de prégadores, que voluntariamente se desterravam da patria para pregar nas conquistas a lei de Christo; hoje entram pela mesma barra, trazendo desterrados violentamente os mesmos prégadores, só porque defendem nas conquistas a lei de Christo. Não se envergonhe já a barra de Argel, de que entrem por ella os sacerdotes de Christo, captivos e presos, pois o mesmo se viu em nossos dias na barra de Lisboa. Oh que bem empregado prodigo fóra neste caso, se fugindo daquelle barra o mar, e voltando atraz o Tejo, lhe pudessemos dizer como ao rio e ao mar da terra, que então começava a ser santa: *Quid est tibi, mare, quod fugisti, et tu, Jordanis, quia conversus es retrorsum?* (Psal. CXIII — 5) Gloriava-se o Tejo quando nas suas ribeiras se fabricavam, e pelas suas correntes saiam as armadas conquistadoras do imperio de Chris-

to: gloriava-se, digo, de ser elle aquelle famoso rio de quem cantavam os versos de David: *Dominabitur a mari usque ad mare, et a flumine usque ad terminos orbis terrarum*: (Ibid. LXXI — 8) mas hoje, envergonhado de tão affrontosa mudança, devêra tornar atraz, e ir-se esconder nas grutas do seu nascimento, se não é que de corrido corre ao mar para se afogar e sepultar no mais profundo delle. Desengane-se porém Lisboa, que o mesmo mar lhe está lançando em rosto o soffrimento de tamanho escandalo, e que as ondas com que escumando de ira bate as suas praias, são brados com que lhe está dizendo as mesmas injurias que autigamente a Sidonia: *Erubescere, Sidon, ait mare.*

.....

Perseguirem os christãos a quem defendem os gentios, aborrecerem os do proprio sangue a quem amam os estranhos, lançarem de si os que teem uso de razão a quem recolhem, abraçam e querem com-sigo os barbaros; coisa era incrivel, se não estivera tão experimentada e tão vista. E supposto que é assim, qual pôde ser a causa? Com serem tão notaveis os effeitos, ainda a causa é mais notavel. Toda a causa de nos perseguirem aquelles chamados christãos, é porque fazemos pelos gentios o que Christo fez pelos Magos: *Procedentes adoraverunt eum: et responso accepto ne redirent ad Herodem, per aliam viam reversi sunt in regionem suam.* (Ibid. — 11 e 12) Toda a Providencia Divina para com os Magos consistiu em duas acções: primeira em os trazer aos pés de Christo por um caminho: segunda em os livrar das mãos de Herodes por outro. Não fôra grande semrazão, não fôra grande injustiça, não fôra grande impiedade, trazer os Magos a Christo, e depois entregal-os a Herodes? Pois estas são as culpas daquelle pregaçores de Christo, e esta a unica causa por que se vêem, e os vêdes tão

perseguidos. Querem que tragamos os gentios á fé, e que os entreguemos á cubiça: querem que tragamos as ovelhas ao rebanho, e que as entreguemos ao cutillo: querem que tragamos os Magos a Christo e que os entreguemos a Herodes. E porque encontramos esta semrazão, nós somos os desarrazoados: porque resistimos a esta injustiça, nós somos os injustos: porque contradizemos esta impiedade, nós somos os impíos.

Acabe de entender Portugal que não pôde haver christandade nem christandades nas conquistas, sem os ministros do evangelho terem abertos e livres estes dois caminhos, que hoje lhes mostrou Christo. Um caminho para trazerem os Magos á adoração, e outro para os livrarem da perseguição: um caminho para trazerem os gentios á fé, outro para os livrarem da tyrannia: um caminho para lhes salvarem as almas, outro para lhes libertarem os corpos. Neste segundo caminho está toda a duvida, porque nelle consiste toda a tentação. Querem que aos ministros do evangelho pertença só a cura das almas, e que a servidão e captiveiro dos corpos seja dos ministros do estado. Isto é o que Herodes queria. Se o caminho por onde se salvaram os Magos estivera á conta de Herodes, muito boa conta daria delles: a que deu dos inocentes. Não é esse o governo de Christo.

.....

E porque na appellação deste pleito, em que a injustiça e violencia dos lobos ficou vencedora, é justo que tambem elles sejam ouvidos; assim como ouvistes balar as ovelhas no que eu tenho dito, ouvi tambem uivar os mesmos lobos, no que elles dizem.

Dizem que o chamado zelo com que defendemos os indios, é interesseiro e injusto: interesseiro, porque os defendemos para que nos sirvam a nós: e injusto,

porque defendemos que sirvam ao povo. Provam o primeiro, e cuidam que com evidencia, porque vêem que nas aldéas edificamos as egrejas com os indios: vêem que pelos rios navegamos em canoas esquipadas de indios: vêem que nas missões por agua e por terra nos acompanham e conduzem os indios: logo, defendemos e queremos os indios para que nos sirvam a nós! Esta é a sua primeira consequencia muito como sua, da qual porém nos defende muito facilmente o evangelho. Os Magos, que tambem eram indios, de tal maneira seguiam, e acompanhavam a estrella, que ella não se movia, nem dava passo sem elles. Mas em todos estes passos, e em todos estes caminhos, quem servia, e a quem? Servia a estrella aos Magos, ou os Magos á estrella? Claro está que a estrella os servia a elles, e não elles a ella. Ella os foi buscar tão longe, ella os trouxe ao presepio, ella os allumiava, ella os guiava; mas não para que elles a servissem a ella, senão para que servissem a Christo por quem ella os servia. Este é o modo com que nós servimos aos indios, e com que dizem que elles nos servem.

Se edificamos com elles as suas egrejas, cujas paredes são de barro, as columnas de pão tosco, e as abobadas de folhas de palma, sendo nós os mestres e os obreiros daquella architectura, com o cordel, com o prumo, com a enxada, e com a serra e os outros instrumentos (que tambem nós lhes damos) na mão, elles servem a Deus e a si, nós servimos a Deus e a elles; mas não elles a nós. Se nos veem buscar em uma canoa, como teem por ordem, nos logares onde não residimos, sendo isso, como é, para os ir doutrinar por seu turno, ou para ir sacramentar os enfermos a qualquer hora do dia ou da noite, em distancia de trinta, de quarenta e de sessenta legoas, não nos veem elles servir a nós, nós somos os que os imos

servir a elles. Se imos em missões mais largas a reduzir e descer os gentios, ou a pé, e muitas vezes descalços, ou embarcados em grandes tropas á ida, e muito maiores á vinda, elles e nós, imos em serviço da fé e da republica, para que tenha mais subditos a egreja e mais vassallos a corôa: e nem os que levamos, nem os que trazemos, nos servem a nós, senão nós a uns e a outros, e ao rei e a Christo. E porque deste modo, ou nas aldèas, ou fóra dellas nos vêem sempre com os indios, e os indios commosco, interpretam esta mesma assistencia tanto ás avessas, que em vez de dizerem que nós os servimos, dizem que elles nos servem.

Veio o Filho de Deus do céo á terra a salvar o mundo; e sempre andava acompanhado e seguido dos mesmos homens a quem veio salvar. Seguiam-no os apostolos, que eram doze: seguiam-no os discípulos, que eram setenta e dois: seguiam-no as turbas, que eram muitos milhares: e quem era aqui o que servia, ou era servido? O mesmo Senhor o disse: *Non veni ministrari sed ministrare*: (Mat. XX — 28) Eu não vim a ser servido, senão a servir. E todos estes que me seguem e me assistem, todos estes que eu vim buscar e me buscam, eu sou o que os sirvo a elles, e não elles a mim. Era Christo mestre, era medico, era pastor, como elle disse muitas vezes. E estes mesmos são os officios em que servem aos gentios e christãos aquelles ministros do evangelho. São mestres, porque cethechizam e ensinam a grandes e pequenos, e não uma, senão duas vezes no dia: e quando o mestre está na aula ou na eschola, não são os discípulos os que servem ao mestre, senão o mestre aos discípulos. São medicos, porque não só lhes curam as almas, senão tambem os corpos, fazendo-lhes o comer e os medicamentos, e applicando-lh'os por suas proprias mãos ás chagas, ou ás doenças, por asquerosas

que sejam; e quando o medico cura os enfermos, ou cura delles, não são os enfermos os que servem o medico, senão o medico aos enfermos. São pastores, porque teem cuidado de dar o pasto ás ovelhas e a criação aos cordeiros, vigiando sobre todo o rebanho de dia e de noite: e quando o pastor assim o faz, e nisso se desvela, não são as ovelhas as que servem ao pastor, senão o pastor ás ovelhas. Mas porque isto não serve aos lobos, por isso dizem que os pastores se servem.

Quanto aos interesses, não tenho eu que dizer; porque todos os nossos haveres elles os teem em seu poder. Assim como nos prenderam e desterraram, assim se apoderaram tambem das nossas choupanas e de quanto nellas havia. Digam agora o que acharam. Acharam oiro e prata; mas só a dos calices e custódias. Nos altares acharam sacrarios, imagens e reliquias: nas sachristias ornamentos, não ricos, mas decentes e limpos: nas cellas de taipas pardas e telha vã alguns livros, cathecismos, disciplinas, cilicios, e uma tabua ou rête em lugar de camas, porque as que levámos de cá se dedicaram a um hospital, que não havia: e se nas nossas guarda-roupas se acharam alguns manteos e sotanas remendadas, eram de algodão grosseiro, tinto na lama, como o calçado de pelles de veado e porco montez, que são as mesmas galas com que aqui aparecemos.



## As imagens dos reis

Do sermão da 22.<sup>a</sup> dominga do Pentecostes prégado em S. Luiz do Maranhão. O estado do Maranhão fôra dividido em dois governos, nos quaes foram providos dois naturaes d'aquelle terra. O P. Antonio Vieira procurou indicar-lhes o meio de se não deixarem influenciar pelas affeições e interesses locaes. Não é este o menos notavel dos seus sermões politicos, em que mostra nos governadores as imagens do rei que representam.

*Sermões, 2.<sup>o</sup> vol. 1854.*

Ainda resta a maior dôr e o maior escandalo. E qual é? É que quando estas imagens tornam para d'onde vieram, são taes as bullas de canonisação que levam comsigo, que merecem ser collocadas sobre os altares. Oh quem lhes puzera tambem diante as insignias dos seus milagres! Vede que Xavieres da India, e que Anchietas do Brazil! E o peior é que se algum os não imitou, nem teve imitadores, esse é recebido sem applauso, e está sepultado sem culto. Mas não deixemos em silencio os milagres dos applaudidos. Nesses famosos santuarios da Europa, onde se veneram imagens milagrosas, alli se vêem penduradas as mortalhas, as muletas, as cadéas, as amarras, os pés, os braços, os olhos, as linguas, os corações dos que protestam naquelles votos dever-lhes miraculosamente todos estes beneficios. Deixadas pois as outras terras mais remotas, que tambem podem testimunhar neste caso, vós que me ouvis, que direis da vossa? Que milagres vistes nos já mortos? (que não fallo, nem quero que falleis nos vivos) E quaes seriam as merecidas insignias, ou trophéos dos mesmos milagres, com que a verdade sem lisonja, e a memoria ainda com horror, lhes adornaria as sepulturas? Tambem alli se veriam mortalhas, não de poucos que resuscitassem, mas de

infinitos e sem numero a quem tiraram a vida. Tambem se veriam cadeas, não dos que libertaram do captiveiro, mas das nações e povos inteiros que, sendo livres, fizeram captivos. Tambem se veriam amarras, não dos navios que salvaram, mas dos que fizeram naufragar e perder, sendo elles no mar e na terra a maior tormenta. Tambem se veriam muletas, não dos estropeados que sarassem, mas dos que, sendo ricos e abastados, os deixaram mendigando por portas, e sem remedio. Tambem se veriam braços e pés, dos que, sendo poderosos, só porque o eram, os enfraqueceu, derribou e opprimiu o seu injusto poder, sem mais razão que a violencia. Tambem se veriam, finalmente, os olhos que fizeram cegar com lagrimas, e os corações que afogaram em tristezas, em lastimas e desesperações; e as linguas que emmudeceram sem poderem fallar, nem dar um ai, por lhes não ser licito clamar á terra, nem ainda gemer ao céo. Estes e outros são os milagres daquellas canonisadas imagens, que, chegando aqui despidas e toscas, tornaram esto-fadas de brocado e oiro, e pintadas com as falsas côres com que enganaram a fama: por ella são recebidas em andores, e frequentadas com romarias.

## VI

Atégora tenho representado aos nossos novos governadores e naturaes, o que não devem imitar nos estranhos. Nem creio lhes será difficultoso a abominação de tão perniciosos exemplos, não só como experimentados em todos, mas tambem como feridos e magoados. Saibam porém que nelles, como naturaes, concorre outra terceira dificuldade, que nos estranhos não tem logar. Porquê? Porque ainda que uns e outros são imagens, elles são imagens com as raizes na terra. As imagens não só são obra dos estatuarios e pinto-

res, senão tambem dos jardineiros. Uma das coisas mais curiosas que se vê nos jardins onde as terras se cultivam mais primorosamente que nesta nossa, são varias figuras de murta, ou de outras plantas formadas com tal artificio, proporção e viveza de membros, que, tirada a cõr verde, em tudo o mais se não distinguem do natural que representam. Mas esta mesma representação é muito difficultosa de conservar. As outras imagens, ou sejam fundidas em metal, ou esculpidas em pedra, ou entalhadas em madeira, ou pintadas nos quadros, ou tecidas nos tapizes, sem mais diligencia nem cuidado, sempre conservam e representam a figura que lhes deu o artifice. Porém as que são formadas de plantas, como teem as raizes na terra, donde recebem o humor, crescendo naturalmente os ramos, facilmente se descompõem e se fazem monstros. Isto mesmo sucede, ou pôde suceder aos que teem o governo da sua propria patria, e não por outra razão ou fundamento, senão porque teem as raizes na terra. Alli teem os parentes, alli os amigos, alli os inimigos, alli os interesses da fazenda, da familia, da pessoa; e qualquer destes humores ou respeitos, e muito mais todos juntos, podem descompôr de tal sorte a imagem e representação de quem governa, que nem apparencia ihe fique do que deve ser, e em tudo obre e seja o contrario do que é obrigado. Se o humor das raizes lhe brotar pelos olhos, não poderá vêr as coisas, nem ainda olhar para ellas sem paixão, que é a que troca as cõres ás mesmas coisas, e faz que se vejam umas por outras. Se lhe tomar e ocupar os ouvidos, não ouvirá as informações com a cantella com que as deve examinar, ou ficará tão surdo que as não oïça, ainda que sejam clamores. Se lhe rebentar pela boca, mandará o que deve prohibir, e prohibirá o que deve mandar, e as suas ordens serão desordens, e as suas sentenças agravos. Finalmente,

se sair e vecejar pelos braços, e pelas mãos, que são as extremidades mais perigosas, e onde se experimentam maiores excessos, estenderá os braços aonde não chega a sua jurisdicção, e metterá a mão, e encherá as mãos do que não deve tocar.

Por certo que se os que tomaram sobre si estes encargos, se aconselharam, não digo commigo, senão com as mesmas plantas que teem as raizes na terra, ainda que os governos foram de maior suposição e auctoridade, os não haviam de acceitar. O primeiro apoloço que se escreveu no mundo, (que é fabula com significação verdadeira) foi aquelle que refere a sagrada escriptura no capitulo nono dos Juizes. Quizeram (diz) as arvores fazer um rei que as governasse, e foram offerecer o governo á oliveira, a qual se excusou, dizendo que não queria deixar o seu oleo, com que se ungem os homens e se allumiam os Denses. Ouvida a excusa, foram á figueira, e tambem a figueira não quiz acceitar, dizendo que os seus figos eram doces, e que não queria deixar a sua doçura. Em terceiro logar foram á vide, a qual disse que as suas uvas comidas eram o sabor, e bebid as alegria do mundo, e a quem tinha tão rico patrimonio, não lhe convinha deixal-o para se metter em governos. De sorte que assim andava o governo universal das arvores, como de porta em porta, sem haver quem o quizesse. Mas o que eu noto nestas excusas, é que todas convieram em uma só razão, e a mesma, que era não querer cada uma deixar os seus fructos. E houve alguem que dissesse, ou propozesse tal coisa a estas arvores? Houve alguem que dissesse á oliveira que havia de deixar as suas azeitonas, nem á figueira os seus figos, nem á vide as suas uvas? Ninguem. Sómente lhes disseram e propozeram que quizessem acceitar o governo. Pois se isso foi só o que lhes disseram e offereceram, e ninguem lhes fallou em haverem de deixar

os seus fructos; porque se escusaram todas com os não quererem deixar? Porque intenderam, sem terem entendimento, que quem acceita o governo de outros, só ha de tratar delles, e não de si; e que se não deixa totalmente o interesse, a conveniencia, a utilidade e qualquer outro genero de bem particular e proprio, não pôde tratar do commun.

Saibamos agora, e não de outrem, senão das mesmas arvores, se este bom governo, do modo que ellas o intenderam, se pôde conseguir e exercitar com as raizes em terra? Assim as que o offereceram, como as que o não aceitaram, todas concordam que não. Que disseram as que offereceram o governo? Disseram a cada uma das outras: *Veni, et impera nobis.* (Judic. IX—12) Vinde, e governae-nos. Vinde? Logo, se ellas haviam de ir, haviam-se de arrancar do lugar onde estavam e deixar as suas raizes. E cada uma das que não aceitaram, que respondeu? Respondeu que não podia ir, porque movendo-se havia de deixar as suas raizes, e sem raizes não podia dar fructo: *Numquid possum deserere pinguedinem meam, et venire ut inter ligna promoveat?* (Ibid.—9) De maneira que, governar, e governar bem, não pode ser com as raizes na terra. Governar mal, e para destruição do bem commun, isso sim. E na mesma historia o temos, que ainda vae por diante. Vendo as arvores que as tres a que tinham offerecido o governo o não quizeram acceitar, diz o texto que se foram ter com o espinheiro, e lhe fizeram a mesma offerta. E que respondeu o espinheiro? É resposta muito digna de ponderação. A proposta das arvores foi a mesma: *Veni, et impera super nos;* (Ibid. 14) e elle respondeu não só como espinheiro, senão como espinhado: *Si vere me regem vobis constituistis, venite, et sub umbra mea requiescite: si autem non vultis, egrediatur ignis de rhamno et devoret cedros Libani:* (Ibid.—15) Se verdadeiramente me doaes

o imperio, vinde todas deitar-vos a meus pés, e pôr-vos á minha sombra, e se houver alguma que repugne, sairá tal fogo do espinheiro, que abraze os mais altos cedros do Libano. Não sei se reparaes na diferença. As arvores que the offereceram o governo, disseram-lhe: *Veni*; e elle disse-lhes: *Venite*. Não sou eu o que hei de deixar as minhas raizes, senão vós as vossas. Em conclusão, que quem ha de governar bem, deixa as suas raizes, e quem governa mal, arranca as dos subditos, e só trata de conservar as suas.



**A nobreza não é o melhor título para governar**

V. a nota do trecho *As imagens dos reis*.

*Sermões, 2.º vol. 1854.*

Mas contra tudo isto se levanta aquella política mais seguida pelo costume, que approvada pelos exemplos, a qual tem persuadido ao mundo que só ohe, ou se deixe cegar do resplendor das imagens, sem advertir que a representação em que ellas consistem, posta em qualquer materia, sempre é a mesma. Quem verdadeiramente crê em Christo, tanto adora em um crucifixo de oiro, como em outro de chumbo. Querem com tudo os lisougeiros e os lisongeados que só se devam os governos e só sejam aptos para elles os nomes pomposos e appellidos illustres: como se as acções e feitos honrosos se não hajam de esperar com maior razão daquelles que querem acquirir a honra, que dos que cuidam e dizem que já a teem. O mesmo lustre dos illustres lhes tira o temor e os enche ou incha de immunidades, que lhes dão confiança para grandes ousadias; e das ousadias grandes nascem maiores rui-

nas. O mais illustre dos elementos, o mais alto por logar, e o mais nobre por qualidade, é o fogo, e delle se accendem os raios no céu, e se atéam os incendios na terra. O seu natural onde chega é levantar fumaças, e fazer cinzas, e não é accommodado instrumento para edificar e conservar cidades o que costuma abrazar Troyas. Os outros elementos servem-nos de graça, e só o fogo á nossa custa, porque para servir ha de ter que queimar, e se não queima, não serve. Tal é a luz do mais illustre elemento, e tal muitas vezes o governo dos mais illustres. Não era illustre David, e foi illustrissimo seu filho Salomão; e o reino que sustentou e amplificou o que não era illustre, perdeu e desbaratou o illustrissimo.

No apolojo que referimos da escriptura sagrada, em que as arvores buscaram e elegeram quem as governasse, é muito para notar que aquellas a que ofereceram o governo, foram a oliveira, a figueira e a vide, sem entrar outra nos polouros desta eleição. Reparae agora nos appellidos de figueira, vide e oliveira, que todos são honrados, mas da nobreza do meio. E porque não fizeram as arvores este mesmo offerecimento aos cedros, ás palmeiras e aos cyprestes? Não são estas arvores entre todas as mais altas, as mais celebradas, as mais illustres? Pois porque não entraram em consideraçao para querer a verde e florente republica das plantas que elles a governassem? Por isso mesmo; porque eram as mais altas e as mais illustres. O alto e o illustre é bom para o bizarro e ostentoso, mas não para o util e necessario. As arvores não as fez Deus para bandeiras dos ventos, senão para sustento dos homens. Que importa que a sua altura ou a sua altiveza seja muita, se o seu fructo é pouco? A quem sustentaram jámais os cedros, as palmas, ou os cyprestes? Pelo contrario a figueira é a que saborêa o mundo, a oliveira a que o alumia, a vide a que o

alegra; e todas entre as plantas as que mais o sustentam. O que diz a escriptura das outras tres arvores altissimas e illustrissimas, é que todas buscam a sua exaltação nos montes mais levantados: *Quasi cedrus exaltata sum in Libano et quasi cypressus in monte Sion: quasi palma exaltata sum in Cades.* (Eccles. XXIV — 17 e 18) Honrem-se embora com essas arvores os seus montes, que os nossos valles não hão mister quem procure a sua exaltação, senão quem trate do nosso remedio. Os cedros, as palmas e os cyprestes são os gigantes das arvores; e o que trouxeram os gigantes á terra, não foi menos que o diluvio. Oh que duro seria o governo daquelle soberbo triumvirato: no forte do cedro, inflexivel; no rugoso da palma, aspero; e no funesto do cypreste, triste! Porém o das outras arvores de meia estatura, seria igual, seria moderado, seria suave, que por isso todas allegaram a sua docura. E isto é pelas mesmas razões o que devemos esperar do nosso.

---

## Premios dados ao merecimento

D'um sermão da Visitação prégado na Bahia

*Sermões, 1.º vol. 1854.*

Assim como a medicina, diz Philo Hebreu, não só attende a purgar os humores nocivos, senão a alentar e alimentar o sujeito debilitado: assim a um exercito ou republica não lhe basta aquella parte da justiça que com o rigor do castigo a alimpa dos vicios, como de perniciosos humores, senão que é tambem necessaria a outra parte, que com premios proporcionados ao merecimento esforce, sustente e anime a esperança dos homens. Por isso os romanos, tão intencionados

na paz e na guerra, inventaram para os soldados as corôas civicas e muraes, as ovações, os triumphos e outros premios militares, porque como o amor da vida é tão natural, quem se atreverá a arriscal-a intrepidamente, senão alentada com a esperança do premio? Quando David quiz sair a pelejar com o gigante, pergunton primeiro: *Quid dabitur viro qui percusserit philisthæum hunc?* Que se ha de dar ao homem que matar este philisteu? Já naquelle tempo se não arriscava a vida senão por seu justo preço, já então não havia no mundo quem quizesse ser valente de graça. Necessario é logo que haja premios, para que haja soldados; e que aos premios se entre pela porta do merecimento: dèem-se ao sangue derramado, e não ao herdado sómente: dèem-se ao valor, e não á valia; que depois que no mundo se introduziu venderem-se as horas militares, converteu-se a milicia em latrocínio, e vão os soldados á guerra a tirar dinheiro com que comprar, e não a obrar façanhas com que requerer. Se se guardar esta igualdade, entrará em esperanças o mosqueteiro e soldado de fortuna, que também para elle se fizeram os grandes postos, se os merecer; e animados com este pensamento, os de que hoje se não faz caso, serão leões, e farão maravilhas: que muitas vezes debaixo da espada ferrugenta está escondido o valor, como talvez debaixo dos talis bordados anda doirada a covardia. Assim que, é necessário que haja Saues liberaes, para que se levantem Davids animosos; e muito mais necessário, que os premios se dèem a quem disparar a funda e derribar o gigante, e não a quem ficar olhando desd'os arraiaes. Nenhuns serviços paga sua magestade hoje com mais liberal mão, que os do Brazil, e comtudo a guerra enfraquece, e a reputação das armas cada vez em peior estado, porque acontece nos despachos o de que ordinariamente se queixa o mundo, que os valorosos

levam as feridas, e os venturosos os premios. Na philosophia bem ordenada primeiro é a potencia e o acto, depois o habito; cá, se olharmos para os peitos dos homens, acharemos muitos habitos e mui pensionados, onde nunca houve acto, nem ainda potencia. Desta desigualdade se segue, que o effeito dos premios militares vem a ser contrario a si mesmo, porque em vez de com elles se animarem os soldados, antes se desanimam e desalentam. Como se animará o soldado a buscar a honra por meio das bombardas e dos mosquetes, se vê em um peito o sangue das ballas e n'outro a purpura das cruzes? Como se alentará a padecer os trabalhos e perigos de uma campanha, se vê premiado a Jacob, que ficou em casa, e sem premio a Esaú, que correu os montes? Se ás pelles de Jacob se dá o morgado, e ás setas de Esaú se nega a benção; se alcança mais este com o seu engano, que o outro com a sua verdade, quem haverá que trabalhe? Quem haverá que se arrisque? Quem haverá que peleje? Não ha duvida que á vista de similhautes mercês, dirão os valorosos, que vão errados; terão contricção do que deveram ter complacencia; arrepender-se-hão de seus brios, condemnarão suas passadas finezas, e se chegarem a pelejar valentemente, será por desesperação; que não ha coisa que assim desespere os benemeritos, como vêr os indignos premiados.



## Antes benemeritos que pretendentes

D'um sermão do Advento prégado ua capella real em 1644, sobre o seguinte thema: *Em todo o reino bem governado não devem os homens pretender os officios, senão os officios pretender os homens.*

*Sermões, 9.º vol. 1856.*

Oh se acabassem os homens de querer antes imitar a José, que a Jacob, e tractar mais de ser benemeritos que pretendentes! Se não bastam os exemplos humanos para nos persuadir esta honrada e descansada industria, ponhamos os olhos em todas as outras criaturas a que a natureza não deu razão nem sentido, e veremos como todas as que teem valor e prestimo, ocupadas só em crescer, e se fazer a si mesmas, sem elles pretenderem, nem buscarem a outrem, todos as buscam e pretendem a ellas. Que fazia a oliveira, a figueira e a vide, senão carregar-se de fructos, quando toda a republica verde das arvores e plantas lhe foi offerecer o governo e o imperio? Não o quizeram acceptar, porque se contentaram com o merecer. Deixese crescer o pinheiro, e subir até ás nuvens na Norwega, que de lá o irão tirar para mastro grande, e levar a bandeira no tope. Cresça tambem o cedro gigante do Libano, e saiba que quando daquelle monte fôr passado ao de Sion, não e para o sobredoirar o oiro do templo, mas para elle com maior dignidade cobrir e revestir o mesmo oiro. Bem mal cuidava o marsim na sua fortuna, quando se via endurecer nos dentes do elephante; e d'alli foi levado para throno de Salomão! Que descuidados crescem os rubins em Ceylão, e em Collocondá os diamantes; e lá os mandam conquistar com armadas os reis para resplendor e ornato das suas corôas! Empreguem todo o seu cuidado os grandes sujeitos em aperfeiçoar os talentos e dotes

que nelles depositou a natureza ou a graça, e se por retirados, e escondidos cuidarem que perdem tempo e estimação, lembrem-se que sepultadas as perolas no fundo do mar, e a prata no centro da terra, nem ás perolas falta quem pelas desafogar afogue a respiração, nem á prata quem pela desenterrar enterre a vida.

Os que se acharem com espiritos guerreiros exercitem a architectura militar, e a formatura dos exercitos na paz, e dèem sós por sós consigo as batalhas secas, para que depois as possam tingir no sangue dos inimigos: o politico faça-se versado em toda a lição das historias, e aprenda mais na pratica dos exemplos, que na especulação do discurso a resolução dos casos futuros e a experienzia dos passados. O inclinado ás letras, procure com o estudo universal as noticias de todas as sciencias, e não cuide que só com a memoria de poucos textos das leis lhe podem dar as demandas e trapaças o falso e mal merecido nome de letrado: emfim, por humilde e rasteira que seja a inclinação, ou fortuna de cada um, faça-se no seu estado insigne, lembrando-se que os antigos romanos do arado eram escolhidos para o bastão, e do triumpho tornavam outra vez ao arado. E se acaso nestes solitarios exercicios julgarem que estão ociosos por lhe tardar a promocão do que elles merecem, advirtam que tudo tem sua hora. Ás cinco da tarde chamou o pae de familias para a vinha aquelles a quem disse: *Quid hic statis tota die otiosi?* E tanto mereceram e alcançaram estes na ultima hora, como os que tinham trabalhado todas as doze do dia.



## Peccados de ministro

Do sermão do Advento prégado na capella real em 1652  
sobre o juizo final

*Sermões, 4.º vol. 1855.*

O juizo com que Deus ha de julgar aos que mandam e governam, ha de ser um juizo durissimo; porque aos pequenos conceder-se-ha misericordia; porém os grandes e poderosos serão poderosamente atormentados: *Potentes potenter tormenta patientur.* Eis aqui em que hão de vir a parar os poderes, que tanto se desejam, que tanto se anhelam, que tanto se estimam, que tanto se invejam. Os poderosos agora não temem outro poder, porque elles podem tudo; porém quando vier o juizo durissimo, então verão se ha quem pôde mais que elles: *Potentes potenter patientur.*

Mas se esse poder é dado por Deus aos poderosos: *Quoniam data est a Domino potestas vobis:* como é causa esse mesmo poder, de que os poderosos se condemnem e sejam poderosamente atormentados? Não é o poder a causa; mas é a occasião. Ordinariamente, tantos são os peccados como as occasões: quanto mais e maiores occasões, tanto mais e maiores peccados: e não ha maior nem mais terrível occasião que o poder. Tentação e poder? Tentado e poderoso? Tudo quanto tenta e intenta o diabo em um poderoso, tudo leva ao cabo, ou seja nos peccados de homem, ou nos de ministro. Nos peccados de homem, se se ajunta o poder com o appetite, não ha honra, não ha honestidade, não ha estado, nem ainda profissão, por sagrada que seja, que se não emprehenda, que se não conquiste, que se não sujeite, que se não descomponha. E nos peccados de ministro, se o poder se ajunta com a ambição, com a soberba, com o odio, com a vingança, com a inveja, com o respeito,

com a adulaçāo, não ha lei humana, nem divina, que se não atropelle, não ha merecimento que se não aniquille, não ha incapacidade que se não levante, não ha pobreza, nem miseria, nem lagrimas que se não accrescentem, não ha injustiça que se não approve, não ha violencia, não ha crueldade, não ha tyrannia que se não execute. E como estes são os abusos, os excessos e as durezas do poder, justissimo é que o juizo do Omnipotente seja durissimo, e que os poderosos (pois assim são poderosos) sejam poderosamente atormentados: *Potentes potenter tormenta patientur.*

Eu não nego que esta regra possa ter suas exceções. Nem a mesma Sabedoria Divina o nega, antes concede, aponta, e louva muito a excepção; mas ella é tal que confirma mais a mesma regra. Ouvi outra vez, não a outrem, senão a mesma Sabedoria Divina, fallando neste mesmo caso no cap. 31 do Ecclesiastes: *Qui potuit transgredi, et non est transgressus, facere mala, et non fecit: quis est hic, et laudabimus eum? Fecit enim mirabilia in vita sua.* (Eccles. XXXI — 9 e 10) Poderoso que pôde quebrar as leis sem ninguem lhe ir á mão, nem pedir conta, e não as quebrou: poderoso que pôde viver mal, e fazer com liberdade o que lhe pede o seu appetite, e não o fez: *Quis est hic, et laudabimus eum?* Que homem é este, para que o canonizemos? *Fecit enim mirabilia in vita sua:* porque faz milagres na sua vida. Não fallo nos milagres destes poderosos; porque destes estão cheias as certidões juradas, e, o que peior é, as historias impressas. Se os ouvirmos, e lhes tomarmos o depoimento, todos são rectissimos e santissimos: não ha nelles paixão, nem interesse, nem vingança, nem má vontade; senão zelo, justiça, piedade, amor do bem commun, e todas as virtudes de um ministro christão e perfeito. Mas o tribunal divino, que se não governa pelo que elles dizem, senão pelo que fazem, e

estes são os autos por onde os ha de julgar; vede, e ponderae bem o que diz: *Quis est hic?* Quem é este? Não diz: *Qui sunt hi?* Quem são estes? Não fala de muitos, ou de alguns, senão de um só, e unicamente. E porquê? Porque poderoso que possa quebrar as leis e as não quebra: *Qui potuit transgredi, et non est transgressus:* poderoso que pôde viver mal, e fazer mal, e o não faça: *Facere mala, et non fecit;* este tal, se acaso no mundo se acha algum, é um: *Quis est hic?* E esse um, não ordinariamente, nem sempre, senão por milagre: *Fecit enim mirabilia in vita sua.* Assim o diz e pondera Deus, que sabe tudo, e bastava saber o que todos sabem. E como são tão poucos e tão raros os grandes e poderosos que façam o que devem, devendo não só dar conta das suas almas, e das suas vidas, senão tambem, e muito estreita, de todas aquellas que tem debaixo do seu governo, ou do seu dominio, vede se serão muitos os que no dia do juizo se achem á mão direita!

— ♦ ♦ ♦ —

### As negociações diplomáticas

Do sermão panegyrico prégado nos annos da rainha  
D. Maria Francisca Isabel de Saboia em 1668

*Sermões, 8.º vol. 1856.*

Que de tempos costuma gastar o mundo, não digo no ajustamento de qualquer ponto de uma paz, mas só em registar e compor os ceremoniaes della! Tratados preliminares lhe chamam os politicos, mas quantos degraus se hão de subir e descer, quantas guardas se hão de romper e conquistar, antes de chegar ás portas da paz, para que se fechem as de Jano? E depois de acceptas com tanto exame de clausulas as ple-

nipotencias; depois de assentadas com tantos ciumes de auctoridade as juntas; depois de aberto o passo ás que chamam conferencias, e se haviam de chamar differenças; que tempos e que eternidades são necessarias para compor os intrincados e porfiados combates que alli se levantam de novo? Cada proposta é um pleito, cada duvida uma dilação, cada conveniencia uma discordia, cada razão uma difficuldade: cada interesse um impossivel, cada praça uma conquista: cada capitulo, e cada clausula delle uma batalha, e mil batalhas.<sup>1</sup> Em cada palmo de terra encalha a paz, em cada gota de mar se assoga, em cada atomo de ar se suspende e pára. Os avisos e as postas a correr e cruzar os reinos, e a paz muitos annos sem dar um passo.

————— ♦ ♦ ♦ —————

### As lições dos cathedraticos

V. a nota do trecho *A casa da Sabedoria* — Definições e allegorias

*Sermões, 2.º vol. 1854.*

As cadeiras das universidades, ainda que sejam de theologia, de leis, de canones, todas são de medicina, porque todas se ordenam á saude publica. E que seria se os cathedraticos da saude se trocassem em cathedraticos da peste: *In cathedra pestilentiae?* Pois saibam que taes são os que tentados da ambição, da lisonja ou do temor, em lógar de desenganarem com a verdade aos principes que os consultam, se deixam enganar do seu ou de outros respeitos, e o que elles desejam ou pretendem, isso respondem que é justo. Mudam as leis como as velas, segundo o vento que corre,

<sup>1</sup> Annal. Spondani in Append. ad annum 1645.

dissera eu; mas David o declarou com comparação mais vil, e por isso mais propria, dizendo que se deixam levar do mesmo vento como o pó da terra: *Tanquam pulvis, quem projicit ventus a facie terra.* (Ibid. —4) Os que são ou podem ser tentados desta tentação, ouçam ao grande Theodoreto na exposição deste mesmo texto: *Nam quando tentatio flaverit, arguuntur, tanquam pulvis terræ, hinc inde dispersi ad placitum dynastarum sententiarum mutatores.* A tentação é a esperança ou o temor; os doutores inconstantes são o pó solto e leve; a vontade ou inclinação dos dynastas é o vento; e o voto, a sentença e a intrepetação das leis, o que elles querem ou se presume quererem. E por esta perversão das letras e dos letrados, as mesmas universidades e cadeiras d'onde havia de manar a saude publica, veem a ser o veneno, a ruina e a peste dos reinos: *Cathedra pestilentiae.*

Se eu pregara onde agora me não querem ouvir, não deixara de representar aos reis ou a seus ministros, o exemplo nunca assaz louvado de Balthasar, e o premio que tirou Daniel da verdade e constancia com que lhe interpretou as suas letras. Continha-se nellas não menos que a morte do rei, a perda da corôa imperial e a sujeição de toda a monarchia a seus inimigos; e não lhe restando a Balthasar mais que poucas horas de vida, na mesma em que lhe anunciou Daniel uma tão funesta sentença, o mandou vestir de purpura e levantar á maior dignidade. Assim premiou um tal desengano, quem tão enganado vivia. Mas esta generosidade e justiça de um rei gentio falta hoje em muitos principes christãos e desejosos de parecer justos, os quaes antes querem imitar ao imperador Julian, tão apostata da verdade, da razão e da sua mesma corôa, como o tinha sido da fé. Tendo frequentado Julian a universidade de Athenas, e presando-se de douto, só estimava e premiava aquelles letrados que não conhe-

ciam outra lei mais que a da sua vontade. Assim o escreve delle seu antigo condiscípulo São Gregorio Nazianzeno: *Alios honoribus capiens nimirum eos, qui nullam aliam legem, quam principis voluntatem agnoscabant.* E onde os professores das letras teem os augmentos seguros na adulção, e perigosos na verdade, vede se lhes é mais necessário serem jubilados na constância, que graduados nas sciencias?

Sobre esta injustiça dos premios ainda accresce outra maior, e que mais reforça a tentação. E qual é? E' que estes hereges das leis (ainda que sejam canonicas) são os applaudidos de letrados e os reputados por doutos; e pelo contrario os que defendem a razão e pugnam pela verdade, ficam tidos por idiotas e ignorantes, como ficaram os nossos philosophos na opinião de Maximino e dos seus aduladores. Esta circunstancia de tentação, como dizia, é a mais forte, e para animos generosos a mais sensivel, quanto vae do interesse á honra. Mas para que todo o letrado christão não tema o boato destas opiniões, posto que coroadas, e vença a vaidade dellas com a verdade, tome na memoria uma só sentença, com que acabo, digna de se mandar gravar com letras de bronze em todas as universidades do mundo: *Penes regem noli velle rident sapiens.* (Eccl. VII—5) Guarda-te de querer ser tido por sabio no conceito dos reis. E de quem é este conselho, este aviso, e esta cautela? Não é menos que do Espírito Santo por boca do Ecclesiastico, para que ninguem a duvide. Mas se o que mais estimam os homens e o porque mais trabalham, assim na paz como na guerra, é que os reis tenham boa opinião delles; que razão particular ha nos sabios para que a não queiram? A razão é porque os reis (communmente) não teem por doutos e sabios senão aquelles que em tudo approvam e se conformam com os seus dictames e interesses politicos, e com as razões ou pretextos com que os que-

rem justificar; e como isto muitas vezes não pôde ser sem offensa das leis divinas, e violencia das humanas, melhor é para os taes casos ser reputado por menos douto, e não ter para com os reis opinião de sabio: *Penes regem noli velle videri sapiens.* E notae, que não só diz o Espírito Santo, não queiras ter tal opinião com os reis; mas o que diz é, não queiras querel-a ter: *Noli velle:* não queiras querer. De sorte que não só prohíbe o desejo, senão o desejo do desejo, nem só prohíbe a vontade, senão a vontade da vontade: *Noli velle,* porque se quem não quer, está longe de desejar, quem não quer querer, ainda está mais longe. E tão longe como isto deve estar todo o sabio de querer parer sabio diante dos reis: *Penes regem noli velle videri sapiens.*

---

## Nas acções se hão de fundar as eleições

V. a nota do trecho *Cresça cada um dentro da sua especie*  
—Reflexões

*Sermões, 5.º vol. 1855.*

As eleições ordinariamente fundam-se nas gerações, e por isso se acertam tão poucas vezes. Não nego que a nobreza, quando está junta com talento, deve sempre preceder a tudo; mas como os talentos Deus é o que os dá, e não os paes, não se devem fundar as eleições nas gerações, senão nas acções. Este dictame é o verdadeiro em todo o tempo, e muito mais no presente. No tempo da paz pôde-se sofrer que se dêem os logares ás gerações; mas no tempo da guerra, não se hão de dar senão ás acções. Viu o propheta Ezechiel no primeiro capítulo das suas revelações aquelle carro mysterioso, por que tiravam quatro animaes—homem, leão, boi e aguia: no capítulo

decimo tornou a vér o mesmo carro com os mesmos animaes, mas com a ordem trocada; porque na primeira visão tinha o primeiro logar o homem; na segunda visão tinha o primeiro logar o boi. Notavel mudança! Que o homem na primeira visão se anteponha ao leão, á aguia e ao boi, muito justo; porque o fez Deus senhor de todes os animaes: mas que o boi, que foi creado para o trabalho e para o arado, se anteponha a tres cabeças coroadas: ao homem, rei do mundo; ao leão, rei dos animaes; á aguia, rainha das aves! Sim: a razão litteral, e a melhor que dão os expo-  
tores, é esta. Na primeira visão estava o carro dentro do templo; na segunda visão saiu o carro á campanha: *Egressa est gloria Domini de limine templi*: (Ezech. X — 18) e quando o carro está quieto, dê se embora o primeiro logar a quem melhor é; mas quando o carro caminha, ha se de dar o primeiro logar a quem melhor puxa: e porque o boi puxava melhor que o homem, por isso se deu o primeiro logar ao boi. Quando o carro estiver no templo da paz, dêem-se embora os logares a quem melhor fôr; mas em quanto o carro estiver na campanha, hão se de dar os logares a quem melhor puxar.

### A peior peita é o respeito

V. a nota do trecho *Accumulação d'emprego*

*Sermões, 2.º vol. 1854.*

Não ha coisa no mundo por que um homem deva ir ao inferno: comtudo ninguem vae ao inferno sem sen *porqué*. Que *porqués* são logo estes, que tanto pôdem, que tanto cegam, que tanto arrastam, que tanto precipitam aos maiores homens do mundo? Já vejo que a primeira coisa que ocorre a todos é o dinheiro. *Cur?* Porquê? Por dinheiro que tudo pôde; por dinheiro que tudo vence; por dinheiro que tudo acaba.

Não nego ao dinheiro os seus poderes, nem quero tirar ao dinheiro os seus escrupulos: mas o meu não é tão vulgar, nem tão grosseiro como este. Não me temo tanto do que se furtá, como do que se não furtá. Muitos ministros ha no mundo, e em Portugal mais que muitos, que por nenhum caso os peitareis com dinheiro. Mas estes mesmos deixam-se peitar da amisade, deixam-se peitar da recommendação, deixam-se peitar da dependencia, deixam-se peitar do respeito. E não sendo nada disto oiro nem prata, são os *porquês* de toda a injustiça do mundo. A maior semjustiça que se commetteu no mundo foi a que fez Pilatos a Christo, condenando á morte a mesma Innocencia. E qual foi o *porqué* desta grande injustiça? Peitaram-no? Deram-lhe grandes sommas de dinheiro os principes dos sacerdotes? Não. Um respeito, uma dependencia foi a que condenou a Christo. *Si hunc dimittis, non es amicus Cæsar*: (Joan. XIX — 12) Se não condenaes a este, não sois amigo de Cesar. E por não arriscar a amisade e graça do Cesar, perdeu a graça e amisade de Deus, não reparando em lhe tirar a vida. Isto fez por este respeito Pilatos; e no mesmo tempo: *Aqua lavit manus suas*: (Math. XXVII — 24) pediu agua, e lavou as mãos. Que importa que as mãos de Pilatos estejam lavadas, se a consciencia não está limpa? Que importa que o ministro seja limpo de mãos, se não é limpo de respeitos? A maior peita de todas é o respeito.

Se se puzer em questão qual tem perdido mais consciencias e condemnado mais almas, se o respeito, se o dinheiro, eu sempre dissera, que o respeito: por duas razões. Primeira, porque as tentações do respeito são mais e maiores que as do dinheiro. São mais, porque o dinheiro é pouco, e os respeitos muitos. São maiores, porque em animos generosos mais facil é despresar muito dinheiro, que cortar por um pequeno respeito. Segunda, e principal, porque o que

se fez por respeito tem muito mais difficultosa restituçao, que o que se fez por dinheiro. Na injustiça que se fez, ou se vendeu por dinheiro, (como o dinheiro é coisa que se vê e que se apalpa) o mesmo dinheiro chama pelo escrupulo: o mesmo dinheiro intercede pela restituçao. A luz do diamante dá-vos nos olhos; a cadea tira por vós; o contador lembra-vos a conta; a lamina e o quadro peregrino (ainda que seja com figuras mudas) dá brados á consciencia: mas no que se fez por respeito, por amisade, por dependencia (como estas apprehensões são coisas que se não vêem; como são coisas que vos não armam a casa, nem se penduram pelas paredes) não tem o escrupulo tantos despertadores que façam lembrança á alma. Sobre tudo, se eu vendi a justiça por dinheiro, quando quero restituir (se quero) dou o que me deram, pago o que recebi, desembolso o que embolsei, que não é tão difficultoso. Mas se eu vendi a justiça, ou a dei de graça pelo respeito, haver de restituir sem ter adquirido, haver de pagar sem ter recebido, haver de desembolsar sem ter embolsado, oh que difficultade tão terrible! Quem restitue o dinheiro paga com o alheio; quem restitue o respeito ha de pagar com o proprio: e para o tirar de minha casa, para o arrancar de meus filhos, para o sangrar de minhas vêas, oh quanto valor, oh quanta resoluçao, oh quanto poder da graça divina é necessario!



## ◎ que cabe num logar

V. a nota do trecho *A reparação das desegualdades presentes*

*Sermões, 2.º vol. 1854.*

No primeiro dia da creaçao creou Deus o céu e a terra e os elementos, e é certo em boa philosophia, que não ficou nenhum vacuo no mundo, tudo estava cheio. Com isto ser assim, e parecer que não havia já logar para caber mais nada, ao terceiro dia vieram as hervas, as plantas, e as arvores; e com serem tantas em numero e tão grandes, couberam todas. Ao quarto dia vejo o sol, e sendo aquelle immenso planeta cento e sessenta e seis vezes maior que a terra, coube tambem o sol: vieram no mesmo dia as estrellas tantas mil, e cada uma de tantas mil legoas, e couberam as estrellas. Ao quinto dia vieram as aves ao ar, e couberam as aves: vieram os peixes ao mar, e com haver nelles tantos monstros de disforme grandeza, couberam os peixes. No sexto dia vieram os animaes tantos e tão grandes á terra, e couberam os animaes; finalmente veio o homem, e foi o homem o primeiro que começou a não caber; mas se não coube no paraiso, coube fóra delle. De sorte que, como dizia, nisto de logares vae grande engano: cabe nelles muito mais do que nos parece. E senão, passemos a um exemplo moral, e vejamos-o em qualquer logar da republica. O dia é do juiso, seja o logar de um julgador.

Antigamente em um logar destes que é o que cabia? Cabia o doutor com os seus textos, e umas poucas postillas, muito usadas, e por isso muito honradas. Cabia mais uma mula mal pensada, se a casa estava muito longe do Limoeiro. Cabiam os filhos honestamente vestidos, mas a pé e com a arte debaixo do braço. Cabia a mulher com poucas joias, e as criadas,

se passavam da unidade, não chegavam ao plural dos gregos. Isto é o que cabia naquelle logar antigamente: e feitas boas contas, parece que não podia caber mais. Andaram os annos, o logar não cresceu, e tem mostrado a experientia que é muito mais sem comparação o que cabe no mesmo logar. Primeiramente cabem umas casas, ou paços, que os não tinham tão grandes os condes do outro tempo: cabe uma livraria de estado, tamanha como a vaticana, e talvez com os livros tão fechados como ella os tem: cabe um coche com quatro mulas, cabem pagens, cabem lacaios, cabem escudeiros: cabe a mulher em quarto apartado, com donas, com aias, e com todos os outros arremedos da fidalguia: cabem os filhos com cavallos e criados, e talvez com o jogo e com outras mocidades de preço: cabem as filhas maiores com dotes e casamentos de mais de marca, as segundas nos mosteiros com grossas tenças: cabem tapeçarias, cabem baixellas, cabem commendas, cabem beneficios, cabem moios de rendas, e sobre tudo cabem umas mãos muito lavadas e uma consciencia muito pura, e infinitas outras coisas, que só na memoria e no entendimento não cabem. Não é isto assim? Lá nessas terras por onde eu agora andei, assim é. Pois se tudo isto cabe em um logar tão pequeno, que grande serviço fazemos nós á fé em crer que caberemos todos no valle de Josaphat? Havemos de caber todos, e se vierem outros tantos mais, para todos ha de haver valle e milagre.



## Consequencias d'um voto injusto

V. nota do trecho *A reparação das desegualdades presentes*  
— Reflexões

*Sermões, 2.º vol. 1854.*

Quaes serão as consequencias de um voto injusto em um tribunal? Quaes serão as consequencias de um voto apaixonado em um conselho? Ajude-me Deus a saber-vol-as representar, pois é materia tão occulta e de tanta importancia. Consulta-se em um conselho o logar de um vice-rei, de um general, de um governador, de um prelado, de um ministro superior da fazenda ou justiça: e que succede? Vota o conselheiro no parente, porque é parente, vota no amigo, porque é amigo, vota no recommendedo, porque é recommendedo: e os mais dignos e mais benemeritos, porque não teem amisade, nem parentesco, nem valia, ficam de fóra. Acontece isto muitas vezes? Queira Deus que alguma vez deixe de ser assim. Agora quizera eu perguntar ao conselheiro que deu este voto e que o assignou, se lhe remordeu a consciencia, ou se soube o que fazia? Homem cégo, homem precipitado, sabes o que fazes? Sabes o que firmas? Sabes que ainda que o peccado que commetteste contra o juramento de teu cargo seja um só, as consequencias que delle se seguem são infinitas e maiores que o mesmo peccado? Sabes que com essa pena te escreves réo de todos os males que fizer, que consentir, e que não estorvar esse homem indigno por quem votaste, e de todos os que delle se seguirem até o fim do mundo? Oh grande miseria! Miseravel é a república onde hae votos, miseraveis são os povos onde se mandam ministros feitos por taes eleições; mas os conselheiros que nelles votaram são os mais miseraveis de todos:

os outros levam o proveito, elles ficam com os encargos. Ide comigo.

Se o que elegestes furtá, (não o ponhamos em condicional, porque claro está que ha de furtar) furtá o que elegestes, e furtá por si e por todos os seus, como costumam os similhantes; e Deus havos de pedir a conta a vós, porque o vosso voto foi causa de todos aquelles roubos. Prové o que elegestes os officios de paz e guerra nos que teem mais que peitar, deixando os que merecem e os que serviram; e vós haveis de dar a conta Deus, porque o vosso voto foi causa de todas aquellas injustiças. Opprime o que elegestes os pobres, choram as viuvas, padecem os orphãos, clamam os innocentes; e Deus vos ba de condemnar a vós, porque o vosso voto foi causa de todas aquellas oppressões, de todas aquellas tyranias. Matam-se os homens no governo dos que elegestes, arruinam-se as casas, deshonram-se as familias, vive-se como em Turquia; e vós o haveis de ir pagar ao inferno, porque o vosso voto foi causa de todos aquelles homicídios, de todas aquellas affrontas, de todos aquelles escandalos. Quebram-se as immunidades da egreja, maltratam-se os ministros do evangelho, impedem-se as conversões da gentilidade para a propagação da fé; e vós haveis de penar por isso eternamente, porque o vosso voto foi causa de todos aquelles sacrilegios, de todas aquellas impiedades, e da perda irreparavel de tantos milhares de almas. Estas são as consequencias da parte do indigno que elegestes.

E da parte dos benemeritos que deixastes de fóra, quaes serão? Ficarem os mesmos benemeritos sem o premio devido a seus serviços: ficarem seus filhos e netos sem remedio e sem honra, depois de seus paes e avós lh'a terem ganhado com o sangue, porque vós lh'a tirastes: ficar a republica mal servida: os bons escandalisados: os principes murmurados: o governo

odiado: o mesmo conselho em que assistis, infamado: o merecimento sem esperança: o premio sem justiça: o descontentamento com desculpa: Deus offendido, o rei enganado, a patria destruida. São pesadas e pesadíssimas consequencias estas? Pois todas ellas nascem daquelle voto, ou daquelle eleição de que vós por ventura ficastes sem escrupulo, e de que recebestes as as graças (e talvez a propina) com muita alegria. Dir-me-heis que não advertistes taes coisas. Boa escusa para um conselheiro sabio! Se o não advertistes, peccastes, porque o deveveis advertir.

---

### As omissões dos que governam

V. a nota do trecho *A reparação das desigualdades presentes*  
—Reflexões

*Sermões, 2.º vol. 1854.*

Sabei christãos, sabei principes, sabei ministros, que se vos ha de pedir estreita conta do que fizestes; mas muito mais estreita do que deixastes de fazer. Pelo que fizeram, se hão de condennar muitos, pelo que não fizeram, todos. As culpas por que se condennam os réos são as que se conteem nos relatorios das sentenças: lêde agora o relatorio da sentença do dia do juiso e notae o que diz: *Discedite a me, maledicti in ignem aeternum*: (Mat. XXV—41) Ide, malditos, ao fogo eterno. E porquê? *Non dedistis mihi manducare, non dedistis mihi potum, non collegistis me, non cooperistis me, non visitastis me.* (Ibid. 42 e 43) Cinco cargos, e todos omissões: porque não déstes de comer, porque não déstes de beber, porque não recolhestes, porque não visitastes, porque não vestistes. Em summa, que os peccados que ultimamente hão de levar os condenados ao inferno, são os peccados de omissão.

Não se espantem os doutos de uma proposição tão universal como esta; porque assim é verdadeira em todo o rigor da theologia. O ultimo peccado e a ultima disposição por que se hão de condenar os pre-citos, é a impenitencia final; e a impenitencia final é peccado de omisão. Vede que coisas são omissões, e não vos espantareis do que digo. Por uma omissão perde-se uma inspiração, por uma inspiração perde-se um auxilio, por um auxilio perde-se uma contrição, por uma contrição perde-se uma alma; dae conta a Deus de uma alma, por uma omissão.

Desçamos a exemplos mais publicos. Por uma omissão perde-se uma maré, por uma maré perde-se uma viagem, por uma viagem perde-se uma armada, por uma armada perde-se um estado: dae conta a Deus de uma India, dae conta a Deus de um Brazil, por uma omissão. Por uma omissão perde-se um aviso, por um aviso perde-se uma occasião, por uma occasião perde-se um negocio, por um negocio perde-se um reino: dae conta a Deus de tantas casas, dae conta a Deus de tantas vidas, dae conta a Deus de tantas fazendas, dae conta a Deus de tantas honras, por uma omissão. Oh que arriscada salvação! Oh que arriscado officio é o dos principes e o dos ministros! Está o principe, está o ministro divertido, sem fazer má obra, sem dizer má palavra, sem ter mau nem bom pensamento: e talvez naquelle mesma hora, por culpa de uma omissão, está commettendo maiores danos, maiores estragos, maiores destruições, que todos os malfeitores do mundo em muitos annos. O salteador na charneca com um tiro mata um homem; o principe e o ministro com uma omissão, mata de um golpe uma monarchia. Estes são os escrupulos de que se não faz nenhum escrupulo; por isso mesmo são as omissões os mais perigosos de todos os peccados.

## ◎ que pôde fazer uma penna

V. a nota do trecho *A accumulaçāo d'empregos**Sermões, 2.º vol. 1854.*

Eis aqui quão occasionado officio é o daquelles em cujas mãos nascem os negocios. O parto dos negocios são as resoluções; e aquelles em cujas mãos nascem estes partos, (ou seja escrevendo ao tribunal, ou seja escrevendo ao principe) são os ministros de penna. E é tal o poder, a occasião e a subtileza deste officio, que com um geito de mão e com um torcer de penna podem dar vida, e tirar vida. Com um geito podem-vos dar com que vivaes, e com outro geito podem-vos tirar o com que viveis. Vêde se é necessario que tenham muito escrupulosas consciencias estas egyptanas, quando tanto depende dellas a buenadicha dos homens, e não pelas riscas da vossa mão, senão pelos riscos das suas! *Si dormiatis inter medios cleros (hoc est inter medias sortes) pennæ columbæ deargentatæ.* (Psal. LXVII—14) Se estaes duvidoso da vossa sorte, pennas prateadas, diz David. O sentido deste texto ainda se não sabe ao certo; mas tomado pelo que sôa, terrivel coisa é que a boa ou má sorte de uns dependa das pennas de outros! E muito mais terrivel ainda, se essas pennas por algum reflexo se poderem pratear ou doirar: *Pennæ columbæ deargentatæ, et posteriora dorsi ejus in pallore auri.* Estas pennas são as que escrevem as sortes, estas as que as tiram e as que as dão, e talvez a boa aos máus e a má aos bons. Quantos delictos se enfeitam com uma pennada? Quantos merecimentos se apagam com uma risca? Quantas famas se escurecem com um borrão? Para que vejam os que escrevem, de quantos danos podem ser causa se a mão não fôr muito certa, se a penna não fôr

muito aparada, se a tinta não fôr muito fina, se a regra não fôr muito direita, se o papel não fôr muito limpo?

Eu não sei como não treme a mão a todos os ministros de penna, e muito mais áquelles que sobre um joelho aos pés do rei recebem os seus oraculos, e os interpretam, e estendem. Elles são os que com um adverbio podem limitar ou ampliar as fortunas; elles os que com uma cifra podem adiantar direitos e atrasar preferencias; elles os que com uma palavra podem dar ou tirar peso á balança da justiça; elles os que com uma clausula equivoca ou menos clara, podem deixar duvidoso e em questão, o que havia de ser certo e effectivo; elles os que com metter ou não metter um papel, podem chegar e introduzir a quem quizerem, e desviar e excluir a quem não quizerem; elles, finalmente, os que dão a ultima fórmula ás resoluções soberanas, de que depende o ser ou não ser de tudo. Todas as pennas, como as hervas, teem a sua virtude; mas as que estão mais chegadas á fonte do poder são as que prevalecem sempre a todas as outras.



## A educação clerical

Do 12.º sermão de S. Francisco Xavier

*Sermões, 13.º vol. 1857.*

As virtudes religiosas são mui diversas das reaes, e o que é em um religioso a maior virtude, seria em um rei o maior vicio. Vê-se claro na obediencia, que sendo no religioso o fundamento e essencia da sua profissão, no rei, como diz o rei propheta, seria o maior de todos os delictos deixar-se dominar e obe-

decer a algum, quando deve mandar a todos: *Si mei non fuerint dominati, tunc immaculatus ero: et emundabor a delicto maximo.* (Psal. XVIII—14) Do religioso pôde-se esperar que faça bom um homem; mas fazendo um homem bom, pôde fazer um rei mau; porque a bondade que faz bom a um, é particular, e a do rei ha de ser universal para todos. Os mestres são os espelhos daquelles a quem ensinam: como serão nestes espelhos os reflexos reaes, mostrando á purpura o saial, á oppa a cogula, e o capello á corôa? A forma que se ha de introduzir, faz similhante a si a materia; e como seria Affonso Henriques tão grande rei, se não fosse Egas Moniz, em tudo o mais leigo, tão grande aio? Que espiritos soberanos e reaes pôde influir um professor de tão differente estado, ainda que seja de tão grande espirito? Ensinará o rei a orar, e quando saia grande rezador, para encaminhar o seu reino será cego. David, que fez o psalterio, dizia que nas suas matinas meditava em Deus: *In matutinis meditabor in te.* (Ibid. LXII—7) Mas os pontos da meditação nas mesmas matinas, eram arrancar da terra todos os maus: *In matutino interiebam omnes peccatores terræ.* (Ibid. C—8) Inclinal-o-ha como virtuoso a que prefira os virtuosos, e com isto, sem querer, o metterá nos enganos santos da hypocrisia, agradando-lhe mais um hypocrita mal vestido, que um capitão bem armado. O cavallo troyano foi recebido em procissão dentro dos muros, como voto dos gregos á deusa Pallas, e debaixo desta especie de religião levava dentro o incendio com que ardeu Troya. Como arbitro da consciencia fal-o-ha muito escrupuloso, mas por isso irresoluto, perdendo em consultas o tempo que se havia de empregar nas execuções, como bem estranhou Tacito no imperador Valente: *Inutili cunctatione agendi tempora consultando consumpsit.* (Cornel. lib. 3 Histor.) E isto acontece aonde falta a resolução, que bus-

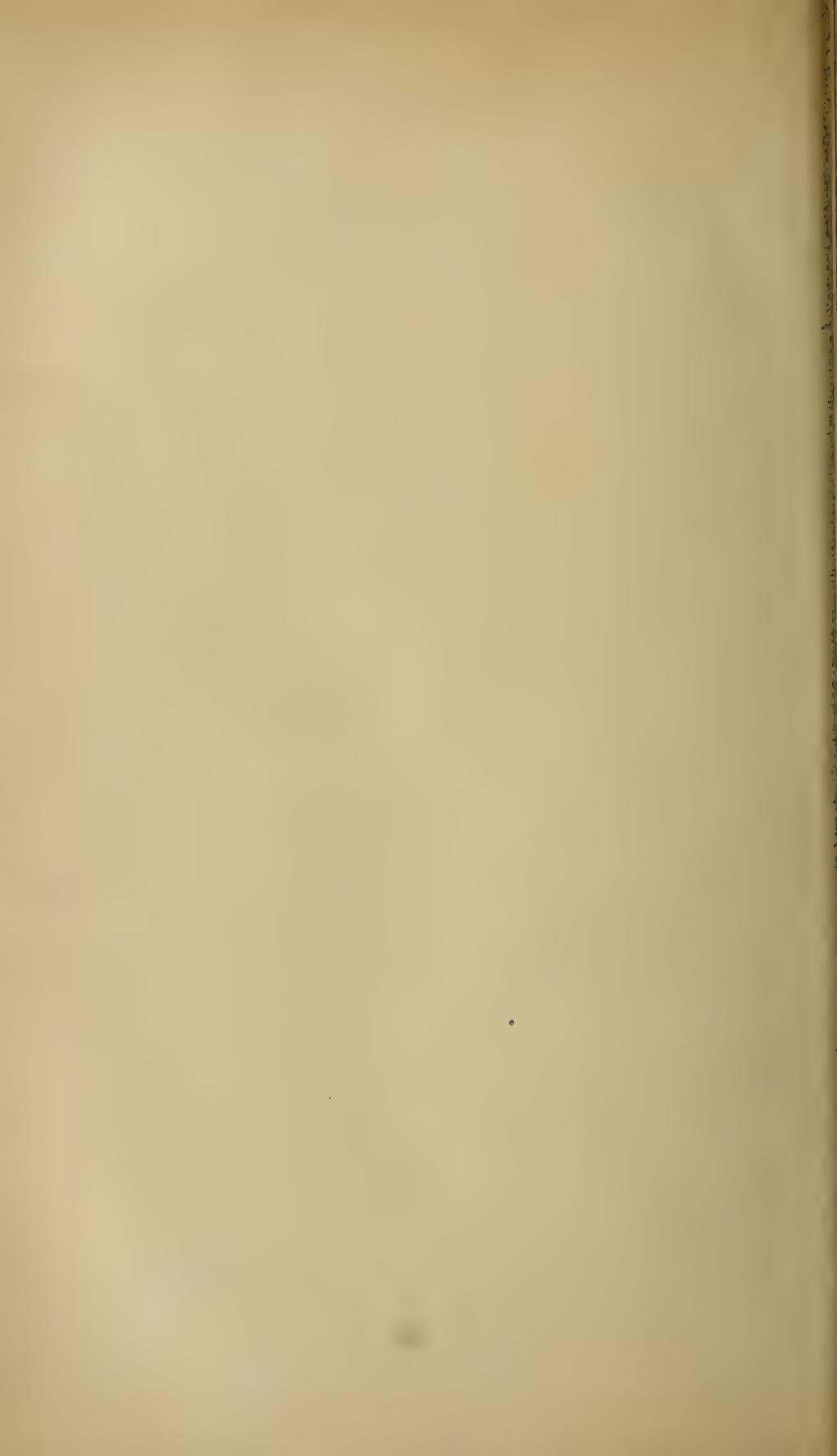
cando-se o impossivel de meios que não tenham inconveniente, tudo se teme, e nenhuma coisa se faz. Deixo os damnos, não do habito religioso, senão dos habitos que se podem pegar ao rei, tão alheios da obrigaçāo, como da magestade. Pelo desejo da paz a desattenção das armas e da guerra, pelo escrupulo da vangloria o esquecimento da fama, pelo amor e nome da piedade o perdão ou tolerancia dos delictos, emfim pelo pensamento unico do céo perder a terra, e ser como o mathematico de Seneca, que não vendo onde punha os pés, porque levava os olhos nas estrellas, caiu na cova. Taes estatuas são, dizem os politicos (e estatuas sómente) as que se podem fabricar e sair das officinas claustraes: e no cabo de muita lima ou fundição, quando a republica ha mister um grande rei, achar-se-ha quando muito com um beato.



II PARTE

# CARTAS





# CARTAS

---

*Carta ao secretario d'estado sobre o plano da guerra  
com Castella*

*Cartas, 2.º vol. 1854*

Obedeço a vossa senhoria e ponho em papel o que de palavra lhe respondi ácerca da guerra que convem fazer a Castella, e dos cabos a que se deve fiar. Accelete vossa senhoria estas mal concertadas rasões como de quem as não professa, e sirva-lhes de desculpa dital-as o zelo da patria, e escrevel-as o respeito que a vossa senhoria devo.

Quanto ao modo da guerra, discorrendo pelas rasões communs, como quem não tem noticia das particulares, parece mais conveniente tratar de dispor o reino a uma guerra defensiva, do que entrar com exercito em Castella e fazer guerra offensiva; porque primeiro se deve attender a segurar a conservação do proprio, e depois, se fôr conveniente, se poderá conquistar o alhèo.

Em quanto o reino não está fortificado de maneira

que possa resistir a qualquer invasão do inimigo, toda a outra empreza é arriscada por não dizer temeraria, e nas materias em que não vae menos que a monarquia, sempre se deve seguir a parte mais segura. Na guerra defensiva tantas vezes pôde o inimigo ser vencido e desbaratado, quantos forem os logares que se puzerem em defensa. Na offensiva pôde-se perder tudo em um dia; na defensiva ainda que se perca, será pouco em muitos annos, porque nenhuma cidade tem Portugal, que se estiver fortificada e prevenida, não custe ao inimigo um exercito, e uma campanha, ficando impossibilitado para fazer outra em muitos dias.

Em qualquer reino é verdadeira esta rasão de estato, e muito mais nos reinos menores a respeito dos maiores e mais poderosos; porque na vantagem da fortificação se supre a desigualdade do poder, e é tão facil defenderem-se os menos dos mais dentro em sua casa, quão arriscado e possivel serem os mais vencidos dos menos quando os buscam na alheia. Só em caso que as nossas forças fossem tão superiores ás de Castella que a pudesse acabar de destruir de uma vez, seria conveniente começar pela guerra offensiva; mas nem isto se houvera de intentar nunca, quando tivesse qualquer contingencia, quanto mais nas impossibilidades que são presentes e manifestas.

Os hollandezes, cujo governo nesta era os tem feito dignos de imitação, quando se rebellaram contra Hespanha, primeiro trataram de se reduzir a suas praças e fortificar-se nellas; e soffrendo por alguns annos a guerra defensiva, vieram a quebrantar as forças de toda a Hespanha, de maneira que não só podem hoje resistir em campanha a seus exercitos, senão conquistar suas provincias, senhorear seus mares, e aspirar ao dominio do mundo. Se começaram pelo fim, antes de o conseguirem, estiveram perdidos, e se a experientia tem mostrado que foi conveniente aos hol-

landezes fortificarem-se em suas praças, e usarem da guerra defensiva, estando tão distantes de Hespanha, quanto mais convirá o mesmo conselho a um reino, que rodeado por todas as partes de Castella, a maior parte que o divide é o Minho e o Guadiana.

Finalmente, reduzindo muitas razões a uma. Na resolução de entrar em Castella, os gastos são grandes e certos, porque para se formar um exercito de que se espere reputação e efeito, quando menos, ha de ser maior que o do anno passado, para o qual não bastaram as consignações de toda a substancia do reino; e sustentando-se este exercito o tempo que fôr necessario para o sitio de Badajoz, e sua expugnação, ou de outra praça forte, é força que com o tempo cresça o empenho, e alfim se ha de gastar na conquista de uma cidade do inimigo o cabedal, gente e dinheiro com que se podem fortificar e defender muitas nossas.

E' tambem o successo duvidoso, porque de mais das incertezas que traz toda a guerra, esta é dentro em Castella, onde se ha de presumir que fará o inimigo o ultimo esforço de sua potencia para soccorrer qualquer praça consideravel que lhe sitiarmos, e praça soccorrida nunca foi tomada; e posto que no presente estado de Castella se não considere tão grosso soccorro, que baste a romper o nosso sitio, nem por isso deixa de haver outros meios menos custosos de advertir, ou mettendo-nos a guerra dentro em casa por outra parte, que não será difficultoso, em um reino por mar e por terra tão aberto, ou impedir-nos os comboys e bastimentos do exercito, que, sendo superiores, como são, na cavalleria, o podem fazer facilmente, não fallando na esterilidade do paiz, falta de agua, calmas, doenças, fugidas de soldados, desuniões, intelligencias e outros accidentes por que as praças se perdem, cada um dos quaes deve ser de muito peso para quem re-

duz todo ou quasi todo seu poder ao corpo de um exercito.

E quando felizmente se consigam nossos intentos, e rendamos uma ou mais praças fortes do inimigo, ainda em tal caso se considera maior damno nosso que utilidade; porque o poder quanto mais distinto, tanto é menos, e quanto mais nos dilatamos mais nos enfraquecemos, empenhando-nos as praças rendidas a maiores e mais custosos presidios, que nem por isso, como alguns mal imaginam, podem ficar as nossas desguarnecidas; porque os presidios de Badajoz não seguram a Elvas de uma entrepreza. Praça fortificada sem guarnição é coisa inaudita. Nem menos fica a conquista de Portugal mais difficultosa por esta via, porque quando Castella tivesse para nos render vinte cidades, tambem o faria a vinte e duas, que os reinos não os faz inexpugnaveis o numero, senão a fortaleza dos logares.

Tambem se deve considerar muito o numero da cavalleria, em que o inimigo nos é superior, e a pouca disciplina e obediencia militar que sabem guardar os nossos soldados, tão pouco costumados á ordem dos esquadrões e exercitos, razão que, quando não houvera tantas, devia ser de grande momento para eleger antes o partido da guerra defensiva; porque assim como ninguem igualou nunca a constancia dos portuguezes em sustentar um cerco, assim não podemos negar que lhes fazem conhecida vantagem outras nações na destreza e exercicio de manejar um exercito, e pelejar formados; e nos exercitos e modo de pelejas de que usa a milicia moderna, apenas temos exemplo entre os portuguezes, salvo o dos campos de Alcacere, que é melhor para a cautela que para a imitação. Em-fim, se a historia é alma da politica, e os successos passados são a mais certa prophecia dos futuros, nunca lemos nas nossas historias que os portuguezes

entrando em Castella fizessem coisa consideravel, nem que os castelhanos entrassem em Portugal, que não ossem vencidos e desbaratados, para que se veja qual nos será mais conveniente, se esperar o inimigo em nossas fortificações ou il-o buscar ás suas; e onde a experienzia tão clara nos ensina, parece que é escusada diligencia buscar outras rasões.

E sendo tão solidas e tão efficazes todas as referidas, não deve de pesar mais que ellas o que se pode allegar em contrario da reputação das nossas armas e poder, o qual não ficará menos bem opinado para com as nações estrangeiras por não entrarmos em Castella, se souberem juntamente que crescem nossas fortificações e engrossam nossas armadas, assistimos a nossas conquistas, e depositamos thesouros para o tempo da maior necessidade, como logo se persuadirá. Antes por esta acção tão prudente e considerada, ganharemos muito maior credito e opinião com todas as nações estranhas, pois este é o ditame com que todos os politicos dellas dizem nos podemos só conservar, prognosticando-nos certa a ruina se por outros meios de maior risco e menos seguro efecto mal baratamos o poder, que, pela desigualdade de nossos competidores, deve ser despendido com muito tento.

E quando sua magestade, por cumprir a palavra que haja dado a França, ou a outro principe, quizesse entrar em Castella, não parece que nos obriga a tanta pontualidade a pouca que se guardou o anno passado comnosco; pois vemos que os franceses, em vez de entrarem com grande poder em Aragão, como nos tinham promettido, não só não avançaram um palmo de terra, antes perderam a praça de Monçon por falta de assistencia e soccorros, e para França dever muito á conservação de nossa amizade, basta a diversão que nas nossas fronteiras fazemos a tantos mil soldados,

e ser a principal causa de suas victorias a desunião em que se conserva Portugal, pois em quanto Hespanha esteve inteira, e o poder de Portugal não faltou a Castella, bem viu o mundo quão pouco puderam contra ella todos os intentos de França: razões que não devem dissimular os embaixadores deste reino para que nossos confederados, e todos os inimigos de Castella entendam quanta guerra é a que se lhes faz por nossa parte.

O que posto, seria de parecer que o dinheiro que se ha de gastar e consumir em exercitos se applique á fortificação das principaes praças do reino, á fabrica de galeões e navios da armada, e a comprar cavallos de fóra do reino, se nelle não houver tanto numero que em um caso de necessidade possamos ter e conservar até quatro ou cinco mil effectivos.

E' necessaria a prevenção de cavallos, porque em caso que o inimigo nos acommetta com poder, o que não é tão possivel como se imagina, e quando o fóra nunca se houvera de imaginar, ou para encontrar o seu exercito, ou para o retirar do sitio de alguma praça, ou impedir qualquer outro intento, sempre nos é necessario este numero de cavalleria, a qual se não pôde prevenir no reino estando tão faltos de cavallos. Assim, o primeiro cuidado de todos devia ser prevenir com toda a brevidade esta falta, que sendo de matéria tão importante, dentro do reino se não pôde suprir em muitos annos, e de fóra em poucos mezes.

A armada tambem é de summa importancia á conservação do reino, não só para limpar a costa de corsarios, e recolher os navios da India e Brazil, e franquear o commercio, que eram só os usos que antigamente tinha, tendo-se por bem empregadas nelles tantas despezas; senão porque os nossos galeões são os muros com que se hão de defender os nossos portos, muitos dos quaes estão tão pouco fortes como sabe-

mos, e só os pôde segurar o respeito de uma poderosa armada se a tivermos. Se Portugal tiver uma poderosa armada neste rio de Lisboa, nunca o inimigo se atreverá a nos commetter por mar, que é o caminho por onde nos pôde fazer mais damno, porque vindo com igual, ou inferior poder de navios, temerá ser desbaratado e destruido dos nossos, e quando venha com armada superior, depois de lançada a gente em terra, com menos numero de navios bem providos de infantaria poderemos acommetter os seus, que necessariamente hão de ficar menos guarnecidos, os quaes tomados, ou retirados do posto, todo o poder que tiverem em terra fica perdido.

Finalmente: é necessario fortificar as praças principaes do reino, além de todas as razões já ditas, por uma irrefragavel, porque ninguem haverá que diga ser possivel e conveniente sustentar-se Portugal contra Castella, senão com guerra defensiva, dentro em suas fortificações, em caso que Castella, desembaraçada da opposição de França, voltasse contra Portugal com todo o seu poder; e se não estivermos sempre prevenidos para este caso, é certo que não temos o reino seguro, porque ainda que a confiança prejudicial de muitos presuma o contrario, os successos da guerra sempre são varios, os francezes naturalmente inconstantes, e sobre inconstantes, desejosos da paz; e quando esta se chegue a effectuar, ou não se concluindo a paz desejada, pelo menos se venha a ajustar alguma comprida tregoa, por mais que Portugal entre nos mesmos concertos, finalmente ha de vêr sobre si as armas de toda Castella, com a qual nenhum principe da Europa ha de romper por causa nossa. Guarde Deus a vossa senhoria. Collegio em 4 de..... de 1644.

ANTONIO VIEIRA.

*Carta ao padre Francisco de Moraes**Cartas, 3.º vol. 1854.*

Em fim, amigo, pôde mais Deus que os homens, e prevaleceram os decretos divinos a todas as traças e disposições humanas. A primeira vez vinha contra a vontade d'el-rei, desta segunda vim até contra a minha, para que nesta obra não houvesse vontade mais que a de Deus: seja elle bemdito, que tanto caso faz de quem tão pouco vale, e tanto ama a quem tão mal lh'o merece. Ajude-me, amigo, a lhe dar infinitas graças, e a pedir a sua divina bondade m'a dê, para que ao menos neste ultimo quartel da vida lhe não seja ingrato, como fui tanto em toda. Ah quem podera desfazer o passado, e tornar atraz o tempo, e alcançar o impossivel, que o que foi não houvera sido! Mas já que isto não pôde ser, Deus meu, ao menos seja o futuro emenda do passado, e o que ha de ser, satisfação do que foi. Estes são, amigo, hoje todos os meus cuidados, sem haver em mim outro gosto mais que chorar o que tive, e conhecer quão falsamente se dá este nome aos que sobre tantos outros pezares, ou hão de ter na vida o do arrependimento, ou na eternidade o do castigo.

Ditoso quem por se condemnar ao primeiro, se livar para sempre do segundo; e mais ditoso quem, tirando totalmente os olhos deste mundo, os puzer só naquelle summo e infinito bem, que por sua formosura e bondade, ainda que não tivera justiça, devera ser amado. Amigo, não é o temor do inferno o que me ha de levar ao céu; o amor de quem lá se deixa ver e gosar, sim. Oh que bem empregados mares, e que bem padecidos Maranhões, se por elles se chegar com mais segurança a tanta felicidade! Só um defeito acho nesta minha, que é não a poder repartir comvosco;

mas já que vivemos sem nós, vivamos com Deus, pois está em toda a parte; vejamo-nos nelle, e oiçamol-o a elle, que melhor será que ouvirmo-nos. Se eu ouvira suas inspirações, já não fôra tão grande peccador; mas se o menos mal é parte do bem, alguma consolação posso ter hoje, que no outro tempo me faltava. E para que vós tambem a tenhaes, sabei, amigo, que a melhor vida é esta. Ando vestido de um panno grosseiro cá da terra, mais pardo que preto, como farinha de pâu, durmo pouco, trabalho de pela manhã até á noite, gasto parte della em me encommendar a Deus, não trato com minima creatura, não saio fóra senão a remedio de alguma alma. Choro meus peccados, faço que outros chorem os seus, e o tempo que sobeja destas occupações, levam-no os livros da madre The-reza, e outros de similhante leitura.

Finalmente, ainda que com grandes imperfeições, nenhuma coisa faço que não seja com Deus, por Deus, e para Deus, e para estar na bemaventurança só me falta o vel-o, que seria maior gosto, mas não maior felicidade. Esta é a minha vida e estas as novas que vos posso dar de mim, esperando naquelle Senhor, que está em todo o logar, e na sua graça, que não depende de logares, me possaes mandar as mesmas desse aonde estaes. Amemos a Deus, amigo, e para o amarmos só a elle, conhiceremos que pouco merecem nosso coração todas as coisas do mundo. Todas acabam, nenhuma tem firmeza; nesta vida ha morte, na outra inferno, e ainda é peior que um e outro o esquecimento de ambos. Ah amigo, quem podéra trasladar-vos aqui o coração, para que lesseis nelle as mais puras, e as mais importantes verdades, não só escriptas ou impressas, senão gravadas! Salvação, amigo, salvação, que tudo o mais é loucura; livre-vos Deus de todas, e de vós mesmo, e vos una muito

comsigo, e vos guarde, como desejo e continuamente  
lhe peço. Amen. Maranhão, 26 de maio de 1653.

Vosso amigo da alma

ANTONIO VIEIRA

---

*Carta a El-rei sobre as missões*

*Cartas, 1.º vol. 1854.*

SENHOR:

Obedecendo á ordem geral e ultima de vossa magestade, dou conta a vossa magestade do estado em que ficam estas missões, e dos progressos com que por meio dellas se vae adiantando a fé e christandade destas conquistas, em que tambem se verá quão universal é a providencia com que Deus assiste ao feliz reinado de vossa magestade em toda a monarchia, pois no mesmo tempo em que do reino se estão escrevendo victorias milagrossas ás conquistas, escrevemos das conquistas ao reino tambem victorias, que com igual e maior razão se podem chamar milagres. Lá, vence Deus com sangue, com ruinas, com lagrimas, e com dôr da christandade, cá vence sem sangue, sem ruinas, sem guerra, e ainda sem despezas: e em logar da dôr e lagrimas dos vencidos, (que em parte tambem toca aos vencedores) com alegria, com applauso, e com triumpho de todos, e da mesma egreja, que quanto se sente diminuir e attenuar no sangue que derrama em Europa, tanto vae engrossando e crescendo nos povos, nações e provincias que ganha e acquire na America.

Trabalharam este anno nas missões desta con-

quista, vinte e quatro religiosos da companhia de Jesus, os quinze delles sacerdotes, divididos em quatro colonias principaes do Seará, do Maranhão, do Pará e do rio das Amazonas. Nestas quatro colonias, que se estendem por mais de quatrocentas leguas de costa, tem a companhia dez residencias, que são como cabeças de diferentes christandades a ellas annexas, a que acodem os missionarios de cada uma em continua roda, segundo a necessidade e disposição que se lhes tem dado. O trabalho, sem encarecimento, é maior que as forças humanas, e se não fôra ajudado de particular assistencia divina, já a missão estivera sepultada com os que nella por esta mercê do céu conservam e continuam as vidas.

O fructo corresponde abundantemente ao trabalho, porque é grande o numero de almas de innocentes e adultos, que d'entre as mãos dos missionarios, por meio do baptismo, estão quotidianamente voando ao céu; sendo muito maior a quantidade dos que, recebidos os outros sacramentos, nos deixam tambem certas esperanças de que se salvam. Porque ainda que ha outras nações de melhor entendimento para perceberem os mysterios da fé, e passar da necessidade dos preceitos á perfeição dos conselhos da lei de Christo; não ha porém nação alguma no mundo, que, ainda naturalmente, esteja mais disposta para a salvação, e mais livre de todos os impedimentos della, ou seja dos que traz comsigo a natureza, ou dos que accrescenta a malicia. Estes são os fructos ordinarios que se colhem, e vão continuando nestas missões, em que ha casos de circumstancias mui notaveis, cuja narração e historia se offerecerá a vossa magestade, quando Deus e vossa magestade fôr servido de que tenhamos mãos para a seara e para a penna.

Vindo ás coisas particulares, fizeram-se este anno tres missões ou entradas pelos rios e terras dentro, e

foram a elles tres padres com seus companheiros, professos todos de quatro votos, e os mais antigos e de maior auctoridade de toda a missão, por serem estas as emprezas de maior trabalho, difficultade e importancia, e todas por mercê de Deus succederam felizmente.

O padre Francisco Gonçalves, provincial que acabou de ser da provincia do Brazil, foi em missão ao rio das Amazonas e rio Negro, que de ida e volta é viagem de mais de mil leguas, toda por baixo da linha Equinocial no mais ardente da Zona Torrida. Partiu do Maranhão esta missão em quinze de agosto do anno passado de mil seiscentos cincuenta e oito, e atravessando por todas as capitaniaes canôas e procuradores de todas para o resgate dos escravos que se faz naquelles rios; e foi esta a primeira vez que o resgate se fez por esta ordem, para que os interesses delle coubessem a todos, e particularmente aos pobres, que sempre, como é costume, eram os menos lembrados.

Haverá quatorze mezes, que continua a missão pelo corpo e braços daquelles rios, donde se tem trazido mais de seiscentos escravos todos examinados primeiro pelo mesmo missionario, na fórmula das leis de vossa magestade. E já o anno passado se fez outra missão deste genero aos mesmos rios pelo padre Francisco Velloso, em que se resgataram e desceram outras tantas peças em grande beneficio e augmento do Estado, posto que não é esta a maior utilidade e fructo desta missão. Excede esta missão do resgate a todas as outras em uma diferença de grande importancia, e é, que nas outras missões vão-se sómente salvar as almas dos indios, e nesta vão-se salvar as dos indios, e dos portuguezes; porque o maior laço das consciencias dos portuguezes neste Estado, de que nem na morte se livravam, era o captiveiro dos indios, que

sem exame nem fórmula alguma de justiça, debaixo do nome de resgate, iam comprar ou roubar por aquelles rios. E a este grande dano foi vossa magestade servido acudir por meio dos missionarios da companhia, ordenando vossa magestade que os resgates se fizessem sómente quando fossem missões ao sertão, e que só os missionarios pudesse examinar e approvar os escravos em suas proprias terras, como hoje se faz; e depois de examinados e julgados por legitimamente captivos, os recebem e pagam os compradores, conseguindo os povos por esta via o que se tinha por impossivel neste Estado, que era haver nelle serviço e consciencia. Assim que, senhor, por mercè de Deus, e beneficio da lei de vossa magestade, se tem impedido as grandes injustiças, que na confusão e liberdade do antigo resgate se commettiam, que foi a ruina espiritual e temporal de toda esta conquista; sendo certo que se o fructo deste genero de missões se computar e medir, não só pelos bens que se conseguem, senão pelos males que se impedem e se atalham, se deve estimar cada uma dellas por uma das grandes emprezas e obras de maior serviço de Deus que tem toda a christandade. Além destes bens espirituales e temporaes, se conseguem muitos outros por meio da mesma missão em todas as terras por onde passa; porque se baptisam muitos innocentes e adultos, que estão em extremo perigo da vida, que logo sobem ao céu; e se descobrem novas terras, novos rios e novas gentes, como agora se descobriram algumas nações, onde nunca tinham chegado os portuguezes, nem ainda agora chegaram mais que os padres. E assim como nas nossas primeiras conquistas se levantaram padrões das armas de Portugal, em toda a parte onde chegavam os nossos descobridores; assim aqui se vão levantando os padrões da sagrada cruz, com que se vae

tomando posse destas terras por Christo e para Christo.

Foi companheiro nesta missão o padre Manuel Pires, bem conhecido nesse reino com o nome de clérigo de Paredes, o qual depois da ermida, e fonte milagrosa que o deu a conhecer naquelle sitio, estando retirado em um ermo de Roma fazendo vida solitaria, por particular instincto do céu veio a pé a Portugal, e pediu para ser admittido na companhia para servir a Deus nas missões do Maranhão; e já o tem feito nesta, e na do anno passado pelo mesmo rio das Amazonas, com grande zelo das almas.

A segunda entrada se fez pelo grande rio dos Tocantins, que é na grandeza o segundo de todo o Estado, e povoado de muitas nações, a que ainda se não sabe o nascimento. Foi a esta missão o padre Manuel Nunes, lente de prima de theologia em Portugal, e no Brazil superior da casa, e missões do Pará, mui pratico e eloquente na lingua geral da terra. Levou quatrocentos e cincoenta indios de arco e remo, e quarenta e cinco soldados portuguezes de escolta com um capitão de infantaria. A primeira facção em que se empregou este poder, foi em dar guerra, ou castigar certos indios rebellados de nação Inheiguáras, que o anno passado, com morte de alguns christãos, tinham impedido a outros indios da sua vizinhança, que se descesssem para a egreja, e vassallagem de vossa magestade. São os Inheiguáras gente de grande resolução e valor, e totalmente impaciente de sujeição; e tendo-se retirado com suas armas aos logares mais occultos e defensaveis das suas brenhas, em distancia de mais de cincoenta leguas, lá foram buscados, achados, cercados, rendidos e tomados quasi todos, sem damno mais que de dois indios nossos levemente feridos. Ficaram prisioneiros duzentos e quarenta, os quaes, conforme as leis de vossa magestade, a titulo

de haverem impedido a прégação do evangelho, foram julgados por escravos e repartidos aos soldados. Tirado este impedimento, entenderam os padres na conversão, e condução dos outros indios, que se chamam poquiguáras, em que padeceram grandes trabalhos, e venceram difficuldades, que pareciam invencíveis. Estava esta gente distante do rio um mez de caminho, ou de não caminho, porque tudo são bosques cerrados, atalhados de grandes lagos e serras e eram dez aldéas as que se haviam de descer, com mulheres, meninos, creanças, enfermos, e todos os outros impedimentos que se acham na transmigração de povos inteiros. Emfim, depois de dois mezes de continuo e excessivo trabalho e vigilancia, (que tambem era mui necessaria) chegaram os padres com esta gente ao rio, onde os embarcaram por elle abaixo para as aldéas do Pará, em numero por todos até mil almas. Não se acabou aqui a missão, mas continuando pelo rio acima, chegaram os padres ao sitio dos topinambás, donde, haverá tres annos, tinhamos trazido mil e duzentos indios, que todos se baptisaram logo; e por ser a mais guerreira nação de todas, são hoje gadeilha destas entradas. Os topinambás, que ficaram em suas terras, seriam outros tantos como os que tinham vindo, e eram os que agora iam buscar os padres, mas acharam que estavam divididos em dois braços do mesmo rio, um dos quaes, por ser na força do verão, se não podia navegar. Avistaram-se com estes por terra, e deixando assentado com elles que se desceriam para o inverno, tanto que as primeiras aguas fizessem o rio navegavel, com os outros, que eram quatrocentos, se recolheram ao Pará, tendo gastado oito mezes em toda a viagem, que passou de quinhentas leguas. Deixaram tambem arrumado o rio com suas alturas, diligencia que atégora se não havia feito e acharam pelo sol, que tinham chegado a mais de

seis gráus da banda do sul, que é pouco mais ou menos a altura da Paraiba. Os indios, assim topinambás, como poquiguáras, se puzeram todos nas aldéas mais vizinhas á cidade para melhor serviço da republica, a qual ficou este anno augmentada com mais de dois mil indios, escravos e livres; mas nem por isso ficaram, nem ficarão jámais satisfeitos seus moradores; porque sendo os rios desta terra os maiores do mundo, a sêde é maior que os rios.

Demais destas duas missões se fez outra á ilha dos Nheengaibas, de menos tempo e apparato, mas de muito maior importancia e felicidade. Na grande boca do rio das Amazonas está atravessada uma ilha de maior comprimento e larguezas que todo o reino de Portugal, e habitada de muitas nações de indios, que por serem de linguas diferentes e difficultosas, são chamados geralmente Nheengaibas. Ao principio receberam estas nações aos nossos conquistadores em boa amisade; mas depois que a larga experienzia lhes foi mostrando que o nome de falsa paz com que entravam, se convertia em declarado captiveiro, tomaram as armas em defensa da liberdade, e começaram a fazer guerra aos portuguezes em toda a parte. Usa esta gente canôas ligeiras e bem armadas, com as quaes não só impediam e infestavam as entradas, que nesta terra são todas por agua, em que roubaram e mataram muitos portuguezes, mas chegavam a assaltar os indios christãos em suas aldéas, ainda naquellas que estavam mais vizinhas ás nossas fortalezas, matando e captivando; e até os mesmos portuguezes não estavam seguros dos Nheengaibas dentro de suas proprias casas e fazendas, de que se vêem ainda hoje muitas despovoadas e desertas, vivendo os moradores destas capitanias dentro em certos limites, como sitiados, sem lograr as commodidades do mar, da terra e dos rios, nem ainda a passagem delles, senão de-

baixo das armas. Por muitas vezes quizeram os governadores passados, e ultimamente André Vidal de Negreiros, tirar este embaraço tão custoso ao Estado, empenhando na empreza todas as forças delle, assim de indios como de portuguezes, com os cabos mais antigos e experimentados; mas nunca desta guerra se trouxe outro effeito mais que o repetido desengano, de que as nações nheengaibas eram inconquistaveis pela ousadia, pela cautela, pela astucia e pela constancia de gente, e mais que tudo pelo sitio inexpugnável com que os defendeu e fortificou a mesma natureza. E' a ilha toda composta de um confuso e intrincado labirintho de rios e bosques espessos, aquelles com infinitas entradas e saidas; estes sem entrada nem saida alguma, onde não é possivel cercar, nem achar, nem seguir, nem ainda vêr ao inimigo, estando elle no mesmo tempo debaixo da trincheira das arvores apontando e empregando as suas frechas. E por que este modo de guerra volante e invisivel não tivesse o estorvo natural da casa, mulheres e filhos, a primeira coisa que fizeram os nheengaibas, tanto que se resolveram á guerra com os portuguezes, foi desfazer, e como desatar as povoações em que viviam, dividindo as casas pela terra dentro a grandes distancias, para que em qualquer perigo podesse uma avisar ás outras, e nunca ser accomettidos juntos. Desta sorte ficaram habitando toda a ilha, sem habitarem nenhuma parte della, servindo-lhes porém em todas, os bosques de muro, os rios de fosso, as casas de atalaya, e cada nheengaiba de sentinella e as suas trombetas de rebate. Tudo isto referimos por relação de vista do padre João de Sotto Mayor, o qual com o padre Salvador do Valle no anno de seiscentos cincuenta e cinco, navegou e pisou todos estes sertões dos nheengaibas, entre os quaes lhe ficou uma imagem de Christo crucificado que trazia no peito, a qual

mandou a um principal gentio, em fé da verdade e paz com que esperava por elle, o que o barbaro não fez, nem restituiu a sagrada imagem. Foi este caso então mal interpretado de muitos, e mui sentido de toda a gente de guerra daquelle entrada, de que era cabo o sargento-mór Agostinho Corrêa, que depois foi governador de todo o Estado; o qual refere hoje que lhe disse então o padre Sotto Mayor, que aquelle Senhor, que se deixára ficar entre os nheengaibas, havia de ser o missionario e apostolo delles, e o que os havia de converter á sua fé.

Chegou finalmente o anno passado de mil seiscentos cincuenta e oito o governador D. Pedro de Mello com as novas da guerra apregoada com os hollandezes, com os quaes algumas das nações dos nheengaibas ha muito tempo tinham commercio, pela vizinhança dos seus portos com os do Cabo do Norte, em que todos os annos carregam de peixe boi mais de vinte navios de Hollanda. E entendendo as pessoas do governo do Pará, que unindo-se os hollandezes com os nheengaibas, seriam uns e outros senhores destas capitania sem haver forças no Estado (ainda que se ajuntassem todas) para lhes resistir, mandaram uma pessoa particular ao governador, em que lhe pediam soccorro e licença, para logo com o maior poder que fosse possível, entrarem pelas terras dos nheengaibas, antes que com a união dos hollandezes não tivesse remedio esta pervenção, e com ella se perdesse de todo o Estado. Resoluta a necessidade e justificação da guerra, por voto de todas as pessoas ecclesiasticas e seculares, com quem vossa magestade a manda consultar, foi de parecer o padre Antonio Vieira, que em quanto a guerra se ficava prevenindo em todo o segredo, para maior justificação, e ainda justiça della, se offerecesse primeiro a paz aos nheengaibas, sem soldados nem estrondo de armas que a fizessem suspeitosa, como

em tempo de André Vidal tinha succedido. E porque os meios desta proposição da paz pareciam igualmente arriscados, pelo conceito que se tinha da fereza da gente, tomou á sua conta o mesmo padre ser o mediator della, supondo porém todos, que não só a não haviam de admittir os nheengaibas, mas que haviam de responder com as frechas aos que lhe levassem similhaute pratica, como sempre tinham feito por espaço de vinte annos, que tantos tinham passado desde o rompimento desta guerra.

Em dia de Natal do mesmo anno de mil seiscentos cincoenta e oito despachou o padre dois indios principaes com uma carta patente sua a todas as nações dos nheengaibas, na qual lhes segurava que por beneficio da nova lei de vossa magestade, que elle fôra procurar ao reino, se tinham já acabado para sempre os captiveiros injustos, e todos os outros agravos que lhes faziam os portuguezes; e que em confiança desta sua palavra e promessa ficava esperando por elles, ou por recado seu, para ir ás suas terras, e que em tudo o mais dessem credito ao que em seu nome lhes diriam os portadores daquelle papel. Partiram os embaixadores, que tambem eram de nação nheengaibas, e partiram como quem ia ao sacrificio, (tanto era o horror que tinham concebido da fereza daquellas nações, até os de seu proprio sangue) e assim se despediram, dizendo que se até o fim da lua seguinte não tornassem, os tivessemos por mortos ou captivos. Cresceu e minguou a lua aprasada, e entrou outra de novo, e já antes deste termo tinham prophetisado o mau successo todos os homens antigos e experimentados desta conquista, que nunca prometteram bom efeito a esta embaixada; mas provou Deus que valem pouco os discursos humanos, onde a obra é de sua providencia. Em dia de cinza, quando já se não esperava, entraram pelo collegio da companhia os dois em-

baixadores, vivos e mui contentes, trazendo comsigo sete principaes nheengaibas, acompanhados de muitos outros indios das mesmas nações. Foram recebidos com as demonstrações de alegria e aplauso que se devia a taes hospedes, os quaes, depois de um comprido arrasoado, em que desculpavam a continuaçao da guerra passada, lançando toda a culpa, como era verdade, á pouca fé e razão que lhes tinham guardado os portuguezes, concluiram dizendo assim: «mas depois que vimos em nossas terras o papel do padre grande, de que já nos tinha chegado fama, que por amor de nós e da outra gente da nossa pelle, se tinha arriscado ás ondas do mar alto, e alcançado d'el-rei para todos nós as coisas boas; posto que não entendemos o que dizia o dito papel, mais que pela relação destes nossos parentes, logo no mesmo ponto lhe démos tão inteiro crédito, que esquecidos totalmente de todos os aggravos dos portuguezes, nos vimos aqui metter entre suas mãos, e nas bocas das suas peças de artilheria; sabendo de certo que debaixo da mão dos padres, de quem já de hoje adiante nos chamamos filhos, não haverá quem nos faça mal». Com estas razões tão pouco barbaras desmentiram os nheengaibas a opinião que se tinha de sua fereza e barbaria, e se estava vendo nas palavras, nos gestos, nas accões e affectos com que fallavam, o coração e a verdade do que diziam. Queria o padre logo partir com elles ás suas terras, mas responderam com cortezia não esperada, que elles até áquelle tempo viviam como animaes do mato debaixo das arvores; que lhes dessemos licença para que logo fossem descer uma aldêa para a beira do rio, e que depois que tivessem edificado casa e egreja, em que receber ao padre, então o viriam buscar muitos mais em numero, para que fosse acompanhado como convinha, signalando nomeadamente, que seria para o S. João, nome conhecido

entre estes gentios, pelo qual distinguem o inverno da primavera. Assim o prometteram, ainda mal cri-dos os nheengaibas, e assim o cumpriram pontual-mente; porque chegaram ás aldéas do Pará cinco dias antes da festa de S. João com dezesete canôas, que com treze da nação dos combocas, que tambem são da mesma ilha, faziam numero de trinta, e nellas ou-tros tantos principaes, acompanhados de tanta e boa gente, que a fortaleza e cidade se poz secretamente em armas.

Não pôde ir o padre nesta occasião, por estar mor-talmente enfermo; mas foi Deus servido que o podesse fazer em dezeseis de agosto, em que partiu das aldéas do Comutá em doze grandes canôas, acompanhado dos principaes de todas as nações christãs, e de sómente seis portuguezes com o sargento mór da praça, por mostrar maior confiança. Ao quinto dia de viagem entraram pelo rio dos Mapuaezes, que é a nação dos nheengaibas que tinha promettido fazer a povoação fóra dos matos em que receber aos padres; e duas leguas antes do porto sairam os principaes a encon-trar as nossas canôas em uma sua grande e bem es-quipada, empavesada de pennas de varias côres, to-cando buzinas e levantando pocèmas, que são vozes de alegria e applauso, com que gritam todos juntos a espaços; e é a maior demonstraçao de festa entre elles; com que tambem de todas as nossas se lhes res-pondia. Conhecida a canôa dos padres, entraram logo nella os principaes, e a primeira coisa que fizeram foi presentar ao padre Antonio Vieira a imagem do Santo Christo do padre João de Sotto Mayor, que havia qua-tro annos tinham em seu poder, e de que se tinha publicado que os gentios a tinham feito em pedaços; e que por ser de metal a tinham applicado a usos profanos, sendo que a tiveram sempre guardada e com grande decencia, e respeitada com tanta venera-

ção e temor, que nem a tocal-a, nem ainda a vel-a se atreviam. Receberam os padres aquelle sagrado penhor com os affectos que pedia a occasião, reconhecendo elles, os portuguezes, e ainda os mesmos indios, que a este Divino Missionario se deviam os effeitos maravilhosos da conversão e mudança tão notável dos nheengaibas, cujas causas se ignoravam. Logo disseram que desde o principio daquelle lua estiveram os principaes de todas as nações esperando pelos padres naquelle logar, mas que vendo que não chegavam ao tempo promettido, nem muitos dias depois, resolveram que o padre grande devia de ser morto, e que com esta resolução se tinham despedido, deixando porém assentado antes, que dali a quatorze dias se ajuntariam outra vez todos em suas canôas, para irem ao Pará saber o que passava; e se fosse morto o padre, chorarem sobre a sua sepultura, pois já todos o reconhecião por pae. Chegados emfim á povoação, desembarcaram os padres com os portuguezes e principaes christãos, e os nheengaibas naturaes os levaram á egreja que tinham feito de palma ao uso da terra, mas muito limpa e concertada, á qual logo se dedicou a sagrada imagem, com o nome da egreja do Santo Christo, e se disse o *Te Deum laudamus* em acção de graças. Da egreja a poucos passos trouxeram os padres para a casa que lhe tinham preparado, a qual estava muito bem traçada com seu corredor, e cubiculos, e fechada toda em roda com uma só porta, emfim, com toda a clausura que costumam guardar os missionarios entre os indios. Mandou-se logo recado ás nações, que tardaram em vir, mais ou menos tempo, conforme a distancia; mas em quanto não chegaram as mais vizinhas, que foram cinco dias, não estava o demonio ocioso, introduzindo nos animos dos indios, e ainda dos portuguezes, ao principio por meio de certos agouros, e depois pela

consideração do perigo em que estavam, se os nheengaibas faltassem á fé promettida, taes desconfianças, suspeitas e temores, que faltou pouco para não largarem a empreza, e ficar perdida, e desesperada para sempre. A resolução foi dizer o padre Antonio Vieira aos cabos, que lhe pareciam bem as suas razões, e que conforme a ellas se fossem embora todos, que elle só ficaria com seu companheiro, pois só a elles esperavam os nheengaibas, e só com elles haviam de tratar. Mas no dia seguinte começou a entrar pelo rio em suas canoas a nação dos mamayanazes, de quem havia maior receio por sua fereza; e foram taes as demonstrações de festa, de confianças, e de verdadeira paz, que nesta gente se viram, que as suspeitas e temores dos nossos se foram desfazendo, e logo os rostos, e os animos, e as mesmas razões, e discursos se vestiram de diferentes côres.

Tanto que houve bastante numero de principaes, depois de se lhes ter praticado largamente o novo estado das coisas, assim pelos padres, como pelos indios, das suas doutrinas, deu-se ordem ao juramento de obediencia e fidelidade; e para que se fizesse com toda a solemnidade de ceremonias exteriores, (que valem muito com gente que se governa pelos sentidos) se dispôz e fez na fórmula seguinte: Ao lado direito da egreja estavam os principaes das nações christãs com os melhores vestidos que tinham, mas sem mais armas que as suas espadas; da outra parte estavam os principaes gentios despidos, e empennados ao uso barbaro, com seus arcos e frechas na mão, e entre uns e outros, os portuguezes. Logo disse missa o padre Antonio Vieira em um altar ricamente ornado, que era da adoração dos reis, á qual missa assistiram os gentios de joelhos; sendo grandissima consolação para os circumstantes vel-los bater nos peitos, e adorar a Hostia e o Caliz com tão vivos effeitos daquelle Precioso-

sissimo Sangue, que sendo derramado por todos, nesses, mais que em seus avós, teve sua efficacia. Depois da missa, assim revestido nos ornamentos sacerdotaes, fez o padre uma pratica a todos, em que lhes declarou pelos interpretes a dignidade do logar em que estavam, e a obrigaçao que tinham de responder com limpo coração e sem engano a tudo o que lhes fosse perguntado, e de o guardar inviolavelmente depois de promettido. E logo fez perguntar a cada um dos principaes, se queriam receber a fé do verdadeiro Deus, e ser vassallos d'el-rei de Portugal, assim como o são os portuguezes e os outros indios das nações christãs e avassalladas, cujos principaes estavam presentes: declarando-lhes juntamente, que a obrigaçao de vassallos era haverem de obedecer em tudo ás ordens de sua magestade, e ser sujeitos a suas leis, e ter paz perpetua e inviolavel com todos os vassallos do mesmo senhor, sendo amigos de todos seus amigos e inimigos de todos seus inimigos; para que nesta fórmula gosassem livre e seguramente de todos os bens, commodidades e privilegios, que pela ultima lei do anno de mil seiscentos cincoenta e cinco eram concedidos por sua magestade aos indios deste Estado. A tudo responderam todos conformemente que sim; e só um principal chamado Piyé, o mais entendido de todos, disse que não queria prometter aquillo. E como ficassem os circumstantes suspensos na diferença não esperada desta resposta, continuou dizendo que as perguntas e as praticas que o padre lhes fazia, que as fizesse aos portuguezes, e não a elles; porque elles sempre foram fieis a el-rei e sempre o reconheceram por seu senhor desde o principio desta conquista, e sempre foram amigos e servidores dos portuguezes; e que se esta amisade e obediencia se quebrou, e interrompeu, fôra por parte dos portuguezes e não pela sua: assim que os portuguezes eram os que

agora haviam de fazer, ou refazer as suas promessas, pois as tinham quebrado tantas vezes, e não elle e os seus, que sempre as guardaram. Foi festejada a razão do barbaro, e agradecido o termo com que qualificava sua fidelidade; e logo o principal, que tinha o primeiro lugar, se chegou ao altar onde estava o padre, e lançando o arco e frechas a seus pés, posto de joelhos, e com as mãos levantadas e mettidas entre as mãos do padre, jurou desta maneira: «Eu fulano, principal de tal nação, em meu nome, e de todos meus subditos e descendentes, prometto a Deus e a el-rei de Portugal a fé de nosso Senhor Jesus Christo, e de ser (como já sou de hoje em diante) vassallo de sua magestade, e de ter perpetua paz com os portuguezes, sendo amigo de todos os seus amigos, e inimigo de todos seus inimigos; e me obrigo de assim o guarda e cumprir inteiramente para sempre». Dito isto, beijou a mão do padre, de quem recebeu a benção; e fizeram continuando os demais principaes por sua ordem na mesma forma. Acabado o juramento, vieram todos pela mesma ordem abraçar aos padres, depois aos portuguezes, e ultimamente aos principaes das nações christãs, com os quaes tambem tinham até então a mesma guerra que com os portuguezes: e era coisa muito para dar graças a Deus, vêr os extremos de alegria e verdadeira amisade com que davam e recebiam estes abraços, e as coisas que a seu modo diziam entre elles. Por fim, postos todos de joelhos, disseram os padres o *Te Deum laudamus*, e saindo da egreja para uma praça larga, tomaram os principaes christãos os seus arcos e frechas, que tinham deixado fóra, e para demonstração publica do que dentro da egreja se tinha feito, os portuguezes tiravam as balas dos arcabuzes e as lançavam no rio, e disparavam sem bala; e logo uns e outros principaes quebravam as frechas, e tiravam com os pedaços ao mesmo rio,

cumprindo-se aqui a letra: *Arcum conteret, et confringet arma*. Tudo isto se fazia ao som de trombetas, buzinhas, tambores e outros instrumentos, acompanhados de um grito continuo de infinitas vozes, com que toda aquella multidão de gentes declarava sua alegria; entendendo-se este geral conceito em todas, posto que eram de mui diferentes linguas. Desta praça foram juntos todos os principaes, com os portuguezes que assistiram ao acto, a casa dos padres, e alli se fez termo juridico e authentico de tudo o que na egreja se tinha promettido e jurado, que assignaram os mesmos principaes; estimando muito, como se lhes declarou, que os seus nomes houvessem de chegar á presença de vossa magestade, em cujo nome se lhes passaram logo cartas, para em qualquer parte e tempo serem conhecidos por vassallos. Na tarde do mesmo dia deu o padre seu presente a cada um dos principaes, como elles o tinham trazido, conforme o costume destas terras, que a nós é sempre mais custoso que a elles. Os actos desta solemnidade que se fizeram, foram tres, por não ser possivel ajuntarem-se todos no mesmo dia; e os dias que alli se detiveram os padres, que foram quatorze, se passaram todos, de dia em receber e ouvir os hospedes, e de noite em continuos bailes, assim das nossas nações como das suas, que como diferentes nas vozes, nos modos, nos instrumentos e harmonia, tinham muito que ver e que ouvir. Rematou-se este triumpho da fé, com se arvorar no mesmo logar o estandarte della, uma formosissima cruz, na qual não quizeram os padres que tocassem indio algum de menor qualidade, e assim foram cincuenta e tres principaes, os que a tomaram aos hombros, e a levaram com grande festa e alegria, assim dos christãos como dos gentios, e de todos foi adorada. As nações de diferentes linguas que aqui se introduziram, foram os mamayanás, os arcans e os anayas, debaixo dos

quaes se comprehendem mapuás, paucacás, guajarás, pixipixís e outros. O numero de almas não se pode dizer com certeza; os que menos o sabem, dizem que serão quarenta mil, entre os quaes tambem entrou um principal dos tricujús, que é provincia á parte na terra firme do rio das Amazonas, defronte da ilha dos nheengaibas, e é fama que os excedem muito em numero, e que uns e outros fazem mais de cem mil almas. Deixou o padre assentado com estes indios, que no inverno se saissem dos matos, e fizessem suas casas sobre os rios, para que no verão seguinte os podesse ir ver todos a suas terras, e deixar alguns padres entre elles, que os comecem a doutrinar; e com estas esperanças se despediu, deixando-os todos contentes e saudosos. Pareceu aos padres trazerem com-sigo, até tornarem, a imagem do Santo Christo, a qual por commun applauso, e devoção do clero, das religiões e da republica, foi recebida na cidade do Pará em solemnissimo triumpho, dando todos a gloria de tamanha empreza a este Senhor, e confessando que só era e podia ser sua.

Este é, senhor, por maior (e sem casos particulares e de muita edificação por brevidade) o fructo que colheram este anno na inculta seara do Maranhão os missionarios de vossa magestade, e estes os augmentos da fé e da egreja, que conseguiram com seus trabalhos, não sendo de menor consideração e consequencia, as utilidades temporaes e politicas, que por este meio accresceram á corôa e estados de vossa magestade, porque os que consideram a felicidade desta empreza, não só com os olhos no céu, senão tambem na terra, teem por certo que neste dia se acabou de conquistar o Estado do Maranhão, porque com os nheengaibas por inimigos seria o Pará de qualquer nação estrangeira que se confederasse com elles; e com os nheengaibas por vassallos o por amigos, fica o Pará

seguro e impenetravel a todo o poder estranho. O mesmo intenderam a respeito dos indios tobajáras da serra de Ibiapaba, todos os capitães mais antigos e experimentados desta conquista, os quaes o anno passado, sendo chamados a conselho pelo governador sobre as prevenções que se deviam fazer para a guerra que se temia dos hollandezes, responderam todos uniformemente, que não havia outra prevenção mais que procurar por amigos os indios tobajáras da serra; porque quem os tivesse da sua parte seria senhor do Maranhão. Estes indios de Ibiapaba, como já dei conta a vossa magestade, por espaço de vinte e quatro annos, em que esteve tomado Pernambuco, foram não só aliados, mas vassallos dos hollandezes, e ainda cumplices de suas herezias; mas depois que foram em missão a esta gente dois religiosos da companhia, que residem sempre com elles, sobre estarem convertidos á fé os que eram gentios, e reconciliados com a egreja os que eram christãos, assim elles, como todos os outros indios daquella costa estão reduzidos á obediencia de vossa magestade, e ao commercio e amizade dos portuguezes, e ainda a viver nas mesmas terras do Maranhão, aonde muitos se teem passado. Assim que, senhor, o Estado do Maranhão atégora estava como sitiado de dois poderosos inimigos, que o tinham cercado e fechado entre os braços de um e outro lado; porque pela parte do Seará o tinham cercado os tobajáras da serra, e pela parte do Cabo do Norte (que são os dois extremos do Estado) os nheengaibas. E como ambas estas nações tinham communicação com os hollandezes, e viviam de seus commerrios, já se vê os damnos que desta união se podiam temer, que a juiso de todos os praticos do Estado não era menos que a total ruina. Mas de todo este perigo e temor, foi Deus servido livrar aos vassallos de vossa magestade por meio de dois missionarios da compa-

nhia, e com despeza de duas folhas de papel, que foram as que de uma e outra parte abriram caminho á paz e á obediencia, com que vossa magestade tem hoje estas formidaveis nações, não só conquistadas e avassalladas para si, senão inimigas declaradas e juradas dos hollandezes; conseguindo Deus por tão poucos homens desarmados, em tão poucos dias, o que tantos governadores em mais de vinte annos, com soldados, com fortalezas, com presidios e com grandes despezas, sempre deixaram em peior estado; para que acabe de intender Portugal, e se persuadam os reaes ministros de vossa magestade, que os primeiros e maiores instrumentos da conservação e augmento desta monarchia, são os ministros da prégação e propaganda da fé, para que Deus a instituiu e levantou no mundo.

O que agora representamos, senhor, prostrados todos os religiosos destas missões aos reaes pés de vossa magestade, é, que seja vossa magestade servido de mandar acudir-nos, e acudir a estas almas com o soccorro prompto que é necessario, para que se conserve o que se tem acquirido. Toda a conservação destes indios, e a perseverança na fé e lealdade que teem promettido, consiste em assistirem com elles alguns religiosos da companhia, que os vão sustentando o confirmando nella, e desfazendo qualquer occasião ou motivo que se offereça em contrario, e sobre-tudo, que sejam sua rodela, como elles dizem, contra o mau trato dos portuguezes, de que só se pôde desconfiar, e de que só se dão por seguros debaixo do amparo e patrocinio dos padres. Podem vir padres do Brazil, podem vir padres de nações estrangeiras; mas os mais promptos e effectivos, são os que podem vir de Portugal em menos de quarenta dias de viagem. A materia é tão importante, e de tão perigoso regresso, que não soffre dilação; e assim esperamos

sem falta até à monção de março o soccorro que pedimos. Sirva-se vossa magestade, senhor, de mandar vir para esta missão um numeroso soccorro destes soldados de Christo e de vossa magestade, e por cada um promettemos a vossa magestade muitos milhares de vassallos, não só que nós iremos buscar aos matos, senão que elles mesmos venham a buscar-nos, de que cada dia temos novos embaixadores. Tanto tem importado á fé a fama das novas leis de vossa magestade, e dos missionarios que a prégam e as defendem. A muito alta e muito poderosa pessoa de vossa magestade, guarde Deus, como a christandade e os vassallos de vossa magestade havemos mister. Maranhão, 11 de severeiro de 1660.

ANTONIO VIEIRA.

---

*Carta ao almotacel-mór Luiz Coutinho, quando foi governar Pernambuco*

*Cartas, 2.º vol. 1854.*

MEU SENHOR:

Como Antonio Vieira, como morador do Brazil, como religioso da companhia, e como quem tem esta província a seu cargo, devo dar a vossa senhoria o parabem da feliz viagem e chegada de vossa senhoria a essa venturosa terra. Como Antonio Vieira, por antigo criado do senhor almotacel-mór, desde o anno de 1655, em que recebi este foro, (o qual continuei sempre) vindo juntamente embarcado em uma gondola de Salvaterra, quando el-rei D. João escapou do primeiro accidente de que depois morreu. Como morador do Brazil, porque desde o dia em que sua magestade,

que Deus guarde, fez esta eleição na pessoa de vossa senhoria logo a fama trouxe a noticia de que a Divina Providencia tinha enriquecido a alma de vossa senhoria de todas aquellas virtudes de que os governadores do Brazil devem ser dotados para o conservarem a elle, e não se perderem a si. Como religioso da companhia, porque além da informaçao do padre visitador João Antonio Andreonias, tenho eu muito certas de quanto vossa senhoria honrou e favoreceu sempre a mesma religião da qual se vossa senhoria, não veste o habito, professa o amor. Finalmente, como quem tem a seu cargo esta provincia, para toda e em nome de todos a offerecer logo, como faço, á obediencia e serviço de vossa senhoria, esperando que debaixo da protecção e amparo de vossa senhoria os ministerios do nosso instituto, a paz dos gentios mais barbaros, e a conservação e salvação de muitas almas, que sua magestade tanto zela, terão grandes augmentos. Deus guarde a vossa senhoria e prospere seus santos intentos com tantos aenos de vida, e inteira saude, como esse estado e os criados de vossa senhoria havemos mister. Bahia, 29 de junho de 1680.

Criado de vossa senhoria

ANTONIO VIEIRA.



*Carta ao conde da Ericeira**Obras ineditas, 3.º vol. 1857.*

Meu Senhor:—Como religioso, e tambem sem este respeito, antes quero padecer com silencio, que defender-me com apologia; comtudo como na carta que vossa senhoria me fez mercê escrever em tres de abril de 1678 (entre outras excellentes virtudes que nella venero) com aquella que vossa senhoria chama sinceridade, me ordena vossa senhoria diga o de que poderia estar queixoso na Historia de Portugal Restaurado; respondendo com a mesma sinceridade, digo que não poude deixar de estranhar na dita Historia as palavras seguintes:

*E para que os negocios podessem tomar melhor forma, depois de varias conferencias que houve entre os maiores ministros, mandou (sua magestade) a França o padre Antonio Vieira da companhia de Jesus, sujeito em quem concorriam todas as partes necessarias para ser contado pelo maior pregador do seu tempo; porém como o seu juiso era superior, e não igual aos negocios, muitas vezes se lhe desvaneceram, por querer tratal-os mais subtilmente do que os comprehendiam os principes e ministros, com quem communicou muitos de grande importancia.*<sup>1</sup>

Primeiramente admirei nesta censura, não ter materia alguma sobre que caisse; porque se precedera a narração de algum negocio proposto por mim, que el-rei e os ministros não percebessem, ou quando menos se tivesse desvanecido, (ainda que não bastava ser uma, para se dizer muitas vezes, e para que a proposição fosse universal) deste caso se poderia tomar

---

<sup>1</sup> Portugal Restaurado tom. 1.º fl. 633 in fine.

oecasião para se estender a muitos o que se affirmava; mas é certo que vossa senhoria nelle foi informado por quem não sabia, nem soube, nem podia saber o motivo por que el-rei me mandou a França n'aquelle occasião, e d'ahi a Hollanda.

O fundamento em fim por que sua magestade me mandou a estas duas cõrtes, foi porque não estava satisfeito dos avisos pouco coerentes que lhe faziam os dois embaixadores de França e Hollanda, e quiz que eu em uma e outra parte me informasse do estado de nossas coisas com toda a certeza, sinceridade e desengano, o que os embaixadores não faziam, querendo (com bom zelo) antes agradar que entristecer, que era a moeda que então corria, tão falsa como perigosa.

D'onde tambem se convence, que a minha jornada não foi tractada *depois de varias conferencias que houve entre os maiores ministros*, como acima se diz; porque sua magestade não communicou o seu intento a outra pessoa mais que a mim.

E como não levei a meu cargo negocio algum, mais que a dita informação (a qual sómente fiz com as cautelas necessarias, e logo tornei para Portugal a informar de bocca a sua magestade) sobre que negocio meu desvanecido, ou sobre que desvanecimento dos meus negocios podia caber aquella proposição universal, mettida, como alli se vê, entre os tres navios do Varajão mandados a França, e a partida do Niza para Napoles?

Supposto pois, que nem deste logar, nem de algum da mesma Historia consta que eu propuzesse negocio que se me desvanecesse, ha de me dar licença vossa senhoria, para que discorrendo por elles demonstre o contrario.

O primeiro negocio que propuz a sua magestade, pouco depois da sua feliz acclamação e restauração,

foi: que em Portugal, á imitação de Hollanda, se levantassem duas companhias mercantis, uma oriental, outra occidental, para que (sem empenho algum da real fazenda) por meio da primeira se conservasse o commercio da India, e por meio da segunda o do Brazil, trazendo ambas com suas armadas defendido dos hollandezes, o que elles nos tomavam, e bastaria a sustentar a guerra contra Castella.

A isto se ajuntava, que (como as nossas companhias ficavam mais perto de uma e outra conquista) seriam menos os gastos, e maiores os lucros; os quaes naturalmente chamariam e trariam a Portugal o dinheiro mercantil de todas as nações, e muito particularmente dos portuguezes, que em Hollanda estavam muito interessados nas companhias, e com Castella tinham todos os assentos.

E porque na dita proposta se dizia que o dinheiro applicado ás companhias de Portugal estivesse isento do fisco (porquanto de outra maneira nem os mercadores estrangeiros, nem os do mesmo reino, que o trazem divertido por outras partes, o quereriam meter nas nossas companhias, sem a dita condição ou segurança) esta condição foi causa de que o santo officio prohibisse o papel da proposta, posto que sem nome, e que ella por então não fosse aceita.

Porém, depois que os apertos da guerra mostravam que não havia outro meio igualmente effectivo, não só foi abraçada com a mesma condição, senão com outras muito mais largas, consultadas e approvadas pelos letrados mais doutos do reino.

Assim que, este negocio se não desvaneceu, e sómente tardou em se aceitar, até que a experiença desenganou aos ministros, que ao principio por ventura o não capacitaram.

E quanta fosse a utilidade e efficacia delle, bem o mostrou a companhia occidental, a qual foi sempre

trazendo do Brazil o que bastou para sustentar a guerra de Castella, conservar o reino, restaurar Pernambuco, e ainda hoje acudir com prompts e grandes cabedaes ás occurrencias de maior importancia.

E se juntamente se acceptára, e fizera a companhia oriental, não chegára a India ao estado em que hoje a temos, tão desenganada porém da debilidade e necessidade deste meio, que agora em Portugal e na mesma India se tracta delle.

E para que se veja quão solido e fundamental é e foi sempre este meio, não deixarei de referir aqui o que me escreveu o padre João de Mattos, assistente das provincias de Portugal em Roma.

Chegou lá o dito padre, e diz elle, que os politicos romanos lhe disseram, sabendo do meu arbitrio: *Nós atégora cuidavamos que Portugal se não podia conservar; mas pois elle tem homens que sabem excogitar similhantes arbitrios, não duvidamos da sua conservação.* E este é o primeiro negocio meu, ou proposto por mim, que vossa senhoria julgará se merece o nome de *desvanecido*.

O segundo negocio que pratiquei a sua magestade, foi que mandasse passar as drogas da India ao Brazil, referindo como nelle nasciam e se davam igualmente, e que el-rei D. Manuel as mandára arrancar sob pena de morte, para conservar a India, como com effeito se arrancaram todas, ficando sómente o gingivre, do qual se disse discretamente que *escapára por se meter pela terra dentro*, como raiz que é.

Consistia a utilidade deste meio, em que tendo no Brazil as ditas drogas, e sendo a conducção dellas tanto mais breve e mais facil, as podíamos dar muito mais baratas que os hollandezes, com que os ficavamos destruindo na India.

Respondeu el-rei:—*Que lhe parecia muito bem o*

arbitrio, e que o tivessemos em segredo até seu tempo, pelos embaraços com que de presente se achava.

Estando eu em Roma, me escreveu Duarte Nunes, de Paris, que tivera carta de D. Francisco de Mello, na qual lhe referia, dizer el-rei de Inglaterra, que só seu cunhado, sem fazer guerra aos hollandezes os poderia destruir; mas que não descobria o modo, nem D. Francisco nem elle o sabiam conjecturar; que se a mim me ocorresse o avisasse.

Avisei-lhe o sobredito meio, e elle o representou a sua magestade em um papel particular, no qual ajuntou a minha carta, e está tambem esta inserta no regimento do provedor mór da fazenda desta Bahia, a quem sua magestade encarecidamente encarregou a planta das ditas drogas, e foram encommendadas com o mesmo aperto aos vice-reis e governadores da India, e se veem trazendo em todas as naus plantadas e regadas, com que já hoje ha no Brazil grande numero de arvores de canella, como tambem algumas de pimenta.

E este é o segundo negocio ou arbitrio que tambem tardou, mas não se desvaneceu, sendo tão pouco subtil, que o intendem aqui os cafres, e o executam com a enxada na mão.

Quando os franceses tomaram Dunquerque, cantou-se *Te Deum laudamus* na nossa capella; e eu entrando no paço vi que vinham saindo pela galé todos os presidentes de beijar a mão a sua magestade: então cheguei eu, e disse a sua magestade: Agora soube, Senhor, que todos beijaram a mão a vossa magestade pela tomada de Dunquerque, do que eu pelo contrario dou a vossa magestade o pezame.

Perguntou-me el-rei: Porque? E respondi: Porque os hollandezes atégora sustentavam uma armada de frente de Dunquerque, para assegurarem a passagem do canal aos seus navios; e como sendo confederados

de França, cessa esse temor, desoccupada d'alli a armada, a mandarão sem dúvida ao Brazil, como antes de partir de Amsterdam me constou diziam muitos: e Segismundo que segunda vez governa Pernambuco, fará agora o que já no tempo de Diogo Luiz de Oliveira promettia, e é que se havia fazer senhor da Bahia, sem lhe custar um copo de sangue, impedindo os mantimentos á cidade com os seus navios.

Disse el-rei: E que vos parece que faremos? Respondi: Que em Amsterdam, por via de Jeronymo Moniz, se offerecia um hollandez muito poderoso a dar quinze fragatas de trinta peças, fornecidas de todo o necessario, e postas em Lisboa até março por vinte mil cruzados cada uma, que fôra o preço da fragata Fortuna que veio a Portugal, e tudo vinha a importar em trezentos mil cruzados: e que esta quantia se podia tirar facilmente lançando sua magestade um leve tributo sobre a frota, que poucos dias antes tinha chegado opulentissima de mais de quarenta mil caixas de assucar; o qual no Brazil se tinha comprado muito barato, e em Lisboa se vendia por subidissimo preço, e pagando cada arroba um tostão, ou cento e vinte réis, bastaria para fazer novecentos e trinta mil cruzados.

Disse-me el-rei que lhe pozesse aquillo tudo em um papel, sem labia, que foi o termo de que usou sua magestade. E fazendo-o eu assim, me disse d'ahi a poucos dias sua magestade, que mandando consultar o dito papel, responderam os ministros que aquelle negocio estava mui crû.

O meu intento era, que vindo as fragatas de Holanda tivesse sua magestade duas armadas, uma que ficasse em Portugal, e outra que fosse á Bahia.

Não se passaram seis mezes, quando el-rei me mandou chamar de Carcavellos, onde estava convalescente, a Alcantara. Fui, e as palavras com que sua

magestade me recebeu, foram: Sois propheta: hontem á noite chegou caravella da Bahia com um padre a que chamam Philippe Franco, e traz por novas ficar Segismundo fortificado em Taparica: que vos parece que faremos?

Respondi eu: O remedio, senhor, é facil. Não disseram os ministros a vossa magestade que aquelle negocio estava mui crû? Pois os que então o acharam crû, cozam-no agora.

Ora, disse sua magestade, mando chamar a conselho de estado. E porque não havia de acabar senão de noite, disse-me sua magestade, que me recolhesse á quinta, e tornasse ao outro dia.

Tornei, e soube que todo o conselho tinha representado a importancia de ser soccorrida a Bahia, e para isso eram necessarios perto de trezentos mil cruzados; mas que os não havia, nem occorria meio algum de os poder haver.

Isto me disse sua magestade, e eu respondi como indignado: Basta, senhor, que a um rei de Portugal hão de dizer seus ministros, que não ha meio para haver trezentos mil cruzados com que acudir á Bahia, que é tudo quanto temos? Ora eu com esta roupeta remendada, espero em Deus que hoje heide de dar a vossa magestade esta quantia.

Parti logo para Lisboa, escrevi um escripto a Duarte da Silva, a quem tinha conhecido mercador na Bahia, representando-lhe a perda do reino, e do commercio, o aperto ou necessidade da fazenda real, e o quanto sua magestade estimaria que seus vassallos o soccorressem nesta occasião com trezentos mil cruzados, que eram necessarios, dos quaes se embolçariam em um tributo de tostão, ou cento e vinte réis em cada arroba de assucar do mesmo Brazil.

Respondeu Duarte da Silva, que o negocio era tão grande, que o não podia tomar só sobre si; mas que

buscava e fallaria a algum amigo, e que pelas duas horas me trazia a resposta a Santo Antão.

Assim o fez, trazendo comsigo a um Fulano Rodrigues Marques, e ambos prometteram de tomar o assento dos trezentos mil cruzados. Levei-os a el-rei, que lhes agradeceu muito aquelle serviço, dizendo que o tivessem em segredo até lhes mandar fallar por seus ministros.

Tornou naquelle tarde o conselho de estado com as mesmas impossibilidades do dia antecedente; e nesta suspensão disse sua magestade ao conde de Odemira, e ao secretario de estado Pedro Vieira, que fossem a Lisboa tentar alguns mercadores, e que da sua parte fallassem a Duarte da Silva, e ao sobredito Marques; os quaes responderam o que não esperavam os dois ministros, e ás carreiras vieram trazer a nova a sua magestade, dizendo todos os do conselho de estado, que eram dignos de que sua magestade lhes mandasse agradecer muito um tão assignalado serviço.

Recolheu-se el-rei com a rainha, que se achou no conselho, e me fez mercê depois contar-lhe dissera: Elles querem que agradeça eu o negocio ao conde, e a Pedro Vieira, e Antonio Vieira é que o fez.

Agora estimava eu ouvir de vossa senhoria, quem teve *juiso mais igual a este negocio*, se quem previu o perigo, apontou o remedio, e o executou, ou os primeiros, que o não quizeram reconhecer, e os ultimos que o não souberam remediar?

Mas isto succede muitas vezes, quando uns são os que aconselham os negocios, e outros os que executam, e por isso este sê não *desvaneceu*.

Na vespera de S. João, estando el-rei em Alcantara, disse eu a sua magestade que lhe havia inculcar uma festa com que magnificamente celebrasse a noite do seu santo.

E perguntando-me el-rei: Qual? Respondi eu, que

com trinta e nove figuras, que tantas eram as caravellas que tinha contado, embarcando-me no caes da Pedra até Alcantara.

As caravellas, senhor, são escolas de fugir, e de fazer cobardes os homens do mar, e de entregar aos inimigos do primeiro tiro a substancia do Brazil, cujos moradores lá se chamam lavradores de Hollanda.

Prohiba vossa magestade as caravellas, e mande que em seu lugar naveguem os portuguezes em navios grandes, e bem artilhados, os quaes pelo contrario serão as escolas em que as armadas de vossa magestade terão tão valorosos soldados no mar, como na terra.

Este foi o conselho ou negocio, o qual se se *desvanceu*, ou não, se está bem vendo hoje neste porto da Bahia, onde o comboy consta de uma só fragata pequena, e as naus mercantes quasi todas maiores que ella: são trinta as que deram escolta á mesma fragata, e ás duas naus da India.

Muitos outros exemplos podéra ajuntar de propostas e arbitrios meus não desvanecidos; mas porque não basta serem muitos, para provar a quartada da proposição universal de vossa senhoria, é obrigado vossa senhoria a me dizer algum negocio meu, ou aconselhado por mim, que se *desvanecesse*.

Já estou vendo que vossa senhoria com a voz popular me ha de perfillhar a entrega de Pernambuco, que tambem achei na bocca e conceito de sua magestade, que Deus guarde, quando me fallou nisso.

Respondo a vossa senhoria, o que respondi então a sua magestade, e é: que este arbitrio ou meio de concertar a paz com os hollandezes, não foi meu, senão do senhor rei D. João IV, que está no céu, e do seu conselho de estado.

E como sua magestade, que Deus guarde, me instasse dizendo: Antonio Vieira não pôde provar isso.

Respondi: Sim posso, e com tres testimunhas as mais authenticas.

Vivo está Pedro Vieira, que então era secretario de estado, vivo Feliciano Doirado, secretario da embaixada de Hollanda, e sobre tudo vivas as mesmas ordens, que foram a Francisco de Sousa Coutinho, e haviam de ficar registradas na secretaria d'onde vossa magestade as pôde mandar vér, e perguntar aos dois secretarios a verdade do que digo. Foi o caso da maneira seguinte:

Mandou-me sua magestade, que Deus haja, a Münster, para dar a D. Luiz de Portugal, eleito embaixador daquelle congresso, as noticias que lhe podiam faltar das coisas do reino, e elle consultar e deliberar comigo as resoluções.

Estava eu embarcado em uma nau ingleza em Paço d'Arcos, onde ella se deteve esperando vento seis ou sete dias: neste tempo chegou navio de Hollanda com cartas do embaixador, em que dizia estavam tenazmente resolutos os hollandezes a não concluirem a paz, sem as tres condições seguintes:

Que se lhes havia de entregar Pernambuco, isto é, a campanha, porque elles tinham os portos e as fortalezas.

Que pelos gastos das armadas, que os rebeldes lhes tinham obrigado a fazer, se lhes pagasse uma grande quantidade de toneis de oiro, que é a phrase do paiz.

Que para caução de outra vez se não rebellarem, se lhes dêsse uma cidadella na Bahia, presidiada por elles.

Fez-se conselho de estado, e resolveu este:

Que Pernambuco se entregaria.

Que para os gastos se lhes dariam trezentos mil cruzados de contado.

Que a cidadella se lhes entregaria tambem, mas

não na Bahia, senão em S. João da Foz, da cidade do Porto.

Esta ordem se despachou logo ao embaixador, a qual chegou a Hollanda muito antes que eu lá chegasse por Inglaterra.

Assim que neste negocio nem eu tive parte em Lisboa, nem em Hollanda, ou detido em Paço d'Arcos, ou navegando na mesma nau ingleza.

Chegando a Hollanda não teve effeito a embaixada e partida para Munster, e entre o embaixador Francisco de Sousa Coutinho, o secretario Feliciano Doirado, e eu, se consultou o modo com que se havia de proceder nas execuções das ordens de sua magestade, e se assentou

Quanto á cidadella: que este ponto se callasse totalmente, por ser menos decoroso.

Quanto á satisfação dos gastos, que se promettessem trezentos mil cruzados, não em dinheiro de contado, mas pagos em dez annos na Bahia em assucar que elles navegariam nas suas naus; e pois a utilidade era do Brazil, parecia justo que também elle corresse.

Quanto á entrega de Pernambuco: que os moradores daquellas terras, a que elles chamavam rebeldes, não podiam ficar sujeitos á sua vingança, e que a todos haviam de dar liberdade para com seus escravos e fabricas, ou por mar, ou por terra, se poderem retirar.

Onde se deve advertir, que nesta circumstancia tão justa, e que se não podia negar, de tal modo davamos Pernambuco aos hollandezes, que juntamente lh' o ficavamos tirando; porque elles nunca tiveram industria para tratar negros, nem lavouras ou engenhos de assucar, e sem os lavradores portuguezes nenhuma utilidade podiam tirar d'aquella terra, antes fazer uns grandissimos gastos de sustentar tantas fortalezas,

com que se resolveriam a nol-as vender facilmente.

E por outra parte, passando-se os moradores pernambucanos com as suas fabricas á Bahia (onde não faltavam iguaes e melhores terras) o mesmo Pernambuco, que deixavamos em sete graus, o teríamos em doze.

Em quanto isto se tractava na corte de Haya, recebi maço de el-rei, no qual vinha uma carta em que sua magestade mandava retirar a Francisco de Sousa Coutinho, e uma patente em que ordenava ficasse eu com os negócios da embaixada.

A fórmula e sobrescripto para mim e não para o embaixador, lhe deu grande cuidado: o qual eu porém fiz desvanecer, e disfarcei, não lhe dando a sua carta, com dizer que tivera ordem de sua magestade para tornar a Portugal: e por estarem navios promptos em o porto de Amsterdam, me despedi, e fui embarcar dentro de duas horas.

A sua magestade representei, que não usára da patente, porque aquelles negócios não eram conformes ao meu habito, escusa que por benignidade e grandeza aceitou bem sua magestade, não callando os motivos daquella mudança.

Tinha chegado pouco antes a Lisboa um Francisco Ferreira Rebello, sobrinho de Gaspar Dias, o qual (com novas proposições, e esperanças contrarias ao que em Hollanda se tractava, fundadas em razões aparentes, e feitas ao sabor dos ouvidos) não só tinha alvoracado o povo, mas persuadido a muitos conselheiros, ainda de estado, a quem informava e dizia, que se arrependessem do que tinham votado.

Era lastima que alguns delles soubessem tão pouco de Hollanda e Pernambuco, que por ouvirem fallar no Arrecife, diziam que tinhamos reduzidos os hollandezes a um penhasco, dominando actualmente estes todas as costas do mar com dezesete fortalezas.

Só el-rei, firme na sua resolução, se fundava com a madureza verdadeiramente real do seu juiso, *em que a paz com os hollandezes era totalmente necessaria, e a guerra manifestamente impossivel.*

A isto mesmo mandou sua magestade que fizesse eu um papel, o qual fiz, reduzindo ambas as proposições d'el-rei a tres razões muito breves, que foram estas:

Primeira. Se Castella e Portugal juntos não puderam prevalecer contra Hollanda, como poderá Portugal só prevalecer contra Hollanda e Castella?

Segunda. Os hollandezes hoje teem onze mil navios de gavea, e duzentos e cincuenta mil homens marinheiros: contemos os nossos marinheiros, e os nossos navios, e vejamos se podemos resistir aos hollandezes, que em todos os mares das quatro partes do mundo nos fazem e farão guerra.

Terceira. Os conselheiros de estado de Castella aconselham ao seu rei, que com todo o empenho empida a paz de Hollanda com Portugal, e assim o fazem seus embaixadores com grande somma de dinheiro: será logo bem, que os conselheiros portuguezes aconselhem a el-rei de Portugal, para se conservar o que os ministros de Castella aconselham para o destruir.

Ninguem houve então, nem até hoje, que respondesse a estas tres proposições, e comtudo se não deixavam convencer dellas a maior parte dos que as liam; porque a providencia divina determinava fazer em Pernambuco um milagre, que ninguem imaginou, e todos reconheceram por tal.

Mas este mesmo milagre prova quão certas e verdadeiras eram aquellas razões humanas, e quão sclidas e invenciveis naturalmente, pois só a omnipotencia obrando milagrosamente as pôde vencer.

Ficando por este modo *desvanecida* a entrega de Pernambuco, ainda a proposição de vossa senhoria

não fica verificada; porque este negocio não foi meu, senão resoluto, e mandado expressamente por sua magestade nas suas ordens; e no papel que sua magestade me mandou fazer só fui relator das forçosas razões que elle tivera para isso; assim como vossa senhoria não é auctor das accções alheias, que refere na sua historia.

E para que a vossa senhoria conste quão pouco inclinado fui, a que nem um só palmo de terra dessemos aos hollandezes, referirei o que passou entre mim e o embaixador Francisco de Sousa Coutinho.

Estando elle com os estados em conferencia (a qual os estados vinham fazer a sua casa) levantou-se da mesma conferencia, e muito alegre nos veio dizer, a Feliciano Doirado e a mim: Já tenho concluido a paz.

E perguntando-lhe eu: Como? Respondeu, que largando aos hollandezes até o rio de S. Francisco. Ao que eu disse: Bem parvos são os hollandezes em mandarem armadas ao Brazil: venham fazer conferencias com vossa excellencia; porque mais ganham com uma conferencia, que com muitas armadas.

Então elle lançando os braços na espalda de uma cadeira, disse: Antes tomára ter cortadas as mãos, que ter feito o que fiz; porque se o padre me diz isso a mim, que escreverá a el-rei? Respondi: Muito em abono de vossa excellencia; mas digo com esta clareza o que intendo.

Tambem quero dar a vossa senhoria uma noticia, que ninguem tem, nem teve, e é, que os negocios a que el-rei muitas vezes me mandava, eram muito diferentes do que se podia cuidar, ainda entre os ministros mui superiores, correndo a communicação dos ditos negocios por cifra particular, de que só era sábedor o secretario Pedro Monteiro.

Por isso ficaram sujeitas todas as minhas jornadas

aos juízos e às conjecturas muito erradas, as quais não são matéria de história; antes tem ella obrigação de as emendar com a verdade, se a sabe, e não com dizer que se *desvaneceram*, sem o saber.

Seja o exemplo quando parti para o Maranhão. Sendo o meu intento querer antes arriscar a vida pelo Rei do céu, que pelo da terra, cuidaram muitos, que aquella resolução não era minha, senão d'el-rei, e a muito diferente fim.

Diziam muitos: Este Maranhão é maranha; e declarando-se commigo o conde da Torre, o velho, o seu pensamento era: que pelo rio das Amazonas havia de passar a Quitto, e d'ahi a Lima, onde era vice-rei o duque de Escalona, primeiro d'el-rei de Castella, para o persuadir que lá se levantasse com o Potosi.

Quiz Deus que esta notícia não chegou a vossa senhoria, para que o Potosi não fosse uma riquíssima prova dos meus negócios desvanecidos.

Mas deixando de acudir por mim, quero acudir pelo juízo dos principes e ministros, que vossa senhoria afirma *não perceberam as subtilezas dos meus negócios*.

Se el-rei D. João IV, que era príncipe, os não percebia, como me encarregava os seus na forma que acabo de referir? E se elle e seus ministros os não percebiam em português, como me mandaram patente para Hollanda e a Munster para os negócios de todas as nações?

De Roma veio aviso de Manuel Alvares Carrilho e um enviado de Nápoles, depois de a restaurarem os castelhanos, que aquelle reino se queria entregar a el-rei de Portugal. E como me mandou el-rei a Roma com poder de examinar este negócio e o resolver por mim só, e se dispenderem por ordem minha seiscentos mil cruzados, que lá tinha sua magestade?

Para França nomeou sua magestade por embaixa-

dor a Sebastião Cesar, com negocios para que tinha determinado o duque de Aveiro. E porque então me entregaram as instruções do dito Sebastião Cesar, e a elle as minhas, para que de Paris a Roma nos dessemos as mãos em todos os negocios?

Antes destes no mesmo Paris, para que, ou por que ordenou sua magestade, que o marquez de Niza embaixador, a nenhuma audiencia da rainha regente fosse, ou do cardeal Massarino, sem eu assistir juntamente com elle a tudo o que se tractava?

E quando o mesmo marquez tractou com o cardeal o negocio da Liga, com entrega de praças, e outras condições, não só approvadas por outros embaixadores, mas tambem pelo senhor infante D. Duarte, sendo eu de contrario parecer em carta que de Hollanda escrevi ao mesmo marquez, e mandei a copia a sua magestade, porque lhe mandou sua magestade, que se conformasse em tudo com o que eu lhe tinha escripto em carta de tantos de tal mez?

Se vossa senhoria tem os seus livros e copiadores lá o achará vossa senhoria em uma carta descontente de duas regras e meia. E á vista disto, não era bem que vossa senhoria escrevesse na sua historia, que como o meu juiso era superior, e não igual aos negocios, muitas vezes se desvaneceram, por querer tratal-os mais subtilmente do que os comprehendiam os principes e ministros, com quem communiquei muitos de grande importancia. Guarde Deus a vossa senhoria como desejo, por muitos annos. Bahia, 23 de maio de 1682.

Criado de vossa senhoria

ANTONIO VIEIRA.

*Carta ao conde da Castanheira*

*Cartas, 2.º vol. 1854.*

MEU SENHOR :

E' coisa tão natural o responder, que até os penhascos duros respondem, e para as vozes teem eccos. Pelo contrario é tão grande violencia não responder, que aos que nasceram mudos, fez a natureza tambem surdos, porque se ouvissem, e não pudessem responder, rebentariam de dôr. Esta é a obrigação e a pena em que a carta que recebi nesta frota de vossa excellencia me tem posto, devendo eu só esperar reciprocamente que a resposta do meu silencio fosse tão muda como elle: mas quiz a benignidade de vossa excellencia que neste excesso de favor se verificasse o pensamento dos que dizem, que para se conhcerem os amigos, haviam os homens de morrer primeiro, e d'ahi a algum tempo (sem ser necessario muito) resuscitar. E porque eu em não escrever fui mudo, como morto, agora com o espaço de um anno e meio, é força que falle como resuscitado. O que só posso dizer a vossa excellencia é que ainda vivo, crendo, com fé muito firme, não será desagradavel a vossa excellencia esta certidão. Não posso contudo callar que no mesmo dia de seis de fevereiro em que entrei nos oitenta e sete annos, foi tão critico para a minha pouca saude este seteno, que apenas por mão alheia me permitte dictar estas regras, as quaes só multiplicadas em copias, sendo as mesmas, podem satisfazer a tantas obrigações, quantas devo á patria na sua mais illustre nobreza. Sendo porém tão singular e não usada esta indulgência, ainda reconheço por maior a que de novo peço a todos, e é que a pena de não responder ás cartas se me commute na graça de as não re-

ceber d'aqui por diante, assim como é graça e piedade da natureza não ouvir quem não pôde fallar. E para que o despacho deste forçado memorial não pareça genero de ingratidão da minha parte, senão contracto util de ambas, e muito digno de acceitação, sirva-se vossa excellencia de considerar, que se me falta uma mão para escrever, me ficam duas mais livres para as levantar ao céu, e encommendar a Deus os mesmos a quem não escrevo, com muito maior correspondencia do meu agradecimento, porque uma carta em cada frota, é memoria de uma vez cada anno; e as da oração de todas as horas, são lembranças de muitas vezes cada dia. Estas offereço a vossa excellencia sem nome de despedida, e posto que em carta circular e commum, nem por isso esquecido das obrigações tão particulares que a vossa excellencia devo, e me ficam impressas no coração. Deus guarde a vossa excellencia muitos annos, como desejo, com todas as felicidades desta vida, e muito mais da que não tem fim. Bahia, dia de Santo Ignacio, 31 de julho de 1694.

Criado de vossa excellencia

ANTONIO VIEIRA

---

*Carta ao padre Balthazar Duarte*

*Cartas, 2.º vol. 1854.*

Sem embargo da carta circular com que me despedi na frota passada de todos os senhores que me costumavam escrever, pelo impedimento com que eu não podia, tive comtudo carta do senhor conde da Castanheira, e do senhor Diogo Marchão Themudo, e por outra similhante fineza a teve o padre José Soares,

meu companheiro, do senhor marquez das Minas, do senhor Roque da Costa Barreto, e do senhor Francisco Barreto. sollicitando por esta via novas de minha vida, honrando-me tambem nesta frota o senhor almotacémor do reino com carta sua. Mas que pouco tempo basta para maiores mudanças! Eu tornei a dar outra queda de noite pela mesma escada fatal, muito mais perigosa que a primeira, com uma ferida na cabeça, e ambas as mãos estropeadas, escapando milagrosamente com vida, ou com metade della, porque ainda me ficava a mão e a assistencia do meu padre José, ao qual sobreveio depois uma doença de hydropsia ou inchação, que os medicos julgam por incurável. Neste estado, sem mãos, nem cabeça, nem companhia, me fica só o coração, por parte do qual peço muito a vossa reverendíssima se sirva de me querer desculpar com os ditos senhores, cujas cartas não pude lêr sem lagrimas, e magoa grande; e que esta mesma represente vossa reverendíssima aos padres, e confessor de el-rei, mestres dos principes, Paulo Mourão, etc.

Com estes avisos do céu me resolvi a estreitar mais o retiro do meu deserto, empregando os poucos dias que restam, na conta de tão larga vida, como a de oitenta e oito annos. Mas nesta falta de forças de mim mesmo (em quem propriamente se verifica *Omnia fert ætas, animum quicque*) me vejo de novo obrigado com duas obediencias, uma real, e outra da religião, a prosegui, e acabar a *Clavis Prophetica*, a que depois de partida a frota me applicarei do modo que fôr possivel, intendendo que é vontade de Deus, que a morte me ache com esta obra de tanto serviço seu, ao menos no pensamento e na voz, já que não pôde ser nas mãos. Na outra carta, quando me faltava uma só, pedia eu por mercê aos que m'a fazião de escrever-me, que pois tinha a direita impedida para responder, se contentassem com que levantando ambas

ao céu mais desoccupada e mais frequentemente os encommendassem a Deus; e agora que me obrigam a que resuscite o que estava quasi sepultado, e o imprima, pôde vossa reverendissima rogar aos mesmos senhores de minha parte, que hajam por bem de me lér em letra de fôrma, pois eu dão posso escrever na de mão; e para que não falte este modo de cartas a quem as devo, por não levarem sobrescriptos, remetto com este papel a vossa reverendissima a lista das pessoas a cujas mãos se hão de offerecer os livros depois de impressos, se a morte no caminho não assaltar os correios. A vida de vossa reverendissima guarde Deus muitos annos, como desejo. Bahia, 22 de julho de 1695.

De vossa mercê muito obrigado servo

ANTONIO VIEIRA

---

*Carta a Sebastião de Mattos e Souza, escripta  
oito dias antes da morte de Vieira*

*Cartas, 3.º vol. 1854.*

MEU SENHOR:

Esta carta com que vossa mercê foi servido continuar o favor e mercê, que me faz em todas as frotas, recebi com a costumada alegria e alvoroço, mas com igual mortificação, por não poder lér, nem ouvir o que nella se contém.

Na frota passada dei conta a vossa mercê de como, deixadas todas as molestias, tinha ocupado a pacien-  
cia no sofrimento de diversas enfermidades, uma destas (por occasião, dizem, de duas sangrias, que me

receitaram em noventa annos de idade) em espaço de oito dias me tirou totalmente a vista, de sorte que nenhuma letra, por grande que seja, nem a dos titulos dos livros posso vêr, e juntamente tendo já mui debilitado o uso de ouvir, o perdi tambem de modo, que apenas posso entender o que outros me lêem.

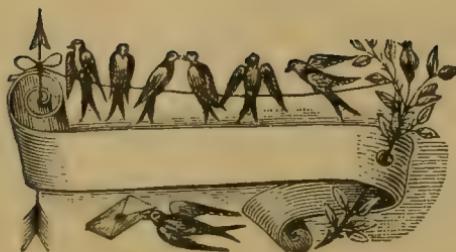
Os que fazem jogo dos achaques alhêos dizem que me veio este a bom tempo, para não vêr o que se vê, nem ouvir o que se ouve; e eu me conformára facilmente com esta sentença, se os mysteriosos desenganos da carta de vossa mercê me não chegaram mais á alma. Eu nos meus trabalhos não tenho aprendido outra lição, por uma parte mais forçosa, e por outra mais util que a da conformidade com a vontade de Deus, com a qual considero a vossa mercê muito unido, e é remedio universal para tudo o que pôde dar, ou tirar a fortuna.

Das coisas publicas não digo a vossa mercê mais, que ser o Brazil hoje um retrato e espelho de Portugal em tudo o que vossa mercê me diz dos apparatus de guerra sem gente, nem dinheiro, das searas dos vicios sem emenda, do infinito luxo sem cabedal, e de todas as outras contradicções do juiso humano. O demasiado inverno tem detido a frota deste anno, e tambem a discordia dos mercadores com os senhores de engenho no preço do assucar, que elles querem que desça a 1\$400 réis, e estes que suba a 1\$600 réis; não montando menos esta diferença de tostão, que trezentos mil cruzados. Eu tambem sou de voto que se abata o preço do assucar, mas com a balança na mão, de maneira que tambem se abatam os preços das outras coisas; mas é manifesta injustiça, que crescendo as de lá e as de Angola cento por cento mais, se queira no mesmo tempo que toda a baixa das drogas seja a do Brazil: por certo que não é este arbitrio muito conforme aos receios que de Portugal se escre-

vem sobre a contingencia em que nas pazes pôde ficar a nossa neutralidade. Mas de cá escrevem-se mentiras e de lá responde-se com lisonjas, e neste voluntario engano está fundada toda a nossa conservação. Deus nos acuda, e me traga melhores e mais confiadas novas de vossa mercê, que será uma grande parte do allivio nestes poucos dias, que as molestias me podem conservar de vida, a qual o Senhor augmente a vossa mercê por muitos annos, com todas as felicidades temporaes e eternas, que vossa mercê pôde desejar, e eu em minhas orações peço a sua Divina Magestade. Bahia, 10 de julho de 1697.

De vossa mercê obrigadissimo e servo

ANTONIO VIEIRA.

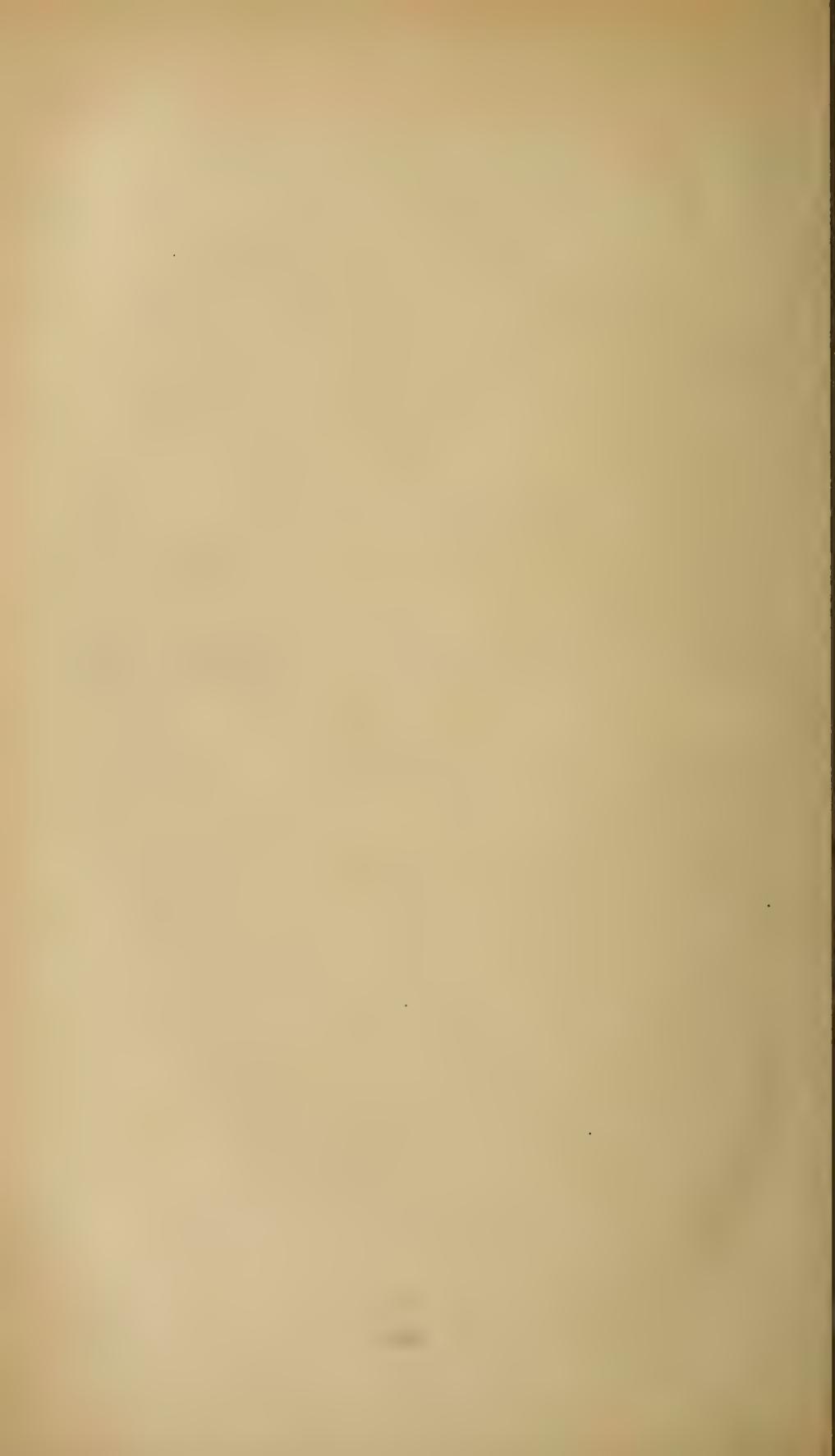




## III PARTE

# EXCERPTOS DAS MEMORIAS POLITICAS





# EXCERPTOS DAS MEMORIAS POLITICAS

---

## *Superioridade científica dos tempos modernos sobre os antigos*

**Da Historia do futuro — 1855 — cap. X, XI e XII**

Um pygmeu sobre um gigante pôde vêr mais que elle: pygmeeus nos conhecemos em comparação daquelles gigantes que olharam antes de nós para as mesmas escripturas: elles sem nós viram muito mais do que nós podemos vêr sem elles; mas nós como vivemos depois delles, e sobre elles por beneficio do tempo, vêmos hoje o que elles viram, e um pouco mais. O ultimo degrau da escada não é maior que os outros, antes pôde ser menor; mas basta ser o ultimo e estar em cima dos mais, para que delle se possa alcançar o que de outros se não alcança.

Entre a multidão dos que acompanhavam e rodeavam a Christo, o mais pequeno de todos era Zacheo, (Luc. XIX — 4) que por si mesmo, e com os pés no chão, não podia alcançar a vêr o que os outros viam; mas subido em cima da arvore, viu melhor e mais

claramente que todos. Mui bem medimos a nossa estatura, e conhecemos quão pequena, quão desigual, quão inferior é, comparada com aquelles cedros do Libano, e com aquellas terras altissimas, que tanto ornato, grandeza e magestade accrescentaram ao edificio da egreja: mas subidos por merecimento seu, e fortuna de tempo a tanta altura, não é muito que alcancemos e descubramos um pouco mais do que elles descobriram e alcançaram.

.....

Não é o tempo, senão a razão, a que dá o credito e auctoridade aos escriptores: nem se deve de perguntar o *quando*, senão o *como* se escreveram. A antiguidade das obras é um accidente extrínseco, que nem tira nem accrescenta validade, e só porque põe os auctores della mais longe dos olhos da inveja, lhes grangêa a triste fortuna de serem mais venerados ou melhor conhecidos depois da morte, que vivos. As trevas foram mais antigas que o sol, e os animaes que o homem. O Testamento Velho não é mais perfeito que o novo, por ser mais antigo, nem o Novo perde a perfeição e excellencia que tem sobre o Velho, por ser mais novo. Que coisa ha hoje tão antiga que não fosse nova em algum tempo? Diz Salomão, (Eccles. I — 10) que não ha coisa nova debaixo do sol; e ainda é mais universalmente certo, que não ha coisa debaixo do sol que não fosse nova. A mais nova entre todas as do mundo foi o mesmo mundo. Se a nossa religião é nova, argumentava Arnobio contra os gentios, tempo virá em que seja velha; e se a vossa superstição é velha, tempo houve em que tambem foi nova. Dizeis que a religião christã é nova, porque ainda não tem quatrocentos annos, e ha menos de dois mil, que os deuses que vós adoraveis ainda não tinham cento. Com a mesma energia disse o impera-

dor Claudio ao senado: *Patres conscripti, quæ mane vetustissima creduntur suere nova, plebei magistratus post patricios, latini post plebeos, cæterarum Italæ gentium post latinos: inveterasse hoc quoque, et quod hodie exemplis tuemur, inter exempla erit* (Arnobius). E verdadeiramente é assim: quantas coisas são hoje exemplos, que começaram sem exemplo? Todas as opiniões ou verdades que se escreveram, tiveram principio, e aquelle que as começou sem auctor, foi o primeiro que lhes deu a auctoridade.

.....

Seneca floresceu nos tempos de Nero, que vem a ser por boas contas, dezeseis seculos antes deste nosso; e se elle conheceu que os que nascessem d'ali a mil seculos, ainda teriam muito que dizer na mesma philosophia moral em que elle tanto e tão subtilmente disse; que muito é que se atreva a dizer alguma coisa nova a nossa idade, se ainda lhe restam por sua confissão novecentos e oitenta e quatro seculos (se tantos durar o mundo) para dizer e inventar muito de novo sobre o mesmo Seneca? Se depois do divino Platão (como pondera Tullio) não acovardaram os seus escriptos a Aristoteles para que não escrevesse, nem a admiravel sabedoria e copia do mesmo Aristoteles pôde apagar os fogosos espiritos de tantos philosophos, que depois delle e sobre elle escreveram, sendo por commum approvação do mundo um dos maiores engenhos que produziu a Grecia e a mesma natureza; porque havemos de querer abreviar as mãos do Auctor della, e cuidarmos que já não podem fallar de novo os homens presentes, e só lhes damos licença para decorarem e repetirem o que disseram os passados? Se assim fôra, debalde nos deu Deus o intendimento, pois nos bastava a memoria. Porque, como bem disse o mesmo Seneca, saber só o

que os antigos souberam, não é saber, é lembrar-se: *Aliud est meminisse, aliud scire; meminisse, est rem commissam memoriae custodire; at scire, est et sua facere quemque, nec ab exemplis pendere, et toties ad magistratus recurrere.* Estes taes haviam de ter a testa virada para as costas, como dizem os italianos dos alemães, que todos se ocupam na erudição do passado, sem descobrir nem inventar coisa nova: muito alcançaram os antigos, e se lhes deve o primeiro louvor; mas ainda nos deixaram seus grandes talentos, em que exercitar os nossos.

.....

E' por ventura o saber e dizer, patrimonio só da antiguidade, e morgado como o de Isaac, que dada a benção a Jacob não fica outra para Esaú? (Gen. XXVII — 37) São os antigos como os cantaros da Sareptana (comparação de que usa Ruperto) que depois de cheios elles, parou a fonte milagrosa, e não correu mais o oleo? (3. Reg. XVII per tot.) Houve neste grande oceano de sciencias alguma nau Victoria, que dêsse volta a todo o mar; ou algum Gama, que passado o cabo de Boa Esperança a tirasse a todos os outros de novos descobrimentos? E se depois deste famoso circulo do universo ainda ficaram mares e terras incognitas, que promettem novas emprezas e novos argonautas, que será na esfera da sabedoria e da verdade, cuja immensa e infinita circumferencia só a pôde abraçar o que é immenso, e comprehendêr o que é infinito? Se depois dos antiquissimos tiveram que descobrir os menos antigos, e depois dos que já não eram os primeiros, tiveram que inventar mais que os segundos; porque não quererão os adoradores, ou aduladores da antiguidade, que ainda depois de tanto dito, haja mais que dizer, e depois de tanto escripto mais que escrever, e depois de tanto estudo e sa-

bido mais que estudar e saber? Como temo que os que condemnam as coisas novas, são aquelles que não podem dizer senão as muito velhas, e pôde ser, que muito remendadas! O avarento chama prodigo ao liberal. O covarde temerario ao valeute. O distrahido hypocrita ao modesto; e cada um condemna o que não tem, por não confessar o que lhe falta. O grande padre Soares, que tanto tinha em si do que os antigos souberam, dizia que daria de alviçaras o que sabia, se lhe dessem o que ignorava, isto é, o que ficou aos vindouros para poderem saber e dizer de novo; mas querer precisamente que nos atemos em tudo aos passados, é querer atar os vivos aos mortos, crueldade que só se lê de Mesencio.

.....

E por não deixarmos sem juiso a controversia disputada entre as coisas novas e as velhas, certamente entre umas e outras não se pôde dar regra certa. O tempo umas coisas melhora, e outras corrompe: oiro velho, vinho velho, amigo velho: casa nova, navio novo, vestido novo: a velhice no oiro é preço, no vinho madureza, no amigo constancia, no vestido pobreza, no navio e na casa perigo; absolutamente nas coisas que se consomem com o tempo, melhores são as novas. Mais defendida está Roma com os muros de Urbano, que com os de Belisario; uns se conservam pelo que foram, outros pelo que são; em uns se admira a antiguidade, em outros se logra a fortaleza. A verdade e as sciencias, em que não tem jurisdicção o tempo, impropriamente se chamam novas, ou velhas, porque sempre são, sempre foram, e sempre hão de ser as mesmas, posto que nem sempre se conhecem igualmente. De Deus, que por essencia é sabedoria e verdade, disse Tertulliano judiciosamente, que nem é velho, nem novo, mas verdadeiro.

A razão de muitas coisas que hoje se sabem serem incognitas aos padres antigos, se pôde considerar, ou da parte de Deus, ou da parte das mesmas coisas. Da parte das mesmas coisas nos não devemos admirar que lhes fossem incognitas, por serem muitas delas difficultosas, escuras e mui reconditas nas escripturas sagradas, e enigmas dos prophetas, as quaes se não podiam intender e penetrar só com a agudeza dos intendimentos, por sublimes e sublimissimos que fossem, em quanto não estavam assistidos de outras notícias e circumstancias, que só se descobrem com o tempo, e adquirem com larga experien-  
cia.

Excellent exemplo é nesta materia o das sciencias e artes, ainda naturaes, as quaes em seus principios e rudimentos foram imperfeitas, e com os annos, experientia e exercicio se vêem hoje sublimadas a tão eminente perfeição, como a nautica, a bellica, a musica, a architectura, a geographia, a hydrographia, e todas as outras mathematicas, e muito em particular a chronologia, de que neste mesmo capitulo fallaremos; e assim como estas mesmas sciencias e artes cresceram e se apuraram muito com o soccorro e apparelho de exquisitos instrumentos, que nellas se inventaram, como foi na nautica o astrolabio, a agulha, e o admiravel segredo da pedra de cevar: e na bellica o terribilissimo e subtilissimo invento da polvora, que deu alma e ser a tantos e tão notaveis instrumentos de guerra: assim tambem poderam crescer e augmentar-se muito as sciencias divinas, e chegar á perfeição e eminencia, em que hoje se vêem com os instrumentos proprios dellas, que é a multidão de livros espalhados e facilitados por todo o mundo pelo beneficio da impressão, com que a doutrina e sci-.

cia particular dos homens insignes se faz commun a todos em tão distantes logares, não sendo menor a commodidade dos mestres, que são instrumentos vivos das sciencias, no concurso de tantas e tão diversas universidades, theatros e officinas publicas de toda a sabedoria; commodidade de que no tempo dos padres se carecia, sendo necessario ao doutor Maximo São Jeronymo (como elle mesmo escreve) copiar com immenso trabalho os livros por sua propria mão e peregrinar á Grecia, á Palestina, ao Egypto e ás Gallias para recolher os escriptos de S. Hylario, ouvir a S. Gregorio Nazianzeno, a Didimo, e aos mestres mais peritos na lingua hebraica; inconvenientes que só podia vencer e contrastar um tão alentado espirito e zelo de servir á egreja, como do grande Jeronymo, digno tanto de immortal louvor pela eminencia de sua sabedoria, como pelos gloriosos trabalhos e suores com que a adquiriu e conquistou.

.....

De sorte que vae crescendo a intelligencia, a scien-  
cia e a sabedoria pelos mesmos gráus do tempo com  
que vão passando os annos, os seculos e a idade; e  
isto não só na egreja universal, e em commun, senão  
nos homens e doutores particulares, que são os mem-  
bros de que o seu corpo, e os raios de que a sua luz  
se compõe. D'onde se deve reparar e advertir (coisa  
que devera já estar mui notada e advertida) que os  
doutores antigos e mais velhos, propria e rigorosa-  
mente fallando, não são os passados, senão os presen-  
tes; nem aquelles que vulgarmente são chamados os  
antigos, senão os que hje e nos tempos mais chega-  
dos a nós se chamam modernos; porque assim como  
nos annos de Christo houve infancia, puericia e ado-  
lescencia, e depois idade perfeita; assim nos annos  
e duração da egreja ha a mesma distincão e succes-

são de idades, com que o corpo mystico della vae crescendo, e augmentando-se sempre mais até chegar a encher a perfeição ou medida da mesma idade de Christo, como expressamente disse São Paulo fallando dos mesmos doutores: *Alios autem pastores, et doctores, ad consummationem sanctorum in opus ministerii, in ædificationem corporis Christi: donec occurramus omnes in unitatem fidei, et agnitionis Filii Dei, in vi- rum perfectum, in mensuram ætatis plenitudinis Christi* (Ad Ephes. IV—11, 12 e 13) D'onde se segue, que os doutores da infancia, da puericia e da adolescencia da egreja foram os modernos e da sciencia moderna. E os doutores da idade maior e mais provecta da egreja, são os mais velhos e mais antigos; e da sciencia mais antiga, porque a egreja não se compõe das paredes mortas, senão dos membros vivos; nem foi crescendo dos nossos annos para os primeiros, senão dos primeiros para os nossos: e seria não só contra a ordem da natureza, senão contra a decencia da mesma idade, que não fosse mais sabia a egreja nos maiores annos, do que tinha sido nos menores.

---

## Auto-biographia de Vieira

**Da Defesa do livro intitulado Quinto imperio, apresentada á inquisição de Coimbra pelo padre Vieira, quando ali estava encarcerado.**

*Obras ineditas, 1.º vol. 1856.*

De duas coisas me vi principalmente arguir nos exames.

A primeira é de suspeito na fé, a segunda de presumido, e começando por esta segunda arguição—que quero saber mais que os padres e doutores antigos—já disse que ácerca da zona torrida e dos antipodas,

ensinaram os pilotos portuguezes ao mundo, sem saberem lér nem escrever, o que não alcançou Aristoteles, nem S. Agostinho, pela diferença dos tempos; e sendo os tempos, como confessam os mesmos padres, o melhor interprete, bem pôde acontecer, sem maravilha, e cuidar-se sem presumpção, que um homem muito menos sabio, depois do discurso de largos annos, e successos de algumas prophecias, que os antigos e santissimos por falta de noticias não alcançaram, as alcance. Assim cuidam de si Boecio, Genebrardo, Leão de Castro, Palas, Arias Montano, Lugunensi, Poncio Scherlogo Mendonça, e outros muitos, os quaes expõem muitas escripturas propheticas, succedidas nestes ultimos seculos, confessando que os padres antigos não poderam pela dita causa conhecer o sentido litteral dellas.

Assim que, quando fizera eu o mesmo, fôra um daquelles, que nem por isso são notados de presumidos; mas não é este o meu caso, porque ainda que me atrevi a navegar por um mar tão profundo, e por meio de uma serração tão escura, como a das escripturas propheticas, fui seguindo o farol de tanto numero de santos, e doutores antigos e inodernos, quantos no principio ficam enumerados, dizendo o que elles primeiro disseram, e querendo só reduzir a um discurso e volume, o que elles escreveram dividido em muitos logares.

Confesso, contudo, que se me pôde replicar, que ainda em seguimento de outros auctores, não era esta empreza para um homem tão idiota, como eu agora tenho acabado de conhecer que o sou; mas esta culpa tiveram em parte meus prelados, os quaes de idade de dezesete annos me encommendaram as annuas das provincias, que vão a Roma historiadas na lingua latina, e de idade de dezoito annos me fizeram mestre de primeira, aonde dictei, commentadas, as tragedias

de Seneca, de que até então não havia commento; e nos dois annos seguintes comecei um commentario litteral e moral sobre Josué, e outro sobre os Cantares de Salomão em cinco sentidos; e indo estudar philosophia de idade de vinte annos, no mesmo tempo compuz uma philosophia propria; e passando á theologia, me consentiram os meus prelados que não tomasse postilla, e que eu compozesse por mim as matерias, como com effeito compuz, que estão na minha provincia, onde de idade de trinta annos fui eleito mestre de theologia, que não proseguí por ser mandado a este reino na occasião da restauração delle.

Em Portugal continuei os mesmos estudos, com a applicação que todos sabem, sendo mais morador da livraria, que da cella; não prejudicando em nada aos ditos estudos as peregrinações de Hollanda, França, Inglaterra e Italia, onde fui enviado por sua magestade, porque sobre a noticia que tinha muito universal dos livros, sendo sempre bibliothecario em todos os collegios, poude vêr as melhores livrarias do mundo, e tractar os homens mais doutos, e consultal-os no estudo primeiro, e estudar todo o genero de controvérsia, nem só na paz, senão com as armas na mão, ajudando-me, não pouco, o mesmo conhecimento das terras e mares, para a exacta cosmographia e intelligencia da historia profana, ecclesiastica e sagrada, para a qual tambem me appliquei muito á chronologia dos tempos, ordem e successão das idades do mundo, da egreja, e dos homens grandes, que nellas e nelle floresciam, querendo conhecer os ditos homens pelas suas obras, e lendo-as para isso nas suas fontes, principalmente as dos santos padres e expositores da escriptura, a qual passei por vezes toda, e mais particularmente os livros propheticos, insistindo sempre no sentido genuino e real, e pretendido pelo Espírito Santo, sem me divertir nas folhas e nas flores, (que é

o estudo ordinario dos portuguezes) e procurando sobretudo a coherencia de uns logares com outros, de modo que todos se podessem intender concordemente, sem contradicção ou repugnancia alguma em todo o texto sagrado.

Estas são as diligencias que fiz em toda a minha larga vida, sendo por mar e por terra meus companheiros inseparaveis os livros, e estas são tambem as partes que eu lia e ouvia dizer se devia compor o bom interprete das escripturas, d'onde resultaram as razões e apparencias, por que eu, com pouca culpa, e outros com não pouca temeridade, se enganaram commigo, intendendo que na minha insufficiencia havia capacidade para uma obra que tanto excedia a limitação do meu cabedal e talento.

Quanto ás supposições de fé, depois de dar infinitas graças a Deus por me chegar a estado em que era necessário dar razão de mim em tal materia, peço aos senhores inquisidores sejam servidos, primeiro que tudo, de se informarem dos procedimentos deste indigno religioso, principalmente no tempo em que escreveu o papel de que se tomam estes fundamentos, para que julguem ao menos se o rigor da sua vida, e o seu zelo da disciplina religiosa, e do culto divino, da propagação da fé, e da salvação das almas, da reformação dos costumes, da frequencia dos sacramentos, da promoção á piedade e devoção, assim entre os portuguezes, como infieis, indios, e outros, eram ou podiam ser de homem que não amasse a Christo, nem crêsse na sua fé? E se outrosim, eram ou podiam ser de homem que não amasse a Christo, os assumptos de seus sermões, e materia e efficacia delles, e as doutrinas de todos os domingos, uma que fazia na matriz aos indios na sua lingua, e outra aos estudantes e portuguezes no seu collegio, a que concorria todo o povo, e as confissões geraes, e mudanças de vidas

que resultavam das ditas doutrinas e pregações, e dos livros espirituales, principalmente da diferença entre o temporal e eterno, de que levei muitos a este fim, que repartia e fazia repartir aos que eram capazes daquelle lição; e se era de homem que não amasse a Christo, nem crèsse na sua fé o continuo soccorro de todos os pobres, que são neste mundo os substitutos do mesmo Christo, aos quaes chegou a dar-lhes a sua propria cama, dormindo d'ahi por diante em uma esteira de tabua, sem jámais se negar a pobre coisa alguma que houvesse em casa aonde elle se achava, tendo dado a mesma ordem a todas as outras?

E porque naquellas terras não havia botica, a mandava ir todos os annos deste reino a grandes despezas, para a fazer commum de todos os enfermos, assim pobres, como ricos, procurando e ajudando a que se fizesse um hospital para os soldados que morriam ao desamparo, sollicitando as causas dos prezos, e intercedendo por elles, e livrando muitos, e mandando á cadêa muito frequentes esmolas, e informando-se dos parochos e dos confessores, das necessidades que havia occultas, as quaes remediava tambem occultamente, e com maiores soccorros do que se podia esperar de quem professava pobreza? Ou se era de homem que nem crèsse, nem amasse a Christo, o cuidado e a vigilancia, e as vigilias e industria que tinha, para que nenhum gentio ou cathecumeno morresse sem baptismo, nem algum baptisado sem confissão, indo muitas vezes quatro e seis leguas a pé, e muitas vezes quinze e vinte, atravessando bosques e rios, sem ponte nem caminho, caminhando de dia e de noite para confessar a um indio enfermo? E posto que nem as suas forças, nem as suas virtudes eram para outros maiores trabalhos, ao menos fazia que os emprehendessem seus companheiros, indo alguns delles distancia de cincoenta legoas, e sessenta, a acudir a um moribundo, só na

duvida de se poder achar ainda vivo, posto que se affirmasse estaria já o indio morto, como verdadeiramente se achava: e porque as distancias e as necessidades eram muitas, e os sacerdotes poucos, compuz um formulario breve, com todos os actos com que em falta do sacramento da penitencia, se podesse una alma pôr em graça de Deus, escripto pelas palavras mais substanciaes e breves, e de maior efficacia, assim na lingua portugueza, como na geral dos indios, para que qualquer pessoa nos casos de necessidade, podesse suprir a ausencia dos sacerdotes.

E outra segunda parte na mesma fórmula, para poderem administrar o sacramento do baptismo, e dispor para elle nos casos e termos mais apertados, a qualquer gentio; e outras similhantes industrias e prevenções, para que nenhuma alma se perdesse. E será finalmente de homem que não crèsse em Christo, nem amasse a Christo, a constancia, a que outros chamam pertinacia, com que tanto instou e trabalhou para arrancar por todas as vias daquelle paiz o peccado universal, e como original delle, dos captiveiros injustos dos indios, sem embargo de ter contra si todos, não só seculares, senão ecclesiasticos; e tornando a Portugal sobre esta demanda, e embarcando-se para isso em um tal navio, que no meio do mar se virou, onde tivera acabado os seus trabalhos, se Deus para outros maiores o não livrára quasi milagrosamente?

.....

Mas vindo ao particular da fé: de idade de dezesete annos fiz voto de gastar toda a vida na conversão dos gentios, e doutrinar aos novamente convertidos, e para isso me appliquei ás duas lingoas do Brazil e Angola, que são os gentios christãos boçaes daquelle provincia: e porque para este ministerio me não era necessario mais sciencia que a doutrina christã, pedi aos supe-

riores me tirassem dos estudos, porque não queria curso, nem theologia, e cedia dos gráus da religião, que a elles se seguem. E posto que os superiores m'o não quizeram conceder, antes me tiraram a obrigação do voto, e o padre geral fez o mesmo, eu comtudo o tornei a renovar e insistir nelle, até que ultimamente o consegui, indo-me para o Maranhão tanto contra a vontade d'el-rei e do principe, como é notorio, levando e convocando de diversas partes da companhia para a mesma missão, mais de trinta religiosos de grandes talentos, com os quaes trabalhei por espaço de nove annos, navegando neste tempo agua doce e salgada mais de mil e quatrocentas leguas, fóra muitas terras e desertos, sempre a pé, favorecendo Deus tanto o fervor daquelles operarios, que já a missão e a fé estava estendida em o districto de seiscentas leguas, quantas contei eu e andei desde a serra de Ibiapaba até o rio de Gapoyos, sendo quatorze as residencias em que assistiam religiosos, acudindo d'ahi a diversas partes, e havendo algumas em que só os baptisados innocentes em espaço de quatro annos passaram de seiscentos, além de muitos adultos baptisados—*in extremis*—para os quaes, e para outros que mais de vagar se iam cathequisando, compuz no mesmo tempo com excessiva diligencia e trabalho, seis cathecismos que continham em summa todos os mysterios da fé e a doutrina christã em seis lingoas differentes; um na lingoa geral da costa do mar, outro na dos nhengaybas, outro na dos bocas, outro na dos juramiminos, e dois na dos tapuyas, tendo-se levantado e edificado de novo todas as egrejas das sobreditas residencias, e outras muitas, servidas e ornadas todas pela industria de quem escreve este papel, porque a todas dava vinho e hostias para as missas, e cera branca para os dias principaes, sendo levadas todas estas coisas deste reino de Portugal, porque naquellas terras as não ha; como

tambem iam de Portugal todos os ornamentos, uns ricos e outros decentes, e os sacrarios e os altares portateis, os calices e as custodias maiores e menores, aquellas de grande magestade, cruzes, castiçaes, alampadas, thuribulos, alguns de prata, e os mais de latão, muitos sinos, muitas imagens de Christo, e de Nossa Senhora e de varios santos, umas de pintura para os retabulos, e outras de relevo estufadas, assim maiores para os altares, como menores para as procissões, para mostrar aos gentios, muito inclinados aos seus bailes, que a lei dos christãos não é triste.

E assim mesmo todo o apparato dos baptismos para se fazerem com grande pompa, necessaria igualmente aos olhos da gente rude, que só se governa pelos sentidos, muitas resmas de papel, tintas, e latas para os sepulchros, e imagens da paixão para as procissões da quaresma e semana santa, que tudo se introduziu desde logo para ficar mais bem fundado e estabelecido entre aquelles novos christãos, sendo materia de grande devoção vêr derramar sangue por amor de Christo e vestidos de disciplinantes á portugueza, e muitos daquelle!es mesmos, que poucos mezes antes se fartavam de sangue e carne humana, sendo raro o que naquelle dias não fizesse esta penitencia, e para verem da mesma maneira com os olhos o mysterio do nascimento de Christo, cuja solemnidade fazia celebrar com dialogos na sua lingoa, representados por seus proprios filhos.

Mandava tambem ir de Portugal as imagens do presepio, e outras curiosidades daquelle festa, de que se paga ainda a gente de maior entendimento; varios ternos de charamellas e flautas para maior solemnidade das missas, as quaes já alguns dos indios teem aprendido a cantar em musica de orgão, e ajuntando-se a esta despeza, mais chegadas ao culto divino, outras ordenadas ao mesmo fim, que são as que lá chamam

resgates, com que se conciliam os animos dos barbaros, e vem a ser grande quantidade de machadas, fous de roçar, facas, tesouras, espelhos, pentes, agulhas, anzoes, e de tudo isto milheiros levados com o demais de Portugal, muito panno de algodão para cubrir, ao menos decentemente, as mulheres convertidas; e outros vestidos de pannos de côres alegres para os maiores ou regulos das nações; nas quaes coisas todas, em duas vezes que fui ao Maranhão, em nove annos que lá estive, despendi com aquella nova christandade mais de cincuenta mil cruzados, pela valia da terra, sendo muito maior o cuidado e disvello, que o valor, para que se julgasse se foi demasiado empenho com Christo e a sua fé, para quem se diz que espera outro Messias.

E por que não pareça muito ou a quantidade ou quantia da despeza, esta se tirava de quatrocentos mil réis que o senhor rei D. João me deu para este fim, situados nos dizimos do Brazil, donde vinham em assucares, livres de direitos, e do meu ordenado de pregador d'el-rei, e das esmolas de meus parentes, que só para isso lh'as acceitava, e de empenhos e dívidas que fazia, de que ficava por fiador o padre procurador do Brazil, e principalmente da grande e continua liberalidade com que el-rei em sua vida, e a rainha por sua morte, assistiam aquella missão, não só por via da junta da propagação, senão por mercês e ordenados particulares.

Mas o que muito se deve notar é que a applicação das coisas sobreditas, toda era e vinha a ser à custa da caridade e mortificação dos missionarios, os quaes comendo farinha de páu, bebendo agua, e vestindo algodão tinto na lama, tiravam de si e da bocca o que tinham por mais bem empregado no culto divino, e no socorro dos pobres corpos das almas que iam salvar, sendo o maior trabalho e dificuldade de toda

a missão, a cubiça insaciavel dos que por captivar e vender os corpos, punham em risco as almas; e, para o fazerem mais livremente, e sem estorvo, chegar a prender sacrilegamente e desterrar aos que por amor das mesmas almas se tinham desterrado.



## Serviços do padre Antonio Vieira

De um memorial feito ao principe regente D. Pedro

*Obras ineditas, 3.º vol. 1857.*

Desde o anno de 40 serviu o padre Antonio Vieira de prégador de sua magestade; e este officio, se elle o não exercitára com tão pouca sufficiencia, costumam premiar os reis com os acrescentamentos que mostram os exemplos ordinarios de Castella, e muitos de Portugal.

No anno de 41, pelos apertos em que se achava o reino com as guerras de Castella e Hollanda, elle foi o primeiro que suggeriu a sua magestade, e deu por escripto o meio de se fazer uma companhia oriental e outra occidental.

Feita esta segunda, houve com que se restaurou Pernambuco e Angola, e teve com que se sustentar o reino; e se se fizera a primeira, tambem se restaurára a India, ou quando menos, se não perdéra o que nella tinhamos.

No anno de 45, foi mandado por sua magestade a França e Hollanda, para assistir á composição da paz, e principalmente para informar a sua magestade dos negocios de todas as embaixadas, como fazia; e devia ser com algum acerto, porque ordinariamente se conformava sua magestade com o seu parecer.

No mesmo anno, com um papel que mandou a Portugal, impediu que se não dêsse aos franceses uma nossa fortaleza de Africa.

No anno de 47, esteve nomeado para companheiro de Dom Luiz de Portugal, na embaixada de Munster, que não teve effeito.

No mesmo anno tornou a França, d'onde impediu a vinda do principe de Condé a Portugal, com que queria o Cardeal Massarino satisfazer-nos, em logar do duque de Orleans, que de cá se pedia: sendo este negocio de tanta consequencia, que no tal caso se perdia a soberania da corôa, a qual soberania sacrificavam á necessidade os votos dos ausentes. E passando a Hollanda, obrou com tanta satisfação, que sua magestade lhe mandou patente, e carta de crença, para ficar em logar de Francisco de Sousa Coutinho, de que se escusou, por ser exercicio publico tão alheio do seu estado e habito.

No anno de 49, tornando a Lisboa, avisou a sua magestade pelas conjecturas do que tinha visto, que Segismundo, governador de Hollanda em Pernambuco, havia de ir sitiaria Bahia, como com effeito foi d'ahi a tres mezes; e não tendo a fazenda real com que aprestar a armada que lá foi do conde de Villa Pouca nem dando os conselheiros arbitrio com que se podesse remediar esta falta e necessidade, o padre Antonio Vieira em tres horas negociou trezentos mil cruzados effectivos, com que a dita armada se aprestou, foi e fez levantar o sitio.

No anno de 50, foi mandado por sua magestade a Roma, a tractar o casamento do principe Dom Theodosio com a filha unica de el-rei de Castella, que hoje é rainha de França, levando ordem para ir de Roma a Madrid.

Na mesma jornada lhe commetteu sua magestade a diversão e levantamento de Napoles, que se lhe offe-

recia, com poderes absolutos de resolver por si, sem outro conselho nem recurso, o dito negocio, para o qual achou em Italia seiscentos mil cruzados, com ordem ao thesoureiro que os dispendesse á sua disposição, e que por um simples escripto do padre Antonio Vieira se lhe levariam em conta; mas tudo se conservou em ser, por não terem solido fundamento as offertas dos napolitanos.

E porque no mesmo tempo veio sobre Portugal a armada do parlamento de Inglaterra, e se temia outra de Castella, por via de Hamburgo e Amsterdam, metteu o padre Vieira em Portugal cincuenta mil cruzados de munições, de que havia grande necessidade, em uma de tres fragatas de guerra, que tambem se fabricaram por sua ordem.

No mesmo anno saiu de Roma no meio dos caniculares, com evidente risco da vida, obrigado da grande potencia que então tinha Castella naquella curia. A occasião foi haver sabido el-rei de Castella os intentos de Napoles, por revelação, como se crê, do sujeito (Sebastião Cesar) nomeado no mesmo tempo embaixador de França, a quem se deram as instruções do padre Antonio Vieira, como ao padre Antonio Vieira as suas.

Foi instrumento desta expulsão e instruções o duque do Infantado, embaixador de Castella, o qual disse ao geral da companhia, que o seu rei lhe ordenava em todos os estafetas, que não consentisse ao padre Antonio Vieira em Roma, e que se elle geral o não fazia sair, elle embaixador o havia de mandar matar.

No anno de 51, foi eleito para ir a Saboya tractar o casamento do principe, com uma filha daquella casa, o que elle dissuadiu, por não ser conveniente, estando presente á conferencia o mesmo principe.

Em todas estas jornadas (em que o padre Antonio Vieira passou sete vezes o canal de Inglaterra, duas

o golfo de Leão, e quatro atravessou a França, e a maior parte de Inglaterra e Hollanda) se não deve passar em silencio duas coisas.

A primeira, os continuos riscos de vida em que andava mettido, não havendo logar para elle seguro, nem no mar, nem na terra, por então termos em toda a parte muitos inimigos sujeitos a Castella, e á casa de Austria, e principalmente os castelhanos, os quaes por beneficio da paz, não só tinham ministros em todas as cōrtes, portos e nações, senão muito sequito nellas, assim de naturaes, como de estrangeiros.

A segunda, a pouca e nenhuma despeza que o padre Antonio Vieira fazia nestas jornadas, nas quaes nunca tractou de auctoridade, nem commodidade, contentando-se com um moxilla que lhe tirava as botas, e restituindo outra vez á fazenda real o que lhe sobejava das ajudas de custo, que elle não aceitava senão muito limitadas.

Basta para prova do seu desinteresse, que mandando sua magestade ao marquez de Niza, embaixador de Paris, lhe dësse para seus livros até vinte mil cruzados, elle não aceitou dois tostões para comprar um diurno.

No mais tempo da vida de sua magestade, em que o padre Vieira residiu em Lisboa, não estava ocioso no serviço real; porque além das quotidianas conferencias com sua magestade, assistia em quasi todas as juntas secretas dos negocios mais graves, não havendo nenhum que se lhe não communicasse, e havendo muitos que só delle se fiavam, e para isso tinha cifra particular, de que só tinha noticia Pedro Fernandes Monteiro.

No mesmo anno, com parecer da junta, que chamavam nocturna, foi eleito e nomeado para ir a Madrid a tractar de algum ajustamento, que não teve effeito, por grave enfermidade que lhe veio.

No mesmo anno trabalhou quanto é notorio, para que se effectuasse a separação da casa de sua alteza, tão necessaria á conservação do reino.

E posto que o padre Antonio Vieira foi um dos criados nomeados para o servico de vossa alteza, e dos mais proximos á pessoa, só este logar não teve effeito, nem depois memoria.

Por esta causa, entrando a governar o senhor rei Dom Affonso, o desterrou logo, sendo elle o primeiro dos desterrados; e no mesmo desterro o mandou matar por um de seus valentes, Fulano Caminha, de que o avisou João Nunes da Cunha, para que se retirasse.

E posto que escapou da morte, não se livrou de outros trabalhos e affrontas da vida, mais sensiveis que ella, procurados pelo mesmo governador, cuidando todos que no seguinte se restaurassem, pois eram padecidos por tão honrada causa.

No anno de 69, foi o padre Antonio Vieira buscar o seu reverendissimo a Roma, não podendo alcançar uma carta de favor de vossa alteza para o embaixador de Portugal; mas neste mesmo desamparo achou naquelle curia e seus principes tanta aceitação, que nella portuguez algum a teve maior.

E quando se podéra dar por satisfeito com esta, que outros reputam por grande felicidade, por ter aviso que vossa alteza não ouvira com muito agrado havel-o feito a rainha de Suecia seu prégador, no mesmo ponto tractou de deixar Roma, sendo-lhe necessario, para o deixarem vir, fingir uma enfermidade que só se podia curar com os ares patrios: e com effeito se passou logo a Portugal, onde, posto que não fosse tão bem agasalhado, nem por isso está arrependido, tendo pela maior fortuna de todas, o estar perto dos reaes pés de vossa alteza.

Em cinco annos e meio que esteve em Romá,

sempre serviu a Portugal nas batalhas das lingoas do mundo, que não são as que fazem menos guerra. Das cartas escriptas a Dom Rodrigo de Menezes e Pedro Zuzarte, para lerem a vossa alteza, haverá bastante-mente constado qual era o seu zelo, e que no mesmo tempo meditava e tractava, como tambem constou a vossa alteza depois, sendo só o seu intento, que, nas que se representavam conveniencias da casa real, podesse vossa alteza escolher o que fosse melhor.

Finalmente, na continuaçāo de um dos negocios que aqui se insinúa, de dois annos a esta parte serviu o padre Antonio Vieira a vossa alteza de official da secretaria de Francisco Corrēa, que poderá dar não pequeno testimunho do seu sacrificio, ainda maior na estimaçāo de quem se lembresse da differente confiança que delle faziam os senhores reis paes de vossa alteza.

Estes são, senhor, por maior os serviços do padre Antonio Vieira em 38 annos, tão baixamente avaliados nos registos das mercês de vossa alteza, que só se allegam por parte do merecimento, para se dar a um filho do proprietario o officio de seu pae, que nenhum rei de Portugal negou.

---

## Justificacāo dos actos do padre Antonio Vieira como missionario

Do protesto por elle apresentado á camara de Belem do Pará contra a projectada expulsāo dos missionarios da Companhia em 1661.

*Obras varias, 1.º vol. 1856.*

Lembro a vossas mercês, que eu não tenho outro juiz mais que o summo pontifice, e o padre geral da companhia, e (no tocante ás leis) a sua magestade;

comtudo pelo bem da paz e quietaçao deste estado, estou prompto, e me offereço não só ao ajustamento que tenho dito, mas a dar satisfaçao a vossas mercês de todas e quaesquer queixas que contra mim ou contra os religiosos da companhia haja ácerca dos indios, e obrigações delles á republica de que se tracta; e neste ponto me offereço a mostrar com evidencia a vossas mercês as seis coisas seguintes:

Primeira: que em nenhuma coisa tomei, nem tomou a companhia mais jurisdicçao, que aquella que lhe dão as leis, e regimentos de sua magestade.

Segunda: que sempre interpretei as ditas leis a beneficio do povo, e que se se quebraram por nossa parte em alguma coisa, foi sempre a favor do povo, e contra os indios.

Terceira: que muitas vezes disse aos officiaes das camaras deste estado, e a outras pessoas maiores que se nas leis e regimento de sua magestade, ou na intelligencia dellas havia alguma coisa que mostrasse a ser menos util ao bem do estado, que as conferissemos entre nós e que em tudo o que não houvesse peccado, eu me assignaria, e faria que sua magestade o mandasse confirmado; e que se em alguma coisa nos não ajustassemos, se remettessem as razões de ambas as partes ao dito senhor, para as mandar resolver.

Quarta: que em todo este estado não houve nunca morador, nem ministro algum ecclesiastico, ou secular que procurasse o bem ainda temporal do dito estado, nem com maior zelo, nem com maiores efeitos que eu; e que todo o bem temporal que ha no estado, foi procurado, e conseguido, e conservado por minha diligencia; e que houvera no dito estado outros muitos bens temporaes, que eu quiz acrescentar nelle, se houvera quem quizesse concorrer para isso, e que os não ha porque não quizeram.

Quinta: que na materia de interesse não adquiri, nem adquiriu a companhia neste estado, depois que eu vim a elle, coisa alguma; antes cedeu sempre a companhia de muitos interesses que licitamente lhe competiam; e deu sempre muito do seu, e tudo quanto tinha com grande excesso.

Sexta: que nunca escrevi a sua magestade, nem a ministro, nem a pessoa alguma, coisa que fosse contra o bem temporal, nem espiritual deste estado, e que assim o mostrarei nas mesmas cartas, de que se cuida o contrario, as quaes estão intendidas aves- samente; e se isto e o demais se não crê, experimente- se, e oiçam-me.

Finalmente, senhores, lembro a vossas mercês, que vim para este estado, deixando em Portugal a quietação da minha cella, e o mais que lá tinha ou podia ter, só com zelo da salvação das almas, e que procurei a de vossas mercês nas doutrinas, nas praticas, nos sermões, com a vontade que vossas mercês poderiam entender na efficacia com que o trabalhava pelo persuadir; e no ministerio da salvação dos indios e propagação da fé não perdoei a nenhum trabalho, nem risco da vida, por mar e por terra, como a todos é notorio, posto que tudo isto misturado com grandes imperfeições, como tão indigno religioso que sou. E posto que não posso lembrar a vossas mercês a con- fiança que sua magestade fez sempre da minha fide- lidade, e por ser a maior parte desta confiança em negocios occultos, basta a dos publicos, com que sua magestade me enviou a Hollanda, França, Italia, pondo em minhas mãos as maiores dependencias da sua corôa, para que vossas mercês devam presumir, que não pôde caber no Padre Antonio Vieira coisa que seja contra esta fidelidade e zelo, como é dizerem que me quero unir com os hollandezes contra este estado, e outras coisas tão ridiculas como esta.

Nem obsta que se diga, que as coisas alheias desta verdade veem provadas, porque papeis feitos por inimigos, e por ministros incompetentes, e com tantas outras nullidades, não fazem prova alguma, e muito menos em terra onde todos vossas mercês se queixam de falsos testimonhos, e em tempo onde os padres da companhia, e eu particularmente, estamos tanto no odio de todos, como vossas mercês e os effeitos o dizem.

E se isto se não deve presumir de mim, tambem se não deve presumir dos religiosos que estão nas christandades do Gurupá, Nheengaibas, e rio das Amazonas, em que ha tantas pessoas de tanta auctoridade, letras e virtude, e que deixaram suas patrias, e se vieram metter naquellas brenhas, padecendo tantos trabalhos e perigos pela salvação das almas.

Por remate lembro a vossas mercês, que tudo o que vossas mercês pretendem, ou podem pretender com estas inquietações da republica, encargos de consciencia e incommodidades dos moradores, e tantas outras molestias e escandalos do estado, tudo isto, digo, se pôde conseguir com paz e quietação e em grande serviço de Deus, e de sua magestade, e utilidade de todos; e destes dois meios parece que dicta o mesmo Deus e a boa razão, se deve escolher o segundo.



## Os escolhos mais perigosos

Da extensa carta politica ao conde de Castello Melhor, notavel pelos excellentes conselhos e conceituosas reflexões moraes, embora eivada de gongorismos, um pouco desconnexa e no estylo alambicada.

*Obras ineditas, 2.º vol. 1856.*

Consiste a prudencia em que se temam os resplandores da luz, para que se não chegue aos rigores do golpe. Não faz mal á embarcação o penedo que sobresae por cima da agua; porque para evitar o perigo sabe o piloto desviar a nau, por ver manifesto o perigo. Nos penedos que as agoas escondem, ahí naufraga sempre o baixel; porque cobriu com capa de cristal uma ruina de penhasco, e os que navegando pelo mar caminham com os olhos nas ondas, facilmente se esvaem, e quanto maior é na cabeça o esvaecimento, vem a ser mais no coração a fraqueza.

Não sabe o que navega quanto tem vencido de distancia, se do mesmo mar não tira os olhos, e só fazendo balizas na terra sabe o quanto no mar caminhou. E' um golfo grande o da privança, e a maior prudencia consiste em que se divirtam de alguma vez os olhos, e que façam balizas em terra firme, que é a verdade. Em todas estas que disser a vossa senhoria, allegarei com tres mestres os mais peritos, que são: a natureza, a sagrada escriptura, e a experiençia; advertindo que não ha ninguem tão consumado, que não deva aprender da natureza como homem, das escripturas como catholico e da experiençia como prudente.

A maior parte do que sabemos, é a menor do que ignoramos. Não se achou varão tão perfeito no mundo que conhecesse o que tinha de sabio, senão sabendo o que lhe faltava para perfeito. Não se viu ninguem

tanto nos ultimos remates da perfeição, em quem não bruxuleassem sempre alguns desaires de humano.

---

## Equaldade dos tributos

V. a nota do trecho: *Os escolhos mais perigosos*

*Obras ineditas, 2.º vol. 1856.*

De muito cheia rebenta a sanguesuga, e talvez humedece aos circumstantes, do mesmo sangue que lhes chupou, ficando ella vasia. O dinheiro que é á custa do sangue comsigo leva o veneno, com que mata aos mesmos naturaes, que por isso o dinheiro de Judas não coube em o templo, porque era á custa de um sangue que só se havia de tirar das veias, para o bem commun de todos, e não para a ambição particular de Judas. Dinheiro que destroe a patria, ajuda ao inimigo, porque quando a accommette, a acha facil de vencer. Sejam, senhor, iguaes a todos os tributos, com que se deve acudir ao principe, porque, ainda que seja grande a carga, será leve se succeder cair nos hombros de todos. O animal picado de uma só espora, sempre se desvia da parte que o offende, e se é igual o golpe, logo caminha direito. O povo por ser mais inferior nem sempre se ha de levar com a maior violencia; com todo o rigor se lavra o diamante. O barro que para se lavrar se piza com os pés, não é sem que primeiro com a agoa se abrande, que talvez por ser o material mais baixo, parêce menos soffrido: e lavra-se com muito rigor o diamante, porque ou se pule com igual dureza, ou se lavra não menos que com o sangue: o barro por menos soffrido, ou por mais duro, com a brandura da agua se molifica primeiro.

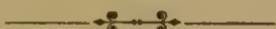
O povo no pouco que tributa, dá tudo quanto tem; e o grande em tudo o que dá, dá muito menos que deve, porque dá o que lhe sobra, e o pequeno dá o de que necessita. O bicho da seda no pouco que dá se desentranha, porque de suas mesmas entranhas caem os delgados fios com que nos tece as galas....

.....

Não seja o poder contra os mais fracos, advertindo que nunca o edificio arruinou pela parte superior, senão pela parte mais baixa. Toda a grandeza da estatua de Nabuco caiu em terra, porque foi o tiro só aos pés que a sustentava; ou seria tambem, que opprimidos os pés com carga de tanto oiro e prata, a largaram de si, por não podel-a sustentar. Ao povo se ha de sempre acudir com maior cuidado, porque os grandes se armam de sua maior auctoridade, e seu mesmo poder os defende. A's riquezas chamou Christo espinhas, e seria porque ellas mesmas se defendem com lastimas a todas.

A herdade do pobre, porque não tem muro que a cerque, sempre estão seus fructos expostos ao commun appetite de todos. As dos ricos, como teem cerca que as defende, ninguem se atreve a seus fructos, por não lastimar suas mãos com os espinhos. Se os grandes acodem com o que devem, logo os pequenos acodem com o que teem. Não sendo mais do que tres os que do Oriente vieram tributar a Christo, relata a escriptura, que todos os de Sabahó pagaram este tributo. Para tirar destes basta que seja sómente o que podem, sem que se corte de todo. Vale-se o pastor do leite, e da lã do seu rebanho, porém com tal cuidado, que nem lhe tira o sangue, nem lhe entra pela pelle. O lavrador, ainda que necessite da arvore do fructo para o uzo domestico, não lhe dá golpe tão interior, que corte as raizes, e só corta pela superfluidade dos

ramos, para que brotando de novo lhe renda sempre o mesmo beneficio. O tributo que Christo pagou a Cesar, o mandou tirar da bocca de um peixe, e não do buxo, porque tirando do buxo, não podia ser sem o lastimar, e tirado da bocca com só abril-a, podia contribuir e dar.



## Consequencias das sentenças injustas

Do memorial a favor da gente de nação hebrea, apresentado ao principe regente D. Pedro na occasião em que este se esforçava por que a Santa Sé não concedesse perdão geral aos christãos novos nem mudasse os estylos da inquisição.

*Obras ineditas, 2.º vol. 1856.*

Nenhuma coisa destroe mais a monarchia, nem deve temer-se mais que castigarem-se os innocentes, e por isso Christo Senhor Noso nos ensina que é melhor ficar a cizania entre o trigo, do que com o zelo de tirar a cizania perecer o trigo; e é mais santo e justo ficar o crime sem castigo, que castigar-se o innocent: assim o dispõe o direito, que pesa mais que a perdição e condenação do juiz; uma sentença injusta do que muitas e muitos justas: e a razão é clara, porque naquelle faz o juiz bem e como deve o seu officio; e nestas procede contra o que a elle deve: no primeiro caso faz o julgador a sua obrigaçao; no segundo faz um peccado, que não tem restituicão, assim como o official, que fez bem a obra de que se encarregou, não merece por isso mais, e pelo contrario fazendo-a mal, fica encarregado nella, e está obrigado ás perdas e aos danos.

No dia em que se executou a mais injusta sentença, deram os juizes della tres mui justas sentenças; a in-

justissima foi contra a innocencia de Christo Senhor nosso, condemnando-o por malfeitor; as justas foram as de Dimas, Jestas e Judas, cujo dinheiro, que elle restituia, não quizeram tornar a receber; e o peior é que para todas tiveram textos: *Nos legem habemus, — Non licet eos mittere in Carbona?* E, comtudo, sendo as tres justas, e uma só injusta, pesou mais esta, que a perda dos juizes e destruição daquella republica, do que aquellas para a conservação della.

---

## Distincção entre christãos velhos e christãos novos

Da proposta a favor da gente de nação (christãos novos) sobre a mudança d'estylos da inquisição apresentada a D. João IV em 1646.

*Obras ineditas, 2.º vol. 1856.*

Quanto á distincção de christãos velhos e novos, no que pertence ao ecclesiastico, não se deve alterar coisa alguma; no politico parece seriam convenientes tres coisas:

Primeira, que vossa magestade fizesse nobre a mercancia, de maneira que não só não tirasse, mas desse positiva nobreza, ficando nobres todos os homens que fossem mercadores, não só os que se chamam de sobrado, senão tambem os de vara e covado; com que muitas pessoas de maior qualidade e christãos velhos se applicarão ao exercicio mercantil, em grande utilidade do reino, a exemplo de Veneza, Genova, Florença e outras republicas, em que os principes são mercadores, e ellas por isso opulentissimas.

Segunda, que todo o homem de nação seja habil

para qualquer officio, honra ou mercê das que não requerem exame e limpeza.

Terceira, que nos que requerem exame e limpeza, se faça o exame pelo que toca á fé, e não pelo que pertence ao sangue: de maneira que o christão novo que provar que seus paes, avós e bisavós não foram comprehendidos no crime de heresia, seja para este effeito reputado por christão velho; de que se seguirá alimpar-se por esta via muitas familias, que verdadeiramente são catholicas, pela experientia de tantos annos, e pelo sangue ou raça, que teem, de nação hebréa, padecem injustissimamente as manchas da fama e carecem do premio da virtude, contra toda a boa razão e intendimento das leis.

Esta é a maior guerra que se pôde fazer ao judaismo, para o extinguir e acabar, como se vae experimentando nas heresias de França depois que Luiz XIII estabeleceu que só os catholicos podessem ter officios publicos; e porque na Hollanda os não podem ter se não os hereges, se vêem hoje ahi tão crescidas as heresias.

Este tem sido sempre em toda a parte o meio mais efficaz de reduzir os homens á verdadeira ou falsa religião, contra o que herdaram de seus paes; e pela falta delle se tem trabalhado em Portugal com tão pouco fructo na verdadeira conversão dos descendentes da nação hebrea; porque o judeu pôde-se fazer christão, mas não se pôde fazer christão velho; e como o premio, que é maior estimulo de virtude, tem inhabilitação na nação, e não na fé, como ha de obrar nos animos de uns homens, que, ainda que possam melhorar a causa, não podem mudar o nascimento? Esta razão é evidentissima, e em todo o caso se deve abraçar, como principal remedio, e só efficaz para extinguir e acabar dentro em poucos annos, não sómente a seita, mas ainda as demandas do judaismo.

.....

Não receba vossa magestade esta proposta, como diligencia de necessidade, ou temor, (posto que tambem as lagrimas dos affligidos e miseraveis, devam ter logar na clemencia de vossa magestade) mas como uma petição e desejo publico de muitos juisos doutos, timoratos e zelosos, e como um apertado requerimento que os mesmos fazem a vossa magestade em nome da fé, da justiça e da conservação do reino, sem outro fim nem interesse mais, que o da maior gloria de Deus e maior serviço de vossa magestade.

Não se pedem a vossa magestade synagogas publicas, nem liberdades de consciencia; posto que para uma e outra coisa se poderiam allegar exemplos de reis christianissimos, e de papas cabeças da egreja.

O que se pede é o que fôr justo, e se o não fôr, não se pede.

Menos se pede ainda, senhor, porque não se pede só o que é justo e licito (como é o que neste papel se refere), senão o que vossa magestade e seus ministros teem obrigação em consciencia de conceder. Não importa menos esta materia, que as vidas, as fazendas, as honras e as almas de muitos vassallos de vossa magestade, e por ventura as dependencias da conservação de todos.

Vossa magestade, em fim, senhor, como rei, como rei justo e christão, se sirva de mandar examinar causas, em que todos estes titulos vão tão empenhados, e de lhes pôr os olhos com o affecto que por elles merecem.

E o Espírito Santo, cujo dom é a fé, a justiça e a prudencia, e em cuja mão estão os corações dos reis, allumie e guie a vossa magestade e seus conselheiros para que neste tão importante negocio, e em todos os do bem do reino elejam e acertem sempre com o

que mais convier ao maior serviço de Deus, e de vossa magestade.

A muito real e catholica pessoa de vossa magestade, guarde o mesmo Senhor por muitos e felizes annos, como ha mister a egreja, e os vassallos de vossa magestade desejam.

---

## Razões a favor dos christãos novos

Memoria apresentada a D. João IV

*Obras ineditas, 2.º vol. 1856.*

SENHOR. — A importancia e necessidade de se augmentar em Portugal o commercio e navegação está tão conhecida, e ainda encarecida pela expericiencia, além das verdadeiras razões com que nos dois papeis inclusos se persuade, e outras muitas que se poderão trazer, que não é necessaria nova ponderação dellas.

Com a navegação e commercio cresce o reino, e cresce a opulencia e felicidade, que lograram os tempos do sr. rei D. Manuel, e seus primeiros successores; e só com estes dois instrumentos se considera poder bastar a estreiteza de Portugal aos grandes gastos da guerra presente, e aos maiores da futura, do que se não pôde duvidar.

E fazendo consideração, conforme a ordem de vossa magestade, sobre os meios que em um e outro papel se apontam, o que parece mais praticavel, e só effectivo, é a dispensação, ou diminuição do fisco real, para maior liberdade e segurança da mercancia que junta á commodidade dos nossos portos e conquistas, chamará a elles grande parte das riquezas do mundo.

Mas porque dispensar absolutamente em uma lei do direito commum, e estabelecida pelos imperadores

mais catholicos, confirmada pelos summos pontifices, e inviolavelmente guardada pelos reis antecessores de vossa magestade em favor da fé, seria novidade grande e de duvidosa aceitação para com os vassallos, e para com o mundo, quando não seja escrupulosa para com Deus; attendendo por outra parte ao estado em que se acha o reino, incapaz de supportar novos tributos, e quasi impossibilitado de continuar os presentes, e havendo respeito a não haver outro arbitrio (depois de experimentados tantos) com que prompta e effectivamente se possam soccorrer as necessidades que se padecem, e as maiores que nos ameaçam, *sem nada* do commercio livre, me parece se devia tomar um meio nesta tão importante materia, com que, sem dispensar, nem demittir absolutamente, se lhes ponha alguma limitação e moderação, de que se sigam os mesmos effeitos, e poderia ser o seguinte:

Que havendo consideração ao bem *commum* destes reinos, e suas conquistas, e principalmente para maior segurança, expedição e augmento de commercio, em que por causa das confiscações das fazendas de alguns negociantes, se experimentaram inconvenientes, duvidas e embaraços na liquidação da cobrança da dos ausentes, assim naturaes, como estrangeiros, principalmente amigos e aliados nossos, os quaes vossa magestade quer que em seus reinos gozem de toda a liberdade e franqueza em suas pessoas e bens: a favor e beneficio de uns e outros, liberte vossa magestade todo e qualquer dinheiro e fazenda que pertencer ao commercio de qualquer pessoa que seja, natural ou estrangeira, residente nestes reinos, ou ausente delles, assim das que por razão do domicilio ou delicto estão sujeitas a suas penas, como de quaesquer outros; de maneira que por nenhum crime de lesa magestade divina ou humana, ou outro qualquer dos que se costumam castigar, ou castigarem ao

diante com perdimento de bens, não lhes possam ser confiscados, tomados, nem embargados, mas sempre fiquem livres e seguros; intendendo por dinheiro, ou fazenda de commercio, todos os bens moveis de qualquer genero ou qualidade que sejam, que os negociantes destes reinos, ou os estrangeiros nelle moradores possuirem, ou administrarem. De sorte que se o comprehendido em o crime de herezia, ou outro deste genero, não fôr mercador, ser-lhe-hão confiscados todos os seus bens moveis e de raiz; mas se fôr mercador, confiscar-lhe-hão sómente os bens de raiz, e os moveis ficarão livres em favor do commercio.

As utilidades que desta segurança dos bens mercantis se podem seguir, são de grande consideração. Primeiramente, é certo que os homens de negocio de Portugal, por medo do fisco, trazem divertida a maior parte de seus cabedaes em reinos estranhos, e outros os teem escondidos, e vivem retirados da praça; e todo este dinheiro ha de sair logo, e vir para o reino com que ficará muito rico, por ser grande a quantidade da fazenda que assim anda divertida.

Da mesma maneira, os portuguezes ausentes de Portugal, e muitos outros estrangeiros, que reconhecem as utilidades do negocio e do nosso commercio, não mandam o seu dinheiro e mercadorias a este reino, por as não terem por seguras nas mãos dos nossos mercadores; e com a isenção do fisco, ninguem duvidará fiar dos portuguezes a sua fazenda, e será muita a que entrar em Portugal pelas vantagens que faz o nosso commercio a todos os do mundo.

Terão com isto credito os nossos mercadores em toda a parte, ainda naquelle onde não tiverem effeitos, que é conveniencia grande do serviço de vossa magestade, que agora se não logra pela desconfiança geral, sendo necessário para qualquer assento de fóra do reino, que vão primeiro de Portugal os effeitos

com grandes dilações de tempo, e publicidade em matérias que dependem de brevidade e segredo.

Esta mesma diversão de dinheiro, é uma tacita guerra e mui poderosa, que se fará a nossos dois inimigos Castella e Hollanda; porque não ha duvida que os cabedaes das companhias de Hollanda sentirão consideravel diminuição, e os assentos de Castella e todo o commercio de ambos ficará por esta causa tão enfraquecido, quanto accrescentado o nosso.

Seguir-se-ha tambem, que os homens de negocio de Hollanda, vendo que podem ter o seu dinheiro em Portugal com a mesma segurança e maior ganancia, não estorvarão (como fazem), antes ajudarão a paz entre nós e aquelles estados, e este favor por tocar tanto aos de sua nação, os affeçoará a que tenham tambem por suas as nossas conveniencias, e quando menos, farão que não obrem em nosso damno.

Se se fizer com os hollandezes a composição que se pretende por via de compra, terá vossa magestade homens de credito para as fianças, sem as quaes se não ha de concluir coisa alguma. E quando fiquemos em guerra, como tão provavelmente se deve temer, só por este caminho se poderá de alguma maneira sustentar, armando companhias mercantis em Portugal, contra as companhias de Hollanda, e naquellas em que forem maiores os interesses estará mais certa a victoria.

Poder-se-ha fazer um banco, como o de Amsterdão, em grande utilidade publica e dos particulares, e quando menos haverá grande quantidade de dinheiro a cambio, de que vossa magestade se poderá ajudar nos casos de necessidade, sem carregar os povos com demasiados tributos, como fazem os hollandezes, que com um tributo de cincuenta mil cruzados, se valem de um milhão presente.

A amisade e alliança entre Portugal e as outras

nações estrangeiras, sempre é util, mas na occasião de guerra, é forçosa e necessaria, pelos soccorros de gente e materiaes de que o reino carece, sem os quaes se não pôde sustentar. Mas como similhantes amizades e allianças nunca são firmes, senão fundadas em alguma dependencia, e a nós nos falta a ordinaria da visinhança por estarmos apartados de todas as nações do mundo, só fazendo-as participantes dos nossos interesses, as poderemos fazer companheiras da nossa defesa, e não parece que ha outro meio para isto se pôr em pratica senão admittindo os francezes, suecos, dinamarquezes, venezianos, genevozes, e outras mais nações neutraes, inimigas de Castella, á companhia, e communicação do nosso commercio, o qual não poderá ter este efeito, senão sendo livre e seguro.

Nem será a menor consequencia deste favor, sapear-se com a fama e demonstração delle uma opinião que se espalhou pelo mundo, e nos tem feito grande damno em muitas partes, de vossa magestade ser pouco affecto aos homens de nação, os quaes, reduzidos por este meio a maior confiança, servirão com diferente amor, e tractarão de ajudar a conservação de Portugal como de terra propria, em que a falta de segurança os tem como estranhos; e geralmente é mais necessaria no estado presente a confidencia e contentamento destes homens, pelo muito que nos poderão damnar, sendo menos confidentes, já com os avisos, já com diversões no dinheiro, a que as suas correspondencias são tão occasionadas: razão que, quando não houvera tantas, era de grande pezo, pelo muito numero e importancia dos homens de nação que entre nós vivem, cujas cartas bastam só a desacreditar um reino; e em tempo de guerra, e com um inimigo tão visinho e tão industrioso em suas intelligencias, se podem ainda receiar maiores inconvenientes: e não só se sanêa com isto a fidelidade delles, senão a de

muitos christãos velhos, que por julgarem menos provavel a conservação de Portugal, pôde ser que tenham ainda o animo em Castella, e é certo que quanto o reino crescer em poder, tanto mais firmes raizes lançará a fidelidade, ainda dos mais zelosos portuguezes.

Finalmente, libertando-se o commercio, andará tudo, ou quasi tudo, em naturaes do reino, com que ficarão todos os interesses da mercancia nelle, e não em mãos de estrangeiros, como está hoje, que além de serem privilegiados de tributos contra o estylo de todas as nações, enriquecem as suas com o que tiram das nossas terras, e não se contentando com serem senhores do commercio das nossas conquistas, o que querem ser tambem de Portugal, como já o são, fazendo-nos cá tanto damno a sua industria, como lá a sua violencia: inconveniente em que muito se deve reparar, e que pede prompto remedio, que é o que se representa.

Tornará com isto a florescer o commercio e ver-se-ha Lisboa e outras cidades maritimas de Portugal na sua antiga opulencia, e crescerão os direitos nas alfandegas de maneira que em grande parte se alliviem os tributos e lagrimas dos vassallos, que debaixo delles gemem, e não será possivel continuarem com tão grande carga, quanto pôde continuar a guerra: onde se ha de advertir a diferença que ha entre o rendimento dos tributos, e do commercio, que o dos tributos, além de ser violento, necessariamente mingua, e o do commercio a ninguem molesta, e sempre vae em augmento.

Frequentar-se-hão mais as nossas conquistas, descubrir-se-hão nellas novos thesouros, que a falta de cabedal e industria teem sepultado, e crescerá o valor das nossas drogas, e abaterá o das dos estranhos. Haverá todos os generos de preparações para a paz e

para a guerra, em grande abundancia, com não menor utilidade da fazenda de vossa magestade, e dos vassallos que estão hoje comprando tudo por subidissimos preços.

Em fim, Portugal não poderá continuar a guerra presente, e muito menos a que infallivelmente havemos de ter, sem muito dinheiro: para este dinheiro não ha meio mais effectivo, nem Portugal tem outro senão o commerçio; e o commerçio não pôde ser consideravel sem a liberdade e segurança das fazendas dos mercadores: libertando-os vossa magestade, e fazendo toda a largueza ao commerçio, poderá vossa magestade sustentar a guerra, ainda que dure muitos annos; como vimos no exemplo dos hollandezes, fundando sua conservação na mercancia, e tendo menos commodidades para ella que Portugal, não só tiveram cabedal para resistir a todo o poder de Hespanha, mas se fizeram senhores do mundo.

Deste augmento do commerçio seguirá naturalmente o segundo que se pretende, da navegação, como se vê em Hollanda, onde sendo muito poucos os navios dos estados, são tantos os dos particulares, que excedem em numero, só os daquella republica, aos de todos os principes da Europa juntos. E para que os navios de Portugal, além de muitos, sejam grandes e bem armados, como se deseja, não será necessario outra diligencia, supposta a liberdade do commerçio, mais que mandar vossa magestade por uma lei, que da linha para o sul não navegue navio nenhum de menos de quatrocentas tonelladas, e que nenhum tenha menos de vinte peças de artilharia de calibre de oito libras para cima, e desta maneira se ficam segurando as principaes drogas, que são as da India e Brazil e Angola, que estão da linha para o sul. E para se não extinguirem de todo as caravellas (que, em pouco numero, são de grande utilidade) e se conservar alguma

gente do mar dos portos do reino menos capazes, lhes deixe vossa magestade a navegação de S. Thomé, Cabo Verde, Maranhão, Ilhas dos Açores, Madeira, pescaria do bacalhau, e da costa da Africa.

Estas são, senhor, e outras muitas, que por brevidade se deixam, as conveniencias de se privilegiarem do fisco as fazendas do commercio, em que não parece haver difficuldade, nem indecencia alguma dentro dos limites e moderação em que se propõem; porque absolutamente vossa magestade não despensa a lei, pois ficam sujeitos a ella todos os que não forem mercadores.

---

## Qritica dos estylos da inquisição

V. a nota do trecho *Consequencias das sentenças injustas*

*Obras ineditas, 2.º vol. 1856.*

Se vossa alteza, em uma palavra, quizer ver a paixão destes desejos dos povos, e como vão cegos sem saber o que pedem, pergunte-lhes se sabem quaes são as leis do santo officio? O modo com que processam contra quem lá vae? A defeza a quem pertence? O recurso a quem o deseja: pergunte-lhes se sabem que os inquisidores são homens, e que podem errar? O que é certo mil vezes, pois nas demandas civeis e crimes, julgadas em relações de vossa alteza, com vista de testimunhas, eleição de procuradores, e liberdade de fallar, se estão dando cada dia sentenças injustas, que muitas e innumeraveis vezes emendam os juizes por via de embargos, e outras muito diversas por via de revistas; pergunte-se se viram isto alguma vez nas sentenças dos inquisidores? Pois dizer que não erram, digam-no elles, que eu sei que vossa alteza o não ha de crer, porque o não ha de ouvir a juiso de bom

varão. O tribunal pôde-lhes dar auctoridade, mas não a sciencia; pôde-os fazer timidos, mas não os pôde livrar de serem homens; pôde-os fazer respeitados, mas não santos: o officio é santo, mas os ministros homens e dependentes, e os reos homens aborrecidos por esses mesmos ministros: ajuste vossa alteza este triangulo.

Alli aborrece-se a pessoa, e não o peccado; e d'aqui vem que em todas as pessoas acham sempre peccados, sendo que o que a razão dita é, que se aborreça o peccado, e não o peccador; como o bom medico e o bom pae, que tira o sangue do doente que deseja são; que castiga o filho que ama, para que não venha a ser, de mau, peior; e do mau estado se reduza ao bom: se o medico curar com o odio da pessoa, e não da doença, coitado do doente! Se o pae aborrecer a pessoa do filho, e não o seu erro, coitado do filho! Mas mais coitado do pae, e mais do medico.

O sangue é o que Deus deu a cada um, sem eleição de quem o tomou; o procedimento é o que cada um fez em si com liberdade, e livre alvedrio nas obras, e por isso é razão que seja defeito em cada um o mau procedimento; mas o ter bons ou maus paes, ou des- cender deste ou daquelle sangue não é defeito nenhum em quem o tem; de outro modo seria culpa no homem, não o que elle obrou, senão o que Deus fez. Ó homem atrevido (diz S. Paulo) e homem temerario! Quem és tu que te ponhas a altercar com Deus? Por ventura o barro que está nas mãos do official, põe-se ás razões com elle, e diz-lhe: porque me não fazes assim? Pois se isto foi eleição do official, e não culpa do homem, porque ha de perder o homem, e desmerecer, não por aquillo que obrou, senão por aquillo que Deus nelle fez?!

Pois se isto é assim, e os povos não sabem quaes são as leis do santo officio, qual o seu proceder, mais que de ouvida, qual a fórmula do processo? A ordem

judicial? As vexações dos reos? As desesperações a que chegam? Que pedem? Que dizem? Que é o que querem? Deixem queixar ao affligido quando suas vozes se não dirigem ao deserto, mas ao vigario de Christo, a quem de direito pertence ouvil-as, e de justiça remedial-as.

Mas que hão de dizer os povos? Que hão de dizer? Que hão de querer, quando a sua razão é fundada na clausula seguinte—e por isso aos judeus parece tão mal a sua espada—suppoem que todos são judeus, e como esta suposição é tão errada, não é muito que digam isto, que de um erro nascem muitos, e sobre fundamento tão errado, nunca houve edificio certo.

Ninguem deseja que se encontrem em coisa alguma a lei de Jesus Christo, ou a sua santissima fé, o que todos queremos é que haja tribunal do santo officio, mas que a sua espada seja para os hereges, e não para os innocentes; que os maus se castiguem, e que os bons não pereçam, e que se deterre de Portugal esta distincção de christão novo e christão velho, que della nasce haver em Portugal tanto sambenito.

A lei de Christo é uma só, um só baptismo, e igual a graça que communica a Deus sem distincção de pessoa; esta se havia de praticar em Portugal, como se practica em toda a christandade. Ó lastima! Ó dor! Que venha um herege protestante do norte, ou Africa, e que convertido fique logo christão velho! E que um portuguez baptisado ao outro dia do seu nascimento, neto e bisneto, quarto e quinto neto, sexto e setimo neto de avós baptisados, haja sempre de ser christão novo! Ó lastima! Ó dor! É isto uma coisa contra o sentir dos santos padres, e contra a razão natural. Contra o sentir dos santos padres, porque assentam que christão velho é aquelle cujo pae, mãe e avós paternos foram baptisados *ab infantia*, sem nunca prevaricarem. Contra a razão natural porque esta nos

ensina, que todas as coisas de novas se vão fazendo velhas com o tempo: aqui vemos totalmente o contrario, porque quem de uma vez teve a reputação de christão novo, por mais tempo que passe, todos os seus descendentes foram sempre christãos novos, e ajuntando-se com alguns christãos velhos, estes se renovam com a mesma novidade, e ficam christãos novos para sempre; e o peior é que, não sendo o homem em si divisivel, achou a malicia dos homens nos tempos presentes, modo porque a dividiu em quartos, oitavos, e meios oitavos, e quando não acham o numero destes, o dividem em partes; e enquanto as coisas presentes se não mudarem, não ha de haver mudança em mal tão grande.



## Perseguição dos christãos novos

De um memorial a favor da gente de nação, apresentado ao papa Innocencio XI.

*Obras ineditas, 3.º vol. 1857.*

Se o zelo amarga não pôde vir do espirito de Deus: *Spiritus enim meus* (disse o mesmo Senhor) *super mel dulcis:* (Eccl. XXIV—27) e como a justiça não implica com a caridade, assim nem o zelo com a brandura; vejam como David temperou na sua arpa estas duas cordas para louvar a Deus: *Dulcis et rectus Dominus:* (Psal. XXIV—8) nem do mesmo Deus era louvor ser recto, sem ser doce; com que, se do espirito de Deus tomamos o ser rectos, porque não tomamos tambem delle o ser suaves?

Jonathas provou o mel na ponta da vara: *Et illuminati sunt oculi ejus.* (1 Reg. XIV—27) Por isso temos a vista tão curta, porque a vara da justiça nem

ainda toca com a ponta no mel e suavidade do espirito e zelo; o zelo pois de tal espirito, como não ha de amargar? E se amarga, não nos jactemos de que é zelo; *Quod si zelum amarum habetis nolite gloriari.* Avinagrou-se o nosso zelo, e em logar de confortar os membros de Christo, os atormenta mais; proval-o bem poderá o Senhor, mas tragal-o não: porque a sua paciencia não deroga a sua justica.

Muita parecenza tem este zelo com o de Caifaz: *Tunc princeps sacerdotum scindit vestimenta sua, dicens: blasphemavit.* (Math. XXVI—65) Se este principe dos sacerdotes zela tanto a lei, porque rasga as vestiduras, que a mesma lei prohibe se rasguem: *Pontifex, super cuius caput fusum est unctionis oleum, et cuius manus in sacerdotio consecratæ sunt, vestimenta non scindet?* (Levit XXI—10) E se se escandalisa da que elle chama blasphemia, porque blasphemava elle ao mesmo tempo negando a Christo a divindade, e attribuindo-lhe o peccado?

A razão vem a ser, porque o zelo deste principe era falso, e esta casta de zelo offende a mesma lei que affecta observar; quando pretende arrancar a si-zania, a sobre-seméa: da virtude se arma contra a virtude; e para soldar a lei quebra a mesma lei, qual espada de Pedro no Horto, que á conta de defender a Christo, offende ao mesmo Christo, por cuja razão lh'a mandou embainhar.

Tanto se presam os portuguezes de conservar e defender a pureza da fé, que vieram a destruir e a offendre a pureza da mesma fé, e onde mais reside este chamado zelo, é nos principes e sacerdotes: querem serzir as rasgaduras da veste inconsutil de Christo, que é a unidade da egreja debaixo da obediencia de uma só cabeça, e em logar de serzil-as, temo que mais as rasguem.

Querem apurar um christão velho, e fazem duzen-

tos christãos novos! Assim como na casa da moeda se cunha o dinheiro, assim neste miseravel reino temos officinas de cunhar judeus; se antes não corriam por taes, aqui lhes imprimem cunhos e cruzes, para que de todo o mundo sejam conhecidos: nova arte de arithmetica, que com a especie de diminuir se ensina a multiplicar!

No que toca aos processos que se mandam avocar e que se repugna metter; ou os ditos processos estão (como se intende, e se deve entender) em forma juridica, ou não: se estão, porque temem apparecer? Se não estão, porque se não hão de emendar? Se se commetteu erro, porque ha de continuar-se? Se se não commetteu, para que damos occasião a que se imagine isso? Que se lhe dá ao oiro da pedra de toque, se é oiro? Que tem a formosura com a luz e espelho, se é formosura?

Ob, que é regalia do principe não se examinar nem alterar o que no seu reino se julgou. Regalia em pontos que realmente pertencem á fé? Má regalia. O que é de Deus, querel-o tributar a Cesar? Má troca. Por ventura o papa e seus successores abdicaram de si a thiara e o anel do pescador nos reis de Portugal? Ás chaves de S. Pedro poderá alguem mudar-lhes as guardas?

Bem: pois quando Christo vier a julgar vivos e mortos, não acudam os portuguezes á citação da trombeta, por ser regalia, que Christo não julgue o que no reino estiver julgado. Permitta Deus Senhor nosso não castigar esta vã presumpção que os portuguezes teem de puros na fé. Tanto queremos apurar a fé, que se vae esturrando, e em vez de darmos cheiro de bom exemplo, o damos pessimo de notorio escandalo! Que dirá o orbe catholico? Estamos ventilando a nossa infamia, para que conste melhor em todas as nações.

## A serra de Ibiapaba

Da relação da missão da serra de Ibiapaba

*Obras varias, 2.º vol. 1857.*

Ibiapaba, que na lingua dos naturaes quer dizer terra talha, não é uma só serra, como vulgarmente se chama, senão muitas serras juntas, que se levantam ao certão das praias de Caimuci, e mais parecidas a ondas de mar alterado, que a montes, se vão succedendo e como encapelando umas apoz das outras em districto de mais de quarenta legoas: são todas formadas de um só rochedo durissimo, e em partes escalvado e medonho, em outras cubertas de verdura e terra lavradia, como se a natureza retratasse nestes negros penhascos a condição de seus habitadores, que sendo sempre duras, e como de pedras, ás vezes dão esperanças e se deixam cultivar. Da altura destas serras não se pôde dizer coisa certa, mas que são altissimas, e que se sobe, ás que o permittem, com maior trabalho da respiração, que dos mesmos pés e mãos, de que é forçoso usar em muitas partes. Mas depois que se chega ao alto dellas, pagam muito bem o trabalho da subida, mostrando aos olhos um dos mais formosos painéis, que por ventura pintou a natureza em outra parte do mundo, variando de montes, valles, rochedos e picos, bosques e campinas dilatadissimas, e dos longes do mar no extremo dos horisontes. Sobretudo olhando do alto para o fundo das serras, estão-se vendo as nuvens debaixo dos pés, que como é coisa tão parecida ao céu, não só causam saudades, mas já parece que estão promettendo o mesmo, que se vem buscar por estes desertos.

Os dias no povoado da serra são breves, porque as primeiras horas do sol cobrem-se com as nevoas,

que são continuas e muito espessas. As ultimas escondem-se antecipadamente nas sombras da serra, que para a parte do Occaso são mais visinhas e levantadas. As noites, com ser tão dentro da zona torrida, são frigidissimas em todo o anno, e no inverno com tanto rigor, que igualam os grandes frios do Norte e só se podem passar com a fogueira sempre ao lado. As agoas são excellentes, mas muito raras, e a essa carestia attribuem os naturaes ser toda a serra muito falta de caça de todo o genero; mas bastava para toda esta esterilidade ser habitada ou corrida ha tantos annos de muitas nações de tapuyas, que sem casa nem lavoira vivem da ponta da frecha, matando para se sustentar, não só tudo o que tem nome de animal, mas ratos, cobras, capos, lagartixas, e de todas as outras immundicias da terra. Quasi na mesma miseria vivem igualmente os tobajarás, posto que puderam sem muita dificuldade suprir a necessidade da terra com os soccorros do mar, que lhes fica distante vinte e cinco legoas, e sobre ser mui abundante de todo o genero de pescado, está offerecendo de graça o sal nas praias em uma salina natural de mais de duas legoas; mas é tão grande a inercia desta gente, e o ocio em que excedem a todos os do Brazil, que por milagre se vê um peixe na serra, vivendo de mandioca, milho, e alguns legumes, de que tambem não teem abundancia; com que é entre elles perpetua a fome, e parece que mais se manteem della, que do sustento.



## A batalha de Ourique

Da Historia do futuro — 1855 — Cap. VI

Era tão innumeravel a multidão de sarracenos que debaixo das luas de Ismael, e dos outros quatro reis moiros, inundaram os campos de Guadiana com intento de tomar Portugal naquelle dia fatalissimo, o primeiro de nossa maior fortuna, que justamente estavam temerosos os poucos portuguezes, e seu valoroso princípio duvidoso se aceitaria ou não a batalha; mas como o velho ermitão, interprete da divina providencia, visto primeiro em sonhos, e depois realmente ouvido e conhecido, lhe assegurou da parte de Deus a victoria, com aquellas tão expressas e animosas palavras; *Vinces, Alphonse, et non vinceris*; soccorrido o animoso capitão, e fortalecido o pequeno exercito com esta promessa do céu, sem reparar em que era tão desigual o partido, que para cada lança christã havia no campo cem moiros, resolveu intrepidamente dar a batalha.

Na manhã, pois, da mesma noite em que tinha recebido a prophecia, acommette de fronte a fronte ao inimigo, sustenta quatro vezes o peso immenso de todo seu poder, rompe os esquadrões, desbarata o exercito, mata, captiva, rende, despoja, triumpha; e alcançada na mesma hora a victoria, e libertada a patria, piza glorioso as cinco corôas mauritanas, e põe na cabeça (já rei) a portugueza.



## Façanhas dos portuguezes

Da Historia do futuro—1855—Cap. VI

Quem duvida que foram mais estendidas e glorio-sas as conquistas dos portuguezes, que as de Alexandre Magno na mesma India? Desta conquista de Alexandre disse o seu grande historiador: *Oriente perdomito, aditoque Occeano, quidquid mortalitas cupiebat, implevit.* Domado o Oriente, e navegado o Oceano, cumpriu e encheu Alexandre tudo o que cabia na mortalidade. Que dissera, se vira as navegações dos portuguezes no mesmo Oceano, e suas conquistas no mesmo Oriente? Obrigação tinha em boa consequencia de lhes chamar immortaes. Não chegaram os portuguezes só ás ribeiras do Ganges, como Alexandre; mas passaram e penetraram adiante muito maior comprimento e terras, do que ha do mesmo Ganges a Macedonia, donde Alexandre tinha saido.

Não venceram só o Poro, rei da India, e seus exercitos; mas sujeitaram e fizeram tributarias mais corôas e mais reinos do que Poro tinha cidades. Não navegaram só o mar Indico ou Eritreo, que é um seio ou braço do Occeano na sua maior larguezza e profundidade, aonde elle é mais bravo e mais pujante, mais poderoso e mais indomito; o Atlantico, o Ethiopico, o Persico, o Malabarico, e, sobre todos, o Synico, tão temeroso por seus tufões, e tão infame por seus naufragios. Que perigos não desprezaram? que difficulda-des não venceram? Que terras, que céus, que mares, que climas, que ventos, que tormentas, que promontórios não contrastaram? Que gentes feras e bellicosas não domaram? Que cidades e castellos fortes na terra? Que armadas poderosissimas no mar não renderam? Que trabalhos, que vigias, que fomes, que sèdes, que frios, que calores, que doenças, que mor-

tes não sofreram e supportaram, sem ceder, sem parar, sem tornar atraç, insistindo sempre e indo á avante mais com pertinacia, que com constancia?

Mas não obraram todas estas proezas aquelles portuguezes famosos por beneficio só de seu valor, senão pela confiança e seguro de suas prophecias. Sabiam que tinha Christo promettido a seu primeiro rei, que os escolhera para argonautas apostolicos de seu evangelho, e para levarem seu nome e fundarem seu imperio entre gentes remotas e não conhecidas; e esta fé os animava nos trabalhos; esta confiança os sustentava nos perigos; esta luz do futuro era o norte que os guiava; e esta esperança a ancora e amarra firme, que nas mais desfeitas tempestades os tinha seguro.<sup>1</sup>



## À restauração de Portugal

Da Historia do futuro—1885—Cap. VII

Oh quantos danos, quantas despezas, quantos trabalhos, quanto sangue e perda de vidas, quantas lagrimas e oppressão de naturaes e estrangeiros podia escusar Hespanha, se, com os olhos limpos de toda a paixão e affecto, quizesse lér esta Historia do Futuro, e com tanto zelo e desejo de acertar com os caminhos de seu maior bem, como é o animo com que elle se escreve!

Não entre só nos conselhos de estado a conveniencia e reputação, o appetite e o odio, a vingança, o discurso militar e politico; tenha tambem algum dia logar nelles a fé; supponha-se que Deus é o que dá e tira os reinos, como e quando é servido; conheça-se e

<sup>1</sup> Juramento d'el-rei D. Affonso apud P. Vasconcellos.

examine-se a sua vontade pelos meios com que ella se costuma declarar; e depois de averiguada e conhecida, ceda-se e obedeça-se a Deus por conveniencia, pois se lhe não pôde resistir com força.

Bem pudéra conhecer Hespanha, voltando os olhos ao passado, pela experientia, que Deus é o que desuniu de sua sujeição a Portugal, e Deus o que o sustenta desunido, e o conserva victorioso. Quando se soube em Madrid do rei que tinham acclamado os portuguezes no primeiro de dezembro do anno de 640 chamavam-lhe por zombaria rei de um inverno, parecendo-lhes aos senhores castelhanos, que não duraria a phantasia do nome mais que até á primeira primavera, em que a fama só de suas armas nos conquistasse: mas são já passados vinte e cinco invernos, em que as inundações do Betis e Guadiana não afo-garam a Portugal, e vinte e quatro primaveras, em que sabem muito bem os campos de uma e outra parte o sangue de que mais vezes ficaram matizados.

Imaginou Hespanha, que na prizão do infante D. Duarte atava as mãos a Portugal, e lhe tirava a cabeça com que haviam de ser governados na guerra, e que com os muros de Milão tinha sitiado a Portugal. Morreu em fim (ou foi morto) aquelle principe, e nem por isso desmaiou o reino, antes se armou de novo a justiça de sua causa com a sentença daquelle innocencia, e se endureceram e fortificaram mais os peitos com o horror e fealdade daquelle exemplo.

Voltou-se todo o pezo da guerra contra Saul: maquinou-se contra a vida d'el-rei Dom João por tantos meios e instrumentos (e algum delles sobre indecente, sacrilegio); parecia-lhe a Castella que faltando a Portugal aquella grande alma, seria facil a suas aguias empolgarem no cadaver do reino. Faltou-lhe el-rei D. João ao reino, sobre ter faltado de antes seu primo-genito Theodosio, principe de tantas virtudes, opinião

e esperanças; mas viu o mundo, posto que o não quiz vér Castella, que era o braço immortal o que defendia e conservava aos portuguezes. Succedeu na menoridade do rei com tanta prudencia e valor a regencia da rainha mãe, e á regencia da rainha o governo felicissimo d'el-rei D. Affonso, que Deus guarde, monarcha de tão conhecida fortuna, que parece a traz a soldo nos exercitos. Fez Castella neste tempo os maiores esforços de seu poder, e para os poder fazer maiores, assim como por esta causa tinha já concluido ou comprado, a preço da propria reputação, a paz de Hollanda, ajustou tambem a de França. Desembaraçadas em toda a parte as suas armas, chamou os espiritos de todo o corpo da monarchia aos dois braços com que Castella cerca a Portugal: viram-se juntas contra elle em um exercito, Hespanha, Allemanha, Italia, Flandres, com toda a flor militar, sciencia e valor daquellas bellicosas nações. Mas que resultados foram as desta tão estrondosa potencia, e dos progressos que com ella se tinham ameaçado a nós e promettido a Europa?

Entrou a guerra dividida no anno d' 62 por todas nossas provincias; em todas achou opposição igual e effeito superior: uniu-se no anno seguinte com novo conselho o poder; acrescentou-se de gente de cavallos, de cabos, de apparatus bellicos: escolheu-se para theatro daquella formidavel campanha a provincia de Além-Tejo: começou a tragedia com prospertos e alegres passos, triumphando dos que não podiam resistir ás armas castelhanas; mas o fim foi tão adverso, tão lastimoso, e verdadeiramente tragico, como viu com admiração o mundo, e chorará eternamente Castella: perdeu a batalha, o exercito e a reputação: deixou a Portugal a victoria, a fama, os despojos e só levou (como sempre) o desengano.

Estes teem sido em vinte e cinco annos os effeitos

do poder; passemos aos da industria. Intendeu Castella que não podia conquistar a Portugal sem Portugal; tratou de inclinar á sua devoção os grandes e os menores: na constancia houve diferença, mas nos effeitos nenhuma: o povo, cuja fortuna é inalteravel, não padeceu alteração: sendo tão livre e aberto em Portugal o mar como a terra, se não viu em tantos annos nenhum pastor que se passasse a Castella com duas ovelhas, nenhum pescador menos venturoso, que aos seus portos derrotasse uma barca.

Basta por exemplo, ou desengano, a famosa resolução do povo de Olivença, que com partido de poder ficar inteiro com cazas e fazendas, se não achou em todo elle um só homem de espirito tão humilde, que aceitasse a sujeição. Perderam todos a patria pela lealdade, triumphou Castella das paredes, e Portugal dos corações. Não viu Roma similhante exemplo, e assim o celebrou um Jeronymo Petruccho, poeta romano, com este epitaphio:

*Victor uterque manet, victoria dividit orbem  
Alphonsus cives, saxa Philippus habet.*

Ainda deu muito a Castella em partir a victoria pelo meio: o vencedor conquistou pedras, o vencido vassallos: de industria se pudéra perder a praça, só por lograr a fineza; e de industria se pudéra tambem não ganhar, só por não experimentar o desengano: isto vence Castella, quando vence; e assim se rende o povo de Portugal, quando se rende.

A nobreza, em que tem maiores poderes o receio ou a esperança, como mais escrava da fortuna, não foi toda constante: alguns grandes houve entre os grandes, uns que se passaram ao serviço d'el-rei D. Filipe, outros que com maior ousadia o quizeram servir em Portugal; a uns e outros castigou o mesmo

braço da providencia, a estes com a vida, áquelles com o desterro; atégora não tiveram outro premio, nem mereciam outro, porque Castella nem pôde resuscitar os primeiros, nem quiz pagar os segundos.

E' fama, que foi respondido á sua queixa, que tinham feito o que deviam, mas ainda devem o que fizeram: cá perderam o que tinham, lá não ganharam o que esperavam: entre os portuguezes reos, entre os castelhanos portuguezes, que tambem é culpa.

Isto é o que foram buscar a Castella todos os que lá se passaram — o desengano de seu discurso, o descredito de sua resolução, e o castigo de sua incredulidade: e ainda de lá nos mandam o exemplo de seu arrependimento. Levaram o que nos não faz falta, porque se levaram; e deixaram o que nos ajuda a defender, porque nos deixaram as suas rendas. A Portugal deixaram os despojos de suas casas, aos vindouros a memoria de sua infidelidade, e ao mundo pregão de sua covardia. Tal foi o merecimento, tal o premio: julgue agora Castella se terá esse interesse cubicosos, e este empenho imitadores.

Dizia um dos primeiros embaixadores de Portugal em França, (quando ainda havia quem impugnasse a esperança da nossa conservação) que no caso em que a desgraça fosse tanta, antes se havia de entregar ao turco, que a Castella. Era o embaixador ministro de letras, e como um grande senhor francez lhe pedisse a razão deste seu dito, sendo catholico e letrado, respondeu assim: Porque eu em Turquia se defender a fé, serei martyr; se renegar, far-me-hão baxá: e em Castella, monsieur, nem baxá, nem martyr.

Foi mui celebrada a discrição da resposta, a que accrescentava galanteria a mesma pessoa do embaixador; porque era mui avultado de presença, e tão bem lhe podia estar na cabeça o turbante, como na mão a palma. Nada mais venturosamente lhe succederam a

Castella as industrias estrangeiras, que as domesticas; todas desarmou em armas contra si mesma. Em Roma impediu o provimento das mitras; mas os bagos se converteram em lanças, e o que haviam de comer os pastores das ovelhas, comem os que as defendem dos lobos. Em Hollanda comprou os estorvos da paz, mas esta se retardou sómente quando foi necessário para se recuperarem as conquistas. Caso grande, e de providencia admiravel! Em Inglaterra se empenhou por divertir o parentesco; em França capitulou, que não podessemos ser soccorridos; mas teve uma e outra diligencia tão contrarios effeitos, que se vêem hoje em Portugal as suas quinas tão acompanhadas das cruzes de Inglaterra, como assistida das lizes de França. Unidas e complicadas estas tres bandeiras, fazem um syllogismo politico, de tão segura como terrível consequencia. Se só Portugal pôde resistir a Castella tantos annos; ajudado dos dois reinos mais poderosos da Europa, no mar, e na terra, como não resistirá? O maior contrario que tem Hespanha, é o seu proprio poder. Quando se quiz levantar sobre todos, se sujeitou á emulação de todos: estes terão por si Portugal, em quanto ella fôr poderosa; se o não fôr, não os ha mister.

Os discursos da esperança (que é a ultima appellação de Castella) são os que mais lhe mentiram, porque os homens (quando assim lh'o concedamos) discorrem com a razão, e Deus obra sobre ella: todos os que nas materias de Portugal se governaram pelo discurso, erraram e se perderam: e por aqui se perderam (ainda entre nós) os que na opinião dos homens eram de maior juiso: são obras e mysterios de Deus, quer elle que se venerem com a fé, e não se profanem com o discurso: por isso todas as esperanças que se assentaram sobre esta fé, foram certas, e todas as que se fundaram sobre o discurso, erradas.

E' natureza isto, e não milagre da palavra e promessas divinas: *In verba tua super speravit*: (Psal. CXVIII — 147) dizia aquelle grande politico de Deus, que não só esperava, mas sobre-esperava nas promessas de sua palavra divina; porque se ha de esperar nas promessas da palavra divina, sobre tudo o que promette a esperança do discurso humano: assim o temos sempre visto em Portugal com admiravel credito da fé e igual confusão da incredulidade.

No tempo em que Portugal estava sujeito a Castella, nunca as forças juntas de ambas as corôas puderam resistir a Hollanda; e d'aqui inferia e esperava o discurso, que muito menos poderia prevalescer só Portugal contra Hollanda, e contra Castella; mas enganou-se o discurso. De Castella defendeu Portugal o reino, e de Hollanda recuperou as conquistas. Aquelle fatal Pernambuco, sobre que tantas armadas se perderam, e se perderam tantos generaes, por não quererem acceitar a empreza sem competente exercito; que discurso podia imaginar, que sem exercito e sem armada, se restaurasse? E só com a vista phantastica de uma frota mercantil se rendeu Pernambuco em cinco dias, tendo-se conquistado pelos hollandezes com tanto sangue em dez annos, e conservando-se vinte e quatro. Menos esperava o discurso, que se conquistasse Angola com tão desigual poder enviado a tão differente fim; e conquistou-se comtudo, aquella tão importante parte de Africa, contra todo o discurso, e antes de toda a esperança: e porque se saiba mais distinctamente quão grandes significações se conteem debaixo destes nomes tão pequenos: Pernambuco e Angola, o que se recuperou em Angola, foram duas cidades, dois reinos, sete fortalezas, tres conquistas, a vassalagem de muitos reis, e o riquissimo commercio de Africa e America. Em Pernambuco recuperaram-se tres cidades, oito villas, quatorze fortalezas,

quatro capitarias, trezentas legoas de costa. Desafogou-se o Brazil, franquearam-se seus portos e mares, libertaram-se seus commercios, seguraram-se seus thesouros. Ambas estas emprezas se venceram, e todas estas terras se conquistaram em menos de nove dias, sendo necessario muitos mezes só para se andarem. Quem nestes dois successos não reconhecer a força do braço de Deus, duvidar-se pôde se o conhece; assim assiste a Portugal dentro e fóra, ao perto e ao longe, aquelle supremo Senhor que está em toda a parte, e que em todas as do mundo o plantou e quer conservar: bemdita seja para sempre sua omnipotencia e bondade.

Tambem esperava o discurso de Castella, que os animos dos portuguezes com a continuaçao da guerra, e experienzia de suas molestias, se enfastiassem e suspirassem pela antiga e amada paz, cujo nome é tão doce e natural, e mais á vista de seu contrario: que as contribuições forçosas para o subsidio dos soldados, e a licença e oppressão dos mesmos soldados fossem carga intoleravel aos povos: que os povos depois de apagados aquelles primeiros fervores, que traz comsigo o desejo e alvoroco da novidade, com o tempo e seus accidentes, se fossem entibiando até se esfriarem de todo: que os paes se cançassem de dar os filhos, e que a guerra detestada das mães (como lhe chamou o Lyrico) fosse tambem detestada e aborrecida das portuguezas, que, entre as outras mães, o costumam ser mais que todas no amor e na saudade. Mas tambem aqui mentiu a esperança, e se enganou o discurso; porque os animos se acham hoje mais alentados, os fervores mais vivos, os corações mais resolutos, o amor ao rei, á patria, á liberdade, mais forte, mais firme e mais constante, e maior que todos os outros affectos da fazenda, dos filhos, da vida. Lembram-se os paes, que davam os filhos para

as guerras de Flandres, de Italia, de Catalunha, e navegação das indias de Castella, onde os perdião para sempre; e querem antes dalgum para as fronteiras de Portugal, onde os vêem, os assistem, e os teem consigo; onde recebem a gloria de ouvir celebrar as acções de seu valor, e feitos galhardos, e vêem estampados seus nomes, e estendida por todo o mundo sua fama, honrando-se (como é razão) de serem paes de tais filhos: e que se morrem na guerra, teem rei que lhes pague as vidas com larga remuneração de mercês, e aumento de suas casas, sendo tão generosas as mães (nas quais este affecto é superior a toda a natureza), que com igual alegria os choram e sepultam mortos gloriosamente na guerra, do que os parem e criam para ella.

Os povos não se cançam com os subsídios e contribuições; porque sabem quanto maiores e mais pesadas são as que se pagam em Castella para os conquistar, do que elles em Portugal para se defenderem. Vêem o fructo de seus trabalhos e suores, e que concorrem com elle para o estabelecimento e honra de sua patria, e não para a cobiça de ministros e exactores estranhos.

Teem na memoria, que tambem antigamente pagavam, e que então era tributo do captiveiro, o que hoje é preço da liberdade: sobre tudo vêem a seu rei da sua nação e da sua lingua, e que o teem consigo e junto a si para o requerimento da justiça, para o premio do serviço, para o remedio da oppressão, para o allivio da queixa; rei que os vê e se deixa ver; que os ouve e lhes responde; que os intende e o intendem, que os conhece e lhes sabe o nome, sem a dura e insupportavel pensão de o irem buscar a Madrid, não para o vêrem e lhe fallarem, mas para o vêrem por fé: conhecem a grandeza desta estimável felicidade, e que logram aquelle estado ditoso de que se lembra-

vam e fallavam seus avós com tanta saudade, e por que suspiravam seus paes com tantas ancias: e todo o preço para a conservação de tanto bem lhes parece barato, todo o trabalho leve, toda a difficuldade suave, todo o perigo obrigação: pelo contrario todo o pensamento que não seja desta perpetuidade horror, toda a conveniencia ruina, toda a promessa traição e toda a mudança impossivel.

Isto é o que só tem Castella, e o que só pôde esperar dos animos dos portuguezes. Finalmente, esperava o discurso, que Portugal, como reino menor e dividido em todas as partes do mundo, com obrigação de alimentar aquelles membros tão distantes com sua propria substancia, havendo de sustentar as guerras e oposição de seus inimigos em todos elles, natural e necessariamente se havia de atenuar e enfraquecer: que a gente sendo toda da mesma nação se havia lentamente de diminuir: que o dinheiro e cabedaes não tendo minas, nem Potosis se havia de esgotar: e que não era possivel aturar por muitos annos as despezas excessivas de uma guerra interior, tão continua, tão viva e tão multiplicada em tantas provincias, cercado della por todas as partes contra os combates de uma potencia tão desigual e superior, como era a do maior monarca do mundo: que quando o valor dos portuguezes se atrevesse sobre suas forças, seria como o de Eleazaro contra a grandeza e corpulencia do elephante, que, ainda caindo, seria sobre elle, e ficaria opprimido e sepultado debaixo de seu proprio triunfo, sem mais diligencia, nem accão, que o mesmo peso e grandeza de tão immenso contrario.<sup>1</sup>

Verdadeiramente este discurso, humana ou gentilicamente considerado, e não entrando na conta desta

---

<sup>1</sup> D. Ambros. de Offic. liv. I cap. 10.

arithmetica o poder e assistencia de Deus, tinha mu-  
forçosa consequencia, e antes da experientia mui diffi-  
cultosa soluçao. E por tal julgaram ainda aquelles po-  
liticos, que, sem odio, nem amor, esperavam e pro-  
gnosticavam o fim, e mediam a desproporção de tão  
desigual empreza. Mas Deus (a quem não queremos  
roubar a gloria) e a mesma experientia natural e o  
concurso ordinario de suas causas, tem mostrado, que  
só era sophistico e apparente e em realidade falso  
aquele discurso.

Porque as conquistas (que era o primeiro reparo),  
membros tão remotos e tão vastos deste corpo politico  
de Portugal, ainda que do reino, como do cora-  
ção recebem os espiritos de que se animam, é tanta a  
copia de alimento, e tão abundante, que elles mesmos  
com suas riquezas lhes subministram, que não só teem  
sufficiente materia para formar os espiritos, que com  
os membros mais distantes reparte, mas lhes sobeja  
com que se sustentar a si e a todo o corpo; e a ver-  
dade desta experientia se tem provado com mais sen-  
siveis effeitos depois da paz universal das mesmas  
conquistas, as quaes com igual liberalidade e interesse  
remettem hoje ao reino toda aquella substancia que o  
calor da guerra propria lhe consumia: com que se  
acha Portugal mais rico e abundante que nunca das  
utilissimas drogas de seus commercios. E ou seja esta  
a causa natural, ou outra mais occulta e superior, o  
certo é que as rendas e cabedaes do reino, assim pro-  
prios como particulares, com o tempo e continuaçao  
da guerra, não teem padecido a quebra e diminuiçao  
que o discurso lhes prognosticava; antes se prova  
com evidente e milagrosa demonstração da experien-  
cia, que a substancia do reino está hoje mais grossa,  
mais florente e opulenta, que no principio da guerra;  
pois crescendo mais os empenhos sempre, e despezas  
della, ao mesmo passo parece que, ou crescem, ou

se manifestam novos thesouros, com que se sustentaram até agora, e se sustentam todos os annos, sempre mais e maiores exercitos, tão notaveis por seu nome e grandeza, como bizarros por seu luzimento.

Nenhum anno se poz em campo exercito tão grande, que no seguinte se não puzesse outro maior: nem um anno tão bizarro e tão luzido, que no seguinte se não excedesse na bizarraria e nas galas. O anno passado, que foi o ultimo, quando a primavera se acabou nos campos, se renovou outra vez no nosso exercito: tanta era a variedade das côres com que os terços se matizavam e distinguiam, para que pela divisa se conhecessen os soldados e ostentassem a competencia de seu valor: e menor gasto nos vestidos é o que se veste; mais se gasta em cobrir os vestidos, que em cobrir os corpos. A vulgaridade do oiro e prata só se estima pelo invento e pelo artifice, e não pelo preço: a pompa, riqueza e galhardia dos cabos mostra bem que vão ás batalhas como a festas e que se vestem mais para triumphar que para vencer. Não me atrevera a fallar com tanta larguezas, se não pudéra allegar por testimunhas os mesmos que podiam ser partes. Diga agora o algarismo de seu discurso, se pôde haver falta no necessario, onde sobeja e se dispende tanto com o superfluo? Mais temo eu a Portugal os perigos da opulencia, que os damnos da necessidade. O mesmo que se vê na policia bellica das campanhas, se admira na pacifica das cidades: com a guerra, que tudo quebranta e diminue, cresceu e se aumentou tudo em Portugal: nunca tanto se gastou no primor e preço das galas, nunca tanto no aceio e ornamento das casas, nunca tanto na abundancia e regalo das mezas, nunca tantos criados, tantos cavallos, tanto appamento, tanta familia, nunca tão grandes salarios, nunca tão grandes dotes, nunca tão grandes soldos, nunca tão grandes mercês, nunca tantas fabricas,

nunca tantos e tão magnificos edificios, nunco tantas tão reaes e tão sumptuosas festas. Passo em silencio os immensos gastos do serviço e magestade do culto divino, porque só o silencio os pôde explicar, não encarecer. Que templo, que capella, que altar, que sanctuario, que neste mesmo tempo se não renovasse, desfazendo-se e arruinando-se (com lastima) obras antigas e de grande arte e preço, só para se lavrarem outras de novo mais ricas, mais preciosas e de mais polido artificio? Tudo isto do que sobeja da guerra. Mas por isso sobeja. As usuras de Deus são cento por um, e estas são as minas do nosso reino, estes os Potosis de Portugal: destes commercios lhe veem as riquezas, com que pôde pagar e premiar seus exercitos, e com que os premios e as pagas sejão verdadeiras, e não falsificadas, sem injuria dos soldados, sem adulterio dos metaes, e sem hypocrisia da moeda.

Bem sabem os doutos, que o nome grego *hypocrisia* se deriva do fingimento do melhor metal, e parece que foi posto em nossos tempos mais para declarar o vicio da moeda, que a mentira da virtude. Quem pudéra nunca imaginar, que chegasse a tal estado uma monarchia, que é a senhora da prata, e de quem a recebe o resto do mundo? Cuidou Castella que a Portugal havia de faltar o dinheiro, e vê em si o que cuidou de nós; e assim como o seu discurso errou as contas ao dinheiro, tambem as errou à gente: com verdade se podia dizer de Portugal, o que dos romanos disse o seu poeta:

*Per damna, per cædes ab ipso,  
Dicit opes, animumque ferro.*

Ou tenha Portugal a qualidade da hydra, ou a natureza das plantas, por cada cabeça que corta a guerra em uma campanha, aparecem na seguinte duas; e

por cada ramo que faltou no outono, brotam dois na primavera. Assim se foram dobrando e crescendo sempre os nossos presidios, assim os nossos exercitos: exercito no Minho, exercito em Traz-os-Montes, exercito e dois exercitos na Beira, exercito e florentissimo exercito, e sempre mais numeroso e florente em Além-Tejo. Assim se converte e se multiplica em nova substancia tudo o que come a guerra. E se Castella quer conhecer as causas naturaes desta philosophia, sem serem os portuguezes dentes de Cadmo, saiba que a sua reparação foi o primeiro principio deste augmento. Todos os portuguezes que povoavam suas indias, que mareavam suas frotas, que lavravam seus campos, que frequentavam seus portos, que trafegavam seus commercios, que inteiravam seus presidios, que militavam seus exercitos, ficam hoje dentro em Portugal, e o habitam e o enchem e o multiplicam, e assim se vêem hoje mais povoados seus logares, mais frequentadas suas estradas, mais lavrados seus campos, e até as serras, brenhas, lagos e terras, onde nunca entrou ferro, nem arado, abertas e cultivadas. As conquistas com a paz não levam, nem hão mister soccorros, antes dellas o recebe o reino com muitos e valentes soldados e experimentados capitães, que, ou veem requerer o premio de seus antigos serviços ou servir e merecer de novo, e justificar com os olhos do rei e do reino as certidões mais seguras de seu valor. Foi lei e lei prudentissima no principio da guerra — que não se alistassem nella senão mancebos livres: á sombra desta immunidade muitos filhos por industria dos paes se acolhiam na menoridade ao sagrado do matrimonio, com que as familias se multiplicaram infinitamente, e os mesmos que então se retiravam da guerra teem hoje muitos filhos com que a sustentam e os sustentam com ella.

Desta maneira se acha Portugal cada dia mais for-

necido de muitos e valentes soldados, nascidos e criados entre o mesmo estrondo das armas, em que o pelejar e o morrer não é accidente senão natureza, todos dentro em si e nas mesmas provincias e climas, onde nada lhes é estranho, e não trazidos por força de Sicilia, de Napoles, de Milão e de Allemanha, comprados e conduzidos com immensas despezas e perigos, sendo muitos os que se alistam e pagam, e poucos os que chegam, uns para se passarem logo, como passam a Portugal, outros para pelejarem sem amor e com valor vendido, como quem defende o alheio, e conquista o que não ha de ser seu.

Os portuguezes, pelo contrario, com grande vantagem de coração pelejam pelo rei, pela patria, pela honra, pela vida, pela liberdade e cada um por sua propria casa e fazenda, sendo a maior commodidade da guerra, e multiplicação da gente, a mesma estreiteza do reino (que o discurso mal avaliava), por beneficio da qual os exercitos e provincias se podem dar as mãos umas a outras, pelejando os mesmos soldados quasi no mesmo tempo em diversos logares, e multiplicando-se por este modo um soldado em muitos soldados, e apparecendo em toda a parte (como alma de Dido) aos castelhanos com novo horror e assombro. Desta maneira não teme o valor portuguez que lhe succeda como a Eleazaro com o elephante, ficando opprimido com a sua propria victoria; mas está certo que lhe ha de succeder como a David com o gigante, logrando vivo a gloria de seu triumpho.

.....

Considere Castella contra quem peleja, e conhecerá quão impossivel é a empreza a que aspira; acabe de intender que não peleja contra Portugal senão contra a firmeza da palavra e promessas divinas. Talar as nossas campanhas, vencer em batalha os nossos

exercitos, sitiari as nossas cidades, bater, minar, escalar e arruinar as nossas muralhas, bem pôde ser; mas fazer brecha na firmeza da palavra divina é impossivel: não ha muro tão gastado da antiguidade, e tão fraco em Portugal, em cujas pedras não esteja escripto com letras de bronze: *Verbum Domini manet in æternum*. Reparem os famosos capitães de Castella e considerem seus prudentissimos e experimentados conselheiros, apartando os olhos por um pouco de Portugal, se se acham seus exercitos com forças e poder bastante para conquistar Europa, para sujeitar todas as quatro partes do mundo, e ainda para escalar como filhos do sol, o céu, e tirar delle a Jupiter: pois saibam, que mais facil será conquistar Europa, o mundo e o mesmo céu empyreo, do que vencer e sujeitar Portugal, defendido e armado (como está) com as promessas divinas: *Cælum et terra transibunt, verba autem mea non præteribunt*. Pelejem primeiro contra a firmeza da palavra de Deus, batam, abalem, derribem desfaçam este castello, e depois delle rendido, então poderão conquistar Portugal.

---

## Descripção do Maranhão

Da Historia do futuro—Cap. XII—1855

Diz mais o propheta, que a gente desta terra é terrivel: *Ad populum terribilem*; e não pôde haver gente mais terrivel entre todas as que teem figura humana, que aquella, (quaes são os Brazis) que não só matam seus inimigos, mas depois de mortos os despedaçam, e os comem, e os assam, e os cozem a este fim; sendo as proprias mulheres as que guizam e convidam hospedes a se regalarem com estas inhumanas iguarias; e assim se viu muitas vezes naquellas guer-

ras, que estando cercados os barbaros, subiam as mulheres ás trincheiras, ou palissadas, de que fazem os seus muros, e mostravam aos nossos as panelas em que os haviam de cozinhar. Fazem depois suas frautas dos mesmos ossos humanos, que tangem e trazem na bocca, sem nenhum horror, e é estylo e nobreza entre elles não poderem tomar nome senão depois de quebrarem a cabeça a algum inimigo, ainda que seja a alguma caveira desenterrada, com outras ceremonias crueis, barbaras, e verdadeiramente teriveis: em logar *de gentem conculcatam*, lê o Siro, *Gentem depilatam*: <sup>1</sup> gente sem pelo; e taes são tambem os brazis, que pela maior parte não teem barba, e no peito e pelo corpo teem a pelle liza e sem cabello, com grande diferença dos europeos.

Estes sãos os signaes communs que nos aponta o propheta daquella terra e gente; mas porque assinala miudamente outros mais particulares, e que não conveem a toda a gente e terra do Brazil, é outra vez necessario que nós tambem declaremos a provincia e gente em que elles todos se verificam, e esta gente e esta provincia, mostraremos agora que é a que com toda a propriedade chamamos Maranhão, que por ser tão pouco conhecida, e menos nomeada nos escriptores, não é muito que a falta de suas notícias lhe tivesse atégora escurecido e divertido a honra deste famoso oraculo do mais illustre propheta, que tão expressamente tinha fallado nesta gente.

Diz pois o propheta, que são estes homens uma gente, a quem os rios lhe roubaram a sua terra: *Cujus diripuerunt flumina terram ejus*. E é admiravel a propriedade desta diferença, porque em toda aquella terra, em que os rios são infinitos, e os maiores e

---

<sup>1</sup> A Lap. hic § Ad gentem.

mais caudalosos do mundo, quasi todos os campos estão alagados e cobertos de agua doce, não se vendo em muitas jornadas, mais que bosques, palmares e arvoredos altissimos, todos com as raizes e troncos mettidos na agua; sendo rarissimos os logares por espaço de cento, duzentas e mais legoas, em que se possa tomar porto, navegando-se sempre por entre arvores espessissimas de uma e outra parte, por ruas, travessas e praças de agua, que a natureza deixou descobertas e desempedidas do arvoredo; e posto que estes alagadiços sejam ordinarios em toda aquella costa, vê-se este destroço e roubo, que os rios fizeram á terra, muito mais particularmente naquelle vastissimo archipelago do rio chamado Orelhana, e agora das Amazonas, cujas terras estão todas senhoreadas e afogadas das aguas, sendo muito contados e muito estreitos os sitios mais altos que elles, e muito distantes uns dos outros, em que os indios possam assentar suas povoações, vivendo por esta causa não imediatamente sobre a terra, senão em casas levantadas sobre esteios a que chamam juráus, para que nas maiores enchentes passem as aguas por baixo, bem assim como as mesmas arvores, que tendo as raizes e troncos escondidos na agua, por cima della se conservam e aparecem, differindo só as arvores das casas, em que umas são de ramos verdes, outras de palmas sêccas.

Desta sorte vivem os nheengaibas, guaianás, maianás, e outras antigamente populosas gentes, de quem se diz com propriedade que andam mais com as mãos que com os pés, porque apenas dão passo que não seja com o remo na mão, restituindo-lhe os rios a terra que lhes roubaram, nos frutos agrestes das arvores de que se sustentam; cuja colheita é muito limpa, porque cãem todos na agua; e em muita quantidade de tartarugas e peixes-bois, que são os gados

que pastam naquelles campos, além de outro pescado menor, e alguma caça de aves e montaria de porcos, que nos mesmos logares sobre aguados entre os lodos e raizes das arvores se leva nos fructos dellas; e nota o propheta que não é rio, senão rios, os que isto fazem, porque ainda que o rio das Amazonas tenha fama de tão enorme grandeza, toda esta se compõe do concurso de muitos outros rios, que todos desembocam nelle, ou juntamente com elle, communicando e confundindo em si as aguas, e como unindo e conjurando as forças para este roubo que fizeram áquelle terra: *Cujus diripuerunt flumina terram ejus.*

---

## Os inimigos de Vieira

*Da defeza do Quinto Imperio*

*Obras ineditas, 1.º vol. 1856.*

Discorrendo sobre os fundamentos com que podiam ser denunciadas coisas tão sem fundamento, como a da proposição ou proposições de que ultimamente fui arguido, tendo feito menos reparo das antigas por sua materia, tudo quanto se me offerece ácerca de uma e outras, se reduz a ignorancia ou a malicia dos delatores, posto que mais a malicia que ignorancia, e assim intendo que o poderia provar facilmente, se me fosse dada noticia de quem os delatores eram.

Funda-se a presumpção de ser por malicia nos muitos inimigos que tenho, e nas muitas occasiões que tive, e circumstancias que em mim concorreram para os ter, assim religiosos como seculares.

Quanto aos seculares, a mercê que me fazia o senhor rei D. João IV, o principe e a rainha, fez meus

capitaes inimigos a todos os que de mais perto assistiam aos ditos principes, e procuravam o valimento e logar que imaginavam lhes tirava o meu fóra do paço; e não era menor occasião de grandes odios o ruim despacho de muitos requerentes, que me pediam ajudasse suas pretenções no que podesse; e porque não podia quanto ellas queriam, de amigos se tornavam inimigos. A este numero tambem pertencem ainda com maior razão todos os embaixadores e ministros das embaixadas, cujas cifras eu tinha, e sua magestade ordenava me dessem noticia de todos os negocios, e os não resolvessem sem ouvir o meu parecer, com o qual sua magestade ordinariamente se conformava, tendo-me os ditos ministros como sobre ronda de suas acções, e temendo a inteireza dos meus avisos e informações, pelo credito que el-rei me dava.

Aos inimigos que tinha por meu respeito, se ajuntavam tambem os dos meus parentes, os quaes vingavam muitas vezes em mim o que não podiam nelles, ou nelles o que não podiam em mim do que ha muitos exemplos em Portugal, e no Brazil, por serem dos maiores ministros d'aquelle estado.

No Maranhão, pelo zelo da conversão e liberdade dos indios, que eu pretendia, consegui geral odio, não só dos moradores de toda aquella terra, senão tambem dos governadores e ministros que lá vão de Portugal, e de outros ainda maiores, que sem lá irem por vias publicas e occultas, teem lá seus interesses. Fiados no poder destes interessados, se atreveram a me expulsar a mim e a meus companheiros, levantandome para dar algum ser a tão feio excesso, e provar dh me com muitas testimunhas, que eu queria entregar o Maranhão aos hollandezes: se lá houvera santo officio, pôde ser que lhe não fôra necessario irem buscar o falso testimunho tão longe.

Quanto aos religiosos, podem ser estes da minha

religião, ou de outras, particularmente daquellas que teem maior emulação á companhia e seus sujeitos: entre todas sou mais odiado das que teem conventos no Maranhão, por me terem por inimigo descoberto, sendo a verdade que, venerando a todos os religiosos quanto merece o seu habito, só me não podia conformar com a perniciosa doutrina que nos pulpitos, confessionarios, e nos testamentos, seguem ácerca do injusto captiveiro dos indios, que é o maior impedimento para a sua conversão.

E porque esta foi a causa por que el-rei D. João encommendou á companhia as missões daquella gentilidade, com a morte do dito rei trataram de se desaffrontar deste que tinham por agravo, e foram elles os principaes instrumentos da minha expulsão, seguindo-me sempre em toda a parte com o mesmo odio, que nas mudanças da fortuna antes se farta, do que se compadece; mas quando faltaram estes accidentes particulares, ou encontros particulares, e outros similhantes, bastava a aceitação geral com que era ouvido na corte, e lidos no mundo os meus papeis, para que os officiaes do mesmo officio (que são os maiores sujeitos das religiões) lhes não pezasse de vêr a minha doutrina abátida e mal avaliada, podendo tambem acontecer que tenham menos parte nesta dor os mesmos avaliadores. Deixo de representar e pedir a vossas senhorias o que neste escrupulo pudéra justamente, porque sei que a justiça e inteireza de todos os senhores que julgam as causas do santo officio, tanto ha de examinar em qualquer qualificação a verdade dos fundamentos, como a pureza dos animos, sendo facil de conhecer nos movimentos da penna, se a move a caridade ou o affecto.

Nos religiosos da minha religião; são tanto interiores e mais sensiveis os motivos da emulação, quanto de mais perto viam a differença com que el-rei me

honrava, e os grandes me buscavam e me deferiam, sentindo tambem naturalmente os prégadores antigos e auctorizados que se dësse aos meus poucos annos o titulo de prégador d'el-rei, que as suas cãs e talentos melher mereciam, principalmente sendo eu de provincia estranha, e mais de provincia do Brazil, e se presumiu que pediria eu a el-rei a divisão das provincias, e sustentava sua magestade a persistir nella; chegara a tanto extremo o zelo dos ditos religiosos, que negociaram com o padre geral que me despedisse da companhia, como com effeito se tivera executado, se el-rei o não prohibira.

Diante de Deus julgo que o dito zelo foi fundado em amor da religião, e não em odio meu; mas se acaso alguns dos delatores são padres da companhia, muito é para ponderar que, ouvindo-me alguma proposição de que fizessem escrupulo, não tivessem zelo para me advertir logo que reparasse no que dizia da religião, e que tivessem zelo para me denunciarem ao santo officio!

Mas quando as denunciações não fossem motivadas do odio ou malicia, podia facilmente ser que fosse do que acima chamo ignorancia, e vem a ser a desattenção com que muitas pessoas, ainda que sejam doutas, assistem nas conversações, e na apprehensão com que geralmente os homens ou trocam a formalidade das palavras, ou a interpretação, e intendem em diversos sentidos do que são ditas, do que temos quotidianamente experiencia os prégadores, a quem os mesmos que nos querem louvar, repetindo-nos o que dissemos, nos levantam mil falsos testimonhos, dizendo-nos a nós mesmos outra coisa muito diversa do que temos dito: nascendo naturalmente este erro da forma do juizo de cada um, em que se recebe o que se ouve, e se isto acontece em um sermão aonde um só falla, e todos estão attentos, que será em uma con-

versaçāo, bastando que se não oīça um dizer para parecer que se affirma o que sómente se refere, estando mais exposta a este perigo a conversaçāo que fôr mais ordenada e discursiva. Da minha conversaçāo sabem os que me tratam, que discorro sobre os pontos que se me offerecem, com ponderaçāo das razões ou diferenças de conveniencias, e das difficuldades e inconvenientes por uma e outra parte, sendo uma das disposições, premissas, e outras consequencias, umas proprias, e outras impropias, como succede em todas as materias que se disputam, e nos devertimentos de uma conversaçāo, não é facil que as apprehensões sejam tão firmes e attentas, que não discrepem em qualquer palavra do sentido, ou disposiçāo della, sendo a dita discrepancia como a dos botões, que basta arrancar-se um, para ficarem os mais fôra da sua casa; assim me consta com toda a evidencia, que succedeu na conversaçāo e denunciaçāo do Porto, e da mesma maneira podia ter acontecido em quaesquer outras. E tambem além do odio poderia ter sua parte a inclinaçāo natural, que sempre nos portuguezes pende para o peior.



## Representação a D. Affonso VI

Feita pelo padre Antonio Vieira para ser lida a D. Affonso na sua menoridade, na presença dos tribunaes do reino por mandado da rainha mãe.

*Obras varias, 1.º vol. 1856.*

SENHOR. A obediencia que a rainha nossa senhora deve aos preceitos d'el-rei, que Deus tem, e o muito que ama a real pessoa de vossa magestade, que Deus guarde, e o desejo de conservar estes reinos, e de corresponder aos vassallos delles e ao bom animo com que sempre lhe assistiram, foram os motivos que a obrigaram a tomar sobre si o governo, quando o sentimento da sua perda pedia differente resolução; procurou fazel-o á satisfação de todos, sem perdoar ás vigias da noite e aos trabalhos do dia; mas não bastou isto para o conseguir, ou porque Deus quizesse continuar o castigo, ou por outras razões que elle só alcança. E porque crescem as queixas communs, e com ellas o sentimento da rainha nossa senhora, e ainda mais o desejo do remedio, teve por conveniencia convocar em presença de vossa magestade, que, em falta de cōrtes, se representa nos tribunaes, para lhe fazer presente os remedios que tem applicado áquellas queixas, e mais principalmente para lhe ordenar (como ordena) que se aquelles não bastarem, lhe represente com toda a liberdade os mais que lhe parecem convenientes; considerando-se que o seu intento só é acertar no que fôr mais do serviço de Deus e bem destes reinos.

Ha queixa geral de se não administrar justiça com igualdade, e porque esta é a primeira e mais principal obrigação dos reis, e o que a rainha nossa senhora traz diante dos olhos: como ella per si não pôde resolver materias contenciosas, e nem ainda o costuma

fazer nas graciosas, se resolve a mandar juntar os tribunaes e ministros deste reino para que, havendo quem instantemente dê occasião a esta queixa, receba o castigo que merece a sua culpa, e o reino a satisfação que se lhe deve, em tempo que por tantas vias padece.

Queixa-se e desconsola-se tambem o reino, e a rainha nossa senhora com mais sentimento do que se pôde declarar, que sendo já os annos d'el-rei nosso senhor bastantes para tomar em seus hombros o peso de reino, de que a rainha nossa senhora deseja tanto alliviar-se, sua magestade se não tenha applicado ao cuidado e manejo dos negocios, tanto como era necessário, antes deixando-se levar do excesso e do valor, tenha tantas vezes posto em manifesto perigo de vida a successão, donde pendem todas as esperanças destes reinos, os quaes nenhuma outra coisa desejam, e hão mister, como vêr a sua magestade empregado todo naquelles exercicios que mais lhe podem conciliar a graça para com Deus, e amor para com os seus vassallos, respeito e veneração para com os estrangeiros. E pois nos achamos aqui todos presentes, quer a rainha nossa senhora, que peçamos a sua magestade se lembre de si e de Deus, gastando o tempo em exercicios dignos de sua real pessoa e grandeza, encaminhados a ser tão grande rei como Deus o fez, consolando os melhores vassallos que teve rei algum, pois sem repararem ao amor paternal na perda dos filhos; ao desejo de ter, na falta da fazenda; ao gosto de viver, no risco de perder a vida, dão filhos, dão fazendas e dão vidas, sem outro fim mais que de conservar o nome de vassallos de vossa magestade.

Deve vossa magestade a um Deus tão grande, á consolação de uma tal mãe e ao remedio de uns taes vassallos, que chegam aos reaes pés de vossa magestade com os corações rotos de dor, desejos nascidos no mais interior de suas almas, de ver a vossa ma-

gestade com saude dos achaques de animo, assim como as suas lagrimas a alcançarão de Deus para vossa magestade nas doenças do corpo, que vossa magestade mude os descaminhos por onde anda, e nos livre de sobresaltos em que o desejo da vida e saude de vossa magestade nos traz continuamente: empregue vossa magestade melhor o seu talento ou generosidade do seu animo, imitando como vossa magestade deseja, as virtudes daquelle rei auctor da nossa liberdade, cujas memorias vivérão com saudade eterna nos nossos corações; e fazemos a vossa magestade estas lembranças, porque servir aos reis a seu gosto, consultandolhes só o gosto, é vicio; mas servindo-os a seu gosto, advertindo-os, é virtude e razão mui propria de portuguezes, que juramos, como temos jurado, humildemente prostrados aos reaes pés de vossa magestade a maior obediencia, a maior lealdade e a maior resolução de dar as vidas pelo real serviço de vossa magestade.

Não é menor a queixa e sentimento da rainha nossa senhora, de se haverem introduzido no paço, e muito juntos á pessoa d'el-rei nosso senhor, sujeitos de muito inferior qualidade, costumes e conselhos, que parece estarem estabelecidos no poder que teem tomado, sem excepção, e desunião entre os grandes, a divertirem a natural benignidade d'el-rei nosso senhor, a fim de seus interesses, persuadindo-lhe sempre necessarias as suas pessoas para conciliar os animos de seus vassallos, e para os pôr á sua obediencia e estorvando e perturbando com a sombra de vossa magestade o bom governo do reino, e juntamente commettendo de noite e de dia os delictos que com tanto escandalo são notorios nesta corte, que se el-rei nosso senhor os soubera, todos castigára com muito rigor, atrevendo-se a intentar desreditos contra a magestade, e até no sagrado com discursos indignos de toda a imaginação: contra o decoro da fé, do sangue,

do amor, do respeito, e da unica e devida adoraçāo, que só está na real pessoa de vossa magestade.

Como esta queixa é a maior, e a que involve em si todas as outras, porque se falta com ella mui principalmente á justiça, e é a principal causa dos divertimentos d'el-rei nosso senhor, e a que muito perturba a paz, e pôde perturbar maito mais gravemente ao diante o socego commum do mais interior e sensivel do reino, cessará apresentando-a a rainha nossa senhora com toda a instancia por parte dos ministros que se acham presentes, e por outros que o não estão, e por pessoas zelosas do serviço de Deus e bem do reino. Convem muito atalhar este damno, demais de outras razões, para aplacar a ira de Deus, que nos castiga tão severamente pelas culpas de que estes insolentes são causa; e assim convem que a dita senhora tire de junto da pessoa d'el-rei nosso senhor similhantes sujeitos que nos põem a côrte em maior perigo que os castelhanos nas fronteiras, porque estes, quando muito, nos tiram as vidas, mas est'outros nos tiram as vidas, a reputaçāo, o favor e a misericordia infinita de Deus.

Conformando-se a rainha nossa senhora com o melhor sentir que tantos e tão leaes e grandes ministros e vassallos teem mandado executar, assim o quiz fazer saber a todos os tribunaes juntos, para que o tenham assim intedido, e por elles todo o reino, da estimacāo que sua magestade faz e fará sempre do zelo, advertencia e conselho de seus vassallos; e certificando-se melhor do grande desejo em que a rainha nossa senhora está de satisfazer á obrigaçāo da sua consciencia na regencia deste reino, que está commettido á sua conta e disposição.

Senhor: isto que tenho referido, o mais breve que pude, não é meu, nem ainda em palavras, e, como tenho dito, é só dos ministros que zelam a convenien-

cia e a vida de vossa magestade, e bem do publico, que os obrigou a fazer esta representação á rainha nossa senhora, e são tudo coisas tão conformes á razão e justiça, de que vossa magestade é tão zeloso, que esperamos todos mui confiadamente do juiso de vossa magestade, e da sua clemencia, e da inclinação que todos conhecemos em vossa magestade por melhor, do muito que aborrece a lisonja, e estima a natural e liberal inteireza dos ministros, que não só approva o que com tão boas considerações está disposto, mas que conhece com igualdade o socego do seu real animo, a boa intenção e cordeal amor com que aconselhou e obrou o reino, para remedio de tão grandes e leaes vassallos, a quem zelamos prostrados humildemente diante do real acatamento de vossa magestade, que Deus guarde, como lhe pedimos.

---

## O Quinto imperio

Da defeza do livro intitulado: *Quinto imperio*

*Obras ineditas, 1.º vol. 1856.*

O argumento ou assumpto do Livro que quiz haver muitos annos escrever, e do qual tinha totalmente desistido, depois que me appliquei ás missões, era o Imperio Consummado de Christo debaixo do nome de Quinto Imperio: digo—Imperio—conforme o computo dos imperios de Daniel, intendendo-se por imperio consummado de Christo, não algum imperio que Christo havia de ter nos tempos futuros, senão um novo e maior estado do mesmo imperio e reino que Christo hoje tem, e teve sempre depois que veio ao mundo, que vem a ser por outros termos, um novo e perfeito estado da egreja catholica, que é o unico e verdadeiro reino de Christo.

As partes, circumstancias e felicidades de que se compõe esse novo e mais perfeito imperio ou estado, eram a extirpação de todas as seitas de infieis, a conversão de todas as gentes, a reforma da christandade e a paz geral entre os principes, a mais abundante graça do céu, com que se salvariam pela maior parte os homens, e se encheria o numero dos predestinados, sendo os instrumentos immediatos da dita conversão um summo pontifice santissimo, e alguns varões apostolicos de singular espirito, que divididos por todas as terras de infieis, as reduziriam e sujeitariam á egreja, e um imperador zelosissimo da propagação da fé, o qual empregaria toda a sua auctoridade em serviço do dito pontifice, e favor dos prégadores, segurando-lhes o passo, e defendendo-os onde necessário fosse com as suas armas, e sujeitando com ellas a todos os rebeldes, principalmente o imperio romano, com que o faria senhor do mundo.

Até aqui o assumpto em geral, o qual de nenhum modo é invento meu, senão promessa e esperança, e exposição de muitos santos antigos e modernos, e de muitos commentadores das escripturas, e de muitas pessoas de espirito prophético, geralmente approvado e recebido, de que porei sómente os nomes: S. Justino e S. Gaudencio, S. João Chrysostomo, S. Hilario, Ozorio, Uberto, Panonio, Eclio, Herculano, Pedro Borolengro, Serafino de Berma, Genebrardo Tayo, Pedro Galatino, Salazar, Serelego, Arrias Montano, Bandale, Joaquim Abbade, Aperillas, S. Methodio, Theofilo Eremita, Malachias, S. Francisco de Paula, S. Brizida, S. Amatildes, S. Isidoro, S. fr. Gil, o Beato Amadeu, S. Angelo martyr, o irmão Mem Rodrigues da companhia de Jesus. e outros muitos catholicos pios, e excepto o ultimo todos doutos.

E porque os sobreditos auctores que fallam no imperador que Deus ha de dar á sua egreja, para as

execuções temporaes desta espiritual conquista, não declararam absolutamente que pessoa particular haja de ser, accrescentava eu, ou pretendia accrescentar, posto que digam muitas propriedades e circumstanças, de que se pôde conjecturar o argumento geral dos ditos auctores á accomodação e explicação do reino, para que tinha Deus guardado aquella grande empreza e imperio, interpretando em honra da nação, que seria rei portuguez e do reino de Portugal, fundando este pensamento principalmente nas palavras de Christo a el-rei D. Affonso Henriques—*volo in te et in semine tuo imperium mihi stabilire.*

A este fim (o que muito se deve notar) determinava eu seguir ou suppor duas opiniões necessarias ao dito intento, ambas commummente recebidas dos theologos: a primeira, que o imperio de Christo não só é espiritual, senão tambem temporal, cada um a respeito de seus vassallos, sendo este titulo ainda mais proprio no principe, que o fosse de todo o mundo, em suposição das quaes duas opiniões, applicando o sobredito imperio a um principe descendente d'el-rei D. Affonso Henriques, se vinha a cumprir e verificar nelle inteiramente toda a prophecia das palavras e promessas de Deus, pois no tal principe estabelecia Christo um imperio, o qual juntamente seria imperio de Christo, e imperio d'um descendente do mesmo D. Affonso Henriques, que é toda a energia—*in te et in semine tuo*—: em seguimento desta applicação, e descendo a individuar a pessoa deste principe, determinava eu chamar á pretenção do dito imperio todos os que descendem d'el-rei D. Affonso Henriques, e principalmente por serem a sua decima sexta geração, ou descendentes della, tinham conhecido direito á promessa de Christo, como são ao presente o imperador de Alemanha, por filho da imperatriz D. Maria: el-rei de França por filho da rainha D. Anna, ambas irmãs de

Filippe IV de Castella, ou seu filho pela propria descendencia.

Mas porque o meu intento total era concluir que este principe não só havia de ser descendente d'el-rei D. Affonso Henriques, senão tambem rei portuguez, e de Portugal, assentado neste principio segundo, chamaava da mesma maneira a pretenção aos reis portuguezes, que parece podiam ter maior direito a ella, pondo em primeiro logar a opinião *commum* d'el-rei D. Sebastião, e todos os fundamentos que tinha, e no segundo a el-rei D. João IV, pela estimação tambem *commum* com que na restauração do reino foi reputado pelo verdadeiro encoberto, satisfazendo ao fortissimo argumento da sua morte, com exemplos e razões que mandei á rainha nossa senhora no papel deste assunto, por ser o que naquelle occasião podia servir de allivio de sua magestade, sendo porém certo que o meu intento não era resolver por ultimo, que o senhor rei D. João fosse ou houvesse de ser o prometido imperador: assim o poderão testimonhar algumas pessoas dignas de toda a fé, a quem foi força comunicar o meu segredo e o meu pensamento, as quaes sabem que verdade era dedicar eu este livro a el-rei D. Affonso VI, que Deus guarde, e concluir por remate de tudo, haver sua magestade ser o futuro imperador em quem tivesse principio o imperio promettido ao rei do mesmo nome, provando esta final resolução com a clausula do mesmo juramento do rei, e promessa de Christo—*usque ad decimam sextam generationem in qua atenuabitur proles, et in ipsa sic atenuata respiciam, et videbo*—nas quaes palavras expendia ou havia de expender, que o relativo—*in ipsa*—não se referia á decima sexta geração, que foi el-rei D. João IV, senão á prole da decima sexta geração, que é el-rei D. Affonso.

## A previsão do futuro

*Historia do Futuro, 1855.*

Tão mal sofreram os homens que Deus reservasse para si a sciencia dos futuros, que chegaram a dar ás pedras a divindade propria de Deus, só porque Deus fizera propria da divindade esta sciencia: antes queriam uma estatua que lhes dissesse os futuros, que um Deus que lh'os encobria.

Mas que direi das sciencias ou ignorancias das artes, ou superstições que os homens inventaram desde a terra até o céu, levados deste appetite? Sobre os quatro elementos assentaram quatro artes de adivinhar os futuros, que tomaram os nomes dos seus proprios sujeitos. Agromancia que ensina a adivinhar pelas coisas da terra, a hydromancia pelas da agua, a aeromancia pelas do ar, e a pyromancia pelas do fogo. Tão cegos seus auctores no appetite vão daquelle curiosidade, que tendo-se perdido na terra os vestígios de tantas coisas passadas, cuidaram que na agua, no ar e no fogo, os podiam achar das futuras. No mesmo homem descobriram os homens dois livros sempre abertos e patentes, em que lessem ou soletrassem esta sciencia. A physionomia nas feições do rosto, a chiro-mancia nas raias da mão: em um mappa tão pequeno, tão plano e tão liso como a palma da mão de um homem inventaram os chiromantes não só linhas e caracteres distintos, senão montes levantados e divididos, e alli descripta a ordem e successão da vida, e casos della; os annos, as doenças e os perigos, os casamentos, as guerras, as dignidades, e todos os outros futuros prospeiros, ou adversos; arte certamente merecedora de ser verdadeira, pois punha a nossa fortuna nas nossas mãos. Deixo a astrologia judiciaria tão celebrada no nascimento dos principes, em que os genetliacos sobre o

fundamento de uma só hora ou instante da vida, levantam, ou figura, ou testimonhos a todos os sucessos della. Nem quero fallar na triste e funesta nicro-mancia, que, frequentando os cemiterios e sepulturas no mais escuro e secreto da noite, invoca com deprecações e conjuros as almas dos mortos, para saber os futuros dos vivos.

A este fim excogitaram tantos generos de sortilegios, como se na contingencia da sorte se houvesse de achar a certeza: a este fim observaram os sonhos, como se soubesse mais um homem dormindo, do que sabia acordado: a este sentido consultavam as entranhas palpitantes dos animaes, como se um bruto morto pudesse ensinar a tantos homens vivos: com o mesmo appetite pediam respostas ás fontes, aos rios, aos bosques e ás penhas: com o mesmo inquiriam os cantos e vôos das aves, os mugidos dos animaes, as folhas e movimentos das arvores: com o mesmo interpretavam os numeros, os nomes e as letras, os dias e os fumos, as sombras e as cōres, e não havia coisa tão baixa e tão miuda por onde os homens não imaginassem que podiam alcançar aquelle segredo que Deus não quiz que elles soubessem. O ranger da porta, o estalar do vidro, o scintillar da candeia, o topar do pé, o sacudir dos sapatos, tudo notavam como avisos da providencia, e temiam como presagios do futuro. Fallo da cegueira e desatinos dos tempos passados, por não envergonhar a nobreza da nossa fé com a superstição dos presentes.



# INDICE

|  | Pag.  |
|--|-------|
| Advertencia prévia.....                              | I     |
| Noticia biographica.....                             | VII   |
| Carta a el-rei sobre a organisação das missões ..... | LXVII |

## I PARTE — Excerptos dos sermões Definições e allegorias

|  |    |
|--|----|
| Sermão de Santo Antonio, pregado aos peixes..... | 3  |
| O que é uma alma.....                            | 33 |
| Fé morta.....                                    | 35 |
| Diferentes especies de fidalguia.....            | 38 |
| A divisão do demonio pelo mundo.....             | 40 |
| O demonio pescando ecclesiasticos.....           | 41 |
| O amor menino.....                               | 44 |
| O coração e a fôrma do fundidor.....             | 45 |
| A aranha nos palacios dos reis.....              | 45 |
| Os aduladores e o echo.....                      | 47 |
| A cidade da Glória.....                          | 48 |
| O céu.....                                       | 50 |
| O estatuario.....                                | 52 |
| A tristeza.....                                  | 55 |
| O papel.....                                     | 57 |
| Barca e monarchia.....                           | 58 |
| A fealdade do peccado.....                       | 59 |
| A formosura no tumulo.....                       | 60 |
| Desegualdades da morte .....                     | 61 |
| A casa da sabedoria.....                         | 64 |
| Pó levantado e pó caido.....                     | 66 |
| A luz e o sol .....                              | 70 |
| O não.....                                       | 71 |
| O ferro e o iman.....                            | 72 |
| Divertimentos dos navegantes.....                | 73 |
| Os triumphos dos romanos.....                    | 74 |
| Uma briga.....                                   | 75 |
| A madrugada.....                                 | 76 |
| Os hypocritas.....                               | 79 |

|                   |    |
|-------------------|----|
| A guerra.....     | 80 |
| A medicina.....   | 81 |
| O estatuario..... | 83 |

### Reflexões religiosas, philosophicas e moraes

|  |     |
|--|-----|
| Sermão da sexagesima.....                                    | 89  |
| A valentia e o nascimento.....                               | 108 |
| Os escrupulosos.....   | 109 |
| Difficuldade de amar os inimigos.....                        | 112 |
| Humildade dos mortos.....                                    | 116 |
| Cegueira do entendimento.....                                | 118 |
| Fé sem obras.....  | 120 |
| Os homens só se distinguem pela virtude.....                 | 122 |
| Prégar cantando.....   | 124 |
| Egualdade perante o medico.....                              | 124 |
| Os falsos testemunhos levantam-se por si mesmos.....         | 125 |
| Exhortação sobre a mentira.....                              | 127 |
| O nascimento.....  | 129 |
| Meios de guardar.....  | 131 |
| Vaidade das riquezas.....                                    | 132 |
| Invocação do nome de Maria.....                              | 134 |
| Utilidade da dôr.....  | 136 |
| Santidade e corôa.....                                       | 137 |
| ↙ Inconvenientes da ostentação.....                          | 139 |
| A moderação no querer.....                                   | 140 |
| A constancia dos martyres.....                               | 141 |
| A santidade está na pureza do coração.....                   | 143 |
| As lagrimas e os peccados.....                               | 145 |
| A reparação das desegualdades presentes.....                 | 146 |
| O amor e o odio.....   | 148 |
| Vantagens dos logares baixos.....                            | 149 |
| Ambição dos que esquecem o que eram.....                     | 150 |
| Pão para a bocca.....  | 152 |
| Tendencia das coisas para o nada.....                        | 154 |
| O remedio para a tristeza.....                               | 155 |
| Titulos para entrar no céu.....                              | 157 |
| Mercadorias que teem valor no céu.....                       | 158 |
| Cegueira universal.....                                      | 159 |
| Contas que a Deus hão de dar os desfavorecidos da sorte..... | 162 |
| Contas dadas por um prelado no tribunal divino.....          | 164 |
| Os papas e os bispos no juizo final.....                     | 166 |
| Incoherencia do viver dos homens.....                        | 168 |

Pag.

|   |     |
|---|-----|
| Cresça cada um dentro da sua especie..... | 169 |
| O juizo dos homens.....                   | 171 |
| Exame de consciencia.....                 | 172 |
| Oração vocal e oração mental.....         | 174 |
| O Padre Noso e a Ave Maria.....           | 175 |
| Fortuna dos escravos.....                 | 177 |
| A escravidão.....                         | 179 |
| A egualdade humana.....                   | 186 |
| Predestinação dos pobres.....             | 186 |

### Brados patrioticos

|   |     |
|---|-----|
| Sermão pelo bom successo das armas portuguezas..... | 191 |
| A união.....  | 208 |
| A ingratidão de Portugal.....                       | 214 |
| A gloria dos feridos.....                           | 215 |
| O premio dos bons serviços.....                     | 216 |
| A causa portugueza.....                             | 220 |
| Victorias de portuguezes.....                       | 223 |
| Valor dos soldados portuguezes.....                 | 224 |
| Confiança em Deus.....                              | 226 |

### Conselhos politicos e economicos

|  |     |
|--|-----|
| Sermão de Santo Antonio pregado ás côrtes.....     | 229 |
| As nomeações e os merecimentos.....                | 246 |
| Nobreza dà verdade.....                            | 247 |
| O rigoroso cumprimento das leis.....               | 248 |
| Contas dadas por um rei no tribunal divino.....    | 250 |
| Difficuldade de governar os homens.....            | 252 |
| A accumulação d'empregos.....                      | 253 |
| Onde?.....   | 256 |
| As cidades á porta dos ministros.....              | 258 |
| Sermão do bom ladrão.....                          | 260 |
| Os fructos das minas.....                          | 275 |
| Violencias feitas aos missionarios.....            | 279 |
| As imagens dos reis.....                           | 287 |
| A nobreza não é o melhor titulo para governar..... | 292 |
| Premios dados ao merecimento.....                  | 294 |
| Antes benemeritos que pretendentes.....            | 297 |
| Peccados de ministro.....                          | 299 |
| As negociações diplomaticas.....                   | 301 |
| As lições dos cathedraticos.....                   | 302 |

|  |     |
|--|-----|
| Nas acções se hão de fundar as eleições..... | 305 |
| A peior peita é o respeito.....              | 306 |
| O que cabe num logar .....                   | 309 |
| Consequencias de um voto injusto.....        | 311 |
| As omissões dos que governam .....           | 313 |
| O que pôde fazer uma penna .....             | 315 |
| A educação clerical .....                    | 316 |

## II PARTE — Cartas

|  |     |
|--|-----|
| Carta ao secretario d'estado sobre o plano de guerra com<br>Castella ..... | 321 |
| Carta ao padre Francisco de Moraes.....                                    | 328 |
| » a El-rei sobre as missões.....   | 330 |
| » ao almotacel-mór Luiz Coutinho.....                                      | 350 |
| » ao conde da Ericeira.....  | 352 |
| » ao conde da Castanheira.....   | 368 |
| » ao padre Balthasar Duarte.....   | 369 |
| » a Sebastião de Mattos e Sousa.....                                       | 371 |

## III PARTE — Excerptos das memorias políticas

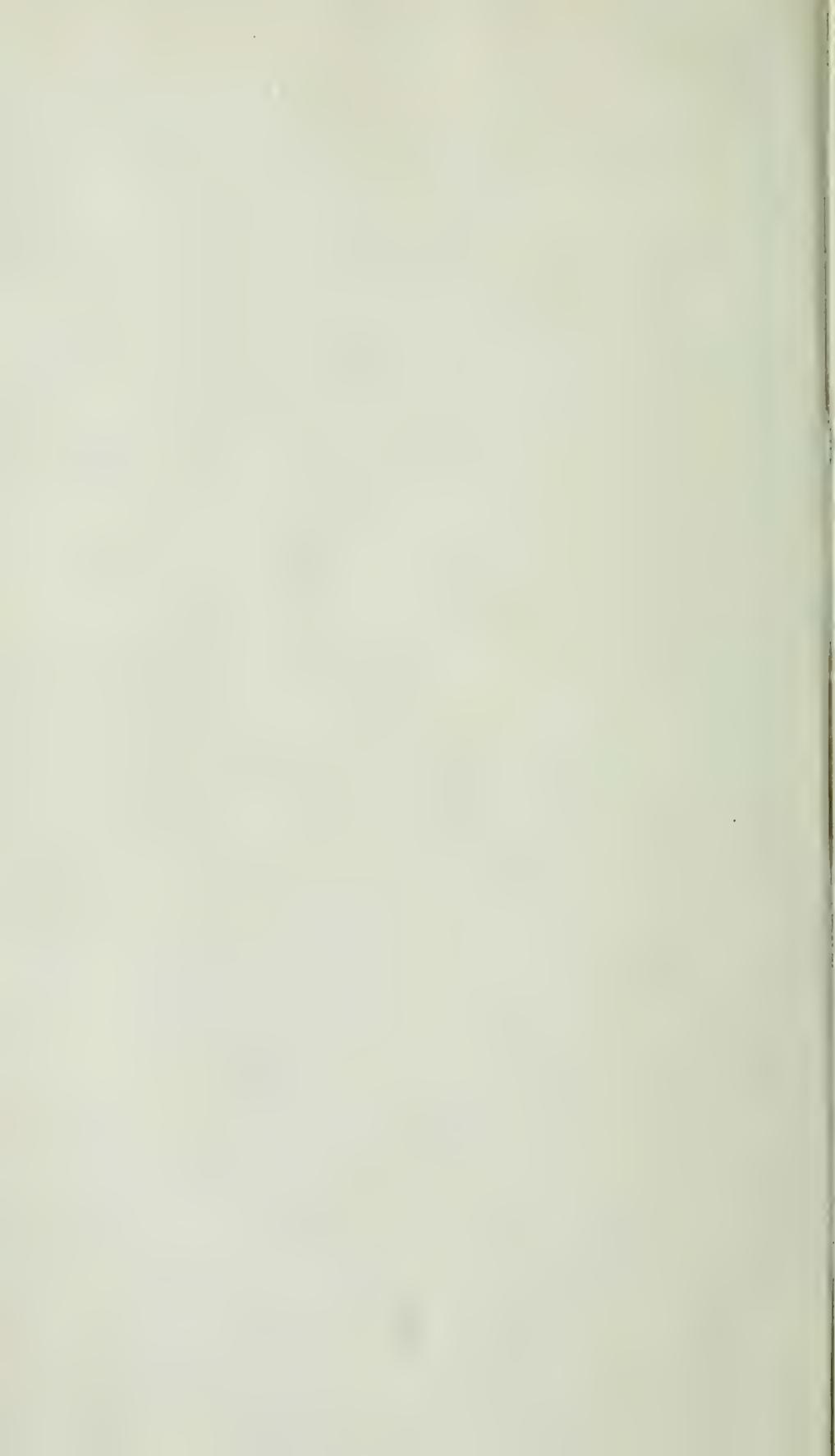
|   |     |
|---|-----|
| Superioridade scientifica dos tempos modernos sobre os<br>antigos ..... | 377 |
| Auto-biographia de Vieira .....   | 384 |
| Serviços do padre Antonio Vieira .....                                  | 393 |
| Justificação do padre Antonio Vieira como missionario.....              | 398 |
| Os escolhos mais perigosos.....   | 402 |
| Egualdade dos tributos.....   | 403 |
| Consequencias das sentenças injustas.....                               | 405 |
| Distincção entre christãos velhos e christãos novos .....               | 406 |
| Razões a favor dos christãos novos .....                                | 409 |
| Critica dos estylos da inquisição.....                                  | 416 |
| Perseguição dos christãos novos.....                                    | 419 |
| A serra de Ibiapaba .....   | 422 |
| A batalha de Ourique.....   | 424 |
| Façanhas dos portuguezes.....   | 425 |
| A restauração de Portugal.....  | 426 |
| Descripção do Maranhão.....   | 441 |
| Os inimigos de Vieira.....  | 444 |
| Representação a D. Affonso VI.....                                      | 449 |
| O quinto imperio.....   | 453 |
| A previsão do futuro .....  | 457 |

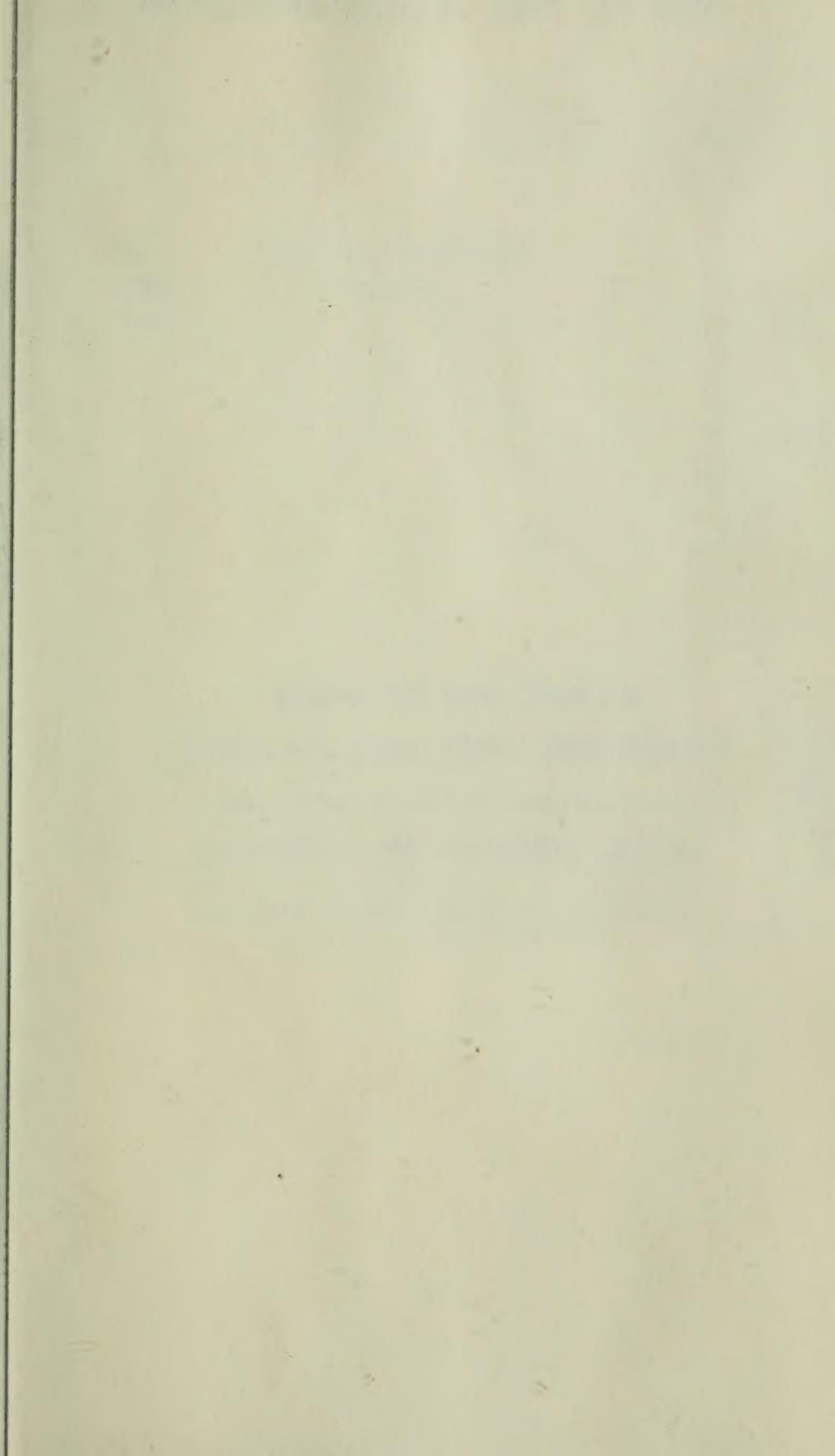
# ERRATAS

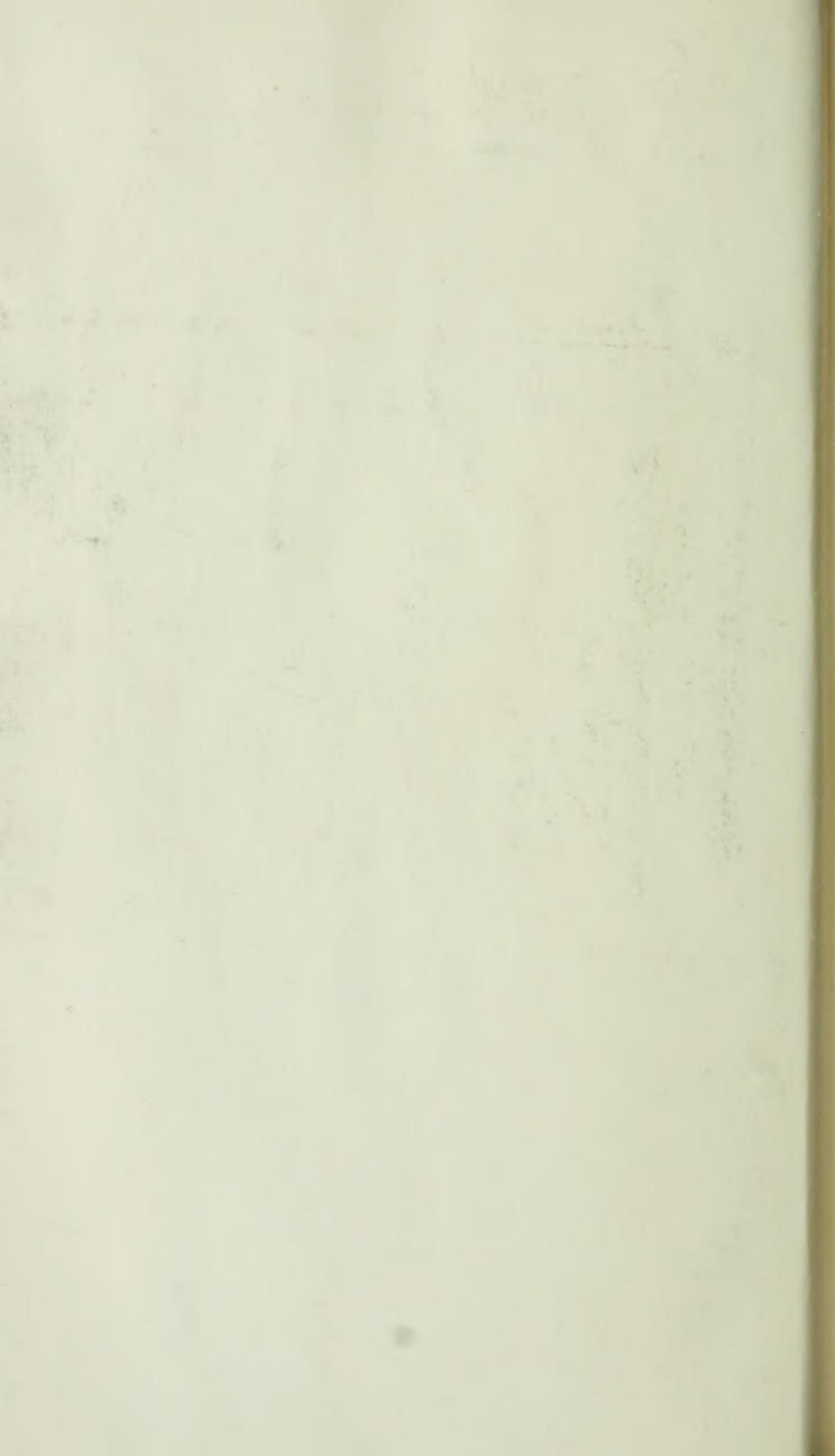
| Pag.  | Linh.  | Erros        | Emendas       |
|-------|--------|--------------|---------------|
| VII   | — 15 — | A            | — A'          |
| ”     | — 16 — | destinados   | — destinada   |
| XXXII | — 12 — | inglezes     | — hollandezes |
| XXXVI | — 41 — | 16 6         | — 1686        |
| XLII  | — 42 — | VIII         | — VII         |
| 27    | — 34 — | veem-lhes    | — vem-lhes    |
| 67    | — 9 —  | pó terra     | — pó de terra |
| 74    | — 24 — | morte        | — conta       |
| 82    | — 4 —  | que a cobiça | — que cubiça  |
| 104   | — 31 — | fazer pó     | — fazer em pó |
| 116   | — 23 — | contente,    | — contente    |
| 118   | — 3 —  | 1855         | — 1655        |
| 147   | — 24 — | de um        | — de cada um  |
| 161   | — 17 — | algum        | — alguma      |
| 241   | — 28 — | estranhe-se  | — entranhe-se |
| 275   | — 15 — | Pacujás      | — Pacajás     |
| 279   | — 20 — | como         | — com         |
| 347   | — 36 — | o por        | — e por       |
| 349   | — 26 — | o            | — e           |
| 371   | — 6 —  | dão          | — não         |
| 395   | — 25 — | instrução    | — instruções  |
| 406   | — 7 —  | esta que     | — esta para   |
| 417   | — 2 —  | timidos      | — temidos     |
| 426   | — 25 — | elle         | — ella        |
| 431   | — 7 —  | quando       | — quanto      |











BX Vieira, Antonio  
890 Trechos  
V46

PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

UTL AT DOWNSVIEW



| D  | RANGE | BAY | SHLF | POS | ITEM | C |
|----|-------|-----|------|-----|------|---|
| 39 | 14    | 10  | 03   | 14  | 007  | 3 |